

IDALICE RIBEIRO SILVA

"FLORES DO MAL" NA CIDADE JARDIM: COMUNISMO E ANTICOMUNISMO EM UBERLÂNDIA

1945-1954

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS,SP
2000



"Sim, acabaram-se as reuniões secretas, alta madrugada, um por um, papel de seda, fácil de ser engolido. Fala baixo... lutar pelo povo é crime. Companheiro, o seu informe. Crítica e auto-crítica. Boletins na rua... a democracia em perigo. Comunista na cadeia. Ventos favoráveis ao fascismo. Opressão tremenda. Mas as reuniões secretas continuavam e os boletins também; alertando, esclarecendo, contando que todos seriam atingidos.
Veio o choque. Orfandade, viuvez, mutilados, câmbio negro. Não tem açúcar, não tem sal, não tem leite. Só resta a esperança. Tobruk, Stalingrado, Monte Castelo. É o sangue dos trabalhadores regando uma nova vida.
E os comunistas tinham razão."

Elson Costa

"Os senhores do comunismo movem a alma humana com as poderosas alavancas do medo e do ódio."
"O comunismo com seus métodos de desconfiança, malquerença, denúncia, perseguição e ódio, transformará este mundo numa antecâmara do inferno se uma ideologia mais forte não se lhe opuser."

Ação Cristã Brasileira

IDALICE RIBEIRO SILVA

"FLORES DO MAL" NA CIDADE JARDIM: COMUNISMO E ANTICOMUNISMO EM UBERLÂNDIA: **1945-1954**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Professor Doutor Cláudio Henrique de Moraes Batalha.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação de mestrado defendida e aprovada pela comissão julgadora em 14/11/00.

Banca:

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

Profa. Dra. Christina Roquette Lopreatto

Prof. Dr. Michael Hall

Convidado: Prof. Marco Aurélio Garcia

Novembro de 2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
Si 38f
VOL. EX.
TOMBO BC 67264
PROC. 16-P-117/04
PREÇO R$ 14,00
DATA 03/03/04
Nº CPD

CM00194755-9

Bib id 311493

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Si 38 f

Silva, Idalice Ribeiro
Flores do mal na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945-1954. - - Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Cláudio Henrique de Moraes Batalha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Partido Comunista Brasileiro. 2. Comunismo - Brasil - História. 3. Comunistas. 4. Camponeses. 5. História local. 6. Uberlândia (MG) – História, 1945-1954. I. Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



A Elson Costa,

José Virgílio Mineiro,

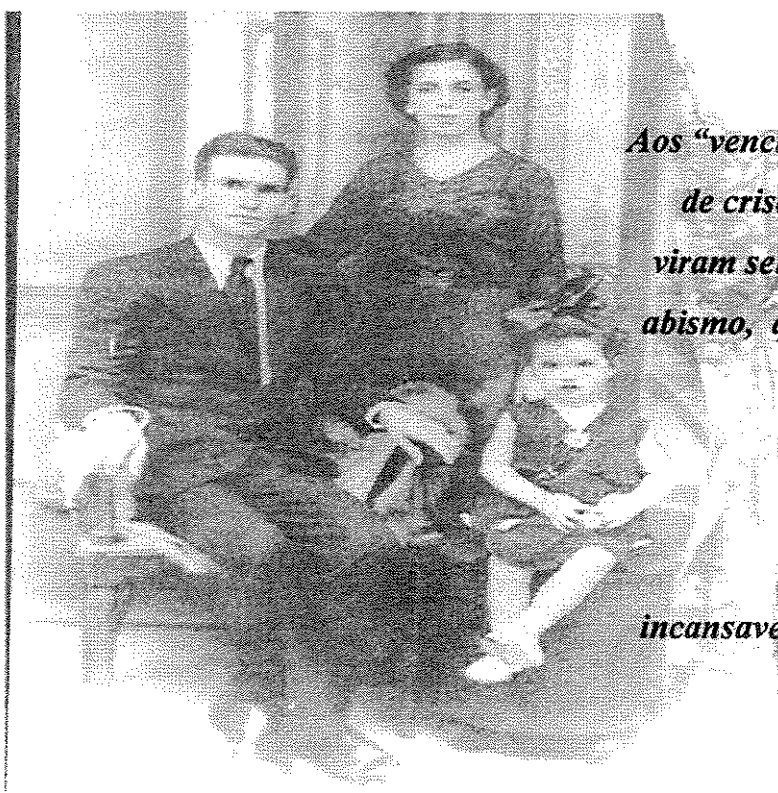
Roberto Margonari

e Joaquim Ferreira,

in memorian.

A Olívia Calábria.

Aos incontáveis "militantes" do sonho de uma "sociedade feliz", muitos deles sem rosto, sem nome, sem voz, que tombaram, com sua memória, no decurso das batalhas.



Aos "vencidos" que, face à crueldade dos tempos de crise e tirania política, sutil ou descarada, viram seus sonhos torpedeados imergirem num abismo, que se designou chamar de derrota das utopias sociais.

Aos que acreditaram, lutaram e lutam incansavelmente, e como podem, por um Brasil mais digno e feliz.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

"Sonhar, mais um sonho
impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei
É minha questão
Virar esse mundo
Crivar esse chão
Não importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras
terei de vencer
Por um pouco de paz
E amanhã
Se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu
Delirar e morrer de paixão
E assim,
Seja lá como for,
Vai ter fim
A minha infinita aflição
E o mundo
vai ver uma flor
Brotar
do impossível chão"

(*"Sonho impossível"*, de Chico Buarque)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 9

RESUMO 13

ABSTRACT 15

INTRODUÇÃO 17
1. Presença dos comunistas em Uberlândia: composição do objeto 19
2. O PCB e os comunistas na historiografia 23
3. Breve história da história que se pode *contar*: metodologia e fontes 47

CAPÍTULO I
Caminhos do mal: temores do comunismo 63
1. Nos domínios do progresso: epopéia desenvolvimentista de Uberlândia 63
   1.1. Breve percurso histórico de Uberlândia 65
2. Ameaça vermelha: rumores do comunismo 84
3. Entre o bem e o mal: heresia, discórdia e sedição – visões de comunismo 88

CAPÍTULO II
Comunismo na contraface do anticomunismo 105
1. Sentinelas da virtude contra o *anti-Cristo*: tirania, escravidão, desgraça e morte – imagens dos mundos do comunismo 105
2. Estrelas vermelhas no céu da *cidade-luz*: raízes do comunismo em Uberlândia 121
   2.1. Semeadores do comunismo em Uberlândia: estrelas vermelhas encimam instituições educacionais 131
3. Intentona contra a virtude:
   um soldado do bem vitimizado pela *selvageria* comunista 150

CAPÍTULO III
***Rubras Estrelas* na constelação da ordem e do progresso** 159

1. Tempo de União Nacional: jornada dos comunistas em luta pela democracia 160
2. *Rubras estrelas* no céu democrático: instalação dos Comitês Municipais do PCB nas *cidades fundamentais* do Triângulo Mineiro 169
3. O *Cavaleiro da Esperança* sob o céu da ordem e do progresso: cruzada pelo sufrágio dos *candidatos do povo* 189
4. *Amantes da democracia*: aprendendo e fazendo a arte da política 204

CAPÍTULO IV
Camponeses sob o manto do comunismo:
Terra, trabalho, dignidade... *e o céu também* 215
1. Modernizar o campo para produzir mais: organização dos pequenos agricultores 216
2. *Despertar da consciência* dos trabalhadores nos campos dos *senhores feudais:*

as ligas camponesas 220
3. Trabalho e dignidade de vida: luta contra os grilhões da miséria nos campos dos *senhores feudais* 226
4. Política e prazer:
manifestações das ligas camponesas 243
5. Campo vermelho: lutas camponesas em Canápolis 268

CAPÍTULO V
Vereadores de Prestes* nos espaços da política, em tempo de *caça às bruxas 277
1. Vereadores vermelhos na Câmara Municipal 287

CAPÍTULO VI
Bandeiras vermelhas: pão, paz e liberdade 339
1. Um vermelho inflama a Câmara Municipal 354
1.1. *Boletim dos Vereadores*: arauto do parlamentar vermelho 361
1.2. Afronta, discórdia e conciliações na greve dos motoristas contra o fisco no Triângulo Mineiro 363
1.3. Cavaleiros da intolerância: a cidade sob o terror policial e os protestos do vereador vermelho 367
2. Sectarismo: eclipse no céu das *rubras estrelas* 375
2.1. Campanhas pela paz 377
2.2. Festivais da juventude: vida, alegria e paz 380
2.3. Pão e paz: mulheres em luta contra a carestia e contra a guerra 381
2.4. A cidade sob agitação das mulheres vermelhas: I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz 387
2.6. Exército de Libertação Nacional e campanha pela criação do Estado do Triângulo 398

CONSIDERAÇÕES FINAIS 407

ANEXOS 417

FONTES 437

BIBLIOGRAFIA 439

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao professor Marco Aurélio Garcia, pelas valiosas sugestões e críticas; pelo rigor com que orientou o meu trabalho, levando-me a uma melhor compreensão da História.

Ao professor José Roberto Zan, que, no início, incentivou e orientou a concepção deste trabalho.

À professora Christina da Silva Roquette Lopreato, que esteve presente no meu percurso de pesquisa, incentivando à conclusão deste trabalho.

À professora Eliane Martins de Freitas (UFG/C. Catalão), uma das pessoas mais solidárias e generosas que já conheci, pelos ternos momentos de amizade, sugestões e incentivo à realização deste trabalho.

Pelas contribuições e inestimável oportunidade de realizar o meu trabalho, agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, especialmente Cláudio H. M. Batalha e Michael Hall, pelas críticas e sugestões que me fizeram, mesmo palidamente, aprimorar este trabalho; Izabel Andrade Marson, Adalberto Marson e Edgar Salvadori De Decca, com os quais fiz cursos, que me proporcionaram uma visão mais ampla da História.

Ao CNPQ, pelo insuficiente, mas imprescindível financiamento desta pesquisa, sem o qual teria sido mais difícil a sua realização.

À professora Maria Vieira Silva (Faculdade de Educação/UFU), pelas sugestões ao meu trabalho, e ao professor Noé Ribeiro Silva (Faculdade de Medicina Animal/UFU), ambos, exemplos de vida e fraternidade, que sempre estiveram ao meu lado fazendo-me acreditar e lutar por uma vida melhor.

Agradeço a todos os professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente João Marcos Além (Ciências Sociais), Carmêm Lúcia Figueira Balbino, Maria de Fátima R. Almeida, Gizelda C. S. Simonini, Antônio Almeida, Vera Puga e Miriam Michel Cury Dib, que, durante a Graduação em História, foram meus motivadores e proporcionaram-me, além de uma agradável relação professor(a)/aluna, importantes contribuições para a minha aprendizagem.

Como não poderia deixar de ser, minha pesquisa contou com preciosas fontes históricas constitutivas dos acervos documentais de instituições que, num país como o nosso, onde a falta de investimentos e, por isso, as dificuldades de preservação da memória/história são gigantescas, funcionam como podem e, muitas vezes, fazem grandes esforços para colaborarem, de uma ou outra maneira, na pesquisa dos historiadores, mantendo a organização (possível) necessária dos acervos documentais e um atendimento gentil e eficiente. Manifesto meus agradecimentos especiais a todos aqueles que trabalham e lutam pela preservação desses patrimônios históricos e a todos os funcionários das instituições que se seguem: Arquivo do Estado de São Paulo; Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP; Arquivo do Estado do Rio de Janeiro; Arquivo Mineiro de Belo Horizonte; Arquivo Público Municipal de Uberlândia; Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia; Centro de Documentação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, pela informação dos resultados das eleições ocorridas no período compreendido entre 1945 a 1966.

Agradeço, especialmente, ao (ex)militante comunista Joaquim Ferreira, *in memorian*, pelo seu testemunho e pelos valiosos documentos que deixou sob minha tutela, para que eu os utilizasse durante o tempo necessário à realização deste trabalho.

Aos testemunhos que, como vertentes de "fontes históricas vivas", depuseram na reconstituição de algumas faces da história comunista de Uberlândia: Olívia Calábria, Maria Rosa Margonari (*in memoriam*), Marlene Margonari, Domingas Camim e Virgílio Galassi.

À professora Luise Bundy, que, solidária e generosamente, empenhou-se para ceder-me, a contento, uma parte significativa das entrevistas que ela realizou com alguns dos militantes comunistas de Uberlândia.

Ao meu companheiro de tantas jornadas, Paulo César Marcelino Lima, que sempre tentou atenuar as dificuldades que se me apresentavam, com seu apoio, motivação e solidariedade.

Pelas lições de amor e vida, agradeço a minha mãe Maria de Lourdes e a toda minha família, por quem tenho imenso carinho, especialmente Lúcia Ribeiro Silva, Maria Helena Vieira Silva, Silvani A. Ribeiro Paiva, Adão Ribeiro Silva, Inácio Vieira Silva, João Vicente, Floriza Vieira Silva, Juventino Ribeiro, José Carlos, Yuri, Judith, Eva... Ufa! A *prole* sabe o quanto é difícil elencar todos os nomes aqui. Portanto, detenho-me a citar aqueles mais diretamente relacionados à minha jornada estudantil.

Gracias aos meus adoráveis amigos que, apesar das muralhas, permaneceram *supra* ou naturalmente em meu caminho: Nayarana S. B. Hanh, Hannah W. B. Aiel, Giordano B. A. Devi, Cristina Jorge Versiani, Vilma Marcelino Lima, Rosa Maria Ferreira, João Fábio Bertonha, Marluce (ADUFU), Angélica Ceccon, Mariângela Ceccon, e, por um breve e bom tempo, Magda Ricci e Sandra Molina.

À Maria de Lourdes M. Ferra, pela gentileza com que sempre resolveu meus problemas burocráticos na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História Social/UNICAMP.

À professora Neli Edite dos Santos, pela revisão de parte deste texto e pelo aprendizado que me proporcionou.

Nem sempre é possível elencar todos os nomes das instituições e pessoas – parentes, amigos, colegas, professores, *mestres* – que, de uma maneira ou de outra, contribuíram, ao longo da minha vida, para o meu crescimento e aprimoramento profissional, intelectual e, porque não dizer, espiritual, ainda que intermináveis. A todos, registro aqui a minha mais sincera gratidão.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

RESUMO

Esta dissertação reconstitui, em muitas passagens, trafegando pelo anticomunismo, a atuação dos comunistas em Uberlândia, enfatizando tanto os registros da existência de um núcleo de comunistas nos anos 30, quanto as experiências comunistas relativas ao período compreendido entre 1945 e 1954, bem como indicando a presença deles, evidenciada pelas fontes pesquisadas, nos primeiros anos da década de 1940, tais como: as atividades comunistas e a propagação do comunismo no cenário local dos anos 30; a fundação dos comitês do Partido Comunista Brasileiro em Uberlândia, e noutras importantes cidades do Triângulo Mineiro, em 1945, e as campanhas pela eleição dos *"candidatos do povo"*; a organização e as lutas dos comitês populares e das ligas camponesas por melhores condições de trabalho e vida e pela democratização do país no pós-guerra; a atuação dos *"Vereadores de Prestes"* nos espaços da política local; as manifestações comunistas por *terra*, *paz*, *liberdade*, *trabalho* e *pão*. Na contraface, o trabalho proporciona uma visão da maneira como o anticomunismo aplacou parte dos discursos veiculados em Uberlândia, seja pela imprensa local, seja por intermédio das instituições sociais, que, a fim de preservar os interesses dominantes, investiram aguerridamente contra os intentos de enraizamento do comunismo na cultura política uberlandense.

Palavras-chave: comunistas, comunismo, anticomunismo, Uberlândia, Partido Comunista Brasileiro, PCB, comitês populares, ligas camponesas, atuação comunista, história local, história política.

ABSTRACT

This dissertation aims at reconstituting the actuation of communists in Uberlândia. It deals with the registers that confirm the presence of a group of communists in the 30's. It also analyses the actuation of communism in the period of 1945 and 1954 by examining the sources found in the first years of the 40's, among them: communist activities and the spread of communism in the 30's, the foundation of Party Communist Brazilian committees, the campaigns to elect the so called "candidatos do povo", the organization of popular committees and peasant leagues for better conditions of life, work, and democratization of the country after the war, the actuation of the so called "vereadores de Prestes" and the demonstration of communists for land, peace, liberty and word. The dissertation also shows the way anticommunism constituted part of the discourses in Uberlândia evidenced in the local media as well as in social institutions that aimed at preserving the ruling interests.

Key-words: communists, communism, anticommunism, Uberlândia, Brazilian Communist Party, PCB, peasant leagues, committees popular, local history, political history.

INTRODUÇÃO

Há, em Uberlândia, vários estudos que se propuseram a recuperar, de uma ou outra maneira, diversas temáticas constitutivas da história local. As experiências de diferentes sujeitos sociais – dirigentes, empresários, trabalhadores, mulheres, menores, prostitutas, pobres e outros – têm sido emersas de várias fontes históricas, especialmente da imprensa. Como disse João Marcos Alem, *"um estudo crítico das fontes históricas mais comuns em Uberlândia, com o objetivo de desvendar as principais práticas do poder das elites, denuncia um notável esforço para transformar a própria história em um instrumento de dominação. Especialmente as versões sobre experiências políticas da cidade parecem não ter ultrapassado os limites das representações coletivas das elites do poder local".*[1] Em geral, isso foi constatado na produção historiográfica local, cuja parte mais significativa está registrada ao longo deste texto.

Uberlândia é, conforme o discurso dominante, uma das cidades de médio porte que se destacou, triunfalmente, no processo de crescimento econômico brasileiro dos últimos tempos. A trajetória de construção da aspirada metrópole regional afigura-se, nesse discurso, marcada pelas ações das classes dirigentes que, historicamente, idealizaram-na segundo valores morais, políticos e culturais – o que a faz transparecer *"ordeira"*, *"pacífica"*, *"civilizada"*, *"laboriosa"* e *"progressista"*: um lugar *"idílico"* em meio às perplexidades do sistema político, econômico e social brasileiro.

Todavia, muito longe de uma cidade paradisíaca, a sociedade uberlandense foi (e é) atravessada por conflitos e contradições que, não poucas vezes, constituíram-se em motivos de luta dos segmentos sociais organizados ou não, das entidades de classe, dos sindicatos e da organização comunista, entre outras.

---

[1]. ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. História & perspectivas. Uberlândia : Departamento de História/Editora da Universidade Federal, n.° 4, p. 79-102, jan./jun. 1991. p. 79.

Até os nossos dias, são evidentes as permanências (e descontinuidades) dos discursos veiculados pelas classes dirigentes que, por intermédio de diversos meios de comunicação, principalmente da imprensa, intentaram cristalizar na memória coletiva a imagem ordeira e progressista dessa cidade. Uma *"sociedade civilizada"* que, conforme os discursos dominantes, pela causa do progresso sobrepujou conflitos e lutas entre as classes, conciliou interesses díspares e edificou-se sobre a plataforma basilar da solidariedade social. Quem, num país como o Brasil, não gostaria de viver nesse *"éden"* – lugar onde, nos dizeres da imprensa, reina a paz e a felicidade social porque a violência e os conflitos inexistem e a crise é distante?[2]

Certamente, Uberlândia não foi o único alvo da imprensa nacional a alardear o discurso das classes dirigentes de um município de médio porte em crescimento econômico que – na busca de vultosos investimentos e visando a expandi-lo ainda mais – forjaram a imagem harmônica de uma cidade fadada ao progresso e à modernidade, onde não existe crise, pobreza, desemprego... intocada pelas já conhecidas contradições sociais próprias das sociedades capitalistas. Entre outras cidades brasileiras, pode-se recorrer também ao caso de Ribeirão Preto-SP, que, não faz muito tempo, foi propagandeada pela imprensa como a *"Califórnia Brasileira"*, expressão utilizada para designar sua pujança econômica.[3]

Não é tarefa fácil fazer emergir o reverso multifacetado dessa história, ainda hoje composta de muitas faces veladas, principalmente num país como o Brasil, onde é consensual, para uma parte da população, a idéia de que ele carrega consigo o estigma de um *"país sem memória"*; de um *"país que não sabe o que é"*. A história oficial, sabe-se, sempre engendrou instrumentos de cristalização do discurso dominante na memória coletiva, solapando – em detrimento da chamada história dos vencidos, dos derrotados, dos excluídos – as falas de outros sujeitos. Tal é o caso de Uberlândia, onde, não faz muito tempo, ignorava-se a necessidade de fazer emergir e preservar a memória de outros personagens também constitutivos do seu cenário

---

[2]. Crise à distância. Veja, São Paulo: Abril, ano 12, n.° 1002, p. 66-73, nov. 1987.

[3]. Em tempos recentes, a revista Veja divulgou a opulência de algumas cidades do interior do Brasil, como Maringá, designada a *"Dallas"* paranaense, Ribeirão Preto e Uberlândia, entre outras, as quais vêm agüentando o *"tranco"* da crise econômica brasileira. Cf. O Brasil que agüenta o tranco. Veja, São Paulo: Abril, ano 32, n.° 20, p. 122-133, mai. 1999.

social, em contrapartida à instrumentalização da história pelas classes dirigentes, que, recorrentes vezes, manipulam os fatos; escamoteiam as realidades incômodas e forjam uma memória coletiva que, em diversas passagens da história local, imergiu no esquecimento a realidade vivida no passado por muitos de seus personagens. [4]

1. Presença dos comunistas em Uberlândia: composição do objeto

Um olhar atento sobre a história de Uberlândia pode apreender marcas indeléveis da presença dos comunistas no cenário local, inscrita na imprensa, nos acervos do Arquivo Público Municipal e das polícias políticas etc. e em alguns trabalhos acadêmicos que registram passagens de sua atuação. Outrossim, em diversos lugares da memória dessa cidade, os nomes de alguns comunistas perpetuam-se nas inscrições das placas de ruas, praças, monumentos e edifícios,[5] mas, em grande parte, suas experiências e vivências mantêm-se no esquecimento.

A presença comunista tem sido vista com certa desconfiança no cenário local, tanto pelos estudiosos, no meio acadêmico, quanto por outras pessoas que têm algum interesse pelo tema. Afinal, a existência dos comunistas, nessa cidade, teria sido *"utopia"*, *"mito"*, no dizer de alguns, ou um arremedo comunista? Será que eles eram comunistas de verdade ou tudo não passou de uma paixão anticomunista propalada pelos discursos das elites dirigentes e de seus arautos, com vistas a manter a ordem, de outros segmentos sociais e, em consonância, de uma

---

[4]. Isso também ocorre entre as classes subalternas. Como afirmou Georges Haupt, a história operária (e a comunista) também compõe-se de vencidos e vencedores, visto que as tensões e os conflitos são constitutivas das relações entre os vencidos e seus pares. Cf. Por que a história do movimento operário? Revista Brasileira de História. São Paulo : v. 5, n.° 10, p. 208-231 mar./ago. 1985.

[5]. A exemplo, seguem-se as seguintes referências: praça professor Henckmar Borges (Lagoinha), praça João Jorge Coury (Roosevelt), rua Roberto Margonari (Luizote), rua José Aiúbe (Fundinho), rua João Cândido Pereira (Luizote), rua Manoel Thomaz Teixeira de Souza (Tocantins), rua Mário Porto (Lídice/Póvoa/Vigilato), Unidade Básica de Saúde Dr. Virgílio Mineiro (Lagoinha).
Durante a gestão dos vereadores comunistas na Câmara Municipal de Uberlândia, observaram-se algumas polêmicas em torno da preservação da memória de *"proeminentes"* políticos locais. A exemplo, o comunista José Virgílio Mineiro se manifestou contrário à mudança de nomes de ruas, cujas denominações homenageavam os protagonistas da *"política dominante"*, citando o caso da mudança de nome da rua Getúlio Vargas e da Praça Benedito Valadares. Cf. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Quarta Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1951.
Na ocasião da votação do projeto de denominação da rua José Ayube, o vereador do Partido Republicano Popular (PRP), cognominado integralista, em protesto, afirmou que o *"objetivo e mérito"* do referido projeto era *"homenagear um agitador comunista"*. Apesar das manifestações contrárias, principalmente dos representantes do PRP, a proposta foi aprovada. Cf. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Primeira Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1953. 20 de agosto de 1953.

perseguição exacerbada/infundada da polícia, que fincou nos comunistas (e nos assim alcunhados) a pesada pecha *"vermelha"*?

Partindo dessas colocações, pretende-se sustentar a tese de que os comunistas existiram nessa cidade, sob orientações ideológicas e políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi fundado no Rio de Janeiro em março de 1922, embora eles possam ter tido, ou não, uma concepção e compreensão do comunismo e das diretivas do partido metamorfoseadas de suas visões de mundo e de suas experiências concretas.

Face a esta afirmativa, esclarece-se que o propósito deste trabalho não é arquitetar um protótipo da maneira de ser comunista em Uberlândia, menos ainda estabelecer um modelo de análise dentro qual os comunistas locais devam enquadrar-se. Ao contrário, procurar-se-á resgatar, ao longo deste trabalho, como os comunistas existiram em Uberlândia: suas expectativas e lutas.

Outrossim, ao longo da história aqui reconstituída, não serão realizadas aproximações com as experiências comunistas de outras realidades sociais brasileiras, embora se reconheça a amplitude e a profundidade que o trabalho ora apresentado poderia adquirir, caso se estabelecessem as comparações possíveis com as localidades consideradas vermelhas[6] ou com os grandes centros urbanos, caracteristicamente operários, onde os comunistas desempenharam um amplo trabalho de mobilização e organização dos trabalhadores, dos estudantes e de outros segmentos sociais.

Nesta perspectiva, o propósito deste trabalho é reconstituir as experiências comunistas em Uberlândia, sob muitos aspectos, na contraface do anticomunismo, corporificado tanto nos discursos da imprensa, quanto nos "dizeres" e "fazeres" das instituições sociais, a exemplo das polícias políticas e da Igreja Católica, que estiveram no encalço dos vermelhos, durante o percurso, legal, ilegal, clandestino e semi-clandestino do Partido Comunista nessa cidade.

---

[6]. Os termos vermelho(a) e vermelhos(as), sem aspas, utilizados neste texto estão isentos de quaisquer sentido pejorativo que, comumente, os anticomunistas atribuíam aos comunistas. Pretende-se, com isto, evitar incômodas repetições das palavras comunista(s).

Ao estabelecer um recorte temporal para este estudo, foi privilegiado o período compreendido entre 1945 e 1954. Contudo, para compreender melhor o processo de inserção do PCB em Uberlândia, foi realizada uma flexibilização no recorte cronológico, promovendo recuos e avanços no tempo, seja para recompor o discurso anticomunista que sinalizava a presença dos comunistas no cenário local desde a década de 1910, seja para esclarecer melhor as experiências comunistas nos anos 50. Nessa linha de trabalho, foi resgatada uma parte das experiências daqueles que se proclamaram os primeiros comunistas de Uberlândia e reconstituídos alguns fragmentos da existência do núcleo de comunista que se organizou nessa cidade, por volta de 1930, e os breves registros da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que, em 1935, se estabeleceu nessa cidade, presidida por Manoel Thomaz Teixeira de Souza.

Assim, ao delimitar o eixo da periodização deste estudo, o ano de 1945 foi privilegiado como marco inicial por se tratar de um momento histórico em que, após a vitória das democracias capitalistas na Segunda Guerra, começou a ser instaurado um regime liberal democrático no Brasil, que, submergindo os duros anos da ditadura varguista, restaurou as liberdades políticas e colocou os partidos políticos na legalidade, figurando, entre eles, o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Projetando-se como expressiva força política no país, o PCB instalou seus comitês municipais em várias cidades brasileiras. Em Uberlândia, o Comitê Municipal do PCB foi fundado em 12 de agosto de 1945 e, a partir desse momento, os comunistas passaram a atuar na cidade e no campo, coordenando, inclusive, as atividades do partido na região, uma vez que o Comitê de Zona (Regional) do Triângulo Mineiro estava instalado em Uberlândia. De junho a dezembro de 1945, processou-se também a organização e instalação de diversos comitês do PCB em outros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. Além desses aspectos, o ano de 1945 é marcado pela mobilização dos comunistas em defesa da democratização do país e pelas campanhas pelo sufrágio dos candidatos comunistas de Uberlândia no pleito eleitoral de dezembro.

Em 1946, tempo de Assembléia Nacional Constituinte, os comunistas uberlandenses desenvolveram diversos trabalhos na cidade e, principalmente, no campo, onde organizaram

cinco ligas camponesas, que, conforme os militantes Aulio Mendes Diniz e Joaquim Ferreira, teriam sido as primeiras do Brasil. No campo, os comunistas se infiltraram entre os camponeses das fazendas de Uberlândia e de outras localidades do Triângulo Mineiro e, inclusive, do Sudoeste Goiano, região onde eles também estiveram presentes, ajudaram no processo de organização das ligas camponesas goianas e solidarizaram-se com suas lutas.

No ano de 1947, período em que houve a cassação dos registros do PCB e dos mandatos dos seus parlamentares estaduais e federais, os comunistas se empenharam nas campanhas eleitorais municipais de 1947 para sufragar os chamados *"Vereadores de Prestes"*. Elegeram-se, sob a coligação do Partido Social Democrático (PSD), quatro vereadores ao parlamento municipal: José Virgílio Mineiro (médico), Roberto Margonari (dentista prático), Henckmar Borges (professor/contador) e Enoque Caldeira de Paiva (operário da construção civil).[7] Além das ligas camponesas, a Câmara Municipal constituiu-se em um significativo espaço político de atuação dos comunistas, ainda que marcada pelas (o)pressões da ilegalidade em que se encontrava o PCB na época. Foi reconstituída, no período compreendido entre 1947 e 1950,[8] a atuação dos *"Vereadores de Prestes"* na Câmara Municipal e recompostos seus discursos e seus projetos de administração do município.

Sob os impactos do *Manifesto de Agosto*,[9] o período de 1950 a 1954 aqui estudado refere-se à atuação do vereador comunista Roberto Margonari na Câmara Municipal e às bandeiras de luta empunhadas pelos comunistas nessa época. A partir de 1954, último ano de atuação do vereador vermelho na Câmara, constatou-se, pelos dados pesquisados, que o PCB

---

[7]. A escrita do nome do referido vereador será utilizada conforme foi registrada nas atas da Câmara Municipal: Enoque. Entretanto, noutros documentos, a escrita do nome dele aparece como Enock, Enoch e Enok. No que tange à sua profissão, os documentos apresentavam-no ora como pintor, ora como operário.

[8]. Os vereadores eleitos nas eleições de 1947 foram empossados na Câmara Municipal de Uberlândia, em 03 de dezembro de 1947, quando começaram a desempenhar, efetivamente, suas atividades parlamentares.

[9]. Intitulado *"Frente Democrática de Libertação Nacional"*, o *Manifesto de Agosto de 1950*, de autoria de Luiz Carlos Prestes, concitava a união de todos os *"democratas e patriotas"* de diversas classes sociais e de crenças filosóficas, políticas, religiosas etc. a fim de constituir uma frente democrática sob as diretrizes de um programa, composto das seguintes pautas de luta: *1) Por um governo democrático e popular; 2) Pela paz e contra a guerra imperialista; 3) Pela imediata libertação do Brasil do jugo imperialista; 4) Pela entrega da terra a quem a trabalha; 5) Pelo desenvolvimento independente da economia nacional; 6) Pelas liberdades democráticas para o povo; 7) Pelo imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras; 8) Instrução e cultura para o povo; 9) Por um exército popular de libertação nacional.* Cf. Frente Democrática de Libertação Nacional (agosto de 1950). In: CARONE, Edgard. O PCB (1943-1964). São Paulo, DIFEL, 1982. v.2. p. 108-112.

sofreu um considerável declínio no seu processo de atuação em Uberlândia, decorrente, em parte, do *"sectarismo"* de suas diretrizes políticas.

2. O PCB e os comunistas na historiografia

No final dos anos 70, quando os movimentos sociais ganharam força e passaram a recusar o controle hegemônico de instituições como Estado, partidos e sindicatos, a historiografia do movimento operário enfrentou um momento crucial de reavaliação dos velhos esquemas interpretativos da realidade brasileira, que já não condiziam com as novas maneiras de pensar a sociedade e seus sujeitos sociais e políticos.

Nos anos 80 e 90 novas perspectivas de estudar os aspectos sociais, políticos e culturais da existência dos trabalhadores e de outros sujeitos históricos marcaram uma considerável parte da historiografia brasileira. Sob os influxos das tendências historiográficas européias, dos debates e revisões teóricas e das mudanças sociais e políticas que ocorriam no Brasil, os historiadores se preocuparam com novas problemáticas e abordagens de pesquisas no campo da história social, cultural e política. Muitas delas, apesar de não tomarem o PCB como objeto específico de análise, estudaram a atuação do partido junto aos diversos segmentos sociais, especialmente os trabalhadores. Uma dessas vertentes historiográficas, por exemplo, procurou refletir sobre a questão vencedores/vencidos na história política e operária do Brasil, e, sob aspectos diferentes de análise, acabaram por imputar à atuação do PCB um caráter ora eleitoreiro e manipulatório, ora desagregador tanto do movimento anarquista nos anos 20, quanto do movimento operário[10]

---

[10]. Sobre essas temáticas, ver:
DE DECCA, Edgar. 1930: o silêncio dos vencidos. 4 ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.
FOOT, Francisco. Nem pátria, nem patrão; vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2. Ed. São Paulo : Brasiliense, 1985.
VESENTINI, C., DE DECCA, Edgar. A revolução do vencedor. Revista Ciência e Cultura. [s.l.] : n.° 29, jan.1977.
TRONCA, Ítalo. Revolução de 1930; a dominação oculta. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986. (Col. Tudo é História).
Ver também o trabalho que, sob outras abordagens, recompõe as experiências comunistas:
AUED, Bernadete Wrublevski. A vitória dos vencidos : Partido Comunista Brasileiro – PCB – e as Ligas camponesas, 1955-64. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1986.

Nesse contexto de reflexões e debates sobre os paradigmas teóricos, Marco Aurélio Garcia, ao avaliar a historiografia da *"esquerda brasileira"*, afirmou, em seu texto *Contribuições para uma história da esquerda brasileira,*[11] publicado em 1988, que essa história é tributária de uma série de trabalhos desenvolvidos no campo das outras ciências sociais, que contribuem significativamente para que os estudos sobre as esquerdas não se reduzam à história institucional. Em sua análise, o referido autor suscitou a problemática da inexistência de uma história oficial do PCB, ou sequer de um manual oficial que pudesse ser revisado e atualizado a cada mudança de diretrizes políticas, a exemplo do que aconteceu com a publicação da história do Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética.

Conforme Marco Aurélio Garcia, *A Formação do PCB* (1962),[12] de autoria do militante comunista Astrojildo Pereira, consistiu no trabalho que mais se aproximou da tentativa de recompor a trajetória do partido dentro das linhas oficiais. A esse respeito, Paulo Sérgio Pinheiro, tempos antes, assinalou, em seu livro, *Política e Trabalho no Brasil; dos anos vinte a 1930*, que, pelo fato de Astrojildo Pereira ter sido o primeiro secretário geral do partido, sua obra pode ser considerada como um testemunho oficial.[13] Entretanto, na avaliação de Marco Aurélio Garcia, *A Formação do PCB* restringe-se aos anos 20 e apresenta lacunas e problemas sem respostas, o que, na sua visão, pode estar relacionado ao percurso tortuoso de Astrojildo Pereira no partido. Mas, apesar dessas problemáticas, e considerando-se a época de sua publicação, 1962, e o fato de ter sido escrita por um militante, um dos principais fundadores do PCB, a referida obra

---

[11]. GARCIA, Marco Aurélio. Contribuições para uma história da esquerda brasileira. In: MORAES, Reginaldo, ANTUNES, Ricado, FERRANTE, Vera B. (org.). Inteligência Brasileira. São Paulo : Brasiliense, 1986.
O termo esquerda é utilizado, neste texto, em conformidade com a definição feita por Marco Aurélio Garcia: *"'expressão' de campo de forças sociais e políticas heterogêneas que agrupa socialistas comunistas (e suas dissidências), libertários, crescentemente setores cristãos, e que se inscrevem em perspectiva crítica ao capitalismo, ainda que a natureza, os pressupostos e, sobretudo, as conseqüências práticas dessa crítica difiram em cada caso, oscilando entre reforma e revolução, para ficar na dicotomia clássica"*.

[12]. PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB; (Partido Comunista Brasileiro) – 1922-1928. Lisboa : Prelo Editora, S.A.R L., 1976.
Na nota dos editores portugueses, a obra de Astrojildo Pereira foi caracterizada como um *"documento histórico"* que, como tal, foi publicado na íntegra, sem adaptações à língua lusitana. Conforme Marco Aurélio Garcia, no Brasil, a referida obra foi publicada pela Editora Vitória em 1962 e, posteriormente, reeditada em 1979, pela Editora Alfa-Omega.

[13]. PINHEIRO, Paulo Sérgio de M. S. Política e Trabalho no Brasil; dos anos vinte a 1930. 2 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977. p. 107-108.

pode ser avaliada como uma contribuição significativa para a compreensão dos atos de fundação do partido e da maneira como Astrojildo Pereira não somente vivenciou mas construiu uma dada memória das experiências do partido nos anos 20, ainda que lacunar e indelevelmente marcada pelas suas tendências e paixões políticas.

Em conformidade com a classificação dos enfoques sociológicos, políticos e históricos da historiografia do PCB, sugerida por Marco Aurélio Garcia, será feita, em seguida, uma breve apresentação de algumas obras publicadas nos anos 80 e 90, que procuraram, em campos de análise diferenciados, recompor a história do partido, ou pelo menos uma parte dela. Ressalta-se que a exposição desses trabalhos tem como propósito apresentar, em linhas gerais, o eixo de análise das temáticas relativas ao PCB e aos comunistas, enfocado pelos autores, relacionando-o, por sua vez, com o contexto de Uberlândia. Em seguida, será feita uma abordagem das obras constitutivas da historiografia local, que, sob diversos aspectos, tratam parcialmente da presença/ausência dos comunistas, nessa cidade.

No campo sociológico, destacam-se importantes trabalhos que buscam analisar a composição social partidária, ainda que restringindo-se aos grupos dirigentes, como o estudo de Leôncio R. Martins, *O PCB: os dirigentes e a organização"* (1981).[14] Trata-se de uma análise da organização e da trajetória do partido no movimento político brasileiro, conforme os seguintes pontos: a composição social dos seus dirigentes, as influências advindas do comunismo internacional, as cisões e dissensões internas ocorridas dentro do partido e outros aspectos da organização. Leôncio R. Martins avalia as transformações ocorridas no PCB, e nas suas bases sociais, como uma decorrência da conjuntura social brasileira e dos influxos da política comunista internacional. Ao estabelecer uma aproximação da análise da composição social do PCB feita por Leôncio R. Martins com a realidade social uberlandense, foi constatada a presença dos chamados notáveis na constituição do núcleo comunista de Uberlândia na década 1930 e na

---

[14]. MARTINS, Leôncio Rodrigues. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). O Brasil Republicano; sociedade e política (1930-1964). 5. ed. Rio de Janeiro : Editora Bertrand do Brasil, 1991. v. 3. p. 361-443. (História Geral da Civilização Brasileira).

composição do Comitê Municipal do PCB na década de 1940 – os professores; os médicos, dentistas, engenheiros, advogados, jornalistas e outros profissionais liberais.

No campo da teoria política, destaca-se o estudo de Ronald Chilcote, *Partido Comunista Brasileiro – conflito e integração* (1982),[15] que procura reconstituir a trajetória dos 50 anos de existência do PCB no período entre 1922 e 1972. Ao expor o processo de constituição do partido, seu estudo indica caminhos para uma análise das experiências do PCB, integradas ao contexto internacional, nacional e local. Além disso, o autor demonstra a maneira como o partido manteve, historicamente, estreitas ligações com a política comunista internacional. Isso, segundo o autor, provocou, em muitas circunstâncias, descompassos entre as lideranças e as bases e indisposições de parte da militância com as diretrizes políticas adotadas pelo partido e frustrações das aspirações dos seus ativistas. Esses fatos também puderam ser observados nas experiências dos comunistas de Uberlândia, quando, por exemplo, Joaquim Ferreira,[16] em seu depoimento, declarou suas divergências com as linhas políticas do partido na época de sua militância. Ronald Chilcote, na obra referenciada, periodizou a trajetória do PCB em dois grandes momentos: o primeiro, de 1922 a 1945, marcado pelo surgimento e evolução do partido; o segundo, de 1945 a 1972, caracterizado pelo ressurgimento do PCB, na legalidade, seus momentos de ascensão e significativa força política no cenário nacional, e pelo seu declínio, que, segundo o autor, principia antes mesmo do Manifesto de Agosto de 1950 e ganha fôlego com as cisões de 1956 – que, em parte, decorreram das problemáticas políticas debatidas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) – e culminaram com a mudança de nome do partido, em 1961. Com propósito de abrasileirar a nomenclatura partidária, a fim de demonstrar ao Tribunal Superior Eleitoral que se tratava de uma organização política nacional (brasileira) e não um braço, um instrumento político da URSS, o então Partido Comunista do Brasil passou a denominar-se Partido Comunista Brasileiro (PCB). Essa decisão foi aprovada na Conferência Nacional de

---

[15]. CHILCOTE, Ronald. Partido Comunista Brasileiro; conflito e integração – 1922-1972. Trad. Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro : Graal, 1982.

[16]. Joaquim Ferreira se ingressou no PCB em 1945, foi presidente da Liga Camponesa de Sobradinho e um dos principais líderes camponeses do município.

setembro de 1961, que deliberou novos estatutos e programa para o PCB, sob os protestos de muitos dissidentes, contrários à mudança de nome – que, segundo eles, implicaria na quebra da unidade e da tradição do movimento comunista brasileiro. Em fevereiro de 1962, os dissidentes realizaram uma Conferência Nacional Extraordinária, sob a insígnia do PC do B, durante a qual aprovou resoluções mantendo o antigo nome, Partido Comunista do Brasil, e elegeu um novo Comitê Central. O (novo) PC do B passou então a aproximar-se das diretrizes políticas do Partido Comunista da República Popular da China.

Na esteira das publicações dos anos 80, também pode ser destacada a obra do militante comunista Moisés Vinhas, *Partidão: a luta por um partido de massas – 1922-1974*.[17] No prefácio ao referido livro, publicado em 1982, Paulo Sérgio Pinheiro enfatiza a problemática da inexistência de uma história do partido, decorrente dos longos períodos de ilegalidade, repressão e clandestinidade a que o partido esteve submetido no decurso de sua história. Refletindo sobre o legado da repressão à história do PCB, Paulo Sérgio Pinheiro afirma que *"o arquivo mais completo do Partido Comunista Brasileiro, caso tenha havido algum zelo de conservação, é o da polícia civil"*.[18] Em contrapartida, ele assinala que o livro/depoimento *Partidão* é importante porque o seu autor assume o papel de um observador que, deixando a bagagem da militância de lado, recompõe, com rigor de abordagem, uma significativa história do PCB, acrescida da reprodução dos documentos do partido e, vale observar, do seu olhar de militante. Desse modo, Moisés Vinhas periodiza a trajetória histórica do PCB, em conformidade com as diretrizes políticas adotadas, no período de 1922 a 1974. Dos atos de fundação às lutas do partido contra o Regime Militar, o autor propôs-se a analisar as lutas do PCB para constituir-se em uma organização de massas e defender mudanças profundas na realidade social brasileira, bem como as tentativas de formação de frentes populares, em diferentes momentos históricos, com a finalidade de implementar dos programas encampados pelo partido. O contributo da obra de Moisés Vinhas para a história comunista de Uberlândia consiste na maneira como o autor

---

[17]. VINHAS, Moisés. O partidão; a luta por um partido de massas – 1922-1974. São Paulo : Hucitec, 1982.
[18]. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Prefácio. In: VINHAS, Moisés. Op. cit. p. XI.

explica as diretrizes políticas adotadas pelo PCB e sua inserção em diferentes conjunturas históricas no Brasil. Isso permitiu uma melhor compreensão doa intentos de aplicação das táticas e estratégias do PCB no chão político de atuação dos comunistas.

Além dessas obras podem ser citadas as contribuições, também publicadas nos anos 80, de Eliézer Pacheco, *O Partido Comunista Brasileiro*,[19] *Werneck* Sodré, *Contribuição à História do PCB*,[20] e José A. Segatto, *Breve História do PCB*.[21] Salvo este último, por tratar-se de um texto elaborado para a formação de militantes, como afirmou Marco Aurélio Garcia, as outras são passíveis de uma rigorosa crítica pelo seu caráter descritivo e compilatório de fontes secundárias esparsas e lacunares. Nesta linha de trabalho, acrescentam-se também os três volumes da obra, *O P.C.B*, de Edgard Carone, publicada em 1982, quando o partido completava 60 anos de existência no cenário nacional. Organizada em três grandes períodos (Volume 1, 1922-1943; Volume 2, 1943-1964; Volume 3, 1964-1982),[22] a obra compõe-se de um nota introdutória sobre a atuação do PCB no período delimitado e de uma compilação dos documentos relativos aos congressos e conferências do partido, aos manifestos, às diretrizes políticas e ideológicas, às formas de organização e de atuação do PCB no meio dos diversos segmentos sociais (operários, camponeses, estudantes e outros).

Numa abordagem histórica, Paulo Sérgio Pinheiro, em sua obra *Estratégias da ilusão*,[23] publicada em 1991, reconstitui a trajetória política dos comunistas brasileiros, desde os momentos que antecederam aos atos de fundação partido no Brasil, retratando a vinda e os contatos dos emissários da Internacional Comunista (IC) na América Latina, à tentativa de assalto ao poder, designada *Insurreição de 1935*. No percurso de sua análise, o autor recompõe a maneira

---

19. PACHECO, Eliézer. Partido Comunista Brasileiro. São Paulo : Alfa-Omega, 1984.
20. SODRÉ, Nelson Werneck. Contribuição à história do PCB. São Paulo : Global, 1984.
21. SEGATTO, José Antônio. Breve história do PCB. São Paulo : Ciências Humanas, 1981.
22. Sobre livros compostos de documentos do PCB, ver:
CARONE, Edgard. O PCB (1922-1943). São Paulo, DIFEL, 1982. v.1.
_____. O PCB (1943-1964). Op. cit.
_____. O PCB (1964-1982). São Paulo, DIFEL, 1982. v. 3.
PCB: PROCESSO DE CASSAÇÃO DO REGISTRO, 1947. Belo Horizonte : Aldeia Global, 1980
GIOVANETTI NETTO, Evaristo. O PCB na Assembléia Constituinte de 1946. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
23. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão; a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo : Cia das Letras, 1991.

como a revolução bolchevique foi propagada na América Latina; revisa a história dos levantes tenentistas, relacionando-os às *"altas"* expectativas dos comunistas, resgata o terror e a violência do Estado, que afligiu não somente os dissidentes políticos, mas também as chamadas classes perigosas; analisa, em suas várias fases, a conjuntura política marcada pela atuação de Prestes e, por fim, a tentativa de organização da Aliança Nacional Libertadora e o processo da atuação comunista que, influenciada pela IC, culminou com a *Insurreição de 1935*. As reflexões de Paulo Sérgio Pinheiro contribuem sobremaneira para uma revisão crítica da história do PCB e, no caso específico do estudo sobre a história dos comunistas de Uberlândia, proporciona elementos para uma melhor compreensão dos discursos anticomunistas veiculados nessa cidade e das influências das diretrizes da política comunista nacional/internacional no meio local.[24]

Além das obras já mencionadas, ressaltam-se os livros dos militantes comunistas, escritos tanto por eles mesmos, quanto por historiadores e cientistas sociais que se propuseram a organizar suas memórias. Como afirmou Paulo Sérgio Pinheiro, na ausência de uma história oficial do PCB, além dos acervos policiais e dos arquivos históricos, os testemunhos dos militantes, muitos deles compilados em livros, contribuem significativamente para a recomposição de mais de setenta anos de história do partido.[25] A exemplo, podem-se citar alguns desses militantes: Gregório Bezerra, Paulo Cavalcanti, Pedro Pomar, Luiz Carlos Prestes, Joaquim Celso de Lima, Irineu Luís Moraes e outros.[26]

---

[24]. Julgamento semelhante pode ser feito em relação à outra obra de Paulo Sérgio Pinheiro, intitulada *Política e Trabalho no Brasil*, citada anteriormente, que, em parte, dedica-se à análise da atuação comunista nos anos 20 e 30.
Sobre atuação dos comunistas nos anos 20 e 30, ver:
DULLES, John W. F. Dulles. Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935. Trad. Cesar Parreiras Horta. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1977.

[25]. Sobre setenta anos do PCB, ver:
CADERNOS AEL 2; Comunistas e comunismo. Campinas-SP : Arquivo Edgard Leuenroth-Centro de Documentação Social/IFCH/UNICAMP, 1995. (Memória do PCB).

[26]. Seguem-se algumas das obras dos militantes consultadas:
BARATA, Agildo. Vida de um revolucionário; memórias. São Paulo : Alfa-Omega, 1978.
BASBAUM. Leôncio. Uma vida em seis tempos (memórias); uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos. São Paulo : Alfa-Omega, 1976.
BEZERRA, Gregório. Memórias; 1ª parte – 1900-1945. 2 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.
_____. Memórias; 2ª parte – 1946-1969. 2 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.
CARVALHO, Luís Maklouf e outros. Pedro Pomar. São Paulo : Ed. Brasil Debates, 1980.
CAVALCANTI, Paulo. O caso eu conto como foi o caso; da Coluna Prestes à queda de Arraes – memórias. Recife : Ed. Guararapes, 1980.

Em relação à presença dos comunistas na historiografia mineira, destacam-se aqui os trabalhos de Grossi (1981) e Dutra (1988/1997). Apesar de não tomar a atuação do PCB como seu objeto específico de análise, Yonne de Souza Grossi, em *Mina de Morro Velho: a extração do homem*,[27] propõe-se a analisar as relações de trabalho e a vida dos trabalhadores das minas de Morro Velho, resgatando as práticas cotidianas que teciam suas vivências sociais e políticas, bem como a inserção dos comunistas na comunidade dos mineiros. Em relação ao PCB, a autora conclui que o partido manteve relativo êxito na comunidade dos mineiros, enquanto se ateve ao universo das experiências desses trabalhadores, mas a partir do momento em que tentou impor as diretrizes ideológicas e político-partidárias em suas práticas sociais e políticas, o movimento declinou por volta de 1948. Observa-se que as considerações da autora confluem, sob diferentes aspectos e circunstâncias, para o contexto de atuação dos comunistas em Uberlândia, onde, nesse período, as diretrizes políticas do partido, menos aliancistas e mais sectárias, e o retorno da repressão aos comunistas levaram a uma considerável diminuição das esferas da atuação comunista. Além disso, foi possível apreender da referida obra proximidades de alguns aspectos das experiências comunistas de Nova Lima e de Uberlândia, em que pesem as especificidades de ambos os municípios, especialmente no que concerniu às campanhas comunistas encampadas em 1945 e à atuação dos *Vereadores de Prestes* no período de 1947-1950.

Eliana de Freitas Dutra, em seu livro *Caminhos operários nas Minas Gerais*,[28] faz um estudo do movimento da classe operária de Belo Horizonte e Juiz de Fora, no período

---

_____. O caso eu conto como foi o caso; memórias políticas. Recife : Ed. Guararapes, 1980. v. 2.

_____. O caso eu conto como foi o caso; memórias políticas. Recife : Ed. Guararapes, 1982. v. 3.

_____. O caso eu conto como foi o caso; a luta clandestina. Recife : Ed. Guararapes, 1985.

LIMA, Heitor Ferreira. Caminhos percorridos; memórias de militância. São Paulo : Brasiliense, 1982.

LIMA, Joaquim Celso de. Navegar é preciso; memórias de um operário comunista. São Paulo, Diniz, 1984.

MORAES, Denis e VIANA, Francisco. Prestes: lutas e autocríticas. Petrópolis : Vozes, 1982.

PERALVA, Osvaldo. O retrato; impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. São Paulo, Ed. Globo, s/d.

WELCH, Cliff e GERALDO, Sebastião. Lutas camponesas no interior paulista; memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

[27]. GROSSI, Yonne de Souza. Mina de Morro Velho: a extração do homem; uma história de experiência operária. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.

[28]. DUTRA. Eliana Regina de Freitas. Caminhos operários nas Minas Gerais. São Paulo : Hucitec/Editora UFMG, 1988.

compreendido entre 1917 e 1930, procurando analisar as relações constitutivas do seu comportamento. Dentre as temáticas que compuseram o referido trabalho, destacam-se as seguintes: a industrialização e as práticas político-sociais, as práticas políticas dos operários, as experiências associativas e sindicais dos trabalhadores, enfatizando aí a presença marcante da Igreja Católica no processo de arregimentação dos trabalhadores, a imprensa operária e outras. Embora não tenha sido objeto central de análise do trabalho em referência, observa-se que a autora menciona a presença de um grupo comunista criado, em 1922, por Otávio Brandão e desenvolvido, posteriormente, por meio das atividades encampadas pelos militantes José Marcílio e João Salvi. Baseando-se nos depoimentos dos militantes, Eliana de Freitas Dutra, afirmou que o desenvolvimento do PCB em Juiz de Fora foi lento. O partido desempenhou inicialmente, atividades teóricas e acadêmicas de propagação do ideário comunista. Nas assertivas da autora, o líder comunista José Marcílio priorizou, no processo de constituição do partido, a formação de lideranças e a disseminação da ideologia, a fim de promover o processo de organização do movimento operário. Além desses aspectos, foram registradas, na referida obra, as tentativas dos comunistas de organizar a classe operária de Juiz de Fora, em duas frentes de atuação: na Federação Operária Mineira e, depois de sua dissolução, na União Operária, Nesta última entidade, os comunistas atuaram durante o período de 1927 a 1931. Contudo, houve uma mudança de rumo no processo de organização sindical, imposta pelo governo de Getúlio Vargas, mediante um decreto de 1931, que regulamentava a sindicalização das classes patronais e das classes operárias.[29] Em decorrência disso, ocorreu uma cisão entre os comunistas, no que tangia às atividades sindicais: uns apoiaram a filiação da União Operária ao Ministério do Trabalho, nos moldes do sindicalismo corporativista imposto pelo governo, e outros se opuseram a esse intento, como José Marcílio e João Salvi, abandonando o movimento sindical. Em suas conclusões, o

---

[29]. Idem. p. 149-151.
Segundo a autora, a União Operária, criada em 1927, e legalizada em 1930, era orientada por, pelo menos, duas tendências políticas, a anarquista e a comunista, sendo que havia uma certa supremacia das orientações dos militantes do PCB de Juiz de Fora. Apesar de não ter tido a mesma ressonância política da Federação Operária Mineira no meio operário, a União Operária intentou mobilizar os trabalhadores e, junto a eles, desenvolveu uma série de atividades.

sindicalismo cristão encampado pela Igreja Católica, ao contrário do que ocorreu Belo Horizonte, onde os católicos influíram predominantemente na arregimentação e condução do movimento operário, não conseguiu penetrar no meio dos trabalhadores juiz-foranos, nem as elites dirigentes conseguiram cooptá-los.[30] Isto porque, nas considerações da autora, as condições de industrialização possibilitaram, no caso de Juiz de Fora, a existência de um movimento operário caracteristicamente marcado pela combatividade e pela prevalência das influências políticas e ideológicas advindas, principalmente, do anarquismo e do comunismo.

A análise da atuação comunista no movimento operário de Juiz de Fora, feita por Eliana de Freitas Dutra, apresenta alguns elementos para uma reflexão sobre as afirmativas das polícias políticas sobre o pioneirismo dos comunistas juiz-foranos no processo de irradiação do comunismo em Minas Gerais e sobre o suposto desencanto ou falta de receptividade dos comunistas pelos trabalhadores urbanos Isso, conforme os informes policiais, levaram os comunistas a formarem suas bases de atuação no interior do Estado, especialmente no campesinato. Segundo o relatório do DEOPS-SP, o comunismo no Estado mineiro teve sua origem em Juiz de Fora, onde surgiram os *"primeiros simpatizantes da Revolução Russa e os estudiosos dos assuntos marxistas"*, os quais, posteriormente, se espraiaram pelo interior do Estado propagando a doutrina comunista. Primeiro, eles atuaram no meio industriário, como constatou a referida autora, e, em seguida, ampliaram suas bases de atuação entre os ferroviários, os servidores públicos, os comerciários e *"finalmente, voltaram suas vistas para o homem do campo"*, principalmente no Triângulo Mineiro, que, conforme a polícia política, foi considerada uma região estratégica da ação comunista no meio rural.

Noutra linha de análise, Eliana de Freitas Dutra, em seu livro *O Ardil totalitário: imaginário político dos anos 30*,[31] propõe-se a recompor os intentos de edificação de uma ordem totalitária no Brasil, privilegiando à análise dos seguintes aspectos: construção do imaginário do anticomunismo, do comunismo, da revolução, da pátria e da ordem, da família, da religião, e

---

[30]. Idem. p. 201.

[31]. DUTRA, Eliana, O ardil totalitário: imaginário político dos anos 30. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, Belo Horizonte : Editora UFMG, 1997.

outras. Operando com a maneira como essas imagens são construídas e engendradas nos discursos, a autora faz uma análise da política trabalhista dos anos trinta, sob o manto da ordem totalitária que, em suas afirmativas, implantava-se no Brasil. Ao recuperar os embates ideológicos entre comunistas e anticomunistas, Eliane de Freitas Dutra contribui para que se possa ter uma visão da maneira como as referidas *"idéias-imagens"* (revolução, ordem, pátria, família etc.) são instrumentalizadas pelos anticomunistas e pelos comunistas no processo de construção de uma identidade nacional. Remetendo-se ao caso uberlandense, puderam ser constatadas essas operações discursivas dos comunistas nas manifestações da ANL em Uberlândia – quando Manoel Thomaz Teixeira de Souza se pronunciou contra o imperialismo e o fascismo e, na contrapartida, defendeu a autodeterminação dos países dominados pelos imperialistas, como o Brasil – e em outras ocasiões em que eles se apropriaram de recursos imagéticos, textuais e gestuais, para imporem-se como força política no cenário local. Por sua vez, os anticomunistas, nessa cidade, operavam com os mesmos recursos discursivos e invertiam as imagens do comunismo, a fim de aniquilar, na arena ideológica e política e noutras esferas de atuação, os seus arquiinimigos, os vermelhos.

No caso da produção historiográfica uberlandense, sob as influências dos debates travados em torno da historiografia internacional e nacional, constatou-se que, desde os anos 80, vêm sendo desenvolvidas no âmbito acadêmico pesquisas acerca de diversas temáticas da história de Uberlândia. Tratam-se de estudos que se propuseram a recuperar os discursos e as experiências históricas não somente dos grupos sociais dominantes, mas também de outros sujeitos históricos por muitos denominados *"excluídos"*, *"vencidos"* e *"dominados"*, entre outros adjetivos.[32]

---

[32]. **Sobre história de Uberlândia produzida no âmbito acadêmico, ver:**

ALEM, João Marcos. Op. cit.

ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. "Uberlândia operária?" – uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950 a 1964. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP : UNICAMP, 1992.

ALVARENGA, Nízia M. As associações de moradores em Uberlândia; um estudo das práticas sociais e das alterações sociais nas formas de sociabilidade. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais. São Paulo : PUC/SP, 1988.

CADERNOS DE HISTÓRIA; Especial. Uberlândia: uma história em construção. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia/DEHIS/LEAH, v. 4, n.° 4, jan. 1993.

CAETANO, Coraly Gará e DIB, Míriam Michel Cury. A UFU no imaginário social. Uberlândia : Gráfica da UFU, 1988.

Na pesquisa bibliográfica realizada, não foram constatados estudos específicos sobre a história da atuação comunista em Uberlândia. Portanto, a abordagem do tema na historiografia local, aqui proposta, privilegia os trabalhos que tratam, de alguma maneira, a presença/ausência dos comunistas no cenário local.[33] Eles serão, respectivamente, apresentados em conformidade

---

NUNES, Leandro José. Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC/SP, 1993.

SAMPAIO, Roberto Cury. Migrações internas no Triângulo Mineiro; análise demográfica e econômica – 1960-1970. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1985.

SANTOS, Regma Maria. Os meios de comuniscação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963). Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC/SP, 1993.

SILVA, Idalice Ribeiro. Dizeres da imprensa sobre a instituição da sociedade uberlandense. Uberlândia : Faculdade de Educação, UFU, 2000.

SIMONINI, Gizelda C. S. Telefonia: relação empresa e cidade – 1954-1964. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC-SP, 1994.

Sobre história produzida por memorialistas, ver:

ARANTES, Jerônimo. Anuario de Uberlndia; indicações e estatísticas. Uberlândia : Typografia Almeida, 1936.

_____. Corografia do Municipio de Uberlandia. Uberlândia : Ed. Pavan, 1938.

_____. Memórias históricas de Uberlândia. 2. Ed. Uberlândia : Zardo Gráfica, 1982.

CAPRI, Roberto. Municipio de Uberabinha; physico, economico, administrativo, e suas riquezas naturais agricolas. São Paulo: Capri & C. Ed., 1916.

PEZZUTI, Pedro et al. Municipio de Uberabinha; historia, administração, finanças, economia. Uberabinha, Officinas typographicas da Livraria Kosmos, 1922.

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central; história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia : Uberlândia Gráfica Ltda., 1970. v.1 e 2.

[33]. Sobre presença comunista em Uberlândia, ver:

GUERRA, Maria Eliza A. As "praças modernas" de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia. São Carlos : USP, 1998.

No capítulo 3 do referido trabalho, a autora propõe-se a recompor, a *"trajetória política-profissional"* de João Jorge Coury, enfatizando, nesse percurso, a sua atuação no PCB. A autora faz considerações sobre o problema da escassez de fontes que poderiam reconstituir a história dos comunistas uberlandenses e indica alguns dados sobre a militância do engenheiro-arquiteto, que teria começado na década de 1930. Nessa ocasião, ele participou da Juventude Comunista em Belo Horizonte; foi preso, em 1937, na Ilha das Flores; desempenhou atividades comunistas em Uberlândia na década de 1940 – quando, antes da fundação do Comitê Municipal PCB na cidade, realizou com alguns intelectuais em seu escritório de arquitetura, a fim de discutir a política comunista e o programa de lutas comunistas. Conforme a autora João Jorge Coury *" era muito bem relacionado com todas as camadas sociais e defendia o movimento de massas, como ideal de luta e consciência política. Participava de entidades de classe ou associações, visitava fazendas em encontros rurais e incentivou a criação da União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia – UESU. Como secretário de divulgação viajava muito, tanto na região do Brasil Central, como para Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. (...) comunista atuante, figura carismática e polêmica, participou ativamente da vida cultural de Uberlândia. Foi preso várias vezes (...) Não concorreu a nenhum cargo político, porém ainda hoje é lembrado como um excelente arquiteto e grande articulador político. É notório que escrevia discursos para vereadores, artigos para jornais panfletários e para a imprensa local, possivelmente com o uso de um cognome. Não foi possível localizar nada a esse respeito nos levantamentos feitos nos jornais locais"*. (p.91). A respeito da participação de João Jorge Coury nas eleições, constatou-se que o referido militante concorreu, no pleito eleitoral de 1954, ao cargo de vereador do município de Uberlândia. No que concerne à sua colaboração nos *"jornais panfletários"*, foram constatados alguns artigos assinados por ele mesmo. Contudo, seu estilo de escrita distoava dos discursos e artigos que tiveram como signatários os vereadores comunistas. Na imprensa local, diversos artigos sobre a carestia apresentaram afinidades com os discursos comunistas a respeito do tema; portanto, é possível que o engenheiro-arquiteto tenha publicado artigos nos jornais, sob codinome ou não.

com suas linhas de pesquisa, história política e história social, e com a proximidade de seus objetos de estudos.

A começar pela história política local, Luise Bundy, em seu estudo *"Movimento político de 1930 em Uberlândia"*, procurou recuperar a atuação dos comunistas e socialistas existentes em Uberlândia, no transcurso dos acontecimentos por ela analisados:

> *"Segundo elementos de tendência marxista entrevistados, a revolução, tomada como ruptura, deveria ter sido feita pelo Partido Comunista com a participação ativa do povo. Mas, neste caso, novamente se estará perante uma utopia, pois se declarou que em Uberlândia o Partido Comunista (PC) não contava com uma 'base ideológica', isto é, ele não se apoiava no conhecimento da doutrina marxista."*[34]

Na análise relativa ao PCB, pode-se que observar que Luise Bundy, ao constatar a fragilidade ideológica e doutrinária dos comunistas, descaracteriza a presença dos mesmos no cenário da revolução de 30 e em outras circunstâncias de sua atuação em Uberlândia. Acredita-se que isso se deva ao fato de a autora ter analisado a atuação comunista à luz da concepção vanguardista de partido de Lenin. Segundo Marco Aurélio Garcia, o referido líder revolucionário russo *"afirma que a classe operária, por suas próprias forças é incapaz de desenvolver uma proposta revolucionária. Ela tem que ser guiada por um partido movido por uma teoria clarividente, o que, em última análise, transforma a teoria em sujeito da história"*.[35] Assim, ao estabelecer uma relação dessa concepção de partido com a visão que Luise Bundy tem do PCB, pode-se afirmar que a autora, na expectativa de *"detectar seu potencial revolucionário e suas pretensões de ir à luta armada"* em Uberlândia,[36] sugeriu que os comunistas, mediante as condições objetivas da revolução que se encontravam instauradas, teriam perdido uma oportunidade singular de deflagrarem o movimento, nos moldes das diretrizes marxistas. Isto porque, na sua concepção, faltavam as condições subjetivas, ou seja o partido-guia que, ancorado na doutrina marxista, lutasse pela tomada do poder, rompesse com a ordem capitalista e instaurasse mudanças radicais na sociedade.

---

[34]. BUNDY, Luise. Movimento político de 1930 em Uberlândia. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1985. p. 65

[35]. GARCIA, Marco Aurélio. Leninismo e social-democracia na história. In: Caderno Especial de Teoria & Debate; O PT e o marxismo. São Paulo, Publicação do Partido dos Trabalhadores, 1991. p. 86

[36]. BUNDY, Luise. Op. cit. p. 72

Uma vez constatada a ausência do PCB no cenário político local, a referida autora recompõe a atuação dos sujeitos revolucionários comunistas (e dos assim alcunhados), no decorrer do movimento de 1930, apresentando-os como partícipes moderados que aderiram à causa da revolução da ordem do dia, seja porque desejavam romper com o conservadorismo reinante, seja porque os jovens (que se proclamaram comunistas) portavam um ímpeto revolucionário próprio da idade.

A *"falta de preparo"* dos ativistas do PCB para lidar com a divulgação do comunismo nos meios populares, o distanciamento entre as lideranças, que supostamente conheciam a doutrina e as massas, a ausência de força política do partido na cidade e de um posicionamento ideológico dos comunistas em relação ao *"movimento revolucionário de 1930"* foram problemáticas que, nas considerações da autora, dificultaram a compreensão da presença comunista no cenário da revolução. Ela afirmou ainda que, apesar do caráter *"fraco"* e *"disperso"* de suas ações e da *"desorganização e falta de força político-partidária"*, o PCB manteve uma constante atuação no meio camponês, tanto antes quanto depois da *"Revolução de 1930"*, mas não ao ponto de, no decurso de sua trajetória, *"favorecer um levante de camponeses"*, o que demonstra a percepção que a autora tem do PCB como partido vanguardista, que, enquanto tal, poderia empunhar a bandeira da revolução e promover mudanças radicais na sociedade. Em suas assertivas, conclui que os comunistas uberlandenses preocuparam-se mais com a conquista de votos do que com a *"adesão ideológica da massa"* propriamente.[37]

Apesar de ter-se que levar em consideração um problema recorrente na história do PCB, que é o descompasso entre as lideranças e as bases, e mesmo entre seus pares, que, muitas vezes, foi responsável pelas baixas nos quadros do partido e pela inoperância de suas táticas e estratégias de luta,[38] observa-se que a autora não se ateve às especificidades do cenário político local e, menos ainda, da maneira como os comunistas vivenciaram as diretrizes do partido. Não se pode desconsiderar a existência dos comunistas em Uberlândia, em decorrência de suas dificuldades de

---

37. Idem. p. 65.
38. A respeito da problemátca da organização do partido e do papel dos dirigentes e das bases, ver: CHILCOLTE, Ronald H. Op. cit. p. 163-210.

entender a *"doutrina marxista"*, seja porque não tiveram acesso à literatura marxista, seja porque não a estudaram e, por isso, muitos deles não souberam ou não puderam agir em conformidade com as diretrizes do partido. Considerando-se a problemática do país que, desde aquela época, mantinha (e mantém) milhares de pessoas imersas no analfabetismo, é necessário relativizar a atuação comunista num meio como Uberlândia dos anos 30: provinciano e predominantemente agrário, que contava com um grupo pequeno de comunistas para o trabalho de divulgação oral/verbal da doutrina para os iletrados/*"incultos"* da época. A essas proposições, pode-se acrescentar também a possibilidade de reinterpretação e adaptação do comunismo no meio social em que atuavam não somente alguns comunistas letrados, os chamados notáveis, professores, médicos, dentistas e outros, mas também as pessoas humildes, muitas delas analfabetas que viviam nas vilas da cidade, nos lugarejos e nas fazendas do município de Uberlândia, as quais tiveram algum esclarecimento sobre a doutrina.

Ademais, a inexistência do PCB, como instituição política, em Uberlândia, na década de 1930, pode ser explicada pelos longos períodos de ilegalidade e, por isso, de semi-clandestinidade e de clandestinidade, aos quais ele teve que se submeter. Assim, não há, nesse aspecto, acentuadas discrepâncias de Uberlândia com vários outros lugares do Brasil, onde os comunistas, revolucionariamente ou não, atuaram independentemente da existência legal do PCB, seja em tempo de revolução, seja em tempo de "paz social". Necessário seria, nesse caso, procurar entender como essas pessoas, que se autorepresentavam comunistas, experimentaram o comunismo, recuperando, dessa forma, a maneira como elas existiram em Uberlândia, pois, sabe-se, o comunismo é um ideário cosmopolita e, considerando-se a sua universalidade, é preciso ater-se ao fato de que as pessoas que foram receptivas a esse ideário nos mais recônditos lugares do Brasil e do mundo, podem tê-lo metamorfoseado com suas experiências, visões de mundo, cultura, e mesmo religião etc.

No percurso dos estudos sobre a temática da *"Revolução de Trinta"*,[39] Eliane Martins de Freitas, tomando como objeto central de análise a obra de Tito Teixeira, *Bandeirantes e*

---

[39]. Sobre Revolução de Trinta no Triângulo Mineiro, ver:

pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, objetivou explicar como o autor faz a apropriação dos fatos e constrói uma dada memória histórica sobre a Revolução de 1930 nessa cidade.[40] Entre outras problemáticas, a autora procura analisar a maneira como Tito Teixeira silencia sobre a atuação comunista no decurso do movimento revolucionário de 1930. Para esclarecer isso, explicita, inicialmente, a postura política de Tito Teixeira, que, conforme o testemunho de Durval Teixeira, irmão do memorialista, era um conservador: *"não gostava do comunismo"*.[41] Em seguida, coloca duas possíveis explicações sobre o seu silêncio em relação aos comunistas: a primeira refere-se à tentativa do memorialista de homogeneizar o apoio e os interesses em torno da revolução, seja anulando outros sujeitos revolucionários e projetos políticos que distavam de sua tendência política, seja operando com minimizações na narrativa da atuação dos seus adversários políticos locais – lideranças do Partido Republicano Municipal, adeptas do governo de Washington Luís. Segundo a autora, o silêncio de Tito Teixeira sobre os comunistas de Uberlândia também pode estar relacionado ao momento histórico em que ele escreveu o livro, nos duros anos do Regime Militar, durante o qual o memorialista possa ter sido cauteloso, optando por não expor, em sua obra, os comunistas que, segundo ela, eram, na maioria, seus amigos.

Porém, se o referido memorialista sabia ou não, vale observar que a polícia estava no encalço dos comunistas e dos supostos comunistas desde os anos 30 – a exemplo de Nelson Cupertino,[42] que, conforme os dados obtidos, foi fichado e perseguido pela polícia. Para

---

LIMA, Vilma Marcelino. 1930: história e memória - a construção do imaginário sobre a Revolução de Trinta no Triângulo Mineiro. Revista História & Perspectivas. Uberlândia : Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, n.º 7, p. 65-86, jul./Dez. 1992.

40. FREITAS, Eliane Martins. Memórias de uma "odisséia": Tito Lívio (Teixeira e a construção da memória história sobre a "Revolução de Trinta em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP : UNICAMP, 1999.

41. Idem. p. 154.

Há, também, menções sobre o silêncio de Tito Teixeira em relação ao comunistas na página 46.

42. Filho do jornalista Bernardo Cupertino, que por vários anos manteve o jornal *O Progresso*, Nelson Cupertino nasceu em Araguari em 29 de junho de 1902. Era professor de Biologia (História Natural) do Colégio Estadual de Uberlândia (antigo Ginásio Mineiro) e, conforme o DEOPS, filiou-se ao núcleo comunista desde de 1935. A partir da fundação do Municipal do PCB de Uberlândia em 1945, ele se distinguiu como um dos mais ativos militantes da região e exerceu o cargo de secretário geral do Comitê de Zona do PCB. Cf. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 49, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

corroborar essa afirmativa, observa-se que nos acervos das polícias políticas (DEOPS-SP, DOP-MG/DOPS/MG e DSP-RJ/DOPS-RJ) foram encontrados prontuários, boletins, relatórios e diversos outros documentos que demonstram o conhecimento pontual que a polícia política tinha dos comunistas uberlandenses desde aquela época.

Apesar da pertinência das suspeições da autora em relação aos motivos da ausência comunista nos livros de Tito Teixeira, e considerando-se que sua obra fora publicada em 1970, num dos anos mais repressivos e perversos de nossa história política recente, é necessário refletir sobre a intenção do referido memorialista, como alguém que não gostava do comunismo e, por isso, pode ter proscrito os registros das idéias e das ações dos comunistas uberlandenses dos dois volumes de sua obra (um deles constitui-se de biografias das *"grandes"* personalidades de Uberlândia), a fim de engendrar uma história epopéica, em que aparecem apenas as *"grandes"* datas, fatos e atos triunfalistas dos vencedores dessa cidade. Uma obra caracteristicamente marcada pelo civismo reinante na época, que, não sem razão, teve seus textos adaptados em formas de apostilas amplamente distribuídas pelas escolas da cidade, ainda em nossos dias.

Na linha da história do movimento operário, Jane de Fátima S. Rodrigues reconstitui, por meio da imprensa e de outros documentos, a trajetória dos trabalhadores uberlandenses do setor de serviços, no período de 1924 e 1964. Dentre as preocupações da autora com o seu objeto de pesquisa, pode-se destacar a proposta de resgatar outra face da história local, *"chamando a depor os que não aparecem no discurso pronunciado pelos "responsáveis" pelo progresso e desenvolvimento desta cidade: o trabalhador"*. Todavia, a autora, tanto nos seus pressupostos, quanto na maneira como conduz sua análise, reconstrói a trajetória dos trabalhadores uberlandenses, em conformidade com o caráter *"resignado"*, *"ordeiro"* e *"pacífico"* de suas experiências propagadas pela imprensa, sinalizando que outras poderiam ser suas posições: as de combatividade ao *"projeto da ordem e do progresso"*.[43] Contudo, foi possível observar nas fontes pesquisadas que, no decurso da história desses trabalhadores, houve momentos de conciliações e dissensões, concórdia e discórdia. Como sugeriu E. P. Thompson: no *"fazer-se"*

---

[43]. Idem. p. 177

dos trabalhadores pode haver momentos de oposição e de identificação com os interesses dominantes.

Segundo Jane de Fátima S. Rodrigues, o PCB não se constituiu em oposição aos interesses dominantes sustentados pelos partidos que os representavam, principalmente os que tangiam à consolidação do *"projeto da ordem e do progresso"*. Referindo-se aos discursos e ao programa veiculados pelo referido partido no município, a autora concluiu que o PCB não era propriamente revolucionário, apesar de a imprensa atribuir-lhe caráter subversivo. Nesse caso, é preciso refletir se referida autora não se teria enredado na visão de partido comunista propalada pela imprensa. Ou se, em sua análise, não teria tomado a concepção de partido-guia como lentes com as quais passou a explicar a atuação comunista junto aos trabalhadores uberlandenses. Qualquer das duas hipóteses contribui para impedir a percepção de que, em determinados momentos de seu percurso histórico, o comportamento ordeiro e moderado do PCB local e de seus adeptos amoldou-se à política comunista nacional/internacional de luta pacífica, dentro da ordem. As atitudes ordeiras dos vermelhos, portanto, não distavam das diretrizes comunistas nacionais, tampouco das internacionais. Por isso, essas atitudes não podem ser vistas tão somente à luz do alinhamento dos comunistas ao projeto social ordeiro e progressista de Uberlândia, aos interesses dominantes da cidade, ou seja, como uma especificidade do cenário político e social uberlandense. Nessa conjuntura, é necessário também relativizar as homogeneizações políticas intentadas pelas classes dirigentes locais.

Ao indagar sobre a natureza, a consistência de um partido defensor da causa dos trabalhadores, a autora suscita duas proposições: um partido que se propusesse à luta armada para demolir as bases da sociedade capitalista ou um partido *"que fizesse avançar um projeto de sociedade, na qual os trabalhadores tivessem acesso aos bens necessários à sua reprodução?"*[44] Observa-se que, em ambas as proposições, os fins são praticamente os mesmos. O problema estaria então nos meios: revolução ou reforma? Luta armada ou moderação? O que se questiona aqui é até que ponto as aspirações políticas dos trabalhadores encaixariam-se na moldura das

---

[44]. RODRIGUES, Jane de Fátima S. Op. cit. p. 146.

proposições suscitadas pela autora. Como nos alerta E. P. Thompson, classe não é coisa, mas relação.[45] Desse modo, no mundo político dos trabalhadores pode haver divergências de interesses entre seus pares ao se ter que tomar decisões na encruzilhada de duas vias partidárias, como as mencionadas pela autora.

Nas conclusões de Jane de Fátima S. Rodrigues, não foi constatado, na história local, nenhum dos referidos tipos de partido que pudesse vir a defender os trabalhadores. As lutas desses trabalhadores por melhores condições de vida, segundo a autora, deram-se *"além"* das esferas das associações, sindicatos e partidos políticos.[46] Contudo, no decurso da pesquisa realizada, foram apreendidos de diversas fontes alguns dados que permitem afirmar que os comunistas, seja atendendo às diretrizes da União Nacional (1945-1947), seja orientando-se pela política de frente democrática (1947-1958),[47] mantiveram-se atuantes no meio dos trabalhadores urbanos e rurais, organizados ou não, ainda que os resultados de suas experiências não tenham correspondido satisfatoriamente às expectativas de mudanças dos sujeitos envolvidos com as lutas sociais influenciadas pelo partido. A exemplo, pode-se citar a presença dos comunistas atuando junto aos motoristas, comerciários, camponeses, mulheres e outros em Uberlândia e em outros municípios do Triângulo Mineiro.

Observa-se ainda que mulheres comunistas como Olívia Calábria, Irma de Paiva Gouveia, Matilde Pereira, Hilda Ferreira e outras ativistas estiveram à frente do processo de constituição da Organização Feminina de Uberlândia e das lutas pela melhoria da vida de homens e mulheres desse município – nas vilas, por meio dos comitês populares; no campo, pelas ligas

---

45. THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa; a árvore da liberdade. Trad. Denise Bottmann. 2 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987. p. 10-13.

46. RODRIGUES, Jane de Fátima S. Op. cit. p. 146.

47. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 128-139.
A política de "frente democrática" começou a se delinear em fins de 1947; foi propagada mais ostensivamente, a partir do Manifesto de Janeiro de 1948 e culminou com a proposta de formação da Frente Democrática de Libertação Nacional, constante do Manifesto de Agosto de 1950. No que tange à questão sindical, vale observar que, em 1952, o Comitê Central do PCB propôs-se a redimensionar suas táticas de ação nos sindicatos, a partir da Resolução Sindical. Todavia, considerando-se também tentativas de modificação das propostas de atuação do PCB, manifestas no Projeto de Programa, de dezembro de 1953, é possível afirmar que, em essência, as diretrizes do Manifesto de Agosto vigoraram até por volta de 1958, quando o PCB divulgou a Declaração de Março de 1958. Segundo Moisés Vinhas, tratava-se de uma tentativa de romper com o sectarismo e o dogmatismo que caracterizam as diretrizes políticas do partido. Todavia, segundo o autor, apesar dos intentos, não houve mudanças qualitativas na atuação dos comunistas.

camponesas. A atuação dessas mulheres também constituiu, parcialmente, o objeto de investigação de Jane de Fátima S. Rodrigues, em sua tese *"Perfis femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense"*. No propósito de reconstituir a *"trajetória histórica da cidade de Uberlândia através das relações sociais de gênero"*, a fim de recuperar o *"desempenho da mulher nessa trajetória"*,[48] a autora recompõe, em uma parte do seu trabalho, a atuação das mulheres comunistas no cenário político local, especialmente por via da Organização Feminina de Uberlândia, cuja direção era predominantemente comunista.

Maria Clara Tomaz Machado, em seu trabalho, *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês; assistência social institucionalizada - Uberlândia – 1965-1980*,[49] ao mencionar a presença comunista nessa cidade, afirmou que a campanha anticomunista e a repressão policial que, desde a década de 1920, acometeram os comunistas não obstaram a fundação do PCB em 1945 e, menos ainda, impediram que quatro vereadores comunistas fossem eleitos no pleito de janeiro de 1947 e um vereador tivesse sido sufragado nas eleições de 1950 – época em que, segundo a autora, o partido se encontrava na clandestinidade, mas conseguiu infiltrar seu candidato em outro partido político, e, assim, conquistou sua *"representação política"*. No que tange à análise do discurso político dos comunistas, a autora afirmou que *"fica difícil verificarmos as divergências ideológicas que separam o PCB dos outros discursos liberais burgueses"*. Contudo, ela afirmou que, num ou noutro discurso, podem-se perceber *"palavras de ordem que acusam o latifundiário e a propriedade privada pela crise econômica do país"*, o apoio dos comunistas às greves dos trabalhadores no setor de serviços e a *"elaboração de alguns projetos que defendem melhores condições de trabalho, através da jornada de trabalho e da conquista de melhores salários para funcionários e aposentados da prefeitura"*. Afora isso, a atuação dos comunistas, segundo a autora, resultou em *"algumas moções de apoio ao*

---

[48]. RODRIGUES, Jane de Fátima S. Perfis femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense: 1920-1958. Tese (Doutoramento em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1995.

[49]. MACHADO, Maria clara T. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês; assistência social institucionalizada - Uberlândia – 1965-1980. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo, USP, 1990.

trabalhador e projetos nunca aprovados".[50] Todavia, como será visto, adiante, as atas da Câmara Municipal de Uberlândia revelam vitórias e derrotas dos comunistas, ainda que muitos dos seus ganhos, como afirmou o vereador José Virgílio Mineiro, estivessem consubstanciados em projetos, cuja concretização foi reclamada pelos representantes da política dominante. Ademais, como foi dito anteriormente, a história dos comunistas dessa cidade, além de uma análise de suas relações com os representantes da política dominante local, requer considerações sobre as diretrizes comunistas nacionais que se diferenciaram no tempo, em decorrência, das influências da política comunista internacional e da conjuntura da realidade brasileira. Se, como afirmou Maria Clara Tomaz Machado, *"o discurso elaborado pela classe dominante é que dá o tom da existência de ideologias diferentes"*, há que se ressaltar as investidas das classes dirigentes e do aparato policial para desmantelarem e destruírem as lutas dos comunistas e de outros sujeitos históricos em Uberlândia, incluindo, nessas ações/reações, a apreensão das provas do crime político. Isso implicou na destruição de documentos/materiais produzidos pelos comunistas, que poderiam esclarecer melhor suas experiências nessa cidade. Uberlândia não foi *"Moscou brasileira"*, nem *"sucursal de Havana"* ou *"Havana mirim"*, como alardearam os anticomunistas, mas, ao trafegar pelo contracomunismo, puderam ser desvelados, no trabalho ora apresentado, momentos de atuação dos comunistas nessa cidade, ainda que muitas lacunas prevaleçam.

Noutra linha de pesquisa, Selmane Felipe de Oliveira, em *Crescimento urbano e ideologia burguesa; estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia – 1950/1985,* propôs-se a recuperar os projetos de crescimento urbano empreendidos pelas classes dirigentes, as *"ideologias regionalistas"* e a *"repressão e resistência"* na história local.[51] Ao resgatar o discurso anticomunista, pela imprensa, o autor afirmou que a comunismo era algo que *"incomodava, e desde a década de 20 já se iniciava uma campanha anticomunista nos jornais do*

---

[50]. Idem. p. 31-32.

[51]. OLIVEIRA, Selmane Felipe. Crescimento urbano e ideologia burguesa; estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia – 1950/1985. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói : UFF, 1992.

município (...) Contudo, essa temática tornou-se realmente importante somente em 1945, quando ocorreu a fundação do Partido Comunista na cidade".[52] Como será visto adiante, o anticomunismo, desde as primeiras décadas deste século, manifestava-se no cenário local, principalmente por meio dos discursos veiculados pela imprensa e por outros mecanismos de propagação das instituições sociais (escola, polícia, igreja e outras). Em concernência à fundação PCB, certamente, a euforia liberal democrática do pós-guerra, pelo menos na época da atuação legal do partido, propiciou uma certa trégua aos comunistas, que afiguraram-se como uma expressiva força política no cenário nacional e local. Entretanto, considerando-se o longo tempo de ilegalidade, e toda uma problemática existência no decurso de sua história, que inclui momentos de clandestinidade e de semi-clandestinidade, é preciso relativizar a idéia de que sua atuação só foi *"realmente importante somente em 1945"*, quando os comunistas passaram a vivenciar o mais longo período de legalidade do partido, que se estendeu até 1947.[53] Em contraposição, observa-se que os discursos da imprensa local e os registros das polícias políticas, salvo as precauções que se deva ter ao utilizá-los, revelam experiências dos comunistas em Uberlândia, antes e depois de 1945, que podem contribuir significativamente para uma melhor compreensão da história comunista local, tantas vezes tecida na clandestinidade.

Outra questão suscitada no trabalho de Selmane Felipe de Oliveira é a sua referência aos comunistas na recomposição do *"quebra-quebra"* de 1959. A esse respeito, o autor afirmou que os partidos políticos e as organizações de esquerda se omitiram no decurso dos acontecimentos. O movimento de protesto do qual fala o autor, refere-se à indignação do povo com a carestia de vida que assolava não somente Uberlândia, mas o Brasil como um todo. Em janeiro de 1959, uma multidão, irada com o aumento dos preços do cinema, promoveu uma arrasadora destruição dos cinemas da cidade, incendiando e quebrando quase tudo o que neles continha. Explodiu uma assustadora tensão social. Além dos cinemas, o *"populacho"* arrombou e saqueou os armazéns superlotados de mercadorias, dizimando pelo menos duas grandes empresas atacadistas da

---

[52]. Idem, p.124

[53]. Essa afirmação não inclui o tempo de legalidade do PCB decorrente do processo de democratização do pais, na década de 1980.

cidade.[54] Ao analisar a participação de determinados grupos sociais no movimento, o referido autor avaliou que a *"própria esquerda uberlandense ficou sem ação diante da revolta popular. A cidade que era vista como 'foco de comunistas', não teve o PCB ou qualquer outro partido na vanguarda das manifestações"*.[55] Mais uma vez, na historiografia local, volta-se a cobrar dos comunistas o seu papel de vanguarda das classes subalternas, os quais, por intermédio do partido-guia, devem estar à frente das lutas populares, mesmo das inusitadas e *"espasmódicas"*,[56] como foi o protesto de 1959. Ademais, vale observar que a ausência dos comunistas nesse protesto se tornou uma icógnita também para os policiais que se mantiveram como seus sentinelas. Acostumados a associá-los à afronta, à selvageria e à mazorca, os policiais investigaram diversos militantes, mas não conseguiram provas que os incriminassem pelo incitamento ao protesto. A

---

[54]. SILVA, Idalice Ribeiro. O mar de carências inunda o mundo dos ricos: imagens da *Revolução do Saque*. Mimeo.

[55]. OLIVEIRA, Selmane Felipe. Op. cit. p. 141-142.

[56]. A tensão social eclodida em 1959 afigurou-se um movimento de protesto popular ocasional e espasmódico, espontâneo; uma reação repentina e indisciplinada contra a elevação dos preços dos alimentos não só do estômago, mas da alma.

Afora o *"quebra-quebra"*, não foram constatadas nessa cidade reações coletivas à *"fome"*, identificadas como motins, especificamente, no sentido que E. P. Thompson dá ao termo. Segundo ele, não *"há uma reação simples, 'animal', à fome"*. Ao recompor os padrões de comportamento dos populares diante da fome na Inglaterra do século XVIII, e em outras realidades sociais, o referido autor apresentou respostas como a abnegação, a solidariedade, a mendicância, o roubo, os atos de protesto e, entre outras reações coletivas, os motins – formas *"altamente"* complexas de *"ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros"*. Nas assertivas do autor, a fome não prescreve necessariamente as revoltas, os motins, visto que essas práticas *"não são necessariamente prestigiadas na cultura dos pobres"*.

A história de Uberlândia confirma isso. Não foi constatada uma tradição de *"motins da fome"* em Uberlândia, mas de comportamentos semelhantes a alguns dos que foram registrados na obra de Thompson, como mendicância, roubo e outras atitudes que enfeixam reações sociais *"vindas de baixo"* diante da escassez, da fome, das privações, da carestia etc. Cf. THOMPSON, E.P. Costumes em Comum; sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo, Cia das Letras, 1998. p. 152; p. 206-208.

Sobre *"quebra-quebra"* de 1959 em Uberlândia, ver:

ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. Op. cit.

CARDOSO, Maria Helena Pacheco. Conciliação, reforma e resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História/FLCH. São Paulo : USP, 1998.

MACHADO, Paulo de Barros. Uberlândia: um sucesso de bilheteria. Cadernos de História. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia [Departamento de História, Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História], ano 4, n.° 4, p. 99-102, jan. 1993.

NUNES, Leandro José. Op. cit.

RAGO, Luzia Margareth. Uma experiência de pesquisa em história: o quebra-quebra de 1959. Cadernos CEDES. São Paulo : Cortez, n.° 10, 1986.

SANTOS, Regma Maria. Op. cit.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão. Dias de violência – o quebra de janeiro de 59 em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Educação), [Programa de Pós-Graduação em Educação; área de concentração: Ciências Sociais aplicadas à Educação]. Campinas-SP : UNICAMP, 1993.

esse respeito, Roberto Margonari testemunhou que o referido quebra-quebra não foi deflagrado pelos comunistas, tampouco um intento engendrado e conduzido por eles, conforme suspeitas da polícia e rumores ventilados na época.[57]

No entanto, um breve olhar sobre os discursos contra a carestia, veiculados pelos jornais locais, na década de 1950, pode apreender confluências entre os dizeres da imprensa e as diretrizes do PCB na luta contra a carestia. Num panfleto divulgado pelo partido, em 1951, os comunistas e os simpatizantes da causa eram conclamados a pressionarem o governo entre duas alternativas: ou o presidente Getúlio Vargas acabaria com *"os tubarões, igualando o padrão de vida ao padrão de 1935"* ou, senão, o referido presidente deveria renunciar ao governo, *"entregando-o a outro capaz"*. Ademais, num momento em que a campanha contra a carestia se intensificava, os comunistas fizeram ressonar a necessidade de organizar, em 1951, os comitês de defesa do povo, para que, entre outras coisas, denunciassem a existência de armazéns abarrotados de produtos para serem exclusivamente comercializados no câmbio negro.[58]

Com isso, pretende-se afirmar que, embora não tenham sido recuperados registros da criação dos referidos comitês propostos em 1951, no caso uberlandense, além da intensa campanha empreendida pela imprensa local – inclusive pelos jornais comunistas, quando foi possível – a atuação dos comunistas em diversas frentes contra a carestia, no decurso da década de 1950, pode ter fermentado o clima de insatisfação com a carestia que culminou no protesto de 1959. Afora isso, é possível insinuar que pelo menos alguns comitês populares criados no tempo de legalidade do PCB (1945-1947) tenham subsistido na década de 1950, na clandestinidade ou com outras denominações, e exercido alguma influência no processo de mobilização popular contra o alto custo de vida que assolava Uberlândia e os outros municípios do país – embora os testemunhos dos militantes e das polícias políticas não tenham confirmado a atuação evidente dos

---

[57]. Entrevista com Roberto Margonari, realizada por Luise Bundy, em abril de 1981.
Em seu depoimento, Maria Rosa Margonari confirmou a versão de Roberto Margonari, ao testemunhar que os dois estavam num dos cinemas que foi destruído, mas nenhuma ação teria partido do referido militante comunista. Cf. Entrevista realizada em fevereiro de 1994.

[58]. CAMARADA... . Partido Comunista Brasileiro - P.C.B. Outubro de 1951. Documento do Acervo das Polícias Políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

comunistas no decorrer do protesto popular de 1959. Todavia, ressalta-se que, entre 1951 e 1954, como em outras ocasiões, o problema da carestia era, em conformidade com as diretrizes da política comunista nacional, uma das principais lutas dos comunistas nessa cidade. Assim, se a destruição dos cinemas e os saques aos armazéns ocorridos em 1959 não foram deflagrados/conduzidos pelos comunistas, até que ponto sua atuação favoreceu a fermentação do protesto popular? Uma questão a ser pesquisada.

Portanto, considerando-se as experiências dos trabalhadores e dos comunistas recuperadas pela historiografia local, faz-se necessário repensar a maneira como parte dessa produção recompõe o papel desses sujeitos históricos no engendramento do projeto social ordeiro e progressista de Uberlândia e cobra-lhes atitudes possíveis apenas para o nosso olhar contemporâneo. Em contraposição, acredita-se que as experiências dos comunistas uberlandenses, revolucionárias ou não, devam ser reconstituídas fora das amarras dos modelos que procuram enquadrar suas práticas e representações nos estreitos limites de uma dada teoria que, muitas vezes, não sustém a diversidade/heterogeneidade das idéias e ações dos sujeitos envolvidos na tessitura da história que se pretende resgatar..

3. Breve história da história que se pode *contar*: metodologia e fontes

O projeto de recompor historicamente as experiências, as experiências dos comunistas em Uberlândia nasceu num momento em que o sonho de uma sociedade livre parecia escorregar-se definitivamente das mãos daqueles que sempre o (as)seguraram. As profundas transformações políticas, principalmente as ocorridas nos países comunistas do Leste Europeu e na URSS naquele momento, 1991, pareciam ter mergulhado uma boa parte dos comunistas na perplexidade, no desencanto.

Falar de comunismo em tempos de derrota tornou-se uma tarefa árdua e, muitas vezes, dolorosa para aqueles militantes que apostaram e lutaram veementemente pela construção da tão desejada sociedade livre, principalmente quando se tratava de gravar entrevistas que os levavam a refazer o percurso de sua experiências. Ademais, um certo vazio nas prateleiras dos arquivos públicos, do partido e das organizações dos trabalhadores e de outros segmentos sociais

diminuiu as virtuais possibilidades de reconstituir, com base em supostos documentos, uma história mais ampla da maneira como os comunistas existiram nessa cidade.

Todavia, esses obstáculos puderam ser relativamente superados, quando, por exemplo, foi possível recompor parte da história dos comunistas uberlandenses por meio dos documentos encontrados nos seguintes arquivos: Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Edgard Leuenroth, Arquivo Mineiro de Belo Horizonte e Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Das instituições sociais, que deixaram um considerável legado à história do PCB de Uberlândia, podem ser ressaltados os acervos das polícias políticas (DOP-MG, DOPS-MG, DEOPS-SP, DSP-RJ, DOPS-RJ).[59] Como afirmou Paulo Sérgio Pinheiro, esses acervos constituem, em nossos dias, o arquivo mais completo do PCB – o que, em parte, foi constatado no decorrer da realização deste trabalho. A exemplo, em 1948, todo o arquivo do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia foi apreendido pela Delegacia Especializada de Ordem Pública de Minas Gerais. Mas, lamentavelmente, esse arquivo não se encontra preservado nos acervos das polícias políticas. Conforme os dados obtidos, durante a gestão do governador Francelino Pereira, teria sido incinerado *"todo"* o arquivo de documentos produzidos e apreendidos pela DOPS de Minas Gerais, embora haja dúvidas em torno desta questão: primeiro, porque, o relato de uma das integrantes da comissão de tombamento dos acervos da polícia política mineira como patrimônio histórico confirmou que, na época do levantamento dos acervos e das tentativas de negociação, foram vistas fichas de militantes, prontuários, recortes de jornais e outros documentos relativos ao PCB, sendo que muitos deles haviam sido microfilmados; segundo, porque, em tempos recentes, foi encontrado, em frente a uma emissora de rádio de Belo Horizonte, um pacote de prontuários de pessoas fichadas na DOPS-MG, colocado no referido local não se sabe por quem. Entretanto,

---

[59]. O percurso histórico das polícias políticas do Estado de São Paulo consta de uma publicação disponível na internet, intitulada *"Acervo Permanente - Fundos Públicos; Departamento de Ordem Política e Social - DEOPS.* Em relação ao Estado do Rio de Janeiro, ver: Os arquivos das polícias políticas: reflexos de nossa história contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro : FAPERJ, 1996. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro).
Uma parte dos documentos da Delegacia de Ordem Pública (DOP-MG), Delegacia Especializada de Ordem Pública (DEOP-MG) e da Delegacia de Ordem Social e Política (DOPS-MG) encontram-se alocados no Arquivo do Estado de São Paulo e no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

as conexões existentes entre as polícias políticas dos Estados brasileiros, que, por sua vez, se ligavam às polícias políticas federais, localizadas no Rio de Janeiro, propiciaram condições de arquivamento de documentos relativos a diversos lugares do Brasil nesses acervos das polícias políticas. Devido a isso, foi possível encontrar valiosos documentos referentes aos comunistas de Uberlândia e de outros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano.

Apesar da precaução que se deve ter ao analisar os documentos produzidos com base nas investigações dos agentes policiais, os relatórios e boletins das polícias políticas representam importantes fontes históricas por registrarem informações sobre o movimento dos trabalhadores e dos comunistas[60] – ancoradas em documentos (cartas, comunicados, panfletos, fichas, jornais etc.) apreendidos durante as diligências em organizações sindicais e políticas e/ou dados recolhidos durante o tempo em que a polícia mantinha seus agentes infiltrados nas referidas entidades.

A propósito das precauções relativas aos documentos produzidos pelas polícias políticas, observa-se que, freqüentes vezes, os relatórios e os boletins policiais se mostraram confiáveis e foram confirmadas, inclusive, pelos documentos do PCB e por outras fontes consultadas, citadas ao longo deste trabalho. Mas, em diversos casos, as informações policiais sobre as atividades comunistas evidenciaram o anticomunismo exacerbado dos investigadores e a inventividade negativa dos agentes da polícia – e das pessoas comuns (delatoras)[61] – como foi constatado em um dos boletins da DOPS-RJ sobre o trabalho dos informantes não policiais:

> *"De um modo geral, o informante sem a responsabilidade de deixar o seu nome ligado à informação, nem sempre se detém na observação de um determinado caso dando largas à imaginação, montando o cavalo alado da fantasia, 'assiste' a reuniões que não se realizam, 'cria' acontecimentos que não se deram, vê pessoas que não estiveram presentes, objetivando apresentar serviços.*

---

[60]. Considerando-se a lógica arquivística dos acervos das polícias políticas, vale observar, ainda, que uma expressiva parte dos documentos encontrados nos acervos das polícias políticas tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, que centralizava as informações das polícias políticas, referem-se, de maneira geral, ao mesmos acontecimentos, como, por exemplo: relatório geral sobre o comunismo no Triângulo Mineiro, Congresso Camponês de Canápolis, campanhas eleitorais de 1945 e 1947, campanha pela paz, lutas pela criação do Estado do Triângulo, as manifestações das mulheres em 1952, etc.

[61]. A esse respeito, Maria Rosa Margonari, esposa de Roberto Margonari, relatou que um dos colegas de cela do referido militante comunista foi preso porque não vendia fiado em seu armazém, no norte de Minas. Apesar de não ter estabelecido quaisquer vínculos com o PCB e o comunismo, o dono do armazém foi acusado por práticas comunistas e vítima de prisão e espancamentos para que confessasse o crime político.

> *Muitas vezes não há maldades ou malícia nessa atitude mas de dedução do informante."*[62]

Para resolver o problema das falsas informações transmitidas pelos não-policiais a serviço da DOPS, os agentes da polícia política se propuseram a averiguar as informações recebidas, com o propósito de compará-las por meio de mais de uma fonte e de estabelecer mecanismos de controle e vigilância dos informantes – como a verificação de suas informações por policiais de confiança. Por isso, seja pelo seu caráter anticomunista extremado, seja pela inventividade, fez-se necessário colocar sob suspeita muitas das informações constantes dos relatórios e boletins consultados e averiguá-las por meio de outras fontes escritas e orais. Foram constatados registros duvidosos e equivocados nos boletins policiais sobre a atuação comunista no Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano, alguns dos quais não puderam ser ignorados, visto que sinalizavam significativas contribuições para atenuar os limites das fontes constitutivas da história comunista local.

Entrementes, para uma melhor compreensão do valor desses acervos policiais, fez-se necessário, nesta parte do texto, reconstituir, parcialmente, a maneira como a polícia esteve o encalço dos comunistas a fim de aniquilar quaisquer possibilidades de veiculação de materiais propagandísticos, especialmente os seus jornais, pois como atestaram os relatórios policiais, a propaganda do comunismo foi a *"primeira arma"* usada pelos seus adeptos. A esse respeito, Lenin, em *O que fazer?*, preconizou a necessidade de um órgão jornalístico oficial do Partido Comunista, com o propósito de divulgar as diretrizes políticas comunistas e mobilizar os esforços da população em defesa da causa comunista.[63] No caso uberlandense, foi verificada, nos documentos consultados, uma luta tenaz pela criação e manutenção dos órgãos jornalísticos – dada a necessidade e a importância da imprensa popular como um veículo de propaganda da doutrina marxista-leninista e das diretrizes políticas do PCB e um meio de contra-argumentar as distorções do comunismo propagadas pelos seus adversários políticos. Como afirmou Roberto

---

[62]. Delegacia Especializada de Ordem Pública. Informações sobre assuntos de ordem pública, n.º 89, O.P 51, 25/05/51. Documento alocado no Acervo das Polícias Políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. (Grifos do original).

[63]. LENINE, V. I. Obras escolhidas. 3. ed. São Paulo : Alfa-Omega, 1986. v. 1. p. 188-200.

Margonari, o rádio, a televisão e os jornais deturpavam as idéias e as ações dos comunistas, o PCB, em contrapartida, imputava aos seus órgãos jornalísticos a atribuição de desmascarar os seus adversários e esclarecer os sentidos das lutas comunistas. Para isso, os boletins, folhetos, manifestos, livros, jornais e outros veículos de propaganda constituíram-se em meios de divulgação das diretrizes ideológicas e políticas do partido.

Primando pela *"sabedoria, técnica e disciplina"*, nos dizeres da DOPS-MG,[64] a propaganda comunista disseminava idéias, conhecimentos políticos e táticas de luta; ensinava, esclarecia; despertava e ativava os sentimentos; impressionava e influenciava as mentes e corações. Por meio de materiais de propaganda e de conversas, conferências e comícios, as campanhas comunistas mobilizaram não poucos grupos sociais neste país. Isso, no entendimento das polícias políticas, precisava ser tenazmente combatido. Assim elas fizeram: perseguiram, prenderam, torturaram, exilaram e... até mataram.

Segundo os relatórios policiais, a tarefa de propagar o comunismo não foi fácil. Apuros, estorvos e as mais e diversas dificuldades compuseram a trajetória daqueles que intentaram consolidar uma imprensa comunista em Minas Gerais. *O Lábaro* figurou, na década de 20, entre os primeiros jornais comunistas do Estado:

> *"(...) foi o semanário 'O Lábaro' editado na cidade de Leopoldina pelo comunista paraense professor Antônio Ferreira Cabaxulo, o qual teve curta duração de alguns meses apenas, pois em 1924, Ferreira Cabaxulo escreveu violento artigo contra o Presidente da República, sendo preso e teve seu jornal empastelado."*[65]

A vida da imprensa vermelha em Minas Gerais, como em quase todo o país, teve curta duração. Perseguida, devassada, varejada e destruída, não poucas vezes os investigadores das polícias políticas declararam a autoria do empastelamento da imprensa comunista e da apreensão do seu maquinário e dos seus exemplares, que bem poderiam revelar outras faces da

---

[64]. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de de 1958. p. 5-6, pasta: 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

[65]. Idem. p. 4-10.
Como não foi possível acessar tal jornal, registra-se aqui a dúvida sobre o caráter comunista do mesmo, pois não poucos jornais foram assim alcunhados pela polícia política tão somente por terem uma visão mais crítica da realidade social.

história comunista, principalmente em Uberlândia, onde ainda existe muita nebulosidade em torno dessa história.

Não poucas vezes efêmera, a imprensa vermelha circulou precariamente em várias cidades mineiras e em muitas situações não restaram aos comunistas outros recursos progandísticos e informativos senão os panfletos, boletins, jornais mimeografados etc. – grande parte deles apreendidos/destruídos pela polícia política mineira, nas diligências ocorridas tanto nas casas dos militantes, quanto nas sedes das organizações comunistas. Em 1948, época em que foram planejados os congressos das ligas camponesas de Uberlândia e região, os policiais declararam a apreensão de um mimeógrafo e de outros materiais utilizados para a confecção da propaganda comunista, que estavam escondidos sob as touças de um matagal da região campesina de Canápolis-MG.

Não se teve notícias da existência prolongada de jornais comunistas em Uberlândia antes da década de 40. *O Povo*, autoproclamado um órgão dos interesses proletários, parece ter sido, nos anos 30, o que mais se aproximou da tentativa de preconização das idéias da Aliança Nacional Libertadora. A partir de meados de 1945 e durante quase todo o ano de 1946, *O Estado de Goiaz* transformou-se em órgão comunista e foi um dos empreendimentos mais duradouros da imprensa comunista em Uberlândia, tendo contribuído, para isso, a euforia democrática do pós-guerra e as diretrizes políticas do PCB que empunharam o programa da União Nacional, cujo lema era lutar, dentro da ordem, por uma solução pacífica para os problemas nacionais. Estes fatores, de certa maneira, mantiveram a tolerância policial em relação ao caráter inflamado das publicações do referido jornal. Nesse período, circulou também o jornal *Tribuna Popular*, que manteve uma sucursal em Uberlândia. Em 14 de dezembro de 1946,[66] foi instalado o jornal *"Voz do Povo"*, que, por um tempo, divulgou as atividades dos comunistas em Uberlândia. Todavia, o referido órgão comunista foi empastelado pela DOPS-MG e, em decorrência disso, pouco se sabe

---

[66]. Além dos registros das polícias políticas, o jornal *Reporter* divulgou a instalação do órgão oficial comunista *Voz do Povo*: *"(...) periódico que tem como programa a defesa do Partido Comunista. Em seu primeiro número traz variado texto dentro da diretriz que se traçou, e tem como diretor e gerente o sr. Adib Chueiri"*. Cf. "Voz do Povo". O Reporter. Uberlândia. 21/12/1946, Ano 13, n.° 941, p.2, c. 2.

sobre o seu percurso histórico, visto que poucos exemplares foram resgatados, alguns deles referentes ao ano de 1948.

Durante a gestão dos vereadores comunistas no Legislativo Municipal, circulou o *"Boletim dos Vereadores"*, um intento idealizado por José Virgílio Mineiro e liderado por Roberto Margonari, que visava publicar as atividades dos vereadores comunistas na Câmara Municipal, no período compreendido entre 1947 a 1950.[67] Na gestão seguinte (1951 a 1954), Roberto Margonari tentou reeditar o *Boletim dos Vereadores*, mas, como será visto adiante, sua iniciativa foi obstada pelas polêmicas e pressões geradas no Legislativo Municipal. Além dos periódicos já referenciados, foram constatadas as presenças de mais dois órgãos comunistas na cidade: a sucursal do *Jornal do Povo*, de Belo Horizonte, da qual, segundo relatório do DEOPS-SP, a *"chefe do movimento feminino"*, Irma Gouveia de Paiva Resende, era agente, e, por último, o jornal *"Tribuna do Povo"*, fundado em maio de 1951, sob a direção de Alcides Simão Helou, que, como os outros periódicos comunistas, teve vida curta e foi empastelado pela Delegacia Especializada da Ordem Pública (DEOP) de Minas Gerais.

As certidões emitidas pela DEOP-MG mencionaram, também, a existência, em agosto de 1954, de outro órgão da imprensa vermelha uberlandense, cognominado ora *Folha Popular*, ora *Folha do Povo*.[68] Todavia, apesar da expressiva quantidade de órgãos comunistas instalados nessa cidade, não foi possível resgatar, à exceção d'*O Estado de Goiaz*, senão fragmentos de uns e alguns exemplares de outros.

Além da pesquisa realizada nos arquivos públicos anteriormente citados, foram investigados os acervos particulares de Joaquim Ferreira, Olívia Calábria e Roberto Margonari (cedidos por Maria Rosa Margonari e Marlene Margonari), os quais permitiram a reprodução de uma parte dos documentos. Houve também o empenho de acessar o acervo particular do jornalista José Ayube, mas em vão.

---

[67]. Os vereadores tomaram posse e começaram a realizar seus trabalhos em 03 de dezembro de 1947.

[68]. Delegacia Especializada da Ordem Pública do Estado de Minas Gerais. Certidão de Salim Suaid. Pasta 50-H-84-1490; Certidão: Felício Delucia Neto. Pasta 50-H-84-1515. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

A parte mais significativa dos documentos relativos à atuação dos comunistas na década de 1940 estava sob a guarda do ex-militante Joaquim Ferreira. Em entrevista, ele relatou que dois caixotes de documentos foram queimados; umas caixas desapareceram e outras se degeneraram sob ação dos ácaros e das traças. Esses documentos, segundo o depoente, foram guardados no paiol do seu sítio,[69] local sem nenhuma proteção contra a poeira, a umidade e as intempéries do tempo. O resultado foi o quase desaparecimento de todos os documentos que estavam sob a sua tutela.

À exceção da história que se inscreveu n'*O Estado de Goiaz* e em alguns documentos produzidos pelas polícias políticas e pelos comunistas, o testemunho de Joaquim Ferreira desvela ainda outras histórias dos camponeses comunistas que não puderam ser resgatadas, neste trabalho, ao revelar que a Liga Camponesa de Sobradinho, com toda sua história inscrita em diversos documentos lá guardados, foi destruída e incendiada pela polícia.

Outras experiências comunistas que não puderam ser registradas, neste trabalho, em conformidade com seu recorte temporal, revelam-se no depoimento da militante do PCB, Olívia Calábria,[70] uma das guardiãs da memória comunista local, por assim dizer. Em seus relatos, constatou-se que os documentos (cartas, panfletos, jornais, livros etc.) guardados sob sua tutela, referiam-se à história recente do PCB, nos anos 80.[71] No acervo de Olívia Calábria, portanto, não foram encontrados documentos relativos à existência do partido nos 40, 50 e 60. Segundo seus relatos, não houve empenho em guardá-los pelos temores da polícia – que em tempos de suspensão das liberdades individuais, costumava invadir as casas, inclusive a dela, em busca das

---

69. Localizado em Sobradinho, no município de Uberlândia.

70. A história de Olívia Calábria com o comunismo começou desde os anos 30, quando, ao ser notada pelo seu procedimento politizado, pelas suas conversas, foi contatada pelos jovens da Juventude Comunista que a ofertavam livros marxistas. Apesar de se manter afinada com o comunismo, desde a década de 1930, filiou-se ao PCB na época de sua fundação em 1945. A partir desse momento, passou a lutar em defesa da causa comunista, ainda em nossos dias. Visitou a Rússia e lá permaneceu durante período de 1955 a 1957. Ela estudou Filosofia, História e outras matérias num colégio, onde militantes de diversos lugares do Brasil também foram estudar. Cf. Entrevista realizada em janeiro de 1994.

71. Conforme Olívia Calábria, a documentação do partido (fichários, pautas e atas das reuniões, fotografias, jornais, panfletos, etc.), estava guardada provisoriamente na casa de outro militante, José Maria (já falecido) porque, naquele momento, o partido estava sem sede. Contudo, não foi possível acessá-los, apesar dos esforços empenhados nessa busca. Cf. Entrevista realizada em junho de 1991.

provas do crime político – também porque não se deu a devida importância ao arquivamento da *"papelada velha"*.

Outras faces da história da história dos comunistas que não pôde ser resgatada se revelam nos depoimentos de Maria Rosa Margonari e Marlene Margonari,[72] que relataram como Roberto Margonari, em tempos de repressão, teve que jogar na cisterna, e outras vezes enterrar e/ou incinerar, valiosos documentos relativos às atividades comunistas nesse município. Como se vê, os depoimentos dos referidos militantes e de seus parentes, desnudaram a maneira como uma parte dos registros históricos se perderam, diminuindo, assim, as possibilidades de alargar a história da presença comunista em Uberlândia.

Além das fontes citadas, foram pesquisados diversos jornais existentes em Uberlândia, no decurso do período recortado. Porém, uma das dificuldades encontradas na arregimentação dos registros sobre os comunistas, concerniu à periodicidade, à descontinuidade das publicações, às representações político-partidárias imprimidas nas informações e a outros aspectos que devem ser observados ao utilizar fontes como a imprensa.[73] Desse modo, a sistematização e a análise dos dados dos jornais possibilitaram observar a maneira como discursos anticomunistas, ao denunciarem o caráter subversivo e selvático do comunismo, revelaram sua contraface: as experiências comunistas.

No que concerne às fontes em que os comunistas não puderam *"falar por si"*, tais como a imprensa local e os documentos das polícias políticas, intentou-se uma reconstituição histórica a *"contrapelo"*, como diria Walter Benjamin,[74] recompondo, muitas vezes pela visão dos outros, nuances das experiências comunistas no meio de diversos segmentos sociais uberlandenses.

---

[72]. Marlene Margonari é filha de Roberto Margonari.

[73]. Foram constatados nos documentos investigados, mudanças ortográficas, utilização de palavras em desuso e erros gramaticais. Alguns desses problemas podem ser decorrentes da precariedade dos maquinários tipográficos da época e da maneira como os articulistas estavam habituados a escrever e/ou da ausência de padrão profissional de redação jornalística. Sendo assim, optou-se por fazer uma atualização ortográfica em todas as citações constantes deste texto, preservando, no entanto, a ortografia original dos nomes próprios, dos títulos de periódicos e livros, da denominação de alguns lugares, etc. Em razão disso, não será utilizado o código sic para indicar a verificação de erro.

[74]. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. v. 1. p. 225

Em que pesem as contribuições de todas as fontes escritas e orais anteriormente citadas, o jornal *O Estado de Goiaz*, de 1945/1946, pode ser avaliado como um grande legado à história comunista local. Fundado em Pires do Rio-GO, no ano de 1932, pelo jornalista José Ayube,[75] o referido periódico foi transferido, em 1934, para Uberlândia. Embora não haja, nos artigos do jornal editados até, pelo menos 1940, manifestações de simpatia ao ideário comunista, o relatório do DEOPS-SP afirmou que José Ayube *"viera corrido devido as suas manifestações vermelhas quanto ao governo* [de Goiás] *da ocasião."* [76] De 1934 a 1941, as publicações do jornal mantiveram, por assim dizer, um caráter liberal. Em 1935, ao divulgar o comício promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), o jornal demonstrou simpatia pelas manifestações da ANL, mas, nesse período, não foram constatados artigos que pudessem definir um alinhamento político de sua orientação/ação jornalística com o comunismo. Ao contrário, nos últimos anos da década de 1930, o referido periódico publicou artigos anticomunistas marcadamente hostis, como quase todos os que eram veiculados na época.

Todavia, voluntariamente ou não, nos duros anos do governo Vargas, as tendências ideológicas do periódico quase não diferiam dos outros órgãos jornalísticos locais, que ampliaram as bases de apoio do governo ditatorial varguista. A partir de 1937, observa-se, no referido jornal,

---

[75]. A morte de José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/01/1945, ano 13, n.° 1030, p. 1, c. 1-6.
Nessa edição foram publicados os dados biográficos de José Ayube, conforme a seguinte transcrição:
"Nasceu em 1.° de Janeiro de 1904 na cidade goiana de Catalão. Fundou, em 1921, na cidade de Catalão, em companhia de Abrahão Isaac Neto o jornal humorístico 'O Estrondo'. A crítica mordaz daquele órgão contra as deficiências daquele meio valeu-lhe sérios aborrecimentos. Mudou-se para Anhanguera, onde fundou um jornal e como não tinha aparelhamento algum fazia-o manuscrito. Posteriormente, em 1928, fundou, juntamente com Acácio de Faria, o jornal 'O Cumari', naquele distrito. Nesta ocasião, já Ayube conhecia melhor os problemas do povo e os defendia numa combatividade sem precedentes angariando com isto diversos desafetos e uma grande popularidade. (...) foi à Goiandira e já novamente com Abrahão Isaac Neto como companheiro fundaram o 'Sul de Goiaz' (...) Sustentou nas colunas do 'Sul de Goiaz' memoráveis campanhas cívicas, sempre à frente dos legítimos interesses do povo acabou ficando numa situação insustentável e mudou-se para Pires do Rio depois de ter sido preso. Em Pires do Rio fundou o atual jornal independente 'O Estado de Goiaz'. Escrevendo com o mesmo desassombro, sempre à frente dos interesses populares e justos, nunca recuando do seus propósitos de servir os menos desfavorecidos da fortuna. Perseguido por elementos locais nocivos aos interesses coletivos, foi forçado em 1934 a mudar-se para Uberlândia.(,,,) Sempre na defesa dos interesses do povo José Ayube com a independência que o caracterizava do mesmo modo que censurava os atos que lhe pareciam desarcertados, também sabia prestigiar os que reconhecia úteis à coletividade. Foi agindo dentro desta norma e sem dela se afastar é que ele combatia e defendia as correntes políticas de sua época. Na luta contra o fascismo ele foi intransigente, irredutível e irreconciliável."

[76]. Relatório do Departamento de Ordem Social e Política do Estado de São Paulo. Considerações sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 6, pasta 50-H-85-1738. Arquivo do Estado de São Paulo.
A não ser a possibilidade de utilização do maquinário do jornal *O Estado de Goiaz* para produção de material propagandístico, não foram verificados registros que pudessem caracterizar o jornal como arauto comunista e revelar de integração José Ayube ao núcleo comunista da época.

a intensificação das campanhas pela industrialização da cidade e pela melhoria e ampliação das malhas rodoviárias e das condições dos transportes.

No período compreendido entre 1942 a 1944, época em que começa a ser delineado o movimento pela democratização do país (e, menos enfaticamente, em 1940/1941), *O Estado de Goiaz* passou a veicular, com mais freqüência, artigos denunciando o fascismo, a carestia, a miséria social e a penúria das classes pobres. Divulgou também campanhas em defesa da anistia dos presos políticos, inclusive em favor de Luiz Carlos Prestes.

Com o fim do Estado Novo, em outubro de 1945 e, em decorrência, com o processo de instauração do regime liberal-democrático, que se consolidou com a Constituição de 1946, o jornal, que já vinha, desde o início de 1945, aderindo à linha política do PCB, tornou-se arauto dos comunistas. O percurso das afinidades políticas do periódico com o partido podem ser observadas desde janeiro de 1945, especialmente na ocasião da morte de José Ayube – o *"jornalista do povo"*, termo utilizado pelos comunistas. Nesse momento, foi registrada no periódico a comoção popular ocorrida em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro e de Goiás e os discursos que enfatizavam a luta do referido jornalista em defesa dos interesses populares, *"dos desprotegidos, dos humildes, dos perseguidos"*.[77] Sensibilizado, o médico comunista José Virgílio Mineiro, nessa ocasião, também manifestou sua indignação com a morte de José Ayube e, principalmente, com o fato de o monsenhor Eduardo Santos ter-se recusado a rezar uma missa *"em favor da alma"* do jornalista, porque comunista.[78] No final do mês de

---

[77]. A morte de José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/01/1945, ano 13, n.° 1030, p. 1, c. 1-6.
Na noite de 3 de janeiro de 1945 José Ayube e seus amigos percorriam uma das avenidas de Goiânia, quando um caminhão o atropelou fatalmente. O corpo do *"heróico soldado da imprensa nacional"*, no dizer de Edmundo F. Costa, foi encaminhado para Uberlândia, onde *"centenas"* de pessoas consternadas o cortejaram. As autoridades municipais, os representantes de classes e o povo prestaram homenagens ao *"jornalista do povo"*. Foram verificadas no jornal suspeitas de assassinato, mas não houve registro das comprovações do assassínio.

[78]. A morte de José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/01/1945, ano 13, n.° 1031, p. 1, c. 1-6.
Trechos da carta de José Virgílio Mineiro ao monsenhor Eduardo Santos: *"Concordo com v. revma. Que José Ayube, desde que o conheci, nunca fora católico e que tenha mesmo discordado ou combatido, em artigos seus, certos pontos desta doutrina. Era, portanto, dentro do ponto de vista católico, um pecador e sua alma necessita de perdão e complacência, ternura e amor.*
Mas o que tocou minha sensibilidade e que motivou este apelo que faço ao seu coração que sempre considerei bondoso é que José Ayube deixou uma mãe e irmãos católicos apostólicos romanos. (...) Devemos nortear, no momento angustioso atual, os nossos atos no sentido da verdadeira caridade – o princípio universal de solidariedade humana. Sem ela continuarão as lutas raciais, políticas e religiosas e todo esforço gigantesco e sacrifício sobre-humano desta guerra resultariam inúteis para a humanidade."

janeiro, outros discursos procuraram ressaltar a combatividade de José Ayube, denominado o *"jornalista da democracia"*, que o fez diminuir seus recursos financeiros e sacrificar sua saúde e liberdade, ao afrontar, com palavras, os poderosos.[79]

De janeiro a junho de 1945, *O Estado de Goiaz* passou a divulgar os discursos dos comunistas e as notícias de suas atividades. A partir de julho, a orientação jornalística do periódico rumo ao comunismo tomou fôlego e delineou sua afinidade com as diretrizes comunistas. Durante quase todo o ano de 1946, o referido jornal se tornou, francamente, um órgão do Partido Comunista Brasileiro em Uberlândia e fez também a cobertura jornalística parcial de outros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. No final de novembro de 1946, *O Estado de Goiaz* foi transferido de Uberlândia para Goiânia, onde se manteve como arauto do PCB, pelo menos até 1948 – época em que a polícia perseguiu o referido jornal e apreendeu os exemplares que divulgaram os discursos de Luiz Carlos Prestes. A mudança do órgão comunista para Goiânia, conforme as declarações de Durval Pereira, membro do partido, foi resultado das decisões do II Pleno Ampliado do Comitê Estadual do PCB em Goiás, bem como do entendimento havido entre o emissários do PCB de Goiânia e o proprietário do periódico, Abrahão Isaac Neto.

Por meio do estudo desse jornal, que se mostrou eivado de sensacionalismos e táticas de mobilização da população e dos comunistas, a fim de animar as lutas e o processo de organização dos comunistas no cenário local, foi possível apreender registros significativos das experiências comunistas em Uberlândia. *O Estado de Goiaz* que em tempo de ditadura divulgava e apoiava as idéias e as ações do governo Vargas, principalmente as concernentes à política trabalhista, embeveceu-se dos ares de liberdade emanados da abertura liberal democrática pós-

---

[79]. A morte de José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/01/1945, ano 13, n.° 1035, p. 1, c. 1-6.
Acácio de Faria fez as seguintes considerações sobre o falecido jornalista: *"José Ayube, esse nome de batalhador incansável, intemerato e audacioso ecoa hoje, de boca em boca, com expressiva admiração, como um símbolo, em todo o Brasil Central. Esse nome que surgiu para o sacrifício, para o desmoronamento de todas as Bastilhas, parece-me herdou o espírito de luta de algum gênio de todas as revoluções sociais."*
Em que pesem as referências à combatividade de José Ayube – por vezes, associadas ao comunismo – não foram constatados registros de sua atuação comunista. Segundo o jornalista Pedro da Silveira, José Ayube trabalhou pela legalização do partido, sonhou e lutou pela instalação dos seus comitês em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. Cf. Discurso do jornalista Pedro Silveira. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, n.° 1094, p. 1. c. 1-6.

1945 e se tornou o mais combativo órgão de imprensa da cidade, que teve como diretor-proprietário Abrahão Isaac Neto, e como diretor-gerente, Pedro Jonas. Escreveram para o jornal os seguintes comunistas: José Virgílio Mineiro (médico), Elson Costa (motorista), João Jorge Coury (engenheiro-arquiteto), Henckmar Borges (professor), Nelson Cupertino (professor), Joaquim Ferreira (camponês), Adib Chueiri (jornalista),[80] José Fonseca Palhares (dentista), Jonas Ayube (médico), Zecchi Abrahão (advogado), Afrânio Francisco Azevedo (fazendeiro) e outros.

A proposta de reconstituir a atuação dos comunistas junto aos trabalhadores e a outros grupos sociais dessa cidade, suas experiências de trabalho, luta e vida, tropeçou em dificuldades relativas não somente ao resgate de fontes históricas, mas aos atos mesmos de urdir, com os dados obtidos, uma história tecida, em diversas passagens, com as linhas da clandestinidade, da repressão, do medo e do terror. Mediante essa problemática e a das fontes, procurou-se então observar tanto nas falas dos outros quanto nos dizeres dos comunistas, as experiências vividas pelos comunistas de Uberlândia, apreendendo seus momentos de luta, dentro da ordem ou não, que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a edificação do mundo social uberlandense.

"Flores do mal" na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945-1954", [81] portanto, buscou apreender a atuação dos comunistas em Uberlândia, muitos

---

[80]. A revista *Uberlândia Ilustrada*, em uma pequena nota, mencionou a popularidade de Adib Chueiri, *que inaugurou o 'micro' da PCR-6"*, e, sem especificar os motivos, noticiou o afastamento do locutor da referida emissora de rádio. Cf. PCR-6. Revista *Uberlândia Ilustrada*. Uberlândia. Ano 1, n.° 5 p. 25, jun. 1940. Talvez um dos motivos tivesse sido sua afinidade com o comunismo, pois, após a fundação do PCB, Adib Chueiri se destacou como apresentador/animador nos comícios realizados pelos comunistas.

[81]. Segundo Lycidio Paes, cidade jardim é uma designação inventada por um repórter, *"pouco siso"*, da revista *Noite Ilustrada*, que esteve em Uberlândia, nos tempos do governo ditatorial de Getúlio Vargas, a fim de coletar dados para uma propaganda da cidade – que seria veiculada no referido periódico, sob a encomenda (financeiramente onerosa) da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Mas Lycidio Paes sugere, em seu artigo, que o epíteto criado pelo repórter falava mais que a realidade de Uberlândia. Cf. PAES, Lycidio. Correio de Uberlândia. Uberlândia. 20/03/1970, ano 34, p.6, c. 1-8.

Em 1951, *O Reporter*, embarcando no discurso grandiloqüente da beleza, da ordem e progresso veiculados na época, gabava-se da denominação cidade Jardim, atribuída a Uberlândia:

"É uma impressão verdadeiramente notável a um viajante que aqui chega deparar com uma cidade limpa e bela, enfeitada por numerosos e grandes jardins. Essa impressão ele a conservará ou antes a aumentará cada vez mais , quanto mais fundo conhecer Uberlândia, pois não existe aqui superficialidade ou hipocrisia. O que Uberlândia aparenta ser ela é na realidade. Uma cidade esteio de Minas; uma cidade que sabe honrar seu nome e mais uma cidade que faz jus ao epíteto que espontaneamente lhe foi dado por um poeta, ou mesmo um crítico". Cf. Cidade Jardim. O Reporter. Uberlândia, 19/10/1951, ano 18, n.° 1393, p. 2, c. 1-2.

Ver também: PAES, L. Cidade Jardim. O Reporter. Uberlândia, 27/02/1959.

deles indelevelmente marcados pela repressão policial, mas também pela persistência deles em continuarem regando as flores vermelhas do comunismo na cultura política dessa cidade.

O capítulo I, **Caminhos do mal: temores do comunismo**, recompõe um breve histórico do processo de desenvolvimento de Uberlândia, possibilitando ao leitor uma noção do cenário social da atuação comunista reconstituída ao longo do trabalho: os projetos de desenvolvimento, as bases econômicas e as principais atividades da população. Em seguida, reconstituem-se as visões de comunismo propagadas pela imprensa na década de 1910 e de 1920, bem como a recepção do ideário comunista na sociedade uberlandense. Como em tantas cidades no Brasil, e mesmo no mundo, os ideais comunistas não aportaram em Uberlândia tranqüilamente, pois, conforme os registros históricos, as classes dirigentes e seus arautos, principalmente a imprensa, investiram contra os intentos de enraizamento do comunismo na cultura política local.

O capítulo II, **Comunismo na contraface do anticomunismo**, recupera parcialmente os discursos anticomunistas propagados nos jornais locais, na década de 1930, os quais, sob diversos aspectos, intentaram provocar no medo coletivo do comunismo. Na contraface, foram reconstituídos alguns fragmentos da história da chamada geração comunista de 30. Segundo os depoimentos obtidos e os relatórios policiais, nessa época, os comunistas encontraram um significativo espaço de atuação política nas instituições educacionais. Em que pesem as investidas anticomunistas, que, em muitas passagens dessa história, tentaram proscrever irremediavelmente não só a memória comunista mas os próprios comunistas do *"fazer-se"* dessa sociedade, foram recompostas as primeiras tentativas de formação de um núcleo de comunistas em Uberlândia e a preparação do chão político onde o comunismo fincou as suas raízes.

O capítulo III, ***Rubras estrelas* na constelação da ordem e do progresso**, reconstitui algumas experiências concretas dos comunistas em Uberlândia: a luta comunista em defesa do programa de União Nacional e a campanha eleitoral dos *"candidatos do povo"* no pós-guerra, a fundação dos comitês do PCB nas chamadas *"cidades fundamentais"* do Triângulo Mineiro e a formação dos comitês populares.

No capítulo IV, **Camponeses sob o manto do comunismo: terra, trabalho, dignidade...** ***e o céu também,*** resgata parte do processo de organização e luta das ligas camponesas de 1946 e a mobilização dos trabalhadores rurais na luta pela democratização do país no pós-guerra e pela conquista dos seus interesses.

O capítulo V, ***Vereadores de Prestes*** **nos espaços da política, em tempo de** ***caça às bruxas***, recompõe a atuação dos parlamentares comunistas na Câmara Municipal de Uberlândia, enfocando, especialmente, a participação desses vereadores nos assuntos políticos e administrativos locais.

Ao final, o capítulo VI, **Bandeiras vermelhas: pão, paz e liberdade** reconstitui as manifestações comunistas em defesa de melhores condições de trabalho e vida nos primeiros anos da década de 1950, momento em que o PCB redimensiona suas diretrizes políticas, pautadas no Manifesto de Agosto de 1950, e adota uma ação mais radicalizada contra os *"latifundiários"*, sob o lema da distribuição das terras para os camponeses despossuídos e contra a carestia de; intenta promover o armamento dos comunistas na região, com o objetivo de constituir o Exército Popular de Libertação Nacional e atua no movimento separatista pela criação do Estado do Triângulo. Por fim, são apresentados os dados das eleições de 1954 que indicam o declínio eleitoral do PCB em Uberlândia.

CAPÍTULO I

CAMINHOS DO MAL: TEMORES DO COMUNISMO

1. Nos domínios do progresso: epopéia desenvolvimentista de Uberlândia

As obras realizadas nos tempos de São Pedro de Uberabinha,[82] que era apenas uma *"currutela"* pouco produtiva, passaram à história de Uberlândia como uma manifestação do *"espírito bandeirante"*, do caráter aguerrido das ações das classes dirigentes dessa cidade.[83] Uma história composta de homens *"visionários"* e empreendedores que, segundo os memorialistas locais e a imprensa, apostaram veementemente nas possibilidades de concretização do sonho metropolitano uberlandense. Esses homens *"visionários"* aparecem, nos registros pesquisados, como aqueles que fizeram história e, por isso, ficaram na história. Em algumas páginas dos jornais locais, os empresários uberlandenses são adjetivados como *"yankees"*[84] e *"bandeirantes"*. Os portadores do espírito empreendedor dos americanos e dos paulistas transfiguravam os principais responsáveis pela tarefa de fazer Uberlândia cumprir o destino de tornar-se uma potência regional. Nas considerações de parte da literatura local, as classes dirigentes não poderiam ter-se inspirado em melhores espíritos, visto que o Estado de São Paulo era uma prova

---

[82]. A Freguesia de São Pedro de Uberabinha foi elevada à categoria de Vila em 7 de junho de 1888 e à categpria de município em 31 de agosto de 1888, com sede da Comarca instalada em 25 de janeiro de 1892. Após diversas sugestões e discussões acerca da denominação da cidade, o município foi denominado Uberlândia em 9 de outubro de 1929. Cf. PEZZUTI, Pedro et al. Op. cit. p. 9.

[83]. SILVA, Antônio Pereira. ACIUB – 50 anos trabalhando com amor. ACIUB em Revista. Edição extra. Uberlândia : Gráfica Sabe, 1985. p. 17.

[84]. Nas edições comemorativas de seu aniversário, como em outras situações, o jornal *O Reporter* costumava destacar as iniciativas dos empresários uberlandenses, os portadores do espírito empreendedor *"yankee"*. Cf. Armazéns Morais – a modelar organização é um índice da operosidade uberlandense. O Reporter. Uberlândia. 23/05/1937, ano 4, n.° 168, p. 1, c. 1-4; Raízes do progresso paulista. O Reporter. Uberlândia. 20/08/1955, ano 20, n.° 2323, p. 2, c. 2-5.

eloqüente do progresso avidamente sonhado pela sociedade uberlandense.[85] Por isso, em algumas passagens da história local, como a reconstituída por Antônio Pereira da Silva, foi o *"espírito bandeirante"* do povo paulista que se invocou para adjetivar as idéias e as ações que conduziram a edificação do tão sonhado projeto de desenvolvimento do município. Na obra de Antônio Pereira da Silva e nos discursos veiculados pela imprensa, os uberlandenses afiguram-se lutadores e vitoriosos no processo de construção da *"grandiosa"* obra do progresso.

Ao deslocar esse discurso para o contexto paulista de construção de um projeto social para a nação, reconstituído por Maria Helena Capelato, podem-se entrever algumas confluências de idéias presentes nos polêmicos debates acerca da superioridade do povo de São Paulo e da sua missão de contribuir para edificar o Brasil como uma grande potência. Testificada a supremacia de São Paulo sobre a nação brasileira, ao seu povo estava reservada a missão de comandar o processo de transformação do Brasil em uma grande potência comparada aos Estados Unidos.[86] Mas, por que aspirar um projeto social como o que fora construído pelos norte-americanos? Pelo fato de, na perspectiva dos discursos analisados pela autora, os EUA representarem o progresso, a riqueza, o trabalho, a prosperidade, a liberdade, o direito civil, a felicidade social... Seu povo era visto como herói e seus empresários como os portadores de um bravo *"espírito guerreiro"*.[87] Era com base nessas representações da cultura política norte-americana que paulistas como Mesquita Filho, apesar das controvérsias, intentaram idealizar um projeto social para a nação brasileira. Somente São Paulo, porque composto de bravos homens, lutadores e vitoriosos, poderia fazer o Brasil cumprir sua vocação de *"grande potência"*.

Menos enfaticamente, a imprensa local, em algumas passagens, invocou os espíritos *"yankee"* e *"bandeirante"*, incorporando-os no empresariado, para nortear, com suas idéias e

---

[85]. Os jornais locais demonstraram sua admiração pelo Estado de São Paulo, imprimindo elogiosas menções à realização de seus projetos de desenvolvimento e ufanando os empreendimentos do *"Estado do progresso"*.

[86]. CAPELATO, Maria Helena. Os arautos do liberalismo; imprensa paulista – 1920-1945. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989. p. 30-41.
Conforme a autora, a valorização da nação norte-americana como modelo a ser seguido não era uma originalidade de Mesquita Filho, mas remontava às idéias constantes de teses defendidas pelos autores latino-americanos no século XIX.

[87]. Idem. p. 34-39.

valores, a edificação da sociedade uberlandense. A exemplo do povo paulista que, como indicou Mesquita Filho, inspirava-se nos destemidos e vitoriosos lutadores bandeirantes, nos prósperos e aguerridos *"saxões"*, os uberlandenses, conforme os discursos veiculados pelo jornal *O Reporter*, inspiravam-se no *"espírito guerreiro"* dos paulistas e dos *"yankees"*. Com signos supremos como esses, a imprensa intentava perpetuar a vocação e os valores legados pelos bandeirantes que desbravaram o território de Uberlândia, propiciando a realização das obras do progresso.

Sob a perspectiva histórica das classes dominantes, todas as grandes etapas de desenvolvimento do município foram atravessadas pelas suas ações, que se inspiraram no *"espírito bandeirante"* dos paulistas, os desbravadores dessa região.

Como será visto adiante, o prolongamento da Estrada de Ferro Mogiana, a construção da ponte Afonso e a malha rodoviária da Companhia Mineira de Auto-Viação constituíram o que o historiador local, Antônio Pereira da Silva, designou *"tripé do desenvolvimento"* do município de Uberlândia. Além dessas obras, as melhorias infra-estruturais da cidade e os investimentos comerciais e industriais começaram a se ampliar no segundo decênio deste século, principiando, com isso, as investidas das classes dirigentes na concretização dos projetos de desenvolvimento de Uberlândia.

1.1. Breve percurso histórico de Uberlândia

Geograficamente bem situada, Uberlândia constituiu-se em um núcleo estratégico de convergência das estradas vicinais que faziam conexão entre Estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso.[88] Face a essas condições, o município foi beneficiado quando, em 1895, açambarcou o prolongamento da Estrada de Ferro Mogiana que se estendia até Catalão-GO.[89] Nessa época, o

---

[88]. MACEDO, Alfredo de Freitas. Empório. In: Cincoentenario - Uberlandia, 1888-1938. Uberlândia, Officinas Graphicas da Livraria Pavan, 1938. p.3.

[89]. Segundo Radolph Jacobs, no final do século XIX, houve um significativo aumento da população do Estado de São Paulo. Entre 1890 e 1920, período em que chegou no Brasil cerca de um milhão de imigrantes para o trabalho nas atividades cafeeiras, os indicadores da cidade de São Paulo aumentaram de 65 mil para 579 mil habitantes. Nesse contexto, a demanda por alimentos aumentou e, por isso, o Estado paulista ampliar suas importações de gêneros alimentícios de primeira necessidade (arroz, milho, feijão, etc), estabelecendo relações inter-regionais de comércio, principalmente com o Triângulo Mineiro. Em decorrência da necessidade de ampliar as vias de comunicação e transporte entre as regiões fornecedoras de alimentos, projetou-se a extensão da Estrada de Ferro

município possuía 11.856 habitantes e 77 estabelecimentos comerciais. Comparados aos de outras cidades da região, esses indicadores demonstram o incipiente processo de urbanização e de estruturação econômica de Uberlândia, conforme o quadro que se segue:

Tabela 1

POPULAÇÃO E COMÉRCIO NO TRIÂNGULO MINEIRO, CENSO DE 1890		
CIDADE	POPULAÇÃO	UNIDADE COMERCIAIS
UBERABA	20.818	168
ARAXÁ	34.017	---
FRUTAL	9.470	28
MONTE ALEGRE	14.198	34
PATROCÍNIO	49.893	63
CARMO DO PARANAÍBA	25.056	46
ESTRELA DO SUL	18.071	52
PATOS DE MINAS	28.477	89
MONTE CARMELO	16.602	57
SACRAMENTO	15.531	93
ARAGUARI	10.633	83
UBERLÂNDIA	11.856	77
TOTAL	**254.622**	**790**

Fonte: JACOBS, Radolph. *Minas no século XX*. Apud FREITAS, P. S. R. e SAMPAIO, R. C. (Coord.). Op. cit. p. 26.

Nas primeiras duas décadas deste século, o desenvolvimento local foi provido com a construção, em 1909, da ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba conectando a região do Triângulo Mineiro ao Sudoeste de Goiás. Além dessas melhorias, a estruturação do transporte rodoviário, encampada pela Companhia Mineira de Auto Viação, em 1912, teria impulsionado a dinamização da economia desse município, que, naquele tempo, delineava o mercado abastecedor que viria a constituir o entreposto comercial do *"Interland Brasileiro"* – guarnecido, principalmente, de produtos agropecuários, alimentos e outros gêneros de primeira necessidade, intercomercializados pelos já citados Estados.

Mogiana até Catalão-GO. Mediante essa situação, as classes dirigentes locais empenharam esforços para que o traçado da malha ferroviária passasse pelo município de Uberlândia.
A esse respeito, ver: JACOBS, Radolph. Minas no século XX. Apud FREITAS, P. S. R. e SAMPAIO, R. C. (Coord.). Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (1940-1980). Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Economia, 1985. p.28; SILVA, Antônio Pereira. Op. cit. p. 5-21.

Conforme as fontes pesquisadas, desde os primeiros tempos, a distância entre as regiões que participavam do comércio que entrecortava o município não chegou a constituir-se em um entrave intransponível às operações comerciais, uma vez que os projetos de extensão do transporte ferroviário e, posteriormente, do rodoviário (precário no início deste século) se encarregaram do tráfego pesado das mercadorias. A tabela abaixo demonstra a capacidade de exportação de Uberlândia nos primeiros tempos da Estrada de Ferro Mogiana:

Tabela 2

EXPORTAÇÕES PELA ESTRADA DE FERRO MOGIANA EM 1907					
	CAFÉ	CEREAIS	AÇÚCAR	AGUARDENTE	FUMO
ARAGUARI	784	3.930.017	4.784	550	29.151
UBERABA	196.859	1.862.321	73.438	73.934	17.461
UBERLÂNDIA	2.987	1.649.715	8.511	25.975	12.440

Fonte: JACOBS, Radolph. Minas no século XX. Apud FREITAS, P. S. R. e SAMPAIO, R. C. (Coord.). Op. Cit. p. 29.

Embora os indicadores econômicos demonstrassem a predominância das atividades agropecuárias em Uberlândia, que, em relação a Uberaba e Araguari, apontavam índices inferiores de exportação dos produtos agrários, as classes dirigentes locais empenharam-se em propagar, desde o início deste século, as imagens do progresso e do desenvolvimento do município, o qual, segundo o discurso dominante, portava uma vocação uma vocação triunfal para o comércio.[90]

Conforme os dados estatísticos de 1920, a população de Uberlândia dobrou em relação aos índices do final do século XIX, mencionados anteriormente, passando a contar com 22.956 habitantes, dentre os quais foram constatados 2.414 eleitores inscritos. Havia 3.377 prédios urbanos e rurais e encontravam-se instaladas na cidade beneficiadoras de arroz e algodão, charqueadas, refinadoras de açúcar, olarias, curtumes, destilarias, serralherias, serrarias,

---

[90]. A Prefeitura Municipal de Uberlândia, por intermédio da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, tem propalado um plano que visa a projetar a cidade no cenário brasileiro como a *"Capital Nacional do Atacado"*. Cf. Uberlândia do Futuro - The Uberlândia of Tomorrow. Guia Turístico - Uberlândia: portal do cerrado. Uberlândia : Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, 1995. p. 32.

marcenarias, gráficas, oficinas mecânicas e diversos estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços. Dentre as incipientes indústrias de transformação que se estabeleciam na cidade, destacavam-se aquelas relativas à produção de alimentos. Os empresários locais que, naquela época, encamparam o beneficiamento de grãos, especialmente o arroz, elevaram os investimentos no setor, importaram máquinas sofisticadas e ampliaram a exportação de cereais no município. Em que pese a significância do desenvolvimento desses setores da economia, a agropecuária, nos anos 20, apresentou maiores índices de produção e era a principal atividade da população do município.[91]

Em meados dos anos 30, os indicadores agropecuários, comerciais e industriais, bem como o de serviços, evidenciaram um expressivo crescimento em relação aos do início deste século. Contudo, o recrudescimento urbano ainda era lento e sem grandes inovações. As bases econômicas do município foram incrementadas com estabelecimentos no ramo de diversões, de indústrias de transformação e de prestação de serviços.[92] Com cerca de 35.000 habitantes,[93] Uberlândia era palco de pequenos investimentos industriais que, aos poucos, consolidavam-se no seu cenário econômico. Segundo os dados obtidos, a maioria da população ativa continuava

---

[91]. Conforme os dados estimativos do Ministério da Agricultura de 1922/1923, o milho (6.600.000 Kg), o arroz (3.000.000 Kg), o feijão (600.000 Kg) e o algodão (225.000 Kg) representaram os gêneros agrícolas de maior produtividade. Na época, existiam 120 engenhos que se encarregavam da produção de aproximadamente 65.000 quilos de açúcar e de 400.000 litros de aguardente. O setor pecuário produzia cerca 60.000 cabeças de bovinos e 20.000 de suínos e pequenas criações de cavalos e carneiros. Cf. PEZZUTI, Pedro et al. Op. cit. p. 53.

[92]. Ver: TEIXEIRA, Tito. Op. cit. p. 84-85 e ARANTES, Jerônimo. Anuário de Uberlândia. Op. cit.

[93]. Não foi possível obter dados precisos sobre a população de Uberlândia, em 1936. Isso porque a imprensa registrou cerca de 37.000 habitantes e os indicadores do *Anuário de Uberlândia* se apresentaram controversos. Foi realizada apenas uma estimativa, comparando os dados obtidos com o *Censo Demográfico de 1940*, do IBGE, que registrou 42.179 habitantes.
Sobre os indicadores populacionais de 1936, compilados por Jerônimo Arantes, vide o quadro abaixo:

UBERLÂNDIA	QUANTIDADE DE HABITANTES
População da cidade	24.000
Sede	15.000
Distrito Sta. Maria	4.000
Distrito Martinópolis	6.000
TOTAL	**49.000**
N.° de habitações rurais	4.203
N.° de proprietários	9.798
N.° de habitantes rurais	34.000

Fonte: ARANTES, Jerônimo. Anuario de Uberlandia. Op. cit. p. 11.

empregada no setor agropecuário. Em menores índices, as indústrias de transformação, o comércio e o setor de serviços constituíam as principais atividades da população.

Na década de 1930, a imprensa começou a divulgar campanhas em defesa dos projetos de desenvolvimento industrial e de urbanização da cidade. Tais campanhas preconizavam, sobretudo, a necessidade de prover o município de eficazes e modernas redes infra-estruturais para comportar a industrialização que se acenava. Nos discursos da imprensa, Uberlândia afigurava-se uma cidade pujante, moderna, ordeira e progressista, entre outras adjetivos, prontificada a receber as mais complexas indústrias, as quais eram definidas como fator de desenvolvimento e progresso. Nas preconizações dos jornais pesquisados, a solidez de uma economia não podia alicerçar-se tão somente na agropecuária e no comércio, mas, principalmente, na indústria. Para isso, os discursos veiculados nas décadas de 30 a 50 pregavam, de modo geral, a necessidade de atrair, incentivar e fomentar todos os empreendimentos industriais, os quais, nas visões dos jornais, constituíam os sustentáculos de toda *"sociedade civilizada"* em qualquer lugar do mundo.

Dessa maneira, o processo de industrialização, em consonância com a conjuntura das relações capitalistas nacionais e internacionais, revelou-se, na imprensa, como a alavanca do desenvolvimento e do progresso da sociedade uberlandense. Além das poucas e incipientes indústrias que se estabeleciam paulatinamente na cidade, durante esse período, instalou-se, em 15 de outubro de 1933, a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia, propondo-se a lutar por soluções vitais na galvanização de iniciativas e recursos propulsionadores dos empreendimentos das chamadas classes produtoras do município.[94] A representante dos empresários urbanos e rurais designou-se então a guardiã do progresso da cidade e, sob suas diretrizes, os empreendedores urbanos e seus arautos reclamaram a necessidade de ampliar o setor industrial, que, na época, era composto, predominantemente, de indústrias de beneficiamento de alimentos e de produção de couros, peles e similares.[95]

---

[94]. Idealismos úteis. O Reporter. Uberlândia. 29/11/1936, ano 4, n.° 143, p.1, c. 1-4.
[95]. ARANTES, Jerônimo. Anuario de Uberlandia. Op. cit. p.13-30.

Na esteira do crescimento urbano, podem ser destacados os empreendimentos educacionais dos anos 30, que foram considerados como recursos complementares às exigências do projeto de industrialização emergente. Conforme os dados pesquisados, o quadro educacional do município no período entre 1934 e 1936 compunha-se de 1 Escola de Farmácia e Odontologia, 5 escolas estaduais; 22 escolas municipais rurais; 7 escolas municipais urbanas; 16 escolas particulares, sendo que 5 delas não estavam devidamente registradas. Em 1934, toda a rede de ensino matriculou 3.616 alunos e manteve 137 professores empregados. Dois anos depois, em 1936, houve um aumento significativo desse quadro: 4.168 alunos matriculados e 172 professores empregados. Dentre essas escolas, foi constatada a existência de um estabelecimento de ensino profissionalizante, a Academia de Comércio de Uberlândia, que tinha 12 professores e 134 alunos matriculados em 1936.[96] Como será visto adiante, os comunistas intentaram formar suas bases de atuação no ramo das atividades educacionais.

Além dos projetos de crescimento relacionados à educação, a ampliação e conservação das rodovias ligando Uberlândia aos centros dinâmicos da economia brasileira e às regiões geradoras de novos mercados constituiu, no final da década de 1930, uma das batalhas da Associação Comercial e Industrial e uma das contundentes reclamações da imprensa local.[97] Conforme *O Estado de Goiaz*, datado de 1938, a precariedade e a escassez de estradas comprometia desastrosamente as bases econômicas do município, então movidas, em essência, pelas atividades agropecuárias e comerciais, e repeliam os empreendimentos industriais. Segundo os periódicos, as rodovias poderiam garantir ao município a vanguarda das comercializações inter-regionais, a conquista de novos mercados e a dinamização do setor industrial.

Dentre os argumentos que, principalmente, a partir de 1938, compuseram as propagandas pela industrialização da cidade, podem ser destacados os seguintes: a

---

[96]. Conforme a propaganda da referida escola, o ensino profissionalizante para as pessoas *"não muito ricas"* poderia ser uma grande vantagem, pois era possível, no curso, conciliar os estudos com o trabalho ou outras atividades. Cf. Bar da Mineira. Uberlândia. 1936. (Acervo "Jerônimo Arantes". Arquivo Público Municipal).

[97]. As soluções dos nossos problemas. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 23/10/1938 ano 6, n.° 409, p.1, c. 1-4; Uberlândia e sua industrialização. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 27/10/1938, ano 6, n.° 410 p. 2. c. 1-6.

impossibilidade de embasar a economia *"eterna e unicamente"* no comércio e na agropecuária;[98] a fragilidade das pequenas indústrias existentes; a premente necessidade de diversificar e recrudescer o cenário econômico uberlandense; a construção de estradas que viabilizassem o transporte das matérias-primas e o escoamento dos produtos industrializados.

Nas considerações d'*O Estado de Goyaz*, a industrialização da cidade era uma questão de lógica, comprovada por *"farta documentação"*. Propalava o jornal que toda *"nação civilizada"* tinha como sustentáculo a indústria.[99] Em suas considerações, o aspirado projeto de industrialização além de diversificar e enriquecer as bases econômicas do município, representava uma opulenta atividade produtiva capaz de empregar amplos contingentes de trabalhadores. Simbolizava o aumento do poder aquisitivo da população, que, certamente, demandaria a criação de um extenso mercado consumidor, amparando não só o comércio mas também a agricultura e a pecuária, cujos produtos seriam transformados e beneficiados pela indústria. Assim, na perspectiva otimista do periódico, o projeto de industrialização consubstanciava a possibilidade de arrancar o município da era do atraso e fincá-lo implacavelmente na era do desenvolvimento, da modernidade. Operando com imagens do progresso e da riqueza, da prosperidade e do bem-estar social,[100] *O Estado de Goyaz* concitava o empresariado uberlandense a cumprir sua missão de se engajar na luta pela edificação do projeto de industrialização de Uberlândia. Todavia, apesar das campanhas que marcaram o final dos anos 30, não foi constatado um crescimento significativo dos investimentos industriais no município. Ainda prevaleciam como sustentáculos da economia as atividades ligadas à agropecuária, à prestação de serviços e ao comércio. Conforme o recenseamento geral de 1940, Uberlândia apresentava os seguintes dados relativos às atividades da população:

---

[98]. Do final da década de 30 a meados dos anos 40, os discursos em defesa da industrialização de Uberlândia denunciavam a fragilidade das bases econômicas da cidade: *"A opulência de uberlandense pode de uma hora para outra ser reduzida a limites imprevisíveis. E não representa o menor absurdo alimentarmos tais suposições. Há anos a Companhia Paulista de Estrada de Ferro ameaça saltar o Rio Grande, rasgar o solo triangulino e aprofundar-se por Goiás a dentro. (...) Somente Uberlândia será golpeada (...) seu comércio receberá uma bordoada que terá potência de sacudir toda a vitalidade que se observa atualmente (...) O futuro de Uberlândia reside, portanto, na sua industrialização."* Cf. A industrialização de Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia. 10/11/1945, ano 13, n.° 1116, p.4, c. 1-4.

[99]. Industrializemo-nos. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 15/09/1938, ano 6, n.° 400, p.1, c.1-4.

[100]. Industrialização e riqueza. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 26/06/1941, ano 9, n.° 668, p. 1, c. 3-4.

Tabela 3

POPULAÇÃO (PRESENTE) DO MUNICÍPIO	TOTAL 42.179	HOMENS 21.077	MULHERES 21.102
Quadro urbano e suburbano	22.123	-	-
Quadro rural	20.056	-	-
Pessoas (de 5 anos e mais instrução declarada) que sabem ler e escrever	18.293	9.887	8.406
Pessoas (de 5 anos e mais instrução declarada) que não sabem ler e escrever	17.594	8.042	9.552
PRINCIPAL ATIVIDADE	PESSOAS PRESENTES DE 10 ANOS E MAIS		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Agricultura, pecuária, silvicultura	7.345	7.205	140
Indústrias extrativas	139	139	-
Indústrias de transformação	1.955	1.900	55
Comércio de mercadorias	1.449	1.337	112
Comércio de imóveis e valores imobiliários, créditos, Seguros e capitalização	93	93	-
Transportes e comunicações	601	593	8
Administração pública, justiça, ensino público	192	126	66
Defesa nacional, Segurança pública	27	27	-
Profissões liberais, culto, ensino particular, administração privada	270	174	96
Serviços, atividades sociais	1.150	590	560
Atividades Domésticas, atividades escolares	14.461	1.576	12.885
Condições inativas, atividades não compreendidas nos demais ramos, condições ou atividades mal definidas ou não declaradas	2.412	1.220	1.192

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Conselho Nacional de Estatística. Censo demográfico de 1940. Minas Gerais. Uberlândia.

Como se vê na tabela acima, a população do município era absorvida predominantemente pelo setor agropecuário. Isso leva a uma melhor compreensão do programa de atuação do Partido Comunista Brasileiro nessa região, onde priorizou a organização e a luta dos camponeses no meio rural e realizou programas de alfabetização mediante o alto índice de pessoas que não sabiam ler e escrever.

Em 1942, o *Estado de Goyaz* propagou que o fim da *"era semi-colonial"* no país poderia advir com a implementação de medidas como a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, a nacionalização das indústrias de carne do Triângulo Mineiro e o financiamento da produção agropecuária. Preconizava o jornal que o regime estadonovista desencadeou o processo de desenvolvimento industrial e indicou os caminhos da modernização.[101] Alertava ainda que, até 1942, o Brasil ainda não havia conseguido superar a crise econômica de 1929. A sua economia continuava dependendo basicamente das exportações de produtos agrícolas, como o café, que,

[101]. Industrialização. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 11/01/1942, ano 10, n.° 722, p.1, c. 1-3.

naquela época, já não oferecia lucros vantajosos. Por isso, defendia a premente necessidade de concretizar um projeto industrializante que fortalecesse as bases econômicas do país.

Operando com imagens que contrapunham o moderno ao arcaico, a imprensa, de modo geral, propagava o discurso de que o colapso que assolara a economia de uma considerável parte do mundo atirou na cara do Brasil o seu detestável subdesenvolvimento: a inoperância de sua economia; o inaproveitamento de suas formas de energia, principalmente do seu gigantesco potencial hidráulico; as péssimas condições de funcionamento de suas ferrovias, ainda movidas a carvão mineral importado, ou, senão, proveniente do desmatamento altamente prejudicial à natureza; a quase inexistência de rodovias etc. Na perspectiva da imprensa, portanto, a industrialização era o caminho mais promissor para superar os problemas econômicos provocados pela crise mundial, desde 1929.

Ao avaliar os discursos acerca da necessidade de industrialização da cidade, disseminados pelos jornais locais em 1941 e 1942, foram constatados os confrontos dos interesses dos grupos dirigentes do país: de um lado, situavam-se os *"progressistas"*, que aspiravam implementar uma política de industrialização e criar uma economia autônoma, independente e sólida; de outro, os *"conservadores"*, denominados *"céticos passadistas"*, que aspiravam perpetuar a política agroexportadora, manter a dependência econômica e instrumentalizar o passado para estabelecer o *"elo da nacionalidade"*. Isso, nas considerações d'*O Estado de Goyaz*, era uma forma de *"patriotismo negativo"*,[102] visto que o país precisava *"superar no terreno econômico o nosso glorioso passado cheio de heróicas lutas"*, soterrar os tempos do atraso e do subdesenvolvimento. Segundo o periódico, as oligarquias agrárias deveriam entender que, para solucionar os problemas econômicos desencadeados pela Depressão de 1929, além de contornar as dificuldades da agropecuária, seria necessária a instauração de uma política de industrialização para evitar que o país estagnasse no atraso e no arcaísmo econômico.

Na visão d'*O Estado de Goyaz*, os projetos estadonovistas de desenvolvimento representavam possibilidades concretas de implementar a industrialização do país, inclusive do

---

[102]. Idem.

interior brasileiro, dissolvendo, em decorrência, o monopólio político e econômico das oligarquias.[103] Para isso, o referido jornal sugeriu às classes dirigentes locais que se empenhassem na conquista dos projetos industrializantes para Uberlândia. Outrossim, em conformidade com as diretrizes políticas estadonovistas, preconizou que o momento político exigia do povo brasileiro a abstenção de interesses e projetos particulares e a luta pelos interesses comuns e nacionais. Desse modo, depreende-se das falas do jornal que o regime estadonovista intentava forjar a identidade e a homogeneidade nacional, em nome do progresso da nação: cada um deveria cumprir o seu dever; dar a sua contribuição, acima de quaisquer interesses particulares ou classistas, para o saneamento da crise social, política e econômica na qual o país estava imerso.

Durante o regime ditatorial de Getúlio Vargas, um dos programas destinados à política de desenvolvimento social e econômico brasileiro referia-se à *"Marcha para o Oeste"*, cuja finalidade, conforme as informações veiculadas em 1941, era *"estender por todo o sertão brasileiro, ainda desprovido de quaisquer amparos administrativos, a ação do governo central."*[104] O propósito do *"Chefe da Nação"*, nos dizeres d'*A Tribuna*, era beneficiar os trabalhadores do campo, uma vez que as classes trabalhadoras urbanas já haviam sido providas de leis que as protegiam. Além disso, a interiorização do desenvolvimento do país propiciaria o desafogamento do litoral, que, em decorrência do constante aumento da população, estava cada vez mais congestionado. Segundo os periódicos, a política de colonização do interior do Brasil, *"um programa de valorização do chão e do homem"*, tinha como principais objetivos a abertura de estradas para a intercomercialização, interior/litoral, de produtos agropecuários e manufaturados; a expansão das cidades interioranas; o enriquecimento das regiões abrangidas pelo projeto e o *"fortalecimento dos grandes laços da unidade brasileira"*.[105] Os Estados do Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso constituíam as vastas plagas brasileiras, compostas de

---

[103]. O Estado Novo. O Estado de Goyaz. Uberlândia. 04/09/1938, ano 6, n.º 307, p.2, c. 3-4.
[104]. Marcha para o Oeste. A Tribuna. Uberlândia. 04/'05/1941, ano 22, n.º 1492, p. 1, c. 1-2.
[105]. A Marcha para o Oeste. O Reporter. Uberlândia. 04/07/1941, ano 8, nº 389, p.3, c. 1-3.

"formidáveis riquezas naturais e possibilidades de desenvolvimento incalculáveis",[106] que seriam beneficiadas pelo projeto.

A respeito disso, Alcir Lenharo, em sua análise sobre o tema, afirmou que, longe de proteger e beneficiar os trabalhadores rurais, o governo estadonovista decretou a marcha da sociedade brasileira para um único sentido e direção: a ordem e o progresso do país. Civilizar o Oeste brasileiro, na percepção de Alcir Lenharo, significava construir a *"sociedade bandeirante do planalto (...) projetada acima dos conflitos de classe e pensada como modelo para o presente"*. Segundo o autor, a *"Marcha para o Oeste"* compreendia *"um movimento orientado, cadenciado, disciplinado"*. Ela exigia *"fé, solidariedade, entusiasmo, tenacidade. Mas acima de tudo disciplina"*.[107]

No contexto da implementação dos projetos estadonovistas de desenvolvimento, a imprensa, em consonância com os objetivos políticos do *"Chefe da Nação"*, concitava as classes dirigentes a marcharem na *"caminhada da civilização"*, a embrenharem-se nas primeiras batalhas que intentavam galvanizar as políticas industrializantes para o município:

> *"A marcha para o Oeste tem de ser feita com abertura de estradas, com trânsito de automóveis e caminhões e, sobretudo com o estabelecimento de praças de comércio, parques de indústrias e intensificação da lavoura, à proporção que se avançar na conquista das glebas. (...) O que se denomina marcha para o Oeste tem passagem parcial por aqui. E isto representa uma enorme vantagem geográfica da nossa cidade."*[108]

Em que pesem os projetos e as campanhas em defesa da industrialização do município e os esforços concretos pela sua realização nos anos 40, o censo demográfico de 1950 indicou que atividades principais desempenhadas pela população ativa concerniam predominantemente à agricultura, pecuária e silvicultura. Em índices menores, as pessoas ativas encontravam-se empregadas nos ramos de prestação de serviços e de indústrias de transformação, especialmente as ligadas aos produtos alimentares (beneficiamento de arroz, charque e banha).

---

[106]. Marcha para o Oeste. A Tribuna. Uberlândia. 04/05/1941, ano 22, n.º 1492, p.1, c. 1-2.
[107]. LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas-SP : Papirus, 1986. p. 63 e 74.
[108]. A Marcha para o Oeste. O Reporter. Uberlândia. 04/07/1941, ano 8, n.º 389, p.3, c. 1-3.

Tabela 4

POPULAÇÃO (PRESENTE) DO MUNICÍPIO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
	54.984	26.618	28.366
Quadro urbano	25.161	11.602	13.559
Quadro suburbano	10.638	5.084	5.554
Quadro rural	19.185	9.932	9.253
Pessoas presentes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever	27.243	13.899	13.344
Pessoas presentes de 5 anos e mais que não sabem ler e escrever	19.436	8.609	10.827
PRINCIPAL ATIVIDADE	PESSOAS PRESENTES DE 10 ANOS E MAIS		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Agricultura, pecuária e silvicultura	6.269	6.187	82
Indústrias extrativas	176	176	--
Indústrias de transformação	3.110	2.838	272
Comércio de mercadorias	1.926	7.708	218
Comércio de imóveis e valores imobiliários, crédito, seguros e capitalização	267	250	17
Prestação de serviços	3.774	1.703	2.071
Transportes, comunicações e armazenagens	1.380	1.351	38
Profissões liberais	186	145	41
Atividades sociais	577	260	317
Administração pública, Legislativo, Justiça	250	233	27
Defesa Nacional e segurança pública	51	51	--
Atividades Domésticas não remuneradas e atividades discentes	18.242	2.143	16.099
Atividades não compreendidas nos demais ramos, ativ. Mal definidas ou não declaradas	76	58	18
Condições inativas	3.250	1.803	1.447
TOTAL	39.543	18.896	20.647

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Conselho Nacional de Estatística. Censo demográfico de 1950. Minas Gerais. Uberlândia.

A partir de meados da década de 50, o projeto de industrialização começou a deslanchar com o impulso da política desenvolvimentista encampada pelo presidente Juscelino Kubitschek.[109] Um dos maiores empreendimentos do seu governo, a construção de Brasília no Distrito Federal, colocou Uberlândia numa *"posição-chave"*. Na visão das classes dirigentes locais, a situação geo-econômica do município e o espírito empreendedor, a inteligência, a operosidade e o dinamismo de seu povo facultavam a pujança econômica de Uberlândia. Mas faltava concretizar o projeto de industrialização, cujas esperanças estavam depositadas na política governamental de Kubitschek, que propôs a desenvolver o Brasil *"50 anos em 5"*:

> *"A indústria atrairá para esta cidade a afluência da matéria prima e a vida de Uberlândia permanecerá ativa, proporcionando aos pobres o trabalho garantidor de sua subsistência, e aos ricos, as mais amplas possibilidades de transações comerciais. Nossos bancos, capitalistas, industriais, comerciantes, profissionais liberais,*

[109]. O próximo congresso. O Reporter. Uberlândia. 01/07/1959, ano 27, ,n.° 3296, p. 1, c. 1-5.

professores, o povo em geral, devem tomar as providências que o assunto exige, para que, de um entendimento unânime, nasça mais essa campanha para ser vitoriosa."[110]

Os discursos veiculados em 1959 apresentavam Juscelino Kubitschek[111] como o guardião do progresso e da modernidade – que, junto ao povo laborioso, despertou o Brasil no seu *"berço esplêndido"* e transformou-o em *"grande potência"*, em um *"gigante"* que acordava *"com a alvorada de Brasília"*. Segundo o jornal, Minas Gerais atendeu às solicitações do projeto desenvolvimentista do *"General do Progresso"*, criando cidades industriais, explorando e transformando as matérias-primas e os recursos naturais, dominando e vencendo a natureza por intermédio de uma ação organizada, planejada e racional. O Estado mineiro figurava um aliado do projeto desenvolvimentista, que teria cumprido o seu tradicional papel na luta pelo progresso do país.[112]

Em 1959, os esforços pela industrialização da cidade intensificaram-se.[113] Na acepção d'*O Reporter*, a industrialização da cidade não era interesse e aspiração de uma única classe mas sim de *"todas"* as classes. Tanto é, afirmava, que *"todas"* as suas entidades representativas

---

[110]. Uberlândia e indústria. O Reporter. Uberlândia. 28/11/1951, ano 18, n.° 1421, p. 2, c. 1-2.

[111]. Comissão Permanente de Defesa dos Interesses de Uberlândia. O Reporter. Uberlândia. 22/06/1959, ano 17, n.° 3289. p.1, c. 1-5.

[112]. O Congresso Industrial em funcionamento. O Reporter. Uberlândia. 18/07/1959, ano 27, n.° 3308, p. 1-2.
Nessa ocasião, tramitava, na Assembléia Estadual de Minas Gerais, um projeto de implantação das *"Cidades Industriais"* em dez municípios mineiros. O Triângulo Mineiro seria beneficiado com uma delas, mas o governo mineiro ainda não havia se decidido em qual dos municípios, Uberlândia ou Uberaba, seria instalada uma *"Cidade Industrial"*. Mediante essa situação, as classes dirigentes mobilizaram esforços em defesa de Uberlândia.

[113]. Entre os anos de 1957 e 1959, a Associação Comercial e Industrial conduziu uma ampla campanha visando divulgar as potencialidades econômicas de Uberlândia e expor as vantagens e os benefícios que os empresários teriam, se neste município instalassem as indústrias. Foram estabelecidos contatos diretos com a Federação das Indústrias dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros Estados, objetivando reforçar as investidas das classes dirigentes locais, que também procuraram também atrair os empresários estrangeiros.
Conforme a imprensa, as classes dirigentes locais se empenharam para garantir a inclusão de Uberlândia no projeto de industrialização empreendido pelo Estado de Minas Gerais. Com essa finalidade, elas se mobilizaram e promoveram o II Congresso Mineiro do Desenvolvimento Industrial (o primeiro havia sido realizado em Governador Valadares-MG). O evento se realizou no Liceu de Uberlândia onde foram discutidas as seguintes temáticas: "*Criação da Cidade Industrial; Planejamento industrial; Energia; Transportes, Comunicações e Armazenagens; Financiamento e Benefícios do Poder Público à Região*". Com o intuito de acirrar a disputa pela cidade industrial, articularam a organização de um órgão mais combativo de defesa desse projeto de industrialização, o Conselho de Implantação, Administração e Planejamento Industrial em Uberlândia.
Consta da imprensa que os grupos dirigentes se propuseram a fazer doações de terrenos, concessões de benefícios, isenções de tributos municipais etc. como fortes atrativos de uma cidade moderna, prontificada a encampar os empreendimentos industriais que estavam por vir. A exemplo, foi registrada a doação de terrenos pelo *"vaguardeiro do progresso"*, Tubal Vilela. Cf. A Imobiliária Tubal Vilela oferece área para a cidade industrial. O Reporter. Uberlândia. 02/06/1959, ano 27, n.° 3275, p. 1, c. 1-5.

nomearam os delegados responsáveis pela defesa da instalação do parque industrial em Uberlândia. Batalha esta que, segundo o historiador local Antônio Pereira da Silva, teve ampla ressonância nos meios populares – os quais elegeram à Assembléia Legislativa Municipal dois combativos vereadores, Homero Santos e Waldir Melgaço, ambos empenhados na tarefa de conduzir o movimento pela industrialização. [114]

Em resposta aos apelos das classes dirigentes locais, realizou-se, em 1959, o II Congresso Industrial de Minas Gerais, cujo objetivo principal era reunir *"governantes e governados"* para discutirem os problemas, as soluções e as metas relativas ao projeto de industrialização do Triângulo Mineiro.[115] Visando esse objetivo, foi constituída uma Comissão que, como disse *O Reporter*, integrava *"elementos recrutados em todas as associações de classe e em todas as ideologias militantes na política local"*.[116]

Conforme *O Reporter*, apesar de Uberlândia ter sido *"tratada pelos dirigentes do Estado como enteada de quem se usufrui a herança sem proporcionar em troca nenhum carinho ou qualquer conforto"*,[117] tudo conspirava para que a cidade fosse industrializada: sua posição geográfica, sua infra-estrutura, suas bases econômicas e, sobretudo, *"a coragem e ambição de desenvolvimento manifestadas pelo seu povo"*. Estes eram os argumentos que, na acepção d'*O Reporter*, deveriam compor o discurso e a ação dos homens que integravam a referida Comissão.

Contudo, havia mais possibilidades de se instalar em Uberaba o parque industrial do Triângulo. Isso, no entendimento de Geraldo Migliorini, presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), seria *"uma das mais clamorosas injustiças"* ao município.[118]

---

[114]. Discurso pronunciado na abertura do II Congresso Industrial pelo Dr. Homero Santos, presidente da Comissão Permanente de Defesa dos Interesses de Uberlândia. O Reporter. Uberlândia. 18/07/1959, ano 27, n.° 3308, p.1-3, c.1-7.

[115]. CÂMARA Municipal de Uberlândia. Processo n.° 1401. Proposição de lei n.° 95/59 - Criação do Conselho Administrativo da Cidade Industrial de Uberlândia. Aprovada em 29/12/1959.

[116]. O sentido do Congresso. O Reporter. Uberlândia. 11/07/1959, ano 27, n.° 3303, p.1, c. 1-5.
Estiveram presentes, no evento, comerciantes, industriais, políticos, jornalistas e representantes de entidades sindicais, entre outros, que, através de seus delegados, compuseram, em 1959, a Comissão Permanente de Defesa dos Interesses de Uberlândia, posteriormente substituída pelo Conselho de Administração da Cidade Industrial de Uberlândia, conforme a lei 837, de 29 de dezembro de 1959

[117]. Cidade industrial. O Reporter. Uberlândia. 20/05/1959, ano XXVII, n° 3266, p. 1, c. 1-5.

[118]. Câmara Municipal de Uberlândia. Processo n.° 1301. Correspondência da Associação Comercial Industrial e Agropecuária - Criação de Comissão Pró-expansão Industrial. 13/05/1959.

Contra esse impasse a imprensa, em nome do *"povo"*, intentou mobilizar os segmentos sociais em defesa do projeto de industrialização para Uberlândia:

> *"conclamamos todos os nossos conterrâneos, de todas as cores, de todas as condições sociais, de ambos os sexos, de todas as idades, de todos os credos religiosos, de todas as ideologias políticas, para se unirem nesta hora ao redor de um único pensamento que é o de promover o progresso e a riqueza desta cidade (...)."* [119]

Mas como promover o progresso da cidade? Sugeriu *O* Reporter: querendo, lutando. Desse modo, o jornal recomendou que as classes dirigentes de Uberlândia seguissem o exemplo das cidades do interior de São Paulo, as quais, aproveitaram o problema do congestionamento industrial da capital paulista e propagaram, por meio de boletins e cartazes propagandísticos, os seus recursos abundantes e favoráveis, os seus potenciais e as suas vantagens para acomodar os complexos industriais – água, energia elétrica, clima, terrenos gratuitos, isenção de impostos, etc. Nos dizeres do jornal, foi em decorrência de iniciativas como essas que surgiram as *"fenomenais cidades do ABC, Mococa, Cruzeiro, São José dos Campos, Franca, etc. Propaganda, vantagens reais farão de Uberlândia uma cidade industrial e mudarão uma das faces amargas da cidade: pobreza e miséria. Estamos cheios de desempregados e mendicantes"*. [120]

Nas visões da imprensa, a industrialização significava uma transformação vital na sociedade, uma melhoria na qualidade de vida. Significava promover o bem-estar do povo, libertando-o dos grilhões da escassez, destruindo a pobreza e a miséria tão ameaçadoras ao mundo dos ricos, como fora no *malfadado* ano de 1959, quando os revoltosos insurgiram contra a carestia, destruíram os cinemas e saquearam os armazéns da cidade. Simbolizava a chave que abriria as portas da felicidade social, ofuscando/dissimulando as amargas cenas das contradições sociais.

As grandes indústrias desfigurariam a existência abjeta da pobreza, dos chapas na Estação da Estrada de Ferro Mogiana. Nos dizeres d'*O Reporter*, os *"chapas"* eram a corporificação do sofrimento e da miséria: o retrato de uma cidade desprovida de projetos industrializantes. Na contrapartida, o jornal propalava que as indústrias poderiam vir a suprimir a

---

[119]. Uma presunção de sucesso. O Reporter. Uberlândia. 14/07/1959, ano 27, n.° 3305, p.1, c. 1-5.
[120]. A Cidade Industrial. O Reporter. 10/01/1962, ano 29, n.° 3872, p. 1, c. 5-7.

espoliação de comerciantes inescrupulosos que não registravam seus funcionários, não lhes pagavam o salário estabelecido por lei e obrigavam esses trabalhadores a assinar documentos em branco para que, no momento da demissão, não lhes fossem pagos os devidos valores da rescisão de contrato. A industrialização, na acepção do jornal, derrotaria os empresários retrógrados e exploradores e instauraria a justeza nas relações entre capital e trabalho.[121]

Na mira da felicidade social via industrialização, a Comissão de Finanças, Justiça e Legislação da Câmara Municipal elaborou, em 11 de maio de 1965, um projeto que solicitava a oficialização do hino à Cidade Industrial, que seria inaugurada em 03 de setembro de 1965. O hino constituía, no entendimento dos autores do projeto, uma forma de incitar no povo o orgulho pela industrialização de Uberlândia.[122] Além do hino, observa-se que os discursos veiculados, na época, pretendiam tocar não só o coração e a alma, mas o estômago do povo dessa cidade, uma vez que o trabalho nas indústrias poderia vir a libertá-lo da carência, da fome e da miséria. Nos discursos da imprensa e nos dizeres do hino, as diferenças entre pobres e ricos, exploradores e explorados, governantes e governados, dominantes e dominados... transparecem dissolvidas na idéia de bem comum.

As campanhas e as negociações políticas dos grupos dirigentes em defesa da industrialização da cidade resultaram, finalmente, na instalação da aspirada Cidade Industrial, em 03 de setembro de 1965. Todavia, o desenvolvimento industrial de Uberlândia se manteve lento. Conforme os dados do IBGE, em 1967, a agricultura, a pecuária e silvicultura prevaleceram como as principais atividades da população. No que tangia ao ramo industrial, predominavam as

---

[121]. Idem.

[122]. Câmara Municipal de Uberlândia. Processo n.º 2171. Oficialização do hino à cidade industrial: UBERLÂNDIA CIDADE INDUSTRIAL. 16/03/1965.

I
Escutai, Uberlândia escutai
neve sem a vibrar sôbre a terra
desde o tôrno, em crescendo êle vai
até o som estridente da serra

ESTRIBILHO

Zaz...Zum, clim..., craz...
que barulho colossal!
Zam...zum...clim...craz...
Vem do parque industrial!

II
Estes sons que parecem distantes
Como mávens que correm no ar,
Ouvireis, dia e noite, constantes,
Quando o parque industrial
funcionar!

III
Chaminés, para o alto apontando
Serão marcos de vosso esplendor,
E as sirenas irão entoando
Belo hino de glória ao labor.

IV
Vosso filho, vereis, sorridente
O progresso da indústria buscar
Ouvireis, com orgulho crescente,
Vossa infância feliz a cantar

indústrias de transformação derivadas das atividades agropecuárias como o principal campo de trabalho da população, as quais constituíam-se de 196 estabelecimentos que empregavam 2.011 operários.

Apesar dos baixos indicadores industriais apresentados, aos olhos das classes dirigentes e de seus arautos prevaleceu triunfo da obra do progresso, dos interesses da cidade, das aspirações/ações que teriam proporcionado desenvolvimento e bem-estar *"povo"* de Uberlândia. Isso foi confirmado por Virgílio Galassi,[123] que, desde os tempos das lutas pela industrialização nos anos 50 e 60, tem sido, à sua maneira, um dos mais combativos gestores da política de desenvolvimento de Uberlândia:

> *"A política em mim é uma questão de genética. É... eu tenho gen político, não é? Eu sou descendente direto dos Melo Franco (...) e todos eles são políticos (...) Eu acho que o clima de Uberlândia funcionou como se fosse assim uma chocadeira política. Eu eclodi aqui (...) Realmente Uberlândia atrai muito. É um ponto de irradiação e convergência incomparável (...) Uberlândia é porque é... é por destinação. (...) Uberlândia é de todos... porque é o fruto do trabalho de muitos, de milhares, de centenas de milhares de pessoas que se inscreveram na história de Uberlândia, não é? E aqui você não pode afastar nunca a colaboração de representantes formidáveis, de famílias (...) a nossa história é uma história rica de participação. (...) E Uberlândia tem tradições muito bonitas (...) não tem tradição de riqueza. Ninguém aqui fala que é rico. As vezes até é muito rico. Mas não fala, não comenta. Convive assim com tranqüilidade, com simplicidade com todo mundo. E nós não temos também tradição de família (...) E isso permite que ela fique uma cidade solta, moderna, trepidante; vocacionada para o desenvolvimento. E é o que tem acontecido, não é? Quem é que fez mais por Uberlândia? Ninguém sabe. Desde os primeiros homens, é uma história rica de muitos valores (...)."*[124]

Na visão do político Virgílio Galassi, Uberlândia é incomparavelmente uma cidade gloriosa, que subjugou titanicamente os obstáculos e triunfou rumo ao progresso, à riqueza social e à modernidade, que são desfrutados por *"todo"* o povo uberlandense. O seu desenvolvimento pertence a *"todos"*, é de *"todos"*, porque foi moldado pelas mãos laboriosas de milhares de pessoas inscritas na (e proscritas da) história da cidade – os representantes *"formidáveis"*, as famílias empreendedoras, *"os homens e mulheres de valor"*, os *"forasteiros"* que, entre outros atos valorosos, manifestaram seu *"espírito guerreiro"*, sua pertinácia, sua inteligência e ousadia

---

[123]. Virgílio Galassi: ex-membro da Comissão de Defesa e do Conselho de Implantação, Administração e Planejamento da Cidade Industrial; ex-presidente da Associação Rural de Uberlândia e vem exercendo o seu o seu quarto mandato como prefeito de Uberlândia, na gestão relativa ao período de 1997-2000.

[124]. Entrevista com Virgílio Galassi, realizada em março de 1994.

em defesa do progresso dessa cidade. Suas tradições são bonitas, não as tradições de riqueza, obviamente, mas as do bandeirantismo de um povo lutador e vitorioso, inteligente e empreendedor, racional e progressista, ordeiro e laborioso... Um povo que, na perspectiva de Virgílio Galassi, consolidou a sociedade harmônica, erigida sobre a plataforma da ordem e do progresso.

Na *"Uberlândia de todos"*, a conflituosa autoridade das tradições e do conservadorismo se esfacelou. Em seu lugar vigorou a modernidade e a serenidade de um povo aguerrido, indiviso, hegemônico e progressista. Na história tecida pelos dirigentes locais e seus arautos, prevaleceram as idéias de que na *"Uberlândia de todos"*, aguerridos e trabalhadores que são, *"todos"* desfrutam as benesses do desenvolvimento e da modernidade. Cristalizou a imagem, veiculada desde o início deste século, de uma cidade onde o dinheiro *"circula por todas as mãos"*[125] e, por isso mesmo, *"todos"* se embalam no doce galope da prosperidade, na ânsia pela modernização, na incansável tarefa de construir a grandiosa obra do progresso.

Nos discursos veiculados em defesa dos projetos desenvolvimentistas da cidade, constatou-se que os sucessivos jogos políticos, as doações de patrimônios, as prestações de serviços e concessões de benefícios e o tráfico de influências nos órgãos de decisão do governo constituíram a eficácia e o prestígio político das classes dirigentes locais na conquista e realização dos projetos de desenvolvimento do município,[126] que, nos discursos dominantes, afiguram-se tão somente idealizados e engendrados por elas.

Na contracorrente, foram constados nas falas da imprensa e de outros documentos pesquisados outros sujeitos sociais, que se propuseram a lutar pela construção de uma sociedade consonante com seus ideais, interesses, sonhos, expectativas... ainda que parte de suas lutas e vitorias tenha sido consubstanciada em conquistas das classes dominantes – e ofuscada pelas

---

[125]. Uberabinha. O Progresso. Uberabinha, 15/12/1907, ano I, n.° 13, p. 1, c. 1-4.
"(...) o comércio dilata-se sob os seus múltiplos aspectos e o dinheiro, como prova eloqüente de bem estar, circula por todas as mãos. (...) E nesta febre de progresso em que todos se embalam, nesta ânsia de novas conquistas que todos aspiram e para onde todos se encaminham possuídos de planos mais entusiastas (...).
Esforcemo-nos pois auxiliando-nos uns aos outros e veremos como podemos ser grandes e prósperos."

[126]. Além da cidade industrial, a complementaridade dos projetos de desenvolvimento nos anos 60 ocorreu em outros setores como segurança e educação – a instalação do Exército Nacional e da Universidade de Uberlândia (posteriomente federalizada).

luzes que a ordem e o progresso imprimiu na história de Uberlândia. As classes dominantes pretenderam cristalizar no tempo a idéia de que elas fizeram cumprir, zelosamente, o *"grande destino"* dessa cidade.

Esses jogos políticos também podem ser percebidos no depoimento de uma das fundadoras da Universidade Federal de Uberlândia, Ilar Garotti.[127] Ao discorrer sobre o processo de fundação da citada instituição educacional, ela testemunhou a existência de outras aspirações relativas à defesa de projetos para o ensino superior na cidade:

> *"Verifica-se, naquela época, um impasse. Duas opções se apresentavam naquele momento: ou a Faculdade de Filosofia seria obra das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, que teria no seu bojo a orientação intrinsecamente católica, ou ela passaria às mãos de grupos que tinham outros ideais. Esse grupo era do Brasil Central. (...) O bispo de Uberaba e de Uberlândia não só autorizou, mas ordenou que as irmãs aceitassem o desafio da criação de uma Faculdade de Filosofia (...) Naquele tempo, quando se falava em comunismo era 'uma coisa que o povo se arrepiava'. O que eu ouvia dizer é que os ideais de outros grupos não eram ideais que seriam compatíveis com os ideais democráticos. Esse era o impasse. Mas hoje eu acredito que aquele grupo tinha condições também de criar uma Faculdade de Filosofia. Mas, naquele tempo, as Irmãs foram forçadas a agir porque Uberlândia exigia isso. Uberlândia foi, naquela época uma cidade muito dominada pelos comunistas. Então é da história de Uberlândia..."*[128]

É da história de Uberlândia, sim, o engajamento de outros sujeitos históricos, como a atuação dos comunistas, os quais também disputaram pelo controle dos seus interesses e dos daqueles que pretenderam representar na arenas sociais e políticas dessa cidade.

Conforme as fontes pesquisadas, foi constatada uma constelação de representações e práticas comunistas e anticomunistas constitutivas dos embates pela construção da sociedade *"progressista"* e *"democrática"*, antes e depois da criação da Faculdade de Filosofia, como testemunhou Ilar Garotti.

A história da atuação comunista em Uberlândia não começa com a fundação do PCB, em agosto de 1945. Pode-se apreendê-la, tempos antes, da atuação dos comunistas e dos supostos comunistas nos anos nos anos 30 e da sua contraface, o anticomunismo, inscrito nos discursos

---

[127]. Ilar Garotti foi reitora da Universidade de Uberlândia (UNU) e diretora da Faculdade de Filosofia. Sobre fundação da Universidade Federal de Uberlândia.

[128]. CAETANO, Coraly Gará e DIB, Míriam Michel Cury. Op. cit. p. 30-31.

dos mais diversos arautos das classes dirigentes, desde os anos 10 deste século, quando foram veiculados na imprensa local os discursos antisocialistas.

2. Ameaça vermelha: rumores do comunismo

O anticomunismo pode ser observado na imprensa local desde as primeiras duas décadas deste século, quando foram veiculados diversos artigos que demonstravam os temores das doutrinas *"rubras"* – que apareceram ainda mais intensificados nas campanhas contracomunistas dos anos 30. Em essência, os discursos constitutivos dessas campanhas disseminaram o medo e o terror das mudanças sociais sob os tentáculos do que designavam *"polvo vermelho"*.[129] Não que, no início deste século, houvesse concretamente uma ameaça de quaisquer organizações de caráter socialista ou comunista em Uberlândia. Presumivelmente, os receios que inquietavam a imprensa local provinham a existência de alguns socialistas de Uberlândia e das experiências anarquistas e socialistas dos centros urbanos mais dinâmicos do país, sobretudo as do vizinho Estado de São Paulo, que faz divisas com o Triângulo Mineiro. Nesta região, a experiência do socialismo, da qual foi possível obter registros mais substanciais, refere-se ao Centro Socialista de Uberaba, fundado no final do século XIX.[130]

---

[129]. *"Polvo comunista"* e *"polvo vermelho"* eram, nos anos 30, designações do comunismo correntemente utilizadas pelos anticomunistas.

[130]. Uma comissão de propaganda da entidade encarregou-se da estruturação e divulgação do *"Projeto de Manifesto, Programa e Estatutos do Partido Socialista"*, através do qual concitava a organização e a união dos trabalhadores. *"Proletários do mundo inteiro, uni-vos! Todos por um e um por todos!"* eram os dizeres que iniciavam o *"MANIFESTO"*, no qual pregavam o fim da sociedade capitalista:
"Homens do fim do século XIX nós acreditamos iminente a extinção da organização iníqua da sociedade atual, baseada na exploração degradante do homem pelo homem, na falsidade patente do sistema parlamentar, quer ele se chame parlamentarismo quer presidencialismo e na defeituosa organização da família, na qual a indissolubilidade do matrimônio, é o germe da hipocrisia."
Nas afirmações do *Manifesto*, *"o maravilhoso aparelho de produção"* da humanidade era obra coletiva dos homens; trabalho de incontáveis inventores, dentre os quais muitos submergiram no esquecimento e na penúria. O mundo moderno afigurava-se polarizado: de um lado, a riqueza dos exploradores e, de outro, a miséria dos explorados que criaram a riqueza coletiva e promoveram a multiplicação das forças produtivas da humanidade. Nas assertivas dos autores do libelo, os *"oprimidos"* de todo o mundo *"civilizado"* estavam se arregimentavam aos *"milhões"* e clamavam por mudanças sociais e políticas, *"sob o lábaro do socialismo"*. Em consonância, os socialistas uberabenses se popuseram *"levar nesta zona até às mais obscuras choupanas, em que se abrigue o fraco e o oprimido, a noticia da idéia nova, a idéia humanitária, que dignifica todo o homem, para a qual não existem barreiras de nacionalidade ou de raça e que confraternizará todos os povos."* Cf. Programa. Primeira Parte. O Socialista. Uberaba. 02/11/1897, ano 1, n.° 1, p. 1-2. c. 1-2.

Em 1892, foram realizados congressos socialistas no Rio de Janeiro e em São Paulo,[131] a fim de arregimentar os trabalhadores brasileiros em partido político de caráter social-democrata ou trabalhista. Quase cinco anos depois, foi fundada a entidade socialista uberabense e seu órgão jornalístico, *O Socialista*,[132] e delineados os propósitos de criar o Partido Socialista do Triângulo Mineiro. Nesse período, podem-se observar as influências do movimento socialista de São Paulo nessa região, uma vez que a iniciativa dos socialistas uberabenses ocorreu aproximadamente um ano após o lançamento do jornal *O Socialista* pelo Centro Socialista de São Paulo, que, como afirmou Moniz Bandeira, teve vida curta.[133] Conforme Astrojildo Pereira, tanto antes quanto depois do Congresso Operário de 1906 – que segundo ele, desencadeou um processo nacional de organização operária –, registraram-se várias tentativas de fundação de partidos socialistas estaduais e municipais em alguns lugares do Brasil, com finalidades predominantemente eleitorais, as quais puderam ser constatadas nos propósitos dos socialistas uberabenses.[134]

O Centro Socialista de Uberaba propôs-se a encampar um programa fundado nas diretrizes políticas do Partido Socialista de São Paulo. Sua primeira parte, composta por vinte e oito artigos, refere-se à implementação de reformas sociais, especialmente na esfera parlamentar municipal, que visavam propiciar condições de construção de uma sociedade socialista, alterando paulatinamente o sistema de propriedade e promovendo mudanças graduais na condução da política pela via eleitoral. Para tanto, o Centro Socialista propôs meios de divulgação das propostas de mudanças socialistas na região e formas de trabalho para eleição dos seus candidatos na esfera política local e nacional. Na Segunda Parte do programa, foi esclarecido o ideal a ser

---

[131]. A referência à realização de um Congresso socialista em São Paulo, que resultou na criação do Partido Socialista Brasileiro, sob a influência do Partido Socialista Francês, é feita por Moniz Bandeira. Não há referências a esse respeito na obra de Astrojildo Pereira. Everardo Dias fez menções à efêmera existência do PSB, que teria se transformado, meses depois de sua fundação, em Centro Socialista de São Paulo.
Ver: BANDEIRA, Moniz e outros. O ano vermelho; a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1980. p. 21; PEREIRA, Astrojildo. Op. cit. p. 33-34; DIAS, Everardo. História das lutas sociais no Brasil. São Paulo : Editora Alfa-Omega, 1977. p. 68-69.

[132]. BANDEIRA, Moniz e outros. Op. cit. p. 18.
Há referências, nesta obra, sobre a existência de um jornal denominado *O Socialista* em Paraisópolis, Minas Gerais, que circulou entre os anos de 1885 e 1888.

[133]. Idem. p. 21.

[134]. Programa. O Socialista. Uberaba, 02/11/1897, ano 1, n.° 1, p. 2. c. 2.

alcançado pelos socialistas uberabenses como a propriedade coletiva dos meios de produção (instrumentos de trabalho, terras, minas, fábricas etc.) e a igualdade civil, política e econômica para todos.[135]

O programa do Centro Socialista também definiu a estrutura organizativa da entidade, que, entre outras coisas, objetivava lutar, via parlamento, pela instituição das reformas propostas e arregimentar os grupos socialistas que surgissem na região, sob o nome de Partido Socialista do Triângulo Mineiro.[136]

Afora os indícios da continuidade do movimento socialista em Uberaba registrados nas efemérides operárias listadas por Everardo Dias – que mencionou a presença do uberabense Joaquim Gasparino na primeira comemoração do 1.° de maio de 1905, promovida pelo Círculo Operário de Franca[137] – não foi possível encontrar, nas fontes pesquisadas, mais registros da presença dos socialistas nessa região, especialmente em Uberlândia – onde alguns moradores guardam apenas vagas lembranças da existência dos adeptos do socialismo naquela época. É possível que o Centro Socialista de Uberaba tenha-se dissolvido sem que suas metas se concretizassem na região, ou como afirmou Astrojildo Pereira, essa entidade, como muitas outras, não tenha produzido *"qualquer resultado perdurável"*.[138]

No caso uberlandense, não foi constatada, nas três primeiras décadas deste século, a existência de um centro socialista,[139] como o que se instalou em Uberaba, mas, em contrapartida,

---

[135]. Programa. Primeira Parte. O Socialista. Uberaba, 02/11/1897, ano 1, n.° 1, p. 1-2. c. 1-2.
Na primeira parte do Programa, as propostas apresentadas concerniam à garantia da liberdade de pensamento, reunião e associação; estabelecimento da jornada de oito horas para o dia de trabalho, do 1.° de maio como feriado, de responsabilidade dos patrões pelos acidentes de trabalho e proibição do trabalho para crianças em idade escolar; garantia pelo município ou Estado do ensino primário público e gratuito para crianças pobres; participação operária no parlamento municipal, estadual e federal; instituição de tribunais de julgamento dos conflitos entre patrões e operários; instauração, no município, de inquérito para averiguar as condições (contratuais) impostas pelos fazendeiros aos agregados; apropriação pelo município de terras devolutas; imposto gradual sobre as heranças até sua extinção; melhor distribuição das rendas; reforma no sistema penitenciário, criando colônias de trabalho agrícola e industrial; fim da indissolubilidade do casamento; criação de cooperativas; socialização (parcial) da assistência judiciária, médica, farmacêutica, educacional etc.

[136]. Programa. O Socialista. Uberaba, 02/11/1897, ano 1, n.° 1, p. 2. c. 2.

[137]. DIAS, Everardo. Op. cit. p. 249.

[138]. PEREIRA, Astrojildo. Op. cit. p. 34.

[139]. Apesar de não ter sido constatada a existência de um Centro Socialista em Uberlândia, Olívia Calábria, em seus depoimentos, mencionou a realização de reuniões de caráter socialista em sua casa, coordenadas pelo seu pai Domingos Antônio Calábria.

foram encontrados nos jornais pesquisados artigos que propagaram o anticomunismo. Visando provocar o medo dos vermelhos, os articulistas, em seus discursos, operavam com imagens selváticas, cruéis e perversas do comunismo.

Sob os impactos ou não da atuação de grupos socialistas no Triângulo Mineiro desde o final do século XIX, os jornais de Uberlândia veicularam diversas campanhas antisocialistas que procuravam divulgar os significados do socialismo e esclarecer à população sobre o modo de vida numa sociedade regida por esse ideário. Contudo, as investidas propagandísticas contra o socialismo visavam muito mais prevenir do que remediar, pois, em Uberlândia, a Liga dos Operários de 1911,[140] reorganizada em 1914, parece ter sido a entidade que mais se aproximou da tentativa de arregimentação dos trabalhadores sob o manto do socialismo – visto que, conforme Everardo Dias, a assembléia constitutiva da Liga, em 1914, teria decidido pela sua adesão à Confederação Operária Brasileira.[141] Senão isto, restaram indícios e fragmentos de lembranças da existência de socialistas que deixaram sinais na memória de alguns habitantes mais antigos dessa cidade.[142]

---

[140]. Estatutos da Liga Operária de Uberabinha. O Progresso. Uberlândia, 01/07/1911, ano 4, n.° 194, p. 2; 15/07/1911, n.° 196; 22/07/1911, n.° 197; 29/07/1911, 198; 19/08/1911, n.° 200.
O jornal *O Progresso* divulgou, durante algum tempo, os estatutos da Liga Operária de 1911. Os regulamentos definiam, no Artigo 2.°, as suas finalidades: defender e garantir os interesses econômicos dos associados; intervir nas questões entre patrões e trabalhadores; instruir e educar moralmente os associados; despertar o sentimento de solidariedade entre os operários de todas as classes, sem distinção de raça ou nacionalidade; lutar pela redução da jornada de trabalho e pelo aumento dos salários; promover, por meio de propagandas, a organização entre os trabalhadores e fundar cooperativas de consumo e trabalho; instalar uma biblioteca para o uso dos associados e promover a integração entre as associações congêneres. O Artigo 3.° concernia à postura política da Liga, que não se permitia intervir em questões políticas ou religiosas, salvo quando estas comprometessem o interesse da classe. O tipo de sócio que poderia aderir à Liga constava do Artigo 4.°: qualquer trabalhador, sem distinção de cor ou nacionalidade, que tivesse a idade entre 14 e 50 anos. Já o Artigo 7.° atribuía poderes à Liga de expulsar qualquer sócio que prejudicasse o andamento e a seriedade da Liga. Os outros artigos do estatuto referiam-se aos deveres dos sócios e dos diretores, ao funcionamento da Liga propriamente dito e às questões burocrático-administrativas. Não se pode definir precisamente a composição social (e a categoria) dos trabalhadores urbanos que constituíram a Liga Operaria de 1911, a qual passou por processos de reorganização. Contudo, os dados administrativos e comerciais mais significativos observados nas fontes pesquisadas indicam que suas fileiras foram recrutadas basicamente no setor do comércio e da prestação de serviços, principalmente os relativos aos transportes e à construção civil. O próprio fundador da referida liga, Cypriando Del Fávero, era um renomado construtor da cidade e, conforme o depoimento de Dinorah Del Fávero, foi considerado socialista.

[141]. DIAS, Everardo. Op. cit. p. 286.

[142]. Conforme o depoimento de Olívia Calábria, realizaram-se reuniões em sua casa, as quais arregimentavam diversos trabalhadores da cidade – destaque para os operários e os proprietários dos estabelecimentos da construção civil, especialmente o pai da militante, Domingos Antônio Calábria, que era leitor assíduo do jornal *El Piccolo* e de obras de caráter socialista.

3. Entre o bem e o mal: heresia, discórdia e sedição – visões de comunismo

As idéias que estigmatizavam os agentes do comunismo como demônios que tinham a missão precípua de destruir a religião, a família, a propriedade e, por conseguinte, instaurar o caos social, estamparam-se na imprensa ao longo da trajetória histórica de Uberlândia. As notícias alarmantes sobre o *"credo vermelho"* visavam, sobretudo, engendrar e espraiar o medo coletivo face a quaisquer atos ou pessoas que, de longe, simbolizassem o ideário *"rubro"*. Valendo-se do socialismo e do comunismo como terror, os jornais locais alardearam, desde as primeiras décadas deste século, diversas notícias sobre as ações dos dirigentes e comunistas da *"pobre Rússia"* – fuzilamentos de mulheres grávidas[143], de freiras e padres e outras atrocidades.

Intentando esclarecer e instruir a população sobre a significância e os perigos da doutrina socialista, entre outras pretensões, o jornal *O Progresso* criou uma coluna intitulada *"Palestras Sociais"*, na qual diversos assuntos foram divulgados, principalmente os que sugeriam a necessidade de preservação da ordem social. No primeiro quartel deste século, Padre Cura[144] afigurou-se um dos mais combativos articulistas que se posicionaram contra o socialismo

---

Em entrevista realizada pelo *Projeto Depoimentos*, alocado no Arquivo Público Municipal, Dinorah Del Fávero adjetivou seu pai, o contrutor Cipriano Del Fávero, como socialista:
"Ele era socialista, mas socialista de coração. Não era desses que pregava as coisas (...) ele não pregava, ele seguia aquele ideal dele. Entende, como? Ele dizia assim: que no mundo deveria haver mais igualdade. Não deveria haver diferença de classe, não devia haver racismo, todos deviam ter o necessário.
Os que não pudessem pagar escola, deveriam ter escola, saúde, tudo de graça. Uma casinha para morar, para sobreviver. Porque ele dizia que a diferença de classe... porque antigamente Uberlândia tinha as famílias tradicionais e que não se misturavam com qualquer classe.
Então ele dizia que isso trazia muita revolta e muitas vezes, muitas pessoas tinham pensamentos vingativos, quando tomavam bem idéia dessa diferença (...)"
Na época, a postura socialista de Del Fávero provocava temores. Mas, conforme Dinorah Del Fávero, as pessoas não tinham medo dele, mas do socialismo, que *" naquele tempo, era uma coisa que não era bem aceita. Porque tinha muitas pessoas que se diziam socialistas, mas não agiam como a doutrina mandava"*. Cipriano Del Fávero foi caracterizado como um homem bondoso, humano e generoso – que, apesar de não ser adepto de nenhuma religião, ajudava a todos.
Ao delinear a personalidade de Cipriano Del Fávero, Tito Teixeira, em sua obra, narrou fatos que demonstravam sua generosidade, como o que contrapõe sua bondade à pobreza de espírito de um indigente, chegando a afirmar que o seu espírito atingiu um *"grau culminante"* de humanidade.
Talvez o termo *"socialista de coração"* proferido por Dinorah Del Fávero para designar a maneira de ser de Cipriano Del Fávero significasse tão somente a bondade, a caridade e a generosidade desse homem. Mas também pudesse significar uma postura afinada com o socialismo que norteava as idéias de *"muitas pessoas"* da época.

143. Pobre Rússia. O Progresso. Uberlândia. 17/05/1908, ano 1, n.º 35. p. 3. c.1-2

144. Algumas questões atravessaram as referências aos artigos de padre Cura: seu nome (caso estivesse usando um codinome), seus propósitos e afinidades políticas no contexto nacional/local e outros dados que pudessem compor seu perfil.

"rubro". Em seus dizeres, a cidade, naquela época, estava longe de enfrentar a *"escaldante"* questão social que acometia os grandes centros *"obreiros"*, dada a pouca densidade da população e o caráter incipiente da indústria e do comércio que não constituíam ainda as *"verdadeiras colmeias de operários de todas as classes e idades"*, terreno propício para acomodar o *"fermento subversivo"*.

Na avaliação de Padre Cura, os trabalhadores eram norteados pelos princípios cristãos e ordeiros, e, por isso, mantinham-se sóbrios e resignados com a sua condição. Portanto, no seu modo de ver, não havia possibilidades de inserção da doutrina *"rubra"* em Uberlândia, fosse pelo provincianismo da cidade, fosse pela religiosidade do seu povo, arraigada ao cristianismo. Conforme o articulista, naquele momento, o enraizamento do socialismo no cenário local era uma possibilidade remota, mas prenunciava que o desenvolvimento e a modernização, que aportavam à cidade, demandavam medidas de prevenção contra as idéias *"rubras"*. Naquela época, ele visualizava um tipo de desenvolvimento em Uberlândia que poderia trazer, a exemplo dos grandes centros urbanos, os conflitos de classe, os antagonismos de interesses entre patrões e empregados, as greves e o ideário vermelho. A fim de evitar esses males sociais, Padre Cura propôs-se, em 1912, a divulgar informações sobre o socialismo, proporcionando, ao leitor, um conhecimento *"do que é, do que quer, do que faz"*, ou seja, das propostas do ideário socialista, para que, assim, a sociedade não fosse assaltada surpreendentemente pelo *"fermento emotivo"* das doutrinas *"rubras"*.[145]

Nas visões de Padre Cura, o povo de Uberlândia precisava conhecer então os significados, as pretensões e os projetos do socialismo que se espraiou pelo mundo inteiro, constituindo inegavelmente um motivo de discussão e preocupação das *"sociedades civilizadas"*. Para ele, não havia como não falar de socialismo, posto que era uma realidade dada, um fato no mundo, a questão passava a ser como noticiá-lo:

> *"O socialismo moderno caiu em mãos de manipuladores de programas sociais máximos e mínimos, de paroleiros, obsessos, de energúmenos iconoclastas, de agitadores por gosto ou por conveniência, cuja preocupação essencial não é a racional ascensão das plebes, se bem o gostinho de assustar com palavras rubras,*

---

[145]. Palestras sociais. O Progresso. Uberlândia, 06/01/1912, ano 5. p. 1.

> *com carrancas, com caretas a espavorida burguesia. Daí a degenerescência do socialismo e sua queda fatal para a irreligião, a revolução, a anarquia.*"[146]

O socialismo cristão, na concepção de Padre Cura, não possuía outras pretensões senão lutar pelo engrandecimento moral e intelectual e pela prosperidade material do maior número de pessoas. Intentava, sobretudo, renovar e melhorar a sociedade dentro das possibilidades e dos limites da justiça, sem conflitos de classes. Segundo o articulista, o socialismo cristão era racional e reformador, não tinha nada de subversivo e de revolucionário. Sua meta era reparar a sociedade sob as diretrizes cristãs, nos limites da ordem.

Depreende-se das representações de Padre Cura que o socialismo cristão associava-se ao bem e, na contracorrente, o socialismo *"rubro"* ao mal, à irracionalidade, à violência, à destruição e ao caos. Tratava-se, portanto, de uma doutrina que provocava a desordem social e as mais brutais paixões políticas nas massas populares, seduzindo-as a cometer atos insanos e perigosos contra a ordem estabelecida. No discurso de Padre Cura, os socialistas afiguram-se como aqueles que afrontavam a burguesia com suas palavras rubras e inflamadas justamente porque imergiram na irreligião, no inferno da anarquia social:

> *"(...) desde quando no mundo do trabalho surgiu a especulação dos profissionistas das reivindicações proletárias, que, ostentando na corrente do relógio a medalhazinha com a efígie de Carlos Marx e no pescoço esticando a gravata inflamada, em grita proclamam-se socialistas contra a sociedade burguesa à espera que o ouro burguês venha lhes entupir a boca escancarada. E o proletariado, o eterno iludido, a boca a isca; no meio de suas misérias atuais chega ao heroísmo de vasculhar as chupadas algibeiras, de sacar o derradeiro vintém e de entregá-lo confiadamente aos chefões das ligas (...) para o serviço da propaganda, de organização, de quem vivem à farta os próceres do partido, elaborando o conforto moderno de seus gabinetes, entre o charuto e o aperitivo, os artigos incendiários, que dão tom à imprensa partidária.*"[147]

As sinuosas imagens da especulação, da vagabundagem, da sedição, da afronta, entre outras perversões, compunham as visões que Padre Cura tinha das práticas socialistas, ou senão as que ele pretendia cristalizar nas mentes e corações dos homens e mulheres da época. No discurso de Padre Cura, os chamados subversivos inflamados ou dissidentes políticos foram associados ao perigo à ordem social, à afronta sempre iminente ao poder das classes dirigentes.

---

[146]. Sociedade e socialismo - III. O Progresso. Uberlândia, 27/01/1912, ano 5, n.º 223, p. 1.
[147]. Idem.

Os socialistas eram simbolizados como ameaçadores *"profissionistas"* das aspirações operárias que engrossavam as gordas fileiras dos intoleráveis sem-trabalho, os quais dispunham de intermináveis horas para confabularem contra a estrutura social e política dominante.

Para contrapor as imagens da vagabundagem reinante entre os ativistas socialistas, vistos por Padre Cura como *"profissionistas"* aproveitadores e sediciosos, foram recuperados os testemunhos do operário militante, Everardo Dias, que relatou a maneira como, no início deste século, as forças repressivas do país sempre estiveram hostil e incisivamente no encalço dos líderes sindicais (associados ao socialismo) a fim de evitar que organizassem os trabalhadores. Segundo Everardo Dias, os militantes socialistas eram vistos como insensatos, *"malucos"*, *"delirantes"*, *"impostores"*, *"agitadores perigosos"* que viviam às expensas do proletariado. Mas, em suas assertivas, ao contrário do que preconizavam os discursos antisocialistas, os militantes socialistas passavam por dificuldades relativas à atuação em organizações precárias e à penúria e à fome que rondavam os seus lares.[148]

Os socialistas, que nas pregações de Padre Cura eram os *"arautos e vexilíferos da civilização do porvir"*, seduziam os trabalhadores e chamava-os de *"companheiros"* apenas para extorquir-lhes os últimos *"vinténs"*. Caracterizados como *"interesseiros"*, *"individualistas"* e, mais que isso, covardes, perversos e distantes dos interesses coletivos, os socialistas, face ao acirramento das lutas e dos embates, os socialistas fugiam e deixavam os trabalhadores expostos às represálias da *"burguesia recalcitrante"*:

> *"Expatriam-se até, conforme o caso, e, fora dos confins da pátria, vivem lançando manifestos campanudos, em que se quer mostrar aos ingênuos que a sua retirada, a sua defecção, a sua fuga, no momento crítico, fora calculado ato de alta e transcendente política; que nada está perdido; que é preciso organizar-se melhor; que é preciso teimar; que é preciso recomeçar; que tudo está salvo, pois que o chefe, os chefes estão aí, ao lado do povo, à testa do proletariado, bradando como sempre: armemo-nos e marchai!"*[149]

Nessas falas, Padre Cura opera com imagens da covardia dos lideres socialistas, que, mediante a perseguição policial, abandonavam os trabalhadores às agruras da repressão e

---

[148]. DIAS, Everardo. Op. cit. p. 240.
[149]. Sociedade e socialismo - III. O Progresso. Uberlândia, 27/01/1912, ano 5, n.° 223, p. 1.

expatriavam-se para se manterem vivos e persistirem na propagação das idéias e da luta socialista nos lugares onde isso fosse possível. Ele contrapõe a imagem da ganância dos socialistas que secam as *"chupadas algibeiras"* de trabalhadores honestos, que labutam, dia após dia, para manter sua prole e contribuir para bem-estar dos *"chefões vermelhos"* – que, como sugeriu o articulista, se dedicavam à confabulação de estratagemas de mudança social e à promoção do ódio e da sedição no meio operário, por meio de *"manifestos campanudos"*.

Contudo, observa-se que, nesse discurso, subsumem-se as perseguições, as prisões, as torturas, as mortes e os exílios que afligiam os socialistas da época. Em seu lugar, afiguram-se imagens da irresponsabilidade, da inconseqüência, da covardia, dos interesses *"individualistas"* e escusos dos *"chefõe vermelhos"*. As suas descrições sobre a experiências dos socialistas são carregadas de representações simplistas e maniqueístas – o bem e o mal, o belo e o feio, o delicado e o brutal, o sóbrio e o insensato, o civilizado e o bárbaro, a harmonia e o caos, a abundância e a fome, a paz e a guerra etc. – que em muito contribuíram para cristalizar na memória coletiva o medo das chamadas *"doutrinas subversivas"*, as quais, segundo seus adversários, não por coincidência são também simbolizadas pela cor diabólica do caos, da afronta, da anarquia e do sangue: o vermelho.

Sob o estigma do anti-Cristo, do vermelho da desordem, da revolta e da ingovernabilidade, Padre Cura apregoava o socialismo *"rubro"* como uma doutrina que insuflava as greves excessivas, injustas, inconvenientes e os abjetos conflitos entre patrões e empregados:

> *"Ni Dieu ni maître – havia estampado Blanqui no cabeçalho de seu jornal, e esses dois conceitos foram perfilhados, pelo socialismo revolucionário, que, pela boca de Proudhon, blasfema: 'Deus e a humanidade são dois inimigos irreconciliáveis'. Renegado Deus, o proletariado deu-se a exagerar os direitos das suas reivindicações e puerilmente crente de que o ambicionado paraíso de suas aspirações se não deve procurar além, acima de suas cabeças, se bem aqui, sobre esta terra regada pelo seu suor, ao alcance de sua mão – sonhando prontos e estrepitosos triunfos, deixa-se arrastar a lamentáveis excessos."*[150]

No ideário socialista propagado por Padre Cura, as imagens do mal, que representam o socialismo *"rubro"*, contrapõem-se às imagens do bem consubstanciadas no socialismo cristão.

---

[150]. Idem.

Em suas preconizações contra o ideário socialista vermelho, o paraíso das aspirações operárias teria se deslocado do céu para terra, da transcendência para a imanência, do socialismo cristão para o socialismo *"rubro"*. Nas operações discursivas de Padre Cura, Deus não era o sujeito da história e sim os homens. No paraíso almejado pelos socialistas revolucionários ou *"rubros"*, a burguesia seria destituída do poder e o proletariado entronizado. Isso, por conseguinte, significava renegar Deus e adorar o diabo; esmagar o capitalismo e instaurar o socialismo. Desse modo, depreende-se dos recursos discursivos de Padre Cura que era Deus quem continha as paixões políticas dos trabalhadores. Uma vez banido de seus caminhos, eles passariam a seguir, como apóstolos, o deletério *"evangelho marxista"*.

As idéias de Padre Cura convergiam para as visões que, de maneira geral, a imprensa da época, em Uberlândia e noutros lugares do Brasil, tinha do comunismo, em sua face mais tenebrosa: a selvageria, a fome, a doença, o sangue. Valendo-se de símbolos como esses, não poucos jornais locais e nacionais espraiaram, ao longo do tempo, o medo do *"credo vermelho"*.

Em 1920, *A Tribuna* transcreveu um artigo, publicado pelo jornal carioca *O Paiz*, que se referia à crise social e econômica deflagrada na Europa recém saída da Primeira Guerra e à fome que por lá se alastrava como um poderoso trunfo discursivo dos comunistas – e uma sediciosa tática revolucionária. Conforme o jornal, o problema da fome deveria ser banido Europa, a fim de evitar aproximações com a Rússia para suprir suas necessidades, e, com isto, submeter-se aos imperativos da *"anarquia moscovita"*:

> *"Baseando na fome todo o seu plano de domínio e de desforra odienta da sociedade atual, a cujo padrão jurídico de vida civilizada não se querem submeter, os comunistas sentem a necessidade de impedir que a Europa resolva o problema do abastecimento de víveres. É uma questão de vida e morte para a causa revolucionária. Afastado o flagelo da fome, o comunismo despojado da sua tenebrosa aliada será esmagado. (...) Está travada na Europa a batalha decisiva entre as forças selvagens do comunismo brutal e refratário a todas as idéias de civilização, e as energias das culturas de que são representantes as 'elites' educadas pelas tradições, aprimoradas pelas condições de vida civilizada e inspiradas pelos sentimentos mais delicados e nobres."*[151]

[151]. Várias. A Tribuna. Uberlândia, 04/04/1920, ano 1, n.° 30. O artigo "O bolchevismo na América do Sul" foi extraído do jornal *O Paiz* e reproduzido pelo referido periódico.

Numa época em que não somente a fome, mas também as táticas e estratégias de luta da Internacional Comunista (IC),[152] ameaçavam a Europa, *O Paiz* alardeava a maneira selvática como os comunistas tornavam-na um campo minado para efervescências políticas. Pairavam temores de que as greves gerais brotassem como flores do mal e o comunismo, que já havia fincado suas raízes na Rússia desde de 1917, inundasse o velho continente e, por conseguinte, o *"novo"*. Para evitar esse *"mal"* e assegurar a *"vitória da cultura e da civilização"*, *O Paiz* preconizou a solidariedade entre as *"nações civilizadas"*, sobretudo as sul-americanas, as quais deveriam unir-se contra o *"tenebroso"* comunismo russo, contra a *"brutal ditadura proletária"*. Dentre a soluções propaladas, foi proposta a arrecadação de recursos, principalmente alimentos, para os países europeus assolados pela penúria decorrente da Primeira Guerra Mundial.

Num tempo em que, sob o lema da revolução mundial, a IC intentava, por intermédio de seus emissários, criar partidos comunistas em vários países da América Latina e divulgar suas diretrizes políticas internacionalistas,[153] a imprensa conservadora intensificou as campanhas pela preservação da ordem social e política. Propugnou, a pretexto da Segurança Nacional, a expulsão de todos os estrangeiros subversivos do Brasil como uma das formas de solapar a propaganda revolucionária vermelha e de combater a ameaça do comunismo. Conforme o articulista d'*O Paiz*, o alarde das greves gerais que, naquele momento, ventilava tanto as plagas européias quanto as brasileiras não podia ser ignorado e sim encarado como um alerta para que a *"nação"* se prevenisse e instaurasse as necessárias medidas repressivas:

> *"Precisamos expelir do território nacional esses agentes do comunismo, que nos estão fazendo tão insidiosa guerra econômica. E para que a campanha de saneamento social seja mais completa e eficaz, é necessário dar-lhe um caráter internacional, firmando para esse fim um acordo com os governos de outras repúblicas sul-americanas, igualmente interessadas em eliminar esta peste que pode nos levar ao empobrecimento e à estagnação econômica."*[154]

---

[152]. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão. Op. cit. p. 32.
Segundo o autor, uma reunião convocada pelos Bolcheviques, realizada na Rússia soviética, em 2 de março de 1919, instaurou o I Congresso da Internacional Comunista (também denominada Terceira Internacional).

[153]. Idem. p. 23-35.

[154]. Várias. A Tribuna. Uberlândia, 04/04/1920, ano 1, n.° 30.

Como se vê nesse discurso, o comunismo, associado à peste e à fome, é identificado com uma atemorizadora praga que ameaçava alastrar-se pelo mundo inteiro, caso não fosse tenazmente combatido. Nas visões da imprensa em geral, era preciso agarrar os *"chifres do diabo"*[155] e liqüidá-lo de uma vez por todas, pois, segundo os clamores anticomunistas da época, nada era mais abjeto que a vilipendiação do santuário da religião e da família. Nada pior que dividir em múltiplas partes as propriedades regadas com o suor do rosto de quem as conquistou. Não havia algo mais tenebroso do que morrer empesteado e faminto; do que ser fuzilado nos campos de reclusão e trabalho forçado e ter como símbolo da nação uma bandeira na qual foi imprimida, com linhas amarelas, a efígie da foice e do martelo sobre a desarmonia do vermelho sangue. Ícones como estes compuseram as campanhas anticomunistas registradas na história de Uberlândia, principalmente a partir de meados da década de 1920, quando essas imagens foram ostensivamente utilizadas face às possibilidades de difusão do comunismo pelo Brasil – decorrentes das articulações dos emissários da IC na América Latina, especificamente no Brasil, e da fundação do Partido Comunista do Brasil em março de 1922, no Rio de Janeiro.

A partir dessa época, alguns jornais locais denunciaram a existência senão de comunistas e simpatizantes, pelo menos de *"elementos suspeitos"* e sua ação no sentido de disseminar o *"extremismo vermelho"* em Uberlândia. Preconizaram a necessidade de empreender uma campanha metódica e vigilante contra a proliferação do comunismo, explicando à população em que consistiam suas postulações, quais eram suas propostas de solução dos problemas sociais e como seria virtualmente organizada sociedade comunista. Intentando esta finalidade, a imprensa local divulgou diversos artigos escritos não só pelos jornalistas da cidade e da região, mas também pelos articulistas do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro e da imprensa nacional.

Um desses artigos, intitulado *Bolchevismo*, escrito por Gerson de Macedo Soares, em 1926, apresentava as doutrinas sociais que visavam alcançar a *"felicidade universal"* como uma

---

[155]. Termo anticomunista utilizado por João Batista Ferreira dos Santos, em seu livro: Os Chifres do Diabo. São Paulo, Livraria Sal, 1964.

confusão de procedimentos; um desentendimento de idéias que atordoavam e dividiam até mesmo os seus pregadores – uns preconizavam a transformação social lenta e gradual, outros a reforma imediata da sociedade e aqueloutros a destruição do capitalismo e a instauração de uma sociedade igualitária e livre:

> *"Dos 'anarquistas' grande parte prega a transformação social pela violência, pelo assassínio e pelo trucidamento de todos, tais como os célebres propagandistas russos Bakunin e Kropotkin; outra parte é mais moderada e, como grande chefe dela, apareceu a figura do grande pensador russo Conde Leon Tolstoi que, nas suas 'Cenas infantis' mostra os grandes pequeninos – injustiças que se faziam na Rússia do Czar."*[156]

As confusões assinaladas pelo articulista se referiam às diferentes concepções de sociedade e formas de lutas encampadas pelos anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas,[157] – ainda mais polemizadas sob os impactos da Revolução Russa e, quase dois anos depois, em 1919, da criação da Terceira Internacional (IC). Esses acontecimentos mudaram os rumos da atuação política desses grupos, divididos, de maneira geral, entre defensores e adversários das diretrizes bolcheviques. Numa época marcada pela solidariedade à nova ordem social russa, ocorreu, no Brasil, o declínio dos anarquismo e a ascensão dos comunismo, que culminou com a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em março de 1922, após algumas tentativas de organização comunista entre 1918 e 1921.

Na conjuntura dos primeiros anos da Revolução de Outubro, o bolchevismo ganhou ênfase nas falas da imprensa. Gerson de Macedo Soares discorreu sobre a maneira como, na Rússia, os dois partidos socialistas, o bolchevique e o menchevique, projetaram-se no parlamento criado após a guerra russo-japonesa, e sobre a vitória dos bolchevistas, partidários do programa máximo do socialismo. O bolchevismo, nas assertivas de Gerson de Macedo Soares, portava

---

156. SOARES, Gerson de Macedo. Bolchevismo. A Tribuna. Uberlândia, 28/02/1926, ano 8, n.° 321, p.1, c. 1. (Articulista do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro).

157. Moisés Vinhas, ao discorrer sobre a repercussão da Revolução Russa nesses grupos, afirmou que os comunistas colocaram em questão a luta pelo poder e *"procuraram sistematicamente superar a confusão entre sindicatos, partidos e correntes ideológicas, praticada pelo anarquismo"*. Fato este que provocou fragorosos debates no decurso das tentativas de organização de um partido operário no Brasil, interpretados, de forma pejorativa, por Gerson Macedo como *"confusão"* de idéias. Cf. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 7.

outros cognomes como bolcheviquismo, marxismo, maximalismo, que significavam sempre a mesma coisa: comunismo.

> *"Durante a guerra, esse partido encontrou oportunidade de fazer a revolução social e derrubou o trono do Czar.*
> *Depois de muitas lutas, em que várias formas eram tentadas, em que interesses e idéias se entrechocaram largamente, o pulso forte de Lenin ajudado por Trotsky, conseguiu dar uma certa ordem ao caos existente fundando, enfim, a República Federal Russa dos Sovietes, que lá vai vivendo cada vez mais impondo o seu conceito de mundo."*[158]

Nesse discurso, e em outros divulgados pelos jornais locais, foi possível perceber que, nas décadas de 1920 e de 1930, a nova organização social russa provocava a admiração de homens e mulheres de vários cantos do planeta, mas também o receio de que a revolução nos moldes da que aconteceu na Rússia se espraiasse pelo mundo. Contra os influxos da revolução mundial apregoada pela Internacional Comunista (IC), a imprensa local encampou a cruzada anticomunista e pôs-se a propagar as mais tenebrosas imagens do modo de vida na a Rússia. A esse respeito, Astrojildo Pereira, em *Formação do PCB*, afirmou que, na ocasião, as notícias da Revolução de Outubro foram recebidas com *"imenso e apaixonado interesse"* pelos trabalhadores brasileiros e, na contrapartida, com furor pela imprensa conservadora que distorcia as transformações ocorridas na Rússia, noticiando-as de forma negligenciada, deformada e caluniosa.[159] Nos dizeres não menos apaixonados do referido militante comunista, o leitor operário sabia muito bem discernir a verdade e a mentira nas notícias veiculadas pelas *"agências imperialistas"*, mas foi preciso que a imprensa operária investisse tenazes esforços para dissipar os discursos caluniosos acerca da Revolução Russa e esclarecer seu significado.

Moniz Bandeira, em *Ano Vermelho,* também discorreu sobre os impactos da Revolução Russa no Brasil, apresentando relevantes dados informativos e pontuando a repercussão e as influências que tal acontecimento exerceu nas lutas políticas decorridas entre

---

158. SOARES, Gerson de Macedo. Bolchevismo. A Tribuna. Uberlândia, 28/02/1926, ano 8, n.° 321, p.1, c. 1. (Articulista do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro).
159. PEREIRA, Astrojildo. Op. cit. p. 46.

1917 e 1922,[160] data da fundação do PCB. Impactos esses que, conforme a imprensa local, também foram sentidos em Uberlândia.

Entre 1922 e 1930, o PCB, oscilando entre a legalidade e ilegalidade, foi alvo de vários ataques dos anticomunistas que ganharam voz na imprensa nacional. No caso uberlandense, os periódicos *A Tribuna* e *Jornal de Uberlandia* distinguiram-se como os mais combativos algozes do comunismo, publicando, com certa freqüência, artigos que fulminavam o ideário e as práticas comunistas.

A começar pelo destaque dado à publicação da *"carta aberta"*, escrita por Bellisario Pena, na qual ele repudiava o *Manifesto de Maio* de Luiz Carlos Prestes, *A Tribuna* desfraldou suas bandeiras anticomunistas:

> *"Tal manifesto, que aconselha o calote aos credores estrangeiros, que nos emprestaram dinheiro, que não soubemos aplicar convenientemente e o confisco ou roubo das terras aos proprietários legais para serem retalhadas e distribuídas gratuitamente aos trabalhadores, é um desses deslaces que somente um cérebro perturbado e obcecado pode engendrar.*
> *Entregar o governo do país a soldados, marinheiros e proletários ignorantes, doentes, sem personalidade e sem rumo na vida, é querer transformar o ventre em cérebro, os órgãos vegetativos em psíquicos."*[161]

Para uma melhor compreensão do repúdio de Bellisario Pena ao *Manifesto de Maio*, foi recuperado aqui o percurso que levou Prestes identificar-se com o comunismo. Durante os tempos de exílio na Bolívia e na Argentina, Prestes iniciou os seus estudos sobre o marxismo-leninismo.[162] Em fins de 1927, sua afinidade com o ideário comunista começou a se delinear e no momento em que escreveu o *Manifesto de Maio* de 1930, quando já havia estudado uma parte da

---

[160]. BANDEIRA, Moniz e outros. Op. cit. p. 166-281.

[161]. PENA, Belisário. Carta a Luiz Carlos Prestes - dr. Belisário Pena dirige-se ao revolucionário exilado. A Tribuna. Uberlândia, 15/06/1930, ano 12, n.º 501, p. 4, c. 1-2.

[162]. MORAES, Dênis de, VIANA, Francisco. Prestes: lutas e autocríticas. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1982. p. 39.
Para esclarecer melhor as insinuações de Belisário Pena em relação ao oportunismo de Prestes, seguem-se as revelações de um depoimento de Prestes sobre a sua postura política depois da conversa que teve com Astrogildo Pereira: *"eu não podia aderir imediatamente a uma ideologia que não conhecia, nem tinha certeza que seria a mais adequada para transformar a realidade brasileira. Uma opção política não é uma atitude que se toma nem se muda da noite para o dia"*. (Cf. MORAES, Dênis de e VIANA, Francisco. Op. cit. p. 39). Durante seu exílio no interior da Bolívia, Prestes começou a estudar as obras de Marx, Engels e Lenin que recebera de Astrogildo Pereira. A partir de 1928, época do seu exílio na Argentina, passou a dedicar-se mais ao estudo do o marxismo-leninismo. O correspondente de um jornal descreveu a visita que fizera a Prestes na Argentina da seguinte maneira: *"O Luis sempre se manifestou infenso ao bolchevismo, de modo que foi motivo de grande espanto encontrá-lo em Buenos Aires rodeado de livros de Lenin, de Trotsky, de Zinoviev, de Burkharin – que sei eu – de toda a falange vermelha dos visionários de Moscova (...)"*. Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão. Op. cit. p. 216.

literatura marxista-leninista, suas idéias afiguravam-se influenciadas pelo comunismo. Isso foi constatado nas proposições do polêmico libelo, que preconizava uma insurreição popular contra o regime social vigente: defendia a luta anti-imperialista; a revolução agrária; a nacionalização das vias de comunicação, dos serviços públicos, minas e bancos; a abolição das dívidas externas; as leis de proteção aos trabalhadores etc. Reagindo contra essas propostas, Bellisario Pena redigiu uma carta a Prestes, na qual fulminou as preconizações do então chamado Cavaleiro da Esperança.[163]

Ele argumentava que as idéias de Prestes estavam contaminadas pelo bolchevismo – teoria social contrária *às "leis imutáveis e inexoráveis da Biologia Humana"*, que se diferenciava da *"Biologia Geral"* pela superioridade do homem em relação aos animais. Em suas contra-argumentações, o homem possuía faculdades e qualidades superiores, tais como raciocínio, imaginação, ideação, vontade consciente, sentimento de liberdade, responsabilidade, moralidade, civilidade etc. Mas nenhum dos princípios constitutivos da humanidade compunham a sociedade preconizada pelo bolchevismo, doutrina que significava a destruição de todas as tradições que até então guiaram o *"aperfeiçoamento moral da humanidade"*, a liqüidação de todos os elos de solidariedade entre os homens e dos fundamentos mais sólidos da sociedade – a família e a propriedade. Em poucas palavras, o bolchevismo significava a *"animalização do criatura humana"*, o fim da virtude do homem.

Bellisario Pena contrapunha o caos e a anarquia reinante nos países comunistas exaltando a ordem, o progresso e a felicidade imperante em países capitalistas como Suíça, Suécia, Noruega, Holanda, entre outros. No caso brasileiro, o que dava lugar à subversão da ordem, à rebelião, à luta e ao *"desespero das massas trabalhadoras"* era a degeneração política:

> *"Perturbado, confuso, desviado da realidade concreta e visível, foi arrastado a abandonar os companheiros, amigos e admiradores, que lhe alicerçaram desprendidamente o nome e a glória, assim como a causa sagrada, de regeneração política do Brasil, pela qual nos batemos, certos de que teríamos na sua destacada*

---

[163]. MORAES, Dênis de, VIANA, Francisco. Op. cit. p. 40.
Conforme os autores, *Cavaleiro da Esperança* foi uma designação criada pelo jornal *A Esquerda*. Segundo eles, em 02 de janeiro de 1928, quando se comemorava o 30.° aniversário de Prestes, os jornais que se opunham a Washington Luiz comemoraram a data como *"Dia do Cavaleiro da Esperança"*.

> *personalidade o cristo, que enxotaria do templo da pátria os vendilhões que afundaram no charco de podridões em que se debate."*[164]

Na visão de Bellisario Pena, a depravação política teria gerado o desvio ideológico de homens *"cultos e ilustres"* como Prestes. O Cavaleiro da Esperança que, como outros homens, outrora prestara um grande serviço à regeneração política do Brasil, encontrava-se então *"envenenado"* pelas doutrinas subversivas e destruidoras.[165] Em vez de tornar-se o cristo que arrancaria o Brasil da tirania dos politiqueiros, Prestes transfigurou-se em uma ameaça vermelha à pátria, um adepto fanático da *"loucura anti-biológica"*, ou numa palavra, do comunismo.[166]

Tempos depois, faltando aproximadamente dois anos para a convocação das eleições gerais à Assembléia Nacional Constituinte de 1934, apareceram na imprensa outras formas de combate à proliferação das doutrinas e práticas *"subversivas"*, sobretudo os discursos acerca do voto, divulgados pelos porta-vozes da Igreja Católica. Em declarações feitas ao jornal paulistano *A Noite,* as quais também foram publicadas no jornal uberlandense *A Tribuna,* o Cardeal Sebastião Leme clamava a atenção dos católicos para os seus deveres relativos ao exercício do voto, visto como um instrumento eficaz na conquista dos espaços da política, que, em suas insinuações, jamais poderiam ser apoderados pelos comunistas. Pela conservação da ordem social, o referido cardeal advertiu que era *"pecado votar nos hereges para ocupar qualquer cargo eletivo."*[167]

---

164. PENA, Belisário. Carta a Luiz Carlos Prestes - dr. Belisário Pena dirige-se ao revolucionário exilado. A Tribuna. Uberlândia, 15/06/1930, ano 12, n.° 501, p. 4, c. 1-2.

165. As queixas de Bellisario Pena refletem um momento histórico marcado pela atuação dos tenentistas que empunharam a bandeira da moralização da política brasileira. Suas metas básicas eram acabar com a fraude eleitoral, defender o desenvolvimento do país e atenuar a miséria que acometia o país. No levante tenentista de 1924, as mais destacadas reivindicações dos revoltosos eram as seguintes: *revogação da lei de imprensa; ensino primário uniforme e obrigatório, voto secreto sem o 'terceiro escrutínio'; unidade de justiça.* Segundo Basbaum, a chamada *Coluna Prestes*, junção das forças paulistas e gaúchas sob o comando central de Miguel Costa, teria sido um prolongamento do levante de 1924. A *Coluna Prestes* percorreu, entre 1925 e 1927, vários estados brasileiros, a fim de propagar a revolução, lutar contra o mandonismo das oligarquias e conscientizar o povo da necessidade de regenerar a vida política do país. Face ao cerco das tropas policiais, os integrantes da Coluna, por volta de fevereiro/março de 1927, refugiaram-se na Bolívia, Paraguai e, depois, Argentina. Cf. BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República; de 1889 a 1930. 4 ed. São Paulo : Editora Alfa-Omega, 1976. v. 2. p. 230.

166. A adesão de Prestes ao PCB foi publicada, por meio de carta aberta, 12 de março de 1931, na qual ele preconizava uma revolução agrária e anti-imperialista sob a liderança dos comunistas e a organização de um governo de conselhos de operários e camponeses, soldados e marinheiros. Cf. CHILCOTE, Ronald. Op. cit. p. 74-75.

167. As futuras eleições - A Igreja e os deveres dos católicos. A Tribuna. Uberlândia, 26/10/1932, ano 14, n.° 636, p.2, c. 1-2.

As diretivas políticas da Igreja Católica prenunciavam, já em 1932, a postura que os católicos deveriam assumir nas eleições que se avizinhavam. No caso paulista, a ameaça vermelha, por mais débil que pudesse parecer, vagueou o cenário político da época. Conforme Everardo Dias, houve, durante o período de propaganda eleitoral de 1934, tentativas de manifestação de socialistas e comunistas, os quais procuravam defender programas e projetos afinados com os seus interesses.[168] Embora a Igreja Católica tenha participado de acirrados embates políticos antes (e durante) da Assembléia Nacional Constituinte,[169] principalmente em interlocução com os liberais, foi nesse contexto que a imprensa procurou divulgar as recomendações do Vaticano, que aconselhavam a Igreja a distanciar-se da política e das lutas partidárias, não significando, com isto, o afastamento dos católicos dos *"assuntos da administração pública, dos problemas de ordem social, de questões nacionais"*.

Nas recomendações da Igreja, os católicos não só podiam como deviam participar da *"vida coletiva"*, cumprir os seus deveres cívicos e também aderir aos partidos políticos, desde que os seus programas não hostilizassem nem condenassem os princípios fundamentais da Igreja e nem defendessem doutrinas que, de uma ou outra maneira, concorressem para a degeneração da pátria, da propriedade e da família. Em poucas palavras, desde que os seus programas não se aproximassem, nem de longe, do comunismo. O cardeal declarou, ainda, que deixar de votar era faltar ao dever cristão, justamente porque a abstenção, conforme as discussões da *Pastoral Coletiva de 1915 dos Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas do Sul do Brasil*, n.° 1596/1597, poderia propiciar o triunfo e a ascensão dos mais perigosos homens ao poder. A recomendação relativa à posição política que os católicos deveriam assumir, portanto, não foi outra: *"os católicos que compõem uma boa parte do eleitorado tem sobre os ombros a pesada responsabilidade de constituírem a corrente conservadora, que é aquela que mais fielmente encarna as tradições e as aspirações da nação."*[170]

---

[168]. DIAS, Everardo. Op. cit. p. 194-195.
[169]. VIANNA, Luiz Werneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989. p. 167.
[170]. As futuras eleições - A Igreja e os deveres dos católicos. A Tribuna. Uberlândia, 26/10/1932, ano 14, n.° 636, p.2, c. 1-2.

O nacionalismo também atravessou as falas dos artigos anticomunistas divulgados pelo jornal *A Tribuna*. Tal foi o caso de Alfredo Freitas Macedo, advogado e jornalista, que reclamou da diversidade de idéias que circulavam livrememente pelos vários cantos do país. Teorias que antes não eram senão *"snobismo intelectual"*, naquele momento, estavam sendo postas em prática. Mesmo nas áreas da Política, da Sociologia e do Jornalismo já não se podia mais contar com bases teóricas universalmente aceitas:

> *"Sejamos justos, façamos justiça que teremos assim afastado o espectro grotesco e mau do comunismo, afugentando da mesma forma os manipansos desengonçados dos Mussolinis e Hitlers mirins.*
> *Porque o comunismo, o socialismo plebeu se irmana e se iguala ao socialismo estatal, na sua cobiça e no seu desrespeito aos direitos sagrados e imprescritíveis da individualidade.*
> *Sejamos individualistas justos, descrendo com os mesmos raios a nossa e a alheia esfera de direitos ao exotismo bolchevique nem ao do fascio.*
> *Não continuemos idólatras do além-mar. Sejamos antes os obreiros da nossa civilização. Estudemos, ao invés do que vem lá de fora, a palpitante e vivida realidade nacional. Complexo social intrincado e labiríntico é o nosso."*[171]

É possível que Alfredo de Freitas Macedo estivesse em interlocução com os professores comunistas ou supostos comunistas que, conforme os registros constatados, atuavam nas instituições educacionais da cidade, preconizaram o comunismo e intentaram arregimentar os jovens estudantes, os seus *"pupilos"*, em defesa da causa comunista. Em contraposição às doutrinas *"exóticas"*, o articulista clamava os esforços de todos a fim de resolver os problemas internos da nação que, no seu entendimento, certamente não se encontrava nas doutrinas sociais do *"além-mar"*, mas no conhecimento profundo da realidade social do Brasil, na construção da nação brasileira, isenta das influências culturais e políticas estrangeiras.

Se, no dizer do referido articulista, em algum momento da história deste país, ideários como o comunista (e/ou o fascista) não passaram de *"snobismo intelectual"* – o que, de certa maneira, conflui para as declarações feitas, em 1994, pelo político Virgílio Galassi, ao denotar que os comunistas anteriores à década de 1950 eram muito mais *"intelectuais idealistas"* do que *"militantes radicais"*–, foram constatados, na imprensa local, os temores e as reações ao comunismo na década de 1930. *"Snobismo intelectual"*? Talvez.

---

[171]. MACEDO, Alfredo de Freitas. Idealismo atual. A Tribuna. Uberlândia, 16/09/1934, ano 15, n.° 827.

Na contraface do discurso anticomunista, constatou-se um núcleo de comunistas em Uberlândia, cujas fileiras foram recrutadas principalmente nas instituições educacionais, que teria plantado na cultura política local as sementes do comunismo, por intermédio das atividades dos professores que iniciaram os seus *"pupilos"* na arte da política comunista e por meio da difusão da doutrina em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro.

CAPÍTULO II

COMUNISMO NA CONTRAFACE DO ANTICOMUNISMO

Os anos 30 foram marcados pela implantação das ditaduras fascistas na Europa, onde se destacaram a Itália e a Alemanha. Sob seus influxos, em diversos países da América Latina instauraram-se governos metamorfoseados pelo fascismo, que passaram a reprimir duramente os partidos comunistas. No caso brasileiro, o governo, principalmente depois da Intentona Comunista, em 1935, sob a ideologia e a lei da Segurança Nacional manteve os comunistas na ilegalidade e, por meio dos órgãos competentes, promoveu uma cruzada anticomunista que abarcou vários lugares do Brasil, inclusive Uberlândia.

Além das influências da conjuntura política internacional e nacional que, nessa época, fermentava a propagação do anticomunismo, constatou-se nos registros investigados, em Uberlândia, as reações anticomunistas a um grupo de comunistas, que motivado pela luta contra seus contrários, o fascismo e o imperialismo, passou atuar no cenário local, divulgando o comunismo e seduzindo politicamente os jovens das instituições educacionais.

1. Sentinelas da virtude contra o *anti-Cristo*: Tirania, escravidão, desgraça e morte: imagens dos mundos do comunismo

Além das campanhas anticomunistas do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro publicadas na imprensa local e em vários jornais brasileiros, as investidas propagandísticas contra os vermelhos, em Uberlândia, tornaram-se mais ostensivas, justamente no período em que os comunistas começaram a se manifestar no cenário local, por volta de 1930.[172] Principalmente em meados da década de 1930, constatou-se que o anticomunismo tomou

[172]. Segundo o depoimento do militante comunista Roberto Margonari, coletado por Luise Bundy, 1932 marca o início da atuação comunista em Uberlândia, dado que também foi confirmado no relato de Maria Rosa Margonari,

dimensões ainda maiores, nesse município, por intermédio dos discursos veiculados pela imprensa e mediante práticas repressivas das autoridades constituídas.

Com o propósito de recuperar o ideário anticomunista veiculado pelos jornais uberlandenses, foram reconstituídas as campanhas que propagavam os malefícios do comunismo e objetivavam provocar o medo coletivo da doutrina e dos seus adeptos.

Afora o cerco policial, o combate ao *"credo vermelho"* foi executado na esfera ideológica de forma ardil e astuciosa, tal como sugeriu, noutras circunstâncias, Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional do Câncer, em uma de suas campanhas contra o câncer publicadas, em 1953, no jornal *O Reporter*:

> *"Há uma certa classe de pessoas a quem só o medo ou a impressão poderá conduzi-la à precaução. A religião não criou a imagem do inferno para amedrontar os pecadores?"*[173]

Nessa linha de pensamento, analogamente, os anticomunistas apresentaram a Rússia e outros países comunistas, ou aqueles sob o jugo destes, como o *"inferno"* onde reinavam aqueles que optaram pela irreligião e subversão, pelo que poderia ser denominado mazorca moscovita. Internacionalmente, os recursos simbólicos, psíquicos, textuais, imagéticos e os recursos materiais como a indústria bélica e poderosos aparatos militares constituíram-se nas táticas e estratégias das lutas dos anticomunistas para aniquilar os seus adversários.

No cenário não só local, mas nacional e internacional, os estigmas demoníacos povoaram as visões de comunismo inscritas nos artigos dos jornais que se auto-atribuíram a missão de derrotá-lo implacavelmente. Temido e odiado por representar uma conspiração global contra o mundo, o comunismo foi ideologicamente fustigado pela imprensa uberlandense dos anos 30.

---

em entrevista realizada em fevereiro de 1994. Além dessas afirmativas, Roberto Margonari, entre 1951 e 1953, proclamou em seus discursos na Câmara Municipal de Uberlândia que tinha vinte anos de militância comunista.

173. KROEFF, Mário. Medo do câncer. O Reporter. Uberlândia, 09/10/1953, n.º 1880, p.3, c. 1-3.
O articulista referia-se à necessidade de provocar na população o medo do câncer para que, com isso, ela se visse forçada a prevenir-se contra a doença. Mas observa-se que, à semelhança do que aconteceu com o comunismo, em muitos casos, a exacerbação do medo do câncer nos meios populares não serviu senão para implantar em suas mentes a ignorância em relação à tenebrosa doença, por algumas pessoas chamada de *"doença maldita"* e de *"besta"*, da qual seria melhor nem falar.

Nesse embate ideológico, os discursos apresentavam a Rússia como uma pátria sob terror do comunismo. Situavam, de um lado, os chefes vermelhos, os dirigentes comunistas, que, segundo os discursos veiculados, gozavam uma série de privilégios na nova estrutura social; de outro, o resto da população, oprimida e mergulhada na mais abjeta opressão, miséria, penúria e inanição. Nas falas dos anticomunistas, enquanto os chefes vermelhos estouravam champanhe, os operários morriam de fome. Para os dirigentes, o pão branco, enquanto que os operários tinham de se bastar com o *"pão negro fabricado com farelo"*. Em um discurso irônico veiculado pelo jornal *O Reporter*, em 1935, tudo na pátria do comunismo acenava liberdade. Até a morte e a desgraça eram livres: *casamento livre, divórcio livre, amor livre*, menos as idéias:

> *"No ano de 1931 deram-se 6.480 casos de antropofagia e 365 de necrofagia (...)"*[174]
> *"Na Rússia matam-se os filhos, para se lhes comer as carnes.*
> *Na Rússia arrombam-se cemitérios, para retirar os cadáveres – A fome – obriga os operários russos a praticar esses atos de verdadeira feras, para não morrerem de fome (...)."*[175]

Tirania, morte, terror, violência, perversidade, fome, miséria, destruição, imoralidade, desgraça, trabalho forçado ou, quando muito, a troco de um magro salário. Era este o retrato sinistro da Rússia, propagado pelos jornais locais, que, sob diferentes aspectos, cristalizou-se no imaginário social de diversos lugares do Brasil e de outras partes do mundo. Não sem razão, há pouco tempo vigorou (e, talvez, ainda vigore) a idéia de que comunistas comiam criancinhas e cadáveres, matavam padres e freiras e obrigavam os idosos ao trabalho forçado.

Desvelando a tirania política reinante na pátria dos comunistas, as campanhas anticomunistas propalavam que o *"despótico Stalin"*, o *"czar vermelho"*, não poupava esforços para salvar o seu projeto de sociedade. Governo tirânico este, que, conforme a imprensa, a exemplo dos Processos de Moscou e de outros mecanismos de repressão da década de 1930, aniquilou incontáveis adversários do regime de governo instaurado na URSS. Alardearam os anticomunistas que, sob o terror stalinista, milhares de vidas foram sacrificadas, entre

---

[174]. FRANÇA, Alexandre. Comunismo. O Reporter. Uberlândia, 21/07/1935, ano 2, n.° 75, p.3, c. 1-3.
[175]. FRANÇA, Alexandre. Guerra ao comunismo. O Reporter. Uberlândia, 28/07/1935, ano 2, n.° 76.

camponeses e operários. Os jornais propalavam que, imersa na *"anarquia social"*, jamais existiu na Rússia tanta desgraça como nos tempos do comunismo.

Nas campanhas contracomunistas, os acontecimentos da guerra civil na Espanha (1936-1939)[176] também foram propagados como obra perversa tão somente dos *"vermelhos"*, que espraiavam a morte, o caos e a desgraça nas plagas espanholas e vilipendiavam os sagrados princípios da humanidade, os eternos valores: Deus, pátria, família e propriedade. Afora a complexa tessitura do processo revolucionário desencadeado na Espanha, especialmente no que tangia às controvérsias (relativas às táticas e estratégias de luta e ao tipo de sociedade que se desejava construir) entre os grupos que compunham a Frente Popular, os discursos anticomunistas consubstanciaram os embates por profundas transformações sociais em anarquia social, intolerância, violência e terror; em transgressão das sagradas instituições sociais e de seus valores.

Real ou imaginariamente, essas tenebrosas imagens do comunismo, disseminadas pela imprensa, atemorizaram as classes dominantes locais e parte da população afligida por tais temores; provocaram nelas receios de que a sociedade fosse *"contaminada"* pelas *"toxinas vermelhas"* da revolução social – a que levou a Rússia à instauração da sociedade comunista e a que mergulhou a Espanha na guerra civil, na afronta da religião, da propriedade e da pátria.

---

[176]. Em 1931, na Espanha, caiu a monarquia e foi instaurada a república parlamentar, composta pelos políticos liberais. A partir daí o governo republicano elaborou, em 1931, uma Constituição de caráter liberal e anticlerical e, até 1933, promoveu uma série de reformas que não agradaram nem os grupos conservadores *("núcleos da burguesia"*, principalmente a pequena e a média burguesia, aristocracia fundiária, *"castas"* militares e eclesiásticas e grupos fascistas), sob a insígnia da Falange Tradicionalista Espanhola, nem os grupos esquerdistas (comunistas, socialistas, anarquistas e e anarco-sindicalistas) que compuseram a Frente Popular. A partir de 1934 delineou-se um processo revolucionário que culminou na guerra civil em 1936. Liderado pela Frente Popular (Partido Comunista Espanhol, Partido Socialista Operário Espanhol, União Geral dos Trabalhadores e Confederação Nacional do Trabalho), o movimento em defesa da revolução social na Espanha abarcou diversas categorias de trabalhadores urbanos e rurais, bem como universitários e intelectuais. Conforme Fernando Claudín, o programa mínimo do movimento em curso era a revolução: *"com toda a confusão ideológica, política e tática (...) mas com uma idéia fixa muito nítida: expropriar rapidamente os capitalistas e os latifundiários, e não só os grandes, mas também os pequenos"* (p. 193), uma vez que, conforme o autor, os trabalhadores, em decorrência das estruturas econômicas da Espanha, eram, em grande parte, explorados pelos pequenos e médios patrões.
Sobre a guerra civil espanhola foram consultadas as seguintes obras:
CLAUDÍN, Fernando. A revolução inoportuna (Espanha, 1936-1939). In: A crise do movimento comunista. Trad. José Paulo Neto. São Paulo : Global, 1985. (Coleção Luta de Classes). p. 189-215.
HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos; o breve século XX – 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo : Companhia das Letras, 1995. p. 82; p. 157-162.

Contra esses influxos políticos, *O Reporter*, como um guardião do bem que se autodeterminava a tarefa de zelar pela ordem social, empunhou suas bandeiras anticomunistas. Em um dos seus artigos, publicado em 1935, os uberlandenses foram conclamados a se unirem pioneiramente contra a ameaça vermelha e a se posicionarem como *"sentinelas avançadas"* na luta patriótica contra o comunismo, visto como a maior da depravação da humanidade de todos os tempos. A guerra foi declarada:

> *"Alerta! Alerta Uberlandenses! 'Comunismo'!*
> *– Eis o inimigo! Sejamos homens! Sejamos soldados do bem! Vamos combater! Fogo ao comunismo!!!"*[177]

Face a ameaça vermelha, não poucos articulistas, no cenário local e nacional, conclamaram a participação de todos no combate aos inimigos da ordem e do progresso. Como os positivistas, Nelson Teixeira S. de Oliveira, articulista d'*O Reporter*, sugeriu, em 1935, que para restabelecer o funcionamento harmônico da sociedade era preciso submetê-la a um tratamento, a uma espécie de assepsia, *"boa higiene"*, durante a qual as *"mentalidades doentias"* deveriam ser expurgadas. Tais como as doenças, os conflitos sociais que geravam o caos e a desordem deveriam ser eliminados. A sociedade, como a natureza, deveria banir todos os seus aspectos mórbidos:

> *"A própria natureza, deusa da perfeição, nos ensina que devemos reagir contra tudo que nos tenta eliminar. De que valeria a cirurgia se assim não fora. Extrai-se um órgão doente, para que ele não nos leve ao túmulo.*
> *Assim devemos fazer com os nossos inimigos.*
> *(...) Tornar-nos todos iguais é impossível em todo e qualquer terreno. Dentro da caixa de maribondos há superiores e inferiores, graduados e operários. É a própria lei da vida."* [178]

Ao estabelecer-se uma aproximação desse discurso com a concepção positivista de sociedade, é possível perceber que a edificação de uma sociedade igualitária, nas falas do articulista, afigura-se tão impossível quanto um milagre. Em sua concepção, a desigualdade social é natural como a lei da vida, da natureza. Nada pode ser feito para transformá-la. Como na

---

[177]. FRANÇA, Alexandre. Guerra ao comunismo. O Reporter. Uberlândia, 28/07/1935, ano 2, n.° 76.
[178]. OLIVEIRA, Nelson Teixeira Soares de. Similia. O Reporter. Uberlândia, 08/12/1935, ano 3, n.° 94, p.1, c. 1.

natureza, as leis da sociedade são naturalmente invariáveis e, por isso, os males sociais são inevitáveis. Desse modo, caberia a cada indivíduo resignar-se à sua condição social.

Nos clamores de Nelson Teixeira S. de Oliveira, a profilaxia social era reivindicada aos dirigentes, aos quais foi imputada a missão de eliminar os focos de conflitos, de encontrar meios de sanar os males sociais e políticos, ou, pelo menos, de preveni-los, impedindo, assim, o florescimento de revoluções sociais. À população recomendavam-se cuidados para não se deixar enredar pelo sedicioso movimento comunista, repelindo seus emissários e suas propagandas deletérias.

A fim de aniquilar o *"polvo vermelho"*, a imprensa alardeava a necessidade de aplicar o remédio adequado para restabelecer a saúde e a harmonia da sociedade. Conforme suas preconizações, aos homens de Estado cabia a execução de medidas que extirpassem do meio social o *"filho degenerado"* da Rússia, o maléfico comunismo, que ameaçava levar o Brasil ao túmulo. De modo geral, a imprensa recomendava aos dirigentes que tomassem providências com vistas a desmantelar o ideário comunista, triturando e jogando ao vento suas *"mirabolantes"* promessas. Para tanto, propalava a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e, dentro dos limites da democracia, reformas sociais que pudessem vir a funcionar como amortecedores das lutas políticas.

Da diversidade das campanhas contracomunistas que foram empreendidas durante a década de 1930, destacam-se as idéias de que a Rússia não passava de uma grande farsa (e tragédia). Nas falas da imprensa, a pátria do comunismo transfigurou-se no reino da barbárie, onde imperavam absolutas a miséria, a fome, a morte, a opressão, a sujeira e a corrupção. A Rússia, dizia um articulista d'*O Estado de Goiaz*, em 1936, *"é uma grande senzala de escravos, aos serviços de um senhor tirano, que em suas mãos tem todo o poderio daquela pátria infeliz."*[179]

---

[179]. TEIXEIRA, J. Combater o comunismo no Brasil é dever precípuo de todo brasileiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/01/1936, n.º 130, p.5, c. 6-5. Articulista de Pires do Rio-GO.

Por sua vez, o *Jornal de Uberlandia* alardeava que era ilusão tudo o que os russos exibiam aos turistas que por lá passavam, pois a nebulosidade das propagandas comunistas permitia apenas uma restrita visão da realidade social da Rússia – o que os comunistas queriam mostrar: o Kremlin, o mausoléu de Lenin, uma *"fazenda modelo"*, um *"clube operário modelo"* e outros *"modelos"* que, além de Moscou e Leningrado, não se reproduziam nos ermos lugares da URSS. Referenciando-se nos relatos de Roberto L. Ripley, que visitou a Rússia naquela época, o citado jornal propalou, em 1936, que a chamada pátria do comunismo mergulhara no caos:

> *"Multidões famintas cercavam os trens nas estações (...) Em um ano, quatro milhões de agricultores pereceram de fome na Ucrânia (...)*[180]
> *A miséria na Rússia não decorre mais de colheitas, mas unicamente da péssima administração soviética. O governo, deliberadamente, ocasionou o caos, tirando o trigo aos lavradores para vendê-lo ao estrangeiro, e assim obter o ouro. Enquanto isso, o povo come ervas, gatos e cães. (...)*
> *Liquidaram o capitalismo e massacraram as classes educadas. Assassinaram os ricos, roubaram-lhe todos os bens e todas as propriedades. (...) Destruíram a religião apoderando-se dos templos e do que neles se continha (...) Esse inominável crime foi cometido em nome da melhor distribuição de riqueza e em nome da liberdade! Passados dezoito anos nem riqueza, nem liberdade. O que existe é a fome."* [181]

Constatou-se nos discursos propagados pela imprensa que os anticomunistas associaram o comunismo ao caos, à intolerância, à violência e ao terror; mostraram o quão imorais eram os comunistas ao ultrajar os liames mais sólidos da humanidade: a propriedade, a religião, a pátria e a família. Além de pretender provocar o medo coletivo dos vermelhos, os anticomunistas instrumentalizaram as imagens do modo de vida comunista, a fim de tocar profundamente nos sentimentos de religiosidade e de fraternidade, nos princípios de vida, nos fundamentos da cultura e da tradição do povo brasileiro que, sob diversos aspectos, foi caracterizado pela sua cordialidade e *"civilidade"*.

Em 1936, um dos articulistas do *Jornal de Uberlandia* alardeou que os *"extremistas"* estavam infiltrados em todas as camadas sociais, políticas e administrativas do país. Definindo a atividade *"extremista"* como a *"aplicação do direito da força contra a força do*

---

[180]. Segundo o relatório de Ripley, os fatos citados teriam ocorrido em 1932.
[181]. A miséria comunista. Jornal de Uberlandia. Uberlândia, 12/01/1936, Ano I, n.° 29, p.2, c. 4-5.
O relatório de Ripley foi também publicado de forma mais detalhada n'*O Momento*, órgão da Ação Católica de Uberlândia, em 30 de agosto de 1936, ano 1, n.° 1.

direito",[182] o articulista J. Teixeira afirmou que se fosse experimentada uma completa eliminação desses ativistas na sociedade brasileira, o país seria transformado em um vasto deserto de homens. Assim, o grito de guerra *"degolemos os extremistas"* conclamava toda a sociedade a participar de uma cruzada pelo definitivo fim do extremismo no país e pela instauração da paz social. Porém, ressalta-se que, muitas vezes, o extremismo aí referido concernia aos comunistas. O fascismo era o outro extremo, mas na visão de, pelo menos, alguns articulistas da época, os fascistas, também *"extremistas"*, estavam mais afinados com a ordem política e social e eram considerados menos ameaçadores. Representavam, portanto, um mal menor: antes o fascismo do que o comunismo.

No intento de tornar as campanhas anticomunistas mais incisivas, a imprensa, como sempre, foi convidada a cooperar com a sua contribuição intelectual contra o comunismo, uma vez que, segundo os dirigentes, ela representava a *"maior arma na profilaxia social"* e na disseminação do civismo e do patriotismo. Conforme *A Tribuna*, a imprensa se distinguiu, nesses embates, por denunciar a *"infiltração de elementos deletérios"* e degeneradores na sociedade brasileira; divulgar os horrores instaurados pelos comunistas na Espanha e na Rússia; e alertar o país inteiro para os perigos das *"conspirações bolchevistas que vinham solapando os alicerces da nossa liberdade"*. *A Tribuna* sugeria que cada um deveria cumprir a sua parte na missão de eliminar o mal que ameaçava mutilar a sociedade brasileira: à imprensa cabia a tarefa de promover o arejamento das mentalidades e das consciências, ao governo era recomendada a providência de medidas repressivas e à população era atribuído o dever moral de repelir tudo e todos que, de longe, representassem o comunismo:

> *"Ainda a nós da imprensa incumbe e é o nosso dever patriótico, promover a reeducação moral e cívica da mocidade, para que possamos confiar no futuro Brasil, cuja mocidade, geração que nos deve suceder se desintoxique de todas as formas e de todas as maneiras, havendo uma nova e verdadeira educação nacional."* [183]

Aproximando esse discurso do modo como comunistas atuaram em Uberlândia na década de 1930, é possível observar que as falas do jornal, talvez, fizessem referência à maneira

---

[182]. TEIXEIRA, J. Degolemos os extremistas! Gritam!. Jornal de Uberlandia. Uberlândia, 12/02/1936, ano 1, n.° 29, p.2, c. 1.

[183]. Combatamos o comunismo. A Tribuna. Uberlândia, 13/11/1937, ano 20, n.° 1156, p.3, c. 1-2.

ser e de pensar dos chamados notáveis uberlandenses e aos seus intentos de formar a *"mocidade comunista"* do futuro, conforme declarou o relatório do DEOPS-SP.

Como guardiã da liberdade que se auto-atribuiu a missão de conservar a ordem política e social por meio de uma (re)educação moral e cívica, visando, sobretudo, arejar, ou numa palavra, *"descontaminar"* a sociedade brasileira das *"toxinas do comunismo"*, a imprensa se empenhou na tarefa de desmantelar a mascarada dos países comunistas. A cruzada anticomunista foi intensificada e transfigurou-se em uma paixão política que arrebatou mentes e corações de diversos lugares, não só deste país, mas do mundo.

Em 1937, tempos de expurgos na pátria do comunismo, o cronista da *Revue des Deux Mondes*, René Pinon, que, segundo *A Tribuna*, era conhecido internacionalmente, fez declarações alarmantes sobre o terror instaurado na Rússia. Segundo esses relatos, a violência plasmou o *"paraíso comunista"*, como nos remotos tempos dos antigos reis da Assíria e dos faraós do Egito. Estado de barbárie este que se supunha tivesse sido sepultado para sempre em algum abismo do passado:

> *"Nas fábricas e nos campos como nas fileiras do exército e nos quadros do numeroso funcionalismo russo, as denúncias e os processos, imediatamente seguidos de condenação ao degredo ao fuzilamento, ocorrem com uma intensidade sem exemplo na História. E tudo indica que não será posto um paradeiro a esse horroroso 'expurgo', feito sob simples alegações de trotskismo, sabotagem e espionagem sem provas e sem observância de quaisquer formalidades reconhecidas pelo direito."*[184]

Em 1937, o articulista J. Teixeira, d'*A Tribuna* sugeria que os brasileiros contemplassem a liberdade da qual desfrutavam e mirassem no modo como a questão operária vinha sendo resolvida no Brasil por meio das medidas governamentais empreendidas pelo presidente Getúlio Vargas. Clamava o articulista que se o regime político brasileiro não agradava a muitos, que o comparassem com o *"regime de escravidão, de ódio, de ameaça permanente, de morte"* reinante na pátria do comunismo, para que, assim, pudessem perceber o abismo que separava esses dois sistemas políticos. Ufanando o sistema político brasileiro, metamorfoseado de diretrizes fascistas, o articulista enfatizou a liberdade reinante neste país, na contracorrente da

---

[184]. A escravidão na Rússia. A Tribuna. Uberlândia, 20/11/1937, ano 20, n.° 1158, p. 2, c. 4.

perversidade dos Processos de Moscou, exemplificando-a com a maneira como os conspiradores da ordem social e política, os comunistas, eram tratados pelo Tribunal Militar, durante o processo de julgamento dos mesmos. No Brasil, espaço de justiça e liberdade, os vermelhos, segundo J. Texeira, desfrutaram de plena liberdade, chegando ao ponto defenderem *"acintosamente, de braço erguido e punho cerrado, as suas doutrinas de destruição e de morte"*. Eles tinham direitos a muitas coisas (liberdade, trabalho, propriedade, proteção etc.), até mesmo o de ser comunista.[185]

Nas imagens engendradas e disseminadas pelos jornais, a tão sonhada liberdade na Rússia era palavra vã. Dos dizeres d'*A Tribuna* depreendeu-se que, ao contrário do Brasil, onde existia liberdade, não foi instaurado na Rússia nenhum dos princípios que nortearam a Revolução de Outubro: eles tombaram com a utopia dos seus ideólogos. Com a instauração do comunismo, o seu povo imergiu num estado tal de servidão que não já conseguia mais pensar no ato de ser livre. Escravizado que estava, sequer raciocinava sobre a liberdade:

> *"O indivíduo nada mais é do que um escravo do Estado totalitário. Ele distribui, ao critério dos seus burocratas, a casa, a comida, a roupa, e o remédio. A própria vida da família é regulada e dirigida pelo governo soberano. Em semelhante regime, a liberdade individual não chega a ser um mito, por que um mito sempre é alguma coisa que se pensa.*
> *Liberdade será na Rússia, no máximo, uma palavra de passe para quem deseje morrer na Sibéria ou nos gelos do Norte, ou, ainda, solução mais rápida, diante de um pelotão de fuzilamento."*[186]

Em 1937, foi criada uma comissão encarregada de reprimir a ação comunista no país, composta por Carlos de Macedo Soares, Gil Neiton Cavalcanti e Dario Paes Leme de Castro e outros. A comissão encarregou-se de estudar medidas de combate ao comunismo e de reunir esforços para esse fim. Refletindo o pensamento da comissão, o almirante Dario Paes Leme de Castro proclamou o seguinte lema: *"quem não for contra o comunismo, é comunista"*.[187] Sob a égide da ideologia da Segurança Nacional vigente na época, ele afirmou que os inimigos da pátria

---

[185]. TEIXEIRA, J. Combater o comunismo no Brasil é dever precípuo de todo brasileiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/01/1936, n.° 130, p.5, c. 6-5. Articulista de Pires do Rio-GO.
[186]. O Estado soviético é contra o indivíduo. A Tribuna. Uberlândia, 01/12/1937, ano 20, n.° 1161, p. 3, c. 1-2.
[187]. Guerra ao comunismo. A Tribuna. Uberlândia, 16/10/1937, ano 20, n.° 1148, p. 1, c. 4-5; Combatamos o comunismo. A Tribuna. Uberlândia, 13/11/1937, ano 20, n.° 1156, p.3, c. 1-2.

não eram apenas *"os adeptos ou os simpatizantes do comunismo, mas também os indiferentes"*. Na luta em defesa ordem política e social no Brasil, a referida comissão convocou a imprensa a participar do combate ao *"mal"* do comunismo. Para tanto, ela deveria contribuir com uma *"boa"* orientação dos jornais e cooperar intelectualmente na guerra contra o malsinado ideário vermelho.[188]

O Estado de Goiaz também embarcou nessa campanha e, por um tempo, aderiu à cruzada anticomunista. O referido jornal publicou, em 1937, um artigo conclamando o povo brasileiro a se prevenir contra as táticas do *"anti-Cristo russo"*, as quais profanavam os mais sagrados valores humanos:

> *"Credo esse que tem por objetivos implantar na vastidão apetitosa deste colosso cabralino, o nefasto e desgraçado bolchevismo (...).*
> *É um espectro sinistro que se move e se compraz do luto, da dor, da hereticidade, da libidinagem, da desonra nos lares, da insubordinação, da instabilidade político-social, do latrocínio; enfim, de tudo que há de mais nefando de mais execrando na vida de um povo.*
> *E esse espectro é o próprio comunismo que, como o mais autêntico anti-Cristo, quer a viva força estabelecer o seu reinado, tão logo haja, nos reduzido a mulambos humanos."*[189]

O jornal *A Tribuna* intensificou suas campanhas contracomunistas após os apelos da referida comissão. No período de 1936 a 1942, o referido jornal publicou vários artigos, muitos deles signatários do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro e dos órgãos da imprensa nacional. De um modo geral, eles expunham as ações dos comunistas, principalmente dos atuantes na Rússia, caracterizando-as como banditismo, crueldade, violência, selvageria e outros adjetivos. O caráter abjeto, profano, ilícito, sanguinário e satânico de suas ações no mundo era ressaltado em diversas notícias sobre os acontecimentos na URSS, na Espanha e em outros lugares acometidos pelas *"mãos de ferro"* do *"anti-Cristo"*.

As táticas políticas *"covardes e sanguinárias"* de líderes comunistas como Lenin e Stalin, entre outros, e as maquinações escusas e imorais que, atentando contra a honra, a religião, a propriedade e a pátria, objetivavam angariar recursos financeiros para o Partido Comunista

---

[188]. Idem.
[189]. TEIXEIRA, J. Não brinquem com o comunismo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/10/1937, ano 5, n.° 250, p.2, c. 3-5.

russo, foram ressaltadas nos *Comunicados* do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro. Conforme um deles, publicado em 1938, os comunistas falsificavam notas, casavam-se, quando jovens, com viúvas ricas e, mediante a insuficiência dos fundos assim arrecadados, usavam a tática das *"expropriações"* a fim de obterem os recursos necessários às investidas do partido. Para isso, assaltaram igrejas, cofres públicos, bancos e outras propriedades:

> *"Assim Lenin arquitetou um assalto* [ocorrido em 1907] *de grande envergadura, capaz de proporcionar o bastante para alguns anos de vida livre de preocupações de dinheiro. Tratava-se, segundo seus planos, de um assalto ao correio que levava fundos do Banco do Estado de Petersburgo para a filial de Tiflis. Esse transporte, ao tempo, feito em carruagem tirada a cavalos, oferecia risco, pois era escoltado por dois oficiais e soldados da guarda imperial. E, por isso, segundo pensava Lenin, só um homem poderia ter bom êxito na missão: Stalin, que já demonstrara em vários outros encargos do gênero, o maior sangue frio e a maior desmedida calma em matar, calculadamente, quem tentasse obstar seu trabalho. O hoje tirano aceitou, de bom grado, a incumbência".*[190]

Ao terminar a narrativa do *"sangrento e atroz"* assalto, ressaltando aí a personalidade calculista e fria de Stalin, o *"salteador vermelho"*, e de todos os *"chefes vermelhos"*, o *Comunicado* enfatizou que por meio de práticas hediondas, como roubos e assassinatos, o Partido Comunista conseguiu consolidar-se como organização para instaurar o seu *"regime de terror"* na Rússia.

Tempos depois, outro *Comunicado* se referiu à guerra civil da Espanha (1936-1939) e retratou a destruição do sentimento de religiosidade do povo espanhol, promovida pelos comunistas. Condenou a visão comunista de religião, concebida como o *"ópio das multidões"*, e afirmou que onde os agentes da Terceira Internacional intentavam plantar o seu *"credo de ódio e assassínios"*, destruíam as igrejas e todos os seus pertences, incendiavam mosteiros e conventos, assassinavam padres e freiras, em poucas palavras: afrontavam Deus.

Os referidos comunicados apresentavam os *"adeptos de Stalin"* como selváticos que cometiam assaltos, depredações, assassinatos e toda sorte de perversidade. A exemplo, em fevereiro de 1938, um desses comunicados propagou a campanha ateísta na Espanha como um conjunto de práticas hediondas, de crimes praticados pelos comunistas contra *"sacerdotes, bispos*

---

[190]. Stalin, o salteador do Banco de Tiffles. A Tribuna. Uberlândia, 22/01/1938, ano 20, n.° 1174, p.3, c. 1-2, (Comunicado do Serviço de Divulgação da Polícia).

religiosos, igrejas de caridade, enfim, pessoas e templos que, no mundo civilizado, sempre têm sido cercados de respeito e veneração". [191] Tais notícias, transcritas dos relatos de viagem do professor Walter Cook, e de outros americanos, concerniam à incineração das igrejas nas cidades espanholas – como a famosa Catedral de Sant'Anna e outros templos situados em Barcelona, Piedralvas, Tarragona e Valência – e aos atentados *"frios e monstruosos"* contra padres e freiras. Segundo o *Comunicado*, em Tarragona teriam sido fuzilados oito padres – um deles, antes morrer, teve o seu ventre pisoteado pelas botas de um comunista. Já em Valência, os comunistas fuzilaram impiedosamente as freiras enfileiradas e, depois, queimaram os seus corpos. Na visão autor do referido *Comunicado*, essas ações resumiam o caráter cruel e violento do bolchevismo, que superava *"tudo que se possa imaginar de bárbaro e desumano"*. Uma doutrina que preconizava e praticava a destruição das mais sagradas e veneráveis bases da nação: Deus, pátria, propriedade e família – os liames mais sólidos da tradição de um povo.

Outro *Comunicado* informou que na Rússia existia uma *"Associação de Ateus Combatentes"*, que objetivava aniquilar o sentimento de religiosidade do povo russo e banir daquela pátria todos os templos católicos e protestantes, bem como os seus sacerdotes e pastores.[192] Conforme os relatos, um grito guerra contra todas as religiões ecoava da boca de um porta-voz dos ateus combatentes russos: *"incendiaremos todas as igrejas do mundo"*. Nos dizeres do comunicado, os atentados aos sólidos fundamentos da sociedade minaram a paz social e não mais foi possível preservar, na URSS, os valores, os princípios que norteavam os *"povos civilizados"* do mundo. O reino da barbárie foi instaurado e, segundo o relato, tudo o que os vermelhos pretendiam era liqüidar as *"idéias mais caras ao homem civilizado"* e transformar o

---

[191]. O comunismo destrói a Espanha, destruindo o sentimento de religiosidade do povo espanhol. A Tribuna. Uberlândia, 02/02/1938, ano 20, n.° 1177, p.2, c. 1-2. (Comunicado do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro).

[192]. "Incendiaremos todas as igrejas do mundo". A Tribuna. Uberlândia, 26/02/1938, ano 20, n.° 1184, p.2, c. 1-2.
"De 44.000 sacerdotes da Igreja Católica Ortodoxa atualmente, não vivem mais que 1.200. E destes, só umas poucas centenas se encontram no exercício de suas funções. Mais de 40.000 foram assassinados ou morreram de fome e maus tratos nos campos de concentração, executando trabalhos forçados incompatíveis com os seus recursos físicos.
(...) De 300 pastores evangélicos que viviam na Rússia antes da Grande Guerra, hoje, apenas 16 exercem o sacerdócio."

"indivíduo em máquina destinada à produzir exclusivamente em benefício do Estado" e dos seus dirigentes.[193]

Outro tipo de prática comunista foi propalado pelo Serviço de Divulgação da polícia carioca para compor a imagem abjeta dos vermelhos: o comércio de esqueletos empreendido pela URSS. Sublinhando o *"rendimento"* como *"um dos princípios básicos da doutrina marxista"*, o *Comunicado* enfatizou que o Estado russo não media esforços para concretizar tal idéia. Em nome do lucro, do rendimento, do *"aproveitamento do homem em favor do Estado"*, tudo era sacrificado. Nada era poupado, nem mesmo os cadáveres que se tornaram uma nova modalidade de negócios dos russos. Conforme o *Comunicado*, os altos índices de venda de esqueletos foram noticiados, em 1936, pelo jornal *Pravda*, porta-voz oficial do governo soviético. A Rússia teria exportado seis mil esqueletos humanos – o que era explicável num país subjugado por *"um regime de sangue e fogo"*, que se tornou o maior produtor de cadáveres e, conseqüentemente, de esqueletos:

> *"Basta, para atender os pedidos de todos os interessados no negócio, que se recolham os esqueletos que branqueiam enormes áreas das ilhas de degredo de Solowki. Não é preciso fazer igual trabalho nas múltiplas prisões e nos campos de concentração, onde os prisioneiros são torturados até a morte. E sempre ficam, onde caem, porque o sagrado dever do enterramento de um corpo não é respeitado pelos agentes da G. P. U. (...) Onde cair a vítima de sua sanguinária e hedionda profissão, aí ficará. O mercador de esqueletos que a removam futuramente dentro de saco de amiagem, para o porão de um cargueiro."* [194]

A notícia sobre a *"violação de cadáveres"* pelos *"adeptos de Stalin"* completava a imagem hedionda e macabra das ações comunistas. Segundo o *Comunicado*, o editorial de um órgão da imprensa vermelha, *Lenin JKa-Moscou*, censurou a maneira como os comunistas aportaram à Espanha e combateram impiedosamente sob as ordens de Stalin. Na ocasião da prisão dos soldados vermelhos teriam sido encontrados em seus bolsos objetos de valor como jóias, dentes postiços moldados em ouro etc.:

---

[193]. Estamos numa terra de bárbaros. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 29/04/29/04/1939, Ano I, n.° 329, p.3, c. 3-4.
Essa situação é descrita no referido artigo conforme os dizeres que se seguem: *"A campanha brutal, que na Rússia se tem feiro contra todos os cultos religiosos, desde que os soviets tomaram conta do poder encontra no depoimento de Artur Feller, escritor holandês, antigo defensor do comunismo, o libelo mais veemente que se pode imaginar."*

[194]. Negociando esqueletos, saqueando cadáveres. A Tribuna. Uberlândia, 05/03/1938, ano 20, n.° 1186, p.2, c. 1-2. (Comunicado do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro).

> *"Esses pequenos tesouros representavam o produto da rapina que os soldados vermelhos exerciam em plena guerra, saqueando cadáveres de inimigos e companheiros, que pereceram na luta .*
> *(...) Isto quer dizer que o soldado vermelho não somente saqueia o cadáver, como também exerce tão repugnante atividade mesmo quando se trata de um companheiro gravemente ferido ou moribundo."* [195]

Outras notícias veiculando as chamadas *"mentiras oficiais bolchevistas"* ocuparam espaços nos jornais locais. Uma delas referia-se à polêmica em torno do *"serviço stachanvo"* que visava o aumento da produtividade do trabalho na Rússia. Conforme *A Tribuna*, o jornal *Pravda*, datado de 27/12/1937, gabou-se dos resultados alcançados pela organização do trabalho bolchevista e exaltou a façanha de um dos *"camaradas"* russos que, nas obras de construção, teriam assentado 39.500 tijolos em apenas oito horas. Contestando a notícia, o articulista declarou: *"somente uma pessoa que nem sabe o que é um tijolo, pode eventualmente acreditar nesse feito"*.[196]

O Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro, por meio dos seus comunicados, continuou denunciando, como criminosas, várias ações comunistas no mundo. Neles eram transcritos trechos de editoriais dos jornais estrangeiros a respeito das atividades dos agentes da IC que tudo faziam para executar as ordens do Partido Comunista e criar as condições de instauração do *"credo vermelho"* em diversos cantos do mundo.[197]

Segundo os discursos anticomunistas, a subversão à ordem política e social, a afronta às autoridades constituídas de vários países, a sedição e a proliferação das propagandas deletérias compuseram as táticas comunistas de conquistas de espaços políticos mais temidas pelos anticomunistas.

A crueldade dos vermelhos era escancarada de muitas maneiras. Uma delas focalizou o aniquilamento da liberdade na Rússia, especialmente a da mulher. Em tom de ironia, o *Comunicado* alardeou que no país da Terceira Internacional, também conhecido como o *"paraíso do trabalhador"*, o *"paraíso da mulher'"*, a liberdade não passava de uma grande farsa.

---

[195]. Idem.
[196]. Mentiras oficiais bolchevistas. A Tribuna. Uberlândia, 12/02/1938, ano 20, n.° 1190, p.4.
[197]. Atividade criminosa do Comintern. A Tribuna. Uberlândia, 23/02/1938, ano 20, n.° 1183, (Comunicado do Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro).

Propagaram-se relatos enfatizando a perversidade dos *"chefes vermelhos"*, afigurados como insensatos, promíscuos, desviados e estupradores. Os relatos denunciavam que meninas de 13 e 14 anos de idade, *"consideradas aptas para o casamento"* pelos russo, eram *"transportadas para regiões distantes, e entregues a operários que trabalham em minerações, sem garantir, entretanto, tais ligações"*. [198] Circularam também nos jornais referências à imoralidade reinante nas relações conjugais dos comunistas, como o caso de um diretor de comitê que, impunemente, trocava de esposa a cada oito dias.

Opressão, terror, violência, perfídia, imoralidade, fome e morte figuravam entre as monstruosidades vermelhas que, real ou imaginariamente, provocaram a tormenta e o mal-estar dos anticomunistas e atemorizaram não poucas mentes e corações em diversos lugares do mundo. No final dos anos 30, os terrores do comunismo, e de outros *"extremismos"*, chegaram a tal ponto que, como afirmou um articulista d'*O Estado de São Paulo*, em 1939, as *"tolas ideologias"* haviam roubado a cena do diabo.

> *"Quase não se fala mais no famoso belzebu da lenda. É que o diabo está seriamente desmoralizado. Antigamente tudo de ruim que acontecia à humanidade era o pobre capeta quem pagava o pato! Entretanto, o nosso povo foi se esquecendo aos poucos, visto que o diabo deixou de aparecer neste planeta de miséria e corrupções.*
> *(...)*
> *Os homens em vez de se baterem por tolas ideologias, deviam procurar adeptos para uma organização de solidariedade. Deixem para o belzebu o trabalho da maldade e da perfídia. Devolvam quanto antes ao pobre diabo o seu cepto, eu tenho certeza que ele voltará a reinar neste planeta de sofrimento e será muito mais condescendente."*[199]

Em relação ao *"credo vermelho"*, depreende-se das falas do articulista que o comunismo, ardiloso, sedutor e muito mais perverso que o próprio diabo, intentou artificiosamente enganar e encantar a humanidade com a promessa de um paraíso terreno, onde reinasse a igualdade, a liberdade e a justiça. Mas, em contrapartida, os comunistas arrebataram os bastões de satã e não instauraram senão o terror e a violência no mundo.

---

198. Onde a liberdade da mulher. A Tribuna. Uberlândia, ano 20, n.° 1189, p.3, c. 3-4.
Nos relatos, afigurava-se a dor e crueldade que acometeram o pai e a filha menor violentada:
"(...) o presidente dos Kolches, Besarowm, obrigou um camponês a entregar-lhe a filha de 13 anos para, após violento estupro abandoná-la."

199. O comunismo e a paz. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 29/10/1939, ano 2, n.° 456, p.2, c. 1-3. (Este artigo foi transcrito d'*O Estado de São Paulo* pelo referido jornal).

Contra as ilusões do comunismo, a imprensa difundiu as mais tenebrosas notícias sobre as idéias e as práticas dos seus agentes, a fim de que os comunistas fossem identificados como os mais terríveis inimigos da ordem social e política; os mais abjetos algozes da pátria, família e religião. Atribuiu-se a tarefa de desmantelar o extraordinário potencial ilusionista dos comunistas, que, como sugeriu *O Estado de São Paulo*, outrora teria sido exclusivamente um dom e uma arte do satã. Nas assertivas da imprensa, era preciso desencantar as mentalidades entorpecidas pelos *"venenosos"*, mas não menos fascinantes ideais comunistas que invadia e arrebatava almas de diversos lugares do mundo, inclusive da ainda pacata Uberlândia dos anos de 20.

2. Estrelas vermelhas no céu da *cidade-luz*: raízes do comunismo em Uberlândia

Para compreender melhor algumas faces da história comunista de Uberlândia nos anos 30, em parte apreendidas dos discursos anticomunistas veiculados pela imprensa uberlandense e das declarações dos relatórios policiais, fez-se necessário um breve passeio histórico pelos primeiros anos da década de 1920, quando os comunistas brasileiros organizaram-se institucionalmente no Rio de Janeiro, em março de 1922.[200]

Conforme Astrojildo Pereira, em *Formação do PCB*, sob os impactos da Revolução Russa, foi fundado, em 1919, um Partido Comunista no Brasil, a fim de propagar o comunismo libertário e criar núcleos comunistas em diversos lugares do país. Segundo o autor, a denominação comunista atribuída ao partido demonstrou a poderosa influência que o movimento revolucionário russo tivera no operariado brasileiro, pois, concretamente, a referida entidade era mais anarquista que comunista. Das cisões ocorridas no anarquismo, entre aqueles que passaram a contrapor-se ao bolchevismo e aqueles que o apoiavam, dissolveu-se o Partido Comunista de

---

[200]. Conforme as obras consultadas, antes da fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, vários partidos socialistas foram criados entre fins do passado e 1919. Quase todos esses partidos tiveram vida curta e se caracterizaram mais pelos seus atos de divulgação do socialismo do que por uma atuação política significativa no cenário nacional. As referências a esses partidos podem ser encontradas nas seguintes obras: PEREIRA, Astrojildo. Op. Cit.; BANDEIRA, Moniz et al. Op. cit.; BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República; de 1889 a 1930. Op. cit. ; PINHEIRO, Paulo Sérgio de M. S. Política e Trabalho no Brasil. Op cit.; DULLES, John W. F. Dulles. Op. Cit.

1919, subsistindo, no entanto, alguns núcleos comunistas que continuaram atuando no país, isolados uns dos outros – dentre os quais destacou-se a União Maximalista de Porto Alegre, ligada ideologicamente às diretrizes bolchevistas desde sua criação, em 1918. Segundo Astrojildo Pereira, a tentativa mais sólida de organização dos comunistas ocorreu, em 1921, quando os intelectuais, operários e militantes sindicais advindos do movimento anarquista se arregimentaram para formar o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, com o propósito de divulgar e defender o programa da Terceira Internacional e constituir um partido sob as suas diretrizes.

O referido grupo empenhou-se na tarefa de contatar os núcleos comunistas existentes no país, compostos por antigos anarquistas que aderiram aos princípios da Revolução Russa, e convocá-los a participar de um congresso marcado para os dias 25, 26 e 27 de março de 1922. Compareceram ao evento os representantes dos centros urbanos que concentravam maior quantidade de militantes operários: Porto Alegre, Recife, São Paulo, Cruzeiro, Niterói e Rio de Janeiro – Santos e Juiz de Fora não puderam enviar os seus delegados. Durante as atividades do congresso, foi fundado o Partido Comunista do Brasil, de acordo com as 21 condições estabelecidas pela Terceira Internacional para reconhecimento e admissão de partidos comunistas como sua seção nacional[201] – as quais não significaram uma exigência meramente burocrática para a admissão do PCB no Comintern, mas uma influência concreta em suas táticas e estratégias de luta política no percurso histórico do partido. Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, a aplicação das referidas condições nos partidos comunistas latino-americanos padecia de uma *"transposição mecanicista para um contexto muito diferente daquele de uma 'estratégia defensiva a longo prazo'"*.

Desde os seus primeiros tempos, o movimento comunista brasileiro passou por estágios distintos, decorrentes dos seus vínculos com as diretrizes políticas do Comintern e, após a dissolução deste órgão em 1943, do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).[202] Em

---

[201]. PEREIRA, Astrojildo. Op. cit. p. 65-69.

[202]. Desde a sua origem, o PCB procurou se filiar ao Comintern e, a partir daí, vínculos estreitos os uniram. Alguns exemplos evidenciaram essas ligações: as cisões internas do partido decorrentes das divergências entre Stalin e Trotsky na URSS, as quais refletiram nas suas orientações políticas nacionais; a adoção pelo partido da chamada política do terceiro período; a *"subserviência"* do partido às diretrizes da URSS, que desencadeou várias cisões

diversas ocasiões, a política comunista internacional influenciou sobremaneira na atuação dos comunistas, no contexto nacional e local, como demonstraram as fontes históricas relativas às suas atividades em Minas Gerais, especificamente em Uberlândia.

Conforme as observações das polícias políticas, a União Maximalista de Porto Alegre teria sido a responsável pela proliferação das idéias vermelhas em vários cantos do país, principalmente em *"pontos minados"* como Santos, Rio de Janeiro, São Paulo e outros. Afirmaram as polícias políticas que de Juiz de Fora teriam saído os *"primeiros comunistas"* que adentraram o interior do Estado e se infiltraram nos meios industriários, ferroviários, públicos, comerciários e camponeses, entre outros, fundando organizações sob as diretrizes *"vindas de Moscou"*. Os policiais relataram que, após a fundação do Partido Comunista do Brasil em 27 de março de 1922, os comunistas passaram a *"executar as ordens emanadas de Moscou, e os seus membros desde então perderam a noção de patriotismo, passaram a ser súditos da Rússia, pátria de todo comunista."*[203]

A começar pela década de 1920, não foi possível resgatar senão menções, entranhadas em uma ou outra fala da imprensa local, acerca do comunismo em Uberlândia. A pesquisa nos jornais, desse período, desvelou algumas evidências que denotam a existência senão de adeptos, pelo menos de simpatizantes do ideário comunista em Uberlândia. Uma delas revelou-se na maneira como um articulista do jornal *A Tribuna*, Adolpho Macieiro, recebeu e divulgou, em 1923, a notícia sobre a doença e a virtual morte de Lenin, comparando a sua situação com a de Raul Soares, presidente do Estado de Minas Gerais.[204] Nas palavras de Adolpho Macieiro, os jornais europeus teriam alardeado que, se Lenin morresse, com ele seria enterrada a sua política. Analogamente, os jornais mineiros difundiram a idéia de que se a doença de Raul Soares o

---

internas após a morte de Stalin em 1953; e, por fim, a denúncia de Kruschev contra Stalin em 1956 – as quais iniciaram um cisma que culminou em 1961, quando ocorreu a mudança de nome do Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro. Após a dissolução da IC, em 1943, os partidos comunistas latino-americanos continuaram fiéis à União Soviética, que, por sua vez, continuou a orientá-los, ainda que de forma menos direta. Cf. CHILCOTE, Ronald. Op. cit.

[203]. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 5, pasta: 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

[204]. Denominação atribuída aos governadores de Estado naquela época.

levasse ao túmulo, também seria sepultado o seu programa de governo. Embora não tenha sido possível observar quaisquer afinidades políticas entre os governantes em referência, o fato é que o articulista d'*A Tribuna* contestou os rumores sobre o virtual fim desses dirigentes e manifestou o desejo do triunfo dos seus projetos políticos:

> *"Como Lenin, Raul Soares vive e viverá, mas se ele morresse a sua política estaria implantada e com tais raízes que frondejaria à sua memória como um enorme jequitibá.*
> *Como Lenin, entretanto, ele há de viver. Ha de completar o seu programa, há de modificar o Estado como o grande russo modificou a sua pátria."*[205]

No ano seguinte, *A Tribuna* noticiou a morte de Lenin. Um artigo, que não era senão uma apologia à trajetória de vida do líder revolucionário russo, descrevia-o como um *"rebento da humanidade"* que só um acontecimento de grandeza histórica como a Revolução de Outubro poderia gerar. Afirmava o jornal que nenhum homem jamais conseguiu transformar tão bruscamente uma sociedade como *Ulianov* – do absolutismo à democracia, o titã russo abalou o mundo com as mudanças radicais implantadas na Rússia:

> *"Era um caráter inflexível, moderado em costumes, tranqüilo, gestos sóbrios, frio, simples.*
> *No mais elevado posto da Rússia conservava sempre os seus hábitos e as suas vestes.*
> *Destemido, era como a fatalidade, para os seus planos, meditados, traçados com a firmeza da mão que não treme ante ameaças ou perigos."*[206]

Além de lastimar a morte do comunista russo, podem-se perceber, no artigo, as manifestações de simpatia do articulista por Lenin. Sua admiração pelo líder comunista russo não se restringia ao caráter indômito de sua atuação no processo revolucionário da Rússia. Além das apologias à pertinácia, à excepcionalidade e genialidade do titã russo, Lenin foi admirado pela sua simplicidade, sobriedade, serenidade... Por esses motivos, muitas pessoas, no Brasil e noutras partes do mundo, manifestaram simpatias pelo referido líder revolucionário. Tal foi o caso do comunista indochinês, citado em *História da Vida Privada 5*, ao declarar que sua admiração por Lenin não procedia *"apenas de seu gênio, mas também de seu desprezo pelo luxo, de seu amor pelo trabalho, da pureza de sua vida privada"*.[207]

---

[205]. MACIEIRO, Adolpho. A doença do presidente. A Tribuna. Uberlândia, 28/10/1923, ano 5, n.° 215, p.1, c. 1.
[206]. Morreu Lenine. A Tribuna. Uberlândia, 17/01/1924, ano 5, n.° 228, p.5, c. 1.
[207]. PROST, Antoine e VINCENT, Gérard (org.) . História da vida privada 5; da primeira guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo : Cia das Letras, 1992. p. 428.

Em fevereiro de 1924, *O Alarme* revelou suas simpatias por Lenin. Ao noticiar a morte do referido comunista, afirmou o jornal que acabava de desaparecer do cenário político mundial o maior líder das *"classes proletárias"*, o monumental *"chefe do Soviete de todas as rússias"*:

> *"Espírito lúcido e liberal, sempre afeito ao bem, Lenin, com a força da sua imaginação e com o brilho da sua incontrastável perseverança, conseguiu, em poucos anos de ininterrupta luta, equilibrar a comunhão política do grande império moscovita.*
> *A sua política foi tão eficiente que vazou do grande império um filete luminoso de água cristalina, o elixir purificante, generalizando-se em quase todo o globo. Morreu Lenin, mas a sua obra é um monumento que atravessará séculos (...) Lenin não deveria morrer sem que a estrutura moral da sua política uniformizasse o cérebro do globo."*[208]

A admiração por Lenin e a simpatia pela sua causa política são notórias nas falas do articulista. Embora a *"política"* do líder revolucionário russo não transpareça associada ao comunismo, o jornal operou com recursos discursivos que exaltam a *"política"* de Lenin, identificando-a com luminosidade, transparência, lenitivo político purificante e regenerador da sociedade; demonstra a maneira como essa política se espraiou pelo mundo, alcançando homens e mulheres de diversos lugares, inclusive de Uberlândia na década de 1920. Lamentando a perda/ausência de Lenin, o articulista manifestou o desejo da internacionalização de *"política"* do líder comunista russo, por meio, quiçá, da revolução mundial propagada na época.

Lenin foi admirado por muitos simpatizantes e adeptos do comunismo; foi visto como o principal agente político da Rússia, o *"gênio revolucionário"* que heroicamente redimiu a sua pátria. Todavia, em Uberlândia, as manifestações de admiração por Lenin e pela Revolução Russa provocaram a repulsa de seus adversários e gerou uma polêmica tal que levou um articulista d'*A Tribuna* a contra-argumentar homenagens como a veiculada pelo jornal *O Alarme*:

> *"Tendo ouvido vários elogios ao finado Vladimir Ilitch Ulianov, aliás Lenin, anti-Cristo, conspirador contra o mundo inteiro, e destruidor sem piedade da sua própria pátria, peço um pequeno espaço para expor* ***o que*** *foi esse homem."*[209]

---

[208]. Lenine. O Alarme. Uberlândia, 03/02/1924, trimestre 1, n.° 10, p.2, c. 2.
[209]. Lenine. A Tribuna. Uberlândia, 23/03/1924, ano 5, n.° 236, p.3, c. 4-5. (Grifos meus).

A começar pela infância de Lenin, o articulista iniciou a sua contra-homenagem condenando a forma como ele foi criado pelos pais, descritos como aqueles que se dedicavam apenas às *"idéias abstratas"* e *"indiferentes às antigas tradições da sua pátria"*. Educado sob esses princípios, Lenin, na acepção do articulista, se tornou o degenerado agente da Revolução de 1917, o *"anti-Cristo"* dos tempos modernos que subverteu e degradou a ordem mundial. Da juventude, foi destacada a rebeldia de Lenin na Universidade de Kasan, da qual foi expulso devido às suas *"idéias insubordinadas e anarquistas"*. Das atividades revolucionárias, enfatizou a prisão de Lenin na Sibéria e na Áustria e a sua estada na Suíça, de onde disseminou a propaganda comunista junto aos outros socialistas. Falou ainda sobre o seu irmão mais velho, que foi executado por ter participado de um atentado contra a vida do czar Alexandre II, ressaltando a probabilidade de esse fato ter intensificado ainda mais seu ódio e sua vocação revolucionária, apesar de nunca ter demonstrado *"sentimentalismo ou amor à família"*.

Sobre o seu retorno a Petrogrado, após a proclamação da anistia para os exilados políticos, o articulista descreveu, ardilosamente, a maneira como Lenin desencadeou um processo de mobilização das massas populares que culminara com a Revolução de Outubro:

> *"Lenin tomou para sua residência o Kremlin, antigo castelo da autocracia e ortodoxia, e daí emitiu a sua propaganda para uma revolução mundial, dirigindo o mais terrível reino do pavor que se havia visto há muitos séculos.*
> *Nada obstava este homem, sem escrúpulos, sem religião, sem piedade e sem patriotismo. Era autocrata absoluto, sem patriotismo fez com a Alemanha uma paz ignominiosa; sem piedade e escrúpulo, prendeu estrangeiros, que horrorizados pelo sofrimento do povo da Rússia, vieram de outros países para dar socorro aos milhares de pessoas que morriam de fome, roubando-lhes dinheiro e mantimentos, destinados à caridade, para com isto adiantar as suas teorias loucas de uma revolução mundial.*
> *(...)*
> *Proibiu que alguém negociasse por conta própria. O resultado desta tentativa em comunismo era para a Rússia a ruína econômica, a carestia da vida e o barbarismo.*
> *Assassino, presidiu a sessão que aprovou o infame assassinato de Nicolau II e a sua família, e quando lhe falaram que o povo começava a morrer de fome, respondia com sorriso desdenhoso: 'uma bagatela si morrerem uns vinte milhões'.*
> *Assim era Lenin, um bruto sem consciência cujo nome é melhor que fique esquecido na obscuridão da noite pavorosa com que ele cobriu a sua pobre pátria, esperando que a aurora de um novo dia esparja a sua luz benéfica sobre ela, até que a memória desta fera desapareça como os coligens."*[210]

---

[210]. Idem.

Na contracorrente dos discursos que ostentavam o caráter genial, simples, sereno, honesto e sóbrio de Lenin, o articulista d'*A Tribuna* esculpiu uma imagem tenebrosa do líder comunista russo, que foi apresentado como o *"anti-Cristo"* moderno: conspirador, inescrupuloso, desgraçado, perverso, calculista e selvático.

Em que pesem as condenações que tangiam as muitas visões contrárias ao tipo de sociedade fundada na Rússia em 1917 e à conduta dos seus líderes revolucionários, especialmente a de Lenin, o impacto da Revolução de Outubro ainda ecoava, de forma marcante, mesmo em pequenos e recônditos lugares como Uberlândia dos anos 20, encantando homens como Adolpho Maciero e irando homens como o articulista P.A.B, que caracterizara Lenin como o autor das mais abjetas práticas comunistas, as quais deviam ser banidas definitivamente da esfera social e política do mundo.

O longo impacto da Revolução de Outubro e das ações do líder revolucionário russo repercutiu até pelo menos meados dos anos 30 nessa cidade. Nas fontes consultadas, foi constatada a veiculação de algumas notícias um pouco mais desarmadas sobre a consistência da doutrina socialista, sem que a revelassem aterrorizante ou destruidora. João Monte, em seu artigo publicado n'*A Tribuna* em 1930, visou esclarecer os fundamentos do *"socialismo moderno"*, o qual, na sua percepção, passava por uma *"evolução fatal"* que culminaria com a sua vitória:

> *"Ninguém poderá possuir com prejuízo da coletividade, – grandes terrenos produtores, que pertencerão unicamente ao Estado e que serão facultados aos trabalhadores do campo ou aos produtores propriamente dito.*
> *Limitar-se-á o direito de larga propriedade territorial evitando o açambarcamento dos grandes capitalistas. (...)*
> *Acabar-se-á de vez, com grandes propriedades incultas, onde cada braço, que produza, terá o direito de cultivar, em bens exclusivos do Estado, a parte que lhe conceber por lei ou concessão.*
> *Os grandes proprietários de terras não cultivadas, ficarão só com o necessário, para a sua imediata cultura."*[211]

Apesar de não ter sido possível recuperar registros que pudessem sistematizar melhor a recomposição das idéias veiculadas pelos comunistas nos anos 30, a citação acima evidencia a visão de comunismo de alguns articulistas, que, se não eram adeptos, pelo menos demonstraram-

---

[211]. MONTE, João do. A Tribuna. Uberlândia, 07/12/1930, ano 12, n.° 526, p.1, c. 2.

se um tanto quanto simpáticos ao divulgar as proposições do ideário socialista, como a extinção da propriedade privada.

Em contraposição à propaganda comunista que era disseminada na cidade, *A Tribuna*, em 1932, sugeriu que fossem empenhados esforços para contê-la.[212] Segundo o jornal, as idéias comunistas eram veiculadas de forma desorientada, sem que fosse devidamente explicado o significado real de tal doutrina: as suas diversas etapas, o seu modo de implantação e de dominação, as suas táticas de sedução e fascinação das massas. Mediante essas proposições, reclamava providências a fim de impedir, pelo esclarecimento, que a subversão e a anarquia afligisse a sociedade e que o comunismo se impusesse pela força.

Justamente em 1932, ano em que, conforme o militante Roberto Margonari,[213] o processo de organização dos comunistas em Uberlândia se fortalecia, o jornal *A Tribuna* reclamava da perplexidade que a ampla difusão da literatura sobre marxismo-leninismo e Revolução Russa provocava no meio social,[214] promovendo a repulsa de uns e o fascínio de outros. Fascínio este constatado no depoimento da militante comunista Olívia Calábria, que, conforme seu relato, iniciou-se no comunismo, em 1930, pelas das leituras dos livros que versavam sobre o tema, muitos deles emprestados pelos jovens que pertenciam à Juventude Comunista de Uberlândia.[215] Segundo Olívia Calábria, alguns fatores a deixaram, por assim dizer, mais vulnerável às idéias comunistas, tais como: a morte do seu pai, Domingos Antônio Calábria, que teria gerado dificuldades financeiras para a família, o seu convívio com pessoas pobres, a sua experiência de trabalho numa casa de costura, a sua sensibilidade diante das injustiças sociais, sua simpatia pelas propostas democráticas de sociedade etc. Os livros sobre o socialismo que ela lia, levou-a a refletir sobre a formas de libertação do povo. Na sua acepção, as saídas/soluções viriam

---

[212]. O grande número de livros sobre a Revolução Russa tem trazido um séria confusão em nossos meios. A Tribuna. Uberlândia, 26/06/1932, ano 13, n.° 607, p. 1, c. 1-2.

[213]. Entrevista com Roberto Margonari, realizada por Luise Bundy, em abril de 1981.
Domingos Gonçalves Cruzeiro, em seu depoimento, também confirmou a atuação comunista de Roberto Margonari no início dos anos 30. Cf. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

[214]. O grande número de livros sobre a Revolução Russa tem trazido um séria confusão em nossos meios. A Tribuna. Uberlândia, 26/06/1932, ano 13, n.° 607, p. 1, c. 1-2.

[215]. A existência da Juventude Comunista em Uberlândia, nos anos 30, foi confirmada por Roberto Margonari (em entrevista realizada em abril de 1981, por Luise Bundy), Olívia Calábria (em entrevista realizada em junho de 1991) e relatórios do DEOPS-SP.

com a modificação do sistema, mas não tinha clareza do processo, do desenvolvimento da luta (de classes) para se chegar à *"saída"*. Ela sabia que, na Rússia, os passos tinham sido dados para acabar com a exploração dos homens pelo homens, mas no Brasil não. Passaram-se os anos, ela continuou em contato com a literatura marxista e estudando no Liceu de Uberlândia até os tempos da guerra: *"e eu pensando sempre no comunismo"*.[216]

O militante Roberto Margonari, em seu depoimento, também afirmou que, no início da década de 1930, recebera as primeiras lições que o conduziram ao comunismo, por meio de diversos contatos, em 1932, com o *"extraordinário velho"* Rosa,[217] que tinha uma família *"toda"* composta de socialistas, e com um engenheiro anarco-sindicalista – ambos de Uberaba, que lhe esclareceram os fundamentos das desigualdades sociais e os significados do socialismo, de uma *"sociedade sem classes"*.

Salvo possíveis anacronismos, Roberto Margonari relatou que, em 1932, durante uma viagem de trem para Araguari, encontrou-se com Joaquim Campos, um dirigente do PCB que, na ocasião, tinha como tarefa organizar as bases do partido entre os ferroviários da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Ao manifestar interesse pelo livro, intitulado *"Um engenheiro brasileiro na Rússia"*, que Joaquim Campos lia durante a viagem, Roberto Margonari não só ganhou-o como estabeleceu um forte vínculo com o emissário do PCB no meio ferroviário:

> *"(...) eu e o Joaquim nos transformamos num homem só de organização do partido nessa região."*[218]

Como se vê, junto com as ferrovias que cruzavam o interior de Minas Gerais e de Goiás, vieram os emissários do PCB, com o propósito de enraizar o comunismo nas plagas do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano, fosse divulgando as idéias comunistas mediante a proliferação de livros, jornais e panfletos, fosse recrutando homens e mulheres já sensibilizados

---

[216]. Apesar de enamorar-se com o comunismo de 1930 a 1945, Olívia Calábria se filiou à organização comunista quando o Comitê Municipal do PCB foi fundado em 1945. Ao que parece, o núcleo de comunistas existente nos anos 30 não foi muito receptivo às mulheres, talvez, pela própria condição social feminina da época – visto que as fontes consultadas não revelaram a presença feminina no referido núcleo, apesar de algumas professoras terem sido alcunhadas de comunistas pelas polícias políticas. Conforme o depoimento de Olívia Calábria, as atividades do grupo eram secretas e restritas.

[217]. Segundo Roberto Margonari a família Rosa era toda socialista. Cf. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

[218]. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

pelas necessidades de melhorias na sociedade a fim de torná-la mais justa e humana, como fez crer Roberto Margonari.

Apesar da obtenção desses dados, permaneceu uma larga lacuna sobre a existência do núcleo dos comunistas de Uberlândia, no período compreendido entre 1930 e 1935. No ano da *Intentona Comunista* inscreveram-se na imprensa registros mais consistentes da atuação dos comunistas nessa cidade, ainda que, sob muitos aspectos, percebida na contraface do anticomunismo.

A exemplo, o artigo de Alfredo de F. Macedo, publicado no *Jornal de Uberlandia*, em 1935, denunciou a reação anticomunista na cidade e sugeriu que, para combater corretamente o comunismo, era necessário despir-se das leviandades e esclarecer, de forma precisa e coerente, os princípios da doutrina a fim de evitar que as *"tolas e errôneas refutações ao comunismo"* continuassem *"medrando viçosas e prejudicando a causa da democracia liberal."*[219] Conforme o articulista, era preciso atentar para os equívocos acerca do comunismo, que eram disseminados das mais diversas maneiras, muitos dos quais revelavam ignorância e má fé. Nas falas de Alfredo F. Macedo, a deformação leviana das idéias e práticas dos comunistas que imputava-lhes erros e vícios que não tinha era campanha contraproducente e nefasta: nada acrescentava à reafirmação e preservação da ordem social e política. Isso porque o comunismo contava com numerosos intelectuais, *"desviados"* nos seus dizeres, que sabiam muito bem defendê-lo.[220] Como relatou o ex-político uberlandense Renato de Freitas, os intelectuais de esquerda dessa cidade, desde os anos 30, sempre tiveram no seu encalço a intelectualidade de direita, que, ao longo da história, intentou amortecer discursivamente os impactos da propaganda comunista no cenário local. Relato também confirmado por Manoel Teixeira de Souza, ao testificar que os comunistas locais foram perseguidos por divulgarem suas idéias.[221]

---

[219]. MACEDO, Alfredo de Freitas. Jornal de Uberlandia. Uberlândia. 29/06/1935, ano 1, n.° 14, p. 1. c. 1-4.
[220]. Idem.
[221]. Manoel Teixeira. Entrevista realizada por Luise Bundy em maio de 1981.

2.1. Semeadores do comunismo em Uberlândia: estrelas vermelhas encimam as instituições educacionais

Se, nos anos 20 e 30, o ideário que norteou a Revolução de Outubro influenciou e orientou os sonhos, as idéias e as práticas de determinados grupos sociais uberlandenses, não foram encontrados dados substanciais que pudessem alargar a reconstituição de tal história. Desse modo, foi trafegando pelo anticomunismo que se recompuseram algumas cenas da história comunista de Uberlândia, nos anos 30.

As denúncias de que Uberlândia, nesse período, estava infestada da propaganda vermelha, conforme alardearam os anticomunistas, podem estar associadas à existência de um grupo de intelectuais comunistas na cidade, encabeçado pelo então reitor de um importante estabelecimento de ensino, o professor Mário de Magalhães Porto. Os registros relativos à atuação desse grupo na cidade baseiam-se sobretudo em informações da imprensa local e dos relatórios das polícias políticas e nas reminiscências que ainda povoam a memória de alguns uberlandenses que, à sua maneira, vivenciaram os acontecimentos no decênio de 1930.

O professor Milton Porto,[222] por exemplo, confirmou a existência do núcleo comunista em Uberlândia, nessa época, mas disse que sua atuação era *"muito fraca"*. Em seu depoimento, o cognominado mentor dos comunistas em Uberlândia, Mário de Magalhães Porto, foi caracterizado como um *"liberal"*, que, apaixonado pela causa da Revolução de 1930, apoiou politicamente a Aliança Liberal: não era um homem de política, mas um diretor de escola, um professor que tinha *"idéias mais abertas, mais liberais, (...) socialistas"*. Verificam-se, nessas falas, confusões entre ser liberal e ser socialista. Essas confusões também foram constatadas nos relatos que caracterizaram a maneira de ser de Mário de Magalhães Porto e o caráter dos seus discursos, alguns deles publicados no jornal uberlandense *O Diario da Revolução* .

A propósito da participação do referido professor na *"Revolução de 1930"*, Tito Teixeira adjetivou-o como um empolgante orador, principalmente pela retórica do civismo.[223] Por sua vez, Luise Bundy também ressaltou

---

[222]. Milton Porto mudou-se de Pernambuco na ocasião em que seu irmão Mário de Magalhães Porto arrumava a documentação referente à criação do Ginásio Mineiro no Rio de Janeiro, onde combinaram a idéia de trabalharem conjuntamente na fundação do referido estabelecimento escolar. Cf. Entrevista realizada por Luise Bundy, em dezembro de 1980.

[223]. TEIXEIRA, Tito. Op. cit. p. 282-375.

sua capacidade de oratória, de proclamar discursos inflamados que, no transcorrer do *"movimento revolucionário"*, incitava o povo à luta.[224] Aliás, em referência à *"Revolução de 1930"*, não foi possível, além dos atos cívicos e patrióticos, apreender a maneira como os cognominados comunistas da época vivenciaram o movimento – quais eram suas expectativas de mudanças e, entre outras questões, os significados daquelas lutas em suas vidas. Segundo a autora, a participação de Nelson de Magalhães Porto, que na época tinha vinte anos, deveu-se mais à sua juventude que às motivações comunistas, visto que *"todo jovem tem em si um potencial revolucionário, sendo natural o desejo de manifestá-lo. Nesta sua fase, mostrou-se contrário à política dos coronéis"*.[225] Conforme Luise Bundy, antes de Luiz Carlos Prestes ter-se proclamado comunista, Nelson de Magalhães Porto o admirava pelas suas qualidades de líder nacional.

Ao referir-se à participação dos professorado uberlandense no *"movimento político de 1930"*, a autora afirmou que, além de Mário de Magalhães Porto, outros professores manifestaram seu apoio à causa da luta. José Ignácio, Diógenes Magalhães, Emanoel Novais Sales e Nelson Cupertino (que lutou nas trincheiras), e se distinguiram no movimento como entusiásticos oradores nas reuniões realizadas em frente ao Ginásio Mineiro, quartel-general da revolução. Segundo a autora, a participação deles e talvez de outros professores não citados que aderiram ao movimento se restringiu a passeatas e concentrações e manifestações cívicas.

No que concerne ao caráter da atuação comunista no *"movimento político de 1930*, Luise Bundy afirmou que, por não existir, na cidade, um partido institucionalmente organizado, mas apenas um núcleo *"acéfalo"* de comunistas, o PCB não teve condições de arregimentar seus filiados e/ou simpatizantes sob uma sólida liderança que pudesse empreender a luta que o momento exigia. [226]

---

[224]. BUNDY, Luise. Op. cit. p. 71

[225]. Idem. p. 72.

[226]. Idem, p. 65.
Conforme os depoimentos coletados pela autora, não há esclarecimentos acerca das relações (ou da falta delas) que o núcleo comunista de Uberlândia mantinha com o Comitê Central do PCB, no Rio de Janeiro. Ademais, a falta de conhecimento do marxismo mencionada não era uma especificidade local. Luiz Carlos Prestes, por exemplo, começou a estudar a doutrina marxista-leninista entre 1927 e 1930 e se declarou oficialmente comunista em 1931. Há também referências, na bibliografia pesquisada, às dificuldades de encaminhamento das lutas políticas do PCB sob as influências do anarquismo, prestismo e outras tendências e do desconhecimento do marxismo-leninismo.

A esse respeito, decerto que havia, entre os comunistas, toda uma polêmica em torno da questão revolucionária de 1930 e principalmente da necessidade de encampar uma revolução social mais ampla além das disputas políticas entre as oligarquias regionais – que não apenas trocasse os personagens e um ou outro aspecto do cenário político e econômico, mas instaurasse uma nova sociedade, sob os princípios que guiaram a Revolução de Outubro na Rússia. Aspirações políticas estas corporificadas na denominada política das frentes populares que culminou com a criação da Aliança Nacional Libertadora, em março de 1935.[227] Se o espírito revolucionário dos comunistas que participaram da chamada Revolução de Trinta foi acorrentado ou não pelos coronéis, como sugeriu a autora, observa-se que – mediante as possibilidades de alinhamento desse núcleo comunista às diretrizes comunistas nacionais – a posição do PCB em relação a esse movimento se manteve, de certa maneira, sintonizada com as táticas e estratégias da Internacional Comunista, que teve relativo interesse pelo movimento da Aliança Liberal, ou seja desde que o mesmo configurasse uma insurreição por mudanças mais profundas.[228]

No que concerne à atuação dos comunistas junto aos camponeses, Luise Bundy afirmou que suas atividades no campo não chegaram a promover *"levantes"*. Apesar da Primeira Conferência Nacional do PCB, em 1934, preconizar a desapropriação das terras e sua divisão entre os camponeses, mesmo que para isso fosse necessário o uso das armas, os dados apontaram a dificuldade que, em tempo de coronelismo, os comunistas tiveram de arregimentarem os grupos sociais em suas organizações. A exemplo, os fragmentos de uma campanha pela adesão dos camponeses à Aliança Nacional Libertadora (ANL) evidenciaram a perseguição e a obstrução de seus adversários às tentativas de organização dos trabalhadores em Uberlândia.

Sob influxos das diretrizes da IC que abandonou a tática de *"classe contra classe"* e encampou a estratégia de *"frente popular"*, as propostas de luta no campo defendidas pela ANL, em 1935, afiguraram-se mais moderadas. Recomendava a organização que os seus filiados estabelecessem ligações com os camponeses – buscando apreender as suas mais *"concretas"* e

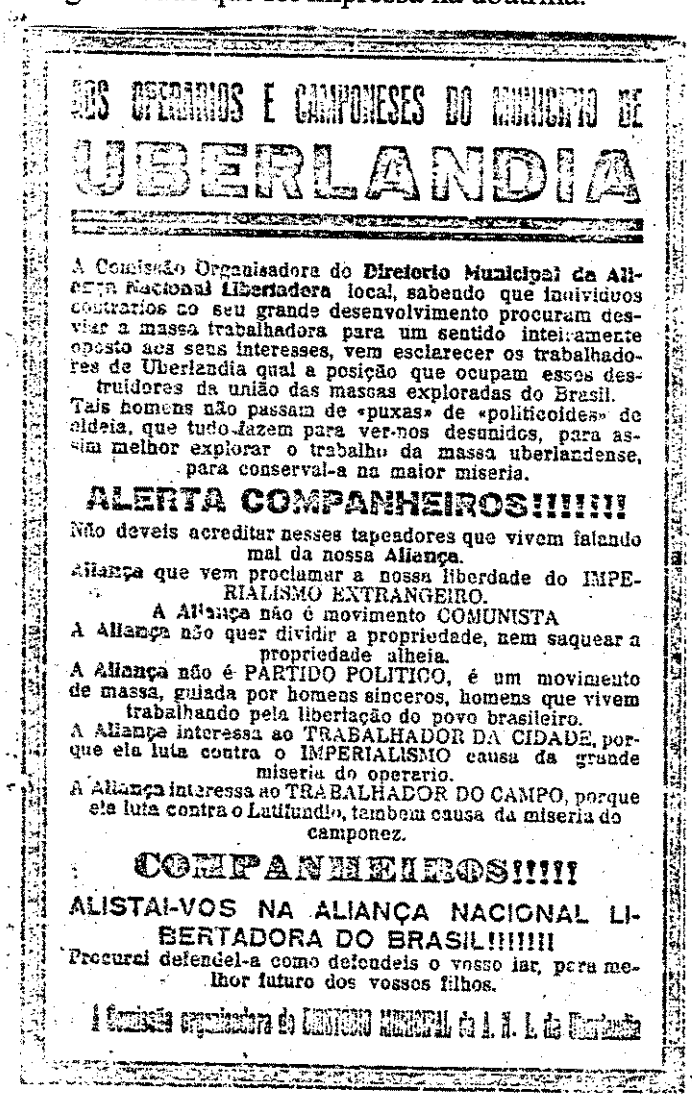
---

[227] Segundo Moisés Vinhas, os comunistas mantiveram participação reduzida no movimento político de 1930. Houve uma restrita adesão apenas em alguns estados, mas pouco significativa. Cf. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 67.

[228]. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão. Op. cit. p. 143

"sentidas" reivindicações – e se empenhassem no processo de organização dos *"operários agrícolas"* e pequenos proprietários, levando-os às lutas em defesa de seus interesses.[229]

Em Uberlândia, foram constatados registros da presença da ANL no cenário político, eivados de clamores contra os seus opositores. Os organizadores do Diretório Municipal, em panfleto, concitaram operários e camponeses a se filiarem à entidade e resistirem aos intentos obstrução/destruição das atividades da ANL pelos *"'politicóides' de aldeia"*, os quais associavam ao comunismo – à negatividade que foi impressa na doutrina.



AOS OPERARIOS E CAMPONEZES DO MUNICIPIO DE

UBERLANDIA

A Comissão Organisadora do **Diretorio Municipal da Alliança Nacional Libertadora** local, sabendo que individuos contrarios ao seu grande desenvolvimento procuram desviar a massa trabalhadora para um sentido inteiramente opposto aos seus interesses, vem esclarecer os trabalhadores de Uberlandia qual a posição que ocupam esses destruidores da união das massas exploradas do Brasil.
Taes homens não passam de «puxas» de «politicoides» de aldeia, que tudo fazem para ver-nos desunidos, para assim melhor explorar o trabalho da massa uberlandense, para conserval-a na maior miseria.

ALERTA COMPANHEIROS!!!!!!!

Não deveis acreditar nesses tapeadores que vivem falando mal da nossa **Alliança**.
Alliança que vem proclamar a nossa liberdade do IMPERIALISMO EXTRANGEIRO.
A **Alliança** não é movimento COMUNISTA
A **Alliança** não quer dividir a propriedade, nem saquear a propriedade alheia.
A **Alliança** não é PARTIDO POLITICO, é um movimento de massa, guiada por homens sinceros, homens que vivem trabalhando pela liberiação do povo brasileiro.
A **Alliança** interessa ao TRABALHADOR DA CIDADE, porque ela luta contra o IMPERIALISMO causa da grande miseria do operario.
A **Alliança** interessa ao TRABALHADOR DO CAMPO, porque ela luta contra o Latifundio, tambem causa da miseria do camponez.

COMPANHEIROS!!!!!

ALISTAI-VOS NA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA DO BRASIL!!!!!!!

Procurai defendel-a como defendeis o vosso lar, para melhor futuro dos vossos filhos.

A Comissão organisadora do Directorio Municipal da A. N. L. de Uberlandia

Figura 1: Panfleto da Aliança Nacional Libertadora veiculado em 1935
Fonte: Acervo Joaquim Ferreira

---

[229]. Acervo DGIE - Departamento Geral de Investigações Especiais, setor: comunismo. Pasta 20. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. A pasta da ANL contém referências às instruções aos comitês estaduais e municipais do PCB, hino e estatutos da ANL etc.

Em que pese a presença de um núcleo da ANL em Uberlândia, não foi possível obter mais registros que revelassem sua atuação tanto no campo, por volta de 1935. No que concerne à presença comunista no meio camponês, Roberto Margonari fez menções a atividades desenvolvidas no campo em 1938,[230] mas nada além de vagas lembranças.

Sobre história comunista dos anos 30, consta dos depoimentos, dos relatórios policiais e da imprensa que o principal núcleo de propagação do ideário comunista, em Uberlândia, teria sido composto por *"intelectuais"*, especialmente por professores como Mário de Magalhães Porto, Nelson Cupertino, Manoel Thomaz Teixeira de Souza, Henckmar Borges, José Aparecido Teixeira, Miron Menezes (médico que lecionou no Ginásio Mineiro)[231] e outros. Entre os profissionais liberais influenciados por esse grupo de intelectuais, destacaram-se, tempos depois, o arquiteto João Jorge Coury,[232] o médico Mário Faria e o advogado Nelson de Magalhães Porto.[233] No entendimento do ex-político Renato de Freitas, o referido núcleo de comunistas não se caracterizava como uma *"geração toda comunista, mas a maioria tinha tendência comunista, ou pelo menos pensava que tinha."*[234]

Afora controvérsias, Mário de Magalhães Porto foi designado, real ou imaginariamente, o principal mestre do comunismo em Uberlândia, nos anos 30. Além da polêmica em torno de sua exoneração do Ginásio Mineiro, encontram-se registradas na imprensa

---

230. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.
Em seu depoimento, Roberto Margonari afirmou que, entre 1938 e 1946, teria contribuído na luta de um *"valente"* camponês chamado José Porfírio em defesa de seus companheiros nos campos de Goiás. Salvo possíveis anacronismos no processo de rememoração de sua trajetória política, um trecho da entrevista confirma esse fato: *"eu mesmo levei armas e munições pra esse grupo, que foi um das causas graves da minha prisão, msd não neguei, falei pro general, naquele tempo coronel, esse Golberi, que foi quem fechou o meu processo* [sic]*"*. Em outro trecho da entrevista, ele se referiu à luta em defesa dos direitos dos camponeses em 1942/ 1943.

231. O médico Miron Menezes, segundo o DEOPS, foi professor no Ginásio Mineiro nos anos 30. Entre 1945 e 1946, ele se destacou, entre outros comunistas, como um dos mais assíduos anunciadores do jornal *O Estado de Goiaz.*

232. Não foram constatados os contatos de João Jorge Coury com o núcleo comunista de Uberlândia, uma vez que ele estudava Arquitetura em Belo Horizonte, no período compreendido entre 1931 e 1937. Depois de formado, ele residiu em Goiandira e Catalão, cidades próximas de Uberlândia. Cf. GUERRA, Maria Eliza A. Op. cit. p. 96-98. Conforme a referida autora, não puderam ser constatados projetos ou obras de sua autoria nesses municípios, mas foram constatados indícios de que o referido militante comunista atuou os camponeses desses locais naquela época..

233. Há referências no depoimento de Roberto Margonari que Rondon Pacheco – político dessa região, ex-governador de Minas Gerais – foi membro e dirigente da Juventude Comunista de Uberlândia em meados dos anos 30. O testemunho de Renato de Freitas também confirma as vinculações do referido político com o núcleo comunista.

234. Renato de Freitas. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

uberlandense e mineira ações das autoridades públicas e policiais contra a postura política, cognominada comunista, do referido professor e de outros docentes das instituições educacionais, que, em diversos momentos, enfrentaram o aparato repressivo policial.

Na época, uma ou outra notícia denotava os temores da capacidade que os professores tinham de disseminar a doutrina *"rubra"* e as reclamações por medidas que obstassem a ação deles. Os relatórios do DEOPS-SP e os depoimentos sobre a atuação dos comunistas na década de 1930 revelaram a importância que uma parte do professorado uberlandense, em especial Mário de Magalhães Porto, teve no processo de propagação do comunismo em Uberlândia e o fascínio que exercia sobre os jovens estudantes da época.

Apesar de sua duvidosa adesão ao comunismo, como denotaram parte das fontes pesquisadas, tanto o referido professor quanto a instituição educacional que ele dirigia foram tachados de comunista.

Segundo Milton Porto, muitas pessoas alcunharam o Ginásio Mineiro de *"antro de comunistas"*, mas que, na verdade, essa escola não foi espaço de atuação política, nem de comunistas, nem de integralistas, pois ele mesmo lutou para que a política não tomasse conta daquele espaço. Todavia, o Ginásio Mineiro como centro irradiador do comunismo cristalizou na memória de algumas testemunhas da época e nos registros da imprensa e das polícias políticas. A exemplo, nos anos 60, a referida instituição educacional, então denominada Colégio Estadual de Uberlândia, foi acusada pelos agentes policiais de *"fabricar"* uma expressiva quantidade de jovens comunistas, sob a *"influência nefasta"* do professor Nelson Cupertino.[235]

No entanto, Milton Porto contestou as afirmações que adjetivavam o antigo Ginásio Mineiro como semeador do comunismo em Uberlândia, ou pelo menos tentou desmantelar essas visões da instituição enraizadas na memória de parte dos moradores dessa cidade, principalmente daqueles que viveram nos anos 30. Segundo Milton Porto, comunistas convictos, como o professor Henckmar Borges, jamais utilizaram a cátedra como meio de doutrinação, pois se o

---

[235]. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

fizessem não teriam permanecido em seus cargos, ou sequer seriam admitidos.[236] Contudo, vale observar que, em que pesem as normas e as regras das instituições educacionais e a vigilância dos superiores hierárquicos, a sala de aula é um espaço pleno de possibilidades que permitem ao professor ministrar sua disciplina de forma mais flexível, no que concerne aos currículos e programas e às preleções ideológicas. Portanto, é possível que os referidos professores tenham mesmo propagado o comunismo nas frestas das instituições educacionais e em outros espaços onde se encontravam mestres e discípulos do *"credo vermelho"* .

Afora as controvérsias, Roberto Margonari testificou que Mário Porto e seu outro irmão, Nelson Porto, contribuíram significativamente no processo de constituição do núcleo comunista nos anos 30: *"eles... deram muitas aulas de marxismo aqui, conheciam o marxismo profundamente"*.[237] Ataliba Macedo também afirmou, em entrevista, que os professores comunistas, especialmente, Mário de Magalhães Porto e Nelson Cupertino, *"ensinavam"*, orientavam, *"tentavam incutir na cabeça dos alunos, o socialismo"*.[238] Sobre essa questão, Manoel Thomaz Teixeira de Souza, em entrevista, relatou que Mário Porto não chegou a integrar os quadros do Partido Comunista, mas era muito inteligente e pregava abertamente as idéias comunistas.[239]

Entrementes, há ainda muita nebulosidade acerca da maneira como os referidos intelectuais, profissionais liberais e outros integrantes do referido núcleo comunista conceberam e vivenciaram o comunismo e acerca do caráter das relações que, presumivelmente, eles mantiveram com o Comitê Central do PCB, que por sua vez atuava sob a influência da Internacional Comunista.

A hipótese mais provável é a de que os comunistas liderados pelos referidos professores mantiveram atividades ora veladas ora ostensivas na cidade – nas instituições educacionais e nos espaços comerciais e/ou domésticos onde se realizavam as reuniões

---

[236]. Milton Porto. Entrevista realizada por Luise Bundy em dezembro de 1980.
[237]. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.
[238]. Ataliba Macedo. Entrevista realizada por Luise Bundy em setembro de 1981.
[239]. Manoel Teixeira. Entrevista realizada por Luise Bundy em maio de 1981.

clandestinas. Isso foi constatado pelas notícias da exoneração de Mário de Magalhães Porto do cargo de reitor e professor de História das Civilizações do Ginásio Mineiro de Uberlândia, em 1935, sob acusação de instrumentalizar a cátedra como veículo de disseminação do *"credo vermelho"*.[240]

Em protesto contra a demissão de Mário de Magalhães Porto, cerca de duas mil pessoas se reuniram na praça principal de Uberlândia e contestaram o decreto que afastou o referido professor das atividades que exercia naquele estabelecimento de ensino.[241] Os motivos que o exoneraram do Ginásio Mineiro não foram divulgados pelo *Jornal de Uberlandia*, mas a imprensa não tardou a denunciar lacunarmente que o mestre estava professando ensinamentos atravessados pelas visões comunistas de mundo. Conforme os registros policiais, Mário de Magalhães Porto não teria sido apenas um preconizador do ideário comunista em Uberlândia, mas também o mentor e o organizador da primeira geração de comunistas dessa cidade – da *"mocidade comunista para o presente futuro"*.[242]

Quase um mês depois da referida manifestação, e cinco meses depois da fundação da ANL no país, foram registradas na imprensa acusações e denúncias feitas contra as atividades da ANL de Uberlândia, já na clandestinidade – entre elas, as menções do *Jornal de Uberlandia* assestada contra os seus adeptos. Há, nas falas do periódico, referências à livre circulação de propagandas das *"tolas idéias e bastante perigosas do comunismo"* e à necessidade de as autoridades constituídas implementarem medidas repressivas que objetivassem a manutenção da ordem social e política em Minas Gerais, especialmente em Uberlândia, onde, segundo a imprensa, o comunismo era livremente disseminado. Contra a atuação dos vermelhos na cidade, o jornal reivindicou às autoridades policiais a aplicação da Lei de Segurança Nacional na cidade, a fim de impedir as atividades dos *"uberlandenses indigitados partidários de Lenin"*, que, mesmo

---

240. Manifestação. O Reporter. Uberlândia, 14/07/1935, ano 2, n.° 74, p.1, c. 1-3.

241. Mário Porto foi substituído interinamente pelo Dr. Luiz Rocha até o ano de 1935, quando o dr. Aniceto Mancheroni assumiu a reitoria do Ginásio Mineiro. Cf. Jornal de Uberlandia. 29/09/1935, ano 1, n.° 14, p. 1). Tempos depois, Oswaldo Vieira Gonçalves foi empossado no cargo de reitor dessa instituição.

242. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 2. e 27, pasta 50-H-84, p. 2 e 27. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

após o fechamento da ANL, em 11 de julho de 1935, continuavam agindo clandestinamente, na sua *"faina"*:

> *"Várias foram as paredes, muitos muros e não poucos os portões de casas desta cidade, cujos proprietários tiveram o dissabor de ler uma propaganda, tola e idiota da 'Aliança Nacional Libertadora'.*
> *Desde que as autoridades não queiram tomar uma medida severa contra tal propaganda, pelo menos deveria a policia zelar um pouco pela propriedade alheia. Sabemos que alguns prédios ainda pouco retocados serviram para a impressão do primeiro numero do 'Jornal Comunista'. Ainda bem que os dirigentes desse movimento nesta cidade conheçam um pouco de francês. Devem eles se lembrar de que na língua de Danton e Marat existe um ótimo ditado cujos dizeres lhes cabem perfeitamente.*
> *Queremos crer que as pessoas responsáveis pelas tolas idéias não soubessem que seus discípulos iriam praticar atos canalhas, mas deveriam os mesmos – em suas reuniões – chamar a atenção dos seus pupilos."*[243]

Conforme o depoimento de Roberto Margonari, nessa época, a Juventude Comunista de Uberlândia realizou manifestações anti-integralistas na cidade, como as pichações relatadas acima. Apesar do referido jornal não ter explicitado o conteúdo das *"tolas idéias"* propagandeadas pela cidade, as atividades acima descritas revelam a maneira como o núcleo comunista intentaram fincar nessa cidade as raízes do comunismo. As tais reuniões constituíam os espaços onde *"mestres"* e *"discípulos"* desenvolviam clandestinamente os seus estudos e discutiam as suas formas de manifestação na cidade.

De uma ou outra maneira, as experiências dos comunistas uberlandenses se revelaram sintonizadas com as diretrizes nacionais da política do PCB, principalmente no que dizia respeito à luta anti-imperialista e anti-fascista. Isso foi constatado nos atos de comemoração da Revolução Russa, em 07 de novembro de 1935, quando se instalava na cidade um pequeno jornal, *O Povo*, com o propósito de defender os interesses proletários e empreender um plano de ação *"moderado e construtor"* pelas conquistas trabalhistas.[244]

Se o jornal manteve ou não o compromisso de divulgar o comunismo não se pode afirmar precisamente. Todavia, a edição do exemplar número 1 reservou um amplo espaço para noticiar a realização de um comício contra a guerra, o imperialismo e o fascismo, promovido

---

[243]. Comunismo em Uberlândia. Jornal de Uberlandia. Uberlândia, 11/08/1935, ano 2, n.° 7, p.1, c. 1-2.
[244]. O Povo. O Povo. Uberlândia, 07/11/1935, ano 1, n.° 1.

pelos membros da Aliança Nacional Libertadora – cujos discursos demonstraram afinidades com as diretrizes comunistas nacionais/internacionais, especificamente com as estratégias de luta adotadas pelos partidos comunistas da América Latina, sob a orientação da Internacional Comunista (IC).[245]

Num período marcado pela ameaça dos fascismos, que já não se restringia à Itália, mas, com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, em 1934, espraiava-se pela Europa e por outras áreas do mundo, a tática da *"frente única"* (ou *"frente popular"*) encampada pela IC visava reunir todas as forças sociais e políticas anti-imperialistas e antifascistas, contra os provocadores da guerra e em defesa da paz. No caso brasileiro, a ANL, fundada, em março de 1935, tanto pelos membros do PCB quanto pelos oficiais militares (da *"ala esquerda"* do tenentismo) e outros simpatizantes da idéia advindos das classes médias, incorporou essa tática e projetou um programa que, conforme Paulo Sérgio Pinheiro, continha vários pontos afinados com as propostas de outras frentes populares organizadas na época, ressaltando os seguintes: *"1) anulação de todos os débitos às nações estrangeiras; 2) nacionalização das empresas estrangeiras; 3) liberdades públicas; 4) direito ao governo popular; 5) distribuição das propriedades feudais entre os camponeses e proteção ao pequeno e médio proprietário"*.[246]

Empunhando essas bandeiras, a ANL, que, segundo Paulo Sérgio Pinheiro, tirou a política das *"conversas entre cavalheiros"* e a levou *"para as ruas"*, promoveu em vários lugares do Brasil a criação de células compostas principalmente por estudantes, trabalhadores diversos, profissionais liberais, funcionários, intelectuais e militares – cujas lideranças ficaram restrita aos integrantes das classes médias e classes médias altas. Também as campanhas políticas mais comuns da ANL de Uberlândia eram as manifestações públicas, os comícios e as marchas, semelhantes às dos núcleos congêneres existentes no país. No caso uberlandense, verificou-se que o núcleo comunista compôs-se majoritariamente de professores e profissionais liberais que

---

[245]. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da Ilusão. Op. cit. p. 202-206.
O autor analisa a política do Terceiro Período adotada pela IC e suas influências nos partidos comunistas latino-americanos, especialmente no PCB.

[246]. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da ilusão. Op. cit. p. 272-274.

mantiveram articulações políticas nas instituições educacionais e em pontos comerciais (escritório, consultório, loja, farmácia, bar, como o famoso Bar da Mineira, e outros lugares). Constatou-se pelos depoimentos que o referido grupo comunista intentou propagar o comunismo por intermédio das conversas nas calçadas, esquinas e praças da cidade e dos comícios e passeatas realizados esporadicamente.

Desse modo, tanto as formas de manifestação e os discursos quanto a composição social do núcleo da ANL em Uberlândia revelaram características afinadas com a estruturação, em âmbito nacional, da organização. Isso foi constatado nessa cidade, mesmo após o fechamento da referida entidade, em julho de 1935. O comício promovido pelos integrantes da ANL local reuniu, em frente ao Cine Teatro,[247] as diversas classes sociais: *"desde o 'pé de poeira', ao abastado capitalista. Desde o bronco analfabeto, para quem as linhas de um a contêm mistério, ao douto cujo saber tudo desvenda. As religiões lá se encontravam representadas por seus diferentes adeptos."*[248]

O Estado de Goiaz, ao noticiar o acontecimento, afirmou que o comício protestou a guerra e o imperialismo e que não se caracterizou como uma atividade extremista – de subversão à ordem. Testificou o jornal que, ao contrário, a manifestação defendeu pacificamente a liberdade e a soberania das nações.[249]

Nesse evento, Manoel Thomaz Teixeira de Souza, presidente do núcleo da ANL de Uberlândia, proferiu um discurso que condenava o imperialismo e concitava os povos subjugados a se defenderem. O presidente da ANL, em seu discurso, fez referências à trajetória dos homens e de suas intermináveis guerras pela conquista de territórios férteis, ricos, e, nos tempos modernos, daqueles que pudessem constituir-se em mercados fornecedores de matérias-primas e consumidores de produtos industrializados. Para alcançar esses objetivos, ele explicou que os países poderosos submetiam cruelmente os povos para dominar seus territórios e ressaltou a

---

247. Conforme a imprensa e o depoimento de Olívia Calábria, Hitler e Mussolini eram vaiados pelo público no teatro e no cinema.

248. Contra a guerra e contra e imperialismo. O Povo. Uberlândia, 07/11/1935, ano 1, n.° 1. p. 2

249. Contra a guerra e contra o imperialismo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/11/1935, ano 3, n.° 111.

necessidade de contestar uma outra perversidade do imperialismo: o recrutamento na classe operária da grande parte dos soldados que se tornavam *"carne para canhão"* nos *"fronts"* das guerras imperialistas.

Manoel Thomaz Teixeira de Souza argumentou que, em nome de um *"patriotismo doentio"*, a guerra encontrou não poucos defensores no decurso dos tempos imperialistas, durante os quais a África e a Ásia foram abocanhadas pelas grandes potências, principalmente em busca de matérias-primas e de novos mercados consumidores que desatolassem as suas indústrias abarrotadas de produtos. Naquela época, o aumento do trabalho, a anarquia da produção e a proletarização das massas teria gerado um desequilíbrio entre a oferta e a procura e, com isso, graves crises econômicas no mundo industrializado. Desemprego, miséria e guerras afiguravam-se, nas falas do comunista, o reverso maldito do imperialismo faminto de novas colônias, o que poderia levar à guerra:

> *"Uberlandenses, é contra essa política de opressão e de domínio que devemos nos levantar em Frente Única.*
> *Não nos iludamos! O fascismo ronda o Brasil. Os países imperialistas vêem no Brasil, país semi-colônia e semi-bárbaro, vêem nele uma ótima presa pelas suas inúmeras riquezas em matérias-primas.*
> *E, nessa luta, devemos estar sempre de pé, firmes contra o fascismo, porque, senhores, o integralismo, é o mesmo fascismo caricato, diferente somente na cor da camisa, mas igual nas suas idéias retrogradas de opressão, querendo escravizar um povo à vontade de um único homem."*[250]

Segundo Manoel Thomaz Teixeira de Souza, o integralismo fora contestado e repudiado por frações das forças armadas, estudantes, intelectuais, operários e mulheres, mas encontrou a guarida das leis e o amparo do governo. Clamava o presidente da ANL que os planos sinistros dos integralistas vicejavam sorrateiramente no cenário político nacional, sob o lema Deus, Pátria e Família e as vistas grossas dos governantes. Mediante a ameaça verde, Manoel Thomaz Teixeira de Souza alertou que não havia como ignorar as *"criminosas"* intenções dos agentes integralistas e recomendou o protesto e a resistência ao integralismo.

Ao noticiar a ilegalidade da Ação Integralista Brasileira (AIB), *O Estado de Goiaz* afirmou que se em nome da segurança nacional foi decretado o fechamento da ANL, *"nada mais*

---

[250]. Contra a guerra e contra o imperialismo. O Povo. Uberlândia, 07/11/1935, ano 1, n.° 1, p.3.

justo e equitativo" que a obstrução das atividades integralistas, pois o integralismo, o outro extremo, conspirava contra os poderes constituídos.[251]

Os relatórios das polícias políticas também teceram as suas considerações sobre a atuação do núcleo comunista dos anos 30 – algumas delas confirmadas por Roberto Margonari.[252] Segundo os relatos do DEOPS-SP, Mário de Magalhães Porto, Nelson Cupertino e Henckmar Borges foram os principais responsáveis pelo enraizamento do ideário comunista em Uberlândia, uma vez que formaram e orientaram intelectualmente a *"mocidade comunista"*, a qual teria sido encarregada de perpetuar o comunismo na cultura política da cidade:

> *"Quase toda a juventude que cursou o referido colégio, por* [volta] *de 1930 foi influenciada; raros os que se mostram infensos ao comunismo. E, muitos deles são ainda hoje os propagandistas do Kominform."*[253]

Nas assertivas de Luise Bundy, o Ginásio Mineiro foi disputado como um espaço de reuniões e de irradiação de *"diversas ideologias"*, especialmente pelos integralistas e comunistas:

> *"Mário Porto não conseguiu a simpatia de determinados políticos locais, que solicitaram que lhe tirassem o cargo, o que ocorreu de fato em 1934* [sic]. *Nota-se aí uma pressão direta, não só dos 'donos do poder' como da própria estrutura local, contra os elementos de ideologia socialista e comunista."*[254]

Com o já mencionado afastamento de Mário Porto, ocorrido em 1935, e, tempos depois, com a assunção do cargo pelo professor Oswaldo Vieira Gonçalves, por muitos cognominado integralista, esperavam-se que as atividades comunistas fossem definitivamente banidas do Ginásio Mineiro.[255] Mas, conforme o relatório do DEOPS-SP, os comunistas tentaram

---

[251]. Aprovado o fechamento do integralismo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/11/1935, ano 3, n.° 119.

[252]. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

[253]. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Considerações Gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 2 e 27, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

[254]. BUNDY, Luise. Op. cit. p. 69.

[255]. Os investigadores do DEOPS denominaram Escola Técnica de Comércio a instituição da qual Mário de Magalhães Porto foi afastado. Todavia, sabe-se, tal fato aconteceu no *Ginásio Mineiro de Uberlândia.*
Mário de Magalhães Porto também orientou a instalação em 30 de outubro de 1931 de uma *Academia de Comércio Uberlândia* anexada ao Liceu de Uberlândia, que também foi fundado, em 15 de janeiro de 1928, por ele, sua esposa Maria de Lourdes Vieria Porto e Dr. Antônio Vieira Porto. Cf. TEIXEIRA, Tito. Op. cit. v. 1, p. 171-173.
Por muito tempo, Milton de Magalhães Porto dirigiu a Academia de Comércio, outrora também conhecida como um *"foco de bolchevistas"*.

se infiltrar na citada instituição educacional, em 1947, por meio da *"Associação Colegial"*,[256] com a finalidade de obstar as ações daquele diretor. Frustrado o intento, os comunistas persistiram e se manifestaram, sem alcançar os resultados esperados, contra a indesejada gestão de Oswaldo Vieira Gonçalves por intermédio da União dos Estudantes,[257] composta, segundo o relato policial, somente pelos *"filhos de líderes, ou dos elementos doutrináveis"*. Consta desse relatório que, em 1944, a referida entidade criou o jornal *Mocidade Livre* a fim de insuflar, politicamente, os estudantes do Ginásio Mineiro contra a administração do repudiado diretor, que, segundo os policiais, era um contundente anticomunista:

> *"(...) suas baterias foram totalmente dirigidas contra o Colégio Estadual. Foram baldados, inúteis os esforços dos vermelhos, esfacelando-se a União, 'morrendo' o Jornal."*[258]

Dentre as instituições educacionais cognominadas comunistas, o Liceu de Humanidades de Uberlândia (anexado à Academia de Comércio de Uberlândia), que outrora recebera a alcunha de *"instituição moscovita"*, também foi considerado um significativo espaço de atuação dos comunistas – o *"centro de irradiação das idéias vermelhas"*.[259] Segundo o relatório do DEOPS-SP, o Ginásio Brasil Central se destacou como um estabelecimento onde militavam os professores comunistas que, sob a permissão da diretoria, fizeram uma campanha aberta do *"credo moscovita"*.

Afirmaram os policiais que atuação dos professores *"reconhecidamente"* comunistas em instituições educacionais públicas e privadas contribuiu sobremaneira para que Uberlândia se tornasse um *"centro de irradiação comunista"* no Triângulo Mineiro e no Brasil Central. À

---

[256]. A Associação Colegial Esportiva e Cultural, considerada a primeira agremiação literária do Ginásio Mineiro, foi criada em 1931 e reorganizada em 1941.

[257]. Em 1933 foi fundada, no Ginásio Mineiro, a Associação dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia (AESU). Na solenidade de instalação foi proferida uma palestra pelo doutor Bernardo Guimarães, sobre o *tema "Exageros"*. O palestrante, segundo *A Tribuna*, condenou os exageros da imprensa que aumentava tudo o que comunicava e, sob a influência *"filolófica estrangeira"*, desvirtuava a língua portuguesa, carregando-a, num primeiro momento, de *"pomposos termos franceses que nada expressam"* e, naqueles dias, de termos ingleses procedentes dos norte-americanos, principalmente do *"cinema falado"*. Ao final da palestra, Bernardo Guimarães advertiu aos estudantes sobre os perigos das teorias e doutrinas *"subersivas"*, especialmente o bolchevismo, que, na época, vinha sendo divulgada na cidade.

[258]. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Considerações Gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 29, pasta 5-0H-84. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

[259]. Idem. p.26

exceção do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, as demais instituições de ensino primário, ginasial, normal e comercial mantinham, conforme o relatório policial, um inflamado corpo docente, composto por professores vermelhos.[260] Por isso, Uberlândia foi identificada pelas polícias políticas como uma *"cidade fundamental"* para as atividades comunistas, ora em segundo, ora em terceiro lugar depois de Belo Horizonte, e o Triângulo Mineiro como uma região estratégica da atuação comunista no Estado mineiro, desde a década de 30.[261]

Conforme os relatos do político uberlandense Renato de Freitas, existia, por volta dos anos 30, uma *"elite intelectual de esquerda"* formada e orientada por Mário de Magalhães Porto, adjetivado como *"educador e líder excepcional"*, que, como professor e diretor do Ginásio Mineiro, influenciou renomados profissionais liberais:

> *"(...) Mário Faria que foi o melhor e mais conceituado médico de Uberlândia. Pelas suas mãos passaram João Jorge Cury, o mais famoso arquiteto da região; Polidoro de Freitas, meu primo e intelectual respeitado. Henckmar Borges, Josias de Freitas, professor da Escola Nacional de Medicina no Rio de Janeiro e um dos maiores cirurgiões da América do Sul; Dantas Loureiro, que só não chegou a Brigadeiro na Aeronáutica porque foi cassado; Amadeu Cury, médico excepcional e Paes Leme que se elegeu senador pelo Rio de Janeiro."*[262]

---

[260]. Nas palavras dos investigadores do DEOPS, encontravam-se militando nas instituições de ensino suspeitas, os seguintes professores:
Colégio Estadual de Uberlândia: Dr. Miron Menezes, médico; Iderlino Lanes Bernardes, professor de Latim, que também lecionava no Ginásio Brasil Central.
A começar pelo seu Diretor e professor, Milton Porto, o Liceu de Uberlândia mantinha professores, que, segundo o DEOPS-SP, eram comunistas – entre eles, Matilde Guimarães que era *"porta-bandeira do pavilhão soviético em paradas, o tempo em que mantínhamos relações diplomáticas com a Rússia, e portanto o partido"*.
O Ginásio Brasil Central tinha como diretor e professor, o comunista Dr. Manoel Thomaz Teixeira de Souza, médico; do corpo docente foram destacados os seguintes nomes: Nelson Cupertino, o *"responsável por toda a propaganda comunista da região, elemento culto, doutrinador. Leciona também particularmente"*. (Grifo do original); José Melgaço Barbosa, advogado; Munir Cury; Izabel Bueno; Maria da Conceição Barbosa Sousa. Miss Joan, professora de Línguas; Johen Carneiro, professora de inglês; Miguel Carneiro, o alcunhado Hipopota, *"pessoa bem relacionada com o meio estudantil"*; Adail Peres de Carvalho, presidente do Sindicato dos Bancários também foi arrolado como professor comunista, mas não foi citada a instituição onde trabalhava. Cf. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

[261]. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 4-10, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

[262]. A esquerda teve papel destacado. Correio de Uberlândia; edição especial: Cadernos do Centenário. Agosto de 1988, p. 8. (Trecho do depoimento de Renato de Freitas).

Em decorrência da ação *"conscientizadora"* do referido professor que plantou na cidade as idéias comunistas, Renato de Freitas afirmou que Uberlândia ficou conhecida como *"Moscou Brasileira"*.

Em decorrência da atuação professores citados anteriormente, as instituições educacionais foram alvo da vigilância da imprensa e das autoridades constituídas. A exemplo, em 1936, José Ignácio de Souza, diretor e proprietário da primeira Escola Normal de Uberlândia, posteriormente transformada em Ginásio Brasil Central,[263] foi acusado de práticas de ensino ateístas e comunistas. Em contraposição às infâmias que denegriam a imagem do referido diretor e ameaçavam sua integridade moral, as alunas da Escola Normal publicaram n'*O Estado de Goiaz* uma moção de apoio aos trabalhos educativos desenvolvidos por José Ignácio e condenaram o anomimato do artigo intitulado *"Comentários"*, divulgado pelo *Diário de Bello Horizonte*. Contestando a acusação de que na instituição administrada por José Ignácio era propagado o mais *"ferrenho ateísmo"*, as normalistas enfatizaram especialmente os seus atos de generosidade e sua disposição em favorecer os estudos para as *"moças desprotegidas da fortuna"*. Segundo elas, esses atos contribuíram para a formação de muitas normalistas carentes, capacitando-as a trabalhar para o seu próprio sustento:

> *"(...) a liberdade de crença é aqui uma verdade, pois aqui vivemos em verdadeiro seio de Abraão, as católicas, as espíritas, as protestantes e as ortodoxas se acotovelam na mais íntima amizade respeitando-se mutuamente. (...) Como se explica, que sendo a escola atéia os pais católicos põem nela suas filhas? A escola está tão cheia de alunas que o Diretor teve necessidade de construir novo prédio, para poder acomodar os novos alunos, e Uberlândia – Diz o 'Diario de Bello Horizonte' nos seus comentários, aliás, a única verdade – 'É UMA CIDADE CATÓLICA'."*[264]

Ateísmo não, mas diversidade de credos. Nas visões das normalistas, a cidade e a Escola Normal eram espaços da liberdade onde coexistiam harmonicamente diversos credos religiosos e políticos. Mas, nas declarações das normalistas, Uberlândia afigurava-se hegemonicamente católica e ateísmo, em suas considerações, era algo inconcebível naquele meio porque todas ali tinham os seus credos, ainda que diferentes. Contudo, observa-se que *"ateísmo"*

---

[263]. Cf. TEIXEIRA,Tito. Op. cit. v. 1, p. 302.

[264]. Protesto contra as inverdades do "Diario de Bello Horizonte". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/10/1936, ano 4, n.° 162, p. 1, c. 1-3. (Grifos do original).

era também uma alcunha do comunismo e das idéias e práticas que se aproximavam do *"credo vermelho"* – e de seus adeptos como os professores Nelson Cupertino e Manoel Thomaz Teixeira de Souza que compunham o corpo docente da referida instituição educacional.

Não só as alunas mas também os professores da Escola Normal se manifestaram contra os *"comentários"* do articulista anônimo do *Diário de Bello Horizonte*. Entre os signatários da moção solidária ao professor José Ignácio de Souza, foram observados os nomes de Nelson Cupertino e Manoel Thomaz Teixeira de Souza que declarou não professar nenhuma doutrina religiosa – atitude em si que denotava, na acepção de parte das pessoas da época, uma tendência ao comunismo. Nas considerações das professoras, tanto José Ignácio de Souza quanto a instituição primavam pela idoneidade, civismo e integridade moral, religiosa e ideológica:

> *"Hoje, professoras desta Escola, não ensinamos COMUNISMO e nem ATEÍSMO, porque não foi isso que aprendemos, ao contrário, continuamos tendo respeitada a nossa consciência, o nosso modo de pensar e, com especialidade, a nossa crença religiosa.(...)*
> *Por índole e educação, não aprovamos extremismo qualquer que seja."*[265]

As práticas de ensino vigentes naquela escola, segundo as professoras, não serviam senão para *"vencer mais facilmente a luta portentosa pela vida"* e pelo combate ao analfabetismo. Afirmaram as professoras que a Escola Normal não pregava o ateísmo e o comunismo. Ao contrário, era uma *"oficina de trabalho intelectual, moral e cívico"*, uma instituição onde germinavam e floresciam os sentimentos patrióticos e a educação.

Contudo, a não ser os clamores pela repressão ao comunismo, não foi possível apreender os desdobramentos da atuação comunista na década de 1930. Pelo que constaram das fontes pesquisadas, os comunistas se mantiveram em atividade no município e alguns deles, Nelson Cupertino, Henckmar Borges e Roberto Margonari, José Fonseca Palhares, Polidoro de Freitas Rodrigues, junto a João Jorge Coury, José Virgílio Mineiro e Mário Faria, foram os principais organizadores do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia, em 1945.

---

[265]. Comunismo em Uberlândia; resposta ao "Diário de Bello Horizonte". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/10/1936, ano 4, n.° 162, p. 4, c. 1-2. (Grifos do original).

Nas linhas de uma ou outra acusação contra o que (real ou supostamente) falavam e faziam os comunistas, foi possível obter alguns registros, fragmentados e obscuros, das da presença comunista em Uberlândia nessa época. Tal foi o caso da polêmica entre Nelson Cupertino e o Cel. João Lemos que revelou os vestígios da atuação do referido professor nos anos 30. O prefeito municipal de Uberlândia e o delegado policial foram denunciados por Nelson Cupertino, *"com acusações soezes à atuação dessas autoridades no tocante ao trânsito de um carro particular pertencente ao Aero Clube e no fornecimento da quota de gasolina destinada ao mesmo veículo"*. Na tentativa de desmantelar a denúncia, João Lemos, questionando a legitimidade das acusações e a idoneidade de quem as fez, revelou a passagem do citado professor pela prisão e pelo exílio, nos anos 30:[266]

> *"(...) O senhor Nelson Cupertino, que é fichado nesta Delegacia como extremista vermelho, que já esteve exilado em país estrangeiro por mais de dois anos, fugindo à ação repressora das autoridades policiais do nosso país como elemento nocivo à ordem pública, que não pode, sequer obter uma folha corrida na Delegacia que superintendo, não pode ter e não tem idoneidade moral para acusar ninguém, muito menos as autoridades públicas que se sacrificam pela manutenção da ordem e defesa da sociedade."*[267]

Outro artigo, veiculado pelo *Diario de Bello Horizonte*, em 1936, revelou as atividades comunistas no cenário local como uma ameaça iminente à estrutura da sociedade – um foco de degeneração social.

> *"O comunismo em Uberlândia continua mais ativo do que nunca. Só as autoridades não vêm como ele se mexe e como se refastela no seu ponto preferido: Bar da Mineira, onde foi conchavada a inominável agressão ao padre Alaor."*[268]

Contestando essas afirmações, o *Jornal de Uberlandia* fez a defesa do município. Em diversas passagens da história local, constatou-se que os representantes dos interesses dominantes de Uberlândia intentaram sobrepujar as divergências políticas e ideológicas entre os segmentos

---

[266]. O relatório do DEOPS-SP fez uma menção a esse respeito. Informou que, certa vez, Nelson Cupertino, intentando livrar-se da ação policial, fugira para o Paraguai. O outros relatórios e certidões do DEOPS confirmaram que ele teria sido preso várias vezes.

[267]. LEMOS, João. A falsa denúncia dada pelo sr. Nelson Cupertino, ao Conselho Nacional de Petróleo, contra o Tenente Coreonel João Lemos. Correio de Uberlandia. 12/08/1942, ano 5, n.º 978, p.1, c. 1-4.

[268]. Trecho extraído d'*O Diario de Bello Horizonte* de 03/04/1936, citado no artigo intitulado "O comunismo em Uberlândia". In: Jornal de Uberlandia. 1936. (Suposta referência: 24/05/1936, ano 1, n.º 66, p. 4, c.1-2). No momento em que a pesquisa foi realizada, no Arquivo Público de Uberlândia, o jornal estava em precário estado de preservação. Muitas de suas páginas estavam danificadas, soltas e fora de ordem. Aliás algumas referências concernentes à data e à edição do *Jornal de Uberlandia* relativo aos ano de 1935 e 1936 podem não ser precisas.

sociais. Nessas circunstâncias, eram empenhados esforços para desmantelar as manifestações *"contrárias"*. Em face do alarde da atuação comunista no cenário local, o jornal propagou um discurso visando apagar a imagem da subversão e do *"extremismo vermelho"*. Em seu lugar, foi disseminada a imagem da ordem e do progresso de Uberlândia. Reclamava o jornal que a intenção do articulista belo-horizontino não era outra senão difamar Uberlândia e seu povo:

> *"(...) o correspondente em questão é sem dúvida alguma, um desgraçado moral e portanto digno do nosso 'ponta pé'.*
> *Como estão vendo, o intuito do torpe autor das tais notas, é focalizar o conceituado Bar da Mineira, o ponto onde se reúnem não só representantes do nosso alto comércio, indústria, agricultura, como a mais fina sociedade da nossa terra, e não os cafajestes da qualidade do autor das correspondências que se esconde no anonimato, como covarde emérito que é. O veneno lançado pelo vil réptil, contra a nossa terra e nossa gente não faz mal algum, pois o nosso povo esta imunizado contra as picadas venenosas dos rastejadores..."*[269]

"Rastejadores" que, presumivelmente, poderia incluir os difamadores da imprensa e os comunistas – ambos deveriam ser igualmente combatidos.

Um outro fato importante para compreender esse dilema foi o manifesto do Partido Progressista (PP), divulgado pelo *Jornal de Uberlândia*, que concitou comerciantes, industriais, agricultores, proprietários, operários, lavradores intelectuais e mulheres, *"todo povo culto, altivo e independente de Uberlândia"*, a sufragarem a *"chapa independente do PP"*.[270] Na campanha publicitária pela eleição dos candidatos progressistas, o *Jornal de Uberlandia* divulgou um artigo intitulado *"Os Nossos Candidatos - Henckmar Borges"*. O referido candidato foi apresentado como um eficiente contador que colocou em ordem toda a escrituração da Prefeitura e que, por isso, não temia a árdua tarefa de compor a administração do município:

> *"Amigo do pobre, dessa classe desprotegida e desamparada pelos poderes públicos, Henckmar Borges, com uma estoicidade digna de registro, é o baluarte do 'Dispensário dos Pobres', essa agremiação nobre e justa que caracteriza o coração primoroso da gente da nossa terra."*

---

269. O comunismo em Uberlândia. In: Jornal de Uberlandia. 1936. [24/05/1936, ano 1, n.° 66, p. 4, c.1-2 ?].
270. O comunismo em Uberlândia. In: Jornal de Uberlandia. 1936. [24/05/1936, ano 1, n.° 66, p. 1?]. A referida chapa era composta pelos seguintes membros: Dr. Domingos Pimentel de Ulhôa, médico; Henckmar Borges (professor); Dr. Abelardo Moreira dos Santos Penna (advogado); Oswaldo Rezende (comerciante e industrial); Dr. Oscar Moreira (médico); Adolpho Fonseca e Silva (farmacêutico); Dr. Max Nordau de Alvim (engenheiro agrônomo); Claudio Bernardes da Silva; José Joaquim Saraiva; Alfredo Julio Fernandes.

Adjetivado honesto, pertinaz e inteligente, Henckmar Borges, também professor, foi destacado como o fundador da Associação dos Empregados do Comércio de Uberlândia e um bravo defensor dessa categoria de trabalhadores – conclamada empenhar esforços para a eleição de Henckmar Borges. Nessa época, ele integrava o grupo comunista (sub)existente na cidade, mas nada foi possível registrar acerca de seus vínculos com o Partido Progressista: se essa legenda era apenas um meio pelo qual ele estava se candidatando a um cargo político ou que tipo de relações se estabeleceram entre os comunistas e os progressistas uberlandenses dessa época.

Relacionando os dados inscritos na campanha eleitoral do PP às denúncias do articulista anônimo d'*O Diário de Bello Horizonte*, presume-se que uma das intenções do *Jornal de Uberlandia* era tentar dissolver a denegrida imagem do Bar da Mineira como um foco de comunistas. Ora, quem freqüentava esse recinto? Os candidatos e os eleitores do PP, mas também os comunistas. A ligação dos candidatos progressistas ao comunismo poderia implicar em derrotas nas eleições. Teriam os adversários políticos do PP local intentado, através de um porta-voz anônimo, neutralizar a campanha eleitoral dos progressistas com o fantasma do comunismo ou tais denúncias foram propaladas com a finalidade de alertar as autoridades públicas estaduais para que tomassem as devidas providências de combate às práticas comunistas em Uberlândia. As duas coisas, talvez, quiçá outras mais das quais não se tem conhecimento. Embora a última assertiva pareça ter mais peso, uma vez que, tempos antes, a *"guerra"* contra o comunismo em Uberlândia e noutros lugares do Brasil havia sido deflagrada principalmente pela imprensa.

3. Intentona contra a virtude: um soldado do Bem vitimizado pela *selvageria* comunista

Uma considerável parte dos registros da atuação comunista em Uberlândia revelam os comunistas como os responsáveis por práticas vandálicas, anárquicas e criminosas. Acusações desse tipo puderam ser constatadas na imprensa a partir de meados da década de 1930, quando foram veiculadas notícias sobre a afronta da Intentona Comunista de 1935, os *"horrores"* da guerra civil espanhola (1936-1939) e a crueldade dos expurgos promovidos por Stalin na URSS.

Associados ao demo, os comunistas eram vistos como *"criaturas"* selvagens, bárbaras, cruéis, brutais e satânicas: afeitos ao terror e aos atos violentos para impor as suas idéias e convulsionar a sociedade.

Nessa época, foi divulgada a notícia sobre o atentado à vida do padre Alaor Porfírio de Azevedo como obra selvática dos comunistas. Em agosto de 1935, ele realizou diversas conferências em Uberlândia, promovidas pela Liga Católica Uberlandense, organismo da Ação Católica – movimento religioso que constituiu-se em um dos principais contendores na disputa pela hegemonia ideológica/religiosa do povo dessa cidade. Não se sabe até que ponto as pregações de padre Alaor sobre o *"problema da fé"* conflitaram com as atividades e as preconizações dos comunistas, mas a eles foi imputada a culpa do atentado.

Conforme o jornal *A Pena*, datado de novembro de 1935, as conferências do *"brilhante"* vigário de Araguari versaram sobre diversos temas doutrinários que defendiam os princípios fundamentais da religião católica:

> *"A dialética empregada pelo esclarecido conferencista, eloqüente, concisa e persuasiva, despertou na cidade desusado interesse, afluindo á Igreja, onde se realizavam ditas conferências, grande numero de pessoas, para assisti-las.*
> *Como soe de acontecer aos oradores em geral, as suas candentes palavras não tiveram a virtude de agradar a um só tempo, a gregos troianos e aqueles que professando religiões diversas e adeptos de teorias contrárias ao catolicismo, sentiram-se ofendidos com conceitos e verdades emitidos pelo conferencista. Daí nasce a repulsa e antipatia que muitos começaram a manifestar contra a pessoa do ilustre pregador.*
> *Não ficaram porém, somente no admirável terreno das idéias. Foram além, entrando para o injustificável e caviloso terreno das desafrontas pessoais (...) Preferiram abandonar as armas do espírito e da inteligência para brandir as do crime, querendo impor suas convicções íntimas, pela força da violência e da ameaça."*[271]

Segundo o *Jornal de Uberlandia*, o espancamento do vigário teria sido obra dos comunistas, visto que eles – a exemplo dos comunistas espanhóis – eram politicamente degenerados, irreligiosos, selvagens e maldosos. Posturas e temperamentos estes que presumivelmente os levaram à dissonância com a doutrina católica e à discórdia com as pregações do padre:

---

[271]. Bárbaro atentado. A Pena. Uberlândia, 16 de novembro de 1935, ano 5, n.° 230, Uberlândia.

> *"(...) o revmo. padre Alaor Porfírio de Azevedo, digníssimo vigário da vizinha cidade de Araguari, foi vítima de um covarde atentado por parte de elementos anarquistas, adeptos do comunismo, nesta cidade."*[272]

Com base nas descrições referido do padre, aos 45 minutos do dia 22 de Agosto de 1935, um grupo de pessoas não identificadas bateu à porta da casa onde se hospedava o padre Alaor e solicitou-lhe que ministrasse o batismo a uma criança moribunda. O padre Alaor se preparava para cumprir o seu dever, quando o quarto onde repousava foi invadido pelo grupo que começou a espancá-lo. Declarou padre Alaor que, antes de entrar no seu quarto, o referido grupo renderam o padre de Monte Alegre, Oscar Bitter, a empregada e um *"rapazinho"* que se encontravam na casa e ameaçou-os com revólveres:

> *"(...) Ia eu ser linchado. Umas 20 ou 30 pessoas, valentemente, se puseram a me esbordoar, dando-me ponta-pés e socos. Fui arrastado até quase a esquina da rua Cel. Severiano, onde me atiraram uma lata de tinta óleo azul. Despiram-me ficando eu com o paletó do pijama."*[273]

A Liga Católica de Uberlândia, por meio de um boletim, contestou o ato de *"selvageria"* que vitimou o padre Alaor e reclamou às autoridades constituídas a punição dos culpados, que, segundo a Liga, também deveriam ser julgados e setenciados pela *"opinião sensata"* da população uberlandense:

> *"Povo de Uberlândia! A intentona profundamente lastimável e supinamente covarde de que foi vítima não só o padre Alaor Porfírio de Azevedo, mas todo o patrimônio moral de uma cidade surpreendente de beleza cívica e espiritual como Uberlândia, é uma advertência tremenda e seríssima do perigo que as nossas famílias estão ameaçadas pela atuação malfazeja dos extremismos. Por mais de uma vez se tem chamado a atenção dos católicos e das pessoas bem intencionadas sobre as conseqüências funestas com que nos acenam os extremistas de todos os matizes. (...) Ditos fatos ficam para a apreciação honesta dos homens de bem, de todos quanto são cavalheiros da fé em Nosso Senhor Jesus Cristo."*[274]

Em tempos de combate ao comunismo, o *Jornal de Uberlandia* proclamou a necessidade de extirpar as possibilidades de o cenário político local tornar-se palco das *"monstruosidades"* vermelhas. Sugeria o jornal que os uberlandenses, unidos, impedissem os atentados selváticos aos *"inocentes"*, padres e freiras dessa região – como fizeram os comunistas

---

272. Selvageria. Jornal de Uberlandia. Uberlândia, [22 de agosto de 1935 ?].
273. Idem.
274. Idem.

com religiosos da Rússia, Espanha e outros países que inobservaram as leis de Deus, subjugando-O.

Clamava o jornal que as autoridades constituídas foram alertadas sobre a premência de reprimir as práticas comunistas na cidade, mas nenhuma medida concreta foi providenciada a fim de liquidar a *"propaganda idiota e covarde dos adeptos de Moscou"*. Por isso, *"os heróicos propagadores das idéias marxistas julgaram que seriam livres para a prática de atos infamantes como o que a ordeira população desta cidade presenciou (...)."*[275]

Em agosto de 1935, várias manifestações, moções de solidariedade e protesto contra o atentado foram remetidas ao padre Alaor – muitas delas procedentes de instituições educacionais e de entidades políticas e religiosas locais e das cidades vizinhas.

Um dos atos de protesto ao atentado realizou-se na plataforma da Estação da Estrada de Ferro Mogiana de Uberlândia, onde a população católica manifestou solidariedade e apoio ao vigário. Além dessa manifestação, o parlamentar mineiro O. Orsini, em agosto de 1935, protestou, na Câmara Estadual, contra o comunismo e denunciou o *Ginásio Mineiro* como foco de subversão:

> *"O Ginásio de Uberlândia vinha sendo ultimamente, pelo trabalho de seu diretor, que foi há pouco demitido, um antro de propaganda subversiva, uma filial da Aliança Nacional Libertadora e Aliança Nacional Libertadora é comunismo."*[276]

Aproximadamente um mês depois do atentado, ainda sob os impactos da *"selvageria"* comunista que afligiu padre Alaor, *O Momento*, órgão da Ação Católica de Uberlândia, combateu o comunismo e preconizou que era preciso cortar o mal pela raiz e evitar que a *"maldita praga que corrompe lares e infelicita nações"*[277] florescesse no país, tal como acontecera na malfadada URSS. Propagava o jornal que comunistas não haveriam de instalar no Brasil o seu reino de pavor, a *"custa de preciosas vidas, ensangüentando tão jovem pátria"*[278] – a ideologia *"malsã"* de Stalin não vingaria nesta terra.

---

[275]. Selvageria. Jornal de Uberlandia. Uberlândia, [22 de agosto de 1935?].
[276]. Idem.
[277]. A boa imprensa. O Momento. Uberlândia, 17/09/1936, ano 1, n.° 4, p. 3, c. 1-2.
[278]. Idem.

Em novembro de 1936, a imprensa continuava a reclamar a apuração do caso e a punição dos culpados pela contravenção. Presume-se que a Igreja Católica concitou a população a assistir às conferências sobre *"Boa Imprensa"* e *"O Diário"*, que seriam proferidas pelo padre M. Figueira durante as missas, em decorrência das moções de solidariedade e das tentativas de esclarecimento do caso pelos jornais.

Se, conforme os estigmas do *Jornal de Uberlandia*, todos os nomes denunciados pelo Promotor de Justiça nos autos do processo eram ou não vinculados ao comunismo não se sabe precisamente, mas pelo menos um comunista figurou entre os citados: Manoel Thomaz Teixeira de Souza.[279] A participação de Rondon Pacheco, que segundo Roberto Margonari dirigiu a Juventude Comunista,[280] foi confirmada por Renato de Freitas:

> *"Nessa surra do padre, juntou a fome com a vontade de comer Era maçon, era comunista (...) Padre Alaor, de Araxá* [sic], *fez um sermão e esculhambou com a sociedade de Uberlândia. À noite, tiraram-lhe a roupa e passaram piche, depois vestiram-lhe a batina e, piche de novo. Para tirar essa batina foi uma lástima. Até desaparecer esse processo..."*[281]

O espancamento do padre Alaor ficou cristalizado na imprensa e na memória daqueles que depuseram sobre essa história, como relatou Haideé Vasconcelos, a primeira apresentadora de televisão de Uberlândia:

> *"Ele foi pichado aqui em Uberlândia, mas eu não me lembro assim, porque eu morava lá em Araguari. Em Araguari já tinha sido assassinado um padre há muitos anos. Dizem que Araguari não ia para frente porque tinha assassinado um padre. (...) Agora nesse tempo do padre Alaor, foram os comunistas, né."*[282]

---

279. Bárbaro atentado. A Pena. Uberlândia, 16/11/ 1935, ano 5, n.º 230. (Uma nota relativa à seção A Pedido, informava que todos os artigos eram livres e irrecusáveis pelo jornal). A publicação das notas de esclarecimentos foi solicitada pela Liga Católica. Entre uma série de informações que visava elucidar o andamento do processo criminal relativo ao atentado contra o padre Alaor, destacam-se os seguintes nomes dos (supostos) responsáveis pela autoria da contravenção, denunciados pelo Promotor de Justiça: Roched Abib Seba, Manoel Thomaz Teixeira de Souza, Fausto Guimarães Savastano, Francisco Carneiro, Leonidas Naves da Cunha, Areovaldo Baptista Castanheira, José Martins de Sá (vulgo "José Piolho"), Américo Terra Júnior (vulgo "Fião"), Adhemar de Freitas Macedo, Natal Felice, Rondon Pacheco, Haroldo Moreira e Fernandino Theodoro dos Santos. No rol das testemunhas foram registrados os nomes de padre Carlos Oscar Fernando Bittner, conego Albino do Martins Miranda, Caridade Maria de Jesus, Ayres Ribeiro Guimarães, Rosnaldo Gomes Corrêa, Joaquim Fonseca da Silva.

280. Em seu depoimento, Roberto Margonari afirmou que Rondon Pacheco, dirigente da Juventude Comunista na época, contou-lhe que tinha sido convidado a participar do ato de espancamento do padre Alaor.

281. Renato de Freitas. Entrevista realizada por Luise Bundy em abril de 1981.

282. Entrevista com Haidée Vasconcelos. Projeto Depoimentos. Arquivo Público Municipal. Secretaria Municipal de Cultura.

Quando, em outra passagem da entrevista, foi solicitada a falar sobre a atuação dos comunistas na cidade, Haidée Vasconcelos se remeteu ao caso do Padre Alaor (contra)dizendo ser inacreditável que eles pudessem cometer um ato tão brutal, pois, na sua visão, comunistas como Mário Porto, Nelson Cupertino, Virgílio Mineiro[283] e Mário Faria eram inteligentes, cultos e caridosos. Eles eram *"humanos"* e, por isso, incapazes de cometer tamanha atrocidade. Por sua vez, Oswaldo Vieira Gonçalves, que foi diretor do Ginásio Mineiro, não hesitou em afirmar que os comunistas a tivessem cometido:

> *"Bem, eu me lembro, sabe? Houve uma ocasião que Uberlândia tornou-se um centro comunista no Brasil inteiro, sabe? E... eu não estou condenando. Eu sempre não aceitei o comunismo como princípio de vida porque para mim o que é mais importante na vida humana é a liberdade de ação, entendeu? Havia aqui uma comunidade de comunista, muito atuante e muito atrevida, vamos dizer assim. E o fato é que, naturalmente por causa de alguma reação do padre, acabaram na ocasião, ... eu não me recordo o nome dele não, sabe? Acabaram tirando ele de casa, despindo-o, batendo nele até machucá-lo muito, compreendem? Depois, feito o inquérito e tudo mais deu em nada. Mas o fato é que isto aconteceu.(...)"*[284]

Ora caracterizados como perversos, cruéis, desordeiros, satânicos, ora adjetivados como fervorosos, atuantes, atrevidos, inteligentes, caridosos, defensores da causa dos oprimidos... Que mais se pode dizer a respeito dos comunistas dessa época? Que outros traços poderiam compor seus perfis, suas maneiras de ser e viver o comunismo?

Trilhando por informações lacunares da imprensa ou pelas falas dos que testemunharam as experiências comunistas em Uberlândia, pode-se afirmar que nesta cidade constituíram-se grupos de socialistas, comunistas, integralistas e outros que disputaram, no cenário político local, o controle de suas idéias.

Os comunistas, entretanto, deixaram , desde os anos 30, uma marca indelével na história de Uberlândia. Propagaram o comunismo, atuaram pela conquista de diversas reivindicações e lutaram por representação políticas em diversas instâncias governamentais – por

---

[283]. Conforme a entrevista realizada por Luise Bundy, José Virgílio Mineiro se mudou de Uberaba para Uberlândia em 1937 e começou sua militância comunista em 1945, com a legalização do PCB. Antes de sua adesão ao partido, ele se considerava simpatizante do comunismo.

[284]. Entrevista com Osvaldo Vieira Gonçalves. Projeto Depoimentos. 25/01/1990. Secretaria Municipal da Cultura, Arquivo Público Municipal, Divisão de Patrimônio Histórico.

meio de livros, jornais, boletins e folhetos; dos pichamentos de muros, das conversas em diversos lugares da cidade; das conferências clandestinas (ou não); das marchas e contramarchas.

Se é verdade, como afirmara Renato de Freitas, que a *"esquerda"* uberlandense (referindo-se aos comunistas) sempre manteve *"um papel destacado"* no cenário político dessa cidade, na contracorrente, a *"direita"* sempre cerceou e intentou fulminar as suas idéias e práticas – por meio do aparato policial em defesa da ordem pública, dos seus intelectuais e da imprensa que se atribuiu a missão de *"desintoxicar"* as mentalidades entorpecidas pela ideologia *"malsã"*

Para enfrentar o grupo intelectual de *"esquerda"*, coexistia a direita intelectualizada. Afirmou Renato de Freitas que homens como os Veloso Vianna e os Vieira Gonçalves (Laerte Vieira Gonçalves, Cleanto Vieira. Gonçalves, Oswaldo Vieira Gonçalves) eram intelectuais conservadores de *"primeiro naipe"*. No cenário político uberlandense, eles afiguraram-se combativos defensores da conservação e perpetuação da supremacia dos projetos dominantes de sociedade, mas não o suficiente para sobrepujar a cultura da política comunista que subsistiu nessa cidade, mesmo palidamente.

Segundo Roberto Margonari, uma parte dos comunistas dos anos 30 continuaram atuando no cenário local e, junto a outros militantes que ingressaram no partido em 1945, foram responsáveis pela organização e fundação do PCB em Uberlândia no pós-guerra. Em que pese a presença de parte dos comunistas da chamada geração de 30 no processo de constituição do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia, em 1945, não foi possível resgatar registros substanciais que revelassem a experiência comunista vagamente mencionada por Roberto Margonari no período circunscrito entre a Intentona Comunista e o fim da Segunda Guerra. É possível que a atuação dos comunistas nesse período tenha sido dificultada/desarticulada, devido à situação vivida pelos comunistas neste país. Conforme Marco Aurélio Garcia, a existência do PCB no período de 1935 a 1943 (quanto foi realizada a Conferência da Mantiqueira[285]), foi

---

[285]. A Conferência da Mantiqueira, realizada em 1943, estabeleceu as seguintes diretrizes: União Nacional contra o fascismo; exigência da participação do Brasil na guerra ao lado das forças democráticas; defesa das liberdades democráticas no país; promoção de um *"movimento de massas, patriótico e antifascita"*, liderado pela classe operária; afirmação do *"internacionalismo proletário"* e combate ao *"liqüidacionismo"* (que preconizava o fim

caracterizada por um processo de desagregação política e orgânica. Segundo o referido autor, as permanências a serem resgatadas, nesse contexto, referem-se a três elementos de continuidade, quais sejam: *"a suposta representação da classe operária, a relação com o marxismo-leninismo e a pertinência ao movimento mundial."*

No caso uberlandense, o PCB propôs-se a atuar no cenário político local dos anos 40 e 50 como o partido-guia, a vanguarda dos operários e camponeses, que, ancorados no marxismo-leninismo, atribuiu-se a missão de minar as estruturas sociais capitalistas e, junto aos trabalhadores urbanos e rurais, trabalhar pela construção da sociedade socialista. Para isso, os comunistas encamparam o programa da União Nacional e se propuseram a estabelecer políticas de alianças, a fim de resolver os problemas prementes da sociedade.

---

do trabalho ilegal e a dissolução do partido); organização de um de *"um grande e poderoso Partido Comunista de massas"*. Cf. CARONE, Edgard. O PCB (1922 a 1943). Op. cit. p. 237-241.



Foto 1: Comício dos comunistas em Uberlândia. [janeiro de 1947?]. [s.l.]
Fonte: Acervo Roberto Margonari

CAPÍTULO III

RUBRAS ESTRELAS NA CONSTELAÇÃO DA ORDEM E DO PROGRESSO

> *"Em 18 de abril de abril de 1945, Luiz Carlos Prestes e seus companheiros, eram anistiados e no momento que saia da Casa de Correção no Rio de Janeiro, Prestes disse textualmente: 'Meu Partido é o Partido Comunista e as minhas primeiras palavras serão de saudação e de homenagem ao Exército vermelho'.*
> *Com a libertação política de Luiz Carlos Prestes e seus companheiros, os comunistas de todo o Brasil passaram a se organizar de modo regular e com garantias legais, pelo menos sem serem molestados."*
>
> **Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo**

Se, ao longo dos tempos, a imprensa local intentou cristalizar na história a inexorabilidade da ordem e do progresso com que a sociedade uberlandense se edificou, também inscrevera breves momentos históricos que, como foi visto nos anos 30, remontam outras experiências de luta dos segmentos sociais desse município.

Em meados da década de 40, uma forte pressão democratizante invadiu os múltiplos cenários políticos da esfera mundial. Os ares da democracia do pós-guerra, entrecortados de reveses, aportaram ao Brasil com uma avassaladora vontade de mudar a ordem das coisas; de suplantar os duros tempos da ditadura estadonovista e fazer emergir à arena política as organizações das classes subalternas, muitas das quais até então estavam submersas na clandestinidade e no imobilismo impostas pelas *"mãos de ferro"* do autoritarismo. Tal foi o caso do Partido Comunista do Brasil que, com a anistia e o novo código eleitoral de 1945, ressurgiu como força política no cenário nacional.

As lutas e as esperanças de muitos uberlandenses registradas pelo jornal *O Estado de Goiaz* turvaram, por um tempo, o céu da ordem e do progresso. Nos tempos de democracia do pós-guerra, 1945-1947, o manto do comunismo cobriu a cidade da concórdia.

1. Tempo de União Nacional: jornada dos comunistas em luta pela democracia

Entre os anos de 1942 e 1943, começou a emergir de alguns segmentos sociais um movimento pela democratização do país. A ditadura estadonovista não tinha o mesmo vigor de antes. Em tempo de alinhamento das Nações Unidas contra o fascismo, o governo de Getúlio Vargas, em sua contraditória posição ao lado das Forças Democráticas do mundo em guerra, encontrou a oposição dos militares e dos liberais, que, em 29 de outubro de 1945, conspiraram pela tomada do poder, forçando o *"Chefe da Nação"* à renúncia. Antes disso, Getúlio Vargas tentou manter-se no governo buscando o apoio das massas populares sob a promessa de acabar com a ditadura assim que a guerra cessasse e instaurar as eleições gerais. Tal apoio fora obtido principalmente dos setores trabalhistas getulistas e dos comunistas.

Quando o líder comunista Luiz Carlos Prestes saiu da prisão, em maio de 1945, o Brasil havia estabelecido relações diplomáticas com a URSS. As diretrizes políticas do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), nessa época, determinavam que os comunistas dos países integrantes da frente contrafascista deveriam apoiar os seus governos, fossem eles democratas ou ditadores. Tal foi o caso do Brasil que, por força das circunstâncias, entrou na guerra contra o Eixo Totalitário, mas mantinha um regime ditatorial.

Terminado o grande conflito mundial, do qual saíram vitoriosas as *Democracias*, era chegada a hora do reordenamento social. Segundo Luiz Carlos Prestes, as *"necessidades históricas"* do Brasil, naquele momento, não deixaram outra alternativa ao PCB. Era preciso apoiar o governo Vargas e unir todas as forças progressistas contra a subsistência do monstro verde, o fascismo, e pela democratização do país. Em tempo de reorganização da sociedade brasileira, a premência da União Nacional falou mais alto e o PCB, ao lado dos chamados

queremistas,[286] figurou no cenário político empunhando a bandeira de luta pela Assembléia Nacional Constituinte.

Conforme Prestes, os comunistas não compactuaram com a ordem política estabelecida. Eles defenderam a *"ordem e a tranqüilidade"* e apoiaram a manutenção de Getúlio Vargas no poder com a finalidade de projetar o PCB como força política no cenário nacional e abrir caminhos para sua participação no pleito eleitoral de 02 de dezembro de 1945.[287]

Como se viu, apesar de os comunistas atuarem no cenário local desde a década de 1930, foi em agosto de 1945, sob os impactos da euforia democrática, que eles se organizaram institucionalmente e puderam propagar abertamente as diretrizes políticas encampadas pelo PCB no pós-guerra.

Observa-se que, desde os atos de fundação do PCB em Uberlândia, os comunistas afinaram-se com as diretrizes políticas do Comitê Central/Estadual. Em consonância com essas orientações, eles mobilizaram diversos segmentos sociais e organizaram as bases de atuação do partido na cidade e no campo – inclusive com a intermediação eventual de Luiz Carlos Prestes, durante suas visitas oficiais ou clandestinas ao Triângulo Mineiro.[288]

Meses antes da fundação do Comitê de Zona do Triângulo Mineiro e do Comitê Municipal do PCB em Uberlândia, *O Estado de Goiaz* passou a divulgar discursos de Prestes e a empreender incisivas campanhas defesa do programa da União Nacional e contra os *"nazi-fasci-integralistas"*. Conforme os discursos comunistas acerca da situação política daquele momento, fascismo e guerra eram catástrofes que precisavam ser definitivamente sepultadas. Páginas da

---

286. Termo utilizado para designar os adeptos da campanha pela permanência de Getúlio Vargas no poder. Sob o slogan *"queremos Getúlio"*, os segmentos trabalhistas ligados a Vargas e os comunistas encamparam a luta e saíram às ruas em defesa da *"Constituinte com Getúlio"*. Cf. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 86.

287. Em seu depoimento, Prestes fez as seguintes afirmações: *"Constituinte com Getúlio não era uma palavra de ordem nossa, mas sim do PTB. Nós falávamos de constituinte e, claro, apoiávamos Getúlio, mas tínhamos muito cuidado. Havia um erro na Conferência da Mantiqueira que eu tratei de corrigir desde a primeira reunião de que participei no Comitê Central (...) na conferência, tirou-se a resolução de apoiar Getúlio naquele momento e posteriormente. Eu coloquei que a questão era apoiá-lo naquele momento. No futuro, dependeria do processo"*. Prestes afirmou ainda que, ao contrário das versões caluniosas, Getúlio Vargas jamais participou, ao seu lado, dos comícios dos estádios do Pacaembu e do Vasco da Gama. Cf. MORAES, Dênis de e VIANA, Francisco. Op. cit. p. 104-107.

288. Maria Rosa Margonari (entrevistada, em fevereiro de 1991) e Joaquim Ferreira (entrevistado, em junho 1991) testemunharam as passagens de Prestes por Uberlândia. Em uma de suas visitas, Prestes hospedou-se na residência de Roberto Margonari e, em outra ocasião, na casa do médico Mário Faria.

história mundial que deveriam ser viradas de uma vez por todas, visto que a aliança entre capitalismo e comunismo salvou a democracia ao derrotar a Alemanha de Hitler. Na percepção do jornal, tratava-se de uma vitória regada e selada pela imperiosa força do Exército Vermelho; de um momento de reconstruir e reorganizar as nações.

De bichos-papões a salvadores do mundo: chegou a vez dos comunistas. O quadro político nacional e internacional foi revertido. Nas considerações do comunista Elson Costa,[289] o mundo, desde fins da década de 1930, passou a reconhecer os fascistas como os verdadeiros inimigos da pátria, da família e da religião. Aqueles que outrora foram designados os mais temíveis algozes vermelhos – como nas campanhas anticomunistas dos anos 30 – afiguravam-se nos discurso comunistas do pós-guerra, os gloriosos redentores da democracia, *"os maiores patriotas, os maiores amigos da família e os mais tolerantes na questão religiosa"*.

---

289. Elson Costa, filho de João Soares Costa e Maria Novais Costa, nasceu em Prata-MG no dia 26 de agosto de 1913. Era motorista filiado ao PCB e membro da Comissão de Organização do Comitê Estadual do PCB, em Minas Gerais. Figurou entre os comunistas de maior projeção no Estado mineiro. Conforme os dados do prontuário das polícias políticas, Elson Costa iniciou suas atividades políticas no Triângulo Mineiro desde a fundação do PCB em Uberlândia, de onde teria projetado o seu desempenho ao ponto integrar a direção estadual e nacional do PCB. Entre os anos 50 e 70, ele passou a atuar em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Foi um dos destacados membro do Comitê Estadual da Guanabara, integrando, conforme Moisés Vinhas, os *"quadros capacitados teórica e politicamente"* de sua Executiva, e, posteriormente, o CC do PCB, no Rio de Janeiro. Cf. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 246-250.
Consta do seu Inquérito Militar atividades de militância junto a conhecidos membros do PCB como Jacob Gorender, Orlando Bonfim, Roberto Morena, Armando Ziller e outros (setor: Inquéritos, pasta 19, caixa 712).
Dentre suas mais importantes atividades de militância, Elson Costa destacou-se pela sua atuação na cúpula do Partido, como membro do Comitê Central. Seu nome foi citado também nas *Cadernetas de Prestes* arquivadas no setor DEOPS do Arquivo do Estado de São Paulo. Há, ainda, registros de sua participação junto a Armando Ziller e outros dirigentes da Comissão Sindical do PCB, que procurou atuar e manter alguma direção dos sindicatos de Belo Horizonte. Elson Costa, Roberto Morena, Duque Estrada, Armando Ziller e outros comunistas participaram do I Congresso Nacional dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil e articularam, em reuniões paralelas ao evento, o redimensionamento das táticas do PCB, conforme informações da polícia política (Prontuário n.° 658).
O nome de Elson Costa foi citado em numerosos documentos, os quais demonstram a maneira como os policiais estiveram no seu encalço: da perseguição até o seu assassinato (setor: comunismo, pasta 78, caixa 789; pasta 69, caixa 786; pasta 90, caixa 793). Conforme o prontuário n.° 658, ele teve os seus direitos políticos cassados em 13 de junho de 1964 e foi condenado à revelia em 1.° de agosto de 1969 a dois anos de prisão – o que ocorreu quase um ano depois, no dia 1.° de julho de 1970.
Há, nos referidos arquivos, vários documentos que revelam as atividades de Elson Costa (as suas viagens, os seus contatos, etc,) e o cerco policial ao seu trabalho de militância (os mandatos de busca e apreensão e diversos informes sobre documentos apreendidos, etc). [setor: Secreto, pastas: 12, 52, 66, 82, 96; setor: DOPS, pasta 132, caixa 851; setor: DGIE, pasta 62; setor: Estados, pasta 11, caixa 607, 289-442].
Segundo o DOPS, os pseudônimos e alcunhas mais conhecidos de Elson Costa eram os seguintes: Manoel de Souza Gomes, Álvaro Soares de Souza, Eilson Dias, Eli e "Velho" (setor: comunismo, pasta 12/69). Todos os documentos dos acervos das polícias políticas acima referenciados encontram-se alocados no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

Com esse espírito os comunistas, à exceção, talvez, dos dissidentes de Prestes, atuaram no cenário político nacional em meados da década de 40. A partir de maio de 1945, *O Estado de Goiaz* começou a divulgar abertamente as idéias de Prestes e de seus adeptos acerca das propostas do programa da União Nacional. Segundo Elson Costa, a *"revolução libertadora"* da Aliança Liberal fulminou, na década de 30, as atividades vermelhas. Os comunistas foram perseguidos e presos e o comunismo proscrito do cenário político porque crime contra a ordem social e política. No entendimento de Elson Costa, essa situação fomentou o crescimento e o alastramento das atividades integralistas e, em contrapartida, levou os comunistas a empreenderem a *"desesperada"* intentona de 1935, *"sob cujos escombros"* ergueu-se o *"golpe de 1937"* que baniu a liberdade e a democracia do cenário nacional. Propalava o comunista que a política instaurada no pós-guerra era outra e que o Cavaleiro da Esperança daqueles duros tempos transfigurou-se em *"Cavaleiro da Realidade"*; da democracia de fato e não apenas de sonho e expectativa.

Conforme *O Estado de Goiaz* a democratização processava-se em cada canto do Brasil. Em contraposição aos reacionários, *"agentes do muniquismo"*, que provocavam a desordem, o divisionismo e as agitações perturbadoras, os comunistas propagaram a necessidade de ordem, tolerância, calma, tranqüilidade, paz interna, solidariedade, união, eleições livres, liberdade, democracia... Era tempo de *"revolução democrático-burguesa"*.[290]

A partir de maio de 1945, uma onda de comícios tomou conta de diversos lugares do Brasil. Pregando a ordem e a União Nacional, Prestes reafirmou veemente, em repetidos discursos, os seus ideais comunistas e preconizara a necessidade de instaurar a paz interna para que, atendendo às exigências daquele momento político, as eleições pudessem ser livremente realizadas, inclusive com a *"histórica"* participação do PCB.[291] Com esse espírito político, a

---

290. O pensamento e posição das esquerdas no momento nacional. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/05/1945, ano 13, n.° 1063, p. 3, c. 4-6; O discurso de Luiz Carlos Prestes - Máxima ordem para as eleições livres. O Reporter. Uberlândia, 30/05/1945, ano 12, n.° 781, p. 1, c. 1-3; Manifesto do Partido Comunista à Nação - Reafirmada a posição de luta pela ordem e tranqüilidade. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1945, ano 13, n.° 1115, p. 1, c. 3-5.

291. O discurso de Luiz Carlos Prestes - Máxima ordem para as eleições livres. O Reporter. Uberlândia, 30/05/1945, ano 12, n.° 781, p. 1 c. 1-2.

comissão organizadora do comício que seria realizado no Estádio Vasco da Gama, Rio de Janeiro, concitou a todos os *"patriotas brasileiros"* (industriais, comerciantes, intelectuais, artistas, estudantes, funcionários civis e militares, *"operários de todas as profissões"*, camponeses, conservadores, liberais, católicos, protestantes, espíritas, positivistas, maçons, teosofistas, livres pensadores e outros) a manifestarem-se em defesa da democracia e do desenvolvimento material e cultural do país.[292]

Sem os entraves da repressão, os comunistas procuraram atuar em diversos espaços políticos e promoveram milhares de programas irradiadores das propostas do PCB. No Rio de Janeiro, por exemplo, teve-se notícia da fundação da Universidade do Povo, com a finalidade de educar e impulsionar a elevação do *"nível cultural do povo"*. Dentre as atividades propostas para a classe trabalhadora, foram constatados programas de ensino e de preparação técnico profissional, cursos (inclusive de línguas, ressaltando-se a russa), conferências, concertos, audições de caráter popular, teatro, exposições e diversas outras atividades que exploravam o uso da radiofonia e do cinema. Além disso, a Universidade do Povo propôs-se à realização das seguintes metas: criação de grupos de estudos dos problemas nacionais, com vistas à divulgação dos resultados obtidos; instalação de uma biblioteca central e de várias bibliotecas nos bairros, clubes e sedes dos sindicatos; publicação de uma *Revista da Universidade do Povo*.[293] Segundo os comunistas, o objetivo da criação de centros educativos e culturais, como o do Rio de Janeiro, era promover a educação política e cultural do povo e prepará-lo para ler, entender e interpretar a realidade social, nos seus mais diversos aspectos, a fim de que pudesse intervir e transformar o mundo em que vivia.

Uberlândia não chegou a ter uma *Universidade do Povo*, nos moldes da que se projetou no Rio de Janeiro, mas um centro de alfabetização, onde foram desenvolvidas diversas atividades educativas e culturais, desde projetos de ensino e de *"conscientização"* política aos de cultura e lazer. Como denotou Olívia Calábria, em entrevista, foi preciso promover a educação do

---

292. Prestes vai falar ao povo brasileiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/05/1945, ano 13, n.º 1066, p. 1, c. 1-3.

293. Universidade do Povo. Informações contidas na pasta 10, caixa 767, setor: comunismo. Acervo da Delegacia Especial de Segurança Política e Social - DESPS. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

povo a fim de que o mesmo pudesse participar conscientemente dos atos da política e compreender melhor a natureza das propostas comunistas de transformação social. Para isso, ela se propôs a percorrer, *"a pé"*, pelas vilas e bairros de Uberlândia, com o propósito de divulgar o ideário e as diretrizes da luta comunista pela melhoria das condições de vida.

Além dessas iniciativas, comícios, reuniões, debates, visitas a diversos locais de trabalho no campo e na cidade, organização de grupos sociais, mobilização das *massas* etc., tornaram-se atividades comuns dos militantes do PCB na época, inclusive em Uberlândia.

No decurso das campanhas eleitorais, muitas cidades brasileiras prepararam-se para, no mesmo dia e hora dos comícios de Prestes, manifestar homenagens ao líder e ao *"Partido do Povo"*. No Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano, os comunistas mobilizaram esforços para que a grande parte da população pudesse ouvir o que Prestes tinha a lhes dizer, por meio da realização de comícios locais e da retransmissão de seus discursos pelos serviços de alto-falantes instalados em frente às estações de rádio e em outros lugares, como aconteceu em Uberlândia.

Do Vasco da Gama ao Pacaembu, em São Paulo, os dizeres de Prestes plasmaram, por algum tempo, várias colunas d'*O Estado de Goiaz*.[294] Evocando a memória dos que não resistiram à violência policial e aos duros tempos do cárcere, o *"Cavaleiro da Realidade"*, em seu discurso publicado em junho de 1945, desejou *"glória eterna aos que tombaram na luta contra o nazismo, a quinta-coluna e o integralismo"*. Segundo Prestes, graças à colaboração das três grandes potências e de seus governantes, Roosevelt, Churchill e Stalin, a *"peste"* verde foi

---

294. Entre os vários registros sobre o assunto, destacam-se alguns artigos:
Prestes não é getulista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/04/1945, ano 13, n.° 1057, p. 4, c. 1-6; O pensamento e a posição das esquerdas no momento nacional. Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/05/1945, ano 13, n.° 1063, p. 3, c. 3-6; A palavra de Prestes – Os problemas nacionais – Auxílio aos camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/05/1945, ano 13, n.° 1070, p. 1, c. 4-6; O discurso de Luiz Carlos Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/06/1945, ano 13, n.° 1071, p. 1, c. 1-7; CHUEIRI, Adib. Luiz Carlos Prestes e o Brasil. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/06/1945, ano 13, n.° 1073, p. 1, c. 2-4; CHEURI, Adib. O movimento político atual. Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/06/1945, ano 13, n.° 1074, p. 1, c. 4-6; BRISSOLA, Cyro. Prestes, o educador do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/07/1945, ano 13, n.° 1084, p. 1, c. 2-4; O Comício de Araguari (...) o dr. João Jorge Coury, representando naquela solenidade o Comitê Regional do Partido Comunista de Uberlândia, proferiu o seguinte discurso. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/07/1945, ano 13, n.° 1086, p. 1, c. 1-4; Prestes falou isto com muita razão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/08/1945, ano 13, n.° 1095, p. 1, c. 1-4; Luiz Carlos Prestes fala sobre os últimos acontecimentos e a posição dos comunistas. Estado de Goiaz. 07/11/1945, ano 13, n.° 1115, p. 1, c. 1-6; Salve o nosso capitão! Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/11/1945, ano 13, n.° 1120, p. 1, c. 1-6; O significado da visita de Luiz Carlos Prestes. Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/05/1945, ano 13, n.° 1122, p. 1, c. 1- 4; "Contra o povo organizado, de nada valem canhões, tanques e metralhadoras. Estado de Goiaz. Uberlândia, 01/0121945, ano 13, n.° 1123, p. 1, c. 1-4.

fulminada em seu covil. A fim de preservar a nova ordem política, ele recomendou aos *"amantes da democracia"* o empenho na luta para banir do Brasil os restos de fascismo *"meio mortos meio vivos"* que ainda subsistiam.[295]

O programa da União Nacional, limitado à *"ordem"* e à *"lei"*, era proclamado como a *"única saída"* para resolver os problemas nacionais e varrer o integralismo que ainda vicejava no cenário político brasileiro. Para tanto, preconizava Prestes que o povo deveria organizar-se em comitês populares democráticos nas escolas, nos locais de trabalho, nas ruas e bairros da cidade: *"unidos, pouco a pouco, de baixo para cima, constituirão num futuro mais ou menos próximo, as organizações democráticas da cidade, região e Estado, até a grande união nacional, aliança de todas as forças, correntes, grupos e partidos políticos que aceitem o programa mínimo de unificação nacional"*.[296]

O caminho da democracia, segundo Prestes, era a única maneira de evitar a *"desordem e a desunião"*, o *"caos e a guerra civil"* que ameaçavam emergir dos pântanos minados pela crise econômica e política daquele momento e obstruir o *"desenvolvimento pacífico"*. Ele defendeu a instauração das eleições livres e da Assembléia Nacional Constituinte, da qual os *"legítimos representantes do povo"* participariam de fato e trabalhariam pela solução dos prementes problemas nacionais e pela consolidação da democracia no país.

Conforme *O Estado de Goiaz*, os discursos de Prestes tiveram boa receptividade entre as *"classes progressistas"* uberlandenses, principalmente no que tangia às onze propostas de resolução de questões sociais urgentes – como a miserabilidade dos trabalhadores da cidade e do campo, a falta de incentivos às atividades produtivas dos empresários urbanos e rurais, especialmente as agropastoris, a inflação e o alto custo de vida. (ANEXO 1).

Inspirado em Prestes, o comunista Adib Chueiri, jornalista, mas *"vagabundo"* na classificação profissional do DEOPS-SP,[297] pregou necessidade de todos arregimentarem-se em

---

295. O discurso de Luiz Carlos Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/06/1945, ano 13, n.° 1071, p. 1, c. 1-6.

296. Idem.

297. Conforme o DEOPS-SP, Adib chueiri teria sido o principal locutor da Rádio Educadora, fundada por Paulo Castro, Mário Palmério e Cândido Ribeiro. O militante comunista foi considerado o *"elemento mais agressivo das células comunistas locais"*. Cf. Relatório do Departamento da Ordem Política e Social do Estado de São

defesa do programa da União Nacional, a fim de honrar e garantir a vitória da democracia conquistada pela força *"ciclópica"* dos exércitos aliados. Em seus dizeres, era preciso aniquilar todas as possibilidades de sobrevivência do *"muniquismo"* e do *"isolacionismo"* responsáveis por toda sorte de guerras e destruições. Conforme as preconizações de Adib Chueiri, a construção de uma sociedade livre, democrática, progressista e justa se tornaria realidade à medida que todos seguissem as diretrizes traçadas por Prestes, o *"guia esclarecido da nacionalidade"*. Tais orientações implicavam apoiar a burguesia nacional, lutar pela consolidação do programa da União Nacional e organizar os segmentos sociais em comitês democráticos e populares que assegurassem a vitória dos candidatos do PCB nas eleições gerais.[298]

Nas afirmações de Cyro Brissola, os comitês de bairros e de trabalho criados por Prestes teriam gerado o *"maior núcleo de escolas do Brasil"*. Eles significavam a possibilidade da aprimorar a sociedade brasileira, porque propiciavam condições de os grupos sociais pobres aprenderem a arte da política:

> *"Pensei então nas possibilidades de aprendizado e de garantias que os comitês de trabalho poderiam oferecer: melhor conhecimento da legislação trabalhista; vigilância em massa na aplicação dessas leis; cursos de aperfeiçoamento nas respectivas especializações; cursos de esclarecimento sobre os mais importantes problemas nacionais (...)*
> *(...) E á medida que vai mostrando as deficiências disso e daquilo, a grande massa anônima vai surgindo, vai aprendendo, vai gostando e ao mesmo tempo sentindo um prazer novo em verificar que também pode aprender dessas coisas tão dificeis. Também podem argumentar, apresentar sugestões (...)."*[299]

Os comitês constituir-se-iam em espaços onde o *"povo"* seria preparado e organizado para participar ativamente do processo político que, nas aspirações dos comunistas, buscava a solução dos problemas nacionais e a consolidação de um regime verdadeiramente democrático.

Por essa razão, Elson Costa afirmou que os comitês populares organizados pelos *"amantes da democracia"* arrebatavam os ânimos do *"povo"* e espraiavam-se por diversos

---

Paulo. Considerações sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 29, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

298. Ver: CHUEIRI, Adib. Luiz Carlos Prestes e o Brasil. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/06/1945, ano 13, n.° 1073, p. 1, c. 2-4; CHUEIRI, Adib. O movimento político atual. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/06/1945, ano 13, n.° 1074, p. 1, c. 2-4.

299. BRISSOLA, Cyro. Prestes, o educador do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/07/1945, ano 13, n.° 1084, p. 1, c.1-4.

lugares da cidade e do campo. Os locais de trabalho, as escolas, os bairros, as fazendas e outras localidades constituíram-se em espaços de política onde os *"filhos do povo"*, muitos deles pobres, *"ignorantes"* e analfabetos, esclareciam-se sobre as prementes questões nacionais e, sob a orientação da *"vanguarda esclarecida do proletariado"*, preparavam-se para o exercício da democracia.

Havia expectativas, expressas nos discursos comunistas, de que a atuação do PCB pudesse vir a instaurar a democracia plena no Brasil. O partido colocava-se então como um aliado *"honesto e combativo"* de todos os segmentos sociais (operários, industriais, comerciantes, camponeses e outros). Pela causa dos fazendeiros, o PCB defendia as propostas de instaurar os melhores métodos de produtividade e lucratividade para o setor agropecuário, a construção e preservação das estradas, a implantação de meios de transporte eficazes, a concessão ampla de crédito agrícola etc. Ademais, o partido propunha-se a defender os camponeses: lutaria pelo fim do latifúndio improdutivo, pela distribuição de terras e melhoria geral da vida no campo. Em defesa da *"ordem e progresso"* no país, os comunistas se dispuseram a enfrentar galhardamente os mais intransigentes adversários políticos:

> *"Os golpistas, os trotskistas, os desordeiros e os integralistas terão pela frente os mais temíveis adversários.*
> *(...) os que riem quando se fala em burguesia progressista, serão desmentidos pela verdade dos fatos.*
> *O Partido, legalizado, trará as mais desagradáveis conseqüências aos muniquistas, isolacionistas e aos perturbadores da Ordem e do Progresso do Brasil."*[300]

Essas foram algumas das idéias de *"democracia"* – contestadas pelos dissidentes (ANEXO 2) – que, no pós-guerra, nortearam predominantemente a atuação dos comunistas de Uberlândia e de outros lugares do país.

Como afirmou Moisés Vinhas, em *Partidão,* a política do PCB, nesse período, era abrangente, generosa, bem aceita e compreendida pelas camadas populares, mas, em muitas situações, mostrou-se contraditória e decepcionante para aqueles abraçaram a causa comunista. Desse modo, se, por um lado, o partido mobilizava o meio operário, pregava a necessidade de

---

300. COSTA, Elson. As conseqüências da legalização do Partido Comunista do Brasil. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/06/1945, ano 13, n.° 1075, p. 1, c.1-4.

organização sindical e política dos trabalhadores e os incitava à luta em defesa dos seus interesses, por outro – quando as expectativas dos trabalhadores culminavam em propostas mais radicais de luta e em embates pelos seus interesses –, a direção nacional paralisava o movimento, sob o pretexto de que aquele momento histórico exigia conciliação de interesses, ordem e paz social. Esta moderação política, no âmbito nacional, gerou a insatisfação de diversos comunistas, como foi o caso de Joaquim Celso de Lima que relatou suas frustrações em relação à ação política moderada do PCB,[301] principalmente no que tangia à defesa de uma via pacífica e democrática para a *"revolução brasileira"*. Já nas falas de Prestes, era preferível *"apertar a barriga, passar fome, do que fazer greve e criar agitações"* que pudessem abrir brechas para a reação conservadora e desencadear o fortalecimento político dos *"fascistas"*. Salvo as dissidências, os comunistas de Uberlândia seguiram as diretrizes prestistas, no que concerne à sua atuação junto aos trabalhadores rurais e urbanos e na condução da política local por intermédio da Câmara Municipal – inclusive na década de 1950, quando o *Manifesto de Agosto* propôs a radicalização das lutas comunistas.

Como será visto adiante, os comunistas passaram a preconizar as diretrizes políticas adotadas pela direção nacional do partido sob a liderança de Prestes. No campo e na cidade, eles propagaram o programa da União Nacional e articularam a organização e a luta dos trabalhadores em defesa dos seus interesses, trilhando o caminho *"pacífico"* proposto pelo *"Cavaleiro da Realidade"*. Portanto, o caráter *"ordeiro"* imputado à atuação dos comunistas em Uberlândia concerne mais às diretrizes políticas nacionais/internacionais do que propriamente a quaisquer *"atrelamentos"* à política dominante local, ancorada na ordem como condição de progresso.

2. *Rubras estrelas no céu democrático*: instalação dos Comitês Municipais do PCB nas *cidades fundamentais* do Triângulo Mineiro

No caso uberlandense, apesar das notícias a respeito do processo de organização do Partido Comunista datarem de junho de 1945, a sua instalação solene ocorreu em 12 de agosto do

301. LIMA, Joaquim Celso. Op. cit.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

mesmo ano. Nos meses que precederam à fundação dos comitês, *O Estado de Goiaz* noticiou os preparativos da criação da sede do partido, que passaria a funcionar *"no mesmo pé de igualdade com as demais organizações partidárias do país"*. Dentre as providências divulgadas pelo jornal, destacou-se a estruturação do secretariado provisório e a realização de debates sobre os problemas que afligiam o município e outros lugares da região. Problemas esses que enfeixariam as propostas de solução do partido e seu programa político específico para o Triângulo Mineiro.[302]

Realizadas as eleições entre os comunistas uberlandenses, o secretariado provisório do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia foi composto por Nelson Cupertino (professor), Roberto Margonari (dentista prático), José Virgílio Mineiro (médico), Alberto de Araújo Jorge (médico), Áulio Mendes Diniz (farmacêutico) e Elson Costa (motorista).[303]

Ao enfatizar o caráter democrático do PCB, *O Estado de Goiaz* afirmou que, apesar da provisoriedade do secretariado, os eleitos representavam a *"vontade coletiva dos comunistas uberlandenses"*. O jornal também expôs as expectativas e a iminência da inauguração solene dos comitês do partido na cidade e se comprometeu a divulgar o movimento dos *"vanguardeiros conscientes da classe trabalhadora local"*.[304] Ao propagar as atividades comunistas nas regiões onde fazia cobertura jornalística, *O Estado de Goiaz* empregou táticas de propaganda comunista preconizadas por Lenin,[305] havia tempos, e procurou imprimir nas publicações um caráter combativo, *"conscientizador"* e encorajador das lutas.

---

302. O Partido Comunista em Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 20/06/1945, ano 13, n.° 1076, p. 3, c. 5-6.

303. A relação que se segue indica alguns nomes dos militantes registrados nas Atas do Comitê Municipal de Uberlândia do PCB, de 1946, as quais foram apreendidas pela polícia política: Geraldo Queiroz (pintor), João Jorge Coury (arquiteto), Jerônimo Vargas (operário), José Virgílio Mineiro (médico), Roberto Margonari (dentista prático), Henckmar Borges (professor), Irma Gouveia de Paiva, Alcides Sotero, Adib Cheuri (jornalista), José Fonseca Palhares (dentista), Olívia Calábria (contadora/professora), Matilde Pereira César, Waldemar Silva (motorista), Enock Caldeira de Paiva (operário/constr. civil), Jonas Ayube (médico), Romualdo Ferreira (operário), Polidoro F. Rodrigues (dentista), Basílio Carrijo, Oswaldo Malaquias (operário/constr.civil), João Cândido Pereira (motorista), Fausto Calábria, Nelson Cupertino (professor), Vitorino Semola (engenheiro), Argemiro Lima, Alcides Simão Helou (comerciante). Cf. Atas do Comitê Municipal de Uberlândia. Arquivos das polícias políticas. Fundo: DSP, D-514, caixa 540. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

304. Já estão organizados os comunistas locais. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/07/1945, ano 13, n.° 1080, p. 1, c. 4-6.

305. LENINE. V. I. Op. cit. v. 1. p. 198.

A partir de meados de 1945, entusiásticos discursos sobre as atividades comunistas locais começaram a ocupar as colunas d'*O Estado de Goiaz*. No calor dos preparativos para a instalação do Comitê de Zona do PCB do Triângulo Mineiro e do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia, o comunista Elson Costa exaltou os novos tempos em que era chegada a vez dos trabalhadores rurais e urbanos:

> *"Agora, companheiro, é construir. Trabalhar com firmeza. Prestes disse que a responsabilidade é grande. Mas Mário Scott também disse que cada um deve carregar um pouco. Tudo fica fácil. Vá para a célula do bairro ou da empresa. Ajuda a organizar o povo. Ensina o analfabeto a assinar o título de eleitor. Dê uma ficha de inscrição ao operário e aconselha-o a procurar o Sindicato (...) Converse com o fazendeiro interesse-o na industrialização, mostrando os males do latifúndio (...) Fale com o roceiro sem terra e convença-o a procurar o Partido. Fale com todo mundo em Unidade, Progresso, Democracia. Não precisa cochichar. Fale naturalmente, na rua, na esquina, na praça e na fábrica. Não tenha receios; não voltaremos à ilegalidade."*[306]

Elson Costa preconizou a necessidade de todos reunirem forças contra quaisquer possibilidades de retorno dos inimigos da democracia, que tinham *"fôlego de sete gatos"*. Ele afirmou que se os *"quinta-colunistas"* continuavam atemorizando a população com os rumores de que os adeptos do PCB profanavam a religião, a pátria e a família, pretendiam escravizar os *"roceiros"*, tomar as terras dos fazendeiros e instaurar o reino do pavor e da fome, os comunistas e os simpatizantes, contra as insídias verdes, deveriam lutar pelo esclarecimento do povo, conduzindo-o à participação efetiva no processo de democratização do país.

A amplitude dos impactos dos discursos comunistas foram registrados n'*O Estado de Goiaz*, que demonstrou como o processo de organização do PCB na cidade atraiu a atenção dos trabalhadores e de pessoas de *"todas"* as classes sociais, que acorriam à sede do partido para conhecê-la:

> *"As visitas sucedem-se sem cessar. Dia e noite é um entra e sai que não se acaba. Gente falando. Gente lendo. Gente trabalhando."* [307]

Em que pese a tática de propaganda encampada pelo jornal, foi registrada a maneira como aqueles que visitavam a sede do Comitê Municipal do PCB se empolgavam com as

---

306. COSTA, Elson. Camarada, para frente. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/08/1945, ano 13, n.° 1090, p. 1, c. 1-2.

307. Entusiasmado com a primeira visita. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/08/1945, ano 13, n.° 1090, p.1 c. 1-2

bandeiras de luta do partido. A respeito disso, o jornal publicou, em 08/08/1945, o depoimento de um *"homem modesto"*, Sanchez Lara, que se entusiasmou pelas atividades do partido e fez uma doação de mil cruzeiros, a fim de apoiar a causa comunista. Conforme o jornal, Sanchez Lara mostrou-se impressionado com a estrutura e os propósitos da organização e teria afirmado que a democratização do país só seria plena com a atuação legal dos comunistas, visto que eram a *"vanguarda da luta anti-fascista e os maiores propugnadores pelo progresso"*.[308] Partindo dessas declarações, é possível perceber a maneira como o periódico pretendeu propagar a crença da inevitabilidade do PCB como força política no processo de democratização do país.

Dias depois, foi divulgada a *"apoteótica"* inauguração dos Comitês de Zona e de Município do PCB. Segundo o jornal, desde as primeiras horas do dia pelo menos uma parte da cidade encontrava-se movimentada e festiva. Em seus dizeres, o assunto entre aqueles que apoiavam os comunistas não era outro senão as solenidades que estavam por vir:

> *"Nos bairros, no centro, nos bares, nos cafés, a conversa era sempre a mesma. (...) Mais ou menos, às quinze horas, ao povo que se aboletava na Av. Afonso Pena foi dada a oportunidade de assistir um comovente espetáculo. Dentro de dois caminhões comprimia-se uma enorme quantidade de homens e mulheres com trajes característicos dos habitantes das zonas rurais (...) Eram genuínos camponeses, acostumados a manejar a enxada, sol a sol. (...) ali estavam dependurados nos caminhões saudando o partido que se interessava pela sorte deles. Com vivos aplausos o povo que estava na rua saudou aqueles rústicos e leais produtores de riquezas."*[309]

Operando com imagens apoteóticas que intentavam demonstrar a receptividade do PCB por diversos segmentos populares, o jornal divulgou a mobilização e o envolvimento das pessoas com o evento nas vilas e bairros, praças e esquinas da cidade. Intelectuais, profissionais liberais, pequenos agricultores, fazendeiros *"progressistas"* (que não eram muitos), mulheres, *"genuínos"* e *"rústicos"* camponeses apinhavam-se no local, onde se realizariam as atividades de instalação solene do Comitê Municipal do PCB.

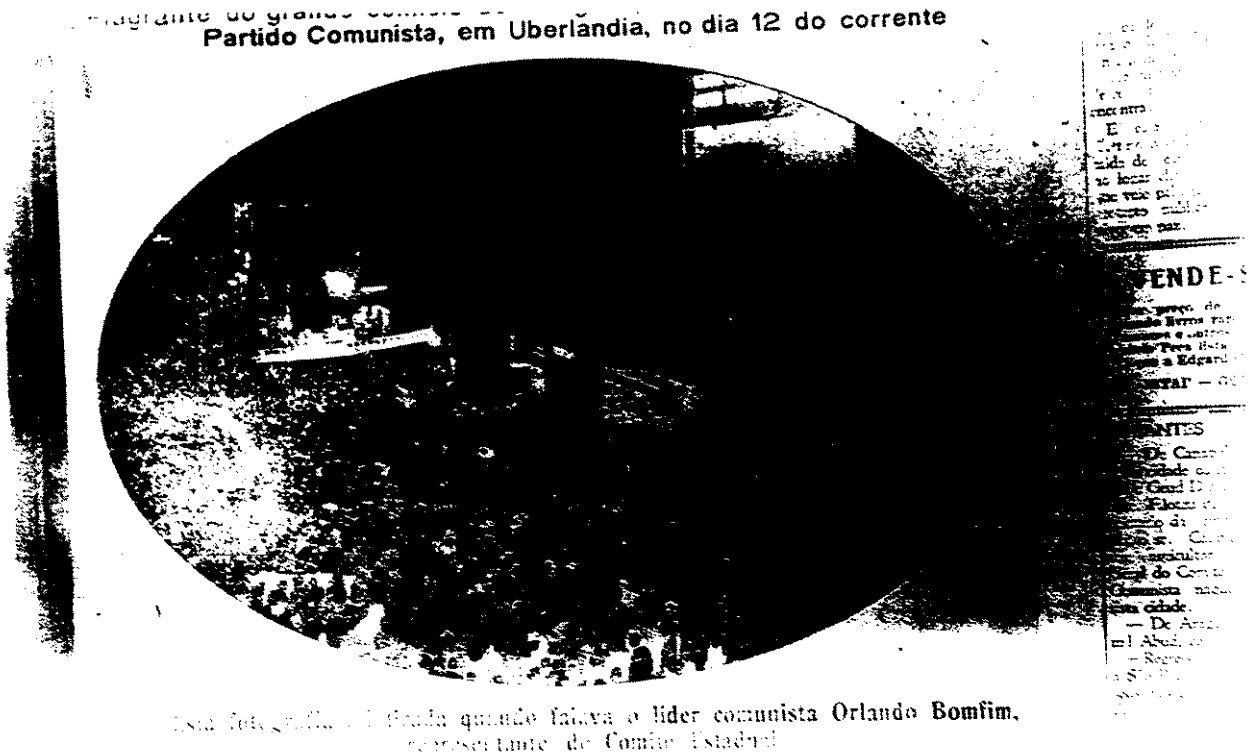
Conforme o jornal, da esquina do Bar Americano à praça Benedito Valadares, aglomeraram-se cerca de oito mil pessoas para assistir ao comício, que tinha como atração o

---

308. Idem.

309. Foi uma grande apoteose a instalação dos Comitês. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/08/1945, ano 13, n.º 1090. c. 2-3..

renomado comunista, Orlando Bonfim,[310] representante do Comitê Estadual do PCB, em Minas Gerais – que, em seu discurso, enfatizou a necessidade de ampliar as fileiras pela democratização do país, discorreu sobre o papel do partido e delineou as atividades que os comunistas desenvolveriam na região.



Esta fotografia [illegible] quando falava o líder comunista Orlando Bomfim, representante do Comitê Estadual

Foto 2: Comício realizado durante as solenidades de inauguração da sede do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia

Fonte: O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/08/1945, ano 13, n.º 1092,

---

310. Registros do perfil de Orlando Bonfim Júnior, conforme o DEOPS: *"Advogado, brasileiro, casado (...) Elemento ativo na época da ilegalidade. Atualmente* [em fins da década de 50] *é um dos baluartes do Partido em Belo Horizonte, onde tem falado em vários comícios comunistas."* Cf. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 47, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

Discursaram, durante o evento, os líderes comunistas locais e regionais.[311] Conforme *O Estado de Goiaz*, um repetitivo dizer atravessava as diversas falas proferidas naquele dia: não era possível conceber um regime democrático sem que se reconhecesse a legalidade do Partido Comunista do Brasil, a qual fora conquistada justamente porque os vermelhos lutaram e se sacrificaram até a morte pela *"vitória das Democracias"*. Em seu discurso, o secretário geral do Comitê de Zona do PCB em Uberlândia, Nelson Cupertino, afirmou que, na vanguarda das gloriosas Forças Aliadas, os comunistas dissiparam o pesadelo da opressão e fulminaram os algozes *"nazi-fasci-integralistas"*. Propalava o professor que graças ao Exército Vermelho, instaurou-se o reinado da liberdade e da democracia:

> *"Agora que podem vir a público expor suas idéias, é com íntima satisfação de quem pode cumprir um dever de consciência, que os comunistas se apresentam ao povo, no propósito de prestar seu concurso para que todos possam, em ambiente de tranqüilidade e de segurança, orientar-se para a conquista de seus direitos."*[312]

Na expectativa de Nelson Cupertino, o trabalho do PCB no Triângulo Mineiro seria árduo. A instabilidade das atividades produtivas, nessas bandas do país, era um dos principais problemas enfrentados não só pelos trabalhadores, que tinham de se submeter aos mais diversos trabalhos e às constantes mudanças de setor (construção civil, charqueadas, garimpos, agricultura

---

311. Nelson Cupertino, Comitê de Zona do Triângulo Mineiro; José Virgílio Mineiro, Comitê Municipal de Uberlândia e Aparecida Cardoso, que discursou em nome das mulheres. Além destes, discursaram também o operário Romualdo Ferreira, o *"fazendeiro progressista"* Afrânio Francisco Azevedo; Áulio Mendes Diniz; o jornalista Adib Chueiri (em nome do Comitê do Partido Comunista de Goiás); o ferroviário Vivaldo Vasconcelos (pelo Comitê Municipal de Araguari); Levindo Batista (pelo Comitê Municipal de Uberaba); João Edmundo (pelo comitê Municipal de Ipameri); Edmundo de Oliveira (pelo Comitê Municipal de Tupaciguara); e, por fim, discursaram os comunistas Alcides Simão Helou e José Ceres Filho.
Delegações que prestigiaram a instalação dos comitês em Uberlândia:
Autoridades públicas locais: Lindolfo Coimbra, Delegado Regional de Polícia; Primo Crosara e o delegado substituto; **Uberaba**: Levindo Batista, Orlando Ferreira, Eduardo Madriles, José Martins, Guilherme de Oliveira Schumaltz, Napoleão Alves, Antônio Silva, Osvaldo Corá, Agostinho Ferreira, Bianor Alves, Luíza Alves e José Alberto de Oliveira; **Frutal e Campo Florido**: Calixto Rosa; **Araguari**: Orlando Spoto, Vivaldo Rezende *("e senhora")*, Vivaldo Vasconcelos, Acher Rodrigues *("e senhora")*, Antônio Terceiro, João Salvador, Modesto Brella, Mário Menezes, Nestor Fernandes, Lauro Mendes, José Reis, Antônio de Melo e *"senhorinhas"* Eleuza Spoto, Leli Castanheira, Feli Castanheira e Lira Guerreiro; **Goiandira:** Virgílio Vitorino e Magno Oliveira Costa; **Catalão:** Pedro da Costa Neto; **Ipameri:** João Damaceno; **Monte Carmelo:** Romeu Moreira dos Santos, José da Silva Ramalho, Virgílio de Melo, Otacílio Rodrigues Dias, Nair de Souza Santos; **Tupaciguara:** Edmundo de Oliveira, Moacir Ribeiro, Antônio Garcia, Jorge Antônio, João Gomes de Faria; **Toribaté:** Dr. Odilon Guimarães Mendonça, Alacir Guimarães Mendonça, Antônio José Machado, Galdino Mota Junior, João Vieira dos Santos, Fausto Borges, Hermes Faria, Louderson Florêncio da Silva, Antônio Martins dos Santos, Manoel José Pereira, David Gonçalves e Alceu Arantes; **Canápolis:** 50 camponeses da zona rural; **Itumbiara:** 100 camponeses da zona rural.

312. Discurso do Secretário Geral. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/08/1945, ano 13, n.° 1092, p. 1, c. 3-6.

etc.), mas também pelos profissionais liberais, que desencantados com as parcas perspectivas no mercado de trabalho, buscavam alternativas em outros setores produtivos, como o comercial e o agropecuário. Por sua vez, os grandes pecuaristas, agricultores e comerciantes enfrentavam dificuldades decorrentes da *"oscilação dos valores na balança mercantil das praças dessa região"*. Afirmava Nelson Cupertino que os *"exploradores"* e *"especuladores"* eram os mais privilegiados nessa situação, porque enriqueciam-se, em curto tempo, às custas da economia popular. Segundo ele, o alto custo de vida no Triângulo Mineiro superava o das metrópoles: *"os produtos locais, que são daqui exportados para os grandes centros, são ali vendidos a preços inferiores aos de nosso varejo."*[313]

Nas considerações de Nelson Cupertino, os resultados da instabilidade econômica que assolava não somente a região mas o país, não poderiam ser outros: carestia, miséria e fome. Em suas afirmações, um sem-número de *"desvalidos"* emergiam dos pântanos minados pelo alto custo de vida e, sob o manto da filantropia e da caridade, eram amparados por pessoas e/ou instituições que intentavam atenuar a fome e a nudez dos pobres. Mas, segundo Nelson Cupertino, tais atitudes não ultrapassavam o campo das amenidades, pois a filantropia, muito longe de sanar a miséria, escancarava o problema. Reafirmando a força política dos comunistas, o referido professor preconizou que as soluções deste *"mal"* que ameaçava alastrar-se por toda a cidade e outros lugares da região encontravam-se na concretização das mudanças sociais propostas pelo Partido Comunista.

Em seus esforços para influir nos segmentos sociais populares e no empresariado *"progressista"* urbano e rural do Triângulo Mineiro, o PCB apresentou um programa visando à implementação de medidas que pudessem favorecer o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida na região, tais como: vias de comunicação indispensáveis ao escoamento dos produtos comercializáveis; facilidades para o aparelhamento e mecanização das lavouras; capacitação de técnicos para o trabalho agrícola; criação de frigoríficos nacionais; apoio às iniciativas dos pecuaristas e de todas as *"classes produtoras"* com a instituição de um eficaz e

---

313. Idem.

racional sistema de financiamento da produção no país e a distribuição de terras para os despossuídos que nelas trabalhavam.[314] Todavia, Nelson Cupertino alertava, em seu discurso, que a concretização dessas medidas só se efetivaria por meio da luta de todos em defesa do programa do PCB, sob o lema da *"Unidade, Democracia e Progresso"*.[315]


E'cos do Comicio Comunista

Flagrante do Grande Comicio Comunista do dia 12 de agosto quando falava o professor Nelson Cupertino, secretario geral do Comité de Zona do Triangulo

Foto 3: Comício realizado durante as solenidades de inauguração da sede do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia

Fonte: O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/08/1945, ano 13, n.° 1092,

---

314. Dentre os problemas nacionais debatidos, desde de maio, pelos dirigentes do PCB, destacou-se a questão da carestia. As medidas *"práticas"* que visavam resolvê-las foram propaladas em diversos discursos proferidos por Prestes e pelos representantes comunistas de diversas localidades do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. Cf. A palavra de Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/05/1945, ano 13, n.° 1070, p. 1, c. 4-6; Os comunistas propõem para estudo e aplicação imediata medidas práticas contra a carestia e a inflação. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/09/1945, ano 13, n.° 1105, p.4, c. 1-2.

315. Discurso do Secretário Geral. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/08/1945, ano 13, n.° 1092, p. 4, c. 3-4.

Durante as solenidades de fundação do Comitê Municipal do PCB, os discursos proferidos demonstraram a maneira como os comunistas intentavam mobilizar as mulheres em defesa das bandeiras do partido. Isso foi constatado nas falas de Aparecida Cardoso, que conclamara as uberlandenses a se unirem pela conquista dos seus direitos:

> *"Nós, como esposas e mães, filhas e irmãs, parcelas vivas da humanidade, não podemos permanecer inativas, quando todas as classes e raças se arregimentam para melhores dias. (...)*
> *Só o conseguiremos, cerrando fileiras no PARTIDO COMUNISTA, que virá trazer-nos certeza de que nossos filhos terão alimentos, roupa, escola, saúde, profissão, coisas a que só tem direito os ricos."*[316]

Aparecida Cardoso se remeteu ao heroísmo de bravas personagens femininas da história brasileira como Leocádia Felizardo Prestes e Olga Benário, e concitou as mulheres a romperem as amarras da *"apatia"* e a conquistarem seus espaços na sociedade.[317] Ela afirmou que se, por um longo tempo, o *"capital colonizador e reacionário"* fincou a mulher na condição de mercadoria, de mero *"instrumento de prazer"*, de reprodução de mão-de-obra barata, era chegado o momento de os grupos femininos batalharem pela sua emancipação social, a fim de soterrar a condição de *"mulher escrava"*, de *"mulher instrumento, sem outro direito a não ser o de mobília caseira"*, que até então marcara as suas vidas. Aparecida Cardoso recomendou que, no embate pela emancipação das mulheres, do chamado *"sexo frágil"*, as uberlandenses se unissem ao Partido Comunista e ao seu *"grande líder"* Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, ora visto como *"Cavaleiro da Realidade"*. Junto ao PCB, as mulheres fortaleceriam suas lutas pela consolidação plena do regime democrático e pela conquista e garantia dos seus direitos sociais e políticos e de sua dignidade social, preservando, contudo, o seu *"estado de mulher-esposa-mãe"*. De maneira geral, pode-se inferir que o discurso de Aparecida Cardoso estava substancialmente afinado com as diretivas do PCB em relação à mobilização das mulheres em torno da causa

---

316. Discurso proferido pela srta. Aparecida Cardoso. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, n.° 1094, p. 3, c. 1-6.

317. Idem.
Maria Aparecida explorou a imagem de Leocádia Felizardo Prestes como o *"símbolo da MÃE BRASILEIRA"*, a mãe heróica, e do heroísmo de Olga Benário, reverenciada pela bravura com que, antes de ser assassinada pelos nazistas, *"entre as cercas de arame de um campo de concentração"*, colocou no mundo sua filha, Anita Leocádia Prestes, que tinha *"as mãozinhas feridas de engatinhar dentro de cercado"*.

comunista. Tais diretivas pretendiam mostrar às mulheres, principalmente, às donas de casa, a importância de seu papel social e de sua missão na luta pela democratização da sociedade. Para tanto, o partido recomendava-lhes que saíssem do âmbito doméstico e se manifestassem nos espaços públicos, em luta pelos seus direitos, pela transformação de sua condição social.

Após o comício, o *"povo"* dirigiu-se à sede do PCB para prestar uma homenagem a José Ayube, o fundador do órgão jornalístico *O Estado de Goyaz*, que, naquela época, empunhava a bandeira vermelha. Com vivas ao Partido Comunista e ao *"grande líder"* Prestes, procedeu-se ao cerimonial de desvelamento da fotografia do *"jornalista da democracia"*, que, nos clamores do jornal, tombara antes mesmo que pudesse ver *"os albores da nova madrugada por que tanto lutara"*. A morte de José Ayube ainda estava envolta por um véu de mistério. Algumas vozes acusaram os seus adversários políticos de tê-lo assassinado, mas não houve provas que as confirmassem. Se, conforme *O Estado de Goiaz*, na ocasião da morte de José Ayube, a Igreja Católica, na figura do monsenhor Eduardo dos Santos, recusara-se a celebrar a encomendada missa de *"sétimo dia"* para o *"jornalista do povo"*, porque comunista,[318] era hora de oferecer-lhe uma *"justa* e *merecida"* homenagem:

> *"A luta foi cruel, terrível e desigual e muitos companheiros que já enfermos e cansados teimavam em sonhar e trabalhar pela alegria e bem estar das gerações vindouras, muitos desses bravos tombaram para sempre.*
> *Sentindo o povo, por ele sofrendo e lutando, José Ayube sempre identificou a causa da felicidade coletiva com o seu partido, o nosso partido, o Partido Comunista. Trabalhou pela sua legalidade, sonhou com sua instalação aqui e nas terras goianas. Agora, que nós o instalamos, após o esmagamento total da reação (...) rendemos uma sentida homenagem (...) a esse companheiro que tombou na luta contra a quinta coluna e contra o fascismo."*[319]

---

318. MINEIRO, Virgílio. A morte de José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/01/1945, ano 13, n.° 1031, p. 1. c. 1-6.

319. Discurso do jornalista Pedro Silveira. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, n.° 1094, p. 1, c. 1-4; p. 4, c. 3-6.


O VOTO É A ARMA QUE SE USA NA DEMOCRACIA

O ESTADO DE GOIAZ

ALISTE-SE HOJE MESMO. O SEU VOTO AMANHÃ DARÁ O BRASIL A PROGREDIR

Discurso do jornalista Pedro Silveira

Inauguração da secretaria de José Ayube ocupa [illegible] Pedro Silveira

Foto 4: Solenidade de inauguração da sede do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia. Homenagem a José Ayube.
Fonte: O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, n.° 1094.

Conforme os discursos comunistas veiculados n'*O Estado de Goiaz*, o PCB adotou no Brasil, entre os anos de 1945 e 1947, os princípios da *"unidade, democracia e progresso"*. Defendeu a revolução *"democrático-burguesa"* e pregou o fim dos *"restos feudais"* que ainda vicejavam nas plagas brasileiras. Referenciando-se em Prestes, *O Estado de Goiaz* afirmou que o programa de luta do partido ainda não primava pelas reivindicações socialistas, mas *"democrático-burguesas"*: uma etapa que, por algum tempo, exigia a solidariedade e a colaboração de classes, a ordem e a tolerância. Desse modo, primeiro, era preciso promover, sob a bandeira da União Nacional, o pleno desenvolvimento do capitalismo no Brasil para depois implantar o socialismo.

Os dizeres que compuseram os discursos proferidos durante as manifestações de instalação solene dos comitês do PCB no Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano, em essência, não diferiram entre si. Isso porque, conforme as polícias políticas, Uberlândia era a *"cidade*

fundamental" do Triângulo Mineiro, com influência também no Sudoeste Goiano, e, como tal, o centro de irradiação das diretrizes políticas do partido que tinha Nelson Cupertino, Roberto Margonari, José Virgílio Mineiro, Afrânio Francisco de Azevedo, Polidoro de Freitas, Adib Chueiri, Áulio Mendes Diniz, Elson Costa e João Jorge Coury e outros, como os seus principais propagadores.

Em Anápolis-GO, foi inaugurada em julho de 1945 a sede do Comitê Estadual do Partido Comunista. Segundo *O Estado de Goiaz*, cerca de mil pessoas compareceram ao cerimonial de instalação, aberto ao *"som do hino nacional"*. Discursaram os representantes comunistas da capital goiana, de Uberlândia e de outros municípios do Estado de Goiás. Durante o evento, representantes de entidades sindicais e estudantis pronunciaram-se acerca da necessidade da união de todos pela garantia da democratização do país. Nas descrições do jornal, José Carvalho Ferreira, em nome do Comitê Estadual de Goiás, exaltou a fundação do *"Partido do Proletariado"* em Anápolis e homenageou os heróis mortos na *"luta pela emancipação econômica e política"* do Brasil e aqueles que, ao lado das forças militares das Nações Unidas, derrotaram a *"fera fascista em seu covil"* e abriram para o mundo uma era de *"desenvolvimento pacífico"*. Momento histórico este, que, segundo ele, inaugurou no Brasil as possibilidades de instauração de *"eleições livres, unidade, democracia* e *progresso"*. Conforme o orador, de Felipe dos Santos à Intentona Comunista de 1935, incluindo aí a luta da *"Coluna Invicta"*, muitos tombaram pela emancipação política do Brasil. Em suas falas, lutas memoráveis como essas e, em âmbito mundial, as que o *"glorioso"* Exército Vermelho travou contra o nazi-fascismo mantiveram, no decurso da história, a tradição democrática. José Carvalho Ferreira afirmou que, com a derrota da *"fera"* verde, instaurou-se no Brasil o reinado da democracia e o ressurgimento legal do Partido Comunista:

> *"Agora, o nosso povo, 'o povo mais comunista da América', saberá a que partido pertencem os mais queridos líderes de sua emancipação e de seu progresso."*[320]

---

320. As solenidades no Cine Teatro Imperial - Inauguração da sede. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/08/1945, ano 13, n.º 1089, p. 1, c. 1-4.

Sob o lema da União Nacional, José Carvalho Ferreira concitou os trabalhadores e os *"progressistas"* afinados com as diretrizes políticas do PCB e com a *"disciplina democrática de seu estatuto"* a filiarem-se ao partido instalado na cidade goiana, independentemente de suas crenças religiosas e filosóficas. Segundo ele, os quadros da militância comunista, como recomendaram as diretrizes nacionais de organização do partido, eram bastante diversificados e compunham-se de *"católicos, protestantes, espíritas, positivistas, materialistas, homens de origens raciais as mais diversas, todos bons brasileiros, bons comunistas."*[321]

As falas proferidas durante as solenidades de instalação dos comitês em várias cidades do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano demonstraram uma vital necessidade de apagar as imagens negativas e estereotipadas dos comunistas, outrora vistos como *"agentes do satã"*, inimigos da pátria, da família e da propriedade. Segundo esses discursos, na *"hora histórica"* da democratização do país, os comunistas afiguravam-se leais combatentes em defesa da melhoria das condições de vida do *"povo pobre e trabalhador"*, da dignidade da pátria e da família, do progresso do país. Afirmavam que se era crime lutar por *"mais pão, mais saúde, mais conforto, mais cultura"* então os comunistas o confessavam. Também constaram desses discursos menções à presença expressiva das massas populares nos comícios realizados por Prestes como prova da adesão do povo ao *"Partido do Proletariado"*.[322]

Desse modo, os comunistas intentaram inverter o discurso anticomunista, apropriando-se da idéia de que, longe de promoverem a subversão da ordem, a afronta aos *"eternos valores"*, aos sólidos princípios da humanidade, lutavam ordeiramente pela resolução pacífica dos mais prementes problemas nacionais.

Em Uberaba, a inauguração da sede do *Comitê Democrático Popular* foi realizada em 02 de agosto de 1945. Dias antes, a população uberabense foi conclamada a comparecer ao evento por meio de incisivas propagandas. Boletins e *"faixas com expressivos dizeres"* avassalaram a

---

321. Idem.

322. Observa-se que os discursos proferidos por Prestes nos grandes comícios realizados em diversas cidades brasileiras, especialmente os de São Paulo e Rio de Janeiro, tornaram-se, em diversas ocasiões, referenciais das pregações comunistas no Triângulo Mineiro.

cidade, espalharam-se pelas suas ruas e esquinas. Mas, nas assertivas do jornal, também não faltaram as *"contra-propagandas feitas por elementos fascistas e reacionários, espalhando boatos tendenciosos e alarmistas".*[323] Atemorizando a população, os contrapropagandistas propalaram, entre outras coisas, que *"a reunião tinha a finalidade de excitar os operários a saquearem e depredarem os armazéns e lojas"*. Todavia, *O Estado de Goiaz* gabava-se da capacidade que os uberabenses tiveram de discernir os verdadeiros *"inimigos da Democracia e do Progresso"*. Em seus dizeres, a sensatez teria falado mais alto, e, ignorando tais rumores, as *"massas populares"* compareceram às solenidades de instalação do Comitê Municipal do PCB de Uberaba, participaram dos atos festivos e manifestaram seu apoio aos comunistas. Como afirmou o jornal, reinava um enorme *"entusiasmo no seio da população local, principalmente entre a classe trabalhadora, por esse acontecimento."*[324] Nas descrições do periódico, os uberabenses empunharam a bandeira comunista e marcharam pelas ruas da cidade cantando o hino nacional e ufanando o PCB e seu *"grande líder"*. Durante a festa, vários representantes das entidades de classe manifestaram seu apoio ao *"Partido do Proletariado"* de Uberaba[325] e discorreram sobre assuntos relativos à questão da democracia e da participação popular:

> *"O Comitê Municipal da grande cidade triangulina deu uma demonstração eloqüente de prestígio no seio da massa, reunindo para a grande festa popular elementos de todas as camadas sociais, entre as quais preponderava a classe operária, ordeira, vibrante e identificada com o seu partido."*[326]

---

323. Inaugurada a Sede do Comitê Democrático Popular de Uberaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/08/1945, ano 13, n.° 1090, p. 1, c. 4-6.

324. Idem.

325. Entre os referidos representantes, destacaram-se Odilon Fernandes, do Sindicato dos Dentistas e Ovídio Divino, do Sindicato da Construção Civil. Os temas que marcaram os discursos durante o evento foram os seguintes: *"Os negros na democracia"*, professor Alceu Novais; *"As finalidades do Comitê"*; Agostinho Ferreira; *"Alfabetização das massas"*, Lafaete de Melo; *"A necessidade da união de todos os trabalhadores"* (proferido pelo operário Nicário); por fim, destaca-se o discurso do reverendo Alexandre de Melo, da Igreja Metodista, sobre *"O socialismo e o cristianismo*. Cf. Inaugurada a sede do Comitê Democrárico Popular de Uberaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/08/1945, ano 13, n.° 1090, p. 1, c. 4-6.

326. A posse do Comitê Municipal de Uberaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/09/1945, ano 13, n.° 1102, p.1, c. 1-3. Além da referida festa, o evento promoveu uma passeata pelas ruas de Uberaba, da qual participaram homens e mulheres: *"todos vivando as Nações Unidas, Prestes e o Brasil. Dezenas de sugestivos cartazes espalharam-se pelas ruas, traduzindo as aspirações dos homens do campo e da cidade e se referindo às gloriosas lutas do Partido Comunista e da Nação Brasileira através da História. Um enorme retrato de Prestes, feéricamente iluminado foi transportado pelas ruas, durante a passeata, vendo-se cartazes das células à F.E.B. e à democracia."*

Ituiutaba também foi destacada pelo jornal como mais uma das cidades triangulinas onde o PCB se instalou. Amplamente divulgadas por meio de boletins e cartazes que conclamavam a participação do *"povo"*, as solenidades de inauguração consistiram basicamente no empossamento dos dirigentes e na proferência de discursos. Durante o evento, realizado em 26 de agosto de 1945, os representantes comunistas de várias localidades se restringiram a indicar os objetivos, as idéias e as reivindicações que defendiam e a convencer a população de que o programa de luta do PCB, longe de conspirar contra a ordem social estabelecida, não distava dos mais *"nobres princípios"* e sentimentos cultivados pelo povo brasileiro.[327]

No dia da *"independência"* de Canápolis, fundou-se mais um Comitê Distrital do Partido Comunista do Brasil no Triângulo Mineiro.[328] Observa-se que, conforme os dados obtidos, a ação comunista na cognominada *"Canaan do Brasil"* visou, principalmente, organizar os camponeses situados naquela zona rural, onde, em muitas ocasiões, eles lutaram pela dignidade do trabalho e da vida. Por isso, foram alvo de perseguição da polícia política de Minas Gerais. Os camponeses de Canápolis e de Toribaté (hoje Monte Alegre de Minas) destacaram-se entre os que estiveram à frente das lutas influenciadas e/ou conduzidas pelos comunistas do Triângulo Mineiro. Durante as solenidades de instalação do Comitê Distrital da *"Canaan do Brasil"*, os camponeses aglomeraram-se em frente à sede do partido e na praça da Matriz, onde, conforme o jornal, outros segmentos populares e autoridades públicas também participaram das atividades programadas e das manifestações de repúdio ao fascismo e à opressão da liberdade. A premência da Assembléia Nacional Constituinte e a necessidade de resolver os problemas relativos à agropecuária no Triângulo Mineiro assinalaram os discursos proferidos durante aquele evento.

Dois dias depois, em 9 de setembro de 1945, os comunistas de Araguari inauguraram o seu Comitê Municipal. Os procedimentos da instalação solene da sede do PCB, como foi dito,

---

327. A inauguração da sede do Partido Comunista em Ituiutaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/08/1945, ano 13, n.° 1096.

328. Instalação do Comitê Distrital do Partido Comunista, em Canápolis. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/08/1945, ano 13, n.° 1095, p. 1. c. 5-6. A data da independência em Canápolis. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 3-6.

não variavam, em essência, de um local para outro. Dias antes do evento, divulgavam-se as atividades programadas por meio de cartazes, boletins e notas na imprensa propagando a necessidade de união e de participação de todos na luta em defesa da democratização do país:

> *"Foi um dia festivo para os operários e o povo em geral, especialmente para os velhos combatentes comunistas que puderam afinal se mostrar aos olhos dos seus conterrâneos tais como na verdade o são, denodados defensores das classes menos favorecidas e patriotas exemplares."*[329]

Durante o comício, militantes e dirigentes comunistas da região discursaram sobre temas diversos, destacando-se trajetória histórica do Partido Comunista, a urgência da instauração da Assembléia Constituinte e a defesa das *"liberdades populares"*. O comício foi encerrado com o discurso do comunista uberlandense Roberto Margonari e o canto do hino nacional. Nos últimos momentos da manifestação, porém, a cidade ficou no escuro – o que foi considerado, pelo jornal, uma *"tentativa de sabotagem"* dos integralistas. A esse respeito, Roberto Margonari fez as seguintes declarações: *"eles jogaram uma corrente na alta tensão, apagou todas as luzes e um tiro veio danado em cima de mim."*[330] Conforme o jornal, por mais que a polícia, os militantes e os simpatizantes tivessem colaborado para a realização ordeira das atividades programadas, não foi possível evitar a provocação dos *"plinistas"*:

> *"Isso não impediu que o comício caminhasse normalmente para o final, continuando o orador falando á multidão que prorrompia em vivas a Prestes e ao Brasil e expressões de repúdio ao credo dos 'sigmóides'. (...) Alguns tiros disparados pelo bando fascista não conseguiram demover a multidão de se afastar do local da festa eminentemente popular."*[331]

O Estado de Goiaz contestou as atitudes antidemocráticos das *"feras"* verdes, que intentaram sabotar as solenidades de instalação do PCB em Araguari, destruíram as faixas da propaganda comunista, espraiaram rumores contracomunistas pela cidade e instauraram o pânico *"no seio das famílias"* araguarinas:

---

329. Instalação do Comitê Municipal do Partido Comunista de Araguari. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 1.

330. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy, em abril de 1981.
Apesar dos anacronismos que permeiam o depoimento do referido militante, suas afirmações referem-se às solenidades de fundação do Comitê Municipal do PCB, em Araguari, durante as quais ele proferiu um discurso e quase foi atingido por uma bala atirada pelos *"plinistas"*.

331. Instalação do Comitê Municipal do Partido Comunista de Araguari. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 1-3.

> *"Onde quer que estejam, o povo logo identifica os personagens ridículos das comédias plinianas que sempre demonstram especial zelo pela manutenção de formas feudais de produção e vida social e pelo predomínio de grupos oligárquicos. Defendem com unhas e dentes o atraso, o analfabetismo, a doença e a miséria reinantes no campo e na cidade porque é dessas chagas sociais que eles vivem e prosperam.*
> *Não há comparação entre os adeptos de regimes tirânicos e as idéias generosas dos comunistas."*[332]

Nesse discurso, é possível observar a maneira como os comunistas associavam a repressão, a dominação e a exploração dos fazendeiros – grandes e médios proprietários de terras – , e as péssimas condições de vida dos camponeses às formas *"feudais"* de produção. Desse modo, constata-se que as imagens do feudalismo e dos senhores feudais são apropriadas a fim de mostrar que a *"hora histórica"* é dos *"generosos"* comunistas e que, tal como os tempos do feudalismo, as outras forças políticas/econômicas pertencem a um passado distante e sombrio, em que preponderava, na contraface do bem estar de poucos, a opressão, a servidão e a miséria.

Além desses recursos discursivos, os comunistas tentaram desmantelar e apagar a imagem satânica que marcou as visões do comunismo propagadas pelos seus adversários. Se, tempos antes, não poucas vozes acusaram os vermelhos de apropriarem-se das mazelas sociais para implantar o seu *"credo demoníaco"* e espalharem-se como uma *"praga"* pelo mundo, tal desígnio no pós-guerra era atribuído aos *"nazi-fasci-integralistas"*.[333] De *"soldados do bem"* a demoníacas *"feras"*: chegou a *"hora histórica"* de extirpar definitivamente a *"peste"* verde que ameaçava destruir o mundo.

Conforme o jornal, a democracia venceu as *"manifestações de incultura política"* dos fascistas. Todavia, muitos deles, em especial os integralistas araguarinos, não se deram conta de que, finalmente, com a vitória dos Forças Aliadas e de todos aqueles que lutaram ao seu lado, foram proscritos da história: contra os fascistas erguia-se a *"hora histórica do mundo"*, como fez

---

332. Mais uma provocação fascista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 3-5.

333. Idem.
Nessa mesma edição, os redatores, noutra nota contra os fascistas, fizeram uma analogia entre a propaganda contracomunista dos fascistas e a fábula da Jaquiranabóia, do prof. Alvares Silveira: *"O perigo comunista é o ferrão da Jaquiranabóia – ferrão que não destrói porque não existe – perigo que não existe para o povo porque o comunismo é o próprio partido do povo e tem como principal tarefa a justiça social."*

o *"povo livre"* de Araguari, que resistiu aos ataques integralistas e fez vencer a democracia – a instalação do Comitê Municipal do PCB:

> *"E, de agora em diante, alinha-se ali, entre os já existentes, mais um partido, mais uma estrela no céu democrático, a rubra estrela dos comunistas brasileiros."*[334]

Instalados os comitês do Partido Comunista nas principais cidades do Triângulo Mineiro, era chegado o momento de arregimentar os esforços pela (re)organização social democrática ansiada nos duros tempos da ditadura e do fascismo.

Bem ou mal, os comitês populares instalados em vários locais de Uberlândia foram a maior expressão do movimento pela redemocratizaçãodo país nesse município. Dos registros que revelam suas manifestações, vale destacar uma nota do Comitê Uberlandense Pró-democratização que alertou sobre a premência de se instaurar no Brasil uma democracia plena, por intermédio de uma Assembléia Nacional Constituinte com plenos poderes para constituir uma nova Carta Magna, democrática e justa:

> *"Essa Assembléia, composta de verdadeiros representantes do povo, elaboraria uma lei básica genuinamente democrática, de acordo com as tendências atuais, oriundas das grandes transformações por que passou o mundo no período de guerra e à altura da evolução política de todos os povos democráticos no após-guerra.*
> *(...) Com a Assembléia Constituinte esmagaremos melhor os restos do fascismo, os restos de feudalismo e reacionarismo que ainda infestam a nossa Pátria.*
> *TODOS POR UM BRASIL LIVRE E DEMOCRÁTICO!*
> *TODOS POR ELEIÇÕES LIVRES E HONESTAS!*
> *TODOS PELA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE!"*[335]

Iniciada a campanha pela *"transformação das eleições presidenciais em eleições para uma Assembléia Constituinte"*, o jornal conclamou a participação de todos na *"cruzada democrática"* que consistia em uma jornada de luta dos comunistas do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano pela mobilização do *"povo"* em defesa dessa causa. Durante a chamada *"Quinzena pró-Constituinte"*, foram realizados comícios e reuniões visando esclarecer às *"massas"* sobre a *"necessidade de convocação imediata da Assembléia Constituinte através de eleições livres"*.

---

334. Mais uma provocação fascista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 3-5.

335. Ao povo só interessa uma Assembléia Constituinte. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/08/1945, ano 13, n.° 1095, p. 1. c. 3-6. (Grifos do jornal).

Nas preconizações do jornal, os triangulinos e os goianos eram concitados a empreender um movimento que mostrasse ao presidente da República, Getúlio Vargas, que os anseios dos cariocas manifestos no Estádio do Vasco da Gama também empolgavam o *"povo"* de diversas bandas do país.[336] Segundo os informes do jornal, a quinzena pela democracia seria encerrada com um *"comício monstro"* no centro de Uberlândia.

Não se podem avaliar os rumos e a eficácia política dessa campanha no Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano, mas foi constatado o engajamento de diversos segmentos sociais no movimento pró-democratização do país. Conforme os dados d'*O Estado de Goiaz*, ruas, praças, bairros e fazendas do município constituíram-se em espaços das manifestações comunistas. Na cidade e no campo, organizaram-se células, *"sociedade efêmeras"*, associações, ligas e comitês democráticos por intermédio dos quais os filiados reclamavam a melhoria nas condições de trabalho e vida.

Conforme *O Estado de Goiaz*, o povo de Uberlândia e de outros lugares do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano[337] mostrou-se mais exigente, ativo, combativo e disposto a lutar por uma vida mais digna. Ao lado dos comitês democráticos, o movimento pela organização das ligas camponesas se espraiava em várias fazendas que integravam o município e a região, mobilizando os camponeses a participarem ativamente da luta pelos seus interesses e reivindicações, que primavam pela posse das terras e pelas lutas em defesa da melhoria das condições de vida – saúde, educação, alimentação, habitação, salários dignos etc.

Em que pesem as lacunas que entremeiam a história dos comunistas de Uberlândia, foi possível observar o alinhamento de suas lutas com as diretrizes nacionais da política comunista. Em defesa do programa da União Nacional, os comunistas de Uberlândia e de outros municípios do Triângulo Mineiro desfraldaram suas bandeiras de luta contra *"os restos feudais, o*

---

336. O povo quer a Assembléia Constituinte: comícios e reuniões. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/09/1945, ano 13, n.° 1100, p. 1. c. 4-5.

337. "Ecos do Movimento Democrático em Rio Verde"; "5 de julho". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/07/1945. ano 13, n.° 1080. p. 1. c. 1-2.

fascismo e o imperialismo", a dominação e opressão das potências capitalistas, a exploração dos fazendeiros, a miserabilidade das condições de vida dos camponeses etc.

No decurso de 1945 e 1946, inscreveram-se na imprensa registros das atividades dos comitês no Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano, que, sob muitos aspectos, demonstraram a maneira como os comunistas afinaram-se com as diretrizes políticas nacionais do PCB. Empolgados pelos ventos da democracia liberal que balançavam o mundo no pós-guerra, os homens e mulheres que abraçaram a causa comunista – muitos deles recrutados entre fazendeiros e comerciantes cognominados *"progressistas"*, profissionais liberais, operários, camponeses, donas de casa, *"domésticas"*... e, nos dizeres do DEOPS, até mesmo entre os *"vagabundos"* – deflagraram lutas pela democratização da sociedade e por melhores condições de vida.

Instalados os Comitês do Partido Comunista do Brasil em Uberlândia e região, seus militantes, durante o período de legalidade, orientaram a organização dos trabalhadores e os incitaram à luta pelos seus direitos. Nessa época, além das notícias sobre as atividades dos comunistas,[338] *O Estado de Goiaz* estampou em suas páginas repetitivos slogans conscientizadores conclamando o povo a participar de reuniões e comícios e a sufragar, nas eleições, os chamados candidatos do povo: *"O voto é a arma que se usa na democracia"*; *"Aliste-se hoje mesmo. O seu voto ajudará o Brasil a progredir."*[339]

---

338. Uma das atividades enfaticamente propagadas pelo jornal *O Estado de Goiaz* concerniu ao evento 1° Salão de Artes Plásticas do Brasil Central, que objetivava promover a integração entre os comunistas e o *"povo"*, a manifestações de seus talentos artísticos e a arrecadação de recursos financeiros para o partido e para a "imprensa popular".
O referido evento foi também noticiado pelo jornal *A Classe Operária*, datado de 06/07/1956: *"1° Salão de Artes Plásticas do Brasil Central – interessante iniciativa dos camaradas de Uberlândia, com o objetivo de incentivar as capacidades artísticas do meio e conseguir recursos financeiros para o PCB e para o Jornal do Povo de BH 50%, cada."* Sede do evento: Av. Afonso Pena, 491, Uberlândia. Cf. Recorte de jornal constitutivo do acervo das polícias políticas, setor: Estados, pasta 11. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

339. Slogan veiculado n'*O Estado de Goiaz*, de 08/08/1945, n.° 1090, p.1 Em algumas de suas colunas foram divulgadas as comemorações (e rememorações) do 5 de julho em Uberlândia e Uberaba, onde foi realizada uma passeata operária.

3. O *Cavaleiro da Esperança* sob o céu da ordem e do progresso: cruzada pelo sufrágio dos *candidatos do povo*

Nos primeiros albores de 1945, uma intensa campanha pelas eleições federais plasmava o cenário político do país.[340] Os ventos da democracia trouxeram a anistia dos presos políticos, propiciaram a liberdade de Prestes e de seus companheiros, asseguraram o direito ao voto universal para os maiores de 18 anos, embora estivessem excluídos os analfabetos, cabos e soldados e instauraram uma nova lei eleitoral que estabelecera a existência legal do PCB e a sua oportunidade de pleitear os cargos políticos eletivos do país.

Para concorrer às eleições de dezembro de 1945, foram registrados em Minas Gerais 34 candidatos comunistas à Assembléia Nacional, destacando-se, entre eles, os que pleiteavam a Câmara Federal pelo Triângulo Mineiro: Afrânio Francisco de Azevedo, Nelson Cupertino e José Virgílio Mineiro (Uberlândia); Vivaldo Ramos Vasconcelos (Araguari) e Paulo Rosa (Uberaba).[341] Amparados pelo novo código eleitoral, os comunistas propagaram abertamente pela região as teses da União Nacional: suas idéias e suas propostas de mudança.

---

340. *O Estado de Goiaz*, de 04/07/1945, n.° 1080, p.1, publicou um convite, em forma de poema, concitando o povo a comparecer no comício do Pacaembu e, como referência, aos comícios que se realizavam em vários pontos do país, a fim de apoiar a causa do partido; saudar e prestigiar Prestes, o *"amigo e libertador do povo"*:

Convite ao povo,
de Rossini G. Guarnieri

Avisem os marinheiros que estão lutando no mar!
Avisem os operários,
Avisem os camponeses,
Avisem os soldados e poetas,
e os estudantes também!
Avisem! Avisem logo!
Avisem mulheres e homens,
Avisem moços e velhos,
Avisem ricos e pobres,
Avisem gente do povo,
Nos cortiços, nas choupanas,
Nas fábricas, nos Quartéis!

Avisem! Avisem todos!
Avisem todos sem falta
que PRESTES – o Amigo do Povo –
vem aqui para falar!
Que ninguém falte ao comício,
que marche o povo nas ruas,
no rumo do Pacaembu!
Que venham do Brasil todo,
palmilhando mil caminhos,
pretos, brancos, ruivos e louros,
mulatos, cafusos, vermelhos,
católicos, protestantes,
espíritas, judeus!

Que venham sem mais demora,
com as mãos entrelaçadas,
corações prontos para ouvir:
vai falar um companheiro,
Cavaleiro da Esperança,
Esperança do Brasil!
Viva Prestes! – gritem todos –
Viva Prestes!
o Herói Libertador!
Viva a unidade do povo! –
Gritem todos com fervor!

341. O PCB apresentou uma lista de 35 candidatos. Porém, o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais rejeitou o registro de João Batista Sarmet por não preencher as exigências legais do Código Eleitoral.

Durante a campanha eleitoral de 1945, o médico comunista Mário Faria conclamou os democratas do Triângulo Mineiro para conhecerem o programa mínimo da União Nacional e sufragarem o candidato Yeddo Fiúza à Presidência da República, bem como os *"amigos do povo"* que se candidataram ao Congresso Nacional com o compromisso de defender o referido programa, fossem eles comunistas ou não.[342]

No mês de novembro de 1945, vários comícios *"pró-candidatos do povo"* foram realizados em Uberlândia e região. Os discursos proferidos durante essas manifestações contestavam o *"golpe militar"* de 29 de outubro que depusera Getúlio Vargas e o atentado à imprensa comunista e aos comitês legais do PCB. Também esclareceram a premência e o significado da *"candidatura civil e popular"* de Yeddo Fiúza – uma luta entre o *"progresso e a reação"* que, se vitoriosa, estabeleceria no cenário político brasileiro *"a democracia, a unidade e o progresso"*.

Outros discursos veiculados no decorrer das campanhas eleitorais demonstraram a receptividade da candidatura de Yeddo Fiúza nos meios populares e *"progressistas"*. Nos dizeres do jornal, *"milhões de trabalhadores e camponeses, de intelectuais e artesãos, de comerciantes e industriais progressistas"* simpatizaram-se pelo referido candidato, porque o *"partido de vanguarda do proletariado e do povo e o seu líder heróico e esclarecido"* apoiaram-no.[343] Num dos comícios realizados em Toribaté (Monte Alegre de Minas), o professor Nelson Cupertino, então candidato comunista a deputado federal, procurou esclarecer o caráter e os propósitos das candidaturas dos representantes *"do povo"*, especialmente a do *"técnico e democrata"* Yeddo Fiúza. Segundo ele, a arregimentação das forças políticas de diversos matizes e origens representava um importante passo para impulsionar o avanço do processo da *"revolução democrático-burguesa"*.

---

342. FARIA, Mário Guimarães. Carta aberta aos meus amigos do Triângulo Mineiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/11/1945. ano 13, n.° 1119, p. 4, c. 1-2.

343. A candidatura do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/11/1945. ano 13, n.° 1119, p. 4, c. 3-6.

No pós-guerra, Uberlândia foi mobilizada pela instalação dos comitês do PCB e, tempos depois, pela visita de Luiz Carlos Prestes, às vésperas do pleito eleitoral de 02 de dezembro de 1945.

Em tempo de cruzada pelo sufrágio dos *"candidatos do povo"*, os comunistas e o *"Cavaleiro da Realidade"* promoveram uma incisiva campanha pela eleição dos seus representantes à Presidência da República e à Assembléia Nacional. Conforme as fontes pesquisadas, Prestes, empunhando a bandeira da União Nacional, arrebatou milhares de pessoas para os seus *"comícios monstros"* realizados em várias cidades brasileiras, dentre elas Uberlândia.

Segundo as informações d'*O Estado de Goiaz*, Uberlândia, em fins de novembro de 1945, preparava-se, agitada e festiva, para receber a visita do *"grande líder do povo brasileiro"*. Os Jovens mobilizados para compor as comissões de organização do evento desdobravam-se na realização de suas atividades, que implicavam pintura de dísticos, confecção de cartazes, faixas, pichação de ruas, distribuição de panfletos, organização de alojamentos e preparação do palanque onde falaria ao povo o *"heróico comandante da Coluna Invicta"*. Conforme o jornal, esse acontecimento ficaria *"eternamente"* gravado *"na memória de seu povo progressista, de seus combativos operários comunistas, de seu camponeses e dos homens, mulheres e jovens das classes médias, de todos, enfim (...)."*[344]

Além das notícias a respeito dos preparativos da recepção do *"bravo Capitão, comandante em chefe"* – que incluíam menções à chegada de caravanas procedentes de vários lugares do Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano – o jornal publicou uma biografia de Luiz Carlos Prestes e divulgou as expectativas e as opiniões do *"povo"* sobre o evento.[345] A exemplo, o jornal registrou as declarações que o camponês Manoel Jacinto fez à comitiva comunista de Uberlândia, quando esta visitava Canápolis, com o objetivo de averiguar as prementes

---

344. Preparando a recepção do líder do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/11/1945. ano 13, n.° 1122, p. 1, c. 1-6.

345. Salve o nosso capitão; Pela União Nacional; Esboço biográfico de Luiz Carlos Prestes; A visita de Prestes na opinião do povo; Não quer morrer antes de apertar a mão de Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/11/1945, ano 13, n.° 1120, p.1 e 4.

necessidades dos camponeses e esclarecer-lhes o programa político do PCB. O camponês ratificou o diagnóstico da situação miserável em que viviam os camponeses, propalado por Roberto Margonari, e afirmou que para amenizar os problemas no campo era necessária a instauração de medidas como as defendidas pelos comunistas: melhoria das estradas e das condições de transportes; distribuição de terras e assistência social geral. Manoel Jacinto rememorou os tempos em que os roceiros depositaram os sonhos de uma vida melhor na Aliança Nacional Libertadora e no Cavaleiro da Esperança, que, naquele momento, era visto como o *"Cavaleiro da Realidade"* que caminhava à frente do *povo* rumo à vitória.



Foto 5: Roberto Margonari e Manuel Jacinto

Fonte: O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/11/1945, ano 13, n.° 1121, p. 4

Como disse *O Estado de Goiaz*, o *"guia esclarecido da nacionalidade"* já não comandava apenas *"um punhado de bravos"*, mas milhões de brasileiros, de diversas origens e crenças políticas, que, em marcha contra o fascismo, abraçavam a causa do *"bem-estar, prosperidade e libertação da pátria"*, da construção de um *"futuro de fraternidade e de igualdade"*:

> *"Se aquela marcha libertadora, sacudiu em suas raizes, a consciência dos milhões de homens e mulheres de nossa terra, inculcando-lhe esperanças, agora a nova marcha encetada pacificamente por Luiz Carlos Prestes, em todo o território nacional, traz-nos a certeza do mundo que se antevia há 20 anos.*
> *(...) os significados de sua visita ao Brasil Central transcende os simples limites de uma excursão eleitoral. Prestes nos trará, além de conselhos para os que trabalham, já que ele é o comandante em chefe do exercito proletário e camponês do Brasil, uma palavra de amizade e de incentivo para todos, a fim de que não se deixem enredar nos cantos de sereia da reação e do fascismo – nos dará ânimo e coragem para atravessarmos esta quadra dificil e perigosa, e irmanarmos numa sólida e efetiva união nacional (...)."*[346]

Acompanhado por uma renomada comitiva,[347] Graciliano Ramos, Dinarco Reis, Rui Santos e outros, o Cavaleiro da Esperança aportou à Uberlândia e foi recebido pelos segmentos populares, representantes de entidades classistas e partidárias e por várias células que vicejavam no cenário político local e regional.

Conforme *O Reporter,* as manifestações de recepção do *"grande líder nacional"* deixaram de lado a *"cor partidária"*, que ficou por conta dos líderes comunistas, e acolheram representantes políticos, sindicalistas, estudantes, operários, camponeses e pessoas comuns de várias cidades do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano.[348] Nas considerações do relator da DOPS-MG, *"o povo e os comunistas"* de muitas cidades mineiras, naqueles tempos, aglomeravam-se nas praças públicas para ouvir as palavras de Prestes, *"uns por convicção de*

---

346. O Significado da visita de Luiz Carlos Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/11/1945, ano 13, n.° 1122, p.1, c. 1-3.

347. Nessa visita, Prestes estava acompanhado por comitiva que integrava os seguintes componentes: Aparício Torelli, Graciliano Ramos, Rui Santos, Vitorino Semola, Dinarco Reis, Lia C. Dutra, Gabriel Borchier, Luiz Ferraz, Adenor Campos, René Correa e Adib Chueiri.

348. Luiz Carlos Prestes. O Reporter. Uberlândia, 01/12/1945, ano 12, n.° 834, p. 2, c. 4-5.

causa, outros por curiosidade, dada a situação reinante nas esferas governamentais, em fase de confusão nacional".[349]

Segundo *O Estado de* Goiaz, do aeroporto à praça Antônio Carlos, *"milhares de pessoas"* – posicionadas às margens das ruas ou em automóveis e caminhões – saudaram e exaltaram o Cavaleiro da Esperança.[350] Muitas dessas pessoas teriam viajado, dia e noite, dos sertões do Brasil Central a Uberlândia, a fim de participar do encontro com Prestes. O jornal afirmou que o sacrifício e o cansaço dos sertanejos, que enfrentaram a dureza e a precariedade das estradas e dos meios de transportes (caminhões, cavalos e burros), foram atenuados pelo êxtase de apertar a mão do (então) *"Cavaleiro da Realidade"* e ouvir o que ele tinha a lhes dizer. Nas falas do jornal, as manifestações de apoio dos camponeses procedentes de diversas regiões do interior brasileiro expressaram a amplitude da popularidade de Luiz Carlos Prestes.

As células comunistas locais, ao empunharem seus estandartes, cartazes e faixas (ANEXO 3), tonalizaram as manifestações daquele *"histórico"* 28 de novembro de 1945:

> *"O serviço de alto-falantes instalado ali, ia irradiando marchas e hinos patrióticos. Pouco depois, começavam a chegar, incorporadas, diversas caravanas do Triângulo Mineiro e Goiás, que, juntamente com as células do Partido Comunista, erguiam vivas e cantavam hinos, enquanto os seus estandartes, cartazes e dísticos, ondulavam ao vento, oferecendo aos olhos deslumbrados da multidão um espetáculo cenográfico belíssimo. No palanque, situado no meio da praça, notava-se uma caprichosa decoração. Entre dezenas de retratos de Prestes, colados pelas paredes, estavam diversas bandeiras nacionais nas mais diferentes posições em meio a guirlandas de flores e festões."*[351]

Nas descrições do jornal, o comício teve como *"speaker"* oficial Adib Chueiri, que, primeiramente, anunciou os representantes dos comitês comunistas e das entidades classistas de Uberlândia e região. Discursaram Adilon Mendonça (que presenteou Prestes com hino intitulado *"Camaradas Brasileiros"*, composto pelo maestro Luiz Antônio de Souza – Tonato de Toribaté), Nelson Cupertino, Iberê Goulart, Amélia Mineiro, Aparecida Cardoso, Hilda Ferreira, Henckmar

---

349. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 11, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

350. Conforme os dados d'*O Estado de Goiaz*, cerca de 3 ou 4 mil pessoas aportaram em Uberlândia para homenagear Prestes. No entanto, outros registros do jornal indicaram cerca de 20 mil pessoas.

351. "Contra o povo organizado, de nada valem canhões, tanques e metralhadoras". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 01/12/1945, ano 13, n.º 1122, p.1, c. 1-4.

Borges, Dinarco Reis e Afrânio Azevedo e, por último, Luiz Carlos Prestes, que foi aplaudido e exaltado pela multidão.

Segundo o periódico, Prestes e sua comitiva ficaram sensibilizados com o entusiasmo do povo uberlandense naquele comício. Lia C. Dutra avaliou positivamente o evento, elogiou envolvimento e a mobilização dos uberlandenses e, mediante aquela efervescência política, afirmou que *"com uma Uberlândia em cada Estado do Brasil, dentro de muito pouco"* tornar-se-ia possível alcançar ideal e concretamente a democratização que conduziria o Brasil ao *"Progresso"* e o *" povo à felicidade"*. [352] Por sua vez, Graciliano Ramos fez as seguintes considerações: *"o que existe aqui difere muito do que estamos habituados a ver nas cidades grandes. (...) Esses gritos que ouvimos não saem apenas dos pulmões; parece que saem dos ossos, da medula"*.[353] Já Elson Costa, ao expressar suas impressões do comício, afirmou que o fascismo parecia estar sendo derrotado no Brasil e que o fervor das manifestações demonstravam o fortalecimento da luta e da consciência política do povo: *"um povo tão desenvolvido não pode senão levar à vitória a candidatura de união nacional de Yeddo Fiúza"*.[354]

Temas como o polêmico apoio dos comunistas ao presidente deposto, Getúlio Vargas, bem como ao governo vigente; as candidaturas *"do povo"* no pleito de 02 de dezembro; a conquista da Assembléia Nacional Constituinte; a luta contra o fascismo e os *"restos feudais"*; a União Nacional e as medidas de combate à inflação e ao alto custo de vida compuseram as falas de Prestes durante o comício em Uberlândia.

Segundo Prestes, pela causa da democracia, os comunistas apoiaram um governo *"infiltrado de fascistas e reacionários"* que se viu obrigado a romper com o Eixo e lutar ao lado das Nações Unidas. Ele afirmou que no Brasil encontravam-se instauradas concessões governamentais como a anistia política, o novo código eleitoral, a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, a liberdade de pensamento e reunião, porque o PCB afogou as *"paixões*

---

352. "Espetáculo de civismo, de ordem e organização". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 01/12/1945, ano 13, n.° 1122, p.4, c. 1-4.
353. Idem.
354. Idem.

políticas e os interesses pessoais" e apoiou *"sem vacilações o governo que se colocava no campo de luta pela democracia e autodeterminação dos povos, a despeito das acusações daqueles indivíduos apontados antes de colaboracionismo, queremismo e de fazer cambalachos com o governo"*. [355] Nas considerações de Prestes, a conjuntura social e política ainda não permitia, naquele momento, a implantação do comunismo no Brasil, por isso havia que se lutar pacificamente pela solução dos problemas nacionais e arregimentar o *povo* em defesa do programa da União Nacional e na luta contra a miséria que assolava grande parte da população.

Nas assertivas de Prestes, as metas dos comunistas eram, ao contrários de supostos *"cambalachos"*, instaurar condições imprescindíveis à realização do programa mínimo da União Nacional e reunir todos os *"patriotas brasileiros"* em luta pela definitiva liquidação dos *"restos de feudalismo"* e de fascismo que ainda vicejavam no cenário político do Brasil. No que dizia respeito à necessidade de vigilância dos perigos da política militar, Prestes afirmou que o programa do PCB não portava conteúdos antimilitaristas, mas condenava os procedimentos políticos dos militares ameaçavam a democracia e respondiam às críticas ao governo estabelecido com *"armas compradas com o dinheiro do povo"*, não com palavras – como aconteceu no decurso do *"golpe salvador"* de 29 de outubro, quando, com a participação dos candidatos militares à presidência da República, ex-ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra e brigadeiro Eduardo Gomes, os golpistas apontaram contra os comunistas *"as bocas dos canhões e tanques"*.[356]

Em contraposição, *"Cavaleiro da Realidade"* defendeu a candidatura civil de Yeddo Fiúza e concitou o povo a sufragá-la. Segundo Prestes, era preciso resistir às campanhas anticomunistas propagadas pelo Brasil, principalmente as que foram encampadas pelos candidatos militares à Presidência da República. Na luta contra essas insídias, os comunistas deveriam lutar, ao lado do povo, pela democratização do país:

> *"Ser contra o comunismo em pleno século XX é ser atrasado e ignorante, pois o proletariado é a classe do presente, a única que tem visão, tem perspectiva política,*

---

355. "Contra o povo organizado, de nada valem canhões, tanques e metralhadoras". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 01/12/1945, ano 13, n.° 1122, p.1, c. 1-4.

356. Idem.

> *não podendo existir democracia sem que o proletariado tenha o seu partido, armado na doutrina genial de Marx (...).*"[357]

Utilizando recursos doutrinários da inevitabilidade histórica do comunismo, e suas propostas de superação do reino da necessidade e instauração do reino da liberdade, pode-se depreender das falas de Prestes que ser contracomunista era ser *"feudal"*; era caminhar na contra-mão da marcha da história. Desse modo, infere-se que as propostas de lutas do partido, sobretudo a antifeudal e anti-imperialista, consistiam, como sugeriu Marx, em *"tirar sua poesia"* do presente/futuro. Nessa *"hora histórica"*, o povo e seu partido-guia despojavam-se do passado consubstanciado nos seus adversários/opressores – capitalistas provocadores de guerras e exploradores do povo, *"senhores feudais"*, *"tubarões"*, especuladores e outros – e nas inglórias lutas do partido neste país. Como partido do presente que era, Prestes propalou que o PCB não lutava apenas contra fascistas e reacionários, mas também contra a inflação e a carestia que provocavam a miserabilidade do povo brasileiro – a exemplo, ele citou a incapacidade de muitos jovens brasileiros para comporem as Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB).

Proclamava o *"Cavaleiro da Realidade"* que mortalidade infantil, analfabetismo, doença, miséria e fome eram a face sombria deste país, afligido por uma intolerável carestia que precisava ser definitivamente suplantada. Para sanar essa situação miserável, os comunistas propunham-se a lutar pela implementação das onze medidas de combate ao alto custo de vida Todavia, concretização dessas medidas, segundo Prestes, dependiam da vitória dos *"candidatos do povo"* nas eleições:

> *"O futuro de nossos filhos estará ameaçado se qualquer dos dois candidatos militares for escolhidos nas urnas. Mas o povo, que organizado é a grande força da democracia dos tempos, há de conquistar esta terceira vitória democrática dos tempos memoráveis que estamos vivendo (...) Organizai-vos e organizai, pois de nada valem os canhões, os tanques e metralhadoras contra o povo organizado."*[358]

Pelo menos uma parte do povo uberlandense parece ter sido receptiva aos clamores do *Cavaleiro da Realidade.* Mas, a julgar pelo trabalho de *"mobilização das massas"* em prol da eleição dos candidatos do Triângulo Mineiro à Assembléia Nacional Constituinte, não se pode

---

357. Idem.
358. Idem.

dizer que o PCB tenha obtido outros resultados satisfatórios, senão a ampliação dos quadros da militância, cujas atividades se intensificaram em 1946 e arrebataram mais adeptos da causa comunista.

Se os centros urbanos mais dinâmicos do país, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e outros, elegeram os seus representantes à Assembléia Nacional Constituinte e, com isso, inscreveram institucionalmente o PCB na esfera política brasileira, não se pode dizer o mesmo de Minas Gerais. Os mineiros não elegeram nenhum representante comunista à Assembléia Nacional Constituinte, visto que os candidatos do PCB não conseguiram atingir o quociente de 1/35 do eleitorado mineiro, cerca de 11.000 votos. De acordo com os resultados das eleições de 02 de dezembro de 1945, Uberlândia e Uberaba se distinguiram dos municípios mineiros que mais votaram no candidato do PCB à Presidência da República. O candidato por Uberlândia à Assembléia Constituinte, Afrânio Francisco de Azevedo, foi o mais votado em todo o Estado mineiro, com 3.595 votos. Já o candidato uberabense Paulo Rosa ficou em 5.° lugar, com 823 votos.

Em Uberlândia, os candidatos militares à presidência da República obtiveram o maior número de votos: em 1.° lugar o general Eurico Gaspar Dutra, com 5.279 votos; em 2° lugar, o brigadeiro Eduardo Gomes, com 3.403 votos. O candidato civil do PCB à presidência da República, Yeddo Fiúza, conseguiu o 3° lugar, com 1.751 sufrágios dos votantes. Os outros candidatos por Uberlândia à Assembléia Nacional Constituinte não conseguiram resultados satisfatórios: Nelson Cupertino obteve 332 votos e José Virgílio Mineiro conquistou apenas 59 votos. (ANEXO 4 A, B).

Considerando-se os resultados eleitorais de 1945, Uberlândia se destacou em relação às *"cidades fundamentais"* do Estado de Minas Gerais, pela sua expressiva votação na legenda do PCB – 2.552 votos. Prestes o mais popular dos candidatos comunistas, e, relativamente, dos não comunistas, obteve apenas 45 votos dos uberlandenses. Desse resultado, depreende-se que uma parcela significativa dos votantes, independentemente, do candidato, depositou suas expectativas no PCB.

A fim de analisar o desempenho eleitoral de Yeddo Fiúza, foram inseridos os dados relativos às zonas eleitorais influenciadas pelo Comitê de Zona do PCB do Triângulo Mineiro – onde os comunistas apenas manifestaram seu apoio e auxílio à população e onde eles atuaram efetivamente por intermédio se suas entidades – e, em seguida, os quadros dos resultados eleitorais de outras zonas eleitorais mineiras que concederam mais de 100 votos a Yeddo Fiúza:

Tabela 5

DESEMPENHO ELEITORAL DE YEDDO FIÚZA NAS ZONAS ELEITORAIS INFLUENCIADAS PELO COMITÊ DE ZONA DO PCB DO TRIÂNGULO MINEIRO

154ª ZONA – Uberlândia
(Uberlândia)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	5.532
Eduardo Gomes	3.403
Yeddo Fiúza	1.751
Mário Rolim Teles	00

153ª ZONA - Uberaba
(Uberaba - Conceição das Alagoas - Veríssimo - Campo Florido - Pirajuba))

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	7.879
Eduardo Gomes	4.756
Yeddo Fiúza	1.709
Mário Rolim Teles	02

12ª ZONA - Araguari
(Araguari - Indianópolis - Piracaíba - Barreirão - Amanhece)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.557
Eduardo Gomes	2.886
Yeddo Fiúza	592
Mário Rolim Teles	12

148ª ZONA - Toribaté
(Toribaté - Canápolis - Centralina - Sucuri - Flores)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	869
Eduardo Gomes	605
Yeddo Fiúza	559
Mário Rolim Teles	00

66ª ZONA - Ituiutaba
(Ituiutaba - Capinópolis - -Gurinhatã - Stª Vitória)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.008
Eduardo Gomes	1.298
Yeddo Fiúza	205
Mário Rolim Teles	00

53ª ZONA - Frutal

(Frutal)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.555
Eduardo Gomes	867
Yeddo Fiúza	189
Mário Rolim Teles	01

14ª ZONA - Araxá

(Araxá - Campos Altos - Pratinha - São Jerônimo - Ibiá - Santa Juliana - Perdizes)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	4.562
Eduardo Gomes	3.860
Yeddo Fiúza	107
Mário Rolim Teles	00

88ª ZONA - Monte Carmelo

(Monte Carmelo - Bagagem - Romaria - Douradoquara)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.762
Eduardo Gomes	797
Yêdo Fiúza	61
Mário Rolim Teles	01

151ª ZONA - Tupaciguara

(Tupaciguara - Descarga - Mato Grosso - Brilhante - Araporã - Serraria)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.442
Eduardo Gomes	1.717
Yêdo Fiúza	58
Mário Rolim Teles	00

121ª ZONA - Prata

(Prata - Jardinésia - Pov. de Monjolinhos - Patrimônio - Pov. de S. Domingos - Campina Verde - Arantes - S. Francisco - Camélia)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.082
Eduardo Gomes	1.268
Yêdo Fiúza	27
Mário Rolim Teles	01

107ª ZONA - Patrocínio

(Patrocínio)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.093
Eduardo Gomes	2.591
Yêdo Fiúza	17
Mário Rolim Teles	13

50ª ZONA - Estrela do Sul

(Estrela do Sul)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.144
Eduardo Gomes	906
Yêdo Fiúza	42
Mário Rolim Teles	00

Fonte: Resultados das eleições para presidente da República realizadas em 02 de dezembro de 1945. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais.

Tabela 6

DESEMPENHO ELEITORAL DE YEDDO FIÚZA EM OUTRAS ZONAS ELEITORAIS MINEIRAS

18ª ZONA - Belo Horizonte

(Belo Horizonte)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	30.915
Eduardo Gomes	37.882
Yeddo Fiúza	5.554
Mário Rolim Teles	171

72ª ZONA - Juiz de Fora

(Juiz de Fora - Porto das Flores - Sarandira - Paula Lima - Ibitiguaia - Torreões - Água Limpa - Chácara - S. José das Três Ilhas - Santana do Deserto - Matias Barbosa - Simão Pereira)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	16.971
Eduardo Gomes	8.953
Yeddo Fiúza	1.414
Mário Rolim Teles	27

94ª ZONA - Nova Lima

(Nova Lima - Rio Acima)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	5.958
Eduardo Gomes	1.305
Yeddo Fiúza	1.394
Mário Rolim Teles	02

61ª ZONA - Itajubá

(Itajubá - Bicas do Meio - Pirangussu - Delfim Moreira)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	5.412
Eduardo Gomes	1.636
Yeddo Fiúza	442
Mário Rolim Teles	05

118ª ZONA - Pouso Alegre

(Pouso Alegre - Borda da Mata - Silvianópolis)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	4.369
Eduardo Gomes	3.487
Yeddo Fiúza	326
Mário Rolim Teles	04

115ª ZONA - Poços de Caldas

(Poços de Caldas - Botelhos - Palmeiral - São Gonçalo)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	4.423
Eduardo Gomes	3.021
Yeddo Fiúza	290
Mário Rolim Teles	05

128ª ZONA - Sabará

(Sabará)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.625
Eduardo Gomes	515
Yêdo Fiúza	240
Mário Rolim Teles	12

133ª ZONA - Santa Rita do Sapucaí

(Stª Rita do Sapucaí - Bela Vista - Cariassu - Stª Catarina - Conceição das Pedras)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.023
Eduardo Gomes	1.506
Yeddo Fiúza	230
Mário Rolim Teles	00

135ª ZONA - Santos Dumont

(Santos Dumont - Mercês - Ewbank da Câmara - Dores do Paraibuna - Aracitaba - S. João da Serra - Conceição do Formoso)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	4.948
Eduardo Gomes	2.769
Yeddo Fiúza	174
Mário Rolim Teles	00

42ª ZONA - Conselheiro Lafaiete

(Conselheiro Lafaiete)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	7.205
Eduardo Gomes	6.150
Yeddo Fiúza	162
Mário Rolim Teles	01

74ª ZONA - Lavras

(Lavras - Itumirim - Itutinga - Ingaí - Luminárias - Ijaci - Ribeirão Vermelho - Perdões - Cana Verde)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	4.457
Eduardo Gomes	3.869
Yeddo Fiúza	155
Mário Rolim Teles	06

17ª ZONA - Barbacena

(Barbacena - Ressaquinha - Ibitipoca - Bias Fortes - Dist. Augusto Franco - Correia de Almeida - Dist. Capela Nova - Dist. de Ibertioga - Destº do Melo - Dist. de Padre Brito - Dist. de Campolide - Tugúrio - Dist. de Caranaúba - Dist. de Oliveira Fortes - Sítio - Angoritaba - Carandaí)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	12.057
Eduardo Gomes	10.267
Yeddo Fiúza	139
Mário Rolim Teles	00

46ª ZONA - Diamantina

(Diamantina - S. João da Chapada - Inhaí - Mercês - Couto Magalhães - Gouvêa - Datas - Biribiri - Sôpa - Camilinho - Tijucal - Vaú - Pinheiro - Extração - Cuiabá - Barreiro - Dez Otoni - Guinda - Contagem - Barão de Guaicuí - D. Izabel - Reideador - Monjolos - Conselheiro Mata - Palmital - Senador Mourão - Mendanha - Felisbt. Caldeira - Grota Grande)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	6.898
Eduardo Gomes	2.013
Yeddo Fiúza	131
Mário Rolim Teles	03

149ª ZONA - Três Corações

(Três Corações)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	1.948
Eduardo Gomes	2.260
Yêdo Fiúza	118
Mário Rolim Teles	00

147ª ZONA - Teófilo Otoni
(Teófilo Otoni - Bias Fortes - Ataléa)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	7.167
Eduardo Gomes	5.161
Yeddo Fiúza	106
Mário Rolim Teles	00

112ª ZONA - Pirapora
(Pirapora - Vila de Lassance - Buritizeiro - Várzea da Palma - Guaicuí)

Candidato	Votação
Eurico Gaspar Dutra	2.165
Eduardo Gomes	639
Yeddo Fiúza	104
ário Rolim Teles	01

Total da votação obtida pelos Candidatos à Presidência da República em 02.12.1945:

Candidato	Em Minas Gerais	No País
Eurico Dutra	478.503	3.251.507
Eduardo Gomes	339.463	2.039.341
Yeddo Fiúza	16.699	569.818
Rolim Teles	314	10.001
Votos brancos	5.215	70.328
Votos nulos	173.870	259.810
Totais	**1.014.064**	**6.200.805**
Eleitorado	1.231.251	7.459.849
Comparecimento	1.014.064	6.200.805
% comparecimento	82,36	83,12
% abstenção	17,64	16,88

Fonte: Resultados das eleições para presidente da República realizadas em 02 de dezembro de 1945. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. Conforme o TRE, não constaram os nomes dos candidatos a Vice-Presidente da República, nessas eleições.

Dos resultados eleitorais acima, pode-se inferir que os eleitores das zonas influenciadas pelo Comitê de Zona do Triângulo Mineiro do PCB concederam uma significativa quantidade de votos a Yeddo Fiúza. Dos 16.699 votos do candidato comunista, obtidos em Minas Gerais, 5.317 procederam das zonas eleitorais do Triângulo Mineiro, região onde os comunistas atuaram em diversas frentes de mobilização pela conquista de votos e pela organização ligas camponesas, associações e comitês em defesa do interesses populares.

Em Belo Horizonte Yeddo Fiúza conquistou 5.554 votos e em outras zonas eleitorais, com mais de 100 sufrágios, 5.425 votos – destaque para Juiz de Fora (1.414 votos) e Nova Lima, *"cidade vermelha"*, (1.394 votos). Considerando-se a maior quantidade das zonas eleitorais que concederam mais de 100 votos ao candidato comunista, e, por tabela, de eleitores, o Triângulo Mineiro obteve um expressivo desempenho eleitoral, distinguindo-se do seu quadro geral

Uberlândia, com 1751 votos, e Uberaba, com 1709 votos – respectivamente, a segunda e a terceira maior votação do Estado de Minas Gerais, depois da capital Mineira, Belo Horizonte.

Todavia, a derrota nas eleições gerais de 1945 não arrefeceu os ânimos dos comunistas uberlandenses. Empunhando a bandeira da liberdade, paz, democracia e união de todos por terra, pão, saúde, educação e pela desfascistização da sociedade, eles continuaram organizando os comitês populares de bairros e de trabalho, as ligas camponesas e novas células que deram impulso ao movimento comunista em 1946 e prepararam a região para as eleições de 1947.

4. *Amantes da democracia* nos Comitês Populares: aprendendo e fazendo a arte da política

Em 1946, Luiz Carlos Prestes, em sua avaliação sobre a atuação do PCB, pugnou que, pelo menos, duas *"debilidades"* acometiam o desempenho político do partido – visto o sectarismo dos seus integrantes: a ausência de uma política homogênea e uniforme e o fracasso na ligação com as massas. Dificuldades estas que precisavam ser superadas.[359] Na mira de estabelecer a organização de suas fileiras, o Comitê Municipal do PCB de Uberlândia, sob diretivas nacionais, despendeu esforços atender aos reclamos do *"guia esclarecido da nacionalidade"* e superar as tais *"debilidades"*.

Autoproclamado o defensor *"intransigente"* do *"Partido do Povo"*, *O Estado de Goiaz* preconizava a organização dos segmentos populares em defesa de melhores condições de vida. Em vários discursos, o jornal denotou que o povo acabaria por perceber o partido como o único defensor de seus interesses e aspirações e, por isso, haveria de se organizar em torno dele, sufragando-o nas próximas eleições.

Dispondo-se a fazer ressonar os clamores dos segmentos populares em luta pela melhoria da vida, *O Estado de Goiaz* divulgou reivindicações dos moradores das vilas da cidade, denunciou a carestia e publicou reclamações e protestos dos trabalhadores. Combate ao câmbio negro; concertos das ruas esburacadas, poeirentas e cobertas pelo matagal; instalação de redes de

---

359. A duas grandes debilidades do partido. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/01/1946, ano 13, n.° 1130, p. 3. c. 4-6

água, esgoto, energia elétrica e de serviços de correios; limpeza, conservação e iluminação das vias públicas; construção de pontes, viadutos e até mesmo a construção de um *"mictório"* na praça Benedito Valadares etc., compuseram as reivindicações que se espraiaram pela cidade e mobilizaram os segmentos populares, os quais pressionaram os poderes públicos e intentaram intervir na política urbana, ora por intermédio de entidades que se fundavam, ora pelos abaixo-assinados, telegramas, comícios e protestos públicos.[360]

As fontes pesquisadas demonstraram que o PCB influenciou e atuou no processo de organização das associações dos moradores de bairros, e, de uma ou outra maneira, intentou colocar-se na *"vanguarda"* de suas manifestações. Os comunistas estiveram presentes tanto nos atos de fundação quanto no decurso das atividades de uma considerável parte das entidades representativas dos moradores dessa cidade. Conforme *O Estado de Goiaz,* nas circunscrições onde erigia-se uma organização de bairro, também encontrava-se instalada pelo menos uma célula comunista.

Os moradores da Vila Saraiva, por algum tempo, mobilizaram os órgãos públicos competentes com diversos tipos de reclamações que tangiam ao péssimo à de infra-estrutura urbana e ao descaso geral da prefeitura que não se empenhava em resolver os problemas que lhes acometiam:

> *"Os habitantes de Vila Saraiva reclamam com razão: mato e buraco nas ruas. Estas se transformam em pastos, onde até vacas ameaçam o transeunte com seus chifres pontiagudos."*[361]

Esses clamores extrapolaram as páginas d'*O Estado de Goiaz* e adentraram-se nas organizações e nos protestos públicos. Naquele momento de reordenamento democrático, pelo

---

360. Vários artigos demonstram as inquietações da população, que começava a se organizar:
Notas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 23/03/1946, ano 14, n.° 1152, p. 3, c. 1; Rua que exige consertos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 23/03/1946, ano 14, n.° 1152, p. 3, c. 3-4; Um melhoramento necessário - Pleiteia-se a construção de um mictório na Praça Benedito Valadares. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 2, c. 3-6; Não deixem cometer conosco tamanha injustiça. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 3, c. 2-5; O povo protesta contra a proibição reacionária. O Estado de Goiaz. 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 4, c. 3-5; Onde está o açúcar. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/05/1946, ano 14, n.° 1163, p. 4, c. 1-3; Açúcar de contrabando? O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/05/1946, ano 14, n.° 1165, p. 1, c. 2-4; Movimentam-se as donas de casas contra os altos aluguéis de casas - Contra o alto preço do toucinho e de carne - Em combate ao câmbio negro e à especulação. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/08/1946, ano 14, n.° 1194, p. 4, c. 2-6; Estudantes goianenses lideram a luta contra o câmbio negro. O Estado de Goiaz. 18/09/1946, ano 14, n.° 1201, p.4, c. 1-6; Máquinas, estradas, câmbio negro e a Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 2, c. 1-4.

361. As ruas viraram pasto. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/01/1946, ano 14, n.° 1133, p. 3, c. 2-3.

menos uma parte da população ansiava pela participação nas decisões políticas que melhor atendessem às suas necessidades. Dessa maneira, foi realizado um comício na Vila Saraiva, objetivando mobilizar a luta dos moradores por suas reivindicações. Para isso, uma *"comissão popular"* criou, em fevereiro de 1946, a Sociedade Amigos da Vila Saraiva a fim de arregimentar os moradores em defesa dos seus interesses.[362] Durante as solenidades de fundação da entidade, foi inaugurado um posto de assistência médico-ambulatorial, com o propósito de atender periodicamente aos moradores ali circunscritos. Os oradores esclareceram a isenção político-partidária e o caráter assistencialista/reivindicatório da entidade e proclamaram suas bandeiras de luta – construção de uma escola pública; emplacamento das casas e ruas; instalação de rede água, esgoto, energia elétrica e telefone; ampliação, melhoria e limpeza das vias públicas, barateamento de gêneros alimentícios como açúcar, sal e outros produtos de primeira necessidade, etc. No transcorrer do ano, a associação reclamou a melhoria da prestação de serviços no município e promoveu manifestações populares que exigiam das autoridades constituídas o atendimento às suas reivindicações.[363]

Os moradores da Vila Operária também se mobilizaram pela melhoria do bairro e organizaram o Comitê Democrático da Vila Operária. Fizeram reivindicações básicas pela instalação da infra-estrutura necessária ao bairro e pelo barateamento do custo de vida. Perfilaram também reclamações como as contidas numa carta do referido comitê, enviada ao Prefeito Municipal Vasconcelos Costa, que solicitava providências em relação às cercas de arame feitas nas terras do fazendeiro Argemiro Vicente Lopes a fim de facilitar a locomoção dos moradores entre o perímetro urbano e o rural – de suas casas aos locais de trabalho – e promover melhoria no fluxo das atividades comerciais na vila.[364]

---

362. Comício na Vila Saraiva. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 20/02/1946, ano 14, n.° 1144, p. 3, c. 5

363. Fundada a Sociedade Amigos da Vila Saraiva. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/02/1946, ano 14, n.° 1145, p. 2, c. 5-6; A Vila Saraiva em peso pede reparos urgentes no prolongamento da rua Duque de Caxias. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/07/1946, ano 14, n.° 1181, p. 1, c. 1-3; p. 3, c. 5-6; Querem um carteiro os moradores da Vila Saraiva. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/09/1946, ano 14, n.° 1204, p. 4, c. 1-4; Uma vitória do povo de Vila Saraiva. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/10/1946, ano 14, n.° 1206, p. 4, c. 4-6.

364. As solenidades no Cine Teatro Imperial - Inauguração da sede. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/08/1945, ano 13, n.° 1089, p. 1, c. 1-4; O povo de Vila Operária quer um viaduto. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/02/1946,

As entidades que se constituíam nas vilas da cidade proclamavam-se isentas de ligações político-partidárias e propagavam que suas metas eram mobilizar/politizar os segmentos populares em defesa dos seus interesses. Sem ostentar as insígnias comunistas, essas entidades demonstraram a abrangência e a significância a atuação comunista nessas localidades, algumas delas próximas ao centro urbano, as quais afiguraram-se *"focos"* vermelhos. Tal foi o caso da Vila Osvaldo, onde se instalou um Comitê Distrital do PCB de Uberlândia, conglomerando as células das vilas Osvaldo, Martins, Nova e Carneiro. Isso, segundo o jornal, configurava um avanço no processo de fortalecimento e consolidação da estrutura organizacional do partido na cidade.[365] Em geral, os atos de fundação dessas entidades eram regadas a empolgantes discursos, leilões em prol da campanha pela imprensa popular, bailes, rifas e outras atividades *"conscientizadoras"* ou aquelas que visavam angariar recursos financeiros para sua manutenção.

Nas denominadas vilas vermelhas, os comunistas mantiveram atividades educativas, a fim de preparar as *"massas"* para o exercício da cidadania. Na Vila Osvaldo, por exemplo, foi instalado um Centro de Alfabetização noturno para os moradores circunscritos naquelas adjacências. Sob o manto dos comunistas, eles também passaram a fazer a arte da política: reivindicaram melhorias infra-estruturais nos bairros, contestaram o câmbio negro dos produtos de primeira necessidade, lutaram por melhores condições de vida, fizeram manifestações públicas, protestaram contra as permanências da Constituição de 1937, que ainda estava arraigada na política nacional e reclamaram pela real e definitiva revogação da carta ditatorial etc.

Na Vila Martins, um dos movimentos mais expressivos dos moradores foi o protesto contra o câmbio negro do açúcar, farinha de trigo, pão e gasolina e outros produtos caros. A escassez e o encarecimento dos produtos de primeira necessidade, em Uberlândia, não grassava somente os tempos de guerra. A falta de tais produtos provocada pelos fenômenos da natureza e

---

ano 14, n.° 1142, p. 4, c. 3-6; Comício na Vila Operária. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/11/1946, ano 14, n.° 1219, p. 4, c. 5-6.

365. Inaugurado o Comitê Distrital da Vila Osvaldo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/09/1946, ano 14, n.° 1203, p. 4, c. 5-6.

pelas manobras altistas do mercado eram quase sempre motivo de especulação dos chamados *"tubarões câmbio-negristas"*.

Por um tempo, a luta pelo barateamento do açúcar mobilizou os moradores dessa cidade. Devido à escassez desse produto, os uberlandenses foram submetidos a uma carteira de racionamento. Eles tinham requisições emitidas pela Prefeitura Municipal, mas não conseguiam adquirir o produto a preço de tabela. Com o propósito de resolver o problema, moradores de diversas vilas se organizaram em luta contra a carestia.

Indignadas com as filas que lhes atormentavam todos os dias, as mulheres da Vila Martins encamparam a luta contra o câmbio negro e, tempos depois, fundaram a Sociedade Feminina Pró-Aquisição do Açúcar.[366] Várias manifestações foram realizadas por essa entidade.[367] Uma delas foi *"festinha do café"*, promovida pela Célula Tiradentes do PCB, localizada naquele bairro. Participaram do evento, os representantes das células de diversos bairros da cidade, do Comitê Municipal do PCB e do jornal *O Estado de Goiaz*:

> *"Em casa do sr. Joaquim Miranda, foi organizada a mesa, ricamente ornamentada de comestíveis finos, cuja fabricação se tornou caríssima, devido o açúcar e a farinha de trigo serem adquiridos no 'câmbio negro'."* [368]

---

366. Composição da diretoria:
Presidente: Maria Abadia Siqueira; Secretária: Matilde Pereira da Silva; 2ª Secretária: Noêmia Gouveia; Tesoureira: Glória Xavier; Conselho Fiscal: Maria Miranda, Clotildes Nascimento, Filomena Gouveia, Carolina Fernandes, Alzira Furlani e Arminda Bassi.

367. Sobre reivindicações dos moradores da VILA MARTINS:
A ruas andam em mau estado - Moradores da Vila Martins reclamam providências da Prefeitura. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/03/1946, ano 14, n.° 1146, p. 3, c. 3-6; Onde anda o açúcar? - As mulheres não querem saber de "fila" mas sabem que existe açúcar na cidade. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/03/1946, ano 14, n.° 1146, p. 4, c. 1-4; Grande comício pela revogação imediata da Constituição de 1937. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/03/1946, ano 14, n.° 1146, p. 4, c. 5-6; Ao Sr. Prefeito Municipal - Não querem comprar açúcar no câmbio negro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/03/1946, ano 14, n.° 1147, p. 3, c. 5-6; Açúcar, caso de polícia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/03/1946, ano 14, n.° 1147, p. 4, c. 5-6; QUEIROZ, Geraldo R. Lutemos contra o câmbio. O Estado de Goiaz. 13/03/1946, ano 14, n.° 1148, p. 1, c. 1-2; Contra a "Fila" e o "Câmbio Negro". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/03/1946, ano 14, n.° 1148, p. 4, c. 1-4; Sociedade Feminina Pró-Aquisição de Açúcar. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/05/1946, ano 14, n.° 1169, p. 2, c. 2-3; Vitória das mulheres - Organizando o povo combateremos melhor o câmbio negro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 23/03/1946, ano 14, n.° 1151, p. 3, c. 3-6; Notas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 32, c. 1; Câmbio negro de açúcar em Vila Martins. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/08/1946, ano 14, n.° 1195, p. 1, c. 4-6: *"Enquanto os heróicos estivadores de Santos e os trabalhadores da Light estão nas prisões por lutarem por aumento, os exploradores do povo agem livremente, com uma ousadia de pasmar."*; Câmbio negro de açúcar em Vila Martins. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p. 1, c. 3-6; Câmbio do açúcar em Vila Martins. O Estado de Goiaz. 07/09/1946, ano 14, n.° 1198, p. 4, c. 1-6.[*"Protestam as famílias daquele bairro contra as injúrias de um negociante - vendia câmbio negro porque comprava no câmbio negro"*].

368. Vila Martins contra o "câmbio negro". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/03/1946, ano 14, n.° 1148, p. 1, c. 4-6.

Durante essa atividade, a primeira secretária da Sociedade Feminina Pró-Aquisição do Açúcar, Matilde Pereira da Silva, proferiu um discurso conclamando o *"povo"* a se unir contra a Constituição *"fascista"* de 1937 e pela sua revogação. Concitou as mulheres a se arregimentarem em torno da entidade e a lutarem contra o câmbio negro em geral. Por sua vez, a segunda secretária, Noêmia Gouveia, contestou o alto preço da farinha de trigo, discorreu sobre o problema da escassez do pão, protestou contra a *"amaldiçoada"* Carta de 1937 e divulgou as vitórias até então conquistadas pela entidade na compra dos produtos escassos a preço de tabela. Em nome da Célula Tiradentes, Alzírio Ribeiro Grilo discursou contra o definhamento do poder aquisitivo dos trabalhadores decorrente dos baixos salários, agravado ainda mais pelo câmbio negro. Declarou-se protestante e comunista e afirmou que não havia nenhuma incompatibilidade na sua posição, visto que as entidades religiosas e políticas lutavam pela melhoria da vida do povo:

> *"(...) a miséria penetra na casa do trabalhador protestante, espírita, católico, ateu e indiferente. Portanto os crentes de todas as seitas deveriam se unir e lutar contra a miséria, inimiga comum de todos, contra o câmbio negro e a tenebrosa carta para-fascista de 1937."*[369]

Conforme o jornal, os recursos financeiros arrecadados durante a *"festinha do café"* seriam investidos na alfabetização e elevação do *"nível cultural"* dos moradores da Vila Martins, na compra de livros e de *"jornais democráticos"* e na construção de uma escola primária.

Os moradores da Vila Carneiro, Fundinho, Patrimônio e Brasil também se manifestaram em defesa da melhoria das condições de vida nos seus bairros. Para tanto, realizaram comícios, fizeram abaixo-assinados e enviaram telegramas às autoridades públicas, pugnando por melhorias infra-estruturais nos bairros, serviços de assistência médico-odontológica, escolas etc.[370]

---

369. Idem.

370. VILA CARNEIRO
- Comício na Rua Rafael Rinaldi - Organizada a Liga dos Amigos da Vila Carneiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/02/1946, ano 14, n.° 1145, p. 4, c. 4-6. [reivindicações: melhoria e benfeitorias nas ruas, iluminação, água e esgoto]; Festa popular na Vila Carneiro promovida pela Célula Aristóteles Ramos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/04/1946, ano 14, n.° 1159, p. 1, c. 2-6 [Durante o evento foi instalado um posto eleitoral do PCB e, em seguida, discursaram os representantes de diversas células locais. Realizaram-se sabatina, leilão, "desafios de viola" e baile].

BAIRRO BRASIL

Num país onde, naquela época, grande parte da população era analfabeta,[371] o PCB também priorizou e estimulou, por intermédio de suas células e comitês, as atividades educativas. Em Uberlândia, conforme os dados do IBGE, vistos anteriormente, quase metade da população (que declarou instrução) não sabia ler e escrever. Mediante essa situação, os comunistas empunharam a bandeira de luta contra a *"ignorância"* e o analfabetismo reinante entre as *"massas"* populares e encamparam programas educativos:

> *"Com a finalidade de proporcionar oportunidade a adultos, membros ou não do Partido, de aperfeiçoarem seus conhecimentos em Português, Matemática, História e Geografia, o CM está organizando um curso de aperfeiçoamento nas citadas matérias, cujas aulas serão ministradas pelos professores Nelson Cupertino, Henckmar Borges, Alfredo Freire e Renato Almeida.*
> *Esse curso será gratuito e poderá ser freqüentado por qualquer pessoa, na sede do Partido Comunista."*[372]

Além da alfabetização e do ensino de matérias básicas constantes do currículo escolar, o Centro de Alfabetização da rua Goiás promoveu atividades *"eminentemente populares"* – musicais, recitais, danças, declamações de poemas e poesias e palestras, que visavam a *"melhoria das condições culturais e materiais do povo, dos operários e das classes pobres"*.[373]

Outro tipo de atividade educativa comumente organizada pelos comitês e células do PCB era a chamada *"sabatina"*. A fim de promover a politização dos segmentos populares, estratégicas perguntas eram destinadas a um renomado interlocutor do partido, geralmente com projeção política local e/ou estadual, as quais eram respondidas de maneira que os assistentes entendessem os prementes problemas que os acometiam, a natureza das propostas do partido para

---

- Contra a carta de 37 e o câmbio negro do açúcar. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 20/03/1946, ano 14, n.° 1150, p. 4, c.1-4; Nem carroça passa na rua Rezende. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 03/08/1946, ano 14, n.° 1188, p. 4, c. 2-4.

FUNDINHO

- Contra a falta de açúcar mobiliza-se o Fundinho. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/02/1946, ano 14, n.° 1142, p. 3, c. 3-6.

PATRIMÔNIO

- Prevendo o mau cheiro - Os moradores do Patrimônio protestam contra a instalação da autoclave. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/02/1946, ano 14, n.° 1140, p. 3, c. 4-6. Protestavam contra a instalação no bairro Patrimônio de uma indústria de beneficiamento de resíduos de açougue que iria se transferir do centro da cidade para o bairro: *"Os habitantes do Patrimônio entretanto também têm olfato"*.

371. Nas estimativas d'*O Estado de Goiaz*, 70% da população do país era analfabeta.

372. Curso de aperfeiçoamento. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/01/1946, ano 14, n.° 1139, p. 2, c. 5-6.

373. Hora de arte do Centro de Alfabetização da Rua Goiaz. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/02/1946, ano 14, n.° 1145, p. 3, c. 5-6.

resolver esses problemas e a necessidade de engajamento na luta encampada pelos comunistas. Tal foi o caso da sabatina com o *"deputado do povo"*, José Maria Crispim, que, conforme *O Estado de Goiaz,* analisou *"com justeza os problemas mais palpitantes do momento: pecuária asfixiada; encampação das dívidas dos pecuaristas pelo Banco do Brasil e Moratória; nacionalização dos frigoríficos; substancial reforma na agricultura; as liberdades democráticas"* etc.[374] Dentre as sabatinas realizadas pelo PCB, nesse período, ressalta-se a realizada por Orlando Bonfim, que, segundo o jornal, dialogou com os participantes e, utilizando uma *"linguagem clara"*, discorreu sobre temas como a constituição do Partido Comunista do Brasil e suas diretrizes políticas, a necessidade de criar na capital mineira um *"jornal de massas"*, a distribuição de terras, a emancipação da mulher etc. A sabatina de Orlando Bonfim foi descrita pelo periódico da seguinte maneira:

> *"Um camponês deseja saber como os comunistas encaram o problema da terra, Bonfim explica que seu partido – o Partido do Proletariado e do Povo – se empenha vivamente pela extinção em nosso país dos restos do feudalismo, que vem entravando o progresso nacional (...) explica em suas linhas gerais o plano comunista para a realização de uma reforma agrária que venha de fato beneficiar a nossa lavoura, livrando-a do atraso em que se encontra para conduzi-la à prosperidade (...) Uma das senhoras presentes pede uma explicação sobre o sentido da emancipação feminina reivindicada pelo Partido Comunista. Bonfim expõe o assunto como entendem os comunistas: por emancipação feminina não entendem eles essas frívolas liberdades disputadas por alguns elementos feministas de elite, como sejam a liberdade fumar, a de usar calças compridas, a de embriagar-se (...) são as que conduzem a uma perfeita equiparação da mulher ao homem no que se refere a direitos sociais e remuneração no trabalho (...)"*[375]

Além das *"sabatinas"*, a imprensa comunista foi utilizada como um poderoso instrumento de mobilização das *"massas"* populares. Propagavam os comunistas que se o povo precisava de terra, pão, saúde e educação, necessitava também de informação – um meio de elevar o seu *"nível cultural"* e a sua consciência sobre os problemas nacionais. Por essa causa, a Campanha Nacional Pró-Imprensa Popular constituiu-se em uma das mais expressivas atividades do partido que arrebatou os esforços de luta de parte da população do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano, conforme foi verificado nas campanhas divulgadas pelo jornal *O Estado de*

---

374. José Maria Crispim em Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/05/1946, ano 14, n.° 1169, p. 1, c. 1-7.

375. A sabatina de Orlando Bonfim em Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/03/1946, ano 14, n.° 1146, p. 1, c. 2-6.

Goiaz, em 1946. (ANEXO 5). Em Uberlândia, as células e os comitês comunistas procuraram arregimentar os segmentos sociais em defesa do aparelhamento dos jornais *"populares"* ou *"democráticos"*.

Afora as precariedades próprias dos pequenos órgãos jornalísticos da época, ainda mais daqueles que se dedicavam exclusivamente à causa comunista, as periódicas interdições policiais promoviam a destruição dos jornais e aprofundavam as dificuldades de os comunistas reerguerem sua imprensa. Contra essa situação, o partido lançou uma campanha nacional visando angariar fundos para o adequado aparelhamento dos chamados *"jornais do povo"*. Em agosto de 1946, Prestes conclamou todos os *"concidadãos"* a se mobilizarem pela organização da imprensa popular na *"grande luta de emancipação nacional"* e recomendou que os comunistas se esforçassem no desempenho dessa campanha, com vistas a arrecadar os recursos financeiros necessários.

Os comunistas lutaram também pela solidez da liberdade de imprensa, principalmente após os atos do governo que, por intermédio da polícia, interditou o *Tribuna Popular* em meados de agosto de 1946. (ANEXO 6). Uma nota *"ao povo"* contestando a medida arbitrária do ministro da justiça, Carlos Luz, manifestou a indignação reinante entre os comunistas:

> *"O ódio fascista contra a gloriosa 'Tribuna Popular' chega ao auge neste momento, porque se deseja roubar (...) a todo povo brasileiro a constituição democrática por que sempre lutou. Querem os fascistas sufocar a voz do povo para arrancar dos juízes do Superior Tribunal Eleitoral qualquer medida contra a legalidade de nosso Partido. Querem os fascistas sufocar a voz do povo para tentar impedir a realização do grande Congresso Nacional Sindical, em que se há de sair forte e organizada a CGTB, espinha dorsal da Democracia em nossa Pátria.(...)*
> *Mais do que nunca lutemos pela Democracia, protestemos com vigor por todos os meios legais ao nosso alcance e reforcemos a Campanha Financeira pela Imprensa Popular em nossa Terra."*[376]

Segundo *O Estado de Goiaz*, os clamores dos comunistas avassalaram os corações de centenas de pessoas (adeptas do comunismo ou não) no Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano. Os protestos contra a medida atentatória à liberdade de imprensa marcaram as manifestações comunistas e revitalizaram os ânimos da Campanha Pró-Imprensa Popular que arrebatou uma

---

376. Transborda ódio fascista contra a gloriosa 'Tribuna Popular'. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/08/1946, ano 14, n.° 1193, p. 4, c. 5-6.

parte significativa dos ativistas do partido e o engajamento e a contribuição dos simpatizantes e dos segmentos populares na defesa a imprensa popular.

O arauto do *"Partido do Proletariado"*, por um tempo, contribuiu para disseminação das diretrizes políticas do PCB na região, incitou a luta organizada e promoveu campanhas a fim de arrebatar adeptos e simpatizantes da causa comunista para as fileiras do partido. Ademais, registrou as experiências de homens e mulheres que, na época, converteram-se ao comunismo e, em que pesem os seus desacertos, alçaram vôo na luta e na esperança de conquistar uma sociedade livre, justa e democrática....

CAPÍTULO IV

CAMPONESES SOB O MANTO DO COMUNISMO: TERRA, TRABALHO, DIGNIDADE... *E O CÉU TAMBÉM*

> *"Dêem a estes infelizes brasileiros o mesmo conforto que pretendem dar aos estrangeiros que o ministro João Alberto foi buscar: 'terras gratuitas – financiamento das lavoura' – 'comissão de técnicos especialistas ingleses e americanos para estudar e escolher os locais (clima – salubridade – fertilidade das terras, etc)'; dêem, repito, a estes infelizes brasileiros 'tudo isto e o céu também' e se convencerão que somos uma raça tão forte como as mais fortes, porque o que faz 'a raça' não é o tal sangue privilegiado, e sim – SAÚDE – INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO."*
>
> **José Virgílio Mineiro***

Nas considerações do DEOPS-SP sobre as atividades comunistas em Minas Gerais, o PCB teria encontrado dificuldades de atuação nos grandes centros urbanos e, em decorrência, passou a promover, na década de 1940, a organização dos camponeses no meio rural, por intermédio de entidades como a União Geral dos Trabalhadores de Minas Gerais e das associações camponesas. Uberlândia, Uberaba, Araguari, Canápolis, Monte Alegre de Minas, Frutal, Montes Claros, Carlos Chagas, Mantena e Itambacuri tornaram-se então as chamadas *"cidades fundamentais"* irradiadoras do movimento camponês, sob orientação comunista, em importantes regiões de Minas Gerais – destaque para o Triângulo Mineiro. Considerada o ponto de convergência das vias de comunicação entre os Estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, a região do Triângulo Mineiro, especialmente Uberlândia, foi avaliada pelas polícias políticas como um importante centro de propagação do comunismo para as grandes áreas agropecuárias, que incluíam terras devolutas e glebas ocupadas por posseiros.[377]

---

* O fragmento de texto citado acima foi transcrito do jornal *O Estado de Goiaz*, de 03/08/1946, n.° 1188, p. 1, c. 4, p. 4, c. 5.

377. Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte – Minas Gerais. Informe: comunismo. Outubro de 1958, p. 23, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

Em Uberlândia, e em outros municípios do Triângulo Mineiro, a maior parte da população economicamente ativa, segundo os indicadores do IBGE, encontrava-se empregada no setor da agricultura, pecuária e silvicultura. Ademais, quase metade da população do município, 20.056 habitantes, vivia no meio rural. Nessas condições, o PCB procurou atuar no campo, infiltrando seus emissários nas fazendas, a fim de promover a organização e as lutas dos camponeses pela divisão das terras e em defesa da melhoria geral das condições de vida no campo. 1945 e 1946 podem ser considerados um período em que os comunistas privilegiaram o processo de arregimentação, formação e consolidação das ligas camponesas e prepararam o terreno para a ação organizada.

1. Modernizar o campo para produzir mais: organização dos pequenos agricultores

No anos de 1945 e 1946, foram constatadas notícias, na imprensa em geral, sobre a (re)estruturação das entidades representativas das classes subalternas em Uberlândia e em diversas cidades brasileiras. Nesse período, o jornal *O Estado de Goiaz*, concitou e apoiou a organização dos pequenos produtores, camponeses, trabalhadores urbanos, moradores dos bairros, mulheres e outros sujeitos sociais. (ANEXO 7).

Visando estimular e consolidar os intentos organizativos dos pequenos agricultores uberlandenses, o jornal se propôs a noticiar as atividades relativas à criação de uma entidade que os representasse.

Caetano Amarante Ferraz[378] foi destacado pelo periódico como um combativo defensor da arregimentação dos pequenos agricultores em associação que lutasse, efetivamente, pelos seus interesses e reivindicações, sobretudo os relativos ao melhor aproveitamento das terras e ao desenvolvimento de culturas propícias ao tipo de solo das pequenas propriedades.

A organização dos pequenos agricultores em associações, sindicatos e/ou cooperativas, no entendimento de Caetano Amarante Ferraz, poderia resultar, entre outras coisas, no aumento da produtividade e, conseqüentemente, no barateamento do custo de vida. Em

---

378. Apesar de Caetano Amarante Ferraz propagar idéias afinadas com as diretrizes comunistas, no que tange à organização dos pequenos agricultores, não foram constatados registros dos seus vínculos com o PCB.

entrevista ao jornal *O Estado de Goiaz*, ele afirmou que Uberlândia já se constituía em campo favorável à organização de uma entidade representativa dos pequenos produtores, que poderia congregar aproximadamente 160 componentes, incluindo pequenos proprietários, sitiantes, arrendatários e meeiros. Conforme alguns artigos veiculados pelo periódico, em 1946, Caetano Amarante Ferraz se distinguiu nas atividades de organização e de luta pela melhoria das condições de trabalho e vida dos pequenos produtores agrícolas, durante as quais intentou arregimentar chacareiros, horticultores, pequenos proprietários de granjas, pequenos produtores de frutas e outros.

Melhoria das técnicas de produção agrícola, aprimoramento das condições de transporte e de tráfego nas estradas, subsídio e financiamento do cultivo dos gêneros de primeira necessidade e garantias das condições de venda dos produtos agrícolas constituíram as principais reivindicações dos pequenos produtores agrícolas. A implementação dessas medidas eram propagadas, pelo jornal, como uma maneira de, por um lado, aumentar a produtividade e os lucros da categoria e, por outro, de beneficiar os segmentos populares com a redução do custo dos gêneros de primeira necessidade.

O movimento associativo dos pequenos produtores agrícolas recebeu adesões como a de Iberê Goulart, o *"proprietário de uma granja modelo e de uma fazenda modernamente organizada para a produção de frutas e legumes"*. Nas considerações de Caetano Amarante Ferraz, a filiação de Iberê Goulart à associação representava um ato de *"patriotismo"* e de *"desejo progressista"* de colaborar na *"batalha da produção"*.[379] Também participaram do processo de organização da referida entidade, os comunistas Alcides Simão Helou e Álvaro Lúcio de Paula.

Após a publicação de algumas notas sobre o processo de formação da entidade, *O Estado de Goiaz* divulgou a fundação da Associação dos Pequenos Produtores de Uberlândia, em 12 de janeiro de 1946, cuja diretoria provisória foi composta por Caetano Amarante Ferraz, José

---

379. Os pequenos produtores vão se organizar. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/01/1946, ano 14, n.° 1132, p.1, c. 4-6, p.2, c. c-3-6.; Em organização a classe dos chacareiros. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/01/1946, ano 14, n.° 1133, p.1, c. 1-3.

Pedro e Álvaro Lúcio de Paula, que se encarregaram de edificar e consolidar a estrutura da organização.[380]

A Associação dos Pequenos Produtores não ostentava a insígnia do PCB, mas, pelo menos, um dos seus diretores, Álvaro Lúcio Paula, era comunista, inclusive fichado pela polícia política. Ademais, considerando-se as táticas de organização das *"massas"* e o programa do PCB, sobretudo os pontos relativos à agricultura e à pecuária, pode-se afirmar que a entidade estava alinhada às suas orientações políticas. De maneira geral, foi possível perceber nas organizações influenciadas pelos comunistas que as diretorias, tanto das associações quanto das ligas criadas em Uberlândia, compunham-se de comunistas e não comunistas a fim de evitar a pecha *"vermelha"*, a perseguição policial e a dispersão de possíveis adeptos temerosos aos horrores espraiados pelas campanhas anticomunistas.

No decorrer do ano, o referido jornal divulgou várias reivindicações dessa organização, tais como: melhoria e ampliação das estradas e dos transportes, aprimoramento das técnicas agrícolas, aumento da produtividade e capacitação dos trabalhadores rurais, aquisição de implementos agrícolas, mudas, sementes, adubos, inseticidas, ferramentas etc. Para suprir uma parte das necessidades dos pequenos agricultores, a entidade pleiteou a instalação de uma Escola Prática de Agricultura e Horticultura, provida de um posto meteorológico e um laboratório de análise de terras, onde seriam ministradas aulas de caráter eminentemente prático, direcionadas para o ensino da enxertia e hibridação de plantas, entre outras técnicas[381] – o que, segundo o jornal, demandaria poucos recursos financeiros.

As reivindicações pela melhoria das condições de produção no campo eram quase sempre sustentadas pelo argumento de que o aumento da produtividade e, em decorrência, o barateamento do custo de vida conduziriam o país ao crescimento econômico e à prosperidade, suplantando assim os duros tempos de crise do pós-guerra.

---

380. Fundada a Associação dos Pequenos Produtores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/01/1946, ano 14, n.° 1135, p. 1, c. 4-6.

381. Escola Prática de Agricultura e Horticultura para Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/01/1946, ano 14, n.° 1139, p. 1. c. 3-4.

Visando atender parte das reivindicações dos pequenos produtores e dos segmentos populares, o prefeito de Uberlândia, Euclides de Freitas, resolveu instaurar algumas medidas de combate ao alto custo de vida, tais como: permissão para que os produtores pudessem realizar vendas diretas ao consumidor na área fronteiriça com Mercado Municipal e isenção de taxas sobre o transporte (via charrete, carroça, carro de boi e outros veículos) e sobre a venda de produtos agrícolas (verduras, legumes e frutas etc.). Se, conforme o jornal, essas medidas – que foram apoiadas/intermediadas pela Associação Comercial, Industrial e Agro-Pecuária de Uberlândia – significaram um esforço objetivando resolver o problema da carestia e a dilatação do campo de comercialização dos pequenos produtores, em contrapartida, também representaram uma necessidade de o poder municipal assegurar as formas de regulamentação do mercado dos produtos agrícolas. Todavia, tais iniciativas não abrandaram as aflições dos segmentos sociais pobres – pouco mitigaram o custo de vida.

Em abril de 1946, foi publicado, no jornal, um manifesto da Associação dos Pequenos Produtores Agrícolas do Brasil Central, sediada em Uberlândia, o qual elogiava as medidas do prefeito em benefício da categoria e alertava os poderes públicos sobre a necessidade de se tomarem providências concretas que combatessem o elevado custo de vida.[382] Para isso, a entidade reclamou melhorias substanciais nas condições de produção como conservação e ampliação das estradas do município, aproveitamento das terras próximas à cidade e facilitação do crédito e do financiamento.

Além das dificuldades relativas às vias de comunicação entre a cidade e o campo e à aquisição de produtos e implementos necessários ao aprimoramento das técnicas de cultivo, uma das principais queixas dos pequenos agricultores concernia à concentração de terras nas mãos dos *"grandes latifundiários"* que as destinavam quase exclusivamente à pecuária (especialmente a criação de *"gado fino"*). Sob orientação comunista, a Associação dos Pequenos Agricultores reclamou da existência dos latifúndios nos arredores da cidade, que promoviam a carestia das terras tanto para venda quanto para arrendamento. Contra essa situação, os associados

---

382. Luta contra a carestia da vida. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/04/1946, ano 14, n.° 1157, p. 4 , c. 1-6.

reivindicaram *"uma tributação adequada sobre tais terras"* para conter o *"abuso contra a economia popular"*,[383] proclamaram a luta contra os chamados *"senhores feudais"* e, ao lado das ligas camponesas, empunharam também a bandeira de luta em defesa dos interesses dos *"homens da roça"*.

2. *Despertar da consciência* dos trabalhadores nos campos dos *senhores feudais*: as ligas camponesas

No período compreendido entre 1945 e 1946, os comunistas, apoiados por (alguns) *"fazendeiros progressistas"* e outros simpatizantes, articularam a mobilização dos camponeses circunscritos em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. No decurso de 1946, os redatores e colaboradores d'*O Estado de Goiaz* publicaram artigos denunciando o estado de penúria, inanição e ignorância dos camponeses em terras onde reinavam absolutas a abundância e a pujança econômica advindas da produção agropecuária. Em campos de *"exploração e dominação"*, os grandes proprietários de terras extraíam do trabalho dos camponeses a sua riqueza e os imergiam na absoluta miséria, clamava o jornal:

> *"Explorados e sugados pelos latifundiários. Minados pela maleita e verminose. Subalimentados num verdadeiro regime de mandioca, rapadura e farinha. Habitando em taperas desprovidas de higiene, esburacadas, e na maior promiscuidade. Trabalhando a morrer de sol a sol com instrumentos os mais primitivos e rudimentares. Sem a devida assistência dentária e médico-hospitalar. Por verdadeiro milagre mesmo assim ainda vivem apesar de esquecidos dos governos e explorados pelos senhores feudais."*[384]

Contra essa situação, os comunistas expuseram n'*O Estado de Goiaz* suas diretrizes de luta e indicaram soluções básicas propostas pelo PCB para sanar os problemas prementes dos camponeses, cuja origem, segundo eles, estava fundamentalmente na questão fundiária, no monopólio das terras pelos grandes proprietários. Os comunistas reivindicaram a divisão das terras aproveitáveis, próximas aos centros urbanos e às vias de comunicação, e preconizaram a

---

383. Idem.

384. Os camponeses e as suas reivindicações. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/06/1946, ano 14, p. 3, c. 3-6, p. 4, 5-6.

modernização e o desenvolvimento do campo, com vistas à superação definitiva das técnicas rudimentares de agricultura e à elevação do padrão de vida dos camponeses.

O Partido Comunista se colocava, então, à frente do processo de organização dos trabalhadores. Afigurava-se, nos dizeres de seus adeptos, a *"vanguarda esclarecida dos proletários"* e dos camponeses: um *"partido do povo"* que se atribuiu a tarefa de mostrar ao campesinato a necessidade de lutar por melhores condições de vida, pela conquista e garantia dos seus direitos.

Propalavam os comunistas que lutar contra a miséria e a fome no campo implicava organizar os camponeses contra a dominação e a exploração dos grandes proprietários de terras e resistir à repressão das classes dirigentes e ao peso das *"mãos de ferro"* dos *"senhores feudais"*, que representavam arcaísmo, estorvo e atraso à melhorias das condições de trabalho e vida no campo.

Para isso, os comunistas empenharam esforços para arregimentar os camponeses em ligas, associações, cooperativas, clubes e em *"sociedades de amigos do povo"*. O partido recomendava aos militantes que estudassem as condições de vida dos camponeses – seus problemas prementes e suas reivindicações. A partir do prévio conhecimento da situação no meio rural, os comunistas tinham como tarefa fundar organizações camponesas, com a finalidade de congregar os trabalhadores rurais dos pequenos lugarejos e das fazendas na luta em defesa dos seus interesses e, com isso, ampliar as fileiras do partido.

Em Uberlândia, além da Associação dos Pequenos Produtores Agrícolas, um tipo de organização foi proposto pelos comunistas: as ligas camponesas. Seu objetivo principal era conscientizar, ensinar, educar, auxiliar e arregimentar os camponeses nessas entidades. Com esse propósito, foram empenhados esforços para a fundação da primeira liga camponesa no município de Uberlândia, em fins de janeiro de 1946. Sob a denominação *"Liga Camponesa da Fazenda dos Martins"*, congregaram-se camponeses, assalariados, agregados, meeiros e pequenos proprietários de terras. Na fase inicial, a entidade objetivava oferecer, prioritariamente, aos seus filiados assistência médica, odontológica e farmacêutica. Era o que pregava um dos líderes camponeses, de alcunha Tota:

> *"Queremos unir dentro desta liga toda a população desta fazenda: homens e mulheres, lavradores sem terra e proprietários. Precisamos melhorar nossa vida. E sem união nada se pode fazer. Dentro de poucos dias teremos um ambulatório, para socorros urgentes, curativos, consultas. Forneceremos remédios contra gripes, lombrigueiros, vacinas, soro contra mordedura de cobra, tudo gratuitamente."*[385]

A liga teve sua sede e diretoria instaladas solenemente no dia 10 de fevereiro de 1946, no distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Além das reivindicações já mencionadas, os camponeses pleitearam a reforma do prédio da escola ali existente, a liberdade de viajar em caminhões e o fim da lei estadual que proibia os caminhoneiros de transportarem passageiros. Regulamento este que, segundo os associados, não atendia senão aos interesses dos donos das chamadas *"jardineiras"*, que monopolizavam os meios de transporte.

Durante as atividades solenes de fundação da liga, os médicos Mário Faria e Jonas Ayube prestaram assistência médica a diversos camponeses, associados ou não à entidade. Conforme *O Estado de Goiaz*, os trabalhadores rurais eram os menos beneficiados pela legislação social, que os mantinha à margem da assistência dos poderes governamentais – o que decorria da falta de união da categoria. Contra essa situação, o jornal recomendava a criação de ligas camponesas que se propusessem a resolver os problemas dos *"homens do campo"*, como a que se instalou em Cruzeiro dos Peixotos.[386]

Quase um mês depois, o jornal noticiou a fundação da Liga Camponesa de Martinésia, em 3 de março de 1946. Essa entidade visava *"lutar em benefício dos seus associados, trazendo-lhes alguma assistência e se batendo pelo progresso e bem estar de todos"*. Os benefícios proporcionados pela liga não se diferenciavam da anterior: assistência médica, odontológica e farmacêutica.[387]

Logo depois, em 10 de março de 1946, fundou-se a Liga Camponesa de Sobradinho, arregimentando cerca de 300 integrantes – pequenos proprietários, meeiros. arrendatários e assalariados. Sob a presidência de Joaquim Ferreira, filiado ao PCB, a liga se estruturou com comissões de diretoria, de alfabetização, de ambulatório e de esportes.[388] Conforme o jornal, a

---

385. Arregimentam-se os homens do campo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/01/1946, ano 14, n.° 1139, p. 4, c. 1-3.
386. Instala-se a Liga Camponesa. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/02/1946, ano 14, n.° 1142, p. 1, c. 1-4.
387. Liga Camponesa fundada em Martinésia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/03/146, ano 14, n.° 1148, p. 1, c. 3-5.
388. Liga Camponesa de Sobradinho. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 1, c. 1-3.

entidade, em consonância com suas correligionárias locais, foi criada com o objetivo de proporcionar aos seus filiados assistência médica, odontológica, farmacêutica, educacional e jurídica, e, no dizer dos seus fundadores, *"todos os melhoramentos a que tem direito a gente trabalhadora da roça"*. Nas considerações d'*O Estado de Goiaz* e do presidente da liga, houve uma ampla aceitação dos camponeses abarcados pela entidade:

> *"A Liga lutará certamente com inúmeras dificuldades no início de sua organização, devido às dificuldades do meio, à pobreza e ao abandono em que sempre foram mantidos nossos homens da roça. Mas o contagiante entusiasmo dos camponeses pela criação de sua sociedade, a adesão em bloco de centenas de pessoas fazem prever que as dificuldades serão superadas (...)."*[389]

Na esteira do processo de organização dos camponeses em Uberlândia, em 2 de junho de 1946, foi fundada a Liga Camponesa da Fazenda de São Francisco. Seus objetivos eram lutar pela satisfação das necessidades prementes dos camponeses e defender os seus *"reais"* interesses:

> *"Essa organização ficou concretizada no domingo, dia 2 do corrente, numa reunião a que compareceram mais de 400 camponeses. A Liga assim constituída defenderá desde já os direitos de seus associados tendo para isso seu departamento jurídico com advogado. À medida de suas forças a Liga fará assistência médica, dentária e farmacêutica."*[390]

Quase um mês depois da instalação dessa liga, em 22 de junho de 1946, um dos membro da Comissão de Campo do PCB, o dentista José Fonseca Palhares, discorreu sobre a penúria das condições de trabalho e vida dos camponeses e divulgou a *Súmula do Anteprojeto dos Estatutos das Ligas Camponesas de Uberlândia* que exprimia as reivindicações básicas dos trabalhadores do campo. O documento definia a Liga Camponesa como *"uma associação de trabalhadores do campo que visa congregar em seu seio todas as pessoas que tenham como fonte de renda e sustento a exploração agrícola e pastoril. É uma organização genuinamente democrática, a ela podendo pertencer diaristas, meeiros, arrendatários, mensalistas e proprietários"*. Conforme a Súmula, as ligas propunham-se a lutar, dentro dos limites estipulados pelas leis do país, em defesa de *"condições mais humanas e justas para todos os camponeses"*.[391]

---

389. Idem.

390. Liga Camponesa da Fazenda de São Francisco – Sua fundação no dia 2 de junho – grande concentração de camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/06/1946, ano 14, p.1, c. 1-4.

391. Os camponeses: suas necessidades e reivindicações. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/06/1946, ano 14, n.° 1176, p. 3, c. 3-6, p. 4, c. 5-6.

Do anteprojeto estatutário das ligas camponesas uberlandenses constavam pautas de luta como a divisão das terras próximas às vias de comunicação e às cidades; estabelecimento de contratos justos entre proprietários e camponeses; criação de um banco rural para financiamento da produção; garantia de direitos trabalhistas básicos aos camponeses; assistência médico-hospitalar, odontológica, farmacêutica e educacional; aprimoramento das técnicas de agricultura; desenvolvimento e modernização do campo; promoção de atividades educativas, culturais, recreativas e esportivas para os associados etc.

No final de junho de 1946, o jornal veiculou notas sobre a organização da Liga Camponesa de Sucupira, promovida e coordenada pela equipe responsável pela execução dos trabalhos do PCB no campo. Dirigidos por Áulio Mendes Diniz, os comunistas desempenharam atividades com a finalidade de fundar solenemente a referida entidade no dia 30 de junho.[392] Nesta data, o jornal publicou uma pequena nota sobre a instalação da Liga Camponesa de Sucupira. Durante o evento, a comissão de trabalho no campo, que integrava médicos e dentistas, prestou assistência odontológica e assistência médica a 28 camponeses doentes.[393] Dias depois, o PCB divulgou um programa de atividades que objetivava consolidar a estruturação dessa liga – destaque para a realização de um piquenique em Sucupira que tinha como propósito congregar as células naquele local[394]

Segundo Joaquim Ferreira, que presidiu a Liga Camponesa de Sobradinho, foram fundadas em Uberlândia as primeiras ligas camponesas do Brasil.[395] Num discurso publicado pelo *O Estado de Goiaz*, o comunista Áulio Mendes Diniz fez as mesmas afirmações.

Todavia, a história do comunista Irineu Luís de Moraes, recomposta por Cliff Welch e Sebastião Geraldo, revela que a Liga Camponesa de Dumont, no interior de São Paulo, teria sido a primeira do Brasil. No depoimento do militante, a referida associação de camponeses foi criada antes da legalidade do Partido. Logo depois de sua libertação em abril de 1945, Prestes fez

---

392. Notícias do Partido Comunista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/06/1946, ano 14, n.° 1177, p. 3, c. 5-6.

393. Notícias do Partido Comunista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 03/07/1946, ano 14, n.° 1179, p. 3, c. 5-6.

394. Notícias do Partido Comunista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/07/1946, ano 14, n.° 1182, p. 2, c. 5-6; Notícias do Partido Comunista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 17/07/1946, ano 14, n.° 1183, p. 3, c. 5-6.

395. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.

um comício em Ribeirão Preto e, na ocasião, uma caravana de camponeses de Dumont participou do evento e foram fotografados ostentando uma faixa com os seguintes dizeres: *"A Liga Camponesa de Dumont saúda Prestes"*. Conforme Irineu Luís de Moraes, essa foto, publicada no jornal *Terra Livre*, é prova eloqüente do pioneirismo da Liga Camponesa de Dumont.[396] Os dados apresentados pelo jornal comunista *A Classe Operária* corroboraram as declarações de Irineu Luís de Moraes. Eles se referem à visita de Francisco Gomes, membro da Comissão Executiva do PCB, ao Triângulo Mineiro, com o propósito de avaliar as condições sociais da região e as atividades desenvolvidas pelos comunistas. Em suas considerações,

> *"(...) as ligas camponesas do Triângulo Mineiro serão dentro pouco um verdadeiro manancial de experiências para o trabalho partidário do campo em todo o Estado. Nesses organismos, que existem em número considerável no interior de São Paulo, os camponeses esclarecidos e pequenos proprietários começam a discutir os problemas que mais de perto lhes interessa e começam também a organizar suas reivindicações mais sentidas, entre as quais a terra para trabalhar. Mas enquanto este objetivo não é conquistado, lutam ele por melhores condições de trabalho e vida."*[397]

Em que pesem as controvérsias, o pioneirismo das ligas camponesas de Uberlândia prevaleceu registrado n'*O Estado de Goiaz* e no testemunho do comunista Joaquim Ferreira.[398] Entretanto, essa questão se dissolve e perde relevância na reconstituição dos trabalhos realizados pelas ligas camponesas locais. Embora não ostentassem as insígnias vermelhas, as ligas camponesas foram organizadas pelos militantes do PCB e empunharam suas bandeiras de luta no cenário político local.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que, no transcurso de suas atividades, pelo menos das que foram divulgadas pelo jornal *O Estado de Goiaz*, as ligas instaladas em Uberlândia mantiveram um caráter fundamentalmente assistencialista. Mas se o assistencialismo era ou não uma forma de disfarçar a ação comunista nas ligas, tal como denunciaram os seus adversários, alguns episódios da história local revelaram confrontos diretos dos camponeses com os *"latifundiários"*, seus principais contendores. A afronta se manifestava em reivindicações

---

396. WELCH, Cliff e Sebastião Geraldo. Op. cit. p. 86-88.

397. A Classe Operária. 18/05/1946. Recorte de jornal constitutivo dos Arquivos das Polícias Políticas. Setor: Estados. Pasta 11. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

398. Joaquim Ferreira. Entrevista realizada em junho de 1991.

relativas a contratos justos de arrendamento de terras, melhores condições de trabalho, salários dignos, saúde, educação, proteção da legislação trabalhista etc.

Os discursos dos representantes das ligas deram relativa ênfase à defesa da reforma agrária, visto que essas entidades tiveram como metas iniciais a superação das premências que atravessavam o trabalho e a vida cotidiana dos camponeses e o abrandamento das injustiças que os acometiam, sobretudo em concernência aos contratos de meação.

3. Trabalho e dignidade de vida: luta contra os grilhões da miséria nos campos dos *senhores feudais*

Como foi dito antes, os componentes que congregaram a Liga Camponesa do Cruzeiro dos Peixotos foram os camponeses sem posses, os pequenos proprietários de terras e um ou outro *"fazendeiro progressista"*. Unidos, embrenharam-se numa luta nada fácil pela melhoria da vida no campo. Durante os embates por condições mais dignas de trabalho nas fazendas, as relações conflituosas entre os *"latifundiários"* e os associados da liga não tardaram a aparecer:

> *"Logo que se fundou a Liga Camponesa, organização que se dispõe a unir os camponeses, José Camim passou a combatê-la, ameaçando os camponeses de sua fazenda que se associassem à Liga. Temendo que seus trabalhadores se libertem de sua mão de ferro, esse fascista já expulsou de seu feudo duas famílias que sofreram sua exploração.*
> *Além de sugar seus empregados com a venda de mantimentos a preço de câmbio-negro, ele põe em prática as suas ameaças."*[399]

No entendimento d'*O Estado de Goiaz*, José Camim, proprietário da fazenda *"Córrego do Capim"*, era um *"fascista"* italiano naturalizado que impunha aos camponeses um sistema de trabalho semelhante ao do *"tempo da escravidão"*, no qual os trabalhadores labutavam *"sol a sol e sem direito a descanso depois do almoço ou jantar"*. Conforme o depoimento do camponês Geraldo, publicado n'*O Estado de Goiaz*, os produtos de primeira necessidade produzidos em suas terras eram vendidos aos trabalhadores a preços exorbitantes.

---

399. José Camim, latifundiário fascista, persegue seus trabalhadores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/04/1946, ano 14, n.° 1156, p.1, c.1-6.

Afora as extorsivas condições de trabalho, os *"trabalhadores da roça"* submetiam-se aos duros contratos de meação, denunciava o jornal:

> *"O camponês Geraldo dividia na colheita o produto de seu trabalho com o companheiro de Mussolini. É o regime da meia. O camponês tem que tratar de duas famílias: a sua e a do latifundiário."*[400]

Mas as atitudes *"fascistas"* do *"latifundiário"* José Camim não se resumiam a isso. Nas afirmações do arauto comunista, além de expulsar o camponês Geraldo de suas terras como uma punição por ter-se associado à Liga, o *"companheiro de Mussolini"* obrigou-o a vender-lhe sua parte da lavoura com grande margem de prejuízos.

Conforme o jornal, o camponês Jerônimo da Silva Gusmão (Tota), o secretário da Liga Camponesa de Cruzeiro dos Peixotos, foi vitimizado pelas *"mãos de ferro"* do *"companheiro de Mussolini"*. Ele trabalhava 16 horas por dia e executou durante dois anos diversos tipos de tarefas (serrador, carpinteiro, vigilante da fazenda), além das atividades de plantio. Ao ser despedido das terras de José Camim, sem aviso prévio e sem indenização, Tota foi obrigado a vender *"por qualquer preço a sua roçinha e ainda ficou devendo ao seu antigo senhor"*. Impune, o fazendeiro continuou a intimidar os camponeses que permaneceram em suas terras e, pelo medo, manteve-os resignados às duras condições de trabalho que lhe eram convenientes, reclamava o jornal: *"para ele as leis não existem. Para ele os camponeses nasceram para escravos. Para ele o mundo marcha para trás."* [401]

Operando com os recursos discursivos da inevitabilidade histórica da via comunista de sociedade, o jornal posicionou-se contra a dominação e a exploração dos trabalhadores, proclamou-se defensor de todos os camponeses que sofriam a *"perseguição dos patrões"* e fez um alerta sinistro ao *"fascista"* José Camim: *"Mussolini dependurado de cabeça para baixo nas ruas da Itália, é uma prova de que o povo não esquece os seus inimigos"*.

---

400. Idem.
401. Idem.

Em contraposição, a defesa de José Camim foi publicada n'*O Estado de Goiaz*. As contra-argumentações do referido fazendeiro objetivaram sobretudo responder a *"diatribe"* que a *"Chefatura Comunista"* desencadeara contra a sua pessoa:

> *"Direi pois, em primeiro lugar, que na minha fazenda, apesar de todas as ruindades que escreve o redator do Estado de Goiaz, as casas para empregados e meeiros estão cheias e nem desocupa uma, tem logo quem a substitua.*
> *Isto que afirmo pode ser verificado por quem quiser.*
> *Será que estes meeiros e arrendeiros gostam de serem maltratados, como afirma a Chefatura Comunista?"* [402]

Nas considerações de José Camim, tudo não passava de uma intriga promovida pelos comunistas. Segundo o fazendeiro, Jerônimo (Tota) pediu demissão espontaneamente – o que teria sido concedido a *"contra gosto"*. Ademais, o acerto foi honesto: nada era devido ao camponês, que, inclusive, obteve declaração de bom comportamento. Nessa contenda, só havia um devedor, afirmava José Camim: Tota, que recebeu,

> *"o saldo de suas pequenas plantações que vendeu a outros meeiros; vendeu mais uma criação que tinha, porém tudo gastou em poucos dias com seus Correligionários do Cruzeiro. Quando foi para mudar, precisou me pedir dinheiro emprestado para pagar o caminhão que levava a mudança; passou documento declarando que pagaria em prestações mensais, depositando as quotas em casa do Sr. Geraldo Carneiro. Ele podia ter ficado aqui no Cruzeiro, se o companheiros dele Comunistas, lhe tivessem alugado uma casa para morar; mas, preferiram ficar sem o seu secretário, a fazerem esta pequena despesa. Ele era pois secretário da 'LIGA AGRÍCOLA', como a denominaram, para disfarçar a sua identidade comunista, e como é sabido que são todos os que vieram várias vezes em comício aqui no Cruzeiro, fazendo propaganda do próprio partido, entre os nossos simples roceiros, que não sabem discernir quanto é descabelada a tal Doutrina."*[403]

Conforme José Camim, mediante a doutrina *"descabelada"* que pregava a extinção do latifúndio e o fim do capitalismo, os roceiros não discerniam *"que também é produto do capitalismo o que está armazenado em conhecimentos e instrução, na cabeça da gente formada, professores, etc., comunistas, que com os conhecimentos que adquiriram, com o capital dos próprios pais, que mantiveram por longos anos freqüentando escolas"*.[404] Segundo José Camim, os comunistas, a *"gente formada"*, omitiam em suas pregações que ganhavam em uma hora o que os camponeses e operários levavam uma semana para ganhar. Os *"roceiros"* eram incapazes de

---

402. "Defesa que José Camim faz". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/04/1946, ano 14, n.° 1159, p.1, c. 1-6.
403. Idem.
404. Idem.

perceber isso, porque não tinham *"senso crítico"* e se deixavam seduzir pelas idéias dos comunistas. Depreende-se dessas afirmativas que as argumentações de José Camim acabavam por revelar as rendas miseráveis dos camponeses denunciadas pelos comunistas.

Afirmou José Camim que era um contra-senso falar em latifúndio quando havia no país *"cinco milhões de quilômetros quadrados, desabitados, em completo sertão"* e sugeriu que quem tivesse realmente vontade de trabalhar na terra se destinasse *"rumo a Oeste"*. Numa referência ao já mencionado programa de colonização da região do Centro-Oeste brasileiro, José Camim propalava que o governo estava doando aos interessados um pedaço de terra fértil com uma via fluvial (pelo Rio Araguaia) que possibilitava o escoamento dos produtos até o litoral. Segundo ele, todos poderiam obter seu quinhão de terra, sem apropriar-se do alheio. Tudo que precisavam era coragem para desbravar as terras incultas e trabalhar arduamente:

> *"Lá também empregam milhões de trabalhadores, se não fossem os maus conselheiros, que os incitam a se apossar do que já fez o homem trabalhador, persistente, econômico."*[405]

Nas contra-argumentações do jornal, José Camim não esclareceu que, se houve investimento de sua parte na realização de benfeitorias em seus domínios, também neles foi empregado o trabalho dos camponeses que eram impiedosamente explorados. Numa inversão dos recursos discursivos liberais utilizados pelo fazendeiro, sugeria o jornal que se a propriedade da terra era legitimada pelo trabalho nela despendido, nada mais justo seria que os camponeses também a possuíssem.

Infere-se que a figura do homem *"trabalhador"*, *"persistente"* e *"econômico"* incorporada por José Camim ofuscava o trabalho árduo dos camponeses que realizaram em suas terras, plantações, benfeitorias, edificações etc., o qual transparece consubstanciado como obra do proprietário. O lema *"terra para quem nela trabalha"* era inadmissível nos domínios do senhor José Camim. Dessa maneira, depreende-se das falas do referido fazendeiro que a propriedade de suas terras era legitimada pelo seu labor, trabalho e previdência e delas ninguém se apoderaria. Os *"maus conselheiros"*, ou numa palavra, os comunistas, não tinham nada que

---

405. Idem.

incitar a luta dos camponeses contra a ordem das coisas – pelo *"retalhamento das propriedades em pequenas áreas"*. Primeiro, porque, da perspectiva de José Camim, isso em nada contribuiria para o aumento da produção, pois o que propiciava a produtividade era a quantidade de mão-de-obra empregada e não a distribuição de terras. Segundo, porque os camponeses brasileiros não sabiam trabalhar a terra. O fazendeiro afirmou que, uma vez esgotadas as possibilidades de cultivo do solo, os camponeses passavam suas terras *"para diante, em procura de novos terrenos"*. Dessa forma, o fracionamento dos grandes latifúndios só se justificaria se as áreas divididas fossem doadas aos imigrantes europeus, os quais eram vistos por José Camim como os portadores do saber de lidar com a terra e de recuperar os terrenos exauridos com a utilização de implementos e técnicas agrícolas como a *"formação de esterqueiras para adubação"*.

Ao se defender da denúncia de prática de preços extorsivos em seus armazéns, José Camim argumentou que os camponeses eram pagos com dinheiro e tinham a liberdade de comprar ou não os suprimentos que vendia. Ele respondeu também à advertência d'*O Estado de Goiaz* sobre o que o povo é capaz de fazer com os seus inimigos, a despeito do assassinato de Mussolini e de sua exposição pública na cidade de Milão, Itália:

> *"Vejo bem que a mentalidade é a mesma, seja de quem cometer uma selvageria como de quem a lembra.*
> *Corresponde bem a atitude da mesma facção esquerdista, assumida no nosso congresso, tão pouco edificante que foi, para os nossos foros de gente civilizada.*
> *Eu como respeitador das ordenações de um país, que tem a sua legislação compilada e que manda respeitar a propriedade alheia, procurei sempre me manter ao lado dos da extrema direita, e creio que seremos sempre na maioria, apesar de se gabarem os comunistas do Cruzeiro, de serem eles na maioria, nas futuras eleições, e isto engraça aos pobres e iludidos roceiros, aos quais ensinam rabiscar o nome para enviá-los ás urnas.*
> *O FUTURO NOS DIRÁ, SE PREDOMINA ou não O BOM SENSO NESTE PAÍS."*[406]

Na edição seguinte, os redatores do jornal pediram desculpas aos leitores por terem publicado a *"defesa de um fascista"*. Afirmaram que continuariam combativos na luta em defesa dos trabalhadores e dos *"legítimos interesses populares"* e denunciariam incisivamente as *"patifarias da reação"* e todos os atos dos poderosos que ameaçassem o *"povo"*.

---

406. Idem. (Grifos do articulista).

Segundo *O Estado de Goiaz*, as argumentações de José Camim se caracterizavam mais como uma confissão de suas arbitrariedades do que propriamente uma defesa e poderiam ser fulminadas pelo olhar de qualquer pessoa sobre a situação de miséria em que viviam os camponeses de suas fazendas:

> *"Os camponeses sem terra sabem direitinho quem devora a maior parte do seu trabalho de todos os dias.*
> *O que é necessário, e isto os camponeses já começam a compreender, é que deles mesmos depende sua libertação.*
> *Organizados em suas Ligas e aliados aos trabalhadores da cidade marcharão para a conquista dos seus direitos. A perseguição de fazendeiros fascistas não impedirá a reforma agrária. Não impedirá a marcha da História nem a destruição das formas feudais de produção em nossa terra.*
> *A base econômica do imperialismo será destruída no Brasil. E os camponeses terão o direito de não morrer á mingua, de vestir e educar seus filhos, de conservar para si mesmo o produto de seu trabalho."*[407]

As conquistas dos direitos dos camponeses, a reforma agrária, a modernização e a melhoria das condições de vida e trabalho no campo e outras mudanças sociais preconizadas pelos comunistas afiguravam-se, nas falas do jornal, uma via de mão única na história. Conspirar contra as atividades comunistas de construção de uma nova sociedade significava estorvar a marcha da história rumo a uma nova ordem social, em que, na percepção dos comunistas, os camponeses, e todos os outros segmentos sociais, teriam uma vida melhor: livre, igualitária e justa.

Conforme o jornal os *"roceiros"* se sujeitavam às duras e injustas condições de trabalho no campo, não porque ignoravam a exorbitância da exploração que lhes afligia ou porque seus patrões eram bonzinhos, mas por existir no país e na região altos índices de desemprego e de concentração de terras nas mãos dos grandes proprietários que não lhes permitiam outras alternativas: *"as taperas que o senhor feudal possui em seu latifúndio têm sempre explorados para ocupá-las. Isto apesar da exploração, para não morrerem á míngua."*[408]

Além de trabalharem, *"sol a sol"*, nos domínios do fazendeiro José Camim, a troco de um parco salário, os camponeses não conseguiam desvencilhar-se dos preços extorsivos

---

407. A organização dos camponeses, arma eficiente contra a exploração dos latifundiários fascistas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/04/1946, ano 14, n.° 1160, p.1 c. 1-6.

408. Idem.

praticados nos seus armazéns. A liberdade que, conforme o fazendeiro, eles tinham de comprar mantimentos em outros armazéns era uma farsa. Nas indagações d'*O Estado de Goiaz*, se os estabelecimentos comerciais da cidade, que praticavam preços mais razoáveis, eram distantes de suas terras, sem contar a falta de transportes, como poderiam ter os camponeses outras alternativas de compras? De qual liberdade falava José Camim se a dificuldade de locomoção em suas terras era enorme? Em resposta, o jornal afirmou, ironicamente, que para camponeses só havia uma opção: comprar os suprimentos necessários no *"armazém do patrão"*:

> *"Já ficou claro que esse fazendeiro feudal é um fascista declarado. Também ficou bastante claro que o fato pelo qual os camponeses são obrigados a procurar fazendas feudais de latifundiários para não morrerem de fome pois a terra se acha monopolizada.*
> *Eis porque seu Camim pode se ufanar de ter sempre suas taperas ocupadas pelos explorados."*[409]

Nas assertivas d'*O Estado de Goiaz*, o *"latifundiário"* teria, sim, reconhecido, um dia, os préstimos e o bom comportamento do camponês Jerônimo da Silva Gusmão (Tota), que perdeu todas as suas boas qualidades ao ingressar-se na Liga. Mediante os vínculos do camponês com os comunistas, José Camim o expulsou de suas terras. Afirmou o jornal que o camponês Tota foi forçado sair dos domínios do fazendeiro e, para exigir seus direitos, teve que recorrer à Justiça do Trabalho.

Os outros pontos da *"Defesa"* de José Camim foram refutados pelo jornal: o fazendeiro jamais pagara qualquer adiantamento em dinheiro (os propalados mil cruzeiros por alqueire trabalhado dos quais se gabava em sua *Defesa*). Tudo não passava de um *"conto do conto"*, pois na verdade os camponeses nada mais recebiam que os caros suprimentos do seu armazém, mesmo assim de forma parcelada. Alardeava o jornal que o *"fascista naturalizado"* cobrava até a lenha, não dava *"mato para tirar lenha"* – era um espoliador.

Conforme o jornal, as oportunidades oferecidas pelo programa *Marcha para o Oeste*, ventiladas por José Camim, não eram senão uma *"demagogia estadonovista"*, visto que a propalada distribuição de terras nos sertões do Brasil Central não passava de *"tapeações*

---

409. Latifundiário fascista faz contrato de tapeação. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 1, c. 4-6.

fascistas" do governo Vargas. Ademais, o periódico refutou as proposições do fazendeiro relativas ao modo irracional de os camponeses brasileiros lidarem com a terra e argumentou que essa era uma visão própria dos fascistas, porque eles consideravam a sua raça superior, mas nem por isso descartavam o trabalho dos camponeses brasileiros como um meio de extração da sua riqueza. Sobre o ataque de José Camim à bancada comunista na Assembléia Constituinte, o periódico afirmou que, como *"latifundiário"* e *"fascista"*, o fazendeiro era duplamente combatido pelos que lutavam na Assembléia pela democracia e progresso do país:

> *"E é por isso mesmo que procurou desviar-se do assunto referente á vida dos meeiros em sua fazenda para por à mostra os arreganhos de sua mentalidade de senhor de escravos, fascista e latifundiário."*[410]

Além dessas polêmicas, o jornal denunciou que o combate à escola fundada pela Liga Camponesa, com a finalidade de ensinar aos seus associados a ler e a escrever, era uma atitude própria de um *"reacionário"* que não tinha o menor interesse em ver os seus camponeses tornarem-se capazes de ler e entender os *"contratos de tapeação"* aos quais se submetiam:

> *"Além de todas as cláusulas escorchantes, atando de mãos e pés o meeiro, esse contrato passado para a safra de 1946 continha uma de suas cláusulas dizendo que era válido apenas para o ano de 1938 e nem tinha os selos exigidos pela lei. Lei de nosso país que hipocritamente o sr. Camim diz respeitar."*[411]

Contudo, as denúncias d'*O Estado de Goiaz* não se restringiram a esses fatos. O jornal revelou outras histórias de camponeses *"perseguidos"* e explorados que se tornaram mais *"conscientes"* de seus direitos e, por intermédio das ligas, passaram a reivindicá-los, mas não impunemente. Tal foi o caso dos camponeses dos domínios de José Salvador. Compareceram à sede do jornal nove camponeses dessas terras, solicitando aos redatores que denunciassem as arbitrariedades dos *"latifundiários"* e dos policiais:

> *"José Salvador expulsou de sua fazenda o meeiro Bernardino Pereira de Lima, ameaçando-o de morte. Como este procurasse as autoridades pedindo garantias; como a Liga Camponesa tomasse a defesa de seu filiado, mandou fazer contra ele e outros membros da liga, que trabalham em sua fazenda, uma queixa falsa na polícia. A polícia acompanhada de um cunhado do sr. José Salvador, um tal João Pião que, assumindo ares de comandante, lá na fazenda foi chegar arrogante afirmando: 'Vou levar o resto dos comunistas do Cruzeiro'.*

---

410. Idem.
411. Idem.

> *Os camponeses foram intimados a deixar o trabalho da bateção do arroz e trazidos em um caminhão até a delegacia local, onde foram interrogados. As residências dos camponeses foram varejadas, recebendo uma busca minuciosa sob protesto geral, inclusive das mulheres e crianças, que apavoradas, choravam, temendo conseqüências imprevistas."*[412]

Além da violência policial, o periódico denunciou a miserabilidade dos camponeses dessa fazenda, enfocando a história do camponês Galdino, cunhado do proprietário de José Salvador, que lá trabalhou 16 anos:

> *"O que ganhou ali trabalhando, foi a miséria em que vive junto com sua esposa e 9 filhos. Destes apenas 3 receberam alguma instrução. Os outros ainda são analfabetos."*[413]

A contenda entre o latifundiário, a polícia e os camponeses foi encerrada com a liberação dos detentos, dada a impossibilidade de o delegado indiciar os litigantes por falta de provas que justificassem uma prisão.

Na avaliação do jornal, os *"latifundiários"* não perdoavam os camponeses que tornavam inflamados defensores dos seus direitos e os perseguiam incisivamente. A Liga do Cruzeiro dos Peixotos, desde a sua fundação, foi alvo de combate dos proprietários, que resultava em conflitos violentos, inclusive com o envolvimento da polícia.

A miséria das condições de vida no campo também foi denunciada pelo presidente da Liga de Sobradinho. Clamando a atenção das autoridades governamentais, Joaquim Ferreira denunciou a desumanidade com que, nas fazendas, os *"latifundiários"* exploravam os camponeses. Tal situação assemelhava-se ao modo de vida dos *"antigos escravos do tempo do Império"*. Além de eles se submeterem aos salários miseráveis, enfrentavam a carestia dos gêneros de primeira necessidade provocada pelo *"câmbio negro de muitos negociantes desonestos que roubam anualmente milhões de cruzeiros à economia popular, sem a menor punição por parte da nossa justiça!"*[414] Para resolver essa situação, o presidente da liga solicitou aos poderes constituídos medidas de combate à miséria dos camponeses, ressaltando-se, entre elas, a instituição de entrepostos para a venda tabelada de produtos de primeira necessidade.

---

412. O governo ainda pode resolver nossos problemas, mas com medidas policiais nunca o conseguirão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/05/1946, ano 14, n.° 1166, p. 1, c. 2-5, p. 4, c. 3-5.

413. Idem.

414. A tragédia da vida dos camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/05/1946, ano 14, n.° 1166, p. 2, c. 3-6.

Contestou o discurso do *"missivista"* José Camim, que, em sua *Defesa*, dissimulou a miserabilidade das condições de vida dos camponeses:

> *"(...) como camponês que sou, conheço minuciosamente a trágica e miserável situação destes intrépidos brasileiros que mourejam de sol a sol no cabo de uma enxada, sem a menor aspiração de melhoria de situação de vida, condenados pelo regime atual a viverem sempre esfarrapados, analfabetos, doentes e sem o menor amparo da justiça trabalhista, que ignora a existência destes heróis que embora depauperados pela falta de uma alimentação eficiente, ainda trabalham incessantemente, para abarrotar os armazéns de víveres ou melhor de todos os produtos agropecuários."*[415]

Contra essa situação, para arrancar os camponeses da miséria na qual muitos nasciam e morriam, a Liga de Sobradinho propunha-se a lutar em defesa da constituição e da garantia dos seus direitos sociais, ainda que sob os óbices e a ação repressiva dos fazendeiros: *"os reacionários e fascistas descarados movem uma campanha mesquinha e asquerosa contra todos os camponeses que se filiam nas Ligas, como se isso fosse um crime!"*[416]

Em seu discurso, Joaquim Ferreira afirmou que a miserabilidade do povo brasileiro foi testificada e escancarada pelo processo de recrutamento de jovens para compor as Forças Expedicionárias Brasileiras, durante o qual o Ministro da Guerra constatou a incapacidade da maioria deles para exercerem as atividades exigidas pela FEB. Afirmava Joaquim Ferreira que tal debilidade dos jovens brasileiros devia-se à carência da alimentação e às doenças que os afligiam. No seu entendimento, essa era a situação que grande parte da população vivia: o retrato de um país atravessado pela miséria social que só não era visível aos olhos de *"fascistas despeitados pela derrota de Hitler, Mussolini e Hiroito"*.

Visando propagar as diretrizes nacionais da luta camponesa, *O Estado de Goiaz* publicou um discurso do então senador Luiz Carlos Prestes, proferido no Vale do Anhangabaú, São Paulo, em que denunciou a misérias das condições de vida do *"trabalhador da roça"*. Um dos fatores da fome no país, na concepção de Prestes, concernia ao aproveitamento inadequado das grandes áreas de terras próximas às cidades e à carência de transportes. Isso agravava a

---

415. Idem.
416. Idem.

escassez e a carestia dos gêneros de primeira necessidade e, em decorrência, a inflação generalizada:

> *"Se a situação nas grandes cidades já é de miséria, já é de fome, de desconforto crescente é o regime das filas, da falta de casas, da falta de tudo para o povo, imaginai, concidadãos, vós que trabalhais nas cidades, no maior centro industrial do continente, qual a situação das grandes massas dos campo, principalmente a do interior de São Paulo. É uma situação que já hoje podemos denominar de desesperadora, é a fome já de há muito tempo, é a fome, agora agravada, é o camponês a trabalhar o ano inteiro para acabar devendo o produtor."*[417]

Prestes afirmou que os camponeses, em várias regiões do Brasil, reivindicavam contratos mais justos de arrendamento das terras, mas a resposta não era outra senão a *"violência do fazendeiro"* e a *"brutalidade dos seus capangas e policiais"*. Antes da ação comunista no campo, os camponeses reclamavam e lutavam individualmente contra as injustiças que lhes afligiam e, desta forma, eram esmagados pelo aparato repressivo dos fazendeiros. Todavia, sob orientação dos comunistas, a *"massa"* camponesa logo tomou conhecimento da existência de um *"partido do proletariado"*; de um partido que de fato os defendia e representava, e, identificados com ele, passaram a solicitar sua ajuda no processo de organização e de luta nas fazendas. Segundo Prestes, era grande o número de camponeses que se filiavam ao Partido Comunista, principalmente no interior de São Paulo. Isso foi confirmado pelo depoimento do comunista Irineu Luís de Moraes, ao afirmar que só a Liga Camponesa de Dumont conglomerava mais de 500 integrantes.[418] Nas preconizações de Prestes, a organização do campesinato, sob a direção comunista, era uma forma combativa de resistir, de não ceder aos ataques esmagadores das forças reacionárias:

> *"As massas camponesas estão dispostas a lutar organizadamente por um pouco de pão para os seus filhos, não querem ser aniquiladas pela fome. Certamente, o Partido Comunista não pode deixar de atender ao apelo dos camponeses e estará junto deles e à frente deles. E se o seu sangue for derramado, junto com o sangue dos camponeses, correrá o sangue de nós todos, comunistas!"* [419]

---

417. PRESTES, Luiz Carlos. A situação do homem do campo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/05/1946, ano 14, n.° 1167, p. 2, c. 1-6.

418. WELCH, Cliff e Sebastião Geraldo. Op. cit. p. 87

419. PRESTES, Luiz Carlos. A situação do homem do campo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/05/1946, ano 14, n.° 1167, p. 2, c. 1-6.

O partido e seu líder propagavam a solução pacífica de diversos problemas nacionais, especialmente os dos camponeses, por longo tempo excluídos da legislação trabalhista. Preconizaram que, para arrancar as massas camponesas e o proletariado da miséria e da fome, levariam as lutas às últimas conseqüências: se fosse preciso a guerra civil assim o seria. Não por culpa dos comunistas e das massas trabalhadoras, mas pela omissão dos governantes e pela conduta violenta dos fazendeiros que, diante das reclamações e dos protestos camponeses, eram os principais provocadores da discórdia, dos conflitos. Advertiu Prestes que a única forma de evitar o caos seria uma atitude sincera da parte do governo, a fim de *"livrar-se dos reacionários, dos restos de fascismo"* que ainda vicejavam no cenário político nacional e empreender uma política voltada para os interesses do *"povo"* brasileiro – o bem-estar social de todos. Num alerta aos *"senhores da reação"*, Prestes afirmou que o Partido Comunista daria apoio irrestrito à luta do povo pela conquista de suas reivindicações. Como ele disse, se o *"sangue do povo"* fosse derramado, o sangue dos comunistas jorraria junto.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos camponeses era a sua submissão aos contratos injustos de meação impostos pelos proprietários de terras. De acordo com as extorsivas cláusulas contratuais, o camponês plantava e colhia, mas a sua produção era quase totalmente apropriada pelos donos das terras como forma de saldar o arrendamento, sobrando quase nada para o sustento e a manutenção digna de sua família. Essa era a história vivida pela grande maioria dos camponeses brasileiros: trabalho, miséria e fome. Precárias condições de vida essas contra a quais camponeses do Triângulo Mineiro, por um tempo, desfraldaram suas bandeiras de luta.

Ao lado das falas, como a de Prestes, que incitavam a luta camponesa perfilaram outras denúncias contra as injustiças que afligiam os camponeses locais. Por meio delas, mais uma *"vítima dos senhores feudais"* ganhou voz no jornal. Tratava-se de um italiano, Leonardo Bartolo, que trabalhou como colono na *"fazendinha de Da. Domingas Camim"*. Lá o colono investiu todas as suas economias na compra de sementes, ferramentas agrárias e na realização de benfeitorias necessárias ao cultivo da terra. Tempos depois, afirmou o jornal que ele foi surpreendido pelos *"costumeiros"* atos da família Camim. Em 19 de novembro de 1943, Primo

Biagi apareceu na casa de Leonardo Bartolo e convidou Giacomo Bartolo para caçar marrecos. Durante essa caçada, o filho do camponês foi atingido por uma bala que o deixou inválido:

> *"Leonardo declara que por essa ocasião admitira que o tiro foi acidental; porém que a conduta posterior de seus patrões para com ele, tomando-lhe compulsoriamente a lavoura por ele plantada, arrombando-lhe as cercas para que o gado do fazendeiro lhe invadisse as plantações e mandando despejar sua família, deixando-a ao relento, deram-lhe manifesta convicção de que o tiro disparado contra seu filho havia sido proposital, com o fim de escurraçá-lo da colônia e apoderar-se da lavoura que, graças aos esforços de Leonardo, já estava em inicio da produção."*[420]

O Estado de Goiaz afirmou que, desde então, Leonardo Bartolo sofreu perseguições e foi encarcerado na Cadeia Pública, por um dia, sem que o mesmo houvesse cometido qualquer crime. Recorreu à Justiça para defender os seus direitos, mas dela não obteve veredicto. Exauridas as esperanças, o camponês afundava-se na miséria e na indignidade de vida, clamava o jornal:

> *"Encontra-se o infeliz lavrador em situação realmente angustiosa, exausto de recursos, privado da ajuda de seu filho mais velho que, agora invalidado lhe pesa como uma sobrecarga nos ombros, sem ter para onde ir com sua família e acossado pela fúria inclemente dos proprietários da terra que, sem dó nem complacência, reclamam o despejo da família a quem eles infelicitaram. Assim é que o conceito fascista de humanitarismo dos Camins e de todos os senhores feudais: 'além de queda, coice'."*[421]

Outra denúncia d'*O Estado de Goiaz* concerniu à redução do salário pago ao camponês Joaquim Mariano. Durante 19 meses ele havia recebido de um pequeno produtor o salário equivalente a Cr$400,00 – pouco mais que o salário mínimo. Entretanto, o sitiante decidiu arbitrariamente reduzi-lo para apenas Cr$50,00. Houve negociações, intermediadas pela Liga Camponesa de Martinésia e pelo juiz municipal, mas o pequeno produtor foi intransigente e rejeitou as propostas salariais do reclamante. Os representantes da Liga tentaram persuadi-lo com argumentações de que o sitiante, como pequeno produtor, era tão explorado como os agregados e meeiros. Por isso, devia se posicionar ao lado dos seus camponeses em luta pela melhoria das condições de vida no campo, ao invés de atentar contra os direitos dos seus *"aliados naturais"*.[422]

---

420. Mais uma vítima dos senhores feudais! O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/05/1946, ano 14, n.º 1167, p. 4, c. 3-6.
421. Idem.
422. A Liga Camponesa de Matinésia defende um camponês em seus direitos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/05/1946, ano 14, p. 1, c. 2-5, p. 4, c. 5.

Mas como pequeno proprietário, os interesses do sitiante falaram mais alto do que qualquer clamor pela solidariedade entre os trabalhadores do campo, pela luta de todos em defesa do programa da União Nacional defendido pelos comunistas

A luta dos camponeses também incluiu reivindicações que visavam sanar as dificuldades dos pequenos agricultores, tais como: assistência técnico-agrícola, facilidades na compra de máquinas e equipamentos necessários ao aumento da produção etc. Para isso, o arauto comunista conclamou união dos explorados do campo em defesa seus interesses, principalmente contra a ganância dos adversários dos pequenos produtores, que eram *"os intermediários, as grandes companhias monopolizadoras, os frigoríficos, os latifundiários, mas nunca os agregados e meeiros"*.[423]

Em visita ao Comitê Municipal do PCB, o deputado comunista José Maria Crispim proferiu um discurso ao *"povo"* de Uberlândia. A democratização da sociedade, a crise econômica e política, a encampação da dívida dos pecuaristas pelo Banco do Brasil, a nacionalização dos frigoríficos, a distribuição de terras aos camponeses despossuídos e outras questões foram os principais pontos da conferência de Crispim na cidade. Pugnando pelo aprimoramento da produção agrícola e pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais, ele condenou os modos rudimentares de produção agrícola que os sentenciavam ao excesso de trabalho e à miserabilidade: *"nosso povo é pobre, alimenta-se mal e é vítima de grande série de enfermidades que ceifam nossa população antes do envelhecimento."* [424]

Para sanar esses problemas, o *"deputado do povo"* propugnava a *"distribuição de terras aos camponeses sem terra; ajuda técnica* e *financiamento pelo Banco Rural, sem agiotagem"*. No seu entendimento, o latifúndio significava uma iminente ameaça de, por meio das *"grandes companhias exploradoras"*, submeter o país aos ditames do *"capital colonizador"*. Por isso era preciso liqüidá-lo. Ele denunciou a maneira como o imperialismo pretendia *"resolver*

---

423. Idem.

424. José Maria Crispim em Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/05/1946, ano 14, n.° 1169, p. 1, c. 1-3, p. 3, c. 4-6, p. 4, 3-6.

sua atual crise à custa de colônias" e preconizou a reforma agrária como uma solução vital da crise e do atraso que assolava o país.[425]

Em consonância com a linha política divulgada por José Maria Crispin, os comunistas reclamaram mudanças que implicavam transformações profundas na estrutura social e conquistas imediatistas que visavam superar as dificuldades cotidianas dos camponeses. Na mira desses objetivos, eles encamparam a luta pela melhoria das estradas da região e das condições de transporte a fim de torná-los mais baratos e acessíveis.

O protesto contra a lei que proibia o transporte de passageiros em caminhões foi apoiado por fazendeiros, pequenos agricultores, camponeses e outros, que reclamaram da distância existente entre suas moradias e os pontos dos ônibus (*"jardineiras"*) e expuseram a necessidade que tinham de acompanhar o transporte dos seus produtos. Justificaram a viabilidade dos caminhões como meio de transporte pelo acesso, baixo custo e freqüência com que transitavam na zona rural, ao contrário das *"jardineiras"* superlotadas que por lá percorriam apenas uma vez por dia e cobravam passagens caras. Conforme as reclamações das ligas, as dificuldades de transporte de passageiros eram insuportáveis, visto o péssimo estado das estradas e das *"jardineiras"* que transitavam nas regiões do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano.

Dias depois do referido protesto, o jornal aclamou a conquista das Ligas Camponesas de Cruzeiro dos Peixotos e, prinçipalmente, de Martinésia, e afirmou que a autorização do transporte de passageiros em caminhões concedida pelas autoridades constituídas se deveu à mobilização camponeses. No embalo da vitória, os camponeses reivindicaram do prefeito que tal concessão se estendesse à população rural de todo o município. Mas, nas considerações do Executivo Municipal, esta solicitação esbarrava nas fronteiras legislativas do Estado e, por isso, era difícil viabilizá-la.

Em represália à medida da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a empresa interrompeu o tráfego das *"jardineiras"* nos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos até que as autoridades municipais resolvessem manter o seu *"monopólio"* dos meios de transporte de

---

425. Idem.

passageiros.[426] Mas a reação da empresa *"monopolizadora"* não intimidou a luta dos associados das ligas pela melhoria das condições dos transportes.

Visando pressionar os poderes públicos municipais e estaduais a ampliarem as alternativas de transportes da população rural dessa região, o jornal denunciou as arbitrariedades da polícia durante a detenção de dois caminhoneiros que, contra as ordenações da lei estadual, faziam gratuitamente o transporte de passageiros. Segundo o jornal, eles assim o fizeram porque os homens e mulheres transportados eram pobres e não podiam pagar as caras passagens cobradas pela empresa de ônibus. Outros passageiros justificaram a sua opção de viajar no caminhão dizendo que, durante dois dias, não puderam embarcar nas *"jardineiras"* superlotadas. Reclamou o jornal que, apesar dessas justificativas, os policiais não se interessaram pelas necessidades dos passageiros, tampouco pela caridade dos caminhoneiros, mas pelo cumprimento das leis:

> *"(...) o sr. Acrísio Pimenta* [caminhoneiro] *manifestou seu desejo de falar ao sr. Delegado, não lhe sendo isto, entretanto, permitido. Ao invés, foi levado para a cadeia sob ameaças e empurrões. Tendo alegado que trouxera os passageiros por serem pobres, ouviu do sargento a afirmação de que a polícia não tem nada a ver com isso. Insistindo que estava com razão, porque apenas fazia caridade, o sargento respondeu-lhe que a razão de nada vale, o que vale é a força."*[427]

Os redatores do jornal posicionaram-se contra a lei estadual *"iníqua e imparcial"* que proibia o transporte de passageiros em caminhões e objetivava tão somente atender aos interesses das empresas *"monopolizadoras"*. Em alerta às autoridades públicas, sugeriram que quando a necessidade do povo grita mais alto, nada mais restava senão a desobediência e a intolerância, mediante as quais pouco resolvia a imposição da lei e a violência policial.

A exemplo do prefeito uberlandense que liberou o transporte de caminhão para a população de Martinésia, *O Estado de Goiaz* sugeriu que o governo estadual abolisse a citada lei, que, na prática, era desobedecida, facilitando ao *"povo"* meios de condução mais acessíveis e convenientes, embora não fossem seguros e confortáveis. Conforme o jornal, a luta pelo transporte de passageiros em caminhões, a exemplo da que ocorria em Uberlândia, se espalhou

---

426. Podem viajar de caminhão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/06/1946, ano 14, n.° 1117 p. 4, c. 4-6.
427. Detido por transportarem passageiros. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 03/07/1946, ano 14, n.° 1179, p. 4, c. 2-6.

como uma *"reivindicação do povo"* pelo Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano, por meio de abaixo-assinados e cartas aos poderes públicos:

> *"Esse fato vem demonstrar a necessidade de todos os camponeses, de todas as ligas, saberem, num movimento amplo, pacífico mas enérgico, conjugar todas as forças, no sentido de que seja lançada por terra a atual regulamentação do transporte de passageiros."*[428]

Reivindicações aparentemente simples como o direito ao transporte barato e acessível e a luta cotidiana por melhores condições de vida constituíam-se num poderoso fermento da organização dos trabalhadores em defesa dos seus interesses.

As denúncias e reivindicações divulgadas pelo jornal *O Estado de Goiaz*, em 1946, parece ter balançado a consciência de pelo menos uma parte dos camponeses. Na avaliação do periódico, eles despertaram da letargia e assumiram uma postura política combativa. Acordaram da *"indiferença"*, do *"niilismo"* e começaram a lutar pela conquista e garantia dos seus direitos:

> *"A pobreza, a miséria e o analfabetismo os tornaram presas fáceis das doenças e dos latifundiários. A verminose (amarelão) e a maleita minam a saúde de nossos camponeses. A servidão, as relações atrasadas no sistema de produção agrícola fazem com que ele seja barbaramente explorado pelos donos das terras, pagando de arrendamento tudo aquilo que lhe poderia sobrar para uma vida melhor."*[429]

Se antes o *"roceiro"* era visto como *"pária"*, *"escravo"*; como um homem excluído do mundo *"civilizado"*, a situação, conforme o jornal, começou a mudar com o processo de organização das ligas camponesas.

Terra, *trabalho*, *pão*, *saúde*, *educação* e *dignidade* compuseram o lema que atravessou diversas manifestações das ligas camponesas em luta pela melhoria da vida no campo. Na tarefa de mobilizar e conscientizar os trabalhadores rurais, as atividades festivas destacaram-se como uma de suas significativas experiências, durante as quais os filiados eram *"politizados"* e assistidos pelos comunistas.

---

428. As reivindicações mais simples. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/09/1946, ano 14, n.° 1204, p. 1, c. 1-2.

429. Liga Camponesa da Fazenda de S. Francisco - Sua fundação no dia 2 de junho - grande concentração de camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/06/1946, ano 14, n.° 1171 p. 1, c. 1-4.

4. Política e prazer: manifestações das ligas camponesas

Em meados de 1946, os camponeses, e outros segmentos sociais uberlandenses, encontravam-se relativamente engajados no movimento pela democratização do país, e as festas, não raramente atravessadas de tensões, constituíram espaços onde se misturavam política e prazer.

As atividades festivas promovidas pelos comunistas no meio urbano e rural tinham a finalidade, entre outras, de integrar e conscientizar os trabalhadores e divulgar as idéias e as diretrizes da luta comunista. Partidas de futebol, atividades artísticas, festas, bailes, pagodes, churrascos, piqueniques, shows, leilões, rifas, barraquinhas etc., compuseram os programas recreativos mais comuns das ligas camponesas, associações e sindicatos influenciadas pelos comunistas.

No setor urbano, uma das mais tradicionais comemorações dos trabalhadores, o 1.° de maio,[430] entrou na pauta das festividades promovidas pelos comunistas, que organizaram um programa de atividades para festejar a data.[431] Contudo, as manifestações planejadas foram obstadas pela polícia. Alguns fatores concorreram para isso. Em 1946, o governo Dutra implementou medidas para conter a atuação comunista em todo o território nacional e proibiu as comemorações do 1.° de maio. Ademais, alguns fatos, precedentes a essa data fermentaram o

---

430. Ver: PERROT, Michelle. Os excluídos da história; operários, mulheres prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 127-164.

431. No decurso da história política mundial dos trabalhadores, muitos foram os rituais que compuseram as celebrações das suas vitórias e a rememoração dos seus martírios, lutas e manifestações. Contudo, o malfadado dia em que ceifaram as vidas dos trabalhadores em defesa de suas reivindicações imprimiu uma marca indelével nas mentes e corações dos trabalhadores não só de Chicago, mas de uma expressiva parte mundo. O dia do massacre dos *"Cavaleiros do Trabalho"* fincou na memória operária um elo universal de comunhão entre as classes trabalhadoras. Em homenagem aos *"Mártires de Chigago"* de 1886, o 1.° de maio assinalou internacionalmente uma data em que elas realizariam as suas manifestações – constestatórias como as greves e protestos ou festivas como os desfiles, procissões, atividades recreativas etc. Muitos dos rituais que inauguraram os primeiros 1.° de maio prevaleceram enraizados, ao longo dos tempos, nas formas de manifestações dos trabalhadores de diversos países. No Brasil do final do século XIX, foram constatadas notícias das primeiras celebrações desse dia em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro.
Sobre 1.° de maio, ver:
PERROT, Michelle. Op. cit. p. 163.
DEL ROIO, José Luiz. 1° maio; cem anos de luta – 1886-1986. Org. Centro de Memória Sindical. São Paulo, Global Editora, 1986. p. 104.

clima de insatisfação do *"povo"* e, em contrapartida, provocaram o endurecimento das medidas repressivas no cenário político local. Um deles refere-se à substituição do Delegado de Polícia Lindolfo Coimbra de Souza, que, segundo *O Estado de Goiaz*, sensibilizou *"toda a sociedade uberlandense"*.[432] Os udenistas também discordaram da medida, argumentando que se tratava de uma armação dos pessedistas, que, na época, estavam articulando alianças com os comunistas para as futuras eleições. Segundo o *Correio de Uberlandia*, o delegado foi acusado injustamente de abuso de autoridade adeptos do PSD. As denúncias de espancamentos de pessoas na cidade, conforme o jornal, era uma farsa, uma armação da *"chefia pessedista"* a fim de transferir a *"digna autoridade policial"* para outra localidade e, desse forma, manter os interesses de uma fração da classe dominante pelo jogo, o *"cancro deletério"*.[433] Conforme o jornal, o delegado foi transferido e, em seu lugar, tomou posse, em 30 de abril, o novo delegado procedente de Varginha, Dulcídio Monteiro da Fonseca.

Outro fato que tensionou o cenário político da cidade, às vésperas do 1.º de maio, concerniu à repercussão, na esfera estadual, da demissão das operárias da Fábrica de Balas Imperial que, em abril de 1946, encaminharam aos seus patrões um memorial reivindicando os seus direitos e foram correspondidas individualmente com uma carta de demissão. Conforme *O Estado de Goiaz*, a indignação e a revolta acometeram *"povo"* uberlandense, que, além de moções de solidariedade, arregimentou recursos de *"apoio à caixa de socorro, como ajuda material às moças dispensadas arbitrariamente de seus empregos"*.[434] A partir desse episódio,

---

432. Dr. Lindolfo Coimbra. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.º 1162, p. 4 e p. 1-2. Segundo as notas deste artigo o referido delegado foi homenageado pelos seus amigos e admiradores com um jantar, do qual participou os mais destacados representantes da cidade, e com um desfile realizado pelos motoristas que se estendeu até a Estação da Estrada de Ferro Mogiana.

433. O povo não concorda. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 26/04/1946, ano 9, n.º 1899, p. 1, c. 1-5; Continuam as manifestações de solidariedade ao dr. Lindolfo Coimbra. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 27/04/1946, ano 9, n.º 1900, p. 1, c. 2-3; Ininterruptas as manifestações de solidariedade ao ex-delegado de polícia. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 29/04/1946, ano 9, n.º 1901, p.1, c. 1-3.
Algumas entidades que prestaram solidariedade ao delegado: Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia; Associação dos Pequenos Agricultores e Horticultores do Brasil Central; Associação Esportiva Cultural; União dos Estudantes de Uberlândia; Movimento Unificador Trabalhista (MUT); Associação dos Panificadores e Trabalhadores em Produtos de Cacau e Balas.

434. Terá caráter grandioso a comemoração do 1º de maio; as operárias da Fábrica de Balas Continuam firmes nas suas reivindicações. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/04/1946, ano 14, n.º 1161, p. 1 e p. 4.

desencadearam-se várias denúncias relativas às más condições de trabalho dessas operárias, como a exaustiva jornada de trabalho, os salários extorsivos e o tratamento nada *"polido"* dos seus superiores hierárquicos. Nessa contenda, intermediou em favor das operárias o Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil e outras entidades de classes, que solicitaram providências do Delegado Regional do Trabalho de Belo Horizonte. Em resposta, foi enviado um telegrama informando que um fiscal do Ministério do Trabalho de Uberaba iria a Uberlândia resolver o impasse, de acordo com a lei..

Os comunistas, pelo do jornal *O Estado de Goiaz*, fizeram circular denúncias relativas às injustiças que vagueavam os mundos do trabalho em Uberlândia, como o caso das operárias da Fábrica de Balas Imperial e da Fábrica de Balas Cometa, e prenunciaram, às vésperas do 1.° de maio, o caráter *"grandioso"* que teriam as manifestações programadas:

> *"Os varredores se movimentam para reivindicar seus direitos – as operárias da Fábrica de Balas Cometa aderem ao movimento de suas companheiras da Fábrica Imperial – Patrões que mais parecem senhores de escravos – O Sindicato em Construção Civil apoia os varredores – Grande entusiasmo na preparação das festividades do 1.° de maio."*[435]

Às contendas entre patrões e operários na cidade, acrescentaram-se, nesse momento, as manifestações dos camponeses em defesa dos seus interesses, as quais geravam também conflitos com os *"latifundiários"*. Por esses motivos, a comemoração do 1.° de maio foi proibida pela polícia, a fim de evitar que os comunistas aproveitassem a ocasião para promoverem desordem e a anarquia, pois, conforme Chefia de Polícia, era o que eles, havia tempos, vinham fazendo disfarçadamente no meio operário e camponês.

Apesar da repressão, os comunistas teimaram em comemorar o 1.° de maio. Intentaram realizar uma festa que, de fato, reacendesse a *"consciência operária"* e emergisse o real sentido data.[436] Convites e programas de atividades foram distribuídos à população. A

---

435. Movimento operário. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 13/04/1946, ano 14 n.° 1157, p. 1, c. 5-6.

436. Conforme José Luiz Del Roio, a instituição do 1.° de maio como feriado nacional foi decretada bem antes da legislação federal que sancionou a redução da jornada de trabalho para oito horas. Contudo, as tentativas de destruir os sentidos da comemoração do 1.° de maio remontam os primeiros anos deste século, quando as classes dirigentes em diversos lugares do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, intentaram transformá-lo – antes que a data se tornasse um *"patrimônio coletivo na consciência dos trabalhadores"* – em uma mera festa de *"confraternização entre patrões e operários, um dia em que todos são bons e devem trocar presentinhos"*. Às

comissão organizadora, coordenada pelo comunista Alcides Simão Helou, programou cerimoniais tradicionalmente realizados nas comemorações do 1.º de maio dessa cidade, como a alvorada das cinco horas regada a explosão de fogos de artifício, concentração e desfile pelas ruas, comício no qual discursariam os representantes de várias entidades operárias, festival artístico, e, para finalizar, a realização de um baile na sede do Movimento Unificador Trabalhista (MUT).[437] O jornal destacou uma nota enfatizando a participação da Banda de Música de Toribaté, cidade *"agitada"* por comunistas e camponeses:

---

vésperas da celebração do 1.º de maio de 1914, parte do governo e do empresariado se articulava a fim de indicar a data como um feriado nacional. Esta era uma tentativa de conter os tumultos e os conflitos que afiguravam-se em cidades como Santos, São Paulo e Rio de Janeiro e outras. Em 1914, o jornal santista *A Revolta* proclamou, em nome dos anarcossindicalistas, que o intento do governo desfigurava o significado da data, pois não seria mais um dia de protesto e sim o *"primeiro de Maio sancionado pela lei"*. Apesar das contestações e dos esforços de parte do movimento operário brasileiro contra essa medida, o decreto foi outorgado em 1924, consagrando o 1.º de maio como o dia da *"confraternização universal das classes operárias* e da *comemoração dos mártires de Chicago"*. Mas como observou Del Roio, a data reservada à manifestação internacional dos trabalhadores figurou um sentido dissonante no Brasil: um feriado consagrado à glorificação do *"trabalho ordeiro e útil"*. Cf. DE ROIO, José Luiz. Op. cit. p. 104.

437. Em tempos reorganização social relativamente democrática, o Movimento Unificador Trabalhista (MUT) surgiu, autoproclamando-se a única entidade capaz de aglutinar e unir os trabalhadores em torno dos seus interesses, principalmente da luta pela fundação da Confederação Geral dos Trabalhadores Brasileiros. Conforme *O Estado de Goiaz,* desde a vigência da malfadada Carta Constitucional de 1937, os sindicatos perderam a sua autonomia e transformaram-se em meros instrumentos de legitimação da ordem vigente, em marionetes do governo. Os dirigentes sindicais eram praticamente impostos, uma vez que, sob a intervenção do Ministério do Trabalho, as eleições da diretoria deveriam ser aprovadas pelas autoridades governamentais. Afirmou Werneck Vianna que os sindicatos não passavam de *"um aparato repressivo ad hoc, cuja finalidade se consumava no esmagamento do movimento operário e sindical livres"*. (Cf. VIANNA, Luiz Werneck. Op. cit. p. 102). Como disse o referido jornal, os sindicatos integravam apenas *"uma pequena minoria de trabalhadores e estes mesmos descrentes das vantagens de pertencerem a tais organismos"*. Cf. O MUT e os trabalhadores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/10/1945, ano 13, n.º 1113, p. 4, c. 1-5.

Os comunistas locais preconizaram que o MUT significava uma resposta contra o sindicalismo corporativo que promoveu o esvaziamento da estrutura sindical em todo o país. Segundo eles, o MUT insurgia contra o corporativismo em vários pontos do país. Nas considerações d'*O Estado de Goiaz*, o movimento foi criado com a finalidade básica de congregar os trabalhadores em luta pelas suas mais prementes reivindicações, principalmente pela consolidação da liberdade sindical que, naquele momento, já era uma prática interna de alguns sindicatos existentes. O MUT seria, então, o ponto de partida para a criação da *Confederação Geral dos Trabalhadores Brasileiros* – como suas congêneres em outros países democráticos da América e da Europa que objetivavam defender, prioritariamente, os interesses e as aspirações dos trabalhadores. Para isso, o jornal concitava o apoio e o empenho de todos os trabalhadores uberlandenses na tarefa de transformar o MUT em um poderoso instrumento de luta e conquista dos seus interesses.

O Estado de Goiaz defendeu e apoiou as atividades realizadas pelo MUT; divulgou palestras sobre diversos temas relativos à situação dos trabalhadores e propagou campanhas em defesa do movimento trabalhista.

Em 1946, O MUT, com o apoio dos comunistas incitou e promoveu a organização e a luta de algumas categorias de trabalhadores uberlandenses e denunciou a miserabilidade dos seus salários, das suas condições de trabalho e vida. Também obteve o apoio de alguns sindicatos que se encontravam organizados ou em processo de organização. Como foi o caso sindicato dos garçons, cujo presidente conclamou os trabalhadores a aderirem ao MUT e a participarem das palestras que visavam esclarecer as vantagens da organização operária.

> *"De fato, logo pela manhã, o dia do trabalho foi saudado com uma alvorada de fogos que espoucaram por todos os recantos da cidade.*
> *Os preparativos iam adiantados e centenas de camponeses desembarcavam de caminhões, vindos da zona rural para se irmanarem aos seus companheiros, os trabalhadores da cidade, nessa festa que lhes era comum, quando espalhou-se a inconcebível notícia de que o governo havia proibido comemorações do 1.° de maio em praça pública, assim como desfiles e passeatas, em todo território nacional."*[438]

Sob repressão policial, os comunistas, os sindicalistas e os trabalhadores urbanos e rurais fizeram a comemoração possível. Realizam parte das atividades programadas em um recinto fechado, na sede do MUT: *"que foi pequeno demais para comportar a grande massa que se comprimia pelo corredor, pelas partes laterais e pelo pátio"*. Marcadas pelo *"grande entusiasmo"* e pela *"maior ordem"*, as atividades comemorativas contaram com os discursos dos representantes de várias entidades operárias ali presentes: MUT, Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil, Associação dos Trabalhadores em Panificação, Produtos de Cacau e Balas, Associação dos Pequenos Produtores e Horticultores, Partido Comunista do Brasil, Associação Pró-Melhoramentos da Vila Brasil, Associação dos Sapateiros, Associação dos Homens de Cor e outras.[439] Em seguida, foram feitos concurso de declamação de poesias, apresentação musical dos cantores locais e baile animado pelos músicos de Toribaté, que se *"prolongou noite a dentro"*.

Passado o evento, *O Estado de Goiaz* divulgou e denunciou os motivos da proibição das manifestações do 1.° de maio, condenou a ação repressiva do governo e afirmou que os trabalhadores brasileiros não constituíam uma ameaça à ordem e à segurança pública, visto que suas manifestavam caracterizavam-se pela defesa da democracia:

> *"(...) esse governo acha-se ainda envolvido pelos reacionários. (...) Mas o proletariado brasileiro conhece muito bem as manobras e as provocações em que a todo custo os reacionários tentam jogá-lo. Por isso mesmo, está atendo e vigilante,*

---

438. Brilhante comemoração do 1.° de maio, as medidas reacionárias do governo não puderam diminuir o entusiasmo do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/146, ano 14, n.° 1162, p. 1, c. 1-6.

439. Consta do jornal outras entidades de trabalhadores convidadas: Associação dos Transportadores, Associação dos Contabilistas, Associação dos Carroceiros, Associação Pró-Aquisição do Açúcar, Ligas Camponesas de Martinésia, Sobradinho e Cruzeiro dos Peixotos. Além dessas entidades representativas, teriam sido convidados os representantes dos principais órgãos públicos e dos partidos políticos locais, como PSD, PTB e UND. Conforme os registros das polícias políticas e da imprensa, era tática do partido convidar, formalmente, as autoridades públicas a fim de mostrar-lhes que suas manifestações não tinham caráter subversivo. Resultado: à exceção da polícia, tais autoridades raramente compareciam aos eventos. Quando não eram obstados pelos policiais, os comunistas divulgavam abertamente suas diretrizes políticas – o que não foi tão problemático em 1946, em decorrência da relativa democracia que se instaurou no país.

> *continuando, apesar de tudo, a lutar dentro da ordem, fugindo às provocações dos seus inimigos."*[440]

Por sua vez, o Comitê Municipal do PCB também protestou contra a *"medida reacionária"* que suprimiu as comemorações do 1.° de maio e divulgou um Boletim em que contestava a repressão e a ameaça à liberdade e à democracia:

> *"Por determinações baixadas pela Chefatura de Polícia, transmitidas a Delegacia local, foram proibidas as manifestações populares que estavam programadas nesta cidade em comemoração ao dia do trabalho. O Partido Comunista em Uberlândia, fiel a sua linha política que está sendo observada em todo país, determinou a todos os seus membros, simpatizantes e amigos o acatamento dessa medida policial, embora reputando-a arbitrária e atentatória às liberdades públicas e especialmente ofensiva a classe trabalhadora. Em face de mais essa demonstração anti-democrática das autoridades que pretenderam conservar de pé a carta de 1937 em desrespeito à memória dos brasileiros tombados pela luta contra o fascismo, o Partido Comunista reitera ao Povo a exortação para que se organize para impedir que se consuma esse atentado à Democracia.*
> *TUDO POR UMA CONSTITUIÇÃO DEMOCRÁTICA*
> *ABAIXO A CARTA FASCISTA DE 37!*
> *O Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil em Uberlândia, 1.° de maio de 1946.*
> *SÓ A BANDEIRA BRASILEIRA EM NOSSAS BASES!"*[441]

Observa-se nesses discursos que os comunistas intentaram propagar suas diretrizes de luta no campo e na cidade e apropriaram-se da medida repressiva da Chefia de Polícia mineira para mobilizar os trabalhadores em defesa dos seus interesses e na luta pela consolidação da democracia no Brasil e contra a opressão, as desigualdades sociais e o imperialismo.

Em que pese a euforia do processo de redemocratização do país nesse período, pode-se avaliar que, em relação às comemorações do 1.° de maio que precederam a de 1946,[442] houve uma significativa receptividade dos trabalhadores urbanos e rurais às manifestações promovidas pelos comunistas, ainda que sob repressão policial. Como testemunhou a militante Olívia Calábria, naquela época, quando era anunciada uma manifestação comunista, o local do evento ficava repleto de gente.[443]

---

440. Medida reacionária. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 1, c. 1-4.
441. Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil em Uberlândia. Ao povo de Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/05/1946, ano 14, n.° 1162, p. 1, c. 2-4. (Boletim reproduzido pelo referido jornal).
442. SILVA, Ribeiro Idalice. Exaltação, resistência e indiferença às comemorações do 1° de maio em Uberlândia. Mimeo.
443. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.

Na esteira das festividades programadas pelos comunistas, foram constatadas propagandas das festas juninas dos camponeses. Uma delas referia-se à festa de São Pedro, promovida pela Liga Camponesa de Martinésia:

> *"O grande interesse dos camponeses dessa redondeza faz prever que teremos na festa de S. Pedro uma enorme concentração que será ainda aumentada com a vinda de muitos operários de Uberlândia, numa verdadeira confraternização dos trabalhadores da roça e da cidade."*[444]

Constava do programa da festa as seguintes atividades: fogueira, reza do terço, hasteamento do mastro, baile e leilão em prol do ambulatório da liga. A nota do jornal ressaltou que a diretoria da entidade estava empenhada em promover a participação de violeiros para fazerem o *"desafio de viola"*, que, conforme *O Estado de Goiás*, era uma das atrações mais apreciadas nas *"festas da roça"*.

Em concernência às atividades festivas promovidas pela Liga de Cruzeiro dos Peixotos, foram obtidos registros de uma reunião que deliberou o seguinte programa festivo, com vistas a arrecadar recursos para a aquisição de sede própria: reza do terço, hasteamento do mastro, *"desafio de viola"*, barraquinhas, leilão e baile.[445]

Na véspera dessa festa, alguns moradores da cidade de Uberlândia e do distrito de Cruzeiro dos Peixotos foram intimados a prestar depoimento sobre uma reclamação feita pelo padre João B. Balque, vigário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, à Delegacia de Polícia. Acusados de promoverem uma festa religiosa sem a devida permissão das autoridades da Igreja, os intimados se defenderam e declararam que eram simples convidados dos festeiros e nada podiam responder a respeito realização de tal atividade, pois sequer eram associados à liga, a organizadora do evento.

Nas considerações d'*O Estado de Goiaz*, tudo não passava de uma insídia anticomunista, cujos agentes, principalmente o vigário, fizeram circular um boletim maldizendo

---

444. Festa de S. Pedro organizada pela Liga Camponesa de Martinésia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 08/06/1946, ano 14, n.° 1172, p.4, c. 3-5.

445. Festa de Santo Antônio promovida pela Liga Camponesa do Cruzeiro dos Peixotos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 01/06/1946, ano 14, n.° 1170, p. 4, c. 4-5.

os comunistas, os espíritas, os protestantes e a liga, acusando-os de promoverem a *"bagunça e a desordem"*, a disseminação do ódio e das discórdias:

> *"Esse boletim está insinuando que a Liga Camponesa só é composta de comunistas, protestantes e espíritas. Esse boletim causou a pior impressão possível, pois a Liga Camponesa é um organismo sem cor política nem religiosa. Naturalmente, como predominam os católicos em nossa sociedade, também na Liga Camponesa eles são maioria, mas aqui ninguém faz luta religiosa ou política e todos vivemos em harmonia, lutando dentro da Liga pelo bem-estar de nossos associados e de nossas famílias."*[446]

O Estado de Goiaz afirmou que, apesar da campanha anticomunista e da repressão policial, as ligas e seus associados não haveriam de se intimidar com as atitudes arbitrárias dos verdadeiros *"inimigos e exploradores"*: persistiriam na luta contra a exploração, a miséria e a fome e pela consolidação da democracia no cenário político nacional:

> *"(...) os inimigos das Ligas Camponesas são os fascistas, os reacionários e latifundiários que tudo fazem para escravizar os camponeses. Parece que nessa campanha há o dedo dos fascistas, nossos inimigos, os maiores inimigos do povo e da liberdade."*[447]

Todavia, as denúncias do vigário não impediram a realização do programa festivo da Liga do Cruzeiro dos Peixotos. Entremeada de política, conversas, rezas, cantigas e outras atividades, a comemoração do dia de Santo Antônio se concretizou:

> *"Num ambiente de grande cordialidade, cerca de cem pessoas, de diversos credos religiosos sob o clarão da fogueira e o espoucar dos foguetes, com vivas ao Santo padroeiro e à Liga Camponesa ergueram o mastro."*[448]

Durante a festa, os comunistas e os dirigentes das ligas fizeram discursos que reverenciaram o santo festejado e preconizaram a necessidade de todos manterem-se firmes na luta contra o fascismo e pela democratização do país. O comunista Áulio Mendes Diniz aclamou a *"vitória democrática dos heróicos estivadores de Santos, sobre os amigos do Fascista Franco, reabrindo seus sindicatos de classe"* e exaltou os camponeses do Cruzeiro dos Peixotos por terem fundado a primeira liga camponesa *"em todo o território nacional e, como tal, era*

---

446. O governo ainda pode resolver nossos problemas, mas com medidas policiais nunca o conseguirão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/05/1946, ano 14, n.° 1166, p. 1, c. 4-6, p. 4, c. 5-6.

447. Idem.

448. Festa de Santo Antônio promovida pela Liga Camponesa de Cruzeiro dos Peixotos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/06/1946, ano 14, p. 1, c. 1-3.

vanguardeira de outras cem que já se fundaram em todos os recantos do Brasil". Além de Lourival Cândido do Carmo, discursou também um *"velho"* camponês, cujo nome não foi citado, que conclamou a classe a encaminhar um telegrama ao presidente Dutra, reivindicando a *"criação de um Banco Rural e a baixa dos arrendamentos de terra de acordo com o disposto nos Estatutos da Liga"*. Com a aprovação geral dos seus associados, o telegrama redigido da seguinte maneira:

> *"Os abaixo assinados, membros da Liga Camponesa de Cruzeiro dos Peixotos, vêm por meio deste, solicitar a V. Sa. que dirija suas vistas para o homem do campo, que nas mais dificeis condições de vida e de exploração, trabalha incessantemente pela grandeza da pátria, plantando para dar de comer ao país.*
> *Como medida de urgente necessidade, sugerimos que seja criado um 'Banco Rural' para financiar os produtores e que seja decretada uma lei que proíba contrato de arrendamento superior à taxa de 15%."*[449]

Na véspera do dia 13 de junho, foi comemorado, na Fazenda das Flores, o dia de Santo Antônio e o aniversário da neta do *"velho"* Gusmão, *"veterano nas lutas dos direitos do povo e por isso acatado e querido por toda a gente trabalhadora"*. A festa também objetivou promover a confraternização dos camponeses e comunistas *"de toda a redondeza"*.

> *"Uns que vieram a pé, de Canápolis, a duas léguas de distância. Uma caravana vinda de Uberlândia, constituída por Waldemar Silva, Robespierre de Lima, Alberto de Faria Marquez e Nelson Cupertino. Quando estes chegaram já a função ia animada: vasta fogueira crepitava no terreiro, espetos com postas de churrasco assando sobre o braseiro, acordes de viola ensaiando os descantes para dar a pouco, foguetes espoucando no ar;* ***à entrada, um arco sobre o qual se erguia a efígie do Santo daquele dia, entre faixas e dísticos exaltando o nome de Luiz Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança.***
> *A caravana de Uberlândia foi recebida com aclamações gerais, erguidas ao nome do Partido Comunista do Brasil."*[450]

Entre as conversas dos camponeses em festa, o jornal descreveu a que revelou o desenlace da questão do camponês Tota, expulso das terras do *"latifundiário"* José Camim. Naquele dia, o referido camponês comentou que o processo movido contra o seu ex-patrão era causa perdida e não lhe restava outro remédio senão conformar-se com os prejuízos, com a derrota:

---

449. Idem.
450. Falam os camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/06/1946, ano 14, n.° 1171, p. 1. c. 3-6. (Grifos meus).

> *"O fazendeiro tem a faca e queijo na mão: a terra é dele, e nós nem aos menos temos a garantia de um contrato por escrito. Por isso é que existem os José Camins. Agora o que me resta é começar a vida aqui, na esperança de que desta vez os meus direitos sejam reconhecidos."*[451]

Muitas indagações relativas às condições de vida dos camponeses foram destinadas aos representantes do Partido Comunista ali presentes. No costumeiro ritual da *"sabatina"*, os comunistas responderam às perguntas que lhes foram feitas e apresentaram as propostas que o Partido Comunista tinha para a solução dos problemas do campo. Uma das questões levantadas pelos camponeses concerniu à desigualdade de direitos entre os trabalhadores da cidade e do campo. Em resposta, os líderes comunistas argumentaram que as vitórias até então obtidas pelos trabalhadores urbanos foram decorrentes da união da classe e da luta histórica pela conquista e garantia dos seus direitos. Preconizaram eles, que, da mesma forma, os camponeses deveriam se organizar em ligas e, unidos, lutar por melhores condições de trabalho e vida.[452]

Além das festividades religiosas, outros tipos de festas foram promovidas pelas ligas camponesas. Em agosto de 1946, foi divulgada programação de uma festa pelos camponeses de Sobradinho,[453] a fim de arrecadar recursos para a construção da sede da liga:

> *"Faz marcar para o dia 24 do corrente, uma festa para a qual convidou o Dr. Orlando Bonfim, advogado em Belo Horizonte e secretário da Educação e Propaganda do Comitê Estadual do P. C. B. em Minas."*[454]

A proposta dos filiados da liga era construir um barracão de capim e madeira, onde pudessem ser realizados os trabalhos da entidade. Com esse objetivo, foram constituídas a Comissão de Construção da Sede e a Comissão de Festas, ambas lideradas por Joaquim Ferreira. Durante uma reunião em que se discutiam os meios de construção da sede da liga, Afrânio Francisco de Azevedo, um *"comunista ardoroso* e *perigoso"*, conforme a caracterização feita pelo relatório do DEOPS, concitou os camponeses a *"lutarem sem nenhum receio – deixar para um lado o medo e lutar de fato, porque sua causa era justa"*.[455] Discursaram também os convidados ali presentes, José Fonseca Palhares, membro da Comissão de Campo do PCB local, e

---

451. Idem.
452. Falam os camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/06/1946, ano 14, n.° 1171, p. 4, c. 3-4.
453. Festa camponesa em Sobradinho. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/08/1946, ano 14, n. ° 1195, p. 3, c. 5-6.
454. Liga Camponesa de Sobradinho. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/08/1946, ano 14, n.° 1190, p. 4, c. 6.
455. Idem.

Roberto Margonari, membro do Comitê Estadual do PCB de Minas Gerais, os quais foram *"sabatinados"*.

Dessa reunião, participou também o *"fazendeiro progressista"*, Ismael de Freitas, que se propôs a doar madeira, capim, transporte dos materiais e dinheiro para pagamento de um funcionário.[456] Os redatores d'*O Estado de Goiaz* exaltaram a atitude do fazendeiro como um exemplo a ser seguido por outros *"democratas progressistas"*. Propagava o jornal que nas terras do referido fazendeiro as condições de trabalho eram melhores em relação a outras fazendas, embora não fossem as ideais: taxas de arrendamento estabelecidas na base de 25% (enquanto em outras fazendas, as taxas variavam entre 40 e 50%); fornecimento de máquinas, ferramentas e animais (bois) para o trabalho; pasto para criação de animais; leite e sal para as famílias camponesas etc. Conforme o jornal, Ismael de Freitas definiu a liga como *"um organismo de uma classe explorada, que luta pelos seus direitos, sem prejuízo para os demais"*.[457]

No dia 08 de setembro de 1946, a Liga Camponesa de São Francisco realizou uma atividade festiva que visava a integração dos camponeses e a arrecadação de recursos para a entidade. Nas descrições d'*O Estado de Goiaz*, a programação do evento revelou o entusiasmo com que os comunistas realizavam seus trabalhos, divulgavam diretrizes comunistas de luta no campo e concitavam os camponeses à organização e à defesa dos seus interesses.[458] Nessa festa, foram proferidos discursos que visaram contra-argumentar os insultos dos anticomunistas que freqüentemente acometiam as ligas camponesas, sobretudo as acusações de que elas eram orientadas pelos *"agentes de Moscou"*. Em contraposição, esclareceram que a natureza e as finalidades das ligas não tinham *"cor político-partidário"* e restringiam-se à defesa dos interesses e do bem-estar dos camponeses. Por outro lado, esses discursos também revelaram a indiferença dos camponeses, sob a influência ou não dos anticomunistas, em relação às atividades promovidas pelas ligas. Segundo Guiloy Resende, houve descaso de muitos dos camponeses, que,

---

456. Um fazendeiro progressista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/08/1946, ano 14, n.° 1190, p. 1, c. 1-5.

457. Idem.

458. Movimentada festa da Liga Camponesa de São Francisco. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p.1, c. 1-3, p. 3, c. 2-6.

indiferentes aos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos no campo pelas ligas, arremessaram à poeira e ao vento os convites da festa. Contra atitudes como essas, o referido comunista alertou sobre a necessidade de união de todos na luta em defesa de seus direitos, por meio de suas organizações.

Discursaram também os representantes das mulheres e das crianças. Maria de Rezende discorreu sobre a importância da mulher no processo de esclarecimento e de organização dos camponeses e conclamou as *"mulheres do campo"* a se filiarem às ligas e a participarem ativamente da luta contra o atraso no campo e pelo desenvolvimento do país. Já Aparecido Pereira, um menino de 10 anos, discursou *"brilhantemente"* sobre o caráter das ligas e sobre o significado da palavra *"povo"*.

Na contracorrente dos insultos anticomunistas, o engenheiro-arquiteto João Jorge Coury, em seu discurso sobre *"As Ligas Camponesas em face do movimento político nacional"*, afirmou que o fato de o Partido Comunista prestar assistência e apoio aos camponeses não significava que as ligas tivessem *"cor política"*, visto que o país estava vivendo uma era de democracia e, por isso, todos os partidos tinham a liberdade de fazer o mesmo, ou seja, de participar da organização e da luta dos camponeses. Afirmou o comunista que só não empunhavam essa bandeira aqueles que não se interessavam pelas causas do *"povo"*. Ao contrário dos partidos atrelados às classes dominantes, João Jorge Coury propalou que os comunistas, na contracorrente dos seus adversários políticos, encamparam lutas pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores do campo e da cidade e procurou demonstrar a crescente influência dos camponeses no processo de consolidação da *"democracia, unidade e progresso"* do Brasil. Segundo ele, isso acontecia à medida que se os camponeses se organizavam em *"luta pacífica e dentro das leis do país pela liquidação da miséria e do atraso"* no campo, que comprometiam a produtividade agrícola e o bem-estar dos trabalhadores rurais.[459]

Discursou também o comunista Polidoro Rodrigues de Freitas sobre o tema *"As Ligas Camponesas e a campanha eleitoral"*. Para ele, o trabalho que realizado junto às ligas não

---

459. Idem.

consistia em esclarecer os camponeses sobre a importância da eleição de candidatos comprometidos com os *"interesses do povo"*. Segundo o discurso comunista veiculado na época, o voto constituía uma poderosa arma nas mãos dos camponeses que deveria ser usada conscientemente *"em favor daqueles que compreendem melhor as suas reivindicações"*, a fim de eleger os candidatos que realmente defendessem seus interesses. A atuação de Polidoro Rodrigues de Freitas na campanhas eleitorais, empreendidas pelo PCB, foi registrada numa certidão lavrada pela Delegacia Especializada de Ordem Pública de Minas Gerais (DEOP-MG), a qual revelou o seu empenho na mobilização e conscientização dos camponeses, das mulheres e dos negros: *"O fichado 'informa que as ligas camponesas estão em condições de fazer um bom trabalho e que possuem bons cabos eleitorais. Para isto devem ser promovidos lá mutirões, pagodes, com esclarecimentos nossos. Que devem comparecer a estas reuniões os candidatos. Que devemos trazer em Uberlândia a Dra. Las Casas para dar uma virada no elemento feminino. Propõe ainda a formação de bureau* [sic] *dos homens de cor'."*[460]

Por sua vez, o professor Nelson Cupertino, Secretário de Campo do Comitê Municipal do PCB, analisou as falas dos oradores que o antecederam e enfatizou a necessidade de conscientização dos camponeses sobre as *"causas da miséria e das sobrevivências feudais no Campo"*. Discorreu sobre a premência do estabelecimento de contratos justos de arrendamento das terras e conclamou os camponeses a se empenharem na conquista de suas reivindicações, numa *"luta unitária, pacífica e democrática"*. Por fim, reverenciou a participação do *"fazendeiro progressista"*, Esteliano Pereira de Rezende, nas atividades festivas da Liga de São Francisco.[461]

Após os discursos, foi realizado um leilão que visava angariar fundos para o pagamento das despesas da entidade. Em seguida, os violeiros que sempre animavam as festas camponesas fizeram suas apresentações entremeadas de canções populares e *"desafios de viola"*.

---

460. Delegacia Especializada da Ordem Pública de Minas Gerais. Certidão: Polidoro Rodrigues de Freitas. Serviço Público do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 08/09/1954, pasta 50-H-84, n.° do documento: 1492. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

461. Movimentada festa da Liga Camponesa de São Francisco. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p. 3, c. 2-6.

Conforme o jornal, o médico Joaquim Martins e o dentista Polidoro Rodrigues de Freitas atenderam a quase cem camponeses durante o evento. Também foram redigidos alguns telegramas endereçados ao presidente da Assembléia Nacional Constituinte e ao presidente da República, contendo reivindicações, protestos e reclamações dos camponeses aos poderes públicos federais. A exemplo, segue-se a transcrição de dois deles:

> *"Exmo. Sr. Dr. Melo Viana,*
> *Presidente da Assembléia Constituinte*
> *Palácio Tiradentes, Rio de Janeiro*
> *Os camponeses de São Francisco, município de Uberlândia, signatários deste, vêm a presença de Vossência, reivindicar parte constante da nova Carta Constitucional a questão agrária. É preciso ficar bem claro na nova Carta Constitucional, artigos e leis favoráveis à liquidação dos latifúndios improdutivos, da criação de um Banco Rural e nacionalização dos Bancos estrangeiros, empresas, trustes e monopólios que impedem nosso desenvolvimento e emancipação econômica.*
> *Tudo pela grandeza econômica de nossa pátria."*[462]

> *"Exmo, Senhor Eurico Gaspar Dutra - Presidente da República - Rio de Janeiro.*
> *Os abaixo-assinados, camponeses da Fazenda de São Francisco, vêm à presença de V. Excia. para protestar contra a vinda ao Brasil dos conhecidos fascistas poloneses do General Vladislau Anders.*
> *Ao mesmo tempo reivindicam junto ao seu Governo a criação do Banco Rural com a nacionalização dos Frigoríficos e dos Bancos estrangeiros.*
> *Tudo pela emancipação econômica e prosperidade de nossa Pátria."*[463]

A vinda dos poloneses *"fascistas"* foi contestada pelos trabalhadores rurais e urbanos de Uberlândia e de outros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano. Eles manifestaram seu repúdio ao presidente Dutra, por intermédio de telegramas, abaixo-assinados, comícios etc.; condenaram as *"regalias"* oferecidas aos imigrantes e sugeriram que, ao contrário, o governo deveria satisfazer as necessidades dos camponeses brasileiros e propiciar-lhes melhores condições de vida e trabalho no campo. Segundo os telegramas encaminhados, os *"mercenários fascistas"* viriam ao Brasil com a finalidade de reforçar as magras fileiras fascistas, sob pretexto de trabalharem no campo como colonos. A esse respeito, o jornal explicou que os *"poloneses fascistas"* teriam privilégios que os camponeses brasileiros jamais tiveram (casa própria, comida, energia elétrica, ferramentas de trabalho etc.). O arauto comunista propalou que isso era uma afronta dos *"reacionários fascistas"* que deveria ser combatida tenazmente pelos trabalhadores

---

462. Idem. p. 1, c. 1-6.
463. Idem.

do campo e recomendava que todos os *"homens da roça"* deveriam manter-se organizados, a fim de resistirem contra seus opressores e lutarem pela conquista e garantia dos seus direitos.

Outros telegramas foram encaminhados pelas ligas camponesas locais ao presidente Eurico Gaspar Dutra e à Assembléia Nacional Constituinte, nos quais os camponeses manifestavam suas aspirações, faziam protestos e reclamavam seus direitos. Um desses telegramas contestou os espancamentos dos manifestantes *"honestos e pacíficos"* do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. As ligas também emitiram moções de protestos contra a repressão aos movimentos populares reivindicativos e/ou contestatórios, e reclamaram o fim da ação repressiva da *"polícia fascista"*, a punição dos culpados e o afastamento de seus cargos.[464]

Na mesma edição que divulgou a festa da Liga Camponesa de São Francisco, foi publicado um artigo do camponês Joaquim Ferreira, que contestou as insídias anticomunistas do professor Jerônimo Arantes, inscritas na revista *Uberlândia Ilustrada* do mês de julho de 1946:

> *"O comunismo nefasto vem tentando infestar essa região, deturpando o sentimento patriótico do trabalhador rural."*[465]

Em contraposição, Joaquim Ferreira esclareceu que a verdade era bem outra, pois, o que, ao contrário, deturpava os sentimentos patrióticos dos camponeses eram os *"latifundiários desonestos, a miséria, o câmbio negro e o analfabetismo"*. Uma situação que, segundo ele, Jerônimo Arantes não suportaria viver *"um só dia"*.

Em concernência à acusação de que as Ligas Camponesas eram influenciadas e organizadas pelos *"agentes de Moscou"*, Joaquim Ferreira desafiou o professor a visitá-las para conhecer as suas reais finalidades:

> *"O professor Jerônimo Arantes, que há muitos anos exerce o cargo de Inspetor Escolar Rural, devia conhecer melhor a verdadeira e miserável situação dos nossos homens do campo; S. Senhoria que tem visitado e conhecido diversas fazendas, vendo nas mesmas muita fartura e conforto, esquece que em quase todas elas existem agregados morando em taperas imundas, que são verdadeiros focos de doenças,*

---

464. O povo exige o afastamento dos fascistas ainda enquistados no governo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/06/1946, ano 14, n.° 1175, p. 1, c. 1-3; Os elementos fascistas que ainda cercam o governo precisam ser afastados. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/06/1946, ano 14, n.° 1176, p. 1, c. 4-6. Os camponeses protestam. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/06/1946, ano 14, n.° 1178, p.4, c. 1-5.

465. "Meia" que só serve no pé do patrão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p. 2, c. 4-6.

> *vivendo maltrapilhos, descalços, doentes e famintos tudo isso pelo regime escorchante da 'meia', que só serve no pé do patrão.*
> *Faço aqui o meu protesto contra a inverdade assacada contra nós, nos taxando de 'agentes de Moscou', quando na realidade somos bem brasileiros, pois lutamos sem esmorecimento contra os 'agentes' do câmbio negro, contra os fascistas descarados, ligados ao latifúndio, contra os exploradores e inimigos do povo e contra os provocadores de intrigas."*[466]

Como se vê, ao contestar a perseguição anticomunista aos trabalhadores rurais organizados em ligas, Joaquim Ferreira denunciou a miséria das condições de trabalho e vida dos camponeses, em contraste com a abundância e o bem-estar dos grandes proprietários de terras, e atacou os contratos de meação que geravam a penúria dos *"roceiros"*, que trabalhavam *"sol a sol"*, na contraface do enriquecimento dos patrões. Ademais, combateu os *"inimigos do povo"* e exaltou a luta dos camponeses contra seus algozes – fascistas, latifundiários, anticomunistas, *"exploradores do povo"*... que, pela preservação dos seus interesses, viam/esqueciam, com naturalidade, a penúria dos camponeses e relegava-os ao abandono, à ignorância, à miséria...

Um dos problemas enfrentados pelos camponeses referia-se à inexistência de contratos escritos que assegurassem os direitos dos mesmos. Pôde-se constatar que, em geral, os tratos de arrendamento das terras eram selados verbalmente entre os proprietários e os meeiros, sem quaisquer garantias prescritas pelas leis. A palavra de honra entre contratantes e contratados mantinha-se inquebrantável enquanto nenhuma das partes alterasse a ordem pactuada. Mas, quando a *"simplicidade e a boa fé"*, a ignorância e o analfabetismo reinante entre os camponeses cediam lugar à consciência dos seus direitos (ou da falta deles), a reação do mais forte não era outra senão a violência, a brutalidade:

> *"(...) sem assistência alguma, sem organização de classe para a defesa de seus direitos o meeiro torna-se presa fácil dos abusos insaciáveis dos latifundiários que os tratam como servos, como verdadeiros escravos."*[467]

Na maioria dos casos de *"espoliação"* denunciados pelo jornal, situavam-se, de um lado, os camponeses que trabalhavam e cultivavam arduamente a terra, realizando nela vários tipos de benfeitorias; de outro, os *"latifundiários"* que, assemelhados aos *"senhores feudais"*,

---

466. Idem.

467. Espoliado pelo latifundiário - o camponês não pode voltar ao serviço. O Estado de Goiaz Uberlândia, 26/06/1946, ano 14, n.º 1177, p. 1, c. 2-5.

enredavam os camponeses em um crescente processo de endividamento, o qual, muitas vezes, resultava na apropriação das lavouras pelos donos das terras como forma de liqüidar as dívidas contraídas pelos meeiros.

Por um ou outro motivo, os fazendeiros forjaram várias expulsões de camponeses das suas fazendas, as quais ocorriam, geralmente, em épocas próximas às colheitas. Nessas circunstâncias, não lhes restava outra alternativa senão vender a sua parte na produção por um preço tão baixo que adentrava nas margens do prejuízo. Nos casos mais comuns, a expulsão ocorria de maneira que o camponês perdia a parte da lavoura à qual tinha direito, em decorrência das dívidas contraídas nas abjetas *"vendas"* dos chamados *"senhores feudais"* ou era despedido sem qualquer indenização.[468] Situações como essas transformaram-se, algumas vezes, em turbulentos conflitos, durante os quais os camponeses eram varridos das terras que cultivaram e beneficiaram, sem quaisquer direitos.

O jornal também denunciou os casos em que os donos das terras extorquiam parte da produção através de um desonesto processo de pesagem dos produtos ou mesmo de protelação da compra da parte da produção pertencente ao meeiro, visando esperar a secagem do produto, como o algodão, para a diminuição do peso.[469]

Os comunistas posicionaram-se contra essa deplorável situação em que viviam os camponeses e intentaram organizá-los em ligas, com vistas a promover sua *"conscientização"* acerca dos seus direitos e dos problemas sociais que acometiam a *"pátria"* e sua participação na *"vida pública"* nacional, *"exigindo justiça e lutando contra os restos feudais responsáveis pelo nosso atraso, clamando pelo progresso e pela democracia"*.

No ano de 1946, um encontro realizado em Uberlândia reuniu quarenta e oito camponeses, representantes de seis áreas rurais abrangidas pelas atividades do Comitê de Zona do PCB de Uberlândia (Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Sobradinho, São Francisco, Furnas e

---

468. O camponês é a eterna vítima - Expulso da fazenda não encontra amparo e não tem esperança de ser indenizado. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/09/1946, ano 14, n.° 1201, p. 4, c. 3-6.

469. O latifundiário iludiu um camponês, e não quer cumprir o que tratou com outro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 29/06/1946, ano 14, n.° 1178, p. 1, c. 2-6.

Canápolis). Durante o evento, pronunciaram-se os dirigentes das ligas, os quais pugnaram pela distribuição das terras monopolizadas pelo grandes proprietários e defenderam redução das taxas de arrendamento para 15%. Nas falas do camponês João Gomes, *"um dos homens mais queridos"* da região de Canápolis, os camponeses desejavam, sim, a posse da terra, mas a redução das taxas de arrendamento era uma grande conquista. O que foi confirmado também por Jerônimo Alvarenga. Na sua acepção, a redução das taxas significava a possibilidade de obtenção recursos que poderiam ser aplicados na compra de implementos agrícolas. O que iria para as mãos dos *"latifundiários"* tornar-se-ia investimento dos camponeses.[470]

Os representantes das ligas reclamavam que determinados proprietários de terras cobravam taxas de arrendamento até sobre as plantas e criações para uso doméstico. Em muitos casos, os camponeses eram proibidos de *"fazer quintal"*, e quando eles teimavam em fazê-lo as taxas incidiam com todo o seu peso sobre o terreno utilizado. Dificultava-se aos camponeses até a exploração da lenha, um combustível básico, e da madeira para construção de moradia. Contestaram, ainda, os preços extorsivos gêneros de primeira necessidade vendidos nos armazéns dos proprietários das terras e do lançamento de débitos exorbitantes nas chamadas *"escritas"* do fazendeiro. Reclamaram dos aluguéis de terras para criação de animais; dos preços cobrados pelo transporte de passageiros nos caminhões; da falta de transportes próprios e da falta de assistência geral aos *"homens do campo"*.

João Gomes, dirigente da Liga Camponesa de Canápolis, denunciou o analfabetismo reinante entre os camponeses daquela região. Mais de duzentos o número de crianças que estavam fora da escola, sem contar os adultos:

> *"Sim, o nosso sofredor homem do campo pede escola e o que faz a policia reacionária do governo, os patrões atrasados e os retrógrados? Pedem um destacamento da polícia e prendem pacíficos camponeses que pedem, através de suas ligas camponesas, pacificamente, uma saída para o seu drama."*[471]

As afirmações de João Gomes confluem para o depoimento da militante Olívia Calábria acerca das lutas comunistas da época. Segundo ela, a cada tentativa de criação de

---

470. Uma esperança que raia no horizonte. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 03/08/1946, ano 14, n.° 1188, p. 2, c. 2-5.
471. Idem.

creches, escolas e outros serviços que visavam a melhoria das condições vida dos *"pobres"*, o aparato policial incidia toda sua força e poderio para desmantelar e destruir os intentos dos comunistas.[472]

Além da organização de um movimento didático-conscientizador no campo, os comunistas desempenharam atividades de alfabetização e de assistência médica, odontológica e judiciária aos camponeses em várias áreas de atuação do Partido, como revelou João Gomes:

> *"Todos apelam para os médicos e dentistas do Partido Comunista (esses médicos e dentistas atuam sob a direção do PCB) que na medida do possível largam seus afazeres, sacodem seu comodismo e se dirigem ao campo no esforço de mitigar o sofrimento dos que trabalham na terra. (...)*
> *Em todos esses lugares as Ligas Camponesas, com a ajuda sincera do Partido da Classe Operária, de seus médicos, dentistas e organizadores representa uma esperança que raia no horizonte, pronunciando uma nova era..."*[473]

Conforme o relatório do DEOPS sobre atividades comunistas no Triângulo Mineiro, os médicos aproveitavam *"muitas amostras fornecidas gentilmente a eles por vários laboratórios"* para prestarem assistência farmacêutica ao povo, *"procurando, desse modo, obter simpatias e adeptos"*.[474] Em parte, Joaquim Ferreira também confirmou as afirmações do DEOPS. Segundo ele, os médicos comunistas, percorriam pelas fazendas com sacos de *"amostras grátis"*, fazendo consultas e distribuindo remédios gratuitamente.[475]

Contudo, se o assistencialismo empreendido pelos comunistas junto aos camponeses tinha ou não a finalidade arrebanhar votos para os *"candidatos do povo"*, infere-se que, de alguma forma, a atuação comunista parece ter despertado nos camponeses, pelo numa parte deles, a *"consciência"* da miséria e do abandono que os afogavam, pois, conforme os dados obtidos, muitos camponeses começaram a compreender seus direitos e a discernir seus interesses. Em decorrência, organizaram-se em ligas a fim de enfrentar os proprietários de terras e exigir dos poderes constituídos leis que assegurassem as suas reivindicações.

---

472. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.

473. Uma esperança que raia no horizonte. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 03/08/1946, ano 14, n.° 1188, p. 2, c. 2-5.

474. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/08/1958, p. 8, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

475. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.

Durante a Assembléia Nacional Constituinte de 1946, os trabalhadores rurais e urbanos enviaram telegramas reivindicativos, visando influenciar os deputados e os senadores a defenderem os *"interesses do povo"*, tais como a garantia da participação das classes subalternas no processo político, a instituição de leis que ampliassem/assegurassem os direitos dos trabalhadores e a consolidação da democracia.

Segundo o periódico, até mesmo a Associação Comercial e Industrial e Agropecuária de Uberlândia congratulou-se com o *"Senador do Povo"* pela sua indicação, na Constituinte, da suspensão das dívidas da agricultura e solicitou-lhe que continuasse a defender uma política econômica favorável aos pecuaristas.[476] Houve, inclusive, a manifestação de alguns pecuaristas da região do Brasil Central que agradeceram à bancada comunista pela defesa da *"pecuária nacional"*.[477]

Em regiões onde o setor agropecuário era o principal suporte da economia, os comunistas também debateram os problemas que afligiam os agricultores e os pecuaristas, principalmente os relativos à criação do *"gado fino"* provocados pelas *"manobras baixistas e insistentes dos frigoríficos anglo-americanos sobre o gado de corte, e a sua retração nas compras"*. Nas afirmações do jornal, esses problemas só existiam porque os pecuaristas estavam desunidos e desorganizados. Eles só poderiam derrotar patrioticamente o *"imperialismo monopolizador dos frigoríficos"*, a exemplo dos frigoríficos dos ingleses instalados nessa região, se houvesse uma efetiva organização da classe em defesa dos seus *"legítimos interesses"*.

Em tempo de Assembléia Constituinte, 1946, as manifestações em defesa das *"liberdades democráticas"* fortaleceram-se após a operação policial que empastelou o jornal comunista *Tribuna Popular* (ANEXO 6). Entre vários protestos contra esse atentado à liberdade de imprensa, foi constatado o repúdio das ligas camponesas locais inscritos nos telegramas que

---

476. Os agricultores defendidos pela bancada comunista. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 10/08/1946, ano 14, n.° 1190, p.1, c. 3-6.

477. Manifestam-se sobre a moratória os pecuaristas do Brasil Central. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 11/09/1946, ano 14, n.° 1199, p. 1, c. 2-5.

enviaram à Assembléia Constituinte. Elas contestaram a atitude repressiva do governo e denunciaram a ameaça à consolidação da democracia no país.[478]

Durante uma festa Pró-Imprensa Popular promovida pelas ligas camponesas de Canápolis e de Centralina, foram proferidos discursos que proclamaram a imperativa necessidade de lutar pela existência de jornais populares que realmente defendessem os interesses das classes subalternas. Segundo *O Estado de Goiaz*, a iniciativa dos camponeses arregimentados nessas ligas demonstrou compreensão de que, na luta por melhores condições de vida, era necessária uma imprensa combativa, como o *Tribuna Popular*, *Hoje*, *O Estado de Goiaz*, que denunciasse os *"interesses dos poderosos donos de terra, dos latifundiários retrógrados"*[479] e promovesse a politização das *"massas"*.

Durante a efervescência do movimento Pró-Imprensa Popular, Luiz Carlos Prestes visitou algumas cidades e capitais brasileiras e, conforme o anúncio d'*O Estado de Goiaz*, o Triângulo Mineiro seria novamente visitado pelo líder comunista. Relembrando o entusiasmo com que o povo recebeu o Cavaleiro da Esperança em Uberlândia, às vésperas do pleito eleitoral de 02 de dezembro de 1945, o jornal divulgou os preparativos da recepção. Afirmou o periódico que, naquela época, poucos camponeses puderam ouvi-lo, porque eles se encontravam em processo inicial de organização – ainda estavam *"presos atrás do arame farpado do latifúndio"*. Mas os novos tempos prometiam um entusiástico encontro dos camponeses com o *"Senador do Povo"*:

> *"Daquele dia até hoje grandes foram as mudanças havidas no campo. Continuam os restos feudais a oprimir o trabalhador rural, continua sendo ele vítima das piores explorações, continua desnutrido, doente, sem escola. Mas as amplas massas camponesas, durante este ano de 1946, ombro a ombro com os trabalhadores da cidade, arrebentaram a cerca do latifúndio, e unem-se cada vez mais com os agregados de uma fazenda aos agregados de outras, unem-se os meeiros, os peões, os cavouqueiros, os pequenos sitiantes, os fazendeiros progressistas.*
> *As ligas camponesas dia a dia, se fortalecem. Agora vem Prestes, o Senador do Povo, para o encontro com o trabalhador do campo. Irá onde estão os camponeses. Irá a Canápolis onde falará às amplas massas dos trabalhadores rurais. Mais uma vez o*

---

478. A Liga Camponesa defende as liberdades democráticas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 1, c. 5-6.

479. Os camponeses na luta Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/08/1946, ano 14, n.° 1203, p.1, c. 2-4.

> *Cavaleiro da Esperança, o herói da Coluna Invicta, penetrará nosso interior agora, para dar maior estímulo, para tornar mais forte, a luta organizada do homem do campo."*[480]

O jornal conclamou as ligas a se mobilizarem para a realização de uma grande recepção para o *"Senador do Povo"* e incitou os camponeses a deixarem, no dia, o seu trabalho e destinarem-se ao encontro com Prestes – o *"dirigente máximo do glorioso Partido Comunista do Brasil"*; o *"grande líder do proletariado e do povo brasileiro"*. Em nome do povo de Toribaté (Monte Alegre de Minas), o maestro e compositor Antônio Luiz de Souza (Tonato), famoso animador das festas camponesas, compôs a letra e a música do *"Hino do Proletariado"*, com o qual pretendia homenagear Prestes:

1ª

Proletários
Vanguarda esclarecida
Grande massa
Faminta e oprimida,
Façamos a nossa unidade
Para lutar
Pela nossa liberdade
Brasileiros
Sem distinção de classe,
Enfrentemos o inimigo face a face,
Unidos teremos a vitória
Que ficará para sempre na história

Estribilho

A fome tremenda se aproxima
A peste branca já infeta o nosso clima
Não temos terra
Não temos pão,
E os nossos filhos sem direito de instrução
Ó povo sem teto e sem terra,
O imperialismo está forjando nova guerra
Proletários
Somente a união é o caminho para a nossa salvação.

2ª

Ó classe escravizada,
Ouça o toque
Da grande alvorada,

---

480. O encontro de Prestes com os camponeses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/10/1946, ano 14, n.º 1205, p. 1, c. 2-3.

Avante! ó povo sofredor
Para lutar
Com Bravura e com ardor
Brasileiros
Ó povo varonil,
O canhão, a metralha e o fuzil
Jamais reterão nossa marcha
De unidade e defesa do Brasil.[481]

Durante os meses de outubro e novembro de 1946 visitaram Uberlândia importantes lideres comunistas como Armando Ziller, Orlando Bonfim, Claudino José da Silva, mas não foram constatadas notícias que confirmassem a visita do *"Senador do Povo"*, naquele ano.[482]

O movimento camponês, como foi dito antes, abrangeu vários municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano.[483] Além do município de Uberlândia, Araguari, Canápolis, Monte Alegre de Minas (Toribaté), Indianópolis (Furnas) e Uberaba tornaram-se centros da organização camponesa.

A fundação das ligas camponesas nos municípios de Indianópolis e Uberaba aconteceu no início de outubro de 1946. Os rituais de instalação das ligas camponesas nessas localidades não diferiram, em essência: discursos, sabatinas, shows, bailes, leilões, barraquinhas, etc. Em geral, os recursos adquiridos durante esses eventos eram destinados ao pagamento das despesas de manutenção das ligas.

José Virgílio Mineiro, Mário Faria, Jonas Ayube, Polidoro Rodrigues de Freitas, Roberto Margonari, Nelson Cupertino, João Jorge Coury, Fernando Francisco de Azevedo, Elson Costa, Áulio Mendes Diniz, João Gomes Diniz e outros foram combativos comunistas que

---

481. Toribaté prepara-se para receber Luiz Carlos Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/10/1946, ano 14, n.º 1205, p. 1, c. 5-6.

482. Uma das últimas notícias da visita de Prestes ao Triângulo Mineiro justificou o adiamento da data, em decorrência da postergação das férias parlamentares para depois do dia 20 de outubro. Por isso, não tinha sido possível fixar a data da visita do *"Cavaleiro da Realidade"* – o que ocorreu somente em 1947, às vésperas do pleito eleitoral. Cf. Prestes virá a Uberlândia depois do dia 20. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/10/1946, ano 14, n.º 1207, p. 1.

483. Vários artigos do jornal *O Estado de Goiaz* demonstraram o movimento organizativo dos camponeses dessa região, destacando-se inclusive a fundação da Federação dos criadores goianos, conforme os seguintes artigos: Organizam-se os camponeses goianos, 03/07/46, n.º 1179, p. 4, c. 1-2; Já têm sua célula os agricultores da Fazenda Lageado - o PCB esperança da massa camponesa, 06/07/46, n.º 1180, p.1, c. 2-4; Para frente pecuaristas! Somente organizados conseguirão se emancipar do capital colonizador, 13/07/46, n.º 1182, p.1, c. 4-6; Bárbaro crime em Corumbaíba, 20/07/46, n.º 1184, p.1 e 4 ; Camponeses goianos, 24/07/46, n.º 1185, p. 2, c. 5-6; Os criadores goianos fundaram a "Federação dos Criadores de Goiaz" - Querem que os demais Partidos apoiem a proposta da bancada comunista, 14/08/46, n.º 1191, p. 1, c. 1-3.

estiveram à frente do processo de organização dos camponeses no Triângulo Mineiro e no Sudoeste Goiano. Os atos de fundação da Liga Camponesa de Uberaba (Capão da Onça), revelaram isso. Durante o evento, foram proferidos discursos dos dirigentes camponeses que proclamaram a necessidade de união e de organização dos *"trabalhadores da roça"* em torno de suas entidades representativas. Eles esclareceram o caráter e as finalidades da liga e pontuaram as suas diretrizes de luta. João Gomes Diniz, em seu discurso, propagou os objetivos das lutas camponesas: *"melhores salários para os camponeses assalariados, baixa no arrendo para os meeiros e arrendatários, crédito mais fácil para os pequenos sitiantes. Escolas para os filhos de todos os camponeses, melhor alimentação e ambulatório médico dentário, enfim, uma vida digna de ser vivida, que o nosso homem do campo ainda não conhece."*[484]

Outras atividades constatadas, nas áreas influenciadas pelos comunistas uberlandenses, referiram-se à Liga Camponesa de Furnas que realizou sua primeira festa, em 29 de setembro de 1946, a qual contou com a presença e os discursos dos comunistas uberlandenses Valdemar Silva e João Cândido e com a assistência prestada aos camponeses pelo médico João Martins e pelo dentista Polidoro de Freitas Rodrigues. No ritual da sabatina, Valdemar Silva proclamou a necessidade de os camponeses organizarem-se em Ligas que, efetivamente, os defendessem dos grilhões da escassez. Em seu discurso, as ligas eram o único caminho a partir do qual os camponeses conseguiriam conquistar a melhoria das condições de trabalho e vida no campo. Afirmou que essa luta demandava a existência de jornais que defendessem a causa camponesa, denunciasse os problemas que os afligiam e divulgassem suas reivindicações. Concitou os camponeses a participarem da Campanha Pró-Imprensa Popular, prestando solidariedade e auxílios de diversas formas ao movimento. O discurso da *"jovem"* Maria de Oliveira também foi destacado pelo jornal. A camponesa denunciou a *"incompreensão de alguns"* camponeses e a perseguição que vitimava a entidade; afirmou que a liga não tinha caráter político-partidário, não era partido político, mas uma organização que visava *"congregar em seu*

---

484. Fundada a primeira Liga Camponesa de Uberaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/10/1946, ano 14, n.° 1206, p. 1, c. 4-5; p. 3, c.5-6.

seio toda pessoa que tenha renda e sustento, a exploração agrícola e pastoral"; esclareceu o caráter e as finalidades da liga; expôs o estado de abandono e miserabilidade dos camponeses; e concitou a todos, homens e mulheres da *"roça"*, católicos, espíritas e protestantes a lutarem pelos seus reais interesses por intermédio da Liga Camponesa, para que juntos pudessem construir um futuro melhor.[485] Por sua vez, o secretário da liga se pronunciou contra os rumores disseminados pelos *"quinta colunistas"* que atemorizavam os camponeses com falácias de que a polícia prenderia todos os participantes das atividades promovidas pelas ligas. Afirmava ele que, além de enfrentarem a fome e a miséria, essas entidades tinham que lutar *"contra os boateiros"*.[486]

Segundo *O Estado de Goiaz*, as péssimas condições de vida e trabalho dos camponeses de Indianópolis concerniam à falta de assistência médica, odontológica, jurídica e educacional, às péssimas condições das estradas e dos transportes e às extorsivas taxas de arrendamento das terras.

Ademais, os camponeses reclamaram da precocidade com que seus filhos começavam a trabalhar, e da falta de escolas públicas onde eles pudessem estudar, da falta e da precariedade das ferramentas de trabalho e das miseráveis rendas que lhes deixavam na penúria, na falta de quase tudo.

Conforme Joaquim Ferreira, os camponeses viviam na miséria e no abandono. Os fazendeiros não lhes proporcionavam nenhum tipo de assistência e, em decorrência da miserabilidade das condições de vida no campo, o trabalho do PCB encontrou terreno fértil. Por intermédio de seus militantes – destaque para os médicos, dentistas e professores – os ativistas do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia, em suas atividades de campo, pregavam as diretrizes da luta comunista e prestavam assistência geral aos *"homens da roça"*. Conforme o relato de Joaquim Ferreira, havia, inclusive, alguns *"fazendeiros progressistas"* que patrocinavam as causas jurídicas dos camponeses necessitados. [487]

---

485. Festa na Liga Camponesa das Furnas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/10/1946, ano 14, n.º 1206, p. 1, c. 1-5.
486. Idem, p. 4, c. 6.
487. Joaquim Ferreira afirmou que os tipos de assistência acima mencionados eram os mais comuns, embora o PCB prestasse aos camponeses outros auxílios. Entrevista realizada em junho de 1991.

Nota-se que a problemática relativa às condições de vida dos camponeses do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano era semelhante e os clamores das ligas ressonavam as mesmas queixas: exploração, abandono, miséria, doença e analfabetismo. Elas reclamavam da exclusão dos direitos sociais a que estavam submetidos os *"homens da roça"* e da necessidade de sanar a penúria da vida no campo. Reivindicavam a redução nas taxas de arrendamento das terras, o barateamento dos instrumentos e dos produtos utilizados no trabalho agrícola e a melhoria das condições infra-estruturais do campo como transportes, estradas e pontes. Os camponeses almejavam coisas aparentemente simples mas vitais, como condições de plantar abóboras em seu quintal e/ou de criar algum gado para o sustento da prole, sem que as taxas de arrendo incidissem, com todo seu peso, sobre essa produção. Mediante a miserabilidade no campo, os comunistas denunciaram as deploráveis condições de vida que afligiam os camponeses e pregaram a organização dos mesmos a fim de lutar contra a penúria na qual eles estavam imersos.[488]

5. Campo vermelho: lutas camponesas em Canápolis

Tempos depois, em 1947, o PCB foi colocado na ilegalidade. A partir desse momento, as ligas camponesas, conforme alguns dados obtidos, continuaram subsistindo, mas, a não ser quando suas ações afiguravam-se extremas, ameaçadoras, a imprensa local quase nada noticiava a respeito delas. Os jornais comunistas que, provavelmente, divulgaram suas atividades (clandestinas ou não), a exemplo do que fez *O Estado de Goiaz*, foram empastelados, devido a repressão que se instaurou a partir de 1947, decorrente tanto da propagação da doutrina Truman contra o comunismo, quanto, posteriormente, da publicação do *Manifesto de Agosto de 1950*, que propôs a radicalização das lutas camponesas.

Em 1948, o jornal *Correio de Uberlandia* alardeou a desarticulação de um movimento, *"reunião-comício"*, em Canápolis que, entre outras coisas, visava lançar as bases da organização do Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, cuja realização estava prevista

---

488. Festa na Liga Camponesa das Furnas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/10/1946, ano 14, n.º 1206, p. 1, c. 4-5.

para o dia 25 de abril daquele ano na Fazenda das Flores, de Milton Vilela, um dos expoentes do comunismo regional.[489] A reunião, conforme os boletins veiculados na época, contaria com a presença dos *"vereadores de Prestes"*, Roberto Margonari, de Uberlândia, Hilda Ferreira, de Araguari e da deputada procurada pela polícia de São Paulo, Zuleika Alembert, que embarcara para Uberlândia, tão logo assinou o *"célebre manifesto que determinou a prisão de vários líderes vermelhos que estavam tentando perturbar a ordem pública"*.

Impresso em Araguari por Fernando Magalhães, o jornal *A União Camponesa*, n.° 1, ano 1, publicado em 01 de abril de 1948, foi o meio de propagação das idéias básicas que norteariam as teses do Congresso e as atividades programadas para o dia. Sob a recomendação de que *"fosse lido e passado adiante"*, cento e cinqüenta exemplares do periódico foram distribuídos aos *"roceiros"* para que pudessem conscientizar-se da necessidade de mudar a situação de penúria e miséria na qual viviam. Os boletins e o jornal espraiados pelas roças procuraram esclarecer a reforma agrária e preconizaram a distribuição das terras aos camponeses e o fim do sistema de produção baseado nos contratos de meação. O propósito do Congresso, conforme o *Correio de Uberlandia,* era fazer um estudo da reforma agrária segundo o modelo soviético. Mas a polícia não tardou a tomar conhecimento dos *"planos vermelhos"*. Partiu para a repressão:

> *"Foram realizadas diligências nos córregos de 'Condugo', da Areia dos Bois, do Bálsamo, do Bebedouro, do Solta Cavalo, do Cerrado, todos eles pequenos núcleos onde está, de maneira impressionante, difundida a doutrina do Kremlin. Em cada córrego há um ou dois 'sabidões', chefes de células, ignorantes e rústicos, porém, que exercem influência sobre os companheiros. E, a doutrina é pregada á sua maneira, concitando o povo à revolta, à desobediência ao governo constituído, tentando com a redivisão gratuita das terras (...) Em geral tais indivíduos, os de células, são os mais preguiçosos, os mais embrulhões, os mais atrevidos de quantos por lá residem. Entre eles figuram trampolineiros contumazes, como acontece com João Gomes Martins, o qual deixa a família na penúria, vivendo às expensas da sogra e fazendo o ofício de 'doutrinas de massas', não passando afinal de contas de fila-bóia. João Umbelino, Joaquim Florêncio, Fernando Magalhães – este procedente de Araguari, indivíduo perigoso, insinuante, altamente revoltado e de mais instintos são outros chefes locais."*[490]

---

489. Desarticulado em Canápolis um movimento destinado a provocar desassossego e inquietação. Correio de Uberlândia. Uberlândia. 08/04/1948, ano 11, n.° 2.378, p.1, c. 1-5.

490. Idem.

O comunista Joaquim Ferreira relatou que Canápolis e as cidades circunvizinhas passaram a ser vigiadas militarmente: *"a polícia veio aqui para matar a massa camponesa"*.[491]

Conforme o *Correio de Uberlandia*, os policiais bloquearam os pontos de entrada do distrito, mantiveram um vigilante patrulhamento e prenderam os *"elementos"* que apareciam para a reunião. Dos onze presos, alguns foram soltos e outros enviados à cadeia de Monte Alegre de Minas (Toribaté). Nas observações feitas pelo *Correio de Uberlandia*, a imposição da doutrina comunista chegou a tal ponto que, em Canápolis, um professor *"rural"*, Francisco Veloso, *"mandava os seus alunos ajoelharem em caroços de milho, até que aderissem ao credo vermelho"*. [492]

Durante as diligências em Canápolis, a polícia apreendeu boletins, jornais, *"mimeógrafo novo"*, máquina de escrever de fabricação suíça *"nova"* – estes últimos encontrados sob uma moita localizada num brejo próximo às terras do Condugo, de propriedade de Valdemar Pereira da Costa. Segundo o jornal, o delegado procurou coletar depoimentos dos cabeças do movimento e contatou com os populares de Canápolis, que se arrependidos por *"abraçarem a causa tão ingrata. O que somente lhes tem dado preocupações. Ignorantes, incautos, mal esclarecidos, têm eles ido na onda da lábia dos 'sabidões'."*

Afirmou o *Correio de Uberlandia* que muitos *"canapolinos"*, os homens de mando, talvez, solicitaram às autoridades policiais de Uberlândia o impedimento da realização das atividades comunistas no distrito, a fim de que não fosse obstado o processo de autonomia municipal de Canápolis em andamento naquela época.[493] Os *"canapolinos"*, conforme o jornal, eram pacíficos, ordeiros e laboriosos, como provavam as extensas lavouras de arroz, milho, gergelim e outros produtos cultivados nas vastas terras da região. Reclamou que não era justo fincar a pecha comunista em toda a população de Canápolis, tão somente por causa da ação dos fanáticos, dos *"chefes vermelhos"*, que viviam incitando as *"massas"* no Triângulo Mineiro.

---

491. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.

492. Idem.

493. Em 22 de julho foi veiculada a notícia da aprovação unânime da autonomia municipal desse distrito. Cf. Canápolis será município. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 22/07/1948, ano 11, n.° 2.450, p. 1, c. 1-3.

Segundo o jornal, Canápolis tinha comunistas, mas, em contrapartida, muitos dos seus moradores não toleravam o *"bolchevismo soviético"*. Por sua vez, o DEOPS-SP foi taxativo: Canápolis era majoritariamente comunista. Outros dados obtidos também confirmaram a expressiva receptividade da população canapolina às propostas de lutas encampadas pelos comunistas naquele distrito, salvos os indiferentes e aqueles, que, como afirmou o *Correio de Uberlandia*, não toleravam a política comunista.

Quase dois anos depois, em fevereiro de 1950, o *Correio de Uberlandia* noticiou o movimento dos camponeses de Canápolis, os quais, sob a orientação comunista, intentaram organizar uma liga na Fazenda Piratininga, propriedade da Southern Territories Ltda., gerenciada pelo administrador Charles Young:

> *"Esse movimento foi motivado pelo fato de haver sr. Charles Young resolvido transformar em pastagens as terras até então aproveitadas em lavouras, o que ia sendo feito à medida que venciam os contratos lavouristas."*[494]

Conforme o jornal, os comunistas Arlindo Gomes, presidente da Liga Camponesa de Canápolis, e Eurico Amaral mobilizaram 150 camponeses e os congregaram em um reunião, a qual foi transformada em assembléia, com a finalidade de discutir e resolver os problemas que os afligia na chamada fazenda dos ingleses. Durante a assembléia, realizada no dia 23 de fevereiro de 1950, as discussões concentraram-se em torno de duas propostas: *"1.º) que se arrancasse o capim já plantado pelo gerente, mantendo as lavouras feitas que seriam posteriormente divididas entre os presentes; 2º) que os presentes invadissem as matas da propriedade e abrissem novas lavouras"*.[495]

Aprovada a primeira proposta, o *"líder vermelho"* Arlindo Gomes comunicou ao gerente da fazenda a decisão e, em seguida, mais de 100 camponeses invadiram as terras onde se encontravam as pastagens e passaram a arrancar o capim, o que, segundo o jornal, gerou altos prejuízos aos proprietários da fazenda.

---

494. Gravíssimos acontecimentos no município de Canápolis. Correio de Uberlandia. Uberlândia. 28/02/1950, ano 12, n.º 2850, p.1, c. 1-4.

495. Idem.

Naquele mesmo dia, à noite, os camponeses reuniram-se em assembléia, mas foram obstados pela polícia.[496] O Delegado Especial, Georgino Jorge de Souza e seus soldados promoveram um tiroteio no local da reunião e prenderam 29 *"delinqüentes"*, revistaram os camponeses apresados e o rancho onde se reuniram e apreenderam *"farto armamento e respectiva munição e grande quantidade de material de propaganda comunista"*. Os detentos foram encarcerados e autuados pelo crime de dano, invasão de propriedade, resistência e desobediência à autoridade etc.

Segundo o jornal, ao terminar a diligência, a polícia revistou o local para averiguar a existência ou não de vítimas, mas nada foi constatado. No entanto, cinco dias depois, um cadáver, em estado de putrefação e carcomido pelos corvos, foi encontrado boiando no brejo. Recolhido pelas autoridades policiais, o cadáver foi encaminhado para necropsia, que seria realizada pelo Dr. Adriano Pena. O desenlace dos resultados da necropsia não foi publicado pelo jornal, entretanto, o depoimento de Joaquim Ferreira, ao afirmar que a polícia em combate ao comunismo atirava para matar, indica possibilidades de o corpo ter sido de um dos camponeses que invadiu a propriedade dos ingleses.

A atuação dos camponeses, entre 1948 e 1950, demonstra um certo alinhamento das ligas camponesas com as diretrizes políticas comunistas consubstanciadas no *Manifesto de Agosto de 1950*. Preconizando a *"solução revolucionária"* para os problemas nacionais, o libelo defendia a liqüidação das *"bases econômicas da reação"*. Uma delas concernia à *"confiscação das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, sem indenização e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, abolição da 'meia', da 'terça' etc. abolição do vale e obrigação de*

---

496. Outra nota afirmou que a reunião ocorreu na madrugada do dia 24 de fevereiro de 1950.

pagamento em dinheiro à todos os trabalhadores. Imediata anulação de todas as dívidas dos camponeses para com o Estado, bancos, fazendeiros, comerciantes e usurários."[497]

As propostas de acirramento das lutas por paz, pão terra e liberdade contidas no *Manifesto*, por um tempo, animou as expectativas e a atuação de pelo menos uma parte dos comunistas de Uberlândia e de outros municípios do Triângulo Mineiro. A idéias de democracia e liberdade, a luta por uma vida digna, o desmascaramento da dominação e exploração dos *"latifundiários"*, os embates contra os *"senhores feudais"* que, com seu sistema *"semi-feudal"* de produção, imergiam os camponeses na penúria etc. balançaram a consciência de, pelo menos, uma parte dos camponeses congregados nas ligas do Triângulo Mineiro. Entrementes, também provocou o medo de muitos outros camponeses. Como testemunhou Joaquim Ferreira, eles sabiam o que os *"latifundiários"* eram capazes de fazer quando os seus direitos de propriedade eram afrontados: senão perseguição, morte.

Os temores de que esses camponeses tinham das propostas de luta no campo podem ser percebidos na experiência de José Virgílio Mineiro, testemunhada por Joaquim Ferreira, quando realizava seus trabalhos junto ao campesinato. Ao esclarecer os motivos que geravam o estado de abandono e penúria em que os camponeses viviam nessa região, o comunista conclamou-os a lutar pela distribuição das terras para os que nelas viviam e trabalhavam. Em resposta, um dos seus ouvintes afirmou que os camponeses não tinham condições de empunhar aquela bandeira de luta: *"se nós for falar em dividir terra, os fazendeiro mata nós"*.[498]

Se, por um lado, os camponeses demonstraram simpatia pela possibilidade de obtenção de um pedaço de terra, por outro, revelavam-se tomados pelo medo da perseguição e da violência dos fazendeiros e dos policiais. Conforme o relato de Joaquim Ferreira, os camponeses tinham consciência do perigo dessa luta, mas os comunistas não: *"jogavam a turma no fogo"*.

Joaquim Ferreira se considerava um comunista convicto, mas condenava qualquer tipo de sectarismo, ou do que ele que designou *"esquerdismo doentio"* que, sob os influxos do

---

497. PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Agosto de 1950. In: VINHAS, Moisés. Op. cit. p.151-153.
498. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.

Manifesto de Agosto de 1950, acometia muitos comunistas na época. A exemplo, ele relatou, em tom de brincadeira, o caso de um *"extraordinário"* militante comunista de Araguari, Juca Ferreira, que afirmara sentir enjôo todas as vezes que passava em frente a um banco, porque uma organização burguesa.

Joaquim Ferreira não concordava com a maioria das orientações comunistas de luta no campo decorrentes do *Manifesto de Agosto*, por julgar que elas estavam *"erradas"*, inadaptadas às reais condições de trabalho e vida dos camponeses da região do Triângulo Mineiro. Discordava, por exemplo, da luta pela divisão da terra, naquele tempo, porque as condições não eram propícias, mas não aprofundou suas explicações a esse respeito, reduzindo-as a sectarismos e radicalismos que acometiam os comunistas mais atuantes e as lideranças nacionais que orientavam o trabalho do partido nessa região, os quais imobilizavam outras possibilidades de luta fora da moldura política do *Manifesto de Agosto*. Também considerou que não eram favoráveis as condições de realização do já mencionado congresso camponês em Canápolis. Nas afirmações de Joaquim Ferreira, tratava-se de um congresso de cúpula, vista a participação de Zuleika Alambert e Roberto Morena, com a finalidade de arregimentar as propostas de luta em defesa da divisão das terras para os camponeses. Contudo, os camponeses mantiveram-se alheios às discussões que se pretendiam articular durante o evento, uma vez que a *"massa camponesa"* temia tanto falar da problemática da exploração dos camponeses, quanto participar de um congresso que preconizava a divisão de terras.

Na avaliação de Joaquim Ferreira, adepto da política de alianças, por assim dizer, a realização do congresso camponês de Canápolis fracassou, porque o partido deveria ter feito um intenso trabalho de esclarecimento junto à *"massa camponesa"* e articulado entendimentos com os pequenos proprietários de terras, para, assim, incorporar, nas teses do congresso, as suas reivindicações. Em resposta às suas proposições, os organizadores do congresso acusaram Joaquim Ferreira de compactuar-se com os interesses pequeno-burgueses – postura política esta que, numa visão mais radicalizada de luta, poderia dificultar o trabalho dos comunistas no campo.

Das lembranças que povoavam a memória de Joaquim Ferreira, a do Congresso de Canápolis e os trabalhos assistencialistas junto aos camponeses foram as mais marcantes. Em sua

avaliação, a atuação dos comunistas no meio camponês, por intermédio das ligas, foi positiva. Contudo, *"se o trabalho tivesse sido feito com mais habilidade teria dado um resultado maior, mas mesmo assim deu resultado grande"*.

A continuidade dessa luta, tempos depois, foi atenuada/interrompida pelas *"mãos de ferro"* da repressão que, nos dizeres d'*O Estado de Goiaz*, mais uma vez turvaram a *"esperança que raiava no horizonte"* e, por muito tempo, baniram não só os ares da tão sonhada democracia do cenário político brasileiro como também significativas partes dessa história. Como testemunhou Joaquim Ferreira, o trabalho da liga sob sua direção, *"estava muito bom"*, mas foi destruído: *"a Liga de Sobradinho foi incendiada pelo governo. Tinha sido arrasada."*[499]

---

499. Idem.

CAPÍTULO V

VEREADORES DE PRESTES NOS ESPAÇOS DA POLÍTICA, EM TEMPO DE *CAÇA ÀS BRUXAS*

"A miséria é um abismo intransponível entre o homem e a liberdade"

José Virgílio Mineiro

Em tempo de *caça às bruxas*, os ares da democracia se desvaneciam e, a partir de 1947, o fantasma da repressão rondava, novamente, o cenário político nacional e local, emergindo uma velha conhecida não só dos comunistas, mas também dos bravos trabalhadores, que resistiam aos ditames do governo e lutavam por melhores condições de vida: a opressão da liberdade.

Em linhas gerais, a política internacional mudava de rumo e dividia o mundo em dois blocos antagônicos: o capitalista e o comunista. Temendo uma virtual hegemonia soviética do mundo, os EUA arregimentaram esforços para conter possíveis avanços da URSS: era preciso impedi-la de ultrapassar os limites territoriais do globo que lhe couberam após a Segunda Guerra. A bizarra aliança entre o capitalismo e o comunismo esfacelou-se. As nações democráticas romperam suas relações com o mundo comunista e posicionaram-se ao lado dos EUA que lutavam absolutos pela supremacia capitalista do globo.

Intensificada a Guerra Fria, a atitude do governo brasileiro, representado por Eurico Gaspar Dutra, não foi outra senão aliar-se ao bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos: rompeu as relações diplomáticas com a URSS, reprimiu o movimento comunista, que, na época, se fortalecia em vários cantos do país; e fechou as sedes legais do PCB. O governo brasileiro também interveio arbitrariamente nos sindicatos e solapou as manifestações dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e salários, por meio da suspensão do direito de greve – garantido

pela Constituição de 1946. O gosto da vitória dos comunistas no Brasil, e, quiçá, noutras partes do mundo, durou pouco; logo os comunistas se viram novamente imersos na ilegalidade e na clandestinidade.

Contudo, antes mesmo que os sufocantes ares da repressão asfixiassem, por um prolongado tempo, a democracia na política brasileira, os representantes comunistas puderam vivenciar, além da sua participação na Constituinte de 1946, uma breve experiência nos espaços da política conquistados nas eleições federais, estaduais e municipais de 1947.

No pleito eleitoral de 19 de janeiro de 1947 para sucessão parlamentar federal e estadual, o PCB conquistou a quarta posição entre os partidos que pleitearam os cargos do Congresso Nacional e das Câmaras Estaduais; conseguiu acrescentar à Câmara Federal dois deputados, Pedro Pomar e Diógenes Arruda; elegeu 46 deputados em quinze assembléias estaduais e 18 componentes na Câmara dos Vereadores do Distrito Federal. Os comunistas Abraão Isaac Neto e Afrânio Francisco de Azevedo – que atuaram em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano em 1945 e 1946 – foram eleitos à Câmara Estadual de Goiás.[500] Em Minas Gerais, o PCB elegeu Armando Ziller à Câmara Estadual, com 2.845 votos, e cinco suplentes, destacando-se, entre eles, o comunista uberlandense Roberto Margonari que ocupou o quarto lugar na classificação eleitoral dos suplentes.[501] Os candidatos ao governo do Estado apoiados pelo PCB, Milton Campos e Bias Fortes, também venceram as eleições (ANEXO 8). Ao avaliar o desempenho do PCB nessas eleições, a Executiva do partido concluiu que os ganhos políticos nesse processo eleitoral representaram o triunfo da

---

500. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 88-89.

501. Desempenho eleitoral do PCB em Minas Gerais:
MINAS GERAIS
Deputados Estaduais
Armando Ziller..... 2.845
Suplentes
Lindolfo Hill..... 1.600
Jacinto Augusto de Carvalho..... 1.201
Sebastião Francisco de Azevedo..... 1.150
Roberto Margonari..... 1.122
Orlando Bonfim Júnior..... 944
(Cf. CHICOLTE, Ronald. Op. Cit. p. 321).

democracia e a derrota das forças reacionárias. Assim, os comunistas despontavam, até certo ponto, vitoriosos no cenário político brasileiro, avançando no processo de concretização do programa da União Nacional. Conforme a política comunista nacional, a partir daquele momento, era preciso apoiar todos os governantes democratas e lutar para que os interesses populares fossem contemplados em suas administrações.

Todavia, a existência legal dos comunistas no cenário político nacional foi breve. Em maio de 1947, o Tribunal Superior Eleitoral cassou o registro do PCB e o imergiu na ilegalidade. Se, por um lado, os democratas indignaram-se com tal medida atentatória à liberdade, por outro, os "reacionários" celebraram o acontecimento:

> *"Ninguém em sã consciência e excluindo qualquer manifestação de egoísmo partidário, negará a força dissolvente no partido agora alijado do convívio legal, mas examinando-se ao mesmo tempo a fórmula manipulada para a sua inclusão no seio da legalidade (...).*
> *(...)Visceralmente contrários a inclusão de qualquer inovação alienígena em nossa forma de governo, sempre dentro de uma unanimidade de opiniões sensatas, condenamos os métodos postos em prática pelos moscovitas, pois conhecedores do sistema de governança adotado em sua realidade, não poderíamos abraçar hoje o que sempre repudiamos pelo ir de encontro à nossa formação de povo entusiasta da liberdade."* [502]

No final de 1947, procedeu-se às eleições municipais, as quais já não podiam mais contar com a inscrição oficial dos candidatos comunistas sob a legenda do PCB – uma vez que o registro do partido fora cassado pelo TSE.

Em Uberlândia, acirradas disputas plasmaram as campanhas eleitorais. De um lado, perfilavam os pessedistas, do Partido Social Democrático (PSD), os comunistas, inscritos no Partido Popular Progressista (PPP),[503] e os petebistas, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); de outro, os udenistas, os quais formaram a chamada Coligação Democrática de Uberlândia, integrando a União democrática Nacional (UDN), o Partido da Representação Popular (PRP) e o

---

502. O fechamento do PCB. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 10/05/1947, ano 10, n.º 2.150, p.1, c. 1-5.

503. Sob a presidência de José Virgílio Mineiro, os comunistas tentaram fundar em Uberlândia o Partido Popular Progressista (PPP), mas o seu registro não foi reconhecido pelo Supremo Tribunal Eleitoral. Enquanto aguardavam a decisão da justiça eleitoral os comunistas uberlandenses, nas eleições de 1947, fizeram coligação com PSD.

Partido Republicano (PR). Oficialmente, os seis partidos coligaram-se em duas grandes frentes eleitorais, que se resumiam na oposição UDN x PSD.

Entre outras, comícios, manifestações públicas, disseminação de boletins e panfletos, pichação de muros e ruas, pronunciamentos por meio de alto-falantes constituíram as práticas mais comuns da propaganda eleitoral comunista dessa época. Manifestos contra a política arbitrária e repressiva do governo Dutra e contra a administração antipopular do governo estadual, repúdio à cassação do registro do PCB e dos mandatos do *"delegados do povo"*, protestos contra a perseguição aos democratas em geral, entre outras contestações, compuseram os lemas dos discursos propagandísticos dos comunistas locais. Empunhando a bandeira da União nacional; preconizando a democracia, a liberdade e a união de todos em torno da luta pela melhoria das condições de vida e contra o fascismo e os *"restos feudais"*, os comunistas saíram às ruas de Uberlândia, intentando mobilizar diversos segmentos populares para sufragarem a eleição dos seus candidatos e a dos que eles apoiavam em aliança.[504]

As táticas da propaganda eleitoral comunista intrigaram os seus adversários políticos e provocaram a repulsa do *Correio de Uberlandia*, arauto dos udenistas. Na contracorrente dos seus opositores, o referido jornal repudiava a aliança selada entre pessedistas e comunistas, espraiando a crença de que os aliados dos comunistas estavam sendo transubstanciados no vermelho inflamado do comunismo – o que se revelava na maneira como os comunistas tomavam a frente das decisões da dita aliança e, aos poucos, absorviam os seus aliados. Nas propagandas, nos comícios e nas manifestações públicas, os comunistas eram vistos como peritos na arte e na técnica da propaganda e dominavam os rumos da campanha eleitoral:

> *"Nos comícios, quase sempre a maioria absoluta dos discursos compete aos comunistas, que, tomando conta do microfone, dirigem a festa, anunciam os oradores, falam mais que ninguém e, às vezes, ainda se esquecem de se referir ao senhor Tubal Vilela da Silva (...)*
> *Outro fenômeno que se pode observar é que, a sede pessedista da rua Getúlio Vargas vai aos poucos sendo tomada pelos comunistas, que em maior número ali se*

---

504. O comício do Partido Popular Progressista. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 02/09/1947, ano 10 n.° 2.224, p.1 e 3; O Partido Social Democrático está se esfacelando. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 07/10/1947, ano 10, n.° 2.250, p.1, c. 1-5 (Divulgação da UDN); In Extremis. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 06/11/1947, ano 10, n.° 2.272, p.1, c. 6-7.

> *apresentam a todas as horas, com ares de donos da casa. Sempre aos grupos, principalmente a tarde, formam o centro das discussões que surgem, tornando-se realmente os mentores das operações que se estudam.*
> *Os anúncios das reuniões, as calçadas se sujam de cal, o caminhão que sai à rua com o alto-falante gritando que tal parte haverá um comício, tudo agora vem dos comunistas, aptos em tal tipo de propaganda é que a esse respeito podem dar lição a qualquer um. Infatigáveis, perseverantes, com uma técnica experimentada sabem trabalhar, dia e noite, pregando cartazes, rabiscando muros e fundando sociedades efêmeras para isso e aquilo, numa perfeita fagocitose em sentido inverso em que os vermelhos engolem os brancos com uma voracidade tremenda."*[505]

Como se vê, o jornal demonstra o modo pertinaz com que os comunistas empreendem suas campanhas eleitorais: a perícia na técnica da propaganda, a dedicação à causa do comunismo, os tenazes esforços para conquistar seus lugares nos espaços da política, o desejo da vitória que os levam a lutar abnegada e firmemente pelo sufrágio dos seus candidatos e, com isto, por algum controle no processo de organização da sociedade.

Nas contrapropagandas da UDN veiculadas pelo *Correio de Uberlandia*, as táticas propagandísticas vermelhas, marcadas por palavras de ordem e discursos que prometiam uma sociedade melhor, não tocavam os sentimentos dos uberlandenses, porque, segundo o jornal, tratava-se de um povo, historicamente, infenso ao ideário vermelho; um povo que orientou sua fé, suas crenças; e suas práticas pelo cristianismo, pelos *"ideais sublimados em milenária civilização cristã"*. Assim, ancorando-se nessa cultura religiosa dos uberlandenses, o jornal repudiava a coligação selada entre pessedistas e comunistas e sufragava majoritariamente as candidaturas udenistas de José Fonseca e Silva e Afrânio Rodrigues da Cunha ao Executivo Municipal:

> *"(...) Voltam-se para Luiz Carlos Prestes e Getúlio Vargas, numa ânsia de que os taumaturgos vermelhos possam operar algum milagre de última hora. (...) E enquanto não chegam os seus messias, arrancam os cabelos de raiva, inventam mentiras, desesperam-se. (...) O povo é sabido e não vai em prosa fiada. Principalmente quando essa prosa é afinada ao som de uma banda que ao hino nacional brasileiro preferiu as partituras laudatórias do Czar vermelho que se esconde no coração dos russófilos cá da terra (...)"*[506]

---

505. Aos poucos, vai a ala comunista que constitui o P.P.P. local absorvendo o que sobra do PSD - Até parece que não foram os comunistas que aderiram ao PSD e sim o PSD que aderiu aos comunistas. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 15/10/1947, ano 10, n.° 2.256, p.1, c. 1-5 (Divulgação da UDN).

506. O recurso dos... sem recurso. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 06/11/1947, ano 10, n.° 2.272, p.1, c. 1-5 (Divulgação da UDN).

Dessa maneira, os recursos discursivos, veiculados pelo jornal para amortecer os impactos da visita de Prestes a Uberlândia, consubstanciavam o *"chefe vermelho"* e seus adeptos em emissários do comunismo, da ideologia alienígena, que não dizia respeito à realidade brasileira e era, portanto, distante dos interesses nacionais.

De modo geral, é possível perceber nos discursos disseminados pela imprensa local, sobretudo no período compreendido entre 1947 e 1948, o retorno às visões anticomunistas propaladas nos anos 30, que engendravam a imagem de Prestes como um infame conspirador, como o anti-Cristo, representante do diabo nas plagas brasileiras, que precisava ser enxotado, extirpado, a fim de que o deletério ideário comunista não arrebatasse as mentes e os corações do povo uberlandense com suas promessas de uma sociedade melhor, livre e igualitária, sem exploradores, nem explorados.

Certamente, em 1947, as notícias da visita de Luiz Carlos Prestes à cidade atemorizou, de alguma maneira, os adversários políticos dos comunistas e seus aliados. Conforme o *Correio de Uberlandia*, os componentes do Diretório Municipal do PSD, Manoel A. Pereira, Marcos F. Costa, Tubal Vilela e Divino Borges, num telegrama encaminhado ao governador Milton Campos, reclamaram que o então prefeito do município, Cleanto Vieira Gonçalves (UDN), na época nomeado pelos poderes públicos estaduais, *"transformou Uberlândia em praça de guerra, com terrificantes manobras policiais"*.[507] No referido telegrama, os pessedistas protestaram contra a ameaça e a repressão policial que os intimidavam e revelaram que a cidade se preparava para receber *"grande força policial do Batalhão de Uberaba para proibir a liberdade eleitoral"*. Contestando tais intentos, os dirigentes do PSD reivindicaram do governador mineiro a substituição do prefeito para que a democracia no processo eleitoral fosse garantida.

Apesar das conspirações udenistas contra a integridade política, e, muitas vezes moral, dos candidatos pessedistas e comunistas, a campanha eleitoral de ambas as coligações

---

507. Inconcebível regime da mentira e da calúnia, que é a diretriz do PSD de Uberlândia. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 11/11/1947, ano 10, n.° 2.275, p.1, c. 1-5.

prosseguiu, mas sob a vigilância da polícia, que, conforme os dados obtidos, arquitetou um poderoso aparato repressivo na cidade.

Uma ampla campanha anunciava o comício de Luiz Carlos Prestes numa das principais praças da cidade. As mensagens em torno do evento foram veiculadas principalmente por meio de circulação de boletins e folhetos disseminados pelos adeptos da candidatura dos pessedistas e dos comunistas; entre eles, disputavam o Executivo Municipal: Tubal Vilela da Silva e Elpídio Aristides de Freitas, ambos do PSD.

Turvada pelas sombras da repressão e do anticomunismo, em 1947, a visita do Cavaleiro da Esperança à Uberlândia não projetou a mesma ressonância que em 1945. Tampouco teve a fragorosa cobertura jornalística do arauto dos comunistas, *O Estado de Goiaz*, que, na época, já havia se transferido para Goiânia. Compuseram as colunas dos principais jornais da cidade desdenhosas notas sobre o discurso proferido por Luiz Carlos Prestes no comício no dia 18 de novembro de 1947, às vésperas do pleito eleitoral.

Nas palavras d'*O Reporter*, o fato mais importante do comício pessedista foi a presença do então senador Luiz Carlos Prestes – *"o que corresponde a dizer que a concentração tomou um caráter nitidamente comunista, com costumados e exagerados aplausos ao famoso chefe vermelho."* [508]

Nesse dia, o aparato repressivo da cidade foi reforçado com a finalidade de conter a emergência de conflitos entre os contendores na disputa eleitoral. Conforme *O Reporter*, a efervescência das campanhas chegara até mesmo ao ponto de instrumentalizar os sentimentos religiosos do povo. Isso, segundo o jornal, se revela no fato de uma das maiores autoridades da Igreja Católica regional ter sido convidada a participar do comício dos udenistas e seus aliados:

> *"Os companheiros do senador comunista e os que lhe são aliados compareceram a Praça Antônio Carlos e aplaudiram o seu ídolo, atacaram os seus antagonistas, sem que houvesse perturbação. Por outro lado, na Praça Benedito Valadares, multidão de*

---

508 O comício de ontem - O senador Carlos Prestes falou em linguagem violenta. O Reporter. Uberlândia, 19/11/1947, ano 14, n.º 1070, p. 1. c. 1-3.

> *ideologia oposta levava também a efeito manifestação de caráter diferente contando com a presença de sua revma. dom Alexandre Gonçalves do Amaral (...).*"[509]

Num fogo cruzado eleitoral, os udenistas intentaram neutralizar a influência que, por ventura, Prestes pudesse exercer sobre as mentes e almas do povo uberlandense. Dessa maneira, constatou-se que, de um lado, os udenistas exibiram um representante de Deus, símbolo do bem, da ordem, da governabilidade, da paz, e, portanto, do bem estar e da harmonia social; de outro, os vermelhos ostentaram o *Cavaleiro da Esperança*, representando um herói invicto que percorreu as plagas brasileiras em nome da moralização política, um bravo *"comandante em chefe"*, capaz de arrebatar as massas operárias e camponesas da penúria, da miséria e da exploração, um taumaturgo vermelho da libertação nacional.

Na abertura do comício dos comunistas e de seus aliados, pronunciaram vários oradores, dentre eles, José Virgílio Mineiro, que aclamou o Partido Comunista, e o seu líder Luiz Carlos Prestes, e protestou contra o imperialismo norte-americano. Contestando a *"penúria dos fazendeiros e dos trabalhadores"*, Aristides de Freitas (PSD) saudou Prestes e, em seguida, propagou os planos traçados para a futura administração do município, caso fosse eleito. Logo após Roberto Margonari, discursou Luiz Carlos Prestes. Conforme *O Reporter*, o *"chefe vermelho"*, em meio a aplausos e exaltações, conclamou a todos a sufragarem os *"candidatos do povo"* nas eleições que se avizinhavam. Todavia, se o conteúdo das falas de Prestes foi exposto de forma tênue no artigo publicado pelo referido jornal, é possível perceber que, em concernência ao estilo discursivo do *Cavaleiro da Esperança*, não foram poupados detalhes que caracterizavam de forma grotesca o seu discurso político:

> *"(...) O senador Prestes fala com clareza, sem retórica, mas o seu discurso é quase sempre enfadonho, porque é a oratória da repetição. Durante o tempo fala a mesma imagem e não raro as mesmas frases são repetidas 4 e 5 vezes, tornando quilométrica uma oração que poderia ser facilmente reduzida à quarta parte sem nenhum prejuízo e com economia de tempo e atenção do auditório (...) Como é do seu hábito atacou o governo do presidente Dutra, atacou o governador de São Paulo a quem chamou de traidor e atacou, parece-nos, pela primeira vez, o governador de Minas, a quem acusou de não haver resolvido nenhum problema de interesse do povo, apesar de contar com o apoio político que lhe permitiria realizar qualquer programa. Fez*

---

509. O comício de ontem - O senador Carlos Prestes falou em linguagem violenta. O Reporter. Uberlândia, 19/11/1947, ano 14, n.º 1070, p. 1. c. 1-3.

graves imputações à UDN, que na sua opinião grita por democracia só para viver a mendigar o apoio do governo central.
(...) Falou da Constituição de 18 de setembro, que não é o que desejava, mas é todavia uma carta democrática porque nela colaboraram os comunistas." [510]

Segundo *O Reporter*, Prestes conclamou o povo de Araguari e Toribaté a apoiar as chapas afinadas com os comunistas e contestou a cassação do registro do PCB e dos mandatos dos parlamentares comunistas, afirmando que a empreitada anticomunista, ao invés de arrefecer os ânimos e as lutas dos comunistas, os solidificava e fortalecia ainda mais a presença do PCB no cenário político nacional, mesmo sob outras insígnias partidárias. Conforme o jornal, Prestes encerrou seu discurso em meio a um tilintar de palmas e aclamações, afirmando que os *"reacionários"* não poderiam *"jamais extinguir os comunistas"*.

As eleições municipais de 23 de novembro de 1947 proporcionaram melhores resultados ao PCB local. Sob a legenda do PSD, foram eleitos em Uberlândia quatro vereadores comunistas à Câmara Municipal: José Virgílio Mineiro, Roberto Margonari, Henckmar Borges e Enoque Caldeira Paiva. Conforme o quadro que se segue, todos os candidatos comunistas tiveram expressiva votação, até mesmo Waldemar Silva que, por pouco, não conseguiu eleger-se:

Tabela 7

RESULTADO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1947	
APURAÇÃO FINAL DOS VOTOS DOS CANDIDATOS A VEREADORES INSCRITOS NA COLIGAÇÃO DO PSD	
CANDIDATOS	VOTOS
Antônio Tomaz F. Rezende	715
Ulisses de Freitas	249
Abalem M. Frangia	254
Rubem Bruno	110
Hortêncio Ferreira Diniz	123
Roberto Margonari (comunista)	590
Manoel Alves Ferreira	270
Waldemar Silva (comunista)	240
Afonso Campos Lima	577
Henckmar Borges (comunista)	455
José Virgílio Mineiro (comunista)	620
Agnaldo Ferreira Pacheco	39
Enock Caldeira Paiva (comunista)	359
Anatólio Luiz Costa	46
Divino Borges Ferreira	272

Fonte: *O Reporter*. Uberlândia. 29/11/1847, ano 14, n.° 1076, p. 4, c. 1-6.

510. Idem.

Pode-se considerar que o resultado obtido pelo PCB foi satisfatório, uma vez que dos 15 vereadores eleitos quatro eram comunistas, o que representava quase um terço da participação vermelha na Câmara Municipal, somam-se a este resultado mais dois candidatos do PSD, embora o prefeito e vice-prefeito, o juiz de paz e os outros nove vereadores fossem todos da coligação da UDN, sendo que pelo menos dois dos parlamentares eram integralistas, ou supostos integralistas.[511]

Comparando esses dados com os de Nova Lima, sistematizados por Yonne S. Grossi, observa-se que, na alcunhada cidade vermelha de Minas Gerais, o PCB obteve um desempenho eleitoral melhor. Numa Câmara Municipal composta de 13 parlamentares, Nova Lima elegeu quatro vereadores comunistas, mais o vice-prefeito e o juiz de paz, que também eram vermelhos.[512] Além desses dados, ressalta-se que o PSD obteve 60,53% dos mandatos dos vereadores, o que representava a maioria na Câmara Municipal de Nova Lima e, conseqüentemete, maior apoio ao Executivo.

Todavia, respeitadas as especificidades que marcaram o enraizamento e o percurso dos comunismo em ambas as cidades, pode-se avaliar que o movimento comunista, em Uberlândia, foi relativamente expressivo e provocou impacto político tal na população votante que levou-a a sufragar quatro vereadores comunistas.

Ronald H. Chilcote, em análise sobre o desempenho do PCB nessas eleições, concluiu que *"a popularidade de Prestes e a tática política eleitoral do partido ('marchar com todos os homens e correntes políticas que lutem contra o fascismo... e os atos inconstitucionais')"* favoreceram os comunistas. Desde 1945 os comunistas locais empunharam a bandeira da União Nacional e propagaram o programa do PCB, principalmente as onze medidas

---

511. Oficialmente, a **UDN** elegeu nove vereadores: Jacy de Assis, Edésio Alves Carneiro, Manoel Latrilha Vieira, Agenor Alves Garcia, Raul Pereira de Rezende, Sebastião Pacheco (substituído por Domingos Alvares), Lauro Teixeira, Manoel Crosara e Moacir Lopes de Carvalho. O **PSD**, por sua vez, elegera seis vereadores: Antônio Tomaz Ferreira de Rezende, José Virgílio Mineiro, Roberto Margonari, Henckmar Borges, Enock Caldeira de Paiva e Afonso Campos de Lima (posteriormente substituído por Divino Borges).

512. GROSSI, Yonne de Souza. Op. Cit. p. 158-159.

para a resolução dos problemas nacionais, aos quatro cantos não só do Triângulo Mineiro, mas também do Sudoeste Goiano.[513]

Como foi visto, os comunistas fundaram células, comitês populares, ligas camponesas e outras entidades que, entre outras finalidades, visavam preparar o campo para o sufrágio dos comunistas da cidade e da região nos pleitos eleitorais. Intento que foi vitorioso, visto o bom desempenho eleitoral do PCB em Uberlândia.

1. Vereadores vermelhos na Câmara Municipal

No dia 03 de dezembro de 1947, os vereadores eleitos no pleito municipal de 23 de novembro foram diplomados e empossados. Conforme *A Tribuna*, a solenidade não contou com uma significativa participação do povo, o qual se mostrara *"apático"* ao acontecimento que coroava o processo de democratização de Minas Gerais.[514]

Nas primeiras reuniões da Câmara Municipal, os vereadores discutiram e votaram o projeto de regimento interno provisório, nomearam diversas comissões encarregadas de regularizar o funcionamento da Câmara e organizaram as comissões responsáveis pelo estudo e discussão dos problemas e necessidades do município e pela elaboração dos projetos de lei que visavam a melhoria da administração municipal em seus diversos setores.

De 15 a 23 de dezembro de 1947, foram realizadas na Câmara municipal acaloradas reuniões durante as quais diversas questões foram discutidas. Temas como a necessidade de industrialização do município, a cassação dos mandatos comunistas e a arbitrariedade da política

---

513. Observa-se que, em 1947, o Estado de Goiás elegeu deputados comunistas e suplentes ao parlamento Estadual:

Deputado Estadual:	***votos***
Abraão Isaac Neto	635
Afrânio Francisco de Azevedo	583
Suplentes	
Paulo Alves da Costa	557
Epifânio Bezerra	543

Cf. CHICOLTE, Ronald. Op. Cit. p. 321.

514. Em modesta solenidade, foram entregues os diplomas. A Tribuna. 06/12/1947, [número não identificado], p.1, c. 1-2; Empossada e instaladà ontem na Câmara Municipal. Correio de Uberlandia. 04121947, ano 10, n.° 2.292, p. 1-7.

do governo Dutra figuraram entre os principais debates dos parlamentares municipais, que resultavam, conforme o caso, em moções de apoio para uns e de contestação para outros.

Dentre esses debates, ressalta-se a proposta da organização de uma comissão que, ao lado da Associação Comercial e Industrial, deveria promover e subsidiar a visita de industriais paulistas ao município com o objetivo de mostrar-lhes os potenciais de Uberlândia e atrair vultosos empreendimentos para a cidade:

> *"Carecemos de apoio de elementos estranhos para a aplicação de capitais na indústria, sabendo que o comércio, apesar de até hoje ter podido manter um nível de progresso em nossa cidade, é frágil, enquanto a indústria é positiva e traz fixação perdurável de população a ela ligada através das edificações residenciais."* [515]

Em geral, pode-se afirmar que, conforme os registros das atas, os vereadores comunistas, durante os seus mandatos, não só se manifestaram favoráveis aos projetos de crescimento e desenvolvimento da cidade, como também fizeram várias indicações e delinearam projetos que visavam esse fim. Nesses tempos, a industrialização era vista, majoritariamente, como um poderoso e largo passo rumo ao progresso do município. Edificar uma cidade industrializada, moderna e progressista, não era uma aspiração apenas dos segmentos sociais dominantes, mas, como não poderia deixar de ser, também dos *"vereadores de Prestes"*, pois, seguidores do *"evangelho marxista"* que eram, acreditavam no desenvolvimento das forças produtivas como caminho da construção da sociedade comunista. Tal como preconizou Prestes, primeiramente havia que se promover no Brasil a revolução democrático burguesa para depois assentar as bases da sociedade socialista.

Na mira dos projetos desenvolvimentistas da cidade, há, inclusive, várias menções nas atas e processos da Câmara e nos jornais locais acerca do modo como o vereador comunista Enoque Cadeira de Paiva vinha conduzindo alguns trabalhos relativos à construção de um conjunto de casas populares na cidade, que teria sido projetado com a finalidade de ampliar as condições de industrialização de Uberlândia. Contudo, tempos depois, o vereador Edésio A. Carneiro (UDN), também membro da comissão responsável pelo projeto de construção das casas

---

515. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Segunda Reunião Extraordinária 15 de dezembro de 1947.

populares, em uma das reuniões, denunciou o estado de abandono que assolava as referidas obras e solicitou providências ao Executivo Municipal, principalmente no sentido de provê-las de serviços de água e esgotos, para assim propiciar a sua rápida habitação.

No decurso dos seus mandatos, uma preocupação atravessou os pronunciamentos dos vereadores comunistas: a opressão da liberdade. Desde o início da gestão parlamentar municipal de 1947, eles intentaram disseminar uma campanha contra os atos atentatórios à democracia no país. As diversas arbitrariedades políticas do governo Dutra, a anulação do registro do PCB e a cassação dos mandatos comunistas tornaram-se alvos de contestação não só dos comunistas, mas também daqueles que se autoproclamavam democratas. Em uma das reuniões, no final de 1947, o vereador Roberto Margonari pediu urgência na votação de uma moção refutando o projeto *Ivo de Aquino*, que visava cassar os mandatos dos parlamentares comunistas. Contudo, tal proposta encontrou muitas dissensões nas bancadas do Parlamento Municipal, a começar pela discordância do presidente da Câmara, Jacy de Assis (UDN). O vereador Moacir Lopes Carvalho (PRP) também manifestou-se radicalmente contra a permanência dos comunistas nos espaços da política.

Em muitas situações de embate das proposições na Câmara, pode-se afirmar que Moacir Lopes de Carvalho foi um dos mais intransigentes adversários dos comunistas e combatera as idéias e os projetos dos vereadores vermelhos que de, alguma maneira, desafinavam-se com as diretrizes da política dominante local.

Mas, além dos comunistas, outras vozes bradaram contra o projeto do parlamentar Ivo de Aquino.

Democrata sim, comunista não. Estas palavras exprimiram a posição política do vereador Afonso de Campos Lima (PSD) antes de se manifestar contra a cassação dos mandatos comunistas. Repudiando as proposições do deputado Ivo de Aquino, que, na sua acepção, colocava em *"risco a sobrevivência da própria democracia"*, concitou os seus colegas a votarem favoravelmente à moção de repulsa ao projeto anticomunista. Nos seus pronunciamentos, o vereador pessedista reafirmou as assertivas do governador da Bahia, Otávio Mangabeira:

> *"(...) 'anti-comunista sempre, reacionário nunca' (...) se a moção não for aprovada deveremos hastear a nossa bandeira a meio pau pois estaremos de luto e Uberlândia nunca mais será tida como, como até hoje foi, uma cidade livre e democrata."* [516]

Protestos contra a manifestação de Afonso de Campos Lima ressonaram de uma parte dos assistentes que ocupavam as galerias e após as intervenções de outros vereadores a moção foi submetida à votação aberta. Se, como propalava o referido parlamentar pessedista, era ou não o fim da liberdade e da democracia em Uberlândia, a proposta de encaminhamento da moção contra o projeto *Ivo de Aquino* fora derrotada por sete votos contra seis. Contudo, dias depois, na Câmara Federal, a votação da cassação dos mandatos comunistas saíra vitoriosa: uma proposição aprovada por 181 votos contra 74, sancionada pelo Senado e pelo presidente da República.

Observa-se que as propostas que poderiam ser consideradas inflamadas dos vereadores comunistas, geralmente, não encontravam o apoio da maioria da bancada adversária, mas aquelas consideradas amenas, tais como moções de apoio a uma ou outra atitude popular dos dirigentes governamentais ou de alguma instituição social, eram, em geral, apoiadas e aprovadas pela maioria dos vereadores.

Foi o caso da aprovação unânime da moção de louvor e congratulação ao governador Milton Campos pela garantia da democracia durante o processo eleitoral de 1947, indicada, conforme os registros das atas, por Roberto Margonari. Entretanto observa-se aqui a nota do vereador Manoel Latrilha Vieira (UDN), publicada em 15/12/1947 pelo jornal *Correio de Uberlandia*, a qual declarava que a Câmara Municipal aprovou, contra o voto dos comunistas, *"uma vibrante moção ao governador Milton Campos"* expressando não só a admiração do povo uberlandense pela *"lisura com que se processaram as eleições no Estado e no Município"*, mas também pela maneira como o referido governador vinha exercendo a administração estadual, a qual centrava esforços na resolução de problemas como a recuperação econômica do Estado de Minas Gerais, a melhoria da educação e de outros serviços públicos e a preservação do regime democrático. Ora, como se viu, Luiz Carlos Prestes, num comício em Uberlândia, já havia contestado a política governamental de Milton Campos por não contemplar os interesses do povo.

---

516. Câmara Municipal de Uberlândia. Atada Segunda Reunião Extraordinária. 15 de dezembro de 1947.

Isso, talvez, tenha sensibilizado os comunistas para reprovarem a moção nos termos propostos pelo vereador Manoel Latrilha Vieira (UDN). Mas acredita-se que a referida nota visava muito mais expor a intransigência dos comunistas à população, principalmente no que concernia aos interesses não só da Câmara mas do *"povo uberlandense"*, pois, como sugeriu o vereador Manoel Latrilha Vieira, o município precisava manter relações cordiais com o governador do Estado.

Ainda no mês de dezembro de 1947, polêmicas discussões plasmaram as reuniões da Câmara: as dissidências e a crítica dos comunistas à política governamental de Dutra.

Quando, em uma das reuniões, Moacir Lopes de Carvalho (PRP) indicou uma moção de aplauso ao presidente da República, Roberto Margonari manifestara-se contra, expressando *"severa crítica ao presidente Dutra"*. Durante sua argumentação contrária à referida moção, foi interrompido várias vezes pelo vereador Moacir Lopes Carvalho que contestou veementemente os *"insultos"* e as *"ofensas"* de Roberto Margonari ao presidente do Brasil. Em seguida, o vereador comunista Henckmar Borges pronunciou-se contra a moção, dizendo que o apoio ao governo Dutra colocava em risco a defesa da democracia. Além da perseguição aos comunistas, o referido vereador apontou diversas problemáticas políticas e econômicas que afetavam os interesses populares. Por sua vez, José Virgílio Mineiro afirmou não ter motivos para apoiar o governo federal, pois, no seu entendimento, o presidente da República estava *"atacado de uma doença"* qualificada como *"histeria anti-comunista"*:

> *"Estendeu o orador longamente uma crítica acerba ao governo do Presidente Dutra, tendo dito entre outras coisas que o Sr. Presidente ao invés de cuidar por exemplo de salvar a pecuária, estava cuidando da cassação dos mandatos. Acusa a política econômica do Banco do Brasil, dizendo faltar cambiais para importação de caminhões, tratores e máquinas agrícolas, enquanto que continuamos a receber bugigangas. Terminando afirma estar o presidente Dutra no firme propósito de implantar a ditadura em nosso país."* [517]

Apesar das contestações dos comunistas e de suas investidas no sentido de mostrar o quão era espinhoso apoiar a política de um presidente que conspirava contra a liberdade e a democracia, a proposta de encaminhamento da moção de louvor ao governo Dutra foi aprovada por nove votos contra quatro – os dos comunistas. Em nome da bancada vermelha, Henckmar

---

517. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Terceira Reunião Extraordinária. 16 de dezembro de 1947.

Borges fez uma declaração de votos, rememorando e reafirmando os principais argumentos dos discursos pronunciados em reuniões anteriores pelos seus companheiros de partido: *"não consideramos insultuoso o nosso ponto de vista pois, sempre tivemos por princípio respeitar as autoridades, embora nos reservemos o direito de crítica."* [518]

Acusado de trair o povo brasileiro e de oprimir a liberdade, o governo Dutra foi duramente criticado pelos vereadores comunistas nas reuniões seguintes. Nos pronunciamentos de Roberto Margonari, o golpe de 29 de outubro não depusera, naquele contexto, uma ditadura, mas sim um governo que, apesar de ditatorial, encaminhava-se para a libertação e democratização do país. Roberto Margonari afirmou que os golpistas, ao capitular Getúlio Vargas, restauraram a ditadura e entronizaram um reacionário no poder, Eurico Gaspar Dutra. Assim, os golpistas não fizeram senão *"ruir a liberdade do povo"* que já *"estava sendo libertado"*. Quase um ano depois desses pronunciamentos, os parlamentares comunistas mantinham uma posição semelhante. Foi o que declarou José Virgílio Mineiro, quando, em fins de 1948, o perrepista Moacir Lopes Carvalho – na ocasião do evento que pretendia rememorar o 29 de outubro, que depôs Vargas do poder em 1945, a chamada *"Semana da Democracia"* – propôs uma moção de louvor ao fim do regime ditatorial e de exaltação às autoridades constituídas. Segundo José Virgílio Mineiro, o fim de uma ditadura representava a derrocada da opressão da liberdade e a restauração dos princípios democráticos que deveriam nortear e conduzir a sociedade no Brasil. Entretanto, na sua acepção, não era exatamente isto o que se vivenciava neste país, pois o espectro da ditadura continuava vagueando o cenário político nacional. Conforme o referido vereador, num momento em que *"as liberdades individuais e de pensamento"* eram desrespeitadas e a antidemocracia consubstanciava-se em atitudes governamentais que resultaram na cassação do registro do PCB e dos mandatos comunistas, na perseguição aos comunistas e a seus simpatizantes, não havia, de fato, muito o que ser celebrado na tal *"Semana da Democracia"*.

Todavia, ao lado da prolongada polêmica contra o governo Dutra, que atravessara as reuniões da Câmara durante os mandatos dos comunistas, os *"vereadores de Prestes"*

---

518. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Quarta Reunião Extraordinária. 17 de dezembro de 1947.

procuravam, nos atos próprios dos parlamentares, encaminhar a resolução dos problemas mais prementes do município, tais como: a questão da legalidade do mandato do então prefeito nomeado pelo governador do Estado;[519] a subvenção à Cia. Prada, empresa fornecedora de energia elétrica para a cidade; a construção de um núcleo de casas populares; o apoio e subsídios às iniciativas da Associação Comercial e Industrial, principalmente as referentes à industrialização da cidade; as subvenções às diversas instituições educacionais e filantrópicas; o aumento dos salários dos diaristas da prefeitura e abonos de natal (indicados pelo vereador Enoque Caldeira Paiva); a preparação do lançamento da pedra fundamental do Posto de Agropecuária de Uberlândia (solicitada pelo Ministério da Agricultura); a organização da comissão responsável pela recepção dos componentes da *"missão do ensino agrário ambulante"*; a representação da Câmara Municipal de Uberlândia em diversos congressos;[520] as providências relativas à extinção dos formigueiros no Distrito de Cruzeiro dos Peixoto (solicitadas por José

---

519. Parte dos vereadores julgavam a legimitidade da administração de um prefeito nomeado pelo poder estadual, uma vez que coexistia, em contradição, com um parlamento municipal eleito democraticamente pelo povo. Alguns vereadores, principalmente os comunistas, sugeriram que o presidente da Câmara cuidasse das tarefas administrativas do município até a posse do prefeito sufragado nas eleições democráticas.

520. A pesquisa nas atas da Câmara Municipal revelou discussões dos vereadores em torno da participação representantes do parlamento de Uberlândia nesses eventos, bem como no processo relativo a promoções, patrocínios e organização dos mesmos. Alguns deles foram elencados:

- Congresso das Câmaras Municipais do Triângulo Mineiro, agosto de 1948.
- II Congresso das Câmaras Municipais de São Paulo, maio de 1949.
- II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, Inglaterra, dezembro de 1950. Henckmar Borges propôs a aprovação de uma moção de aplauso e louvor à realização do II Congresso Mundial da Paz. Ao justificar seu voto favorável à moção, Jacy de Assis afirmou que a Câmara sempre foi partidária da Paz e que não via o Congresso como uma manifestação comunista, mas sim como um movimento em prol da paz. Inspirando-se em Oswaldo Aranha, fez as seguintes afirmações: *"sei que minha atitude poderá causar estranheza e mesmo hostilidade de certos círculos. Não temo, contudo, tais consequências, pois não considero pari piste privilégio de poucos homens. A paz é um todo indivisível. Não admite graduação. Não podemos, portanto, atribuir-lhe origens e sim, acertarmos suas finalidades. Qualquer movimento nesse sentido, venha de onde vier, conta com o meu apoio"*.
- I Congresso Paroquial da Ação Católica, abril de 1948.
- Congresso Médico de Uberlândia, agosto de 1948.
- Congresso Médico de Uberaba, junho de 1950.
- I Congresso dos Trabalhadores do Triângulo Mineiro x Congresso da Ação Católica. Em dezembro de 1950, Virgílio Mineiro protestou na Câmara contra a desaprovação de subsídios à realizacão do Congresso dos Trabalhadores. Ele questionou a emissão de parecer favorável à concessão de subsídios à realização do Congresso da Ação Católica, sob o pretexto de que o evento interessava a uma considerável parcela da população. O referido vereador afirmou que o mesmo poderia ser dito em concernência ao congresso dos trabalhadores, pois independentemente da *"cor partidária irá interessar a todos os trabalhadores do Triângulo Mineiro"*. Tempos depois, a Câmara recebeu desse Congresso um ofício solicitando apoio ao projeto que concedia abono de natal aos diaristas da Prefeitura.
- Congresso dos Municípios Brasileiros, Petrópolis, março de 1950.

Virgílio Mineiro); a instalação de serviços telegráficos em Tapuirama (indicadas por Henckmar Borges); as melhorias e reparos das pontes e estradas municipais; assistência médica e instalação de sanatório para tuberculosos (proposta defendida principalmente por José Virgílio Mineiro). Observa-se que, nos encaminhamentos dos vereadores comunistas, constam reivindicações dos moradores de localidades que foram consideradas foco de comunistas, como Cruzeiro dos Peixotos.

Dentre as polêmicas envolvendo os vereadores comunistas, ressalta-se a recusa de Henckmar Borges e José Virgílio Mineiro em participarem da comissão[521] nomeada pelo presidente da Câmara e encarregada da organização da solenidade de posse do prefeito José Fonseca e Silva e do vice-prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha, ambos udenistas. Em contraposição, os referidos vereadores afirmaram que seus compromissos de colaboração e apoio ao novo Executivo Municipal se restringiriam aos *"atos que julgassem ser democráticos"*.[522]

Após várias discussões e recusas de alguns vereadores em participarem da organização da solenidade – caracterizada, principalmente pelo presidente da Câmara, Jacy de Assis, como um evento apolítico –, o vereador pessedista Afonso de Campos Lima indicou novamente Henckmar Borges para, em nome do PSD, compor a referida comissão, o qual acabou aceitando a incumbência.

No dia 1.º de janeiro de 1948, durante a programação do evento, Henckmar Borges pronunciou um discurso, demonstrando o significado da solenidade, que, segundo ele, coroava o êxito da luta pela inserção de Uberlândia no regime democrático brasileiro. Conforme suas assertivas, foram-se os tempos dos interventores e dos nomeados. A partir daquele momento, a democracia consolidava-se nas esferas políticas municipais e assegurava ao povo o direito de participação na administração do município, por intermédio de seus representantes.

Em seu discurso, Henckmar Borges alertava os políticos eleitos sobre a necessidade deles empenharem esforços na condução digna da política local, uma vez que o povo de

---

521. Foram nomeados pelo presidente da Câmara os seguintes vereadores: Lauro Teixeira, Henckmar Borges, Agenor Alves Garcia e Virgílio Mineiro.

522. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Terceira Reunião Extraordinária. 16 de dezembro de 1947.

Uberlândia neles depositou suas expectativas de melhoria da vida social. Na visão do referido vereador, a responsabilidade no desempenho dos cargos administrativos e o cumprimento dos compromissos públicos assumidos nos tempos da campanha eleitoral, portanto, constituíam as metas que os representantes políticos deveriam concretizar, honrando, assim, suas promessas de contribuir para a edificação de um projeto social melhor para o município. Henckmar Borges sugeriu que os políticos encarregados da nova gestão municipal deveriam mirar-se no exemplo dos grandes líderes mundiais, uma vez que os *"maiores dirigentes e orientadores da Humanidade, desde Confúcio, Buda, Cristo e outros, até nossos dias"*, foram divinizados pelo povo porque se dedicaram obstinada e arduamente a um grandioso trabalho edificante pela melhoria da humanidade.

Em consonância com a política comunista de alianças de forças políticas, Henckmar Borges preconizou que a missão de sanar os problemas prementes do município falava mais alto que a diversidade de credos políticos, sociais e religiosos, sugerindo que, na luta pelas soluções que visavam a melhoria da vida do povo uberlandense, deveriam se unir todos os representantes das adversas correntes políticas e trabalhar pelo bem comum:

> *"Atravessamos, inegavelmente, uma época de dificuldades. A nossa economia reduzida a quase nada; a nossa produção em constante declínio; as nossas riquezas ainda inexploradas ameaçadas de cair em mãos de aventureiros e exploradores; a nossa indústria sufocada: o nosso comércio quase em bancarrota; a nossa pecuária ao desamparo; a nossa agricultura desconhecida; os nossos homens da cidade e do campo na mais completa miséria; a nossa infância desprotegida. (...) É urgente que entremos em período de maior compreensão no que diz respeito a aplicação do dinheiro público (...) em obras de interesse geral e mais imediato.*
> *Criminoso seria no momento, a aplicação do dinheiro do município em obras suntuárias, quando aí estão a reclamar a atenção dos poderes públicos as nossas estradas de rodagem; as nossas escolas urbanas e rurais necessitando de maior amparo e de disseminação mais intensiva e extensiva; a assistência social, com o amparo às instituições já existentes e criação de ambulatórios médico dentários que venham servir às nossas populações rurais; assistência aos trabalhadores rurais; assistência aos trabalhadores com aumento de salários até que se tenha criado a Comissão de Reajustamento de Salários preconizada pela Constituição Federal; melhoria dos nossos distritos, proporcionando-lhes água encanada, escolas, postos telegráficos e telefônicos, etc; amparo a nossa lavoura (...); baixa do arrendo para que se proporcione melhores condições de vida aos trabalhadores do campo; assistência aos tuberculosos, criando-se o Hospital de Isolamento, assistência mais direta às vilas e aos bairros pobres da nossa cidade, proporcionando-lhes meios mais fáceis de acesso ao centro da cidade, dando-lhes luz mais abundante e água em maior quantidade; amparo e incentivo a nossa produção agrícola em moldes a nos*

proporcionar um barateamento no custo de vida; e outros problemas que aí estão aos nossos olhos."[523]

Observa-se que, se, por um lado, Henckmar Borges, adjetivado como um bom orador, relutou em organizar a solenidade e pronunciar o discurso de posse do seu adversário político, o prefeito José Fonseca e Silva, da UDN, por outro, com astúcia política, consubstanciou o seu discurso no que poderia ser chamado de programa mínimo dos *"vereadores de Prestes"* na Câmara Municipal. Instrumentalizou o evento como meio de divulgação das idéias dos parlamentares comunistas acerca do compromisso e das responsabilidades que abarcariam enquanto representantes do povo, sugerindo que os outros políticos assim fizessem. Portanto pode-se inferir que o discurso de Henckmar Borges já prenunciava elementarmente os projetos que os representantes do PCB e seus aliados intentariam realizar nos espaços da política local, os quais procuraram contemplar as reivindicações e as premências dos segmentos sociais constitutivos de suas bases de atuação.

Verificadas as atividades dos vereadores comunistas e de seus aliados na Câmara, no decurso dos seus mandatos, percebe-se que suas indicações, moções, propostas e projetos, sob muitos aspectos, procuraram, ora palidamente, ora incisivamente, corresponder às reivindicações básicas de diversas associações, dos comitês populares e das ligas camponesas, em grande parte orientadas e organizadas pelos comunistas desde de meados de 1945.

Reunir as forças políticas em torno da resolução dos mais prementes problemas que afligiam a população urbana e rural do município, tal como preconizava Henckmar Borges, era uma tarefa difícil porque, não poucas vezes, as soluções propostas esbarravam nos interesses antagônicos das classes dirigentes locais. Todavia, se foi possível notar os embates dos comunistas pela conquista de projetos que, de uma maneira ou de outra, atendiam às necessidades e aos interesses populares, não menos incisivos foram os esforços dos representantes da política dominante para derrotar muitas de suas propostas: um estorvo que, incontáveis vezes, suplantou as esperanças de os segmentos populares, não só de Uberlândia, mas de outras localidades que

---

523. Discurso pronunciado pelo vereador Henckmar Borges por ocasião da posse do prefeito José Fonseca e Silva. Correio de Uberlandia. Uberlândia. 06/01/1948, [número não identificado], p. 2, c. 1-5.

tiveram representantes comunistas nos órgãos de governo, verem concretizadas as suas reivindicações prementes.

Nos tempos dos *"vereadores de Prestes"* na Câmara, foi possível constatar que, de maneira geral, as reuniões mantiveram um caráter marcadamente burocrático-administrativas. Desde o final de 1947, salvos alguns fragorosos debates em torno da conquista de votos para a aprovação de projetos polêmicos, os vereadores comunistas e seus aliados encaminharam a aprovação de diversas indicações, propostas e projetos que procuravam arquitetar uma administração um pouco mais afinada com as reivindicações populares. Contudo há que se esclarecer o caráter seletivo, resumido, fragmentado e, talvez, omisso dos registros de suas atividades na Câmara Municipal, o que dificultou uma visão mais ampla do fazer político dos *"vereadores de Prestes"* nesse espaço político.

Em meados de janeiro de 1948, entre as proposições indicadas por diversos vereadores – como a entronização da imagem de Cristo na Câmara; conservação e reparos das ruas; aumento salarial dos funcionários da prefeitura; tributação das atividades econômicas do município, melhorias e regulamentação do espaço urbano e outras – surgiu, numa das reuniões, um protesto de Roberto Margonari contra as arbitrariedades do Delegado de Polícia do município que proibiu a realização de uma palestra do professor comunista Nelson Cupertino. Inquirindo sobre o que teria levado a polícia a impedir a conferência, Moacir Lopes Carvalho (PRP), aparteado pelos outros vereadores comunistas, interpelou Roberto Margonari sobre quem estaria promovendo a reunião e qual era o seu temário:

> *"O sr. Roberto Margonari afirma que o orador está usando de processo anti-democrático, impedindo a liberdade de pensamento. O sr. Henckmar Borges diz que o orador desejava colher uma afirmação dos seus companheiros com intuito, de talvez, cassar-lhes os mandatos e que ele, portanto, fazia a declaração: 'Ele, Roberto Margonari, Virgílio Mineiro e Enoque Caldeira são vereadores de Prestes, isto é, comunistas eleitos pela legenda do P.S.D., mas nem todos os vereadores eleitos pelo P.S.D. são comunistas. (...) O Sr. Thomaz de Rezende, critica o sr. Moacir de Carvalho na insistência com que ele quer considerar todos os vereadores eleitos pelo P.S.D., como comunistas, dizendo que então também será de se dizer que todos os vereadores udenistas são integralistas, pois na chapa da U.D.N. foram votados dois integralistas."* [524]

---

[524]. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Terceira Sessão Ordinária. 19 de janeiro de 1948.

O fato é que, além dos incisivos embates políticos entre comunistas, perrepistas de alcunha integralista, e udenistas, o cerco policial aos *"vereadores de Prestes"* fechava-se cada vez mais. Na sessão do dia 16 de fevereiro de 1948, José Virgílio Mineiro fizera um veemente protesto contra o fechamento do escritório dos vereadores comunistas. Na sua acepção, isso era um *"atentado contra a liberdade de pensamento, a propriedade privada e, principalmente, à Câmara na pessoa dos quatro vereadores"*. Sob esses argumentos, ele denunciou a devassa da polícia ao recinto onde os vereadores vermelhos se reuniam e atendiam à população local. Segundo ele, os policiais arrombaram o escritório, apreenderam móveis, documentos e até processos da Câmara sobre os quais deveriam emitir seus pareceres. Na sua maneira de ver, comunista ou não, tal atitude era uma afronta à liberdade individual, à propriedade privada. Acusara como responsáveis pelo malfadado acontecimento o presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, o governador de Estado, Milton Campos, e a UDN que, majoritária na política local, nada faziam para impedir tais arbitrariedades. Roberto Margonari também responsabilizava a UDN pelo arrombamento do escritório e, reafirmando a *"condição de comunista e vereador de Prestes com a qual ele foi apresentado ao povo"*, proclamou que, se preciso fosse, sacrificaria a sua própria vida em defesa da democracia e da Constituição que tantos demagogos diziam respeitar. Solidarizando-se com as manifestações dos seus companheiros, Henckmar Borges, por sua vez, culpou as autoridades governamentais pelo fechamento do escritório dos comunistas, que, em suas palavras, não era um *"covil de ladrões e assassinos e sim um reduto de democratas que lutam em defesa do povo"*. Apoiando o protesto dos seus correligionários, Enoque Caldeira de Paiva condenou a ação repressora da polícia e afirmara que atos como esse esmagava a democracia e encaminhava a pátria rumo a uma nova ditadura.[525]

Na sessão seguinte, José Virgílio Mineiro, mais uma vez, afirmou veemente que o escritório dos vereadores não era uma sede do Partido Comunista. Por isso, o arquivo apreendido pelo Delegado Especial referia-se ao eleitorado de Uberlândia, não significando, portanto, um fichário de comunistas. Clamava que os nomes das pessoas mencionadas em listas ou fichas

---

525. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Sessão Ordinária. 16 de fevereiro de 1948.

apreendidas não fossem classificados como *"adeptos de Moscou"*.[526] Na reunião do dia 02 de março de 1948, os vereadores comunistas propuseram a formação de uma comissão de três vereadores, sob a presidência de Jacy de Assis, para a verificação da procedência das denúncias feitas pelo Delegado Especial, Capitão João Martins Ferreira, que os acusara de transformar o escritório em sede do Partido Comunista tão somente pelo fato de terem encontrado no local o arquivo da referida organização.[527] Além das menções aos nomes que compuseram a referida comissão – Afonso de Campos Lima (PSD), Edésio Alves Caneiro (UDN) e Jacy de Assis (UDN) – e de um radiograma expedido ao governador do Estado, as atas não esclareceram satisfatoriamente os resultados do inquérito que deveria apurar as responsabilidades pela violência policial assestada contra o escritório dos vereadores comunistas.

No encalço dos *"vereadores do povo"*, em uma das reuniões de fevereiro de 1948, Moacir Lopes de Carvalho denunciou o reaparecimento do jornal *Voz do Povo* que, nas suas palavras, era um órgão de propaganda comunista de *"ataques"*, ou seja de perturbações dos corações e mentes do povo uberlandense – e reclamou, principalmente, dos artigos que criticavam a postura política dos vereadores não comunistas na Câmara. Contestando o caráter tendencioso das notícias e visando explicitar publicamente a responsabilidade editorial dos quatro *"vereadores de Prestes"* pelo jornal, Moacir L. Carvalho solicitou que os componentes da Mesa informassem/declarassem quais eram os jornalistas credenciados pelo Legislativo Municipal para divulgar as notícias das reuniões – eram os representantes da *Rádio Difusora* e dos jornais *A Tribuna*, *Correio de Uberlândia* e *O Reporter*. Isto significava que o arauto comunista *Voz do Povo* não tinha jornalistas credenciados pela Câmara e que seus informantes eram os vereadores do PCB.

---

526. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Primeira Sessão Ordinária. 17 de fevereiro de 1948

527. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Terceira Sessão Ordinária. 02 de março de 1948. Tais declarações podem indicar o paradeiro do arquivo do PCB de Uberlândia, o qual continha os documentos relativos não somente aos seus tempos de legalidade, no pós-1945, mas, presume-se, ao período que precedeu sua fundação. Há que se ressaltar ainda a possibilidade das listas de nomes tachados de *"elementos vermelhos"* terem suas origens nas relações de eleitores e/ou de quaisquer pessoas que acorriam aos *"vereadores de Prestes"* solicitando um ou outro pedido.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Mas, conforme os escassos exemplares preservados, o jornal *Voz do Povo* não se ateve tanto às contendas políticas entre os vereadores na Câmara. Alinhados à diretrizes políticas de Prestes, os comunistas locais, naquela época, preocuparam-se em propagar, no referido jornal, a realização de projetos consonantes com o programa mínimo do PCB, que tramitavam na Câmara Municipal e divulgar os discursos e os manifestos de Luiz Carlos Prestes – o que presumivelmente incomodou os representantes das classes dominantes. Não foram poucos os clamores disseminados pelo arauto comunista, que, em fevereiro de 1948, incitava o povo à união, organização e resistência ao regime opressor então vigente:

> *"Operários e camponeses!*
> *Organizai-vos nos vossos locais de trabalho, nas usinas, nas fazendas e lutai pela liberdade, pelo progresso, pela independência do Brasil lutando contra a carestia de vida, contra a miséria e a fome, por maiores salários recorrendo quando necessário à greve que é um direito sagrado dos trabalhadores!,*
> *Reconquistai a praça pública para levantar o vosso protesto contra a ditadura!*
> *Mostrai a vosso irmão no trabalho a necessidade atual de lutar e resistir, resistir a um governo de fome e terror policial para que possamos golpear com mais vigor as bases econômicas da reação, acabar com o latifúndio, entregar as terras aos camponeses, por um termo à exploração de nosso povo pelos banqueiros e monopólios norte-americanos, conquistar a liberdade e a democracia, substituir a ditadura dos senhores feudais e lacaios do imperialismo por um governo realmente popular, democrático e progressista!"*[528]

No transcurso dos seus mandatos e em concomitância com suas atividades parlamentares, os vereadores comunistas intentaram organizar os segmentos sociais uberlandenses, principalmente os trabalhadores, sob a bandeira do comunismo empunhada por Prestes, mas não sem o estorvo dos seus adversário políticos.

A cada dia, a perseguição aos comunistas espraiava-se pelos vários cantos do país. Tal foi a denúncia de José Virgílio Mineiro que protestou e criticou o regime vigente e, como não poderia faltar nas queixas comunistas, a UDN. Ele responsabilizou as autoridades governamentais pelo descaso na resolução dos problemas mais prementes do povo e pelas perseguições que os comunistas vinham sofrendo, tanto em Uberlândia quanto em diversos lugares do país. A ata também registrou que Henckmar Borges *"leu o Manifesto dos Dirigentes Comunistas Mineiros, no qual se declaram solidários ao manifesto feito ao povo paulista por ex-parlamentares*

---

528 . Compatriotas... Voz do Povo. Uberlândia , 07/02/1948, ano 2, n.° 16.

comunistas".[529] Contudo, os registros da ata não mencionaram as reações dos vereadores acerca da leitura do referido manifesto na Câmara.

Por diversas vezes, os polêmicos debates entre comunistas e udenistas adentraram os limites da intolerância. Nessas circunstâncias, as reuniões ficavam tão tumultuadas com os discursos dos comunistas que, não raras vezes, os componentes da Mesa se indignaram e repreenderam os *"vereadores de Prestes"*, acusando-os de utilizarem o espaço da Câmara para propagar o comunismo e promover comícios, ao invés de defenderem os interesses do município. Em meados de maio, foi cogitada a viabilização de policiamento para as sessões em decorrência do clima de insegurança que, às vezes, se instaurava no transcurso das plenárias.[530] Tal foi o caso do acirramento das controvérsias em torno da homenagem ao presidente Dutra, pela passagem do seu aniversário, sugerida por Moacir Lopes de Carvalho. Indignado, Roberto Margonari contestou-a argumentando que os vereadores não deviam utilizar aquele espaço político para propor homenagens a uma ou outra autoridade pública, mas para defender os interesses do povo. Segundo os registros da ata, um tilintar de palmas dos assistentes que compunham as galerias, parte deles *"senhoras e senhorinhas"*, incomodou os integrantes da Mesa e, muito mais, Moacir Lopes Carvalho, que solicitou a evacuação das referidas mulheres a fim de que fossem mantidas a ordem e a tranqüilidade na realização dos trabalhos.[531] A sessão foi suspensa e os registros em ata dos acontecimentos que se sucederam também. Reiniciada a sessão, Roberto Margonari condenou as atitudes opressoras dos integrantes da Mesa e prenunciou que não seria surpresa se no dia seguinte os comunistas fossem acusados como responsáveis pelos acontecimentos que transtornaram as atividades da Câmara naquele dia. Em seguida, o referido vereador leu uma *"mensagem do povo à Câmara"* sobre a necessidade de criar um armazém de emergência na cidade.

Como prenunciara Roberto Margonari, na perseguição aos comunistas o órgão udenista, *Correio de Uberlandia*, não titubeou. Uma nota divulgada no dia 19 de maio alardeava

---

529. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Segunda Sessão Ordinária da Segunda Reunião. 19 de abril de 1948.
530. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Nona Sessão Ordinária da Segunda Reunião. 17 de maio de 1948.
531. Idem.

a perturbação dos trabalhos do Legislativo Municipal pelos *"elementos vermelhos"*. Além do protesto contra a homenagem ao presidente Dutra, a desordem ocorreu também porque, segundo o jornal, Roberto Margonari insistira em defender um projeto de interesse do povo – criação de armazéns de emergência na cidade, que, entre outros objetivos, visava atenuar as dificuldades provocadas pelo alto custo de vida. Conforme os dados pesquisados, esta era uma luta que, sob a influência comunista, as mulheres já haviam encampado de forma organizada desde fevereiro daquele ano; e mesmo antes, por meio dos comitês populares, criados em 1945/1946. Conforme o *Correio de Uberlandia*, os tumultos provocados pelo referido vereador comunista transcorreram da seguinte maneira:

> *"Margonari propõe armazém de emergência com uma Associação de Senhoras para lutar contra a carestia (...) Chiliques. Ataques. Bravatas. Insultos. Correrias. Tumulto. A escada é pequena para conter as massas. Uma senhora sai carregada. Outra sai gritando – bem que eu não queria vir aqui!*
> *Roberto Margonari grita, insulta e usa palavras grosseiras."*[532]

A conturbada sessão do dia 18 de maio, atravessada por interrupções e represálias dos componentes da Mesa, foi encerrada quando, na tribuna, Henckmar Borges defendia o projeto de criação dos armazéns de emergência. Segundo os sucintos registros da ata, o presidente da Câmara justificou a suspensão dos trabalhos, durante os quais ganhou destaque o projeto defendido pelos comunistas, alegando não haver número legal de vereadores para manter o *"funcionamento da Câmara"*.

Nos registros da ata da reunião seguinte, constou a expedição de três ofícios ao Delegado de Polícia solicitando o policiamento das sessões da Câmara. Além disso, foram registrados os pronunciamentos do presidente proibindo as manifestações nas galerias e quaisquer censuras e atitudes de desrespeito às orientações e decisões dos componentes da Mesa.

A esse respeito, foi publicado no *Jornal do Povo* um artigo com duras críticas aos *"udeno-fascistas"* da Câmara Municipal de Uberlândia. O periódico comunista afirmou que povo uberlandense sofria as piores agruras da carestia e denunciou: numa cidade considerada o

---

532. Elementos vermelhos tentaram perturbar os trabalhos no Legislativo municipal. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 19/05/1948, ano 11, n.° 2404, p. 1, c. 1-3.

empório do Brasil Central, os gêneros de primeira necessidade (arroz, banha, feijão, açúcar, entre outros) custavam *"os olhos da cara"*. Conforme o *Jornal do Povo*, isso acontecia porque, nessa cidade, imperava a *"ganância dos açambarcadores e dos câmbionegristas aliada ao desleixo e à criminosa cumplicidade dos poderes públicos"*.[533] Os partidários da UDN e do PRP, ao invés de defenderem os interesses do povo, como demagogicamente diziam fazer, posicionaram-se ao lado dos *"exploradores do povo"*, os quais, nos dizeres do jornal, eram os *"cambionegristas"*, que tinham à frente Afrânio Rodrigues da Cunha, negociante de gasolina, e, entre outros, os atacadistas Messias Pedreiro, os Irmãos Garcia. Contra essa situação, um grupo de mulheres encaminharam um abaixo-assinado ao vereador Roberto Margonari a fim de que este intermediasse junto aos poderes públicos em favor da criação de um armazém de emergência, onde elas pudessem comprar gêneros de primeira necessidade mais baratos. Mas, segundo o periódico, a reação do *"quixotesco demagogo Jacy de Assis"* e de seu comparsa Moacir Lopes de Carvalho, de alcunha fasci-integralista, foi impedir que o vereador Roberto Margonari defendesse o projeto de criação do armazém de emergência e que ele recebesse as manifestações de apoio das mulheres que o reivindicavam, muitas delas eram pessoas humildes dos bairros e, nos dizeres do *Jornal do Povo*, carregavam seus filhos nos braços:

> *"(...) Mas a assistência julgou-se no direito de continuar aplaudindo e foi o que fez, logo em seguida, com salva de palmas. Foi nesse instante que o sr. Jacy de Assis, possesso, cheio de incontida ira, suspendeu a sessão e, saindo da mesa, grita desesperado para que o povo saia imediatamente. (...) a atitude intempestiva do presidente causou justa repulsa no meio da massa que estava sendo enxotada, como se enxotam animais. E o povo revoltado revidou ao insulto do 'educado' cidadão Jacy de Assis, desmascarando-o publicamente, jogando em seu rosto lívido de ira, o desprezo de que ele se fez tão merecedor. (...)"*[534]

Conforme os registros das atas, constatou-se que nas reuniões seguintes, após a solicitação de policiamento para a Câmara e da proibição de manifestações impetradas por Jacy de Assis e apoiadas pelos *"verdolengos locais"*, reinava, por assim dizer, a "paz dos cemitérios"

---

533. Tira a máscara o quixotesco demagogo Jacy de Assis. Jornal do Povo. Belo Horizonte, 06/06/1948, ano 2, n.° 230. p. 9, c. 3-5.

534. Idem.
Na edição do referido jornal, página 5, foi publicado também um artigo sobre a luta *das "mulheres democráticas"* de Nova Lima contra a carestia e pela criação de um armazém *"para beneficiar os trabalhadores e todo o povo"*.

no Legislativo Municipal, pelo menos por algum tempo. Enquanto isso, continuava vigorando o alto custo de vida consubstanciado no câmbio negro dos produtos de primeira necessidade, no *"açambarcamento do arroz por alguns magnatas"*, nas *"transações bancárias em favor dos tatuíras e dos cambionegristas"*, bem como no abandono geral da população pobre da cidade, que vivia na penúria.

Afora as contendas políticas entre udenistas, integralistas e comunistas, o agravamento da crise social constituiu-se pauta de discussão na Câmara. Em agosto de 1948, José Virgílio Mineiro fez um eloqüente discurso sobre as mazelas provocadas pelo alto custo de vida e a miserabilidade dos trabalhadores em geral, cujos salários não lhes garantiam condições mínimas de vida. Ele solicitou ao plenário que aprovasse a inclusão do seu trabalho como tese no Congresso das Municipalidades, programado para novembro daquele ano. O seu texto revelava a penúria que assolava milhões de brasileiros. O latifúndio, segundo ele, era a principal causa da tenebrosa crise social:

> *"Os cavouqueiros da roça, os lavradores, os operários, os funcionários públicos, os pecuaristas, os comerciantes, os profissionais liberais, os professores os industriais, vão, cada dia que passa, enxergando um futuro cada vez mais negro. Os camponeses, os operários e o funcionalismo de categoria econômica mais baixa, não enxergam apenas, um futuro negro, mas já sentem assustadoramente, a realidade da miséria: É a falta de alimentos em quantidade e qualidade; é a morte que arrasta os seus entes queridos, sem o conforto da assistência médica e, quando esta lhes é dada por caridade, a falta absoluta de recursos não permite a aquisição dos medicamentos salvadores; é a falta de vestiários; é a falta de instrução; é a falta de tudo o que torna a vida menos pesada.* ***O que eles sentem é a luz da vida refletida na prisma da miséria, com o seu espectro de cores macabras: O Medo, a Tristeza, a Dor, a Fome, e a Doença.*** *"*[535]

Segundo José Virgílio Mineiro, os demagogos propalavam aos quatro ventos que o país era rico, livre e soberano. Todavia, não era esta a realidade. No seu entendimento, o povo brasileiro, vivendo na mais abjeta miséria, não usufruía a tal liberdade justamente porque não possuía os meios econômicos para isso necessários:

> *"Um trabalhador da roça tem liberdade de se alimentar convenientemente, tem liberdade de educar os seus filhos, tem liberdade de ir a cidade e comprar roupas e calçados para a família, tem liberdade de consultar o médico de sua confiança e de*

---

535. Proposta de tese para o Congresso das Municipalidades, de autoria de José Virgílio Mineiro, apresentada à Câmara Municipal no dia 25 de agosto de 1948. (Grifos meus).

> *combater a pneumonia de seu filho comprando uma penicilina na farmácia. Mas, de que vale tanta liberdade para estes vinte e muitos milhões de criaturas humanas? O gozo da liberdade está subordinado às condições econômicas e a condição econômica destes milhões de trabalhadores do campo é igual a miséria. E a miséria é um abismo intransponível entre o homem e a liberdade."* [536]

O descalabro da injustiça social, a deplorável distribuição de renda no país, a extrema miséria da maioria e a exorbitante riqueza de poucos, segundo José Virgílio Mineiro, deram origem a uma questão social condenada por diversas vertentes ideológicas. Não poucas vozes bradaram contra a miserabilidade das condições de vida de milhões de trabalhadores; afirmava o vereador comunista que Pio XI, Marx, Astrogildo Pereira e muitos outros, em diferentes dizeres, preconizaram a impossibilidade de elevação espiritual e cultural da maioria dos trabalhadores, dada a penúria da situação econômica que lhes era imposta. Conforme José Virgílio Mineiro, foi o próprio Marx quem disse: *"a condição econômica é que determina a consciência do homem"*; de outra maneira, Astrogildo Pereira afirmara que *"o atraso de ordem econômica e social determina e condiciona todo o nosso atraso cultural e espiritual"*. O latifúndio, portanto, era o responsável pela pobreza material, cultural e espiritual do povo brasileiro. Inspirado nessas preconizações, José Virgílio Mineiro foi taxativo: o povo brasileiro atolava-se no *"lodo da miséria"* porque o país ainda atravessava a *"etapa pré-capitalista"*. Por não ter se libertado da *"forma arcaica e semi-feudal de produção terra"*, o Brasil afigurava-se caracteristicamente agrário:

> *"O imperialismo, os grandes latifúndios, o sistema feudal de produção à meia, o sistema bancário sanguessuga de altos juros e curtos prazos impossibilitam a elevação do padrão de vida das grandes massas camponesas que representam mais da metade de nossa população. E essa maioria de infelizes brasileiros vivem na miséria, sem quase nenhum poder aquisitivo. Como se pensar em industrialização do Brasil se mais da metade de sua população quase nada pode comprar? Industrialização sem mercado interno é utopia e a crise de nossas indústrias cada dia mais se acentua por dois fatores: a crescente pauperização do povo e a concorrência assassina dos grandes trustes industriais estrangeiros."* [537]

José Virgílio Mineiro condenou também a penúria do setor pecuário que se encontrava *"desvalorizado e arrasado"*. O financiamento que o Banco do Brasil concedeu aos

---

536. Idem.
537. Idem.

pecuaristas para melhorar e ampliar os seus rebanhos foi um fiasco. O prazo para pagamento da dívida era irrisório: *"de três a cinco anos quando deveria ser de dez a vinte anos"*. Para piorar a situação, a lei de moratória interditou o crédito ao pecuarista. Impossibilitados de pagar a dívida, devido à desvalorização do gado, que girava em torno de 400%, e sem crédito, os pecuaristas caminhavam rumo à falência. Em contraposição a essa conjuntura, o vereador preconizava que, ao invés de criar uma situação periclitante para essa categoria de produtores, o Banco do Brasil deveria abrir novos créditos a longo prazo para que eles pudessem investir em outros setores da produção como agricultura, criação de porcos, indústrias de laticínios, etc.

Outrossim, José Virgílio Mineiro pregava a necessidade de liqüidar a miséria no campo. Segundo ele, não eram poucos os camponeses que acorriam à cidade embalados pela doce ilusão de que iriam conseguir bom emprego e salário, escola, assistência médico-hospitalar, entre outras aspirações. Mas, segundo o vereador comunista, a situação dos camponeses não se resolvia nas cidades, onde a crise também estava instaurada, configurando, assim, um quadro ainda maior de desemprego, miséria, luta e sofrimento. Baseando-se na Lei de *DEFESA DA ECONOMIA POPULAR*, artigo 4.°, letra B, (em vigor devido ao disposto no artigo 173 da Constituição mineira), José Virgílio Mineiro condenou os contratos de meação estabelecidos entre *"latifundiários"* e camponeses, que fixava uma taxa de 50% a 60% da produção, e apontou uma solução que visava manter um pouco mais dignamente o trabalhador no campo: a taxa de arrendamento das terras não deveria ser superior a 20% da produção. Esta tese, conforme sua indicação, deveria ser defendida no Congresso das Municipalidades programado para novembro de 1948. Entretanto não foi possível verificar se tais propostas foram de fato acatadas no decorrer do Congresso. Se chegaram a ser defendidas, nada foi registrado acerca da sua receptividade no referido Congresso, tampouco sobre as possíveis reações provocadas por tais proposições entre os congressistas, uma vez que grande parte dos representantes dos municípios reunidos naquele evento tendiam a defender os interesses dominantes, sobretudo os dos grandes proprietários de terras.

Contudo observa-se que os vereadores comunistas procuraram defender, na Câmara Municipal, como puderam, as reivindicações mais prementes dos segmentos populares os quais,

em muitas situações, receberam orientações comunistas no que tangia ao processo de "conscientização", organização e mobilização em defesa dos seus interesses.

Dentre outros projetos defendidos no Legislativo Municipal, destaca-se o que propunha a fixação da imagem de Cristo. Intento que, face a atuação inflamada dos parlamentares comunistas, parece ter sido uma necessidade nas esferas de decisão do governo como as assembléias legislativas. Presumivelmente, a cruz representava um símbolo sagrado que neutralizaria as investidas deletérios dos comunistas e as discórdias, lembrando aos políticos que estavam congregados nessas assembléias, a necessidade de conciliação, de concórdia e de paz social.

No caso uberlandense, o ritual de entronização da imagem de Cristo foi efetivamente realizado em agosto de 1948, mas a aprovação do projeto acontecera meses antes, em fevereiro, quando o jornal *Voz do Povo* divulgou a declaração de voto favorável dos vereadores comunistas. A atitude desses parlamentares, ao que parece, provocou polêmicas. Se havia incompatibilidade entre comunismo e cristianismo, eles tentavam provar o contrário. Declarando-se espírita e, portanto, cristão, Henckmar Borges justificou o seu voto dizendo que, com base em várias pregações de Jesus Cristo, o culto às imagens era uma atitude condenável. Mas tanto seus princípios religiosos quanto políticos admitiam a *"mais completa liberdade religiosa, liberdade essa de se ter a religião que se quer ter e mesmo de não se ter religião alguma"*; determinavam-lhe *"tolerância e respeito para com as idéias alheias, razão pela qual"* votou a favor do projeto. Intentando expor as afinidades entre as lutas de Cristo e as dos comunistas contra a opressão dos povos, Henckmar Borges destacou o caráter subversivo e revolucionário das manifestações do Filho de Deus, ora homenageado:

> *"A vida de Jesus foi, no seu tempo, considerada pelos judeus e pelos doutores da lei, como prejudicial à ordem pública, uma vez que seus ensinamentos eram considerados revolucionários e, conseqüentemente, como subversão do regime. Entretanto, até hoje, nós, os cristãos, e mesmo os que não o são, consideramos a luta de Cristo, como luta salvadora e, não obstante à diversidade de interpretação dos seus ensinos, todos*

> *concluímos que os mesmos foram lançados no sentido mais puro de redenção humana, luta essa dirigida ainda e principalmente, em favor dos fracos e oprimidos."*[538]

Proclamando-se defensor do materialismo dialético, o vereador José Virgílio Mineiro, ao justificar o seu voto, declarara que não havia, de modo algum, contra-senso e menos ainda *"capitulação oportunista"* na votação dos comunistas pela entronização da imagem de Cristo. Conforme o seu discurso, a Assembléia Municipal era composta por *"homens de várias crenças religiosas e várias ideologias filosóficas"* – os *"católicos praticantes, católicos não praticantes, espíritas, protestantes, maçons e materialistas"*. Todos representavam correntes religiosas e filosóficas diversas e, portanto, o *"pensamento do povo"* em geral.

Condenando os materialistas acomodados, egoístas e vulgares que abandonavam a luta por uma sociedade melhor para usufruir os prazeres da vida, bem como o materialismo mecanicista que, sem *"finalidade social"*, em nada contribuía para o *"desenvolvimento superior da humanidade"*, José Virgílio Mineiro preconizou as virtudes do materialismo dialético. Uma corrente filosófica que *"não estuda um fato isolado porque nada existe isolado na natureza e estuda qualquer processo de desenvolvimento, sempre na escala ascendente do aperfeiçoamento, mas nunca se esquecendo das contradições (...) contradições trazem o movimento, e o movimento é a luta que não cessa nunca e a única garantia, de tudo o que existe. (...) uma concepção filosófica que abrange todos os conhecimentos humanos, aproveitando-os no sentido de controlar as forças naturais em benefício da humanidade, na coletividade"*. Segundo José Virgílio Mineiro, os comunistas não tinham outra intenção senão homenagear um homem que, em seu tempo, também fora revolucionário. Jesus Cristo, conforme os ensinamentos da história, teria lutado até a morte contra as *"idéias caducas daquele tempo"*; defendera novos ideais de vida, considerados então revolucionários, transformadores e *"por isto foi condenado a morrer crucificado por julgamento de um tribunal de Classe Dominante. Esse tribunal condenou-O à morte infamemente em nome dos dominadores e em nome das supostas tradições da Galiléia."*[539]

---

538. Câmara Municipal de Uberlândia. Processo n.° 23. Entronização da Imagem de Cristo; Declaração de voto do sr. Henckmar Borges. Voz do Povo. Uberlândia, 07/02/1948, ano 2, n.° 16.

539. Os vereadores de Prestes concedem unanimidade à entronização de Cristo na Câmara - Declarações de Voto. Voz do Povo. Uberlândia, 07/02/1948, ano 2, n.° 16.

Em seu discurso, o referido vereador afirmou ainda que Cristo não teria sido o único agente de transformações sociais a sofrer perseguições dos defensores dos interesses dominantes. Também Giordano Bruno, Galileu, Darwin, Pasteur, Freud, Tiradentes, no caso brasileiro, e tantos outros, ao intentarem mudar a ordem das coisas, tiveram suas vidas ceifadas.

Por sua vez, Enoque Caldeira de Paiva também fez uma declaração de voto, a qual não divergira, em essência, dos argumentos dos seus correligionários na Câmara. Em seu discurso, ele contestou a *"exploração do homem pelo homem"* e repudiou o imperialismo americano que, na sua visão, sufocava a *"burguesia nacional"* e afundava *"proletários"* e *"camponeses"* na fome, miséria e opressão:

> *"Sou materialista de acordo com as teorias de Marx e Engels que são instrumentos de raciocínio na libertação dos camponeses e operários da opressão imperialista na presente etapa do nosso desenvolvimento histórico.(...)*
> *As minhas convicções materialistas me levam à luta sem tréguas contra o imperialismo e o latifúndio. Também Jesus Cristo em sua época lutou até o último momento de sua vida contra a opressão e o despotismo do imperialismo romano, e desenvolveu esta não somente no terreno nacionalista, mas num setor muito mais amplo, o internacional."*[540]

Na sua acepção, era absolutamente condenável a existência das desigualdades sociais. A riqueza de poucos não podia continuar sendo extraída da maioria da população que, cada vez mais, submergia na pobreza, na falta de quase tudo. Em contraposição, Enoque Cadeira de Paiva preconizou que, na sociedade socialista, seriam suprimidas as desigualdades sociais e destruído efetivamente o sistema capitalista, *"onde uma minoria privilegiada vive em um transbordamento de riquezas a custa de sangue, suor e lágrimas"* da maioria, do povo.

Chegada a hora da solenidade de entronização da imagem de Cristo na Câmara, em 11 de agosto de 1948, alguns vereadores fizeram os seus pronunciamentos, mas o discurso que, segundo a imprensa, marcou a sessão solene foi proferido pelo arcebispo Dom Alexandre G. Amaral:

> *"(...) é impressionante que todos, sem excepção alguma, cada qual à sua maneira, dentro de sua convicção, ou de sua falta de convicção, que nós todos respeitamos,*

---

540. Ainda sobre a entronização - Declaração de voto do vereador-operário Enock Caldeira Paiva. Voz do Povo. Uberlândia, 07/02/1948, ano 2, n.° 16.

> *cada qual quis realmente fazer coro. Não há nota dissonante alguma. É um espetáculo que nobilita esta Câmara Municipal de Uberlândia*
> *Eu poderia dizer, aqui, há representantes de teorias, as quais combato vigorosamente, por dever do meu ofício, e nem seria sincero se eu dissesse o contrário, eu poderia dizer, aqui, a esses representantes que estou ainda combatendo as teorias, respeitando as pessoas.*
> *O direito de errar é uma cousa terrível, mas o direito de ter as convicções é uma coisa bela. E mesmo dentro do erro aqueles que estão convencidos do seu erro merecem, de certo, o nosso acatamento."*[541]

As palavras do presidente da Câmara, Jacy de Assis, expressaram o sentido da entronização da imagem de Cristo num importante centro de decisões da vida política municipal como a Câmara. Depreende-se do seu discurso que a presença imagética de Cristo na Assembléia Municipal, enquanto símbolo *"absoluto da verdade"*, haveria de lembrar aos representantes políticos os deveres de promover o bem e a concórdia, defendendo incondicionalmente os interesses do povo, do município, promulgando leis benéficas à sociedade. Segundo Jacy de Assis, o cerimonial representava o triunfo do espírito cristão na cidade, que abjurava, *"cada vez mais, os credos materialistas que concorrem apenas, com seus conceitos sem o reforço da fé, para trazer ao povo o desespero de amanhã."* Nos seus dizeres, em Uberlândia reinava a paz e o *"sossego espiritual"* graças ao Monsenhor Eduardo Antônio dos Santos, a quem também estendia sua homenagem. Afirmou ainda, que se o povo levou Cristo à Câmara, Monsenhor Eduardo teria cumprido a tarefa redentora de levar Cristo ao coração do povo. A dimensão da reverência ao referido Monsenhor, enquanto semeador e guardião da cultura cristã em Uberlândia, pode ser percebida na indicação de Moacir Lopes Carvalho, a qual propunha a instituição do dia 02 de abril como um feriado municipal em homenagem ao Monsenhor Eduardo dos Santos.

Além da polêmica aprovação desse projeto, o jornal *Voz do Povo* divulgou outros projetos que os vereadores comunistas se comprometeram defender. Entre eles, algumas indicações dos *"vereadores de Prestes"* solicitando melhorias infra-estruturais no distrito de Martinésia, onde os comunistas desenvolveram diversas atividades, principalmente as de conscientização e educação política e organização dos trabalhadores do campo, e coletaram as

---

541. Palavra do senhor Bispo na Câmara Municipal de Uberlândia. Gazeta do Triangulo. Araguari, agosto de 1948. [Os dados completos do jornal não constavam da cópia anexada ao processo arquivado pela Câmara Municipal de Uberlândia].

reivindicações mais prementes de seus habitantes. Conforme o arauto dos comunistas, Martinésia fora considerado um *"baluarte abastecedor de produtos agrícolas de Uberlândia"*, proporcionando ao município altas rendas, mas pouco ou quase nada era revertido em benefício de sua população, ainda mergulhada na pobreza:

> *"Uns pediam revisagem completa no abastecimento de água, escola, cemitério, estradas. Outros pedindo criação do Serviço de luz e força pela Cia. Prada, ponte sobre o rio Uberabinha, revisão no serviço telefônico, agencia postal, extinção de saúvas, cadeia pública, e muitas outras reivindicações bastante sentidas nesse distrito, tendo muita gente, que se diz boa, classificado-as como 'lamúrias comunistas'. (...)*
> *Felizmente, hoje já podemos 'berrar' os nossos protestos, com mais probabilidades de sermos atendidos porque já possuímos em Câmara Municipal onde contamos com vários representantes nossos 'do povo' (...)*
> *Sugerimos, neste ensejo, ao setor administrativo, a criação de uma Sub-prefeitura neste distrito, com a agência de arrecadoria, de cujas rendas, possam extrair uma porcentagem a fim de conservar as obras que forem construídas e, na medida do possível, construir outras que necessário se façam. Caso contrário srs. da administração pública, somos forçados a tomar medidas mais vigorosas, a fim de sermos melhor atendidos."*[542]

Na esteira das denúncias do jornal *Voz do Povo*, que, de uma maneira ou de outra envolviam os dirigentes políticos da cidade, pode-se citar mais um exemplo delas: o *"assalto ditatorial ao Sindicato do Comércio Varejista de Uberlândia"*, que, em fevereiro de 1948, estava sob a direção do comunista Alcides Simão Helou. Nos dizeres do jornal, as autoridades públicas locais transfiguraram-se em interventores do governo Dutra, com a conivência *"fascista"* de Angelino Pavan, Oscar Miranda, Milton Avelino Franco, Cleanto Vieira Gonçalves e o Delegado de Polícia. Tratava-se, pois, da deposição do então presidente do sindicato, Alcides Simão Helou, e do empossamento dos interventores que, sob os protestos dos filiados, comporiam a diretoria da entidade. Questionando a intervenção, o presidente deposto delineou a trajetória de luta do sindicato, o qual, em suas assertivas, jamais teria dado motivos para a arbitrariedade que se instaurava naquele momento:

> *"(...) expôs a todos a vida do Sindicato, desde a sua fundação, os trabalhos ingentes que se vinha realizando, as conquistas feitas, tais como Anistia Fiscal, Congresso Regional do Comércio Varejista, Escolas, Cursos, Delegacias Sindicais, Assistência jurídica, fiscal e material a todos os sócios, disse ainda que, o único artigo que confere poderes ao Ministro do Trabalho, para intervir nos sindicatos, é o art. 528,*

---

542. Martinésia - um celeiro vazio. Voz do Povo. Uberlândia, 14/02/1948, ano 2, n.° 17.

> *isso se houvesse dissídios coletivos ou vida tumultuada no Sindicato, mas que nada disso havia no Sindicato, sua vida era normal."* [543]

Alcides Simão Helou alegou que o artigo 528 da CLT sequer tinha sido referendado pela Constituição Federal. Acusando os interventores de *"solapadores da unidade sindical"*, solicitou a abertura de inquérito para apurar as responsabilidades pelas atitudes arbitrárias que acometeram a entidade. Todavia, segundo o jornal, o presidente do sindicato não teve outra alternativa senão acatar os encaminhamentos da comissão interventora e, por fim, entregar as chaves do prédio.

Desse modo, constituiu-se uma mesa composta pelos interventores, os quais procederam às solenidades de reestruturação da diretoria do sindicato. Durante o discurso de Angelino Pavan, o presidente deposto interpelou-o, questionando a legitimidade de suas propostas para a gestão do sindicato, uma vez que o referido interventor era uma pessoa estranha à vida da entidade, e nem mesmo era seu filiado. Além disso, o jornal comunista afirmou que os associados já estavam *"cheios das conhecidas negociatas, demagogias nazistas"*.

Assim, conforme o jornal, os associados contestaram as medidas que depuseram o comunista Alcides Helou e, num gesto de protesto, todos eles se retiraram do recinto. Continuando a discorrer sobre a intervenção no sindicato, o jornal afirmou que:

> *"o interventor Miranda e o Delegado de Polícia, propondo que fosse uma comissão de varejistas levantar o balanço dos móveis para depois fazer o depósito em juízo, assim foi dada a chave, para que se processasse de acordo; entretanto, lá chegando, as autoridades não cumprindo o prometido, tomaram a chave à força, chegando mesmo a ameaçar de invasão policial o Sindicato, de prisão os seus diretores, que tinha recebido instruções nesse sentido, e que, agiria com todo rigor; o sr. Helou mostrou-lhe a Constituição, porém de nada valeram os protestos (...) Consumou-se o assalto ao Sindicato, por elementos estranhos a sua vida, e com a cumplicidade de todos os que, compuseram a mesa (...)"*[544]

Nas assertivas do jornal *Voz do Povo*, dois motivos levaram as autoridades públicas àquela arbitrariedade. Primeiro, as lutas dos varejistas contra os açambarcadores, atacadistas e *"tubarões"*, que vinham desmascarando uma série de negociatas realizadas impunemente em Uberlândia, inclusive com a cumplicidade da Associação Comercial e Industrial. Segundo o

---

543. Assalto ditatorial ao Sindicato do Comércio de Uberlândia. Voz do Povo. Uberlândia, 14/02/1948, ano 2, n.° 17.
544. Idem.

jornal, a intervenção visou conter as investidas do sindicato dos empregados no comércio varejista que, enquanto poderoso instrumento de luta, movimentava pela consolidação do projeto da chamada *"Semana Inglesa"*, amplamente debatido na Câmara Municipal e defendido principalmente pelos comunistas, que regulamentava o horário comercial e, por conseguinte, pressionava o cumprimento da jornada de trabalho dos comerciários.

Conforme José Virgílio Mineiro e Henckmar Borges, o objetivo do projeto objetivava tão somente regular o horário de abertura e fechamento do comércio, o que não implicava nenhuma alteração na jornada semanal do trabalho dos comerciários, conforme a lei vigente. Em novembro de 1950, o referido projeto, em segunda discussão, foi votado, rejeitado e encaminhado para arquivamento. Em 1951, o projeto da *"Semana Inglesa"* foi novamente discutido e, num tira/põe emendas, aprovado. Mas, por algum tempo, a polêmica regulamentação desse projeto, que, em muito, afetava os interesses do setor do comércio, atravessou as reuniões da Câmara.

Tempos depois, um ofício expedido pelo Sindicato dos Empregados no Comércio de Uberlândia denunciava a desobediência à lei da *"Semana Inglesa"*.[545] A entidade reclamava que os atacadistas agiam de dois modos: uns comercializavam seus produtos acintosamente, outros vendiam-nos dissimuladamente. Conforme as denúncias dos dirigentes do Sindicato, o desrespeito à lei devia-se à impunidade reinante. A fiscalização exercida pelos órgãos competentes da Prefeitura Municipal e a aplicação de multas tornavam-se sem efeito, pois a afronta dos poderosos empresários era mais forte que as próprias leis. Como disse o vereador Angelino Pavan, tempos depois, em uma das reuniões de 1952, a lei de regulamentação do horário comercial estava bem elaborada, o que faltava era uma ostensiva e rigorosa fiscalização do seu cumprimento.

Numa digressão aos tempos que precederam a aprovação do projeto da *"Semana Inglesa"* na Câmara, observa-se que diversos debates em torno do horário comercial x jornada de trabalho foram parcialmente divulgados pelo *Voz do Povo*. A proposta de regulamentação da carga horária de trabalho dos comerciários beneficiaria um amplo segmento de trabalhadores. Nos

---

545. Sindicato dos Empregados no Comércio Varejista de Uberlândia. Ofício n.º 30. 23 de novembro de 1951.

dizeres do jornal, jovens de todas as categorias de trabalho compuseram um movimento em defesa de tal projeto, conseguindo, para isso, um abaixo-assinado com centenas de assinaturas, o qual foi entregue a Henckmar Borges. Visando atender a essa reivindicação, o *"vereador de Prestes"* apresentou à Câmara um projeto de lei regulamentando o horário do comércio em Uberlândia.

Proclamando-se um *"defensor intransigente da classe operária"*, o *Voz do Povo* se colocou à disposição do movimento pela Semana Inglesa, propagando a idéia de que toda campanha pelo bem coletivo, para ser vitoriosa, precisava de união, organização e resistência. Em suas assertivas, a união e a participação direta de todos os interessados pela redução da jornada de trabalho eram imprescindíveis, pois só assim seriam reunidas as forças suficientemente capazes de pressionar os poderes públicos para atenderem, mais rapidamente, suas reivindicações.

Na concepção do jornal, a união pressupunha a congregação de pessoas com os mais diversos pontos de vista e já a organização viria a ser um modo de aparar as visões e opiniões divergentes. Na mira da conquista dos seus interesses, os comerciários deveriam organizar um movimento sólido e coeso, capaz de lutar pelo cumprimento das leis trabalhistas, pelos direitos que lhes eram assegurados pela Carta Magna. O jornal alertava que, se a classe ainda não se beneficiava de tais direitos, tal fato devia-se justamente à sua desunião, desorganização, e, conseqüentemente, resignação. Em contrapartida, o jornal preconizava a necessidade de união e resistência:

> *"Cabe aos mais esclarecidos transmitir aos seus companheiros de trabalho, nos serviços, nos momentos de descanso, em casa, nas ruas e logradouros públicos, que é preciso resistir para que a união inicial e a organização posterior, não seja um desperdício de forças e energias, e se isto for realizado, os vacilantes que por ventura aparecerem serão atraídos e farão causa comum nessa luta."*[546]

Conforme o jornal, as reivindicações dos comerciários eram direitos trabalhistas prescritos pela Constituição, o que favorecia a vitória do movimento em defesa dos seus interesses. Direitos como salário mínimo vital, adicional noturno, participação nos lucros da empresa, jornada de oito horas de trabalho, repouso semanal remunerado, higiene e segurança no

---

546. A Semana Inglesa. Voz do Povo. Uberlândia, 07/02/1948, ano 2, n.° 16.

trabalho, assistência médica preventiva e hospitalar, entre outros, eram garantidos pela Carta Magna. Portanto, cabia aos trabalhadores uma luta incisiva pelo cumprimento das leis já existentes. Cogitou-se, tempos depois, uma greve dos comerciários pela melhoria das suas condições de trabalho e de salários a qual, conforme as atas e os registros nos jornais, não aconteceu.

O jornal *Voz do Povo* propagava que o impasse em torno do horário comercial nessa cidade não teria difícil solução, uma vez que os comerciantes *"progressistas"* manifestaram seu apoio à regulamentação da chamada Semana Inglesa. Mas esse projeto era essencialmente controverso. De um lado, situavam-se os comerciários e o industriários que aspiravam por ele, à exceção de algumas categorias como a dos barbeiros e cabeleireiros, que desejavam exceder o horário comercial determinado por lei, principalmente, em decorrência da necessidade de atender aos trabalhadores e profissionais liberais que acorriam aos seus estabelecimentos após o expediente e nos finais de semana. De outro, figuravam os comerciantes e os industriais que, mesmo após a aprovação da lei, subjugavam-na, impondo o horário comercial que lhes era conveniente e, por conseguinte, uma extensa jornada de trabalho. Essa atitude dos empresários era comum na cidade. Em geral, o patronato uberlandense, a começar pelos próprios órgãos de governo, ressaltando-se a Prefeitura Municipal, desobedeceram acintosamente às leis trabalhistas que de alguma maneira beneficiavam os trabalhadores.

Em janeiro de 1948, o vereador comunista Enoque Cadeira de Paiva apresentou à Câmara um projeto solicitando o aumento salarial dos diaristas, mas Moacir Lopes Carvalho posicionou-se frontalmente contra e pediu o arquivamento do processo, alegando impossibilidade orçamentária da prefeitura. Sua proposta foi votada e aprovada.

Contrapondo-se às obstruções contra o reajuste salarial dos funcionários da Prefeitura Municipal, em novembro de 1948, os *"vereadores de Prestes"* lançaram um protesto público, no qual não usaram meio termo para denunciar os motivos que levaram a maioria da Câmara a reprovar o aumento dos parcos salários da maioria dos referidos servidores:

> *"Esta negativa, da maioria dos vereadores, procurou se fundamentar na elaboração de uma planta cadastral, que neste caso, seria feita a custa da miséria e da fome dos trabalhadores. Para eles a fome dos servidores municipais pode se prolongar indefinidamente, mas a planta cadastral não pode ser adiada."*[547]

Em novembro de 1949, a Câmara Municipal negou novamente o aumento salarial dos diaristas. A votação da proposta orçamentária para 1950 deixava de lado o reajuste dos vencimentos da maioria do funcionalismo municipal. Isso levou os vereadores comunistas José Virgílio Mineiro e Henckmar Borges a se manifestarem contra o projeto orçamentário por excluir a possibilidade de reajustar os salários e conceder abonos aos funcionários da prefeitura. Nas afirmações de José Virgílio Mineiro, era injustiça demais conceder aumento de salários para alguns funcionários, deixando a maioria do funcionalismo nos patamares da miséria.

Em consonância com as denúncias dos comunistas, os servidores municipais não tardaram a manifestar o seu protesto. Encaminharam um ofício à Câmara contestando a objeção ao aumento salarial sob o pretexto de falta de verbas:

> *"A proposta orçamentária para o próximo exercício de 1950, obteve a aprovação da Câmara Municipal, em sua última reunião, com rejeição do aumento geral e eqüitativo proposto pelo Prefeito José Fonseca e Silva. (...)*
> *Se não existe – ao que sabemos –, razão imperiosa que impusesse medida assim tão impiedosa, nada nos ocorre para justificativa de sua efetivação, a não ser que o objetivo visado tenha sido o de se levar o desespero, a fome e a miséria ao lar do humilde servidor do município.(...)*
> *A administração municipal, premida certamente pela necessidade imediata de reduzir despesas, de forma a resolver antes de tudo outros problemas de maior relevância, propôs ao Legislativo Municipal apenas o aumento de alguns vencimentos."*[548]

No manifesto, os servidores reclamavam que até então o aspirado reajuste salarial fora aguardado, mas nada foi feito. Enquanto o aumento não vinha, os gêneros de primeira necessidade subiam assustadoramente, tornando quase impossível o sustento de suas famílias com os salários miseráveis que recebiam. Os funcionários municipais expuseram, no referido libelo, as dificuldades enfrentadas, principalmente pelos que possuíam família numerosa. Nesses casos, os servidores afirmaram que era quase impossível *"o prosseguimento da luta*

---

547. Ao povo. Uberlândia, 28 de novembro de 1948. Panfleto assinado por: Henckmar Borges, Roberto Margonari, José Virgílio Mineiro e Enoque Caldeira de Paiva.

548. Câmara Municipal de Uberlândia. Processo n.º 16. Ofício: Senhores Vereadores. Uberlândia. [s.d.].

quotidianamente travada no sentido de obterem com parcas moedas, produto de seus minguados ordenados, alimento para que seus filhos não viessem a sucumbir de fome e de miséria".[549]

Os servidores municipais protestaram a discriminação havida na escolha dos beneficiados, reclamando aos os vereadores que aprovassem os salários de todos os funcionários ou de ninguém. Segundo eles, a reprovação do aumento salarial significaria mais um ano de *"provações e sofrimentos"* para as famílias que faziam verdadeiros *"malabarismos dos orçamentos domésticos"* para continuarem vivendo. Sem o reajuste esperado, tais famílias passariam por sufocantes privações: não poderiam substituir as roupas remendadas e os sapatos surrados dos filhos e, menos ainda, pagar as contas atrasadas do armazém, da farmácia e do judeu que lhes cobrava insistentemente:

> *"(...) Em número não pequeno, há os que lutam realmente contra a falta de recursos, desempenhando, mal alimentados e mal vestidos, as suas humildes, mas importantes funções. Fiscais, escriturários, contínuos, magarefes, encarregados das redes de água e esgotos, guardas do mercado, coveiros, auxiliares de todas as categorias – funcionários inferiores na sua classificação hierárquica, porém eficientes e cônscios dos seus deveres. A estes o corte desumano e total do já insuficiente aumento proposto pelo senhor prefeito feriu profundamente."*[550]

Conforme os funcionários da prefeitura, o manifesto visava sensibilizar os vereadores, levando-os à reflexão sobre os problemas que as suas decisões poderiam criar/agravar, como a resolução por eles votada que ameaçava levar a fome e a miséria para os lares dos funcionários mais pobres. Contra esse virtual infortúnio, eles lançaram-se em protesto e, reafirmando o caráter de sua luta, argumentaram, na contracorrente das notícias veiculadas pelo *Correio de Uberlândia*, que suas contestações não eram subversivas, nem mesmo foram *"instigadas pelos adeptos do credo vermelho"*, como sugeriu o referido jornal ao afirmar que os diaristas agiam sob orientação comunista. Em seus dizeres, tudo o que queriam era a liberdade de manifestação de pensamento, de contestações pacíficas. Observaram ainda que era estratagema dos reacionários imprimir a alcunha vermelha nos movimentos que visavam assegurar melhores

---

549. Idem.
550. Idem.

condições de trabalho e vida, ou seja, um ardil do qual os dirigentes se serviam para desarticular e desmobilizar as lutas nos mundos do trabalho. (ANEXO 9).

Conforme as denúncias do manifesto, até os autores do projeto que concedia o reajuste salarial titubearam. Em seus dizeres, nenhum parlamentar se posicionou contra a resolução que prejudicava profundamente os mais necessitados, os quais todos os dias enfrentavam árdua e amargamente o alto custo de vida. Concluindo, os servidores denunciaram que os professores e o Chefe do Serviço de Educação e Saúde foram os únicos que receberam reajuste, o *"privilégio da exceção"*. Entretanto, os registros das atas indicaram que o projeto de aumento salarial foi rejeitado. Presumivelmente os três votos favoráveis ao reajuste referiam-se aos dos vereadores comunistas, à exceção de Roberto Margonari que não compareceu ao plenário.

Também sob a pecha do comunismo, a greve dos motoristas, em 31 de maio de 1948, adentrou os espaços da Câmara, onde foi indicada e aprovada uma moção de solidariedade ao movimento, bem como a intervenção oficial do Legislativo em *"todas as negociações ou atos que* [fossem] *necessários para uma vitória integral."*[551] Na mesma sessão em que aprovaram essa indicação, Henckmar Borges sugeriu que uma das reivindicações dos motoristas poderia ser solucionada com o tabelamento do preço da gasolina e do óleo cru (diesel). Mas, enquanto a situação não se resolvia, os motoristas tomaram as pontes do posto Vau e do Praia Clube, impedindo o acesso ao Sudoeste de Goiás e ao Sul do Mato Grosso, e interditaram o trânsito na cidade, impossibilitando o tráfego dos veículos.[552] No dia seguinte, segundo os informes do *Correio de Uberlandia*, o comércio fechou as suas portas em solidariedade à greve. Aderiram ao movimento os choferes de praça e os carroceiros. Todos os veículos de Uberlândia encontravam-se imobilizados pela greve, inclusive, por força das circunstâncias, os ônibus urbanos e interurbanos.[553] Aliás, na ocasião, foram distribuídos panfletos manifestando a solidariedade de

---

551. Câmara Municipal de Uberlândia. Indicação. 31 de maio de 1948. Documento apresentado por alguns vereadores, destacando-se, entre eles, Raul Pereira Resende, Agenor Alves Garcia, Edésio Alves, Manoel Latrilha.

552. Greve dos motoristas de caminhão. O Reporter. Uberlândia, 31/05/1948, ano 15, n.° 1.163, p. 1

553. Sem solução ainda a greve dos transportadores. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 02/06/1948, ano 11, n.° 2.414. p.1.

diversas pessoas, empresas e entidades ao movimento grevista. (ANEXO 10). Na contrapartida, a Associação Profissional dos Condutores de Veículos divulgou uma nota na imprensa solicitando que nenhum boletim fosse emitido sem a prévia autorização da Comissão de Greve dos motoristas para que o movimento não tomasse rumos indesejados.

Conforme as notícias do jornal uberabense *Lavoura e Comércio*, o principal motivo que levara os motoristas à deflagração do movimento grevista foi a proibição, por parte das autoridades policiais, do transporte de passageiros em caminhões. Alguns motoristas haviam sido multados por infringirem tais normas.[554] Eles argumentavam, em seu favor, que as comunicações e os transportes na região Brasil Central eram por demais ineficazes e para atender aos interesses da população, teimavam em fazer o transporte de passageiros em seus caminhões. Em suas falas, os moradores do campo não podiam ser tão brutalmente afetados pelos interesses monopolizadores da Companhia Expresso Triângulo Mineiro S. A., empresa responsável pelo transporte de passageiros em algumas regiões por onde trafegavam os caminhões.

De acordo com o jornal Belohorizontino *O Diário* e o relatório do DEOPS-SP, a greve abarcou os motoristas de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Triângulo Mineiro.[555] Os grevistas bloquearam todas as estradas. Só em Uberlândia encontravam-se cerca de 450 caminhões que interromperam as suas atividades para reivindicar, basicamente, o fim do câmbio negro da gasolina e do óleo cru (diesel) e o direito de transportar os passageiros do campo para a cidade:

> *"(...) a greve dos motoristas, em março de 1949,* [foi] *chefiada por Waldemar Silva, elemento fichado, naquela época presidente da Associação dos Motoristas.*
>
> *a) Pleiteavam eles o direito de conduzir passageiros em caminhão. Como já referimos, por Uberlândia transitam grande número de caminhões que cortam o Triângulo Mineiro se dirigindo até Goiás, Mato Grosso, São Paulo e também distantes regiões do Estado de Minas; os meios de condução raros e difíceis; o povo recorre então para os motoristas de caminhão e estes por quantias reduzidas, transportavam as pessoas daqui para ali, o que lhes foi vedado então pelo Delegado de Trânsito;*
>
> *b) Redução do preço da gasolina que estava naquela época a Cr$ 2,60 o litro.*

---

554. Estão em greve os motoristas de caminhão. Lavoura e Comércio. Uberaba, 02/06/1948. [Acervo: processos da Câmara Municipal de Uberlândia].

555. Greve dos motoristas de Uberlândia. O Diário. Belo Horizonte, 03/06/1948. [Acervo: processos da Câmara Municipal de Uberlândia].

c) Diminuição do preço também do 'óleo diesel' a Cr$ 2,00 o litro."[556]

Três dias de greve se passaram e nenhuma solução foi realmente consolidada. Na avaliação das autoridades públicas, a greve provocava enormes perdas de tempo e dinheiro, dada a extensão do movimento que interditou o transporte dos produtos intercomercializados no Triângulo Mineiro e nas regiões de São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Por esse motivo, o presidente da Câmara Municipal, Jacy de Assis, resolveu interceder, com o propósito de promover a conciliação de interesses e encontrar soluções eficazes para o impasse:

> *"(...) os ânimos já estavam se exaltando e a situação local não permitia mais delongas. E então,(...) mais uma vez se pôs o Dr. Jacy de Assis, presidente da Câmara Municipal, em contato com o Palácio da Liberdade, procurando expor ao governo do Estado quão grave estava se tornando o caso de Uberlândia. Dessa conversa resultou então resolverem as autoridades municipais, apoiadas pelo governo estadual, assumir toda e qualquer responsabilidade conseqüente ao ato, acatando o pedido dos grevistas (...)."*[557]

Assim, em 02 de junho de 1948, foi realizado um acordo entre a Câmara, a Prefeitura e a Associação Profissional dos Condutores de Veículos dessa cidade, nos seguintes termos:

> *"a) – A partir desta data será livre o transporte de passageiros em caminhões desta cidade para outros municípios, sem necessidade de qualquer fiscalização por parte do Serviço de Trânsito, bem como das vizinhas para esta cidade;*
> *b) – A Prefeitura e a Câmara Municipal assumem o compromisso de fazer cumprir, dentro do Município, esta liberdade de transporte, chamando para o Governo a responsabilidade do seu ato perante o Governo do Estado e o Conselho Nacional do Trânsito;*
> *c) – A Prefeitura e a Câmara assumem o compromisso de fazer respeitar no Município as tabelas de preços de gasolina e óleo diesel que forem fixados pelo Conselho Nacional do Petróleo."*[558]

Como disse o *Correio de Uberlandia*, a atitude das autoridades municipais veio solapar as notícias mentirosas de um jornal tendencioso, vale dizer, comunista, de Belo Horizonte, o *Jornal do Povo*, que propalou a indisposição dos poderes públicos em resolver a questão dos motoristas. Segundo o *Correio de Uberlândia*, a própria Associação Profissional dos

---

556. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p.31 pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.
Conforme os dados obtidos, a greve não ocorreu em março de 1949 como testificou o DEOPS, mas em 31 de maio e 01 e 02 de junho de 1948.

557. Terminada a greve dos transportadores. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 03/06/1948, ano 11, n.º 2.415, p. 1, c. 1-7.

558. Idem.

Condutores de Veículos reconheceu e agradeceu a intervenção decisiva das autoridades municipais no atendimento de suas reivindicações. Ao contrário das maledicências do jornal belohorizontino, o referido periódico uberlandense afirmou que a *"Prefeitura, a Câmara, a Delegacia de Polícia, a imprensa, o comércio, Uberlândia em peso solidarizou-se com os grevistas, por ver, no que pediam, não apenas o interesse de uma classe, mas o interesse da própria cidade"*.[559]

Na versão do *Jornal do Povo*, o conluio das autoridades municipais e estaduais era uma manobra visando provocar o *"divisionismo entre os grevistas"*, bem como uma tentativa de enfraquecer o movimento através do adiamento das soluções, vencendo-os pelo cansaço. Contudo, dentro da ordem, os grevistas mantiveram-se firmes em sua luta:

> *"(...) souberam – alertados por seus líderes autênticos como, Valdemar Silva (o 'homem de valor no dizer deles'), Pedro Abreu, Amércio Atil, Pedrosa, o impassível Doca, Presídio Peixoto, Lemes e outros – desmarar as provocações e enxergar as manobras dos Jacy de Assis."*[560]

Conforme as denúncias do *Jornal do Povo*, Jacy de Assis afigurava-se um *"pajé"*, que, sob a aura da concórdia, da conciliação, provocava sorrateiramente a discórdia, a divisão e, com isso, a desarticulação do movimento grevista.

Após as notícias sobre os impasses vencidos e o já mencionado acordo selado entre as partes interessadas, o *Jornal do Povo* divulgou a realização do comício dos grevistas:

> *"(...) A Comissão dos Grevistas, junto à comissão das autoridades se dirigiu para a embocadura da Av. Vasconcelos Costa, transformada Q.G. da greve.*
> *Roberto Margonari, vereador comunista, que sempre esteve junto com os motoristas, pronunciou um grande discurso ressaltando o valor da união organizada para a luta e a vitória dos grevistas. (...)*
> *Pernambuco – assim é conhecido o destemido chofer Francisco Batista Confessor – ressaltou o valor da "união sem desordem" e do líder honesto e sem medo como Valdemar Silva.*
> *Outros pediam que ninguém comprasse mais na casa do traidor Alexandrino Garcia e não atendesse mais aos chamados de Jacy de Assis – 'inimigo da classe, como ficou classificado."*[561]

---

559. A Associação Profissional dos Condutores de Veículos Rodoviários agradece às autoridades locais! Correio de Uberlandia. Uberlândia, 12/06/1948, ano 11, n.° 2.421, p. 1, c. 1-7.
560. Venceram os grevistas. Jornal do Povo. Belo Horizonte, 06/06/1948, ano 2, n.° 230. p. 1, c. 1-5, p. 4, c. 3-5.
561. Idem.

A não ser os termos do acordo, que por um breve tempo foi cumprido, o *Jornal do Povo* e, menos ainda, as atas e os documentos constitutivos dos processos da Câmara não esclareceram os impasses que configuraram Jacy de Assis e seus comparsas como traidores dos grevistas. Mas é provável que, enquanto defensores das classes dominantes locais, o presidente da Câmara, os vereadores *"udeno-fascistas"* e as autoridades públicas estaduais tenham, em seus jogos políticos, tentado desarticular/desmantelar, como puderam, o referido movimento grevista a fim de que prevalecessem os interesses dominantes. Todavia, pelo que consta do *Jornal do Povo*, os grevistas driblaram os joguetes das autoridades públicas, venceram e conquistaram suas reivindicações. Em comemoração, eles promoveram uma passeata com mais de mil veículos, que saíram da Av. Vasconcelos Costa e perfilaram pelas principais ruas e avenidas da cidade, com buzinação e exaltações ao líder Valdemar Silva, o qual, sobre um caminhão que carregava as lideranças da greve, empunhava a bandeira nacional e a da associação dos motoristas.

Desse modo, pode-se afirmar que, mediante os resultados desse movimento grevista, a tão reclamada causa do transporte de passageiros em caminhões, constante da pauta de reivindicações prementes dos camponeses uberlandenses, mencionadas anteriormente, tornou-se vitoriosa. O que eles conseguiram, no efervescente ano de 1946, foi o transporte de passageiros em caminhões apenas no perímetro que circunscrevia a cidade e os distritos, onde se localizavam as ligas camponesas, alcunhadas de comunistas. Já em 1948, com a greve dos motoristas, essa conquista, com o aval do governo estadual, foi estendida às várias regiões interligadas a Uberlândia. Era o que queriam os trabalhadores do campo desde aquela época, quando deflagraram um movimento orientado pelos comunistas em defesa dessa causa.

A greve dos motoristas, apesar da associação e seus dirigentes terem tentado eximir-se, nos documentos oficiais, de qualquer envolvimento político, principalmente com o PCB, foi associada ao comunismo. Isto porque, a composição da entidade integrava comunistas e supostos

comunistas, como Waldemar Silva, que atuava como Secretário Político Encarregado do Trabalho Sindical do Comitê Municipal do PCB de Uberlândia.[562]

Dias depois do movimento grevista, um grupo de vereadores apresentou à Câmara uma indicação contra todas as greves orientadas por comunistas. Ao defender a indicação, Moacir Lopes Carvalho acusara o PCB local e seus adeptos de agirem sob a orientação de *"um chefe que por sua vez é dirigido por força externa"*. Afirmou que os comunistas eram *"fabricantes de greve"* em Uberlândia, responsáveis pela preparação da greve dos diaristas da Prefeitura Municipal que não chegou a se realizar. Além dessas acusações, o referido vereador alardeou que os comunistas queriam *"repetir no Brasil o que se passou na Rússia e demais países europeus dominados pelo comunismo."* Em seguida, Jacy de Assis solicitou a palavra para defender a UDN dos ataques comunistas que a responsabilizavam pela violência policial na cidade. Afirmou que o Partido Comunista queria *"assumir a paternidade de todas as ações construtivas em Uberlândia"*, quando a maioria das obras realizadas era de autoria dos representantes da UDN. Logo depois, José Virgílio Mineiro acorreu à Tribuna para defender os comunistas das acusações apresentadas, principalmente as denúncias de Jacy de Assis, que os responsabilizou pela insuflação da greve dos ferroviários da Cia. Mogiana e de nada fazer em benefício do povo e da cidade. Segundo o referido vereador vermelho, os comunistas tinham representação na Câmara e, contestando a acusação de inoperância e ineficiência dos *"vereadores de Prestes"*, afirmou veemente que eles apresentaram, sim, muitos projetos de interesse do povo, embora sequer a Câmara fizesse transparecer a autoria dos projetos e luta dos parlamentares comunistas em defesa deles. Em seus dizeres, várias obras realizadas em Uberlândia eram iniciativas dos comunistas – e também concepção, planejamento e execução dos projetos.

Ao discorrer sobre sua conduta profissional e política, José Virgílio Mineiro afirmou que, em lugar de procurar clubes e distrações aos domingos, como era costume dos

---

562. Waldemar Silva foi fichado pelas polícias políticas e citado em vários boletins, relatórios e outros documentos. Relação dos componentes dos Comitês Municipais do Partido Comunista do Brasil, no Estado de Minas Gerais; conforme foi publicada no "Diário da Justiça" (Suplemento do "Minas Gerais") de 4 de janeiro de 1947. Documento nº 1.3.39.12 do acervo do DOPS. Setor: comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

uberlandenses, percorria a zona rural do município, quando a polícia não o interditava, distribuindo amostras de remédios e prestando assistência médica gratuita aos necessitados, bem como às instituições de caridade. Conforme o discurso do vereador vermelho, a alardeada notícia da greve dos diaristas publicada pelo *Jornal do Povo* não deveria ser objeto de tanta calúnia, pois o *Correio de Uberlandia* também publicou a notícia de uma greve dos comerciários que não se concretizara e isso não teve a menor repercussão na Câmara. Mas, nas suas considerações, a perseguição ao comunismo nos espaços de decisão da política do município e nos mundos do trabalho, intentou subjugar quase todas as manifestações contrárias.

Os dizeres da indicação anticomunista eram claros: todas as manifestações grevistas de Uberlândia *"são movimentos comunistas em sua essência, e quando não comunistas no seu início, o sentido dela é logo desvirtuado para obter vantagem política e para criar a situação de confusão e anarquia social"*.[563] Os autores da referida indicação pretenderam dizer, infere-se, que a questão não era ignorar as justas reivindicações dos trabalhadores que utilizavam o recurso da greve como um instrumento de luta pelos seus interesses, mas solapar qualquer tentativa de agitação partidária dos comunistas. Para tanto, eles apresentaram a indicação nos seguintes termos:

> *"1 – A Câmara Municipal de Uberlândia manifesta o seu repúdio a todas as greves movimentadas por elementos comunistas, ou por estes agitadas, por entender que isto é desviar o sentido da própria greve e apenas criar a anarquia no país.*
> *2 – A Mesa da Câmara Municipal desmentirá, imediatamente, as notícias veiculadas pelo jornal mencionado, órgão comunista, e que não exprimem absolutamente a verdade.*
> *3 – A Câmara Municipal emprestará seu apoio a todas as justas reivindicações populares, sem caráter de greve, no sentido de engrandecimento de classes ou do próprio povo."*[564]

Os autores da indicação estavam indignados com a forma como os comunistas intentaram orientar os rumos da greve dos motoristas e da luta dos diaristas e como nortearam e organizaram a greve dos ferroviários da Cia. Mogiana, a qual interditou o tráfego na região

---

563. Câmara Municipal de Uberlândia. Indicação: com regime de urgência. Uberlândia, 15 de junho de 1948. Pelo menos três assinaturas foram identificadas – as de Moacir Lopes de Carvalho, Agenor Alves Garcia e Manoel Latrilha Vieira.

564. Idem.

mineira que se estendia de Uberaba a Araguari. Os ferroviários reivindicaram aumento de salário e *"melhoria de acesso administrativo"*. Segundo os investigadores do DEOPS, o *"comunista Paulino Ramos, de Uberaba, então funcionário da Cia. Mogiana, tentou agitar os ferroviários"*, mas o movimento grevista foi reprimido pelos policiais em toda a região.[565]

Intercedeu pelos grevistas da Cia. Mogiana o vereador Henckmar Borges que, na sessão do dia 15 de junho de 1948, propôs ao plenário a aprovação de uma moção de solidariedade da Câmara à greve dos trabalhadores da Cia. Mogiana, que foi rejeitada. Em seguida, a notícia da referida indicação foi divulgada pelo *Jornal do Povo* como uma proposta acatada pela Câmara Municipal. No dia 16 de junho, o presidente do Legislativo Municipal contestara o *Jornal do Povo*, através de um radiograma, afirmando que, ao contrário da notícia veiculada no dia 13, quando Henckmar Borges apenas dera entrada ao pedido de moção, os vereadores de Uberlândia reprovaram a moção de solidariedade à greve dos ferroviários. Ratificando o repúdio da Câmara às greves promovidas pelos comunistas, Jacy de Assis afirmou que foi aprovada uma indicação, dias antes, que se posicionava radicalmente contra *"todas as greves movimentadas ou instigadas por elementos comunistas, visando apenas perturbar a ordem pública."* Aproveitou também para esclarecer a notícia veiculada pelo *Jornal do Povo* de que houvera na Prefeitura uma greve dos diaristas.[566] Segundo o presidente da Câmara, ela não chegou a ocorrer, pois prevalecera o *"espírito ordeiro"* dos funcionários municipais, que teriam apenas manifestado as suas insatisfações ao parlamento municipal.

Além de manifestarem solidariedade e apoio ao movimentos dos trabalhadores, os vereadores comunistas contestaram o terror policial assestado contra pessoas indefesas em Uberlândia. Em uma das reuniões na Câmara, Roberto Margonari protestou a violência com que, em Uberlândia, a polícia invadiu a residência de Jerônimo Cordeiro e proibira as conferências da Campanha pela Paz, tanto na cidade quanto em outros lugares do Brasil. Protesto que fora

---

565. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 32, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

566. Serviço Radiotelegráfico de Minas Gerais. Radiograma n.° 132, expedido em 16 de junho de 1948. Acervo: Processos da Câmara Municipal de Uberlândia.

reforçado também por José Virgílio Mineiro que, em suas palavras, fazia-o como brasileiro, comunista e maçon.[567]

Em meio a tantas reclamações contra a violência policial, Moacir Lopes Carvalho foi veemente em suas convicções. Sugeriu à Câmara um moção de aplausos ao Delegado de Polícia pela sua enérgica atuação na repressão ao comunismo. Protestando, Roberto Margonari afirmou que se os vereadores aprovassem a moção estariam demonstrando um imperdoável desrespeito à Constituição brasileira, que já vinha sendo desobedecida em todo país. O vereador comunista afirmou que, no caso de Uberlândia, foi montado um aparato *"belico"* com a finalidade de impedir que as donas de casa comparecessem à Câmara para solicitar providências concretas e imediatas contra a carestia. Ao conclamar os vereadores para votarem contra a moção atentatória aos comunistas, Roberto Margonari afirmou que, assim procedendo, a Câmara manteria a sua dignidade política. Num fogo cruzado de acusações, Moacir L. Carvalho replicou:

> *"Moacir Lopes de Carvalho disse que faria uso da palavra não para atacar os seus colegas e sim o comunismo, que é um direito que lhe assiste. Aparteado, Roberto Margonari acusa o PRP de fascista. Moacir pergunta ao aparteado se ele conhece o parecer do Tribunal Eleitoral que declarou não ser fascista o seu partido. Margonari respondeu dizendo que o referido órgão também era fascista, tal como o então governo. Se o próprio governo era fascista, os seus órgãos também o eram. Moacir pediu que não constasse da ata os registros das afirmações de Margonari, caso ele não se retratasse. Margonari disse que não se retrataria."*[568]

José Virgílio Mineiro também se posicionou contra a moção dizendo que ela incitava a ação do Delegado de Polícia contra os comunistas, supostos comunistas e simpatizantes. Segundo ele, tal atitude conspirava contra a *"liberdade individual"* e a *"propriedade privada"*, uma vez que nessas operações policiais as residências e locais de trabalho eram invadidos e devassados. Empatada a votação da moção, cabia ao voto de Minerva do presidente decidir a questão. Jacy de Assis indeferiu-a, votando contra. Inconformado, Moacir Lopes Carvalho manifestou-se contra a decisão controversa do presidente da Câmara, que, dias antes, assinou um telegrama às autoridades policiais do Estado denunciando as programações das atividades comunistas pela paz na cidade e censurara os vereadores por apoiarem os comunistas, afirmando

---

567. Câmara Municipal de Uberlândia. .Ata da Quarta Sessão da Terceira Reunião Ordinária. 04 de agosto de 1949.
568. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Oitava Sessão da Terceira Reunião Ordinária. 11 de agosto de 1949.

que, ao invés de tergiversarem, deveriam agir firmemente, tal como os comunistas *"que dizem sempre o que querem e de acordo com o seu interesse."* Conforme a ata, Moacir Lopes Carvalho, ao concluir seu pronunciamento, teria lido uma frase, não registrada, de autoria de Plínio Salgado, extraída do jornal *A Batalha*. Em réplica, Jacy de Assis afirmou que tinha uma outra interpretação da referida frase: *"é muito menos perigoso o inimigo que ataca de frente do que os que, sem serem inimigos, se mostram indiferentes e com atitudes dúbias."*

Durante os três anos de seus mandatos, os vereadores comunistas mantiveram-se na luta contra o alto custo de vida, ouvindo as reclamações dos diversos segmentos populares e apoiando as iniciativas – destaque para o movimento das mulheres em luta por medidas de contenção da carestia. Indicações que visavam sanar os problemas de abastecimento e regulamentação dos preços dos gêneros de primeira necessidade – pão, leite, banha, carne, charque (carne verde), açúcar; gasolina, óleo diesel; serviços de correios; redes de energia elétrica, água, saneamento, telefonia e outros serviços e produtos – constituíram-se em reivindicações que atravessaram os debates na Assembléia Municipal[569] e as manifestações nas ruas e praças da cidade.

Além dos embates contra a carestia de vida, no decurso da gestão dos parlamentares comunistas, as denúncias em torno do terror e da violência policial também compuseram os debates no Legislativo Municipal. Na luta contra a opressão empunhada pelas autoridades policiais, José Virgílio Mineiro e Roberto Margonari foram os mais combativos defensores das chamadas liberdades democráticas. Em junho de 1948, José Virgílio Mineiro, baseando-se em citações de trechos da Constituição, protestou contra as práticas da violência policial em Uberlândia, que afrontavam impunemente as prescrições da Carta Magna.[570]

Em novembro de 1948, Roberto Margonari denunciou a perseguição policial que acometia os comunistas uberlandenses, referindo-se especialmente às programações das conferências que, em 07 de novembro, na passagem da comemoração da Revolução Russa,

---

569. Os registros das medidas de contenção à carestia e melhorias no abastecimentos dos produtos constam de várias atas relativas aos anos de 1947 a 1950.

570. Câmara Municipal de Uberlândia. .Ata da Vigésima Segunda Reunião Ordinária. 15 de junho de 1948.

visavam comemorar a *"quinzena da paz"*. [571] Dois dias depois da data comemorativa da Revolução Russa, o referido vereador, em sessão na Câmara, exaltou heróis nacionais como Tiradentes e Prestes e responsabilizou o *"regime reacionário do capitalismo"* pela opressão reinante que levou ao tombamento de figuras combativas como o vereador comunista William Dias Gomes e outros dois mineiros de Nova Lima, quando, junto com seus companheiros de partido e da mina dos ingleses, intentavam comemorar o 7 de novembro.[572] Nesta mesma sessão em que Roberto Margonari denunciou a repressão aos comunistas de Nova Lima, José Virgílio Mineiro indicou uma moção de pesar pela morte de William Dias Gomes e solicitou que a homenagem fosse registrada em ata.

Em diversas sessões da Câmara, o problema da perseguição aos comunistas continuou na pauta das discussões suscitadas pelos *"vereadores de Prestes"*. Uma delas referiu-se ao empastelamento do *Jornal do Povo* de Belo Horizonte que, conforme os registros da imprensa, vinha fazendo ataques à polícia militar. Em reação, os policiais invadiram e depredaram as suas oficinas. Consta do jornal *O Globo*, datado de 21/02/1949, que o comunista Adib Chueiri, gerente da Gráfica Neptúnia, negou qualquer envolvimento com o PCB e afirmou que os serviços prestados para o *Jornal do Povo* eram restritos a relações comerciais. Mas, conforme *O Globo*, os policiais insistiram em conseguir documentos que provassem a ligação da gráfica com o PCB. Adib Chueiri, por sua vez, resistiu, apelando para a questão legal. Os oficiais responderam: *"o que estamos fazendo se deve ao fato de que tem um limite e que a atuação comunista através deste jornal, precisa ter fim, pois atentara contra a moral dos homens e as instituições*

---

571. As comemorações da data soviética em Uberlândia. Correio de Uberlandia . Uberlândia, 08/11/1948, ano 12, n.° 2.423, p.1, c. 1-3.

572. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Oitava Reunião Ordinária. 09 de novembro de 1948.
Observa-se que, em 1947, foram eleitos seis comunistas à administração de Nova Lima-MG: Jacinto Augusto de Carvalho, vice-prefeito; Joviano Assis Fonseca, Juiz de Paz; Anélio Marques Guimarães, William Dias Gomes, Antônio Liberato da Silva e Pedro Matias Horta, ambos vereadores. William Dias Gomes era operário da mina dos ingleses em Nova Lima e um combativo representante dos interesses dos mineiros na Câmara Municipal e na empresa inglesa. Ele fora assassinato, com um tiro na cabeça e outro no peito, quando tentava convencer os *"capangas"* da St. John Del Rey Mining Co. a não perturbarem as atividades que os comunistas haviam preparado para comemorar o 7 de novembro *no "escritório dos vereadores do povo"*. Junto com William morreram mais dois mineiros, vítimas da repressão ao comunismo que acometeu a chamada cidade vermelha naquela ocasião. (Cf. GROSSI, Yonne de Souza. Op. cit. p. 171-175).

democráticas".[573] Segundo *O Globo*, a capital mineira vivenciou momentos conturbados com as manifestações e comícios de protesto dos comunistas contra o empastelamento do referido jornal.

Tempos depois, na sessão do dia 03 de março de 1949, os vereadores comunistas solicitaram que fosse aprovada a expedição de um telegrama ao governador do Estado e ao Secretario do Interior, contestando o atentado contra o *Jornal do Povo* e a Empresa Gráfica Neptunia.[574] Nos dizeres de Henckmar Borges, seu protesto refutava a atitude daqueles que *"deviam ser, antes de tudo, os defensores da propriedade privada."* Com base nos direitos assegurados pela Constituição, o vereador comunista reivindicou, em nome da Câmara Municipal de Uberlândia, o *"máximo rigor no inquérito aberto, para salvaguarda das tradições liberais de Minas, inscritas na bandeira dos inconfidentes".* O referido telegrama foi assinado pelo presidente da Câmara, Jacy de Assis, que em outras ocasiões e circunstâncias no parlamento condenou veementemente as notícias veiculadas pelo *Jornal do Povo.*[575] Nota-se que, posturas como a de Jacy de Assis, aparentemente controversas, denunciavam uma questão: estava em jogo os direitos constituídos.

Nesse sentido, o atentado a um órgão de imprensa, não importando aí o seu caráter político-partidário, era inconcebível no país da suposta democracia liberal. No caso dos vereadores comunistas, os argumentos utilizados para defenderem o existência dos seus jornais condizem com a política comunista nacional, a qual preconizava a luta pacífica, a mudança social dentro da ordem, respeitando os direitos constituídos.

Já os vereadores ultra-conservadores, a exemplo de Moacir Lopes de Carvalho, defendiam francamente a liqüidação de todos os órgãos comunistas e a repressão drástica ao comunismo. Por sua vez, os menos intransigentes, os que se proclamavam democratas, afirmaram

---

573. Depredação à redação e às oficinas de um órgão comunista. O Globo. 21/02/1949. Trata-se de um recorte de jornal selecionado e arquivado pelo DOPS. Além deste, foram recortadas as notícias sobre o empastelamento do *Jornal do Povo* veiculadas por outros órgãos, tais como: Empastelado pela polícia o "Jornal do Povo", de BH. Diário de Notícias. 20/02/1949; As oficinas do órgão comunista "Folha do Povo", de BH foram empasteladas. Jornal do Brasil.. [s.d.]. Acervos das polícias políticas. Setor: Comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

574. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Sexta Sessão da Primeira Reunião Ordinária. 03 de março de 1949.

575. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Quinta Sessão da Primeira Reunião Ordinária. 09 de março de 1949.

que estava em jogo não a defesa dos comunistas propriamente, mas do direito de ser comunista. Entrementes, na maioria das vezes, num jogo político ora velado ora franco, a liberdade de pensar, expressar, fazer política e muitas outras coisas era tolerada até o momento em que os interesses dominantes não eram colocados em xeque. Foi o que, sob o mando das autoridades governamentais, declarou o Delegado Especial de Polícia, Capitão João Martins Pereira, em um ofício endereçado ao presidente da Câmara Municipal, Jacy de Assis:

> *"Serão igualmente presos, a partir desta data, os comunistas que se reunirem mesmo em casas particulares, para discutir assuntos ligados ao credo de Moscou e autuados na forma da Lei de Segurança, não cabendo, como é sabido, fiança no caso, por se tratar de crime contra a integridade da Pátria.*
> *Esta Delegacia está aparelhada e vigilante, podendo a população ordeira e laboriosa de Uberlândia, confiar na sua eficiência, para o que concorre a boa vontade do nosso ponderado, honesto, democrata e sobretudo forte Governo do Exmo. Dr. Milton Soares Campo, ilustre Governador de Minas Gerais."*[576]

Sob essas determinações, a polícia não hesitou em demonstrar sua força e seu poder de repressão que, tal como *"erva daninha"*, se alastrou pelas ruas e praças da cidade jardim e por diversos lugares do Triângulo Mineiro, como Monte Alegre de Minas, Canápolis e outros municípios onde atuaram os comunistas.

Em uma das muitas denúncias feitas na Câmara Municipal pelos *"vereadores de Prestes"*, José Virgílio Mineiro, em 28 de março de 1950, protestou contra a violência da polícia de Monte Alegre de Minas, que circunscrevia-se na 70ª Delegacia Regional, sediada em Uberlândia. Segundo o referido vereador, a polícia recebera a bala uma caravana composta de diversas pessoas, inclusive mulheres e crianças, que foram levar sua solidariedade aos presos de Canápolis que intentaram uma rebelião contra a exploração dos grandes proprietários de terras, principalmente os ingleses do Frigorífico Anglo – os quais abocanhavam quase todas as plagas canapolinas. Os integrantes da caravana foram presos e processados sob alegação de atentado e invasão da cadeia pública daquela cidade, que, segundo o DEOPS, teve a liderança do arquiteto João Jorge Coury.[577] Quase dois meses depois, o *Jornal do Povo* informou que o juiz de Monte

---

576. Delegado Especial de Polícia, Capitão João Martins Pereira. Ofício n.º 250. Uberlândia. Serviço Público do Estado de Minas Gerais. Ofício endereçado ao presidente da Câmara Municipal, Jacy de Assis.

577. Departamento da Ordem Política e Social de São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Relatório sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. [Cópia resumida do referido relatório enviada ao DOPS do Rio de

Alegre de Minas concedera sursis aos vinte e nove camponeses presos em Canápolis. Porém, dada a intransigência dos delegados de polícia, defensores do interesses dos *" imperialistas"* e *"latifundiários"*, a ordem judicial não fora cumprida.[578]

Na esteira das notícias sobre o movimento dos trabalhadores e suas relações com os poderes públicos municipais, em maio de 1950, o *Jornal do Povo* noticiou a ocorrência de um movimento grevista dos motoristas de Uberlândia. Referindo-se ao movimento 1948, o arauto comunista afirmou que essa categoria de trabalhadores teria aproveitado as experiências passadas para deflagrar uma greve que visava pressionar os poderes públicos para a instituição da tabela de preços do frete votada em assembléia promovida pela Associação dos Motoristas. Segundo o jornal, cerca de duzentos caminhões interditaram as pontes do Vau e do Praia Clube e várias ruas da cidade até que as reivindicações dos transportadores fossem atendidas. A repressão ao movimento não tardou. Os policiais *"armados de fuzis e metralhadoras"* rumaram para a ponte do Vau com a finalidade de sufocar o movimento. Conforme o jornal, o *"pajé udenista"*, Jacy de Assis, teria reunido em seu escritório o juiz de direito, o promotor e os representantes da Associação Comercial e Industrial para confabularem estratagemas repressivas contra a greve. Em suas denúncias, o periódico afirmou que a *"chacina"* dos camponeses de Canápolis certamente fora também tramada pelo *"pajé e sua tribo udenista, fiéis servidores dos latifundiários e do governo que mantém presos no Triângulo nada menos de 49 trabalhadores."*[579]

Com duração de apenas oito horas, o movimento grevista foi reprimido. Mas, nas considerações do *Jornal do Povo*, os motoristas haveriam de prosseguir na sua luta e retornariam com um movimento ainda mais vigoroso contra as dificuldades impostas pelos governantes, os quais só atendiam aos *"interesses de preparação guerreira dos norte-americanos"*, deixando

---

Janeiro]. Documento n.° 1.3.59.12. Setor: Minas Gerais/Comunismo. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

578. Obtiveram "sursis" os camponeses de Canápolis. Jornal do Povo. Belo Horizonte, 02/05/1950, ano 4, n.° 334.

579. Idem.
Dentre os referidos presos, 29 eram camponseses de Monte Alegre de Minas e 20 eram integrantes da caravana que, conforme o DEOPS, sob a chefia de João Jorge Coury, tentou libertar camponeses aprisionados no referido município.

marginalizado o povo *"amante da paz e de melhores condições de vida."* [580] Prenúncio concretizado em 1952, como será visto adiante.

Outra pauta de luta dos comunistas registrada no *Jornal do Povo* e nas atas da Câmara concernia ao monopólio estatal do petróleo. Entre 1948 e 1953, aconteceram polêmicos debates em torno da conhecida campanha *"O Petróleo é nosso"*. Numa das sessões de 1948, Henckmar Borges fez uma longa exposição sobre o problema da exploração do petróleo brasileiro e propôs uma moção de aplauso ao General Horta Barbosa pela maneira com que vinha defendendo a tese do monopólio estatal do petróleo.[581] Na reunião seguinte, Moacir Lopes Carvalho apresentou uma indicação de moção substitutiva ao Congresso Nacional e ao presidente da República solicitando que o problema do petróleo fosse *"estudado e regido por uma lei sábia e justa"* que atendesse aos interesses da nação. Defendendo novamente a sua proposta de moção, Henckmar Borges manifestou-se contra o termo substitutiva indicado por Moacir Lopes de Carvalho, sugerindo uma aditiva. Em sua defesa, afirmou que a questão do petróleo era um assunto que vinha sendo discutido pelos meios de comunicação e *"apaixonando a todos os brasileiros"*. Ratificando a contestação de José Virgílio Mineiro, relativa às contraditórias afirmações de Moacir Lopes Carvalho sobre a participação dos brasileiros nos debates de teses, decisões políticas e elaborações de leis sobre a questão do monopólio estatal do petróleo, Roberto Margonari manifestou seu apoio à proposta de Henckmar Borges e informou que assistira às conferências sobre essa questão realizadas em Belo Horizonte pelo General Horta Barbosa e Arthur Bernardes, os quais teriam reafirmado a necessidade de debate em torno do assunto. Nos dizeres de Roberto Margonari, o referido general teria sugerido a necessidade de *"liberdade no debate destas teses para que o povo possa manifestar livremente sua opinião."* [582]

Em novembro de 1948, a Câmara recebeu uma correspondência solicitando a oficialização da Campanha de Defesa do Petróleo. No mês seguinte, Henckmar Borges pediu

---

580. Idem.

581. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Sétima Sessão da Terceira Reunião Ordinária. 1948. 24 de agosto de 1948.

582. Idem.

urgência na votação da oficialização da referida campanha em Uberlândia, a qual foi aprovada. No início de 1949, Moacir Lopes Carvalho questionou a legitimidade do processo, bem como da promulgação da resolução que oficializou a campanha, o que foi contestado pelos vereadores comunistas:

> *"Moacir aludiu, inicialmente à falta de jornais e emissoras pelas quais possam circular livremente idéias e críticas aos acontecimentos locais e diz ser por este motivo que vai à tribuna para fazer sentir ao povo através dos seus representantes tudo o que se passa em Uberlândia em todos os setores, inclusive na administração pública. Traz conhecimento da Câmara que os senhores vereadores de um Partido que já não se encontram na legalidade apresentaram em 1948, acompanhado de assinaturas de elementos que não pertencem a linha do Partido Comunista, um requerimento sobre oficialização da 'Campanha do Petróleo', e que recebeu beneplácito da Câmara, muito embora seu andamento ilegal."*[583]

Afora as polêmicas que figuraram na Câmara em torno dessa questão, a defesa da tese do monopólio estatal do petróleo adentrou algumas entidades associativas, despontou em algumas colunas de jornais e ganhou as ruas e praças da cidade, por meio de passeatas e atos públicos, conforme testemunhou Joaquim Ferreira.[584]

Durante o período que compreendeu o final de 1947 e o de 1954, os vereadores comunistas, no decorrer das duas gestões na Câmara Municipal, participaram de várias comissões empenhadas em estudar, diagnosticar e sugerir soluções para os problemas prementes do município, principalmente aqueles relacionadas à assistência social, ao urbanismo, à administração municipal (incluindo a questão do funcionalismo) e à viação municipal. Além da criação de hospitais e ambulatórios de assistência médico odontológica, a comissão de assistência social presidida por José Virgílio Mineiro, teve como preocupação o estudo dos problemas relativos à criação e manutenção de instituições sociais ancoradas no assistencialismo e na filantropia: Santa Casa de Misericórdia, Patronato de Menores, Dispensário dos Pobres, asilos para idosos, meninas abandonadas, tuberculosos e loucos, entre outras instituições. Providências para o combate aos insetos e animais empesteados no município.

---

583. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Sessão da Terceira Reunião Ordinária. 16 de agosto de 1949.
584. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.

No que tangia ao urbanismo a comissão presidida por Enoque Cadeira Paiva teve como meta os estudos e resoluções de problemas relativos à construção, melhoria e manutenção das ruas, muros e passeios; serviços de água, energia elétrica, esgoto, saneamento e higiene; jardinagem da cidade; instalação de bebedouros e mictórios em lugares públicos (praças, cinemas, mercado municipal); estatística urbana; planta cadastral; plano diretor; recenseamento da cidade; localização dos meretrícios e Código de Posturas.

Várias proposições de regulamentação do espaço urbano tramitaram na Câmara durante a gestão dos vereadores comunistas. Inclusive consta dos processos da Câmara alguns registros sobre os estudos, feitos pelos vereadores comunistas, dos Códigos de Posturas e Regulamentos do Espaço Urbano de outras localidades, como os da capital mineira, com vistas a projetar soluções para as questões que envolvem o espaço urbano.

Ao lado de outros vereadores, os parlamentares comunistas empenharam-se, de uma ou outra maneira, nas discussões de projetos de regulamentação da engorda de porcos no perímetro urbano, e criação de outros animais, da permanência de cães vadios nas ruas, do funcionamento dos serviços de alto-falantes, do estacionamento de carros de frutas e bebidas, da prestação dos serviços (horários e salários) de ambulantes e engraxates, da exploração de cassinos, da permanência de menores nas ruas da cidade e de mendigos, do trânsito de veículos de tração animal inclusive, proibindo os menores de dirigi-los – do estabelecimento de feiras livres, armazéns de emergência e comissão de preços e outros projetos.

Repressão aos atentados à moral, como os atos indecorosos de casais que vagueavam as praças da cidade à noite, e aos jogos ilícitos, aos cassinos e à instalação de "zonas boêmias" próximas às residências familiares foram reivindicações não só dos chamados vereadores de direita mas também dos comunistas. A exemplo, Roberto Margonari, enquanto *"chefe de família"* e *"comunista"*, se manifestou contra a aprovação pela Câmara de um requerimento que solicitava a instalação de uma boate na cidade. A postura de Roberto Margonari em concernência com as medidas de controle social discutidas na Câmara e aparentemente controvertida, pode ser relacionada à análise que Gérard Vincent faz da maneira de ser comunista dos franceses, na qual o militante era caracterizado como *"excelente profissional, bom marido, bom pai, em suma,*

'normal', conformista, em consonância com tipo ideal derivado da tradição judaico-cristã".[585] Segundo o autor, isso implicava em mudar a sociedade estabelecida em conformidade com ela.

Assim foi possível constatar que, no caso uberlandense, a imagem dos comunistas como sujeitos que abjuravam a família, a pátria e a propriedade cristalizou-se muito mais na maneira anticomunista de ver os comunistas, do que propriamente nas representações e práticas dos vermelhos.

Outro aspecto relativo ao ordenamento social discutido na Câmara, durante a gestão dos vereadores comunistas, referiu-se às medidas de repressão à mendicância. A esse respeito, eles consideraram, em vários momentos de discussão, que, para além das práticas de filantropia e assistencialismo tão características na resolução do problema da miséria nessa cidade, era necessário instituir medidas concretas que atacassem o mal pela raiz, por assim dizer. Sob muitos aspectos, sabe-se, que isso esbarra nos interesses dominantes. Os outros vereadores, de maneira geral, defendiam, em meio a impasses relativos às formas e procedimentos, a necessidade de regulamentação da mendicância. Para os mendigos que moravam na cidade, discutia-se a viabilidade ou não de o município propiciar-lhes condições de assistência associada à caridade pública. Em relação aos mendigos de outras localidades, recomendava-se o combate àqueles que exploravam a caridade pública nas ruas uberlandenses.

Além dessas problemáticas sociais, acrescentam-se outras discussões suscitadas pelos vereadores comunistas: prestação de serviços de transporte municipal e intermunicipal (pela empresa Expresso Triângulo Mineiro S.A.) e construção, ampliação, melhoria e conservação de pontes e estradas municipais e interestaduais. Com esse objetivo, foram discutidas, entre 1948 e 1950, várias proposições em torno da melhoria e construção de estradas, inclusive as que beneficiavam os distritos, já mencionados, onde atuavam os comunistas, bem como propostas relativas à aquisição de maquinário, à criação do Departamento Municipal de Estradas de Rodagens, entre outras. No que concerne às questões administrativas, o vereador Henckmar

---

585. VINCENT, Gerard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. Op. cit. p. 442-445.

Borges, que já tinha uma longa experiência de trabalho na prefeitura, presidiu a comissão de estudos da situação da prefeitura municipal, a qual era responsável pela análise da vida econômica do centro de decisões do município: dívidas, orçamentos, empréstimos, controle patrimonial etc.

Conforme os registros das atas, foi possível observar que uma expressiva parte das indicações e propostas dos *"vereadores de Prestes"* tendia a contemplar, ainda que minimamente, as reivindicações dos grupos sociais influenciados pelo movimento comunista local. As vilas Saraiva, Martins, Oswaldo, Brasil, Operária e os distritos de Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Miraporanga foram alvos das investidas dos comunistas na articulação de projetos que visavam a melhoria das condições de vida e de trabalho dos seus integrantes. Além disso, os vereadores comunistas, mesmo palidamente, procuraram empenhar-se na conquista de uma política educacional municipal a ser implementada principalmente nas áreas urbanas e rurais influenciadas por eles. Preocupação esta que adentrou no ano de 1951, quando, Roberto Margonari, único parlamentar comunista na Câmara, participou da comissão de educação.

No final dos mandatos dos vereadores comunistas, José Virgílio Mineiro e Roberto Margonari se candidataram à reeleição no parlamento, no pleito eleitoral de 1950. Eles e mais sete candidatos comunistas concorreram aos cargos de vereadores da Câmara Municipal. Todos inscritos sob a legenda do Partido Republicano (PR). Todavia, conforme pesquisa realizada na imprensa, os ânimos da campanha eleitoral de 1950 declinaram significativamente em relação a 1947, pois, como será visto adiante, pelo menos dois fatores teriam contribuído para essa situação: a doutrina Truman, que, desde 1947, começou a ser espraiada no continente americano e em outras partes do mundo, e a mudança de linha do partido que já vinha se configurando nos últimos dois anos da década de 40 e culminou com o lançamento do Manifesto de Agosto de 1950.

Portanto, acredita-se que o declínio da presença comunista na Câmara Municipal de Uberlândia, ao que parece, deveu-se muito mais à nova configuração da política comunista nacional/internacional, bem como ao acirramento das campanhas anticomunistas, do que a possíveis insatisfações relativas à conduta do *"vereadores de Prestes"* nesse espaço da política,

pois, como foi dito antes, bem ou mal, e enfrentando as adversidades políticas e heterogeneidade de pensamento no que tange à arquitetura da administração da cidade, os vereadores comunistas procuraram conceber e implementar, até onde não eram obstados, os projetos que contemplavam muitas das reivindicações dos segmentos sociais constitutivos de suas bases de atuação.

CAPÍTULO VI



BANDEIRAS VERMELHAS: PÃO, PAZ E LIBERDADE

"Os jornais censurados dos comunistas do país e do exterior têm me atacado com venenosos libelos. Isto porque eu tenho combatido o comunismo onde ele é uma pequena minoria numa terra de liberdade, mas também onde ele é uma força ameaçadora em marcha pelo mundo."

Harry Truman
(Correio de Uberlândia, 07/10/48)

No final dos anos 40, o anticomunismo começou a avassalar os dizeres políticos dos jornais não só de Uberlândia, obviamente, mas de uma considerável parte do mundo. A "Doutrina Truman", proclamada em 12 março de 1947, colocou os EUA na posição do que comumente se designou chamar de "xerife do mundo". O presidente americano, Harry Truman, atribuiu-se a missão de liderar mundialmente a cruzada anticomunista; de promover a intervenção dos EUA nos países onde ocorressem quaisquer tentativas dos comunistas de poder; de defender a audeterminação dos países e apoiar a resistência de *"todos os povos livres"* contra os intentos de subjugação *"por minorias armadas ou por pressões de fora"*.

Como sugeriu Hobsbawn, tais declarações marcaram o início de um longo período de tensão, a chamada Guerra Fria, entre as duas grandes forças mundiais que emergiram no término da Segunda Guerra, os EUA e a URSS.[586] Num mundo política e militarmente bipolarizado, essas potências deveriam manter domínio e controle apenas sobre as áreas de influência que lhes

---

586. HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos; o breve século XX, 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo : Cia das Letras, 1995. p. 226.

couberam, conforme as determinações das conferências realizadas em Yalta e em Potsdam. Contudo, entre muitas outras denúncias, Truman acusou a URSS de descumprir os acordos selados durante essas conferências e alardeou a necessidade de conter as investidas da URSS, que, segundo ele, além do Leste Europeu, pretendia abocanhar toda a Europa, o Oriente Médio e a Ásia. Este e muitos outros pretextos, forjados ou não, embasaram a cruzada ideológica anticomunista que (novamente) foi desencadeada nos tempos da Guerra Fria. A bravura do povo russo já não era mais motivo de admiração. O heroísmo do Exército Vermelho que derrotara a *"fera fascista"* em seu covil foi suplantado pela proliferação de idéias anticomunistas que propagavam a Rússia como a pátria do mal, da hostilidade, do medo e do terror.

Os comunistas voltaram a ser os bichos-papões de antes; aqueles que precipitavam o mundo no abismo da guerra, da violência, do sangue. Tal como nos anos 30, eles voltaram a ser comparados com entidades diabólicas, com o anti-Cristo que ameaçava imergir o mundo na irreligião, na guerra, na barbárie, na anarquia, no caos... A paixão anticomunista irradiada dos EUA parece ter tocado corações e mentes em diversas partes do mundo. Não sem razão, o jornal *Correio de Uberlândia*, órgão udenista, foi, no caso uberlandense, um dos mais combativos propagadores do anticomunismo em tempos de Guerra Fria, pois a UDN, vale observar, defendia um projeto social capitalista e, por conseguinte, o estreitamento das relações do Brasil com o bloco liderado pelos EUA.

No final dos anos 40, os registros sobre as atividades comunistas em Uberlândia e outras cidades do Triângulo Mineiro começavam a ceder lugar aos dizeres anticomunistas nos jornais, os quais, em geral, demonstravam uma contundente intolerância a todas as pessoas e atos que, de longe, manifestassem simpatia ao *"credo vermelho"* ou com ele se identificassem.

No dia 08 de novembro de 1948 foi veiculada, no *Correio de Uberlandia*, uma notícia sobre as tentativas de comemoração do aniversário da Revolução Russa pelos comunistas uberlandenses. Conforme o jornal, circulou um boletim assinado pelos vereadores comunistas, Henckmar Borges, Virgílio Mineiro, Enoque Caldeira de Paiva e Roberto Margonari, convidando o *"povo para um comício"* que teria Waldemar Silva como um dos oradores. O programa de atividades do evento previa a realização de uma convenção da Organização Feminina de

Uberlândia, a propagação de palavras de ordem comunistas e outros tipos de manifestações que, a exemplo do citado caso de Nova Lima[587] e de vários lugares do Brasil, foram reprimidas pela polícia. Segundo o jornal, o delegado João Martins Pereira divulgou um comunicado pela rádio local avisando sobre a proibição das manifestações que objetivavam comemorar a *"data soviética"*. Em contrapartida, os comunistas locais rememoraram-na como foi possível:

> *"Na manhã de ontem as calçadas do centro da cidade e dos bairros amanheceram cheias de frases de propaganda comunista, tais como: 'Salve a União Soviética'; 'Abaixo o imperialismo'; 'O Petróleo é nosso'; 'Viva a Semana da Paz'; 'Organizemos a Defesa de Luiz Carlos Prestes'; e outras semelhantes. (...) À tarde, contudo, os comunistas começaram a se reunir na praça Raul Soares, onde, de quando em vez surgia um grito, 'Viva a Rússia', 'Morra o Fascismo' e coisas semelhantes. Advertidos por quem de direito, resolveram os comunistas debandar. Antes, porém, organizaram pequena passeata, que, da Pça. Raul Soares à Pça da República, passando pela Rua Olegário Maciel, deu motivo a que os adeptos do credo vermelho continuassem suas manifestações de louvor à Rússia e ataque ao nosso governo e às nossas instituições."*[588]

Dias depois, um artigo veiculado pelo *Correio de Uberlandia* contestava a publicação de um boletim, com tiragem de dois mil exemplares, datado de 05 de novembro daquele ano e assinado por *"onze cidadãos admiradores das virtudes democráticas da URSS em Uberlândia"* – ou em outros dizeres, *"pelos onze craques da foice e do martelo"*. Presumivelmente, o boletim foi um dos escritos (volantes) veiculados no dia da comemoração do aniversário da Revolução Russa em Uberlândia. Nos dizeres do referido jornal, o boletim defendia as idéias e as práticas de Prestes, Marx, Stalin, Lenin e de *"algo"* mais que pudesse *"contribuir para mergulhar o Brasil em sangue e acabar de vez com essa história de liberdade, democracia e outras prerrogativas de povos livres."* Além das críticas feitas aos erros gramaticais cometidos pelos redatores do boletim, o articulista Joaquim Cavalcanti ironizava as atitudes políticas dos comunistas, dentre as quais destacou o incoerente apoio dos comunistas à continuidade de Vargas no governo, em 1945, sob o lema *"Constituinte com Getúlio"*, quando, na época, deveriam ter lutado pela instauração das eleições. Além disso, fizeram uma desdenhosa referência à trajetória política de Roberto

---

587. Essa menção diz respeito ao assassinato do operário e vereador comunista Willian Dias Gomes ocorrido durante as comemorações do aniversário da Revolução Russa, conforme citado no capítulo 5.

588. As comemorações da data soviética em Uberlândia. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 08/11/1948, ano 11, n.° 2.523, p.1, c. 1-3.

Margonari descaracterizando as lutas que lhe teriam custado *"prisões e martírios em defesa dos explorados, contra a tirania e a prepotência"*.[589] Desse modo, o que o jornal pretendia mostrar era a suposta farsa do comunista Roberto Margonari que propagava a defesa dos interesses do povo, enquanto alinhava aos objetivos escusos dos dirigentes da pátria vermelha:

> *"A primeira vista, tem-se a impressão que o homem é um énulo de Isocrates. O professor de Atenas, que pregou a união dos gregos contra a Pérsia, se fosse brasileiro seria incapaz de pregar uma aliança de seu povo em favor da Rússia, que ameaça engolir o mundo, contando para isso em cada país com uma ótima vanguarda. Para o povo ver qual é o regime que o sr. Margonari deseja para o Brasil e pelo qual já sofreu 'prisões e martírios', demos a palavra a Lenin, o manjar do céu dos nossos materialistas." (...) ouçamos Lenin:*
> *'[...] A DITADURA DO PROLETARIADO É A LUTA MAIS CRUEL, MAIS DESENFREADA, NA QUAL O PROLETARIADO DEVE TRAVAR UM COMBATE CONTRA TODOS AQUELES QUE LUTARAM CONTRA NÓS. p.142* [...] *A DITADURA DO PROLETARIADO É UMA GUERRA SEM QUARTEL* [...] *OS BURGUESES LANÇARAM GRITOS: 'OS BOLCHEVISTAS ESTÃO RECORRENDO AOS FUZILAMENTOS!' DEVEIS DIZER-LHES: 'SIM, NÓS O FAZEMOS CONSCIENTEMENTE.* [...] *O SENTIMENTALISMO É UM CRIME TÃO GRANDE COMO A DESERÇÃO DURANTE A GUERRA.* [...] *DEVEM MORRER OS QUE PRETENDEM ESMAGAR-NOS. Recorreremos, para isso, às medidas MAIS PERIGOSAS.' (Op. Cit. p. 147. Os grifos são nossos e o petróleo também é nosso)."*[590]

Observa-se que, além de alfinetar a campanha *"O Petróleo é nosso"*, uma das bandeiras de luta dos comunistas em 1948 e de outros segmentos sociais brasileiros, há uma aproximação das falas do articulista João Cavalcanti com os discursos anticomunistas dos anos 30. Ao repudiar o comunismo, o periodista distorce trechos extraídos da obra de Lenin, deslocando-os do seu contexto e contingências históricas, e instrumentaliza os dizeres do referido líder revolucionário russo para demonstrar a perversidade das idéias e das práticas dos adeptos do comunismo, as quais, em suas afirmações, poderiam ser facilmente constatadas nos textos de *"Vladimir Ilitch Ulianov, que passou a história com o nome de Nicolai Lenine, aquele mesmo que na sua juventude cursou o ginásio de Simbirsk e foi expulso da Universidade de Kasan, por suas atividades revolucionárias"*.[591]

---

589. CAVALCANTI, Joaquim. O que não disseram os onze craques da foice e do martelo. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 15/12/1948, ano 11, n.° 2.549, p.1, c. 1-5.

590. Idem.

591. Idem.

Denominado o ópio do povo, o comunismo voltou a ser atacado como uma doutrina que inebriava e apresava o povo russo na escravidão. Por um tempo, sugeria um articulista do *Estado de Minas*, os russos embeberam suas esperanças e lutas no "doce veneno" comunista, composto pelas *"fórmulas de Marx"*, e quando voltaram a si perceberam a *"tenebrosa realidade"* na qual estavam imersos:

> *"Logo depois da Revolução de 1917, viram os dirigentes que o comunismo, como revolução social era utopia (...) que a violência tão somente não bastava, era preciso explorar o máximo a tendência mística do povo russo (...) Os fuzilamentos, os castigos, as prisões não bastavam. Era preciso pois fazer com que o povo russo continuasse acreditando.*
> *O comunismo seria uma religião de salvação da humanidade. E Lenin foi o primeiro santo da revolução vermelha a ser canonizado. (...)*
> *A Rússia rica* [dos planos quinqüenais] *continuou pobre, explorada apenas pelos famosos proletários milionários, por aqueles que sustentavam, de acordo com o princípio leninista, o slogan da renda máxima."*[592]

Os mesmos planos quinqüenais suscitados tempos antes, sob o impacto da Grande Depressão, como medidas bem sucedidas de recuperação e de desenvolvimento da economia soviética, foram mencionados pelo *Correio de Uberlandia* como um conjunto de mentiras e fracassos, dentre as quais destacaram-se, como nos artigos dos anos 30, as façanhas dos operários russos que trabalhavam bravamente na construção da nova ordem social russa – tal foi o exemplo de *"Alexi Stkannov que, sozinho, extraia carvão, mais do que várias turmas de operários"*. Segundo o jornal, esses eram tempos em que os operários russos acreditavam na possibilidade do homem transformar-se em máquina, mas, em suas considerações, esta era uma ilusão que o tempo e a realidade se encarregaram de aniquilar.

Os tempos *"gloriosos"* do Partido Comunista no Triângulo Mineiro, como em outras regiões do Brasil, pareciam declinar com os últimos suspiros da década de 40. Em setembro de 1949, o *Correio de Uberlândia* divulgou um manifesto assinado por vários filiados do Partido Comunista de Monte Alegre de Minas. Conforme seus dizeres, eles teriam se integrado às fileiras do PCB por acreditarem que o partido objetivava promover o progresso do Brasil e o bem-estar geral de seu povo. Segundo os signatários do Manifesto, a adesão à causa comunista e a luta que

---

592. O ópio do povo. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 30/12/1948, ano 11, n.º 2.560, p.3, c. 1-3. (Artigo transcrito do jornal *Estado de Minas*, datado de 29/12/1948).

despenderam pela propagação e fortalecimento do comunismo, nessa região, devia-se à crença que tinham na viabilidade de suas propostas para a solução dos prementes problemas sociais e para o *"melhoramento material, moral e intelectual"* da sociedade.

Mas, segundo o libelo dos comunistas de Monte Alegre de Minas, o desencadear das atividades do PCB foi, aos poucos, revelando que suas diretrizes de luta estavam, cada vez mais, afinadas com a política comunista internacional advinda da Rússia, e, portanto, distoantes das aspirações sociais e políticas do Brasil, sobretudo do Triângulo Mineiro. Estas declarações expressam, até certo ponto, o peso da influência que a campanha anticomunista da época teve na decisão desses militantes de ruptura com o PCB.

Dentre os fatos que comprovavam o anticivismo e o caráter impatriótico e alienígena das ações do PCB, foram destacados, no manifesto, o apoio de Prestes à Rússia; o incitamento à depreciação, à injúria e à desobediência às autoridades constituídas; a orientação e condução dos líderes do movimento comunista nacional e internacional pelas diretrizes políticas russas e em conformidade com os interesses da Rússia. Por último, subestimando a luta e os resultados das campanhas em defesa da imprensa popular, das quais participaram com relativo êxito, junto a outros comunistas do Triângulo Mineiro,[593] eles questionaram a origem dos recursos financeiros que subsidiavam a imprensa comunista, as campanhas propagandísticas e as atividades dos agentes e líderes do PCB:

---

593. Em várias notas do jornal *O Estado de Goiaz*, 1945/1946, foi possível perceber o êxito do Triângulo Mineiro na luta pela obtenção de recursos para a imprensa popular. Pelo menos, no período entre 1950 e 1953, foi possível constatar o empreendimento de campanhas pela imprensa popular no Triângulo Mineiro, inclusive, por comunistas de Monte Alegre de Minas. Cf. Boletim Reservado, nº 39. 02 de março de 195. D-514, cx. 686; Boletim da Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais, datado de 13 de maio de 1951. Acervos das polícias políticas. DPS, D-514. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.
Conforme a avaliação do DEOPS-SP, em Monte Alegre de Minas (Toribaté), o núcleo de comunistas não possuía muitos filiados. Entretanto, observa-se, nos registros do relatório, que o desempenho eleitoral do PCB foi significativo: elegeu um vice-prefeito, o farmacêutico Anatólio Mendonça, e um vereador, o agrimensor João Vieira dos Santos. O DEOPS-SP considerou que os comunistas mais destacados de Monte Alegre de Minas foram: Odilon Mendonça, médico conceituado e prestigiado na cidade e líder comunista; Galdino Vieira da Mota, motorista, que, segundo os investigadores, teria sido muito procurado pela polícia por ser *"agitador"*; Milton Vilela fazendeiro *"de família de abastados"* da região e líder comunista. Segundo os investigadores, a fazenda do militante iria sediar um congresso camponês previsto para março de 1951, o qual foi dissolvido. Cf. Departamento da Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Relatório sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. [Cópia resumida do referido relatório enviada ao DOPS do Rio de Janeiro]. Documento n.º 1.3.59.12. Setor:Estados-Minas Gerais/comunismo. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

> *"De todo o exposto verificamos que as atividades comunistas a que nos dedicávamos são impatrióticas, de traição, pois que ferem no âmago a lealdade, o amor e dedicação que devemos à Bandeira do Brasil.*
> *Assim entendendo, afastamo-nos com repugnância de tais práticas, fazendo esta utilíssima advertência aos bem intencionados que ainda perseveram no Partido, legalmente extinto, mas ainda a se agitar, terrível com mais amor à foice e ao martelo que ao nosso auri-verde Pendão."*[594]

As manifestações contracomunistas que se inscreveram no *Correio de Uberlandia* até pelo menos o lançamento do Manifesto de Agosto de 1950, de Luiz Carlos Prestes, enfatizavam principalmente a orientação cega dos comunistas pelas diretrizes políticas da URSS, o que, nos dizeres do jornal, configurava uma conspiração contra o Brasil que deveria ser aniquilada. Outras falas focalizavam a apropriação pelos comunistas de obras filosóficas, literárias e poéticas constitutivas do patrimônio cultural da humanidade para justificar sua doutrina. Segundo o *Estado de Minas*, Platão, Aristóteles, Balzac, Byron, Vitor Hugo afiguravam-se, nos discursos comunistas, como *"marxistas anunciadores da revolução proletária"*. Em tom de repúdio, o referido jornal afirmou que, tal como a *"figueira maldita"*, o infecundo marxismo stalinista nada podia produzir e, por isso mesmo, *"assaltaram o pensamento ocidental"*, instrumentalizando-o na composição de suas maquínicas táticas de luta e de propagação do ideário comunista.[595]

O peso do contracomunismo conteve, até certo ponto, as manifestações dos adeptos do *"credo vermelho"*, mas não chegou a intimidá-los. Com certa inconstância, uma ou outra notícia das atividades dos comunistas uberlandenses apareciam nos jornais locais, muitas delas, obviamente, atravessadas pelo anticomunismo, em forma de denúncias, alertas e apelos à repressão, tal foi o caso do artigo veiculado no dia 09 de novembro de 1950:

> *"A cidade anteontem amanheceu embandeirada. Pensa o leitor que as bandeiras eram verde-amarelas, e que se destinassem a assinalar alguma festa cívica? Nada disso. As bandeiras eram vermelhas, mas de um vermelho vivo de chamar a atenção. E ostentavam em branco, a inscrição seguinte: 'Viva a URSS'.*
> *O embandeiramento de Uberlândia era, portanto, uma obra dos comunistas. Naturalmente acontecera o mesmo em todo o país: em cada cidade, a manhã surgiu com manchas vermelhas quebrando-lhe a fisionomia habitual. A ação comunista nunca é isolada, restrita a um local único, mas tem sempre caráter universal.*

---

594. Comunistas de Monte Alegre abjuram o antigo credo. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 01/09/1949, ano 11, n.° 2.727, p.1, c. 1-5.

595. Assuntos moscovitas - A mentira cultural. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 23/08/1949, ano 11, n.° 2720, p. 3, c. 1-3. *("De um observador social do **Estado de Minas**, 17/08/1949")*.

> *O fato é um sinal de que alguma coisa importante aconteceu ou vai acontecer entre aqueles que obedecem as ordens de Stalin."* [596]

O articulista afirmou ter investigado os motivos que levaram ao embandeiramento vermelho da cidade e obtido respostas diversificadas, plausíveis, mas nada convincentes, tais como: comemoração (às vésperas) do aniversário de Stalin,[597] em 08 de novembro; manifestações de alegria pelos reveses das tropas da ONU na Coréia; *"regozijo pelo alastramento da guerra na Ásia"*; expressão de apoio ao atentado contra Truman; sinais de que as condições, no Brasil e no mundo, eram favoráveis ao domínio soviético *"em todos os quadrantes da terra"*. Todavia, o articulista presumiu que:

> *"(...) essas bandeiras como tantas outras que, naquela mesma noite, foram desfraldadas tanto no Brasil como no resto do mundo, dizem respeito a um fato constante, permanente: são uma afirmação de que o comunismo está a postos, aqui ou alhures, e sempre atuante. São uma afirmação da vitalidade do movimento. Mais ou menos fora da lei, precisa de vez em quando, dar aos seus elementos, uma demonstração pública de que continua existindo."*[598]

É possível que as bandeiras vermelhas espraiadas pelas cidade tencionassem expressar as reações dos comunistas em relação a todas as situações acima referidas, mas, em condições favoráveis ou não, era tradição deles comemorar o 7 de novembro,[599] o dia da *"grande vitória"* do comunismo na *"pátria gloriosa de Lenin e de Stalin"* que marcou o mundo. O Boletim circulado naquele dia, assinado por Roberto Margonari, Henckmar Borges e José Virgílio Mineiro,[600] numa apaixonada reverência política, rememorou as conquistas e o heroísmo do povo russo:

> *"Aqui neste pedaço do mundo, bem no coração do Brasil – Uberlândia – vive um povo que, neste dia, mais que nunca está com o pensamento voltado para vós.*

---

596. MELO, João Edison de. Manifestações comunistas. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 09/11/1950, ano 12, n.° 3028, p. 1, c. 1-4.

597. No caso do aniversário de Stalin, mesmo realizando os ajustes entre o calendário juliano, utilizado na época de seu nascimento (21/12/1879), e o gregoriano, não seria possível obter uma aproximação do seu aniversário com o dia 08 de novembro (conforme o calendário gregoriano).

598. Idem.

599. Conforme o calendário juliano, a Revolução Russa ocorreu em 25 de outubro de 1917. Convertendo esta data para o calendário gregoriano, o referido acontecimento é datado de 7 de novembro.

600. Segundo o DEOPS-SP, Enoque Caldeira Paiva, que foi vereador no período entre 1947-1950 teria rompido com o PCB por volta 1950. In: Departamento da Ordem Política e Social de São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Relatório sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro [Cópia resumida do referido relatório enviada ao DOPS do Rio de Janeiro]. Documento n.° 1.3.59.12. Setor: Estados/Comunismo. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

Aqui, neste rincão da Pátria Brasileira, tão longe de vós pelo espaço, mas tão perto pela simpatia e admiração, operários, camponeses, intelectuais honestos, democratas sinceros, num só pensamento se unem para, neste 7 de novembro vos enviar a sua saudação.
(...)
Daqui, num misto de alegria e de tristeza, de angústia e de esperança, nós vos enviamos a nossa saudação, oh! heróica Pátria do Proletariado, valorosa classe operária, destemido povo soviético, glorioso Partido Comunista da U.R.S.S.
(...)
Pelo vosso exemplo, oh! grande povo irmão, também lutamos pela nossa libertação e temos certeza que um dia já não muito distante, a nossa classe operária também em suas mãos os destinos do Brasil! Temos certeza absoluta que o operariado brasileiro aliado aos homens do campo, igualmente com o Partido Comunista à sua frente, sob a liderança do maior brasileiro vivo, o Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes terá dentro em pouco a sua alvorada de redenção, o seu novo e esplendoroso dia de libertação nacional!"[601]

Pode-se dizer ainda que as comemorações do aniversário da Revolução Russa, em 1950, conforme foram divulgadas no *Correio de Uberlandia*, traziam as marcas do *Manifesto de Agosto* de 1950. Este libelo, entre outras preconizações,[602] condenava a intervenção dos EUA na Coréia, onde os americanos, segundo Prestes, trucidavam mulheres e crianças aniquilavam povos pacíficos.[603] No que concernia à preparação das guerras na Ásia pelos países imperialistas, o referido líder comunista afirmara, no *Manifesto de Agosto*, que o mundo capitalista, minado por gritantes contradições e face ao fortalecimento do prestígio mundial da URSS e do alastramento internacional das forças democráticas e do socialismo, estava desesperado e isso precipitava a guerra nos países, especificamente os asiáticos, que reagiam contra o imperialismo anglo-americano.[604]

Conforme o testemunho da militante comunista Olívia Calábria, Truman e, no caso brasileiro, o presidente Dutra, foram protagonistas do anticomunismo, o qual foi incisivamente

---

601. Boletim. Pátria gloriosa de Lenin e de Stalin! Uberlândia, 7 de Novembro de 1950. Documento do Acervo do DEOPS-SP, alocado no Arquivo do Estado de São Paulo.

602. Dentre suas propostas, destaca-se O Manifesto de Agosto de 1950 que propusera a organização, em todo o país, da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, um movimento de luta em defesa dos interesses do *"povo"* que, segundo Prestes, sob a direção do *"proletariado"*, deveria promover a organização e unificação popular, fincando suas raízes *"nas fábricas e nas fazendas, nas escolas e repartições públicas, nos quartéis e nos navios, em todos o locais de trabalho, enfim, nos bairros das grandes cidades e nas aldeias e povoados"*. Prestes concitou a união de todos em torno da Frente, independentemente das crenças políticas, sociais, religiosas e filosóficas.

603. VINHAS, Moisés. Op. cit. P. 140.
Ver também: CARONE, Edgard. O PCB – 1943-1964. Op. cit. p. 108. (Volume 2).

604. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 142.

repudiado pelos comunistas.[605] Além das repercussões que a Doutrina Truman teve nas práticas comunistas em Uberlândia, e de outros lugares, é possível afirmar que, sob a influência do *Manifesto de Agosto*, os comunistas tenham mesmo propagado alguma moção de apoio às manifestações/reações contra o presidente americano. Isso porque o *Manifesto de Agosto* não usou meio termo para atacar suas idéias e ações anticomunistas no mundo, bem como as dos seus seguidores, os *"mercenários de Truman"*, como os designavam os comunistas, especialmente o presidente Dutra, caracterizado pelo referido documento como um *"governo de traição nacional"*, que pretendia levar o país à guerra e transformar a juventude brasileira em *"carne de canhão para as aventuras bestiais de Truman"*.[606]

Até que ponto a Doutrina Truman contribuiu para desmobilizar a ação comunista e emagrecer, como bem demonstraram os comunistas de Monte Alegre de Minas, as fileiras do Partido Comunista Brasileiro não se sabe. Mas em concomitância com a propagação do anticomunismo de Truman e de outros adeptos, o *Manifesto de Agosto* influenciou negativamente as preferências políticas do eleitorado, no pleito de 3 de outubro de 1950. Conforme o depoimento de Joaquim Ferreira,[607] sob o influxo do referido Manifesto, o sectarismo avassalou, em grande parte, as manifestações comunistas nessa região e teria sido um dos principais motivos do declínio eleitoral em Uberlândia e noutros lugares do Triângulo Mineiro. No caso uberlandense, o PCB sufragou apenas um candidato comunista à Câmara Municipal, inscrito na legenda do PR.

> *"Sabendo que os representantes do 'Cominform' jamais voltarão atrás em suas investidas liberticidas e que não desaparecerá a rede bolchevista, enquanto Moscou a apoiar, preferimos tomar as vitórias eleitorais democráticas como um índice seguro de que a mentalidade do ocidente numa marcha ascencional, a pouco e pouco vai se livrando dos efeitos de uma má propaganda e, cada vez mais, se capacita do valor da política da liberdade."*[608]

---

605. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.

606. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 141.

607. Entrevista com Joaquim Ferreira, realizada em junho de 1991.
Além desse testemunho, a imprensa e os documentos do DEOSP-SP e do DOPS-RJ ratificaram o declínio eleitoral do PCB no Triângulo Mineiro e, de uma maneira geral, no Brasil

608. Comunismo repudiado. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 10/06/1950, ano 11, n.° 2.920, p. 1, c. 5-7.

Os supostos democratas e os anticomunistas, conforme as expectativas do *Correio de Uberlandia*, tinham motivos para se considerarem exitosos em seu repúdio ao comunismo e nos resultados eleitorais de 1950. Nessas eleições, pleitearam os cargos de vereadores na Câmara Municipal, sob a legenda do PR, sete candidatos vermelhos, sendo que, entre eles, José Virgílio Mineiro e Roberto Margonari tentaram a reeleição.

Durante a campanha eleitoral, a panfletagem foi uma das práticas mais utilizadas de propaganda.[609] Nas eleições municipais de 1950, circulou um panfleto conclamando a população a sufragar o *"candidato de Prestes"*, João Cândido Pereira, que se propôs a lutar pelo Programa de Libertação Nacional, nos seguintes termos:

> *"1. Por um governo popular e democrático.*
> *2. Pela paz e contra a guerra.*
> *3. Pela imediata libertação do Brasil.*
> *4. Pela entrega da terra a quem trabalha.*
> *5. Pelo desenvolvimento independente da economia nacional.*
> *6. Pelas liberdades democráticas para o povo.*
> *7. Pela imediata melhora das condições de vida para o povo.*
> *8. Instrução e cultura para o povo.*
> *9. Por um Exército Popular de Libertação Nacional."*[610]

Além desse programa, claramente influenciado pelas diretrizes do *Manifesto de Agosto*, o comunista João Cândido Pereira se comprometeu a lutar pelo reajuste salarial da categoria de trabalhadores a que pertencia, os motoristas e os mecânicos, e pelos assalariados; fortalecer a Associação Profissional dos Condutores de Veículos Rodoviários de Uberlândia; construir um mictório na praça da República e combater o aumento das contribuições do instituto de previdência e aposentadoria.

Às táticas de panfletagem, comícios e pichações comumente utilizadas nas campanhas eleitorais vermelhas, acrescentaram-se outras atividades – por exemplo: as festas, uma das formas dos comunistas, nos longos períodos de ilegalidade, encontrarem-se para discutir um ou outro programa de atividade e angariar recursos para suas campanhas. Além desses procedimentos, os comunistas visitavam os moradores das vilas na cidade, das fazendas, dos

---

609. Nos tempos de ilegalidade do PCB, não foram contatadas, na imprensa local, propagandas eleitorais dos candidatos comunistas inscritos em outras legendas partidárias.

610. Panfleto: Motoristas!. Acervo das polícias políticas, DSP, D514. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

distritos e lugarejos do município, e, por meio de conversa, tentavam mostrar-lhes as suas propostas de luta e seus planos para a administração do município.

Todavia, apesar dos esforços propagandísticos pela eleição dos *"candidatos de Prestes"*, constatou-se, tanto na imprensa quanto nos documentos do DEOPS-SP, o declínio eleitoral dos comunistas em Uberlândia e noutros municípios do Triângulo Mineiro. Segundo os relatos policiais, os quadros de militantes estavam bastante reduzidos e as atividades vermelhas então empreendidas na região deviam-se à tenacidade e à pertinácia dos líderes comunistas.[611]

No caso uberlandense, o desempenho eleitoral do PCB, sob a legenda do PR, configurou o seguinte resultado:

Tabela 8

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1950
RESULTADO ELEITORAL DOS CANDIDATOS A VEREADOR INSCRITOS NA LEGENDA DO PARTIDO REPUPLICANO – PR

PARTIDO	CANDIDATO	VOTOS OBTIDOS
PR	Adelino Cunha	29
PR	Aveli Silva Santos	14
PR	Ronan Martins Silva	33
PR	Ildefonso M. Alvim	00
PR	Eugênio G. de Almeida	37
PCB	Alcides Simão Helou	91
PCB	José Fonseca Palhares	89
PCB	Roberto Margonari	198
PCB	José Virgílio Mineiro	239
PCB	Oswaldo Malaquias	73
PCB	João de Souza	41
PCB	João Cândido Pereira	56
PCB	Irma Gouveia Paiva	48
PCB	Joaquim Ferreira	86
PR	Sebastião José da Costa	55
TOTAL DE VOTOS DA LEGENDA DO PARTIDO REPUBLICANO		1094

Fonte: *O Reporter*. 21/10/1950, no 17, n.° 1.217, p. 4. C. 1-6.

Dos candidatos acima relacionados, apenas José Virgílio Mineiro elegeu-se e Roberto Margonari conquistou a suplência.

---

611. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 25, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

Antenados às diretrizes políticas nacionais e internacionais do Partido Comunista, teriam os comunistas uberlandenses incorrido no sectarismo característico do período que promovera tantos expurgos, voluntários ou não, em suas fileiras e declinado sua representação nos espaços da política local? Se a descrença e, por isso, o repúdio ao comunismo era resultado das (re)pressões anticomunistas e as baixas no Partido Comunista decorriam da perda de fé de seus adeptos no *"credo vermelho"*, o fato é que, esvaecida a euforia política dos tempos do pós-guerra, o partido, em 1950, já não era o mesmo que, em 1947, quando obtivera significativas vitórias no município.

Passadas as eleições e instalada a Câmara Municipal em 31 de janeiro de 1951, foram encaminhadas as primeiras reuniões da nova gestão do município. No decurso das sessões realizadas no parlamento municipal, durante os meses de fevereiro a maio de 1951, como autor ou colaborador, o vereador José Virgílio Mineiro deu continuidade ao andamento de alguns projetos, pareceres, indicações e processos que vinham sendo discutidos na gestão anterior, os quais se caracterizavam pelas resolução dos seguintes problemas: Semana Inglesa; publicação de projetos e pareceres na imprensa, a fim de tornarem públicos os atos do Legislativo Municipal; aumento das tarifas da Cia. Prada (de energia elétrica); pagamento de abono para os diaristas da Prefeitura Municipal; preservação da ordem pública, sem violência policial; construção de escola na vila Saraiva; melhoramento do espaço urbano (ruas, calçadas, praças etc.); concessão de subvenção à Sociedade Médica e outras entidades, como a Associação dos Tuberculosos Proletários, e instituições assistencialistas; indicações contra a violência policial instaurada na cidade e outras.

Não obstante a positividade de sua atuação, o mandato de José Virgílio Mineiro foi breve. Em 30 de abril de 1951, o citado vereador, alegando *"motivos de força maior"*, encaminhou ao presidente da Câmara um pedido de renúncia, o qual fora ratificado por um manuscrito com os mesmos dizeres, datado de 11 de maio de 1951, conforme exigia a lei de Organização Municipal, artigo 60.

José Virgílio Mineiro renunciou em favor de Roberto Margonari, em 1951, por motivos pessoais e profissionais, como constou da declaração de renúncia.[612] Ademais, o esclarecimento desses motivos foi constatado na certidão do referido vereador, emitida pela DOPS-MG, a qual transcreveu trechos do jornal comunista *Folha Popular*, editado em Uberlândia:

> *"Virgílio Mineiro – candidato popular – Nota do Comitê de Zona do P.C.B. – Após o 'Manifesto de Agosto', o P.C.B. incorreu em vários erros de natureza esquerdista. Como já é de conhecimento público, aquele documento não correspondia à realidade brasileira. Reconhecendo os erros de orientação nele contidos, o P.C.B. fez uma revisão crítica e auto-crítica da linha política, de que resultou o atual projeto de programa, ora discutido por todo o partido para ser finalmente aprovado. O C.Z. do Triângulo Mineiro incorreu igualmente em desvios esquerdistas anteriores ao atual projeto de programa do P.C.B. Entre estes desvios, foi pedida ao companheiro José V. M., então vereador, sua renúncia àquele cargo, pedido esse por ele aceito por disciplina partidária. Reconhecendo o seu erro, o C.Z. do P.C.B. no Triângulo Mineiro faz sua autocrítica pública e desde já o corrige indicando ao povo de Uberlândia o nome do companheiro para o honroso posto de candidato a vereador."*[613]

Apesar dos clamores dos dirigentes do Comitê de Zona do PCB, que, em suas autocríticas, reconheceram seus desvios e erros, José Virgílio Mineiro não reconsiderou sua decisão e renunciou ao seu mandato.

Conforme os relatórios do DEOPS, os investigadores avaliaram a renúncia de José Virgílio Mineiro como um reflexo da política comunista sectária decorrente do Manifesto de Agosto de 1950.

> *"Sendo Virgílio Mineiro, homem de reconhecida cultura, portanto mais transigente e compreensivo não convinha ao partido sua permanência nessa citada função legislativa."*[614]

Segundo o referido relatório, o representante do PCB no parlamento municipal teria renunciado em favor do seu suplente Roberto Margonari, devido ao tipo ideal de militância

---

612. Conforme atas da Câmara Municipal, um desses motivos pessoais pode referir-se ao estado de saúde de José Virgílio Mineiro, que esteve hospitalizado em abril de 1951. Segundo Maria Margonari, o referido vereador, que era médico radiologista, teria sido afetado pelos efeitos da radioatividade, contraindo doença que, tempos depois, o levou à morte.

613. Delegacia Especializada de Ordem Pública de Minas Gerais. Certidão. José Virgílio Mineiro. pasta 50-H-84-1511, Setor DEOPS, Arquivo do Estado de São Paulo.

614. Relatório do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS. Arquivo do Estado de São Paulo.

combativa que o partido exigia. Segundo, o DEOPS, arrogância, intransigência e combatividade eram características marcantes do referido suplente. O caráter impositivo, sectário, audaz e forte da militância de Roberto Margonari também foi confirmado nos depoimentos da militante comunista Olívia Calábria e de Domingas Camin, irmã do já mencionado fazendeiro José Camin, que, na época, era contra os comunistas.[615]

Mas foi o próprio José Virgílio Mineiro, em réplica a uma publicação sobre sua renúncia veiculada pelo *Correio de Uberlandia*, quem revelou o seu descompasso com as novas linhas do PCB. Segundo ele, sua permanência como *"vereador de Prestes"* na Câmara exigia o cumprimento combativo das *"diretivas da gloriosa Frente Democrática de Libertação Nacional"*. Tratava-se, portanto, de uma tarefa que requeria uma atuação política mais efetiva, o que, em decorrência de sua vida profissional, ele não podia oferecer: incondicional dedicação, disponibilidade de tempo e *"alto nível ideológico e político"*. Além disso, ele afirmou que, como se tratava de uma única representação comunista no Legislativo Municipal, a execução do cargo demandava *"grandes sacrifícios"* e não permitia *"vacilações"*. Portanto, cabia-lhe fazer o que *"qualquer comunista faria: renunciar a fim de que um companheiro mais firme ocupe o cargo do Partido acima dos interesses pessoais"*.

Na contracorrente das afirmações do *Correio de Uberlandia*, Virgílio Mineiro ratificou sua lealdade e fidelidade partidária, e, pelo menos até o final da década de 50, manteve-se não somente filiado ao PCB, mas atuante em diversas frentes de trabalho empreendidas pelo partido, tendo inclusive lançado sua candidatura ao parlamento municipal em 1954. Em relação ao polêmico acordo eleitoral dos comunistas com o PR, o médico comunista disse que a apropriação da referida legenda decorria dos atos do governo antidemocrático que colocou o PCB na ilegalidade em 1947:

> *"Vergonhosamente para o meu Brasil, foi o meu Partido fechado, enquanto tem uma vida legal em todos os países civilizados do mundo.*
> *Fazemos acordos eleitorais, é verdade, mas isto não implica absolutamente em mudança de ideologia política por nenhuma das partes. Quando fizemos um acordo*

---

615. Olívia Calábria, entrevista realizada em janeiro de 1994; Domingas Camin, entrevista realizada em dezembro de 1994.

> *eleitoral com o PR, não nos comprometemos a defendê-lo e nem tampouco ficou o PR, na obrigação de se tornar comunista.*
> *O nosso conceito de partido político é decorrente de uma análise de classe. Quando afirmei que as eleições de outubro representaram apenas uma mudança de homens no poder não insultei nenhum partido político. Fazendo uma análise de classe, afirmei apenas uma verdade facilmente verificável pelo testemunho histórico e recente. O general Dutra do PSD, quando no poder dizia muito pouco poder fazer em seu governo porque o seu antecessor, o Getúlio, tinha arrasado as finanças do Brasil. Atualmente, Getúlio do PTB, no poder diz que quase nada pode fazer porque o seu antecessor, o general, deixou-lhe um 'abacaxi'. Se amanhã vier o Brigadeiro dirá naturalmente que governar depois de Getúlio é impossível, (a inflação não permite). Os homens se trocam no poder mas a vida é cada vez mais penosa e difícil e somente um governo Democrático Popular iniciará a construção dos alicerces da felicidade humana."*[616]

Numa provocação aos vermelhos, o *Correio de Uberlandia* havia afirmado que o manifesto do vereador comunista ficaria *"registrado na vida política como um documento curioso para a época"*. Em contraposição, Virgílio Mineiro contestou ironicamente tais assertivas dizendo que, em tempos de *"hipocrisia e falta de caráter, toda atitude sincera, digna e honesta deve ser um documento curioso"*. [617]

1. Um vermelho inflama a Câmara Municipal de Uberlândia

Intransigente, pertinaz, incorrigível e agitador são adjetivos constatados nos registros das atas da Câmara Municipal e dos relatórios das polícias políticas. Roberto Margonari figurou o mais inflamado *"vereador de Prestes"* na Assembléia Municipal tanto no decurso da primeira gestão (1948-1950), quanto da segunda (1951-1954).

Nos dizeres dos investigadores do DEOPS, ele era um típico *"representante dos stalinistas exaltados"*: *"ousado"*, *"agitador"*, mas também um *"prosélito"*, *"arrogante"*, *"inculto"*, *"quase ignorante"*, *"uma pessoa sem cultura"*, que não tinha receio de propagar as idéias comunistas em parte alguma.[618] Afora o ranço anticomunista que marcou os relatórios

---

616. José Virgílio Mineiro. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 10/06/1951, ano 14, n.° 3177, p. 4, c. 1-4.
617. Idem.
618. Relatório do Departamento da Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 10 e 26. Pasta: 50-H-84. Acervo DEOPS do Arquivo do Estado de São Paulo.

policiais consultados, a combativa e pertinaz militância política de Roberto Margonari puderam ser constatadas não somente nos testemunhos coletados,[619] mas nos registros de sua atuação no decurso dos seus dois mandatos na Câmara Municipal.

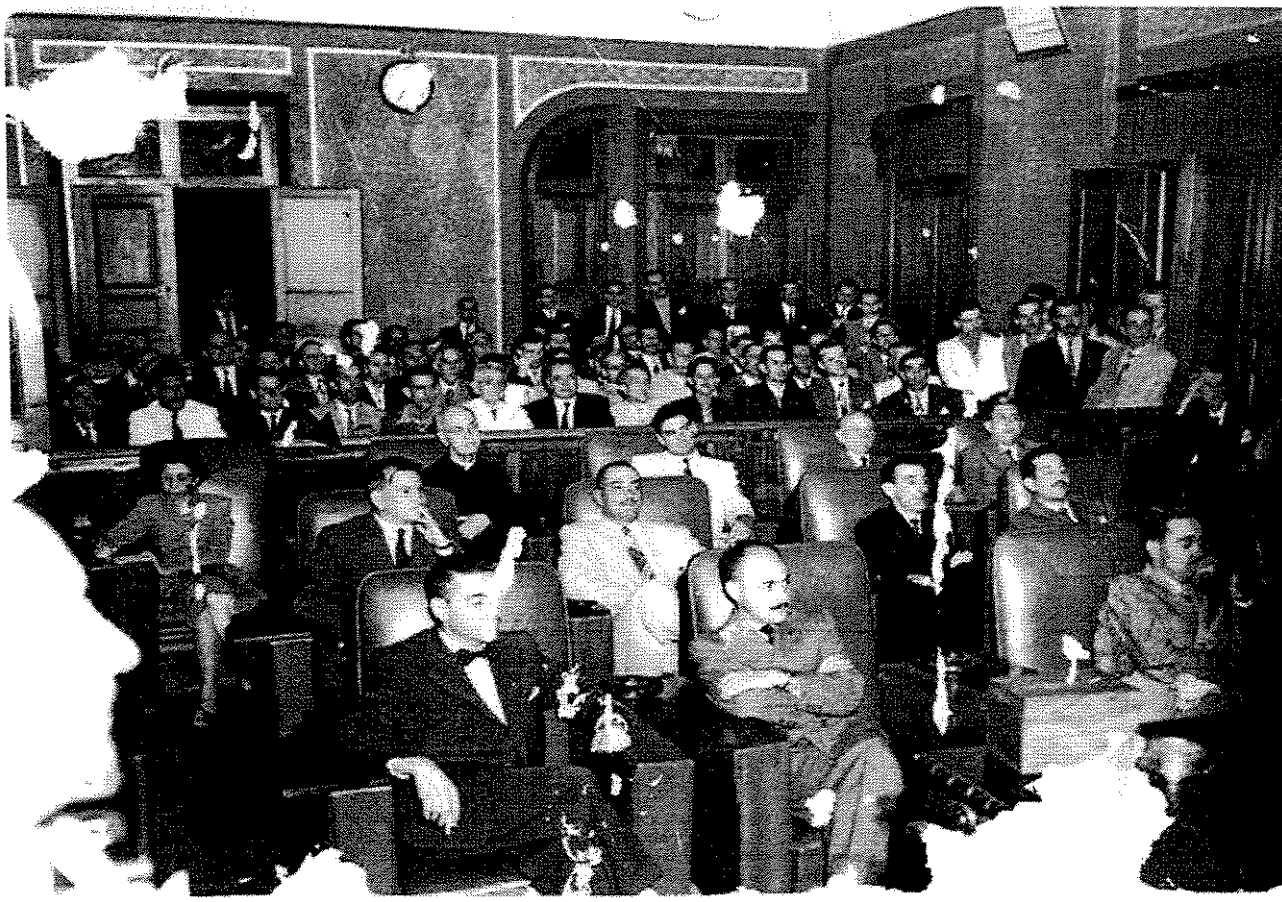


Foto 6: Vereador Roberto Margonari na Câmara Municipal de Uberlândia
Fonte: Acervo Roberto Margonari

619. Essas afirmações referem-se aos depoimentos de Joaquim Ferreira, Olívia Calábria, Maria Margonari, Marlene Rosa Margonari e de Domingas Camin.

Nesse espaço político, os udenistas e principalmente os vereadores do Partido da Representação Popular (PRP), alcunhados integralistas, mantiveram-se no encalço do vereador vermelho. Tal foi o que aconteceu, em 1951, no transcurso dos debates acerca do problema do abastecimento de água na cidade. Queixando-se aos componentes da Mesa pelo fato de sua bancada não ter recebido os avulsos relativos ao processo 430, que planificava a execução de um novo projeto para resolver o problema da água, Roberto Margonari, numa das primeiras sessões do seu novo mandato, foi advertido pelo vereador Pedro Schwindt (PSD) que condenou seu procedimento e sugeriu cautela e precaução ao fazer seus discursos na Tribuna, para que a Mesa não se visse obrigada a executar a cassação do seu mandato, mesmo sendo eleito pelo PR. Inconformado com a advertência, Roberto Margonari o refutou dizendo que usara a palavra de acordo com o regimento interno da Câmara e, em concordância com ele, continuaria a manifestar-se da mesma maneira.[620] Afirmou ainda, na reunião seguinte, que, por honestidade, jamais se escondeu atrás do PR e nunca omitira o seu vínculo com o PCB. O referido vereador comunista declarou que pertencia ao Partido Comunista do Brasil, há mais de vinte anos, e nada, nenhuma força o impediria de ser comunista.[621] Conforme pesquisa realizada, ele morreu comunista, em 1982.[622]

O *"vereador de Prestes"* também manifestou a sua indignação contra o oportunismo, o clientelismo e a corrupção reinantes na política local. Se, por um lado, Roberto Margonari foi acusado de politicagem quando, em 1952, defendeu um projeto de assistência médico-odontológica aos alunos das escolas municipais e prestou serviços odontológicos, como dentista

---

620. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Terceira Sessão da Segunda Reunião extraordinária de 1951. 04 de outubro de 1951.

621. Câmara Municipal de Uberlândia .Ata da Quinta Sessão da Segunda Reunião Extraordinária de 1951.

622. Folder: Roberto Margonari presente!. Documento do acervo particular de Maria Rosa Margonari e Marlene Margonari. A homenagem constou de um programa que previa: visita ao túmulo no cemitério São Pedro, homenagem póstuma na Câmara Municipal e um debate sobre *"a alternativa democrática para a crise brasileira e o governo de transição"*. Paulo Elizário e Armando Ziller, amigos de Roberto Margonari, foram convidados para participarem das solenidades, especialmente do debate. Conforme depoimento de Armando Ziller, *"Roberto Margonari não foi só um grande amigo. Roberto foi um companheiro de incontestável coragem e vigor na luta pela democracia, pela paz mundial e pelo socialismo. Homenageá-lo hoje significa prosseguir a sua luta pela construção de um Brasil novo, democrático independente e sem injustiças sociais."* Ver também: Roberto Margonari, enfim a homenagem. *Primeira Hora.* Uberlândia, 03/08/1984. (Recorte de jornal do Acervo de Roberto Margonari).

prático, visando fins político demagógicos,[623] por outro, reclamou do clientelismo imperante nas esferas públicas – como o caso, em 1953, das negociações de um empréstimo para o município, que, segundo o referido vereador, era merecido não pela troca de favores e presentes efetuada pelos seus representantes, mas porque era um município progressista, provido de uma base econômica pujante.[624] Na Câmara, propagou, ainda, a necessidade de combater a corrupção política, as práticas das gratificações, subornos, troca de favores e presentes, brindes, coquetéis, jantares etc., pois, nas considerações de Roberto Margonari, a indecência política corrompia as tentativas de melhoria da sociedade e o favorecimento de *"ambientes onde o povo não pode comparecer"*, criando insatisfações e desconfianças que comprometiam a governabilidade e a dignidade política dos representantes do povo.

Um outro fato que, em agosto de 1953, indignou Roberto Margonari no decurso do seu segundo mandato foi a polêmica em torno de um projeto de sua autoria o qual concedia ao prefeito o direito de solicitar judicialmente a exibição de documentos que autorizavam a cobrança de laudêmios sobre os terrenos da sede da Igreja Católica no município. Entre defesas e acusações, destacaram-se as argumentações de Pedro Schwindt, que visaram esclarecer os motivos pelos quais a Câmara aprovou o projeto: não pela demagogia comunista de Roberto Margonari, tal como aventaram os adeptos do Partido da Representação Popular, mas pelo fato de a proposta defender os interesses do povo sem lesar os direitos da Igreja.

Já nas considerações do vereador Ronan de Mendonça, filiado do PRP, a aprovação do projeto contribuía para a difusão do *"credo vermelho"* no país. O referido vereador perrepista afirmou que tal fato se deu porque Roberto Margonari não era o único vereador comunista da Câmara. Existiam outros vereadores que, se não eram comunistas, simpatizavam com a doutrina vermelha e, por isso, deveriam tirar a máscara para serem identificados e conhecidos abertamente. Pedro Schwindt contestou-o dizendo que, embora não fosse comunista, não deixaria de aprovar

---

623. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Sessão da Segunda Reunião Ordinária de 1952. 10 de junho de 1952.

624. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Oitava Sessão da Segunda Reunião Ordinária de 1953. 29 de maio de 1953.

um projeto ou qualquer proposta benéfica aos interesses do município pelo simples fato de ser o autor Roberto Margonari. Segundo ele, a recíproca também era válida para os projetos de autoria dos vereadores do PRP (por muitos alcunhados de integralistas), pois, segundo Pedro Schwindt, a aprovação de um projeto de interesse do município não deveria levar em consideração a *"cor política"*.[625]

No calor de discussões como estas, em novembro de 1953, Roberto Margonari, ao apresentar um projeto de subvenção à Santa Casa de Misericórdia, às raias da falência, alertou sobre o perigo que posturas políticas como as dos vereadores do PRP representava para as aspirações populares. Advertiu que o mesmo não se repetisse em relação à aprovação do projeto de subvenção à Santa Casa, pois a perseguição aos projetos de sua autoria estava colocando em risco os interesses do povo.[626]

Segundo Roberto Margonari, o seu pedido de auxílio à Santa Casa objetivava impedir que a falta de dinheiro fechasse as portas de uma instituição de saúde tão necessária ao povo. Sua indicação não visava fins políticos. Por isso, advertia que dela *"não se fizesse uso para incriminar de comunistas até as freiras que dirigem o estabelecimento com a alegação de que trazem insígnias comunistas sob as vestes."* Contestando as afirmações irônicas de Roberto Margonari, o vereador Ronan de Mendonça (PRP) o acusou de desrespeitar as religiosas que trabalhavam na Santa Casa. O tumulto instaurou-se na Câmara quando o vereador comunista protestou veemente as acusações de Ronan de Mendonça.

Roberto Margonari tornou-se alvo de diversos ataques anticomunistas, contra os quais contestara pontualmente. Nas considerações do vereador vermelho, as declarações alarmistas de

---

625. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Primeira Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1953. 20 de Agosto de 1953.

626. Várias discussões entre Roberto Margonari e outros vereadores foram registradas nas atas. Em 1952, o referido parlamentar fez referência a uma moção que havia encaminhado ao Ministério da Viação, solicitando a concessão de mais uma emissora de rádio na cidade. Contra esse intento, Roberto Margonari afirmou que *"indivíduos ambiciosos e inescrupulosos"* se aproveitaram da situação e tacharam de comunistas os integrantes da empresa que pretendia instalar a Rádio Difusora (Cf. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Primeira Sessão da Segunda Reunião Ordinária de 1952. 02 de maio de 1952). Em 1953, constou das atas a continuidade dessa polêmica mediante denúncias e publicações a respeito do assunto, como as do anticomunista mineiro Almirante Pena Boto. Cf. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1953. 13 de novembro de 1953.

Pena Boto, que, em sua cruzada anticomunista, alcunhava Uberlândia de *"Moscou Brasileira"*, só trouxeram dificuldades à região do Triângulo Mineiro e à luta pelos interesses do povo.

Durante essas discussões, em 1953, Roberto Margonari foi novamente acusado de enganar o seu eleitorado ao candidatar-se pelo PR. Na sua defesa, pronunciou-se o vereador Renato de Freitas (PSD), testificando que Roberto Margonari jamais iludiu os seus eleitores quanto ao fato de ser um *"adepto fervoroso do comunismo"*. Se ele não se elegeu pelo PCB foi porque as circunstâncias assim não permitiram e certamente não estaria na Câmara se não tivesse se candidatado sob a legenda do PR: *"ademais é fato sabido nesta cidade que Margonari, em momento algum, deixou de afirmar que pertencia ao extinto Partido Comunista e prova isto quem acompanhou a campanha eleitoral e comparece às reuniões da Câmara."* [627]

Durante a gestão de Roberto Margonari na Câmara, foi possível observar ainda pedidos de auxílios e subsídios para instituições de saúde e de educação, para a realização de congressos e custeio de participação dos representantes de Uberlândia em eventos similares. Em outubro de 1951 Roberto Margonari apresentou à Câmara um projeto concedendo um auxílio de Cr$ 20.000,00 para propiciar a representação de Uberlândia no Congresso da Paz, o que foi votado e reprovado.[628]

Em novembro de 1951, foi registrado em ata a participação de Roberto Margonari no III Congresso Brasileiro da Paz, realizado no Rio de Janeiro. Em seus pronunciamentos, afirmou que, ao contrário do que vinha acontecendo em Uberlândia e noutros lugares do Triângulo Mineiro, região onde todos os delegados de polícia conspiravam para dissolver a realização de eventos semelhantes, na capital federal, as autoridades garantiram a realização do Congresso da

---

627. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Quarta Sessão da Segunda Reunião Ordinária de 1953. 13 de novembro de 1953.
Conforme outros registros, Margonari apresentou uma indicação ao prefeito demonstrando a necessidade de pagamento da subvenção à Santa Casa e outra à Mesa e solicitando a formação de uma comissão para investigar os motivos que levaram o estabelecimento a fechar as portas aos novos doentes que ali acorriam. Nessa ocasião, Veloso Viana informou que o prédio funcionava em condições precárias, carecendo de medicamentos e aparelhos para tratar adequadamente os doentes que procuravam o hospital.

628. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Oitava Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1951. 26 de outubro de 1951.

Paz, e, que, inclusive, recebeu o informe de que o presidente da república iria ouvir uma comissão para estudar a viabilidade da realização de um Congresso Continental da Paz na capital federal.[629]

No ano seguinte, em 1952, Roberto Margonari solicitou, sem êxito, a aprovação do crédito de Cr$ 30.000,00 para que Uberlândia pudesse enviar um representante ao Congresso da Paz em Viena.[630] De outro lado, seus principais adversários na Câmara também solicitaram subsídio para a realização do Congresso dos Estudantes. Durante as discussões, houve uma contestação por parte do vereador Eudóxio Casassanta Pereira (PTB) afirmando que o pedido teria se originado de um partido político (não identificado na ata) e não dos estudantes propriamente. O projeto foi rejeitado por 12 votos.[631] Na sua segunda discussão, os termos eram mais claros: a proposta visava autorizar auxílio à secretaria do Partido da Representação Popular para a realização do Congresso dos Estudantes. Consta da ata que o vereador Veloso Viana (PRP) defendeu o projeto, caracterizado-o como um evento apolítico, constituído de teses que se atinham aos interesses nacionais.

Em ambas as discussões sobre o auxílio ao referido congresso Roberto Margonari não se manifestou a respeito. Conforme a ata, o projeto foi reprovado em segunda votação secreta.[632] Em 1954, houve ainda discussão e aprovação de um projeto que autorizava auxílio para hospedagem dos participantes do VIII Congresso dos Trabalhadores de Minas Gerais.[633]

Entre 1952 e 1954, foram registradas em ata algumas discussões em torno da promoção de conferências pela Câmara Municipal. Tal foi o caso da Conferência do General Edgard Buxbaum sobre o Acordo Militar Brasil/EUA,[634] que vinha sendo discutido pelos

---

629. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Quarta Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1951. 12 de novembro de 1951; Ata da Décima Quinta Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1951. 13 de Novembro de 1951.

630. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Sexta Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1952. 17 de novembro de 1952.

631. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Segunda Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1952. 10 de março de 1952.

632. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Quarta Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1952. 13 de março de 1952.

633. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Sexta Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1954. 17 de março de 1954.

634. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Sessão da Sexta Reunião Ordinária de 1952. Novembro de 1952.

comunistas em vários lugares no Brasil. A conferência aconteceu em 20 de fevereiro de 1953, mas as atas não registraram informações versando sobre o caráter das discussões ocorridas e seus impactos na Câmara.[635] Somente em março de 1954, o vereador Pedro Schwindt, suscitou o impasse provocado pela bancada do PRP, que se recusou a participar do evento. Em réplica, Veloso Viana (PRP) afirmou que os vereadores perrepistas se retiraram da reunião *"não por covardia ou receio de participar da discussão, mas tão somente por sinal de protesto, pois sabiam que outros vereadores saberiam defender o nome da democracia em face das insinuações comunistas."*[636]

Outra conferência promovida pela Câmara Municipal ocorreu em 1954 e para ela qual foi convidado o jornalista Carlos Lacerda. Conforme as alusões de Pedro Schwindt sobre o evento, o referido jornalista teria denunciado a corrupção e uma série de irregularidades praticadas pelo governo de Getúlio Vargas, na época. Também a esse respeito, Roberto Margonari fez um comentário venenoso: o *"sr. Carlos Lacerda é ladrão e desonesto"*. Além desses comentários, não foram constatados outros registros que pudessem revelar os impactos da conferência do referido jornalista na Câmara Municipal.

1.1. *Boletim dos Vereadores*: arauto do parlamentar vermelho

Com a arte de polemizar e difundir o impacto dos seus trabalhos na Câmara, Roberto Margonari, em outubro de 1953, fez circular pela cidade o *Boletim dos Vereadores*. Uma inscrição abaixo do título informava: *"Distribuição Gratuita - Nova Fase"*. Apesar do título, o

---

Pontos centrais do Acordo Militar Brasil x Estados Unidos, de 16/08/1952: *1) A imposição do comando americano à nossas forças armadas; 2) Controle americano de nosso comércio exterior; 3) Militarização da economia brasileira; 4) O Itamarati, sucursal do Departamento de Estado; 5) Imposição do fascismo ianque; 6) O governo ianque é quem decidirá tudo.* Cf. CARONE, Edgard. Op. Cit. v. 2, p. 112-114

635. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Câmara Municipal de Uberlândia de 20 de fevereiro de 1953.
A respeito da referida conferência foi publicada uma nota no *Jornal do Povo*, de 08/03/1953, divulgando seu apoio à iniciativa da Câmara Municipal de Uberlândia por ter promovido o evento. Segundo o periódico, a atitude do Legislativo demonstrou a compreensão do caráter alienígena das propostas do Acordo Militar, que não contemplava os interesses do povo brasileiro. Cf. Resumo dos boletins de Delegacias Especializadas da Ordem Pública. Confidencial. 01 a 15 de março de 1953. Setor: Estados – 1, cx. 608. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

636. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Nova Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1954. 22 de março de 1954.

boletim não divulgava senão os trabalhos desempenhados na Câmara por ele mesmo. Aliás, a sede da Redação era a sua e também sua a responsabilidade editorial. O anúncio, *Escritório do Vereador*, foi escrito no singular e informou o endereço e o horário de atendimento a quem tivesse qualquer *"assunto ou reclamação a ser encaminhada `a Câmara Municipal"*.[637]

Indignado, Renato de Freitas denunciou a circulação do *Boletim dos Vereadores* pela cidade sem que a Câmara a tivesse autorizado, ou o reconhecesse. Reclamou ainda que Roberto Margonari não tinha autoridade para espalhar o referido boletim, em nome dos vereadores da Câmara e solicitou que fosse marcada uma reunião, a fim de que Roberto Margonari prestasse os devidos esclarecimentos. Mas não foi preciso. Na reunião seguinte, Roberto Margonari reconheceu a impropriedade da denominação do boletim e prometeu modificá-la. Justificou-se dizendo que na gestão anterior do Legislativo Municipal, os quatro parlamentares comunistas veicularam *o Boletim dos Vereadores* e instalaram o *Escritório dos Vereadores* sem que houvesse qualquer reclamação dos integrantes da Câmara.

Por algum tempo, o funcionamento do escritório quanto a veiculação do boletim intentaram constituir um elo de ligação dos *"vereadores de Prestes"* com os segmentos populares da cidade e do campo. No referido escritório, eles prestavam conta de suas atividades no parlamento municipal e atendiam ao público, acolhendo suas reivindicações, reclamações, protestos etc. Roberto Margonari pretendeu, em 1953, resgatar essa tática de aproximação dos segmentos populares, a fim de prestar esclarecimentos sobre o seu trabalho no Legislativo Municipal.

O polêmico *Boletim dos Vereadores*, que circulou em 1953, divulgava as moções de Margonari relativas a diversas situações: ajuda de custo para a participação de um delegado estudantil no Festival Internacional da Juventude em Bucarest; Conferência Regional dos Trabalhadores Agrícolas, realizada na fazenda de Brumado, em Ituiutaba; conclusão do armistício na Coréia; campanha nacional de ajuda à Imprensa Popular; defesa das liberdades democráticas; I Congresso Nacional da Previdência Social. Dentre as propostas apoiadas por Roberto Margonari,

---

637. Escritório do Vereador. Boletim dos Vereadores. 04/10/1953, ano 1, n.° 1, p.1.

foi divulgada a que condenava a reabertura dos postos fiscais circunscritos no município de Uberlândia, visto que isso implicava em mais ônus para os motoristas e carestia de vida, e as moções encaminhadas à Assembléia Legislativa e às Câmaras Municipais do Triângulo, solicitando apoio às decisões do parlamento municipal a respeito da questão da fiscalização da Receita Estadual.

Outrossim, foram veiculadas denúncias sobre as irregularidades no serviço de abastecimento de água em Uberlândia. Conforme as declarações do *Boletim dos Vereadores*, de 1953, Roberto Margonari propôs a promoção de um amplo debate sobre a referida questão, a qual teria como convidado o engenheiro projetista Sirval Macedo e outros engenheiros civis que prestariam esclarecimentos sobre a execução do serviço de abastecimento de água. O vereador comunista pretendia discutir, no evento, as irregularidades que implicavam em um alto custo financeiro para a Prefeitura Municipal e em baixa qualidade da obra e dos serviços prestados pela empreiteira, que não correspondiam às normas e exigências técnicas. Afora esses problemas, Roberto Margonari denunciou que a Prefeitura Municipal não dispunha de um técnico especializado, capaz de conferir a medição, e, portanto, a cobrança dos serviços prestados pela empreiteira, o que poderia permitir a existência de mecanismos de corrupção.

Além dessas problemáticas, o *Boletim dos Vereadores* divulgou notas sobre discursos e moções; pedidos de informações, ao prefeito municipal, sobre o andamento da sanção dos projetos aprovados na Câmara; projetos que previam subsídios para construção e reformas de escolas; concessão de auxílio para tratamento de saúde de funcionários da prefeitura; projeto de lei autorizando o prefeito de Uberlândia a solicitar juridicamente a exibição dos documentos que davam o direito de cobrança de laudêmio à fábrica da Matriz de São Pedro de Uberabinha.

1.2. Afronta, discórdia e conciliações na greve dos motoristas contra o fisco no Triângulo Mineiro

Outro aspecto a ser observado durante a gestão de Roberto Margonari na Câmara Municipal refere-se à greve dos motoristas, ocorrida em 1952, contra os altos impostos cobrados pelo Estado. Meses antes da deflagração do movimento foram registradas queixas nas atas e nos

jornais contra as arbitrariedades praticadas pelos funcionários dos postos de fiscalização na região do Triângulo Mineiro e contra a extorsiva cobrança de tributos arremessada, no caso uberlandense, pelo repudiado Posto Vau, o que complicava as condições de negociação dos produtos no comércio local e regional.

Em 24 em abril, no transcurso da greve dos motoristas em Uberlândia, os investigadores relataram que, em concomitância, a desordem assaltara Uberaba,[638] com movimentos de rebeldia e depredação às autarquias e aos órgãos estaduais e federais. João Lúcio Lopes, Claudemiro Silva, João Gomes Diniz e João da Silva Zuza foram e mais alguns populares participaram das depredações das repartições públicas e afrontaram os policiais da Cavalaria, derrubando-os e tomando-lhes os fuzis. A cidade retornou à ordem depois das medidas repressivas empreendidas pela polícia uberabense, que recebera reforços policiais de Belo Horizonte.

Em Uberlândia, a greve dos motoristas foi deflagrada no dia 22 de abril de 1952. Na Câmara, o presidente Jacy de Assis discorreu sobre a forma como a greve dos motoristas irrompida, naquele momento, afetava a economia da cidade, clamando que as autoridades públicas interviessem na busca de soluções para o referido impasse. Os vereadores de todas as bancadas dos partidos manifestaram sua opinião acerca do movimento grevista e protestaram contra as arbitrariedades da polícia que, somadas aos reforços repressivos de Uberaba, impediram os vereadores de adentrarem no plenário para o exercício de suas atividades como representantes do povo.

Resolvido o impasse com a polícia, os vereadores entraram no recinto da Câmara e puseram-se a contestar as arbitrariedades policiais. O protesto e a indignação foram instaurados no parlamento municipal. O vereador Misael Rodrigues advertiu que se o PSD, mantenedor da

---

638. Conforme as informações do DEOPS, a investida dos motoristas de Uberaba contra os postos de fiscalização era mais ofensiva. Em 05 de janeiro de 1952, o posto fiscal *"Placas"*, distante cinco quilômetros daquela cidade, foi dominado pelos motoristas que o incendiaram e obrigaram os funcionários a largar seus fuzis e a abandonar o local. Segundo os investigadores, os responsáveis pelo atentado ao posto fiscal, foram os *"elementos comunistas"*: Geraldo Barbosa, Dario Capuci, Eugênio de Oliveira, Vitorino Luiz Domingos, José Martins e Wilson Silva.

situação política no Estado, não solucionasse harmoniosamente o problema da greve em Uberlândia, ele abandonaria o partido. Isto porque, segundo o referido vereador, o governo do Estado, então administrado por Juscelino Kubitschek, pretendia resolver pela força o impasse, transformando a cidade numa *"praça de guerra"*. Nas palavras de Cleanto Vieira Gonçalves, a entrada dos vereadores na Câmara só foi possível porque Jacy de Assis articulou-se com as autoridades estaduais, administrativas e policiais, e que isso era uma afronta à democracia. Em protesto, Cleanto Vieira Gonçalves que fosse encaminhada uma moção de repulsa à Assembléia Estadual, contestando a repressão policial assestada contra os vereadores do município, e que a notícia fosse alardeada nos principais jornais do país, como os de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O vereador Sebastião Pacheco (PRP) aventou, inclusive, a publicação da referida moção no *Repórter Esso*.

Em clima de exaltação na plenária, os manifestos de Roberto Margonari não tardaram. Ele afirmou que apoiava a greve dos motoristas porque tratava-se de um movimento pacífico, como todos os outros que se realizaram em Uberlândia, e que, além disso, não se tratava da causa de uma única classe, mas de todas. Contestando a ação repressora da polícia contra os vereadores e os populares, os quais acorreram à Câmara em busca da solidariedade e apoio dos parlamentares, propalou que tal fato não era novidade em suas experiências políticas, pois o enfrentamento das medidas opressoras e violentas que se instauraram naquele momento aconteceu, recorrentes vezes, durante os seus vinte anos de luta contra os reacionários. Na crítica à política governamental do Estado, afirmou que suas medidas não significaram para o povo outra coisa senão miséria. Nos registros das atas, Roberto Margonari proclamou que não hesitaria em lutar pela liberdade ainda que sua atitude fosse considerada criminosa e tivesse que sofrer as *"conseqüências"* e *"sacrificar sua própria família"*.

Por sua vez, Renato de Freitas contestou o caráter pacífico imputado à greve, tanto pela maneira como ela irrompeu, quanto pelos procedimentos adotados pelos grevistas que o forçaram a abandonar sua condução na estrada e proibiram a entrada de veículos na cidade. Sugeriu que a Câmara deveria intervir nas negociações da greve somente se o movimento se mantivesse pacífico. Contestou a tentativa da polícia de impedir a entrada dos vereadores e dos

populares na Câmara, dizendo que, ao invés disso, deveria proibir o funcionamento das casas de jogos em Uberlândia, as únicas que, segundo ele, continuavam abertas mediante o clima de conflitos instaurado na cidade. Este fato foi registrado no relatório do DEOPS,[639] o qual declarou que o comércio e o trânsito na cidade encontravam-se paralisados: os postos estavam sob poder dos grevistas e foi preciso a interdição da policia para o abastecimento dos carros da comitiva que se dirigia para Uberaba, a fim de restaurar a ordem naquela cidade.

Contestando as arbitrariedades policiais, Pedro Schwindt ameaçou abandonar o partido caso não fosse encontrada uma solução plausível para a greve e condenou as medidas de arrecadação tributária do Estado. Na sua acepção, havia necessidade de extinguir o posto de fiscalização denominado Vau para que o comércio e a dinâmica da cidade não fossem prejudicados. Segundo o referido vereador, os métodos de cobrança de impostos adotados pelo regime fiscal do Estado assemelhavam-se aos dos *"tirânicos coletores dos tempos de Nero"*. Tais procedimentos foram constatados também nas declarações do relatório do DEOPS, segundo as quais os *"encarregados dos serviços fiscais dos mencionados postos não tratavam com a devida habilidade as partes, usando alguns de certa intolerância e rispidez, atitudes essas geradoras de clima de descontentamento e revolta geral, em todo o Triângulo, contra essas maneiras hostis usadas e abusadas pelos representantes do fisco estadual."*[640]

Contudo, não foi possível verificar a amplitude das reações provocadas na Câmara pela greve, tampouco a maneira como o parlamento se articulou junto ao governo do Estado para atender às reivindicações dos grevistas. Houve, conforme os dados obtidos, um acordo celebrado entre essas instâncias de poder e a Associação dos Motoristas na tentativa de resolver o impasse, do qual se destacava-se a suspensão do funcionamento dos postos de fiscalização. No entanto, a vitória foi breve. Algum tempo depois, Roberto Margonari protestou na Câmara contra a instalação de Postos Fiscais no Triângulo Mineiro determinada pela Secretaria de Finanças do

---

639. Relatório do Departamento da Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Considerações gerais sobre as atividades comunistas no Triângulo Mineiro. 17/09/1958, p. 33-38. Pasta: 50-H-84. Acervo DEOPS do Arquivo do Estado de São Paulo.

640. Idem. p. 33

Estado. Esta atitude, segundo ele, era uma afronta à *"vontade popular, já que todas as classes sociais desta região se manifestaram contrária e publicamente contra a instalação dos referidos postos."*

Além das denúncias de arbitrariedade que emplacou o movimento grevista, os vereadores de outros partidos começaram a reforçar, na Câmara, os protestos contra a violência e o terror policial na cidade, empunhados há tempos pelos parlamentares comunistas.[641] Nos pronunciamentos de Cleanto Vieira Gonçalves feitos em fevereiro de 1952, a crise, as insatisfações sociais e as arbitrariedades prenunciavam golpes de Estado que poderiam vir a afligir o país.[642]

1.3. Cavaleiros da intolerância: a cidade sob o terror policial e os protestos do vereador vermelho

Junto com o novo mandato de Roberto Margonari na Câmara, os anos 50 iniciaram-se atravessados pelo terror policial. A Câmara era, em geral, o local para onde acorriam diversos representantes de entidades, a fim de denunciar uma ou outra arbitrariedade dos poderes constituídos. Foi o que fez uma comissão de mulheres: apresentou ao Legislativo Municipal seu protesto contra a brutal violência que acometeu as congressistas no dia 22 de julho de 1951. Tempos depois, chegou a vez dos trabalhadores rurais empenhados em realizar um congresso camponês, que foi violentamente dissolvido pela polícia mineira. O delegado Spartaco Pompeu, de Uberlândia, em muitas manifestações comunistas foi certeiro: afigurou-se um implacável especialista em desmantelar as tentativas de luta e resistência dos trabalhadores e de outros segmentos sociais, a exemplo da dissolução dos referidos congressos.

Roberto Margonari foi um dos mais combativos manifestantes na Câmara contra o terror e a violência policial que, por um longo tempo, avassalaram o município. Em muitas situações, as denúncias, os protestos, as indicações e propostas de um ou outro vereador confluíam para as do vereador comunista. A exemplo do caso da denúncia de um cidadão de

641. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Primeira Sessão da Primeira Reunião de 1952. 18 de fevereiro de 1952.
642. Idem.

Tupaciguara que, em 1951, conforme a informação do vereador Cleanto Vieira Gonçalves (UDN), foi, sem motivos justificáveis, preso, espancado e intimado a pagar uma fiança de mil cruzeiros pela sua liberdade. Aproveitando a oportunidade, Roberto Margonari acusou a polícia de Uberlândia pela violência que acometia não só um cidadão mas toda a população de Tupaciguara, citando o caso, entre outros por ele denunciados, de uma caravana de policiais que avassalou o distrito, realizou prisões, invadiu e vasculhou violentamente as casas suspeitas.[643]

Uma das denúncias de Roberto Margonari levou a Câmara a aprovar um requerimento ao Chefe de Polícia de Uberlândia, solicitando providências contra as arbitrariedades policiais assestadas contra homens e mulheres, muitos deles trabalhadores pobres e indefesos. Nos dizeres do comunicado, numa noite de Sábado, quatorze soldados do piquete da Cavalaria *"espancaram barbaramente o senhor Laerte de Oliveira e, na noite seguinte, membros do destacamento policial repetiram as mesmas cenas na pessoa de outro indivíduo."*[644] Consta do depoimento de Maria Rosa Margonari que, ao toque de recolher, a Cavalaria impiedosa não poupava esforços na repressão aos contraventores, agredindo, recorrentes vezes, pessoas inocentes.[645]

Os protestos contra as ações repressivas da polícia, que afligiam pessoas indefesas, aconteceram com freqüência, durante a gestão de Roberto Margonari na Câmara.[646] O registros das atas demonstraram que a violência policial, nessa cidade, atravessou a década 50 e adentrou na de 60. Perseguição, espancamento, rapinagem, prisão, desnudamento e soltura dos chamados meliantes em lugares abandonados e distantes tornavam-se, então, práticas comuns da polícia contra homens e mulheres de Uberlândia. Em seus pronunciamentos no plenário, Roberto Margonari afirmou que a repressão policial instaurada acometia *"figuras conhecidas"* na cidade, as quais oram vítimas das arbitrariedades dos tempos de ditadura varguista. Segundo ele, essas medidas repressivas eram uma *"preparação psicológica"*, que forjava condições para a

643. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Quarta Reunião Ordinária de 1951. 28 de novembro de 1951.
644. Câmara Municipal de Uberlândia. Correspondência Expedida n.° 193/52. 22 de Outubro de 1952.
645. Entrevista com Maria Rosa Margonari, realizada em maio de 1994.
646. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Segunda Sessão da Primeira Reunião de 1952. 19 de fevereiro de 1952.

instauração de golpes ditatoriais como o ocorrido em 1937, representando assim uma ameaça iminente à existência de todos os partidos políticos em atividade.[647]

Sob o pretexto de ação comunista, Roberto Margonari propalou, em março de 1952, que as autoridades públicas reprimiam e puniam aqueles que *"ousavam ostentar idéias diferentes das esposadas pelos participantes dos grupos dominantes"*. Conforme as atas, Roberto Margonari declarou que, mesmo colocando em risco sua liberdade, já ameaçada, precisava registrar a denúncia de espancamento e prisão pela polícia local de um grupo de mais de trinta jovens de Goiânia que teriam aportado em Uberlândia com a finalidade de participarem das atividades comunistas pela mobilização e adesão da juventude às campanhas da paz. Os referido jovens *" foram recolocados em caminhões e novamente deportados para a cidade de onde vieram"*.[648] Segundo ele, muitos destes jovens não chegaram aos seus destinos e encontravam-se desaparecidos. Ao final de sua exposição, solicitou uma moção ao presidente do PSD, partido majoritário nos órgãos de representação do Estado, a fim de verificar a conduta do Delegado de Polícia e tomar providências a esse respeito.

A repressão e a crise social prevaleceram nos debates ocorridos na Câmara Municipal. Nas reuniões de 1952, Roberto Margonari continuou a fazer contestações à repressão policial na cidade. Tal foi o caso do veemente protesto contra a agressão da Cavalaria às professoras Cacilda Conceição de Oliveira e Terezinha de Oliveira.[649] Em consonância com o protesto de Roberto Margonari, perfilou na Câmara o repúdio inscrito no abaixo assinado encaminhado pela Associação Feminina de Uberlândia e no ofício da Associação dos Professores. O *"vereador de Prestes"* afirmou que era preciso apurar as responsabilidades pelo malfadado

---

647. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Nona Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1952. 19 de março de 1952.

648. Idem.
Conforme os boletins do DEOPS, os comunistas estavam articulando em Uberlândia a organização dos jovens sob a bandeira da defesa da paz mundial e da resistência contra o envio de tropas para a Coréia. Para congregar os jovens nas atividades do PCB, os comunistas programaram os chamados festivais da juventude. Em Uberlândia, eles tentaram realizar os festivais da juventude, bem como outras atividades, a fim de arregimentar os jovens na organização comunista. É possível, portanto, que os referidos jovens de Goiânia tenham tentado participar de algum evento programado para a Juventude Comunista em Uberlândia.

649. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Primeira Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1952. 18 de agosto de 1952.

acontecimento e que ele, enquanto *"vereador comunista e como homem"* responsabilizava o prefeito Tubal Vilela da Silva (PSD) por ter implantado o terror em Uberlândia por meio das ações de um contingente da Cavalaria. Em seguida, propôs uma indicação solicitando ao Prefeito Municipal a retirada dos cavalarianos da cidade, a qual foi apoiada por uma parte dos vereadores, sendo que outra, principalmente o perrepista Veloso Viana, solidarizava-se parcialmente com a proposta, pois, segundo ele, a cidade não poderia se eximir de policiamento ostensivo.[650]

Em linhas gerais, a responsabilidade pelos atos arbitrários, pelo menos na visão dos vereadores mais conservadores, deveria ser apurada, mas que fossem punidos os culpados e não extinta a Cavalaria da cidade. Propostas variadas como o encaminhamento de moções de protesto à Assembléia Estadual e de solidariedade às duas professoras agredidas, que, como disse Jacy de Assis, eram *"moças indefesas"* em luta pelo *"bem do ensino e conseqüentemente pela grandeza de Minas e do Brasil"* e a indicação de projetos visando a retirada da Cavalaria da cidade figuraram nos debates em torno dessa problemática na Câmara.

Para reforçar o caráter urgente das soluções desse problema, Cleanto V. Gonçalves atentou que enérgicas providências fosse tomadas, pois as duas professoras, que *"sentiram na carne o rigor da 'chibata'"*, mereciam, além das *"manifestações de simpatias"*, medidas concretas de desagravo que também implicariam no *"desagravo da família uberlandense"*.[651] A esse respeito, Renato de Freitas (PSD) prenunciara que tais providências seriam inúteis, uma vez que, em outras situações, a Câmara se articulou para resolver problemas utilizando esses mesmos recursos e deu em nada. Tal foi o caso da moção de protesto enviada à Assembléia Estadual e os inquéritos, contestando a interdição do acesso dos vereadores e dos populares à Câmara no transcurso do movimento grevista do mês de abril de 1952: a resposta do parlamento mineiro não foi outra senão adjetivar a Câmara como mentirosa. Na reunião seguinte, Roberto Margonari

650. Idem.
651. Idem.

insistia na necessidade de se tomar providências em relação ao caso das professoras, apesar do descaso da Assembléia Estadual e do governo mineiro.[652]

Conforme as atas, quase dez dias depois do atentado, em 26 de agosto de 1952, compareceu à Câmara o comandante do 4° Batalhão de Polícia de Uberaba, com a finalidade de prestar esclarecimentos às referidas professoras e à população. O comandante declarou que os órgãos policiais do Estado repudiavam a atitude arbitrária dos dois cavalarianos e que os mesmos já haviam sido presos e *"conduzidos sob escolta para Belo Horizonte onde deveriam ser severamente punidos"*.[653]

Tempos depois, em novembro de 1952, Roberto Margonari contestou, novamente, a perseguição aos comunistas. Afirmou que o prefeito Tubal Vilela transmitiu uma palestra através de uma rádio da cidade, informando que recebera cartas anônimas ameaçando-o e condenando-o pela manutenção da repressora Cavalaria. Segundo o referido vereador, houve comentários, por parte de pessoas ligadas ao prefeito, imputando aos comunistas a autoria de tais cartas. Em suas considerações, tudo não passava de falácia, pois, se as referidas cartas de fato existiam, elas representavam uma *"manifestação popular livre e espontânea contra uma situação que o povo não deseja"*.[654] Asseverou que as referidas moções, remetidas ao prefeito da cidade, não partiram dos comunistas, pois, comumente, eles assinavam seus manifestos e se responsabilizam pelos seus atos, ou seja, não usavam de *"métodos terroristas"*, dos quais reclamaram o prefeito Tubal Vilela e seus aliados. Tudo, portanto, não passava de rumores e mentiras. Concluindo, Roberto Margonari declarou que, enquanto vereador, ele era e continuaria sendo o porta-voz de todos os protestos e manifestos dos comunistas.

No ano seguinte, em fevereiro de 1953, Roberto Margonari estava novamente a bradar, na Câmara, contra a violência policial arremessada contra os comunistas. Em denúncia,

---

652. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Segunda Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1952. 22 de agosto de 1952.

653. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Sexta Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1952. 26 de agosto de 1952.

654. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Vigésima Quinta Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1952. 28 de Novembro de 1952.

afirmou que, desrespeitando o direito à reunião prescrito no artigo 141 da Carta Magna, a polícia dissolveu uma reunião em Belo Horizonte e prendeu vários participantes: Ferraz de Carvalho (PTB); Roberto Costa, livreiro em Belo Horizonte; e Armando Ziller, líder comunista. Segundo Roberto Margonari, eles não foram presos por *"participarem de negociatas do algodão ou por terem sido citados pelo Banco do Brasil, mas tão somente por lutarem pela paz e defenderem o seu direito de liberdade"*.[655]

Na reunião seguinte, o vereador Ronan de Mendonça (PRP) foi taxativo: os protestos de Roberto Margonari contra as arbitrariedades policiais que acometeram os petebistas e comunistas de Belo Horizonte eram improcedentes, pois, em seus dizeres, a polícia não excedeu nas suas funções, tampouco agrediu os envolvidos na realização do evento, apenas teria cumprido sua obrigação prendendo um grupo de comunistas que faziam *"pregações em campanha pela paz em plena praça pública"*.[656] Rondon de Mendonça fez advertência às contestações de Roberto Margonari na Câmara, sugerindo precauções contra o *"perigo da propaganda comunista realizada através de protesto, bem como do uso da palavra na tribuna do Legislativo"*.[657]

A bandeira de luta contra a violência policial, nessa cidade, empunhada não somente pelo referido vereador do PCB, mas também pelos parlamentares de outros partidos, pareceu não atenuar a brutalidade com que os policiais reprimiam a população de Uberlândia em nome da ordem pública. Reforçando o protesto do vereador José Rezende Ribeiro (UDN) contra o terror policial que assolava essa cidade, Roberto Margonari, em 1954, reclamou a necessidade de conter os desmandos da Cavalaria, que espancava a população, praticava *"verdadeiras barbaridades"*, dissolvia comícios políticos, devassava os bailes particulares, as festas de casamentos e instaurava um *"verdadeiro atentado contra a segurança e a tranqüilidade do operário e das classes mais humildes da população"*.[658] Segundo o referido vereador, as providências não

---

655. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Sétima Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1953. 11 de fevereiro de 1953.

656. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Oitava Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1953. 12 de fevereiro de 1953.

657. Idem.

658. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Primeira Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1954. 08 de novembro de 1954.

tinham sido tomadas contra a perversidade da Cavalaria porque esta não afligiu os direitos individuais dos mais abastados da cidade, exemplificando que o Bar da Mineira e as residências dos ricos não foram acometidas pelos atos cruéis da polícia: *"quem está sendo pisado é o trabalhador apenas"*.

Pelo menos até o final do seu mandato, não houve tréguas na luta de Roberto Margonari contra a crueldade da polícia. Ele contestou o quanto pôde a presença da Cavalaria em Uberlândia, mesmo quando seus adversários políticos o acusaram de utilizar a tática do protesto para propagar o comunismo na tribuna da Câmara.

Mas Roberto Margonari parecia não se intimidar com as obstruções de seus opositores, principalmente os do PRP, que sempre estiveram politicamente no seu encalço. Desse modo, em fevereiro de 1954, no último ano do seu mandato, preparando de certa forma o terreno para o sufrágio dos candidatos comunistas nas eleições municipais de 1954, Roberto Margonari usou a tribuna para anunciar que providências estavam sendo tomadas junto ao Supremo Tribunal Eleitoral, a fim de obter o registro do PCB, uma vez que seus estatutos e programas tinham sido modificados. Segundo seus informes, um requerimento com mais de mil assinaturas foi encaminhado ao órgão competente. Em seguida, o referido vereador fez a leitura dos tópicos do novo programa do PCB e disse que o mesmo estava sendo divulgado na Câmara Federal e no parlamento do Distrito Federal. Em contraposição, o perrepista Ronan de Mendonça afirmou que não havia novidade no programa do partido e que era perigoso e inconveniente apoiar a propagação do comunismo no Brasil, uma vez que era *"conhecida a opressão praticada nas chamadas Repúblicas Populares"*. [659]

Conforme registros em atas, Roberto Margonari, em muitas situações, não se dobrava às represálias de seus adversários políticos. Como ele afirmou: se preciso fosse se sacrificaria pela causa da democracia, pelo direito à liberdade, principalmente de expressão. Contudo, as atitudes do vereador comunista não garantiram, por si, a concretização de parte dos seus projetos

---

659. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Terceira Sessão da Primeira Reunião Ordinária de 1954. 04 de fevereiro de 1954.

defendidos na Câmara.[660] Mas muitas das idéias e propostas (apreendidas do povo) que defendeu,[661] algumas delas reprovadas, enraizaram-se nos espaços da política uberlandense, ainda que consubstanciadas nas propostas e realizações das classes dirigentes locais, como denunciou José Virgílio Mineiro no capítulo anterior.

É possível que o radicalismo das diretrizes políticas do *Manifesto de Agosto* tenha influído nas decisões do eleitorado uberlandense em 1954. Na pesquisa realizada pelos jornais desse período, não foram constatados registros substanciais que pudessem revelar o desempenho das campanhas eleitorais dos comunistas. Conforme os dados obtidos, nove candidatos comunistas increveram-se sob a legenda do Partido Social Trabalhista (PST), sendo que o Adib Chueiri encontrava-se inscrito na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).[662] Contudo não foram constatadas as razões que o levaram a se inscrever numa legenda diferente da de seus correligionários: se houve descompasso político com seus companheiros de luta ou se o fato ocorreu devido a impedimentos legais. Os resultados das eleições de outubro de 1954, publicados pelo jornal *O Reporter*, demonstraram o seguinte desempenho eleitoral dos candidatos comunistas e de Adib Chueiri:

---

660. Além da participação de Roberto Margonari nos debates e na proposição de projetos mencionados anteriormente, ressalta-se que, em concomitância, o vereador vermelho se empenhou na realização de outras atividades parlamentares: presidiu a comissão de viação municipal que esteve preocupada em resolver as questões relativas aos transportes e estradas, como prestação de serviços de transporte municipal e intermunicipal (pela empresa Expresso Triângulo Mineiro S.A.) e construção, ampliação, melhoria e conservação de pontes e estradas municipais e interestaduais. Durante sua gestão na Câmara, foram discutidas, entre 1951 e 1954, várias proposições em torno dessas questões. De certo modo, ocorreu um prosseguimento das indicações, propostas e projetos que haviam sido discutidos pelos vereadores comunistas no parlamento, entre 1947 e 1950, quando eles procuraram imprimir um caráter popular nas formas de administrar a cidade. Durante a última gestão de Roberto Margonari, foi possível constatar sua participação na resolução dos problemas relativos à educação, quando integrou a Comissão de Educação da Câmara Municipal. Em relação às escolas, vários projetos foram aprovados na Câmara. Sob um lema comum na época, *"abrir uma escola é fechar cadeias"*, os vereadores de diversos partidos aprovaram concessão de subsídios, autorizaram reformas, ampliação e construção de prédios escolares, aprovaram prestação de serviços médico odontológico aos alunos das escolas municipais e criação de novas escolas (indicação de instalação da Escola de Música e da Escola Vocacional, moção de apoio à ACIUB que se empenhou pela implantação de uma Escola Superior de Agronomia em Uberlândia).

661. Ainda que os projetos do referido vereador comunista na Câmara, sob muitos aspectos, não se diferenciassem tanto dos seus adversários políticos na Câmara.

662. Conforme *O Reporter*, de 23/10/1954, Adib Chueiri obteve 113 votos.

Tabela 8

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1954 RESULTADO ELEITORAL DOS CANDIDATOS A VEREADORES INSCRITOS NA LEGENDA DO PARTIDO SOCIAL TRABALHISTA (PST)		
PARTIDO	CANDIDATO	VOTOS OBTIDOS
PST	Roberto Margonari	261
PST	José Virgílio Mineiro	202
PST	Adair Peres Carvalho	81
PST	João Jorge Coury	75
PST	Maximiliano Carneiro	56
PST	Milton Vilela	28
PST	Fábio Calábria	50
PST	Oswaldo Malaquias	33
PST	João Gomes Diniz	14
TOTAL DE VOTOS DOS CANDIDATOS		800

Fonte: *O Reporter*. Uberlândia, 23/10/1954, ano 21, n.° 1.217, p. 1, c. 1-5.

Em 1950 os candidatos comunistas obtiveram um total de 1002 votos, já em 1954 a quantidade de seus sufrágios caiu para 800 votos. Nenhum dos candidatos, acima relacionados, conseguiu se eleger vereador no pleito eleitoral de 1954. Como foi dito, a derrota dos comunistas nessas eleições, pode ter sido decorrente da radicalização das diretrizes políticas nacionais do PCB, as quais embrenharam uma parte dos comunistas uberlandenses pela via sectária das lutas, afastando seus eleitores e promovendo expurgos em suas fileiras. Isso contribuiu para liqüidar, por um prolongado tempo, sua representação no parlamento municipal.

2. Sectarismo: eclipse no céu das *rubras estrelas*

Segundo a avaliação do militante comunista Joaquim Ferreira, o PCB local, sob os influxos do Manifesto de Agosto de 1950, teria debandado para o que ele designou de *"esquerdismo doentio"*. Ao invés de estabelecer alianças, de agir revolucionariamente, por assim dizer, dentro da ordem, os comunistas mais exaltados do partido, em Uberlândia, partiram para a afronta, para o sectarismo, ou como disse Moisés Vinhas, adotaram a política de "classe contra classe". Mesmo após o redimensionamento da linha "sectária" encampada em 1950, os

comunistas de Uberlândia e de vários lugares do Brasil mantiveram o espírito da política preconizada pelo libelo de agosto.[663]

Em setembro de 1950, a DOPS-MG registrou a ocorrência de uma reunião na casa de Roberto Margonari, a portas fechadas, congregando aproximadamente 60 pessoas,[664] com o objetivo de ler e discutir o *Manifesto de Agosto*. Segundo o boletim policial, Roberto Margonari sugeriu a todos os participantes que as novas diretrizes comunistas fossem amplamente divulgadas entre os camponeses e os trabalhadores em geral. Ao final, o *"chefe vermelho"* afirmou que, no prazo de trinta dias, seria implementada uma modificação geral na organização comunista do Triângulo Mineiro, para torná-la mais eficaz. Ao analisar o caráter da atuação comunista após o *Manifesto de Agosto*, é possível inferir que tais mudanças tentaram promover uma aproximação com seguintes pautas de lutas dos comunistas, inscritas num panfleto apreendido pela DOPS de Minas Gerais:

> *"Camarada*
> *A vitória será nossa:*
> *1°. organizando o Exército Popular de Libertação Nacional;*
> *2°. impedindo que o governo mande os brasileiros para a guerra na Coréia ou em outro ponto qualquer;*
> *3°. convencendo o proletariado e os camponeses a pegar em armas pela vitória da revolução proletária e por um governo democrata popular;*
> *4°. combatendo a carestia, dentro da desobediência geral."*[665]

No boletim da polícia, foram registrados rumores, muitos deles desconexos e desencontrados,[666] de que Prestes estava na região, hospedado na fazenda de Afrânio Francisco de

---

663. No Boletim *"Notícias de Minas"*, de 15 de maio de 1951, a polícia registrou o plano de visita de Prestes ao Triângulo Mineiro e mais 20 dirigentes comunistas do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e do próprio Estado de Minas Gerais. Segundo os informes policiais, os líderes comunistas pretendiam propagar as diretrizes do Manifesto de Agosto de 1950 nessa região e anunciar o lançamento de um outro manifesto aos jovens, aconselhando-os a resistir contra o envio de uma força expedicionária do Brasil para o exterior, com a finalidade de treiná-la para a ação nos campos de batalha. Cf. Notícias de Minas Gerais, 15 de maio de 1951. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

664. Delegacia da Ordem Política e Social – DOPS. Informações. Atividades Subversivas. Setembro de 1950. D-514, cx. 564. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.
Participaram da referida reunião militantes de várias localidades (Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Frutal, São Paulo e outras). Dentre os que participantes, o boletim destacou os seguintes nomes: Afrânio Francisco Azevedo, Paulo Rosa, Waldemar Silva, Aulio Mendes Diniz, Geraldo Queiroz, José Tomaz de Aquino, Sebastião de Azevedo, Joaquim Garcia Lopes, João Batista Soares, Hilda *"de tal"*, Roodediere e Guilherme Silva.

665. Delegacias Especializadas de Ordem Pública de Minas Gerais. Resumo de Boletins. Confidencial. 21 a 23/10/1950. Setor: Estados, pasta: 11, cx. 608. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

Azevedo, e que Roberto Margonari e mais dois comunistas saíram da referida reunião a fim de se encontrarem com Prestes. Nos relatos dos informantes da polícia, Prestes teria declarado que a revolução comunista fora lançada na esperança de que o povo a compreendesse e a executasse. Segundo as polícias políticas, a *"marcha bolchevista no Brasil estava se propagando com maior intensidade no eixo Minas-Goiás-São Paulo e Mato Grosso"*, onde, supostamente, Prestes pretendia montar um quartel-general para dali enviar suas *"ordens aos seus fiéis patriotas"*.[667] Até onde foi a inventividade dos agentes policiais não se sabe, mas conforme dados obtidos, os *"chefetes vermelhos"* procuraram, em diversas frentes, intensificar a luta comunista no Triângulo Mineiro, no início da década de 1950.

2.1. Campanhas pela paz

Mais de seis meses depois da já mencionada reunião em que se discutiu o redimensionamento das diretrizes do partido no Triângulo Mineiro, Roberto Margonari, em um artigo publicado no primeiro número do *Tribuna do Povo*,[668] datado de 1.º de maio de 1951, deixou claro o esforço que os comunistas vinham fazendo, ou deveriam fazer, para dinamizar a atuação comunista nessa região. A exemplo, ele clamou por mais vigor e audácia nas lutas contra a guerra e a carestia:

> *"Dirijo-me (...) particularmente à classe operária e aos camponeses, para alertá-los sobre a gravidade da situação nacional e internacional, da qual o Triângulo não está desligado, pois, também aqui, de há muito estende suas mãos nefastas o voraz imperialismo americano, o qual sustenta os latifundiários reacionários, dessa região, que exploram miseravelmente a massa camponesa desta zona, a exemplo do que faz toda nossa pátria. Frente às mais sérias dificuldades, frente à fome e à miséria que*

---

666. Conforme o boletim, os investigadores não conseguiram informações precisas sobre a visita de Prestes, mas vale ressaltar que era tática dos comunistas espalhar diversificados rumores acerca do paradeiro de um outro militante a fim de confundir os policiais.

667. Delegacia da Ordem Política e Social – DOPS. Informações. Atividades Subversivas. Setembro de 1950. D-514, cx. 564. Documento dos acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

668. Conforme um boletim divulgado pelos comunistas, o *Tribuna do Povo*, tempos depois, foi empastelado pela polícia. A tipografia de José Tomaz de Aquino, onde era editado o referido jornal, foi cercada e depredada pela polícia. O proprietário e seus operários foram presos; os maquinários e todos os materiais foram apreendidos e, posteriormente, levados para a Delegacia Especializada de Uberaba. A sucursal do *Jornal do Povo* também foi destruída pela polícia que a depredou e prendeu o seu encarregado, Romualdo Gonçalves, e os trabalhadores da tipografia, os quais ficaram encarcerados em Uberaba. In: Boletim Vargas implanta terror em Uberlândia. Setor: Estados, pasta 11, cx. 608. Documento dos acervos das polícias políticas do Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

> *invadem cada vez mais os lares da classe operária, dos camponeses e de todo o povo trabalhador, e que será festejado neste 1.° de maio. (...)* [que] *deve ter um caráter anti-guerreiro de luta ativa, de massa, em defesa da paz e da independência nacional. (...)*
> *Que se multipliquem, pois este ano, as ações de massa dos trabalhadores nas ruas – contra a guerra, contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia, contra as decisões da Conferência dos Chanceleres, de repulsa à camarilha de Getúlio, por aumento de salários, pois a força organizada dos trabalhadores pode mais que toda a repressão das classes dominantes e é invencível quando posta a serviço dos interesses fundamentais da libertação do proletariado."*[669]

Em 1951, conforme os pronunciamentos de Roberto Margonari, os comunistas intentaram imprimir um caráter contestatório e combativo às manifestações do 1.° de maio, mas elas foram proibidas. Isto porque o contexto político da época vinha sendo fermentado por acontecimentos que passaram a ser vistos, pelos grupos dirigentes, como ameaçadores à ordem social e política, tais como, as diretrizes políticas comunistas ancoradas no *Manifesto de Agosto* e as campanhas e as lutas contra a carestia e pela paz. Mediante a ameaça de distúrbios políticos, a Chefia de Polícia encaminhou à Delegacia de Uberlândia ordens explícitas proibindo quaisquer tipos de manifestações no dia 1.° de maio – concentrações, comícios, passeatas, desfiles, entre outras – que pudessem vir a perturbar a ordem social.

Mas, conforme as fontes pesquisadas, os comunistas não se intimidaram pelas repreensões da Delegacia Especializada de Ordem Pública e persistiram na realização de suas atividades, clandestina ou francamente. Em consonância com o movimento nacional, os comunistas uberlandenses organizaram, na luta contra a guerra, as campanhas pela paz, utilizando-se das seguintes táticas: divulgação de boletins, a fim de disseminar a campanhas em diversos municípios do Triângulo Mineiro, sendo que um deles se referiu à Jornada Internacional de Solidariedade ao Povo da Coréia; recolhimento de assinaturas contra a guerra e pela paz; promoção de comícios, concentrações e passeatas e outras formas de luta. Consta dos registros policiais que o *"chefete comunista"*, Alcides Simão Helou, havia programado uma manifestação para o dia 31 de agosto de 1951, durante as festividades do aniversário da cidade. Todavia, não

---

669. MARGONARI, Roberto. Mais vigor e audácia nas lutas contra a guerra e a carestia neste 1° de maio. Tribuna do Povo. Uberlândia. ano 1, 01/05/1951; n.° 1. Documento dos acervos das polícias políticas, setor: comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

foi constatada a sua efetivação, mas, tais como as manifestações do 1.° de maio, provavelmente a referida atividade foi desmantelada pelas operações policiais.

Conforme a DOPS, em 1951, no Triângulo Mineiro circulou um livro contendo cerca de 250 mil assinaturas contra a guerra EUA x Coréia e que, em Uberlândia, chegou a ser instalado um núcleo da Associação Mineira dos Partidários da Paz, sob a direção de Alcides Simão Helou. Em uma reunião realizada em Anápolis, Afrânio Francisco de Azevedo teria propagado as campanhas que estavam sendo realizadas contra a guerra na Ásia e defendido a proposta de instalar em cada cidade, em cada vila, um posto de propaganda contra a participação do Brasil em qualquer guerra que não envolvesse o país.

Pelo que se constatou nos boletins policiais, em vários municípios do Triângulo Mineiro, os comunistas disseminaram panfletos concitando o povo a se manifestar contra o envio de jovens brasileiros à guerra da Coréia, o que, na argumentação dos comunistas, poderia implicar em orfandade, viuvez; numa palavra: luto. Os boletins também divulgavam a programação dos congressos da paz que se realizavam naquela época, tanto no Brasil quanto noutras partes do mundo, tais como: II Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz;[670] III Congresso Estadual Pró-Paz (Minas Gerais);[671] III Congresso Nacional da Paz, em Niterói;[672] II Congresso dos Partidários da Paz, em Londres; III Congresso Mundial da Paz, em Viena.[673]

---

670. O temário do referido congresso, conforme panfleto divulgado pelo PCB/SP, datado de outubro de 1950, consistia nos seguintes pontos: ampliar e unificar os trabalhos de propaganda e organização da luta pela paz; intensificar o Apoio ao Apelo de Estocolmo; exigir a cessação da intervenção armada nos negócios internos dos povos e a solução pacífica para a guerra da Coréia; lutar pela proibição da bomba atômica, pela redução de armamentos de qualquer espécie e condenar a propaganda guerreira etc.

671. Sinopse 14 a 21/08/1951. NF CC DDE. OP CH POL - MG. Setor: Estados, pasta 11, 281 a 442, cx. 607. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

672. Notícias de Minas Gerais. DOPS/MG. 21/12/1951. D-514, cx. 686. Documento do acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

673. Conforme o boletim policial, João Cândido Pereira teria viajado para Viena para participar do III Congresso Mundial da Paz. In: Boletim 18. Minas Gerais. Informações colhidas pela Chefia de Polícia de Minas Gerais. 21/09/1953. Setor: Estados, pasta 11, cx. 608. Documento dos acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

2.2. Festivais da juventude: *vida*, *alegria* e *paz*

No início dos anos 50, os comunistas também programaram os chamados festivais da juventude, bem como diversas excursões que propagavam a Campanha da Paz no Triângulo Mineiro.

Conforme os boletins do DEOPS, os comunistas estavam articulando em Uberlândia a organização dos jovens sob a bandeira da defesa da paz mundial, contra a Conferência dos Chanceleres em Washington e contra o envio de tropas para a Coréia. Para tanto, intentaram arregimentar os jovens em torno das atividades do partido, mobilizando-os para a participação nos festivais da juventude, os quais aconteceram nos âmbitos local, estadual, nacional e internacional. Os comunistas desenvolveram atividades dedicadas aos jovens, por intermédio de uma liga cultural e esportiva que existia desde, pelo menos, 1945, e das associações de trabalhadores.

Em Uberlândia foi programada para a primeira quinzena de maio de 1951 a realização do 1.º Festival da Juventude Triangulina, a fim de preparar os jovens para o 1.º Festival da Juventude Brasileira e para o 3.º Festival Mundial da Juventude Democrática. O programa de atividades do referido evento consistia em propiciar oportunidades para que os jovens manifestassem seus talentos artísticos, esportivos e culturais. A idéia dos organizadores do Festival era promover o encontro e a confraternização da juventude triangulina, mineira e brasileira, congregando os jovens de todas as classes: operários, camponeses, estudantes, comerciários, bancários e outras categorias. Na ocasião, José Virgílio Mineiro teria aconselhado aos 30 comunistas que se reuniram em sua residência que, durante o evento, não resistissem aos policiais; caso fossem reprimidos que se comportassem de forma obediente. Todavia, não foi possível obter registros sobre a realização do 1.º Festival de Juventude em Uberlândia, programada para meados de maio de 1951. Mas, pela repressão policial instaurada na cidade naquela época, tudo indica que, a exemplo das proibições das comemorações do 1.º de maio e dos manifestos contra a guerra e pela paz, o referido evento também foi proibido e desmantelado pelas operações policiais. Conforme os boletins policiais consultados e as denúncias de Roberto

Margonari na Câmara Municipal, a polícia não deu tréguas às ações clandestinas ou francas dos comunistas.

Segundo os policiais, os comunistas criavam organizações de caráter cultural, esportivo e patrióticos, a fim de pregar o seu *"credo"*. Em geral, tais entidades eram dirigidas por comunistas não *"escrachados"* que sorrateira e sutilmente faziam um trabalho de doutrinação dos *"noviços"*. Após assimilar as diretrizes comunistas, os jovens passavam a assinar boletins e documentos e a trabalhar abertamente pela causa comunista, ingressando nas fileiras do partido. Portanto, as táticas dos vermelhos, na visão dos policiais, visavam ocultar a presença comunista nos mais diversos eventos programados e revestiam-se de caráter universal, patriótico, cultural, esportivo, entre outros(campanha da paz, festival da juventude, campanha contra a carestia etc.).

2.1. Pão e paz:
lutas contra a carestia de vida e contra a guerra sob o manto vermelho

Sob o manto do comunismo e da luta contra a carestia e pela paz, palavras de ordem do PCB, a Organização Feminina de Uberlândia organizou-se em 1948, e, pelo menos até meados dos anos 50, as mulheres desta entidade, lideradas pelas comunistas, provocaram um certo mal-estar nas autoridades constituídas, promovendo reuniões, manifestos e congressos.

A começar pelo ano de 1948, foram encontrados registros sobre o propósito da Organização Feminina de Uberlândia: a defesa dos interesses das mulheres e das crianças. Segundo a comunista Irma Gouveia de Paiva Resende, a mulher brasileira já não era mais passiva e resignada, tampouco cruzava os braços face a miséria que invadia os seus lares:

> *"No momento atual, a mulher sente-se corajosa na luta para a defesa de seus direitos, encorajando e auxiliando seu esposo nos momentos dificeis e lutando ombro a ombro para resolver os problemas do lar. Fazendo economias absurdas para não faltar o pão aos filhos, ela encara em si o verdadeiro baluarte da instituição da 'família', base fundamental para a existência da 'pátria'.*
> *Quando falo a mulher, me refiro às donas de casa, às operárias que lutam desesperadamente contra a carestia de vida sempre crescente, contra os salários congelados, isto é, proibidos de aumento pelo imperialismo dos Estados Unidos, que hoje já manda em nosso país. Vida cara e ordenados baixos são as causas da miséria e do atraso do povo brasileiro."*[674]

---

[674]. As mulheres e a situação atual. Voz do Povo. Uberlândia, 07 de fevereiro de 1948, n.° 16.

Concitando todas as mulheres de Uberlândia a se unirem contra a carestia da vida, a engrossarem as fileiras contra o aumento dos preços da banha, do arroz e do feijão e de outros gêneros, Irma Gouveia preconizou a formação de entidades empenhadas na aquisição de tais produtos a preços baixos, a exemplo dos comitês e associações fundados em 1946. Para expulsar a miséria dos lares operários, ela propagava a necessidade de exigir das autoridades públicas o imediato o reajuste salarial para todos os trabalhadores. Nos seus dizeres, sem condições dignas de vida, *"sem boa alimentação nosso povo não será forte, não sendo forte não poderá defender a nossa pátria"* do *"imperialismo"* que explora e provoca a fome dos brasileiros.

Meses depois da publicação do discurso de Irma Gouveia, em 25 de setembro de 1948, foi fundada a Organização Feminina de Uberlândia. Conforme os registros pesquisados, participaram da assembléia de fundação 24 mulheres, dentre as quais Olívia Calábria, Matilde Pereira,[675] Amélia Mineiro, Ana Tomazeli, Zulmira S. Garcia, Haydée Calábria e Hilda Ferreira, vereadora comunista de Araguari. Em seu discurso, Matilde Pereira declarou que a associação objetivava combater a carestia de vida, lutar pela paz e pela melhoria das condições de vida, em Uberlândia. Iniciativas e reivindicações como creches, berçários, escolas, ambulatórios e lactários, entre outras, forma suas bandeiras de luta.[676]

Polemizando o caráter comunista ou não da Organização Feminina de Uberlândia, um impasse acerca da denominação da associação das mulheres surgiu, em 1956, quando, visando a aquisição de subsídios, foi solicitada a declaração de sua utilidade pública à Câmara Municipal de Uberlândia, que negou parecer favorável. Conforme o processo, a entidade que fazia o requerimento era a Organização Feminina de Uberlândia, no entanto, a que tinha estatutos registrados em cartório era a União Feminina de Uberlândia. Pelas denominações diferentes, isso

---

675. Conforme os documentos consultados, seu nome também aparece como Matildes Pereira.

676. Cartório do 1.º Ofício. Certidão. Estatutos da Organização Feminina de Uberlândia.. Uberlândia, Minas Gerais. Documento do acervo dos processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.
As atas da Câmara Municipal de Uberlândia registraram um convite da Organização Feminina conclamando os vereadores a participarem da I Reunião Feminina de Minas Gerais (sessão do dia 08//11/1948). Na sessão do dia primeiro de novembro de 1949, constou da ata um requerimento da Organização Feminina solicitando a criação de uma Comissão Municipal de Preços. Na reunião do dia 04 de novembro, o presidente da mesa informara que atendeu a uma comissão de mulheres, em seu gabinete, que protestou contra a carestia e reforçou a reivindicação da Comissão Municipal de Preços.

levava a Comissão de Educação e Saúde a inferir que se tratava de duas organizações diferentes. Mas, nos esclarecimentos da diretoria, prevaleceu o nome Organização Feminina de Uberlândia, sugerido por Olívia Calábria na ocasião da fundação.

Pelas atas da associação feminina, pode-se observar que, inicialmente, foi instituída uma diretoria e uma denominação provisórias com a finalidade de consolidar o processo de organização da entidade:

> *"Após a eleição da diretoria, Olívia Calábria pediu a palavra, falando sobre os trabalhos já realizados. Falou sobre a mensagem da Paz que o Instituto Feminino de Serviços Construtivos – Sociedade Feminina do Rio de Janeiro que tem como presidente a sra. Alice Tibiriçá Toledo – enviou à União Feminina de Uberlândia para colher assinaturas e cujas Mensagens* [assinadas por 259 mulheres] *foram enviadas à O.N.U. Falou também sobre a Convenção, a qual deve ser um trabalho amplo de todas as mulheres e falou sobre o jornal "Momento Feminino" mostrando o valor desse jornal para todas as mulheres. Ao terminar, propôs um nome para a Associação, sendo o mesmo aprovado pela Assembléia. É o seguinte: ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA."*[677]

Apesar de existirem alguns problemas na estruturação do texto da ata, a denominação era clara: Organização Feminina de Uberlândia. No que tange ao requerimento apresentado à Câmara, o fato é que, apesar de as mulheres afirmarem, recorrentes vezes, que a entidade não tinha qualquer caráter político ou religioso, menos ainda qualquer filiação com o Partido Comunista, a comissão de vereadores encarregada de declarar a sua utilidade pública objetou parecer favorável em agosto de 1956. Real ou imaginariamente, os poderes públicos, dado o caráter das manifestações da referida entidade, tinham ciência de suas ligações com o PCB. Evidentemente, as fundadoras da organização não fariam constar de atas e estatutos os seus vínculos com o PCB, tampouco as suas afinidades com as bandeiras de luta do partido. Os propósitos da entidade, conforme os seus estatutos, visavam arregimentar as mulheres na luta por melhores condições de vida e por conquistas mais imediatas que objetivavam atenuar as dificuldades das associadas (a criação de ambulatórios médicos e odontológicos, creches, escolas, bibliotecas, centros educativos e recreativos etc.).

---

677. Cartório do 1.º Ofício. Certidão. Estatutos da Organização Feminina de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais. (Grifos do original).

Nos atos de fundação da entidade, Hilda Ferreira esclareceu que os propósitos e diretrizes da Organização tinham a finalidade de lutar pelos interesses das mulheres, pelos seus direitos sociais, independentemente de suas crenças políticas e religiosas. Olívia Calábria também afirmou, em entrevista, que a entidade era composta por uma quantidade considerável de comunistas, mas seu objetivo não era a propagação da doutrina mas a defesa dos direitos sociais das mulheres. Segundo Olívia Calábria, as comunistas tinham mais iniciativa, estudo e informações. Por isso, elas acabavam direcionando os discursos, ocupando a direção e liderando as atividades promovidas pela associação.[678]

Embora, sob muitos aspectos, tanto nos estatutos quanto nas declarações das próprias líderes comunistas que compunham a organização, os objetivos da entidade transparecessem infensos à influência comunista, foram constatados nos das polícias políticas contatos feitos por homens e mulheres comunistas que vinham de outras localidades (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte), com o propósito de orientar e/ou apoiar a luta das mulheres, nessa cidade. A exemplo, cerca de quinze dias antes da realização do I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz, programado para 22 de julho de 1951, esteve em Uberlândia um emissário do PCB de São Paulo, Mário Borges, que, segundo os policiais, tinha a finalidade de se articular com Roberto Margonari e Afrânio Francisco de Azevedo para promoverem o armamento dos comunistas no Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano e a criação do Exército de Libertação Nacional nessas regiões. O referido emissário também estabeleceu contatos com as mulheres da Organização Feminina de Uberlândia, entregando-lhes um Manifesto das mulheres paulistas que continha os seguintes dizeres:

> *"A Federação das Mulheres do Estado de São Paulo, em contato com suas associadas e com o povo em geral vem sentindo a imensa indignação que a carestia de vida provoca. As imensas filas de açúcar, alto preço da carne e de outros produtos de primeira necessidade (...)*
> *Nesse contexto, surgiu a idéia de lançar protesto contra a carestia, o qual poderá transformar-se numa campanha nacional. (...) A Federação das Mulheres de São*

678. Entrevista com Olívia Calábria, em janeiro de 1994.

> *Paulo, em contato com as organizações de mulheres de Goiás e de Minas pede que a campanha se intensifique contra Getúlio Vargas, governo da fome (...)"*[679]

Se as táticas de luta da Organização Feminina forem analisadas sob os influxos das diretrizes do PCB, perceber-se que, tanto nos discursos quanto nas práticas, a referida entidade mantinha estreitas relações com partido e, mais que isso, seguia suas orientações. A polícia política chegou a imputar a alcunha de agitadora a Olívia Calábria, que, conforme seus próprios depoimentos e os registros do DOPS-RJ, andava "a pé", percorrendo vários quilômetros pelas vilas da cidade, para fazer o seu trabalho de militância entre as mulheres e outros grupos sociais. Ela esteve, inclusive, em Montes Claros, Norte de Minas Gerais, onde foi divulgar as diretrizes de luta do partido. Intento que a levou à prisão na referida cidade, de onde foi transferida para Belo Horizonte:

> *"Olívia Calábria leu e comentou para os dois Manoel Santos e Durvalino Teles Andrade (...) trechos da Voz Operária e Classe Operária, doutrinando-os e interpretando certos trechos que Manoel Santos não entendia. Olívia fazia leituras e preleções. Sua viagem a Montes Claros teve o objetivo de fazer pregação comunista e prestar esclarecimentos aos camaradas sobre diversos assuntos. Manoel Santos havia deixado de trabalhar para o PC, mas com as preleções de O. Calábria sentiu reavivada a sua fé pelo partido."*[680]

A consonância das atitudes de Olívia Calábria e de Roberto Margonari com as orientações do PCB,[681] pode ser constatada nas instruções do *Caderno do Agitador n.º 1"*, publicado pelo PCB/SP, em abril de 1951. Conforme este documento, a tarefa do agitador na mobilização das massas populares consistia em esclarecer os mais complexos problemas políticos, econômicos e sociais constitutivos da conjuntura não só nacional, mas mundial, de forma clara, acessível e objetiva.[682] Um exemplo disso foram as instruções dadas aos militantes para mobilização contra as resoluções de Washington, deliberadas na Conferência dos

---

679. BOLETIM n.º 122. 06/07/1951. DOPS. D-514, cx. 686. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

680. DOPS. Depoimento. Manoel Santos. DOPS. 14/04/1952. D-514, cx. 686. Documento dos acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

681. Ressaltam-se as estreitas relações entre os comunistas de São Paulo e de Uberlândia.

682. Mobilizemos as massas para a luta contra as infames resoluções de Washington. Caderno do agitador n.º 1. Abril de 1951. São Paulo. Documento do acervo das polícias políticas, setor: comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

Chanceleres. Dentre elas, recebe destaque o tópico relativo à tática de agitação entre as mulheres e os jovens:

> *"Se o agitador se dirige, por exemplo, a uma mulher, deve mostrar-lhe que a criação do chamado 'exército continental' – que será comandado por oficiais ianques – ameaça arrastar o seu filho, marido noivo ou irmão para o abismo da guerra, onde o aguarda a mutilação e a morte. Deve mostrar-lhe que a redução dos artigos de consumo da população civil, resolvida em Washington, só poderá resultar num agravamento ilimitado da carestia da vida, que já é hoje pesada realidade para os lares de todo o povo brasileiro."*[683]

Além dessas instruções, o manual oferecia modelos de várias formas de agitação: esquema de um discurso para comício-relâmpago, volantes para sensibilização das mães contra o envio dos seus filhos à guerra, abaixo-assinados, palavras de ordem etc. Recomendava ainda que, mantendo-se sempre informados pelo jornal *Voz Operária*, os agitadores fizessem comícios-relâmpagos em bairros e centro das cidades, concentrações em frente às câmaras, bem como conferências, palestras, debates e discussões nos mais diversos lugares (salas de aula, anfiteatros das escolas, bares, ônibus, trens, bondes, casas, refeitórios, portas de empresas, ruas etc.).

De uma maneira geral, as orientações do manual do agitador foram seguidas, ainda que parcialmente, pelos homens e mulheres comunistas de Uberlândia. Tais instruções puderam ser percebidas em diversas manifestações comunistas registradas anteriormente, bem como no programa da realização do I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz e na reação dos comunistas face a proibição do evento pela polícia. Ao que parece, em suas inter-relações com o movimento comunista, a organização feminina, no decurso de sua existência, preocupou-se tanto em preparar suas associadas para a luta em defesa dos direitos sociais, quanto em arregimentar as mulheres em torno das diretrizes políticas comunistas.

---

683 . Idem. p. 4 e 5.

2.2. A cidade sob agitação das mulheres vermelhas: I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz

Nos anos 50, o país mergulhou numa profunda crise econômica e, conforme os jornais da época,[684] a carestia solapava, cada vez mais, o poder aquisitivo dos trabalhadores. A penúria das condições de vida dos uberlandenses e dos brasileiros em geral, agravou-se. Em decorrência, foi possível observar, nas fontes pesquisadas, a intensificação das lutas e reivindicações por melhores salários e contra a carestia. As greves e os protestos afiguraram-se como as formas mais comuns de manifestação contra as medidas governamentais que pouco resolviam os problemas resultantes da crise.

Entre a cruz e a espada, o presidente da República, Getúlio Vargas, perdia o apoio das classes dominantes e, procurando manter a governabilidade, buscava-o nas classes trabalhadoras. As propostas de mudanças na agricultura – principalmente aquelas que visavam o aumento da produção de alimentos e a introdução de modernas técnicas agrícolas, a ampliação das redes de infra-estrutura e o incentivo à industrialização do país – eram metas do governo as quais, na acepção da imprensa, poderiam melhorar virtualmente a vida da população. A curto prazo, na mira de agradar os trabalhadores, Getúlio Vargas implementou medidas que objetivavam a contenção dos preços dos produtos de primeira necessidade e o reajuste salarial. Pior que o mal-estar social e político reinante no país, as providências visando atenuar a crise não se faziam sentir.[685] Os salários não davam conta de cobrir as despesas de grande parte dos trabalhadores, os preços não paravam de subir e o resultado era uma insatisfação geral das classes subalternas. Tratavam-se, pois, de rendimentos que não passavam do estritamente indispensável para a mísera

---

684. Aspectos da questão social. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 28/06/1950, ano 12, nº 2933, p. 1, c. 1-4. ; A carestia. O Reporter. Uberlândia, 25/07/1951, ano 18, n.º 1395, p. 2, c. 1-3; O custo da vida. O Reporter. Uberlândia, 21/10/1950, ano 17, n.º 1217, p.2, c. 1-3; A carestia de vida. O Reporter. Uberlândia, 22/11/1950, ano 17, n.º 1226, p.2, c. 1-2

685. O custo da vida. O Reporter. Uberlândia, 21/10/1950, ano 17, n.º 1217, p.2, c. 1-3

sobrevivência do trabalhador, não incluindo aí os gastos necessários com a educação, saúde ou mesmo lazer. Os registros dos jornais e os depoimentos de Joaquim Ferreira, Olívia Calábria e Maria Margonari confirmaram o quanto os trabalhadores tinham dificuldades em administrar a vida doméstica com os salários da época. Em muitos casos, os proventos não passavam de um valor suficientemente necessário para o trabalhador e sua prole não afundarem da miséria absoluta. Nesse contexto, pode-se constatar, pela imprensa, que as entidades locais (associações e sindicatos) e os diversos segmentos sociais começaram a se arregimentar em luta contra a penúria provocada pela carestia.[686]

Sob os influxos das diretrizes políticas do *Manifesto de Agosto* de 1950, as mulheres que integravam a Organização Feminina de Uberlândia desfraldaram suas bandeiras de luta contra a carestia. A luta pelo controle da economia doméstica, cuja administração geralmente se destinava às mulheres – às esposas, às mães, às donas de casa –, ultrapassou os limites dos *"malabarismos"* no âmbito privado (no caso das mulheres dos trabalhadores, isso significava um tenaz esforço para administrar racionalmente os seus salários e garantir a subsistência da prole) e ganhou a esfera pública, entre outras, através da Organização Feminina de Uberlândia que, ao longo de sua história, não impunemente, lutou pela melhoria das condições de vida nessa cidade, intentando realizar passeatas, debates, simpósios, congressos etc.

Nessa conjuntura, a Organização Feminina de Uberlândia se propôs a realizar, em 1951, o I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz, conclamando todas as mulheres da cidade à participação no evento: *"professoras, lavadeiras, calceiras, remendadeiras, catadeiras, tintureiras, moças que trabalham na fábrica de balas e de macarrão, empregadas domésticas, as esposas dos trabalhadores da cidade e do campo"*.[687]

---

686. A exemplo, pode-se citar o caso da Igreja Católica que, em 1951, criou a Casa do Operário, com o objetivo não somente de arrebatar os trabalhadores para o seu "rebanho", mas também de atenuar as dificuldades que lhes afligiam, por meio de diversos tipos de assistência. Casa do Operário. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 01/05/1951, ano 14, n.º 3145, p.1, c. 1-4.

687. Manifesto do I Congresso Feminino de Uberlândia. 22 de Julho de 1951. Documento do acervo de Correspondências Recebidas, 0002/001, da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Segundo o Manifesto veiculado na época, os preços subiam exorbitantemente, conforme o quadro que se segue:

Tabela 9

GÊNEROS E SERVIÇOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE	1942	1945	1951
FEIJÃO	1,00	2,00	5,00
ARROZ	1,50	3,00	5,00
AÇÚCAR	1,20	4,00	5,00
BANHA	6,50	9,00	20,00
LEITE	1,00	1,50	4,00
EXTRATO	1,30	2,20	4,50
LENHA mt.3	25,00	40,00	70,00
LUZ - klw	0,40	0,80	1,00

Fonte: Manifesto do I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz.

Segundo o Manifesto, o aluguel de uma casa que custava Cr$100,00 passou a equivaler Cr$500,00 e diversos serviços e gêneros de primeira necessidade, como os transportes e a carne, tiveram seus preços aumentados de forma exorbitante. Mediante essa situação, a organização reivindicava, em seu libelo, a redução dos preços dos aluguéis, dos impostos e taxas diversas, dos produtos e serviços de primeira necessidade, bem como o aumento geral dos salários. Além disso, reclamaram o aumento de verbas para as áreas de saúde e educação (hospitais, ambulatórios médicos e odontológicos, creches, escolas etc.) e propuseram a criação de comissões populares que deveriam ser compostas por donas de casa, a fim de: *"fiscalizar preços, combater a carestia, defender seus filhos"* e promover a *"confraternização dos povos"*.

Afinadas com as diretrizes do PCB, a Organização Feminina de Uberlândia empenhou-se na luta contra a carestia de vida e contra a guerra e, sob essa bandeira, propôs a realização Primeiro Congresso da Organização Feminina de Uberlândia, que seria realizado em 22 de julho de 1951:

> *"Não podemos ficar de braços cruzados com os gêneros de 1.ª necessidade subindo vertiginosamente. (...)*
> *Mulheres de Uberlândia, não podemos ficar indiferentes diante da ameaça de uma terceira guerra mundial.*
> *Já não é somente o aumento do custo de vida, mas a ameaça ao nossos filhos em idade militar.*

> *Larguemos os nossos tanques de lavar roupas, nossas máquinas de costuras, vamos para a praça pública defendermos a vida de nossa vida e o sangue de nosso sangue. Que nosso brado de angústia seja um só: 'OS NOSSOS FILHOS NÃO IRÃO PARA A GUERRA'."*[688]

Mas a repressão bradou mais alto e solapou a tentativa de realização do congresso, tachado, pelo jornal *Estado de Minas*, de atividade comunista promovida pelos *"adeptos de Moscou"*. Nos dizeres do jornal, *"magotes de mulheres, algumas a soldo do extinto Partido Comunista, anunciavam a realização do comício pró-paz e contra a carestia de vida para Domingo, na avenida Cipriano Del Fávero no prédio que é sede do órgão comunista."*[689]

Conforme o referido jornal, a polícia, ao tomar conhecimento do evento, veiculou repetidos avisos pela Rádio Clube de Uberlândia, proibindo terminantemente as manifestações programadas pela Organização Feminina. Mas, o *Estado de Minas*, em cujas falas operava com a designação *"cor de rosa"* para se referir àqueles que faziam conscientemente o *"jogo dos bolchevistas"*, afirmou que as mulheres comunistas não se deixaram intimidar. Contrariando as ordens policiais, elas teimaram em realizar o Congresso.

Na contrapartida, a polícia agiu rapidamente. Interditou o local do *"meeting vermelho"* e prendeu alguns dos principais participantes do evento, inclusive o vereador comunista Roberto Margonari, que, conforme o jornal, resistiu à prisão e defendeu-se com um revólver apontado contra o Tenente Georgino de Sousa, delegado de polícia. Segundo o jornal, num *"corpo a corpo entre o comunista e o delegado"*, a referida autoridade policial conseguiu dominar o vereador vermelho e aprisioná-lo. Em protesto contra a prisão do vereador comunistas, emitiu pronunciamento o jornal vermelho *Tribuna do Povo*:

> *"Estúpida violência contra o povo acaba de ser cometida pela polícia do governador Juscelino, que hoje, às 13 horas, impediu brutalmente a realização do Congresso Feminino contra a carestia e pela Paz à Av. Cipriano Del Favero, nº 666, sede da Organização Feminina de Uberlândia."*[690]

---

688. Manifesto do I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz

689. Uberlândia esteve dois dias sob agitação comunista - Grupos de homens e mulheres tentaram dominar a cidade. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 de julho de 1951, ano 24, n.º 9.692, p. 1 e 4.

690. **Brutalmente** impedido pela Policia o Congresso Feminino. Tribuna do Povo. Uberlândia, 22/07/1951, ano 1, n.º 9, p. 1, c.1.
Consta dos documentos das polícias políticas diversos recortes de notas de jornais sobre a repressão ao I Congresso Feminino de Uberlândia, tais como: Apanharam das manifestantes. Voz Operária. 21/07/51; Dissolvido o comício comunista em Uberlândia. Diário de Notícias. 25/07/51; Agitação vermelha no Triângulo

O referido órgão comunista de Uberlândia repudiou o impedimento do Congresso que, em 22 de julho de 1951, se encontrava instalado na cidade, contando com a presença de mulheres comunistas e não comunistas procedentes de várias cidades circunvizinhas – Uberaba, Araguari, Monte Alegre de Minas, Canápolis. Afirmou também que as autoridades locais haviam sido convidadas a participar dos debates propostos, mas compareceram ao evento apenas os representantes realmente interessados em resolver os problemas sociais, como as delegadas das organizações femininas, os populares e o vereador comunista Roberto Margonari, que teve sua imunidade parlamentar desrespeitada e foi preso, por defender o direito de reunião e sua liberdade individual.

Para os comunistas, o significado desse acontecimento consistia no desnudamento do caráter violento de um governo corrupto que sequer zelava pelos interesses do povo. Conforme o *Tribuna do Povo*, no lugar de enfrentar os fomentadores da carestia, desmantelando definitivamente os esquemas de monopólio, esse governo acionou o aparato policial para reprimir os contingentes populares pobres em luta por melhores condições de vida:

> *"A brutal violência de que é testemunha o povo de Uberlândia mostra claramente que estamos sob uma ditadura dos provocadores de guerra e fomentadores da carestia de vida (...)."*[691]

Incitando a população contra as atitudes arbitrárias da polícia, o *Tribuna do Povo* solidarizava-se com os presos, protestava contra a violência policial e conclamava o povo a resistir, prosseguindo com a luta e realizando protestos na cidade. Além da cobertura do jornal comunista, circulou, na ocasião, um volante intitulado *"PATRIOTAS"* contestando a violência policial assestada contra as delegações do Congresso Feminino e incitando o povo a se manifestar contra as arbitrariedades e a inércia dos poderes constituídos, que pouco faziam pelo aniquilamento da carestia:

Mineiro. Radical. 25/07/1951; Sufocada a agitação comunista no Triângulo Mineiro. Diário do Povo. 26/07/1951; Uberlândia sob terror. Imprensa Popular. 26/06/1951. Heroísmo das mulheres de Uberlândia. Luta corporal com soldados e tiras evitando ataque policial. Imprensa Popular. 28/07/1951.

691. Continua a luta pela paz e contra a CARESTIA. Tribuna do Povo. 22/07/1951, ano I, n.° 9, p.1, c. 1.

> *"(...) O vereador Margonari foi brutalmente aprisionado no local do Congresso, não escapando à fúria policial nem mesmo uma senhorita de Uberaba, aqui vinda como delegada ao conclave.*
> *Qual o motivo dessas estúpidas violências, que ameaçam se estender a todos patriotas uberlandenses, que lutam contra a guerra e a carestia? O governo se sente incapaz de resolver os graves problemas que afligem nosso povo e por isso se desespera frente aos clamores contra a carestia e a ameaça de guerra, e empreende ações policiais de terror, para implantar o medo e fazer calar o povo pela força das armas.*
> *Por isto ROBERTO foi preso arbitrariamente com seus companheiros.*
> *Lutemos, pois, pela sua liberdade fechando o comércio em sinal de protesto, realizando comícios nas vilas e locais de trabalho, não nos intimidando com o terror, mostrando nossa fibra de patriotas e democratas.*
> *TUDO PELA LIBERDADE DE MARGONARI*
> *E SEUS COMPANHEIROS*
> *ABAIXO A GUERRA E A CARESTIA! VIVA A PAZ!"*[692]

Além de Margonari, foram presos e enviados para a Casa de Correção de Belo Horizonte os seguintes comunistas: Laudelino Silva, alfaiate em Uberaba; Raimundo Barreto Lima, ex-empregado da Companhia mineira de Morro Velho, que, como afirmou o *Estado de Minas*, estava no Triângulo às *"expensas do socorro vermelho para o trabalho de agitação e propaganda"*; Romualdo Gonçalves Andrade, proprietário da tipografia que, por imprimir os boletins, foi empastelada; João Cândido Pereira, motorista; João Diniz, alfaiate; e Conceição Álvares.

Indignadas, as mulheres que intentaram participar do Congresso encamparam a luta pela libertação dos comunistas presos. Conforme o *Estado de Minas*, elas marcharam, *"em grupos de duas, militarmente armadas, iniciaram um desfile pelas principais ruas da cidade, gritando histericamente: 'Luiz Carlos Prestes! Viva a Paz! A paz da guerra da Coréia'."*[693] Inicialmente, dirigiram-se à residência do prefeito Tubal Vilela que, conforme o jornal, não lhes deu a mínima atenção:

> *"Enquanto as mulheres gritavam nervosamente sob o comando de Olívia Calábria, uma balzaquiana que procura substituir a ausência de um marido pelas lutas políticas, os demais militantes mimeografaram boletins aos seguintes termos: 'Povo de Uberlândia! Por defender nossos direitos acaba de ser preso Roberto Margonari!*

---

692. "PATRIOTAS!" (Panfleto comunista apreendido pelo DEOPS). Pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo. (Grifos do original).

693. Uberlândia esteve dois dias sob agitação comunista - Grupos de homens e mulheres tentaram dominar a cidade. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 de julho de 1951, ano 24, n.° 9.692, p. 1 e 4.
Em uma das notas sobre o evento, o jornal informou que Prestes havia passado por Uberlândia disfarçado de padre.

Marchemos para libertá-lo! Todos em frente à delegacia, às 19 horas. Todos em luta pela paz. Abaixo a guerra, viva a paz!"[694]

Foram disseminados rumores de que os comunistas locais, auxiliados por outros *"elementos"* do Triângulo, planejavam um assalto à Cadeia Pública de Uberlândia para libertar os comunistas presos. O delegado Spartaco Pompeu e o tenente Georgino mantiveram-se atentos. Deram ordens enérgicas para conter qualquer rebelião e anunciaram que se os grupos comunistas confabulassem um atentado, ou qualquer manifestação próxima à Delegacia da Cadeia Pública seriam recebidos *"a tiros de metralhadora"*. Contudo, a noite do malfadado 22 de julho transcorreu sem incidentes.

No dia seguinte, porém, as mulheres não titubearam: partiram para a luta. Mas junto com a coragem das combatentes da paz, aportaram na cidade os reforços policiais vindos de Belo Horizonte e Uberaba. Segundo o jornal, Olívia Calábria, mediante a situação, comandou as mulheres até a residência do prefeito, a fim de obter o seu apoio não somente para restabelecer a liberdade dos presos e evitar a intolerância policial, mas também para liberar os objetos que haviam sido apreendidos na sede do Congresso (sombrinhas, bolsas, etc.). Entretanto, o prefeito não intercedeu pelas mulheres:

> *"No momento em que dezenas de mulheres tomavam o rumo da Delegacia, que se acha localizada ao lado da estação rodoviária, para entendimento com o delegado, o sr. José Henriques, delegado da Ordem Pública de Minas Gerais, aproximou-se das manifestantes, Olívia Calábria, a mais exaltada do grupo, acompanhada de um alfaiate de Uberaba de nome Laudelino, dirigiu pesados insultos aos responsáveis pelo policiamento. Aquela autoridade procurou acalmar o grupo de senhoras, manobradas pelos comunistas, convidando-as para, em comissão, discutirem o assunto dentro da delegacia. Nesse instante Laudelino agrediu o delegado, sendo por ele dominado. Então, as mulheres, armadas de pequenos cacetetes, avançaram sobre o delegado José Henriques, dando-lhe uma surra (...) o sr. Luiz Soares da Rocha avançou para o grupo e, pelos cabelos, conduziu Olívia Calábria para a Delegacia. Foi aí que se ouviu o primeiro tiro, surgido no meio da multidão. Os soldados de polícia já agora em número de 50, armados de fuzis e metralhadoras atiraram, segundo versão das autoridades para o alto. Verificou-se enorme confusão. Mulheres caídas ao solo, crianças chorando, homens sentados no chão e balas voando para o ar cruzando o local."*[695]

---

694. Uberlândia esteve dois dias sob agitação comunista - Grupos de homens e mulheres tentaram dominar a cidade. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 de julho de 1951, ano 24, n.º 9.692, p. 1 e 4.

695. Idem.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Em meio ao tiroteio, um chofer de praça que, segundo o jornal, não tinha nenhuma relação com o protesto foi atingido por uma bala e, em seguida, hospitalizado. Apesar da gravidade do ferimento, não correu risco de vida. Segundo o depoimento de Olívia Calábria uma bala entranhou na perna de Noêmia Gouveia, mas o jornal manteve-se silente em relação a esse fato[696] o qual foi também confirmado por Maria Rosa Margonari. Em seu depoimento, relatou que uma mulher sofreu um ferimento na perna e, para evitar o cerco policial, escondeu a perna atingida com uns panos que apanhou num varal de roupas e procurou se esconder para escapar à prisão.

Após o tiroteio, as mulheres e os homens que compunham a manifestação se retiraram do cenário da luta. Reprimido o protesto, a polícia impôs a ordem na cidade que, nas palavras do jornal *Estado de Minas*, esteve *"dois dias sob agitação comunista"*. Para assegurar a paz social, as autoridades policiais advertiram que não seria permitido o trânsito nas ruas de grupos de duas ou mais pessoas e, menos ainda, a permanência deles em locais suspeitos. Tal advertência, nos dizeres da polícia, não era dirigida ao povo de Uberlândia, mas aos *"traidores comunistas"*.

Os principais coordenadores do evento foram detidos. Olívia Calábria e Lucília Soares Rosa, ex-vereadora comunista de Campo Florido, foram presas como as principais insufladoras das manifestações.

---

696. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.


ESTADO DE MINAS

OS ACONTECIMENTOS DO TRIANGULO

Uberlandia esteve dois dias sob agitação comunista

GRUPOS DE HOMENS E MULHERES Aumento de salarios TRAGICO FIM DE UM CASAL DE RETIRANTES

Foto 7: Repressão policial ao I Congresso Feminino Contra a Carestia e pela Paz: foto1) a vítima do tiroteio e sua mãe; foto 2) Lucília Soares Rosa e Olívia Calábria; foto 3 - superior) Raimundo Lima Barreto; Raimundo Gonçalves Andrade e João Cândido; foto 4) Delegados: Luiz Soares da Mocha; José Henriques; J. Spartaco Pompeu e um policial; foto 5) Policiais e o maquinário da apreendida, sobre um caminhão.

Fonte: Estado de Minas. Belo Horizonte, 26/07/1951, ano 24, n.º 9692.

Cerca de quinze longos dias tolhiram a liberdade dessas duas mulheres. Autodesignada uma incansável militante da causa comunista, Olívia Calábria afirmou, em entrevista, que, por intermédio do seu advogado, conseguiu o mandato de soltura. A comunista uberlandense estava livre das grades da prisão, mas, ao constatar que Lucília Soares Rosa não tinha sido libertada, disse às autoridades policiais que só sairia junto com sua companheira de luta. Para resolver o impasse, a polícia acabou por libertar as duas.[697]

---

697. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.
Foi registrado em ata a aprovação de um pedido de moção de louvor ao juiz municipal, feito por Cleanto Vieira Gonçalves, pela concessão de harbeas Corpus aos *"cidadãos uberlandenses presos por ocasião dos trabalhos de repressão aos comunistas realizados pela polícia nesta cidade"*. Cf. Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Décima Quinta Sessão da Quarta Reunião Ordinária de 1951.

Após a soltura de Olívia Calábria e Roberto Margonari, os comunistas intentaram, em 13 de agosto de 1951, promover um comício de protesto pela paz, contra a carestia e as arbitrariedades dos policiais, que dissolveram o congresso feminino e prenderam uma parte das suas delegações. Contudo, a manifestação foi proibida pela polícia:

> *"O Tentente Georgino teria ido para a praça do comício com metralhadora debaixo do braço. Os comunistas não apareceram. Nas manhãs de 13 e 14/08 amanheceu no centro da cidade um boneco (Judas) de pano, com algumas inscrições insultuosas, algumas referindo-se ao Tenente Georgino."* [698]

Indignado o referido policial teria afirmado que não prenderia mais comunistas, ao contrário, disse ele: *"mando baixar o pão, passo fogo, fuzilo na rua, mas não vou prender para depois serem soltos e virem aqui achincalhar-nos."* [699]

Em relação a Roberto Margonari, a DOPS-MG registrou que depois de liberto da prisão de Belo Horizonte, o *"chefete vermelho"* resolveu fazer um protesto:

> *"Pretendeu nova agitação, levando à praça pública seus adeptos, onde se viam muitas mulheres com crianças no colo (...) para fazer protesto contra Tubal Vilela a quem tentou enviar protesto escrito, que seria entregue na Câmara. Acompanhado de 10 homens, 4 armados, entraram na Câmara. Para impedir Margonari de falar, a sessão foi suspensa. Ele ficou furioso, falou ao povo presente e seguiu pela Afonso Pena, em um arremedo de passeata, sem que a polícia impedisse. Mais tarde a polícia impediu 7 elementos que acompanhava Margonari, deram-lhes alguma pancada, mas já então os cabeças não estavam à frente desses homens."*[700]

Contudo, apesar dos embates com os policiais, as mulheres não esmoreceram-se em suas lutas.[701] Tempos depois, foi possível observar, nas fontes pesquisadas, as experiências concretas da *Organização Feminina*, principalmente na luta contra o analfabetismo, mediante um clamoroso relato de Irma Gouveia. Essa entidade mantinha uma escola denominada Tiradentes, situada na vila das Tabocas, que, pelas descrições do documentos possuía uma estrutura razoável, mas passava por enormes dificuldades, especificamente no que tangia à necessidade de ampliar o

---

698. DEOPS-SP. Relatório n.º 2. Triângulo Mineiro. Uberlândia. São Paulo, 08 de setembro de 1951. D-514, cx. 686. Documento dos acervos das polícias políticas do Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

699. Idem.

700. Idem.

701. Depois dos malfadados confrontos com a polícia no dia 22 de julho, a Organização Feminina manifestou um protesto contra a violência policial da qual foram vítimas as suas integrantes. Sobre essa questão há registros na Ata da Terceira Sessão da Terceira Reunião Ordinária de 1951, 06 de agosto de 1951, da Câmara Municipal de Uberlândia. .

quadro de professores, o espaço físico e, com isso, a capacidade de receber mais alunos. Conforme os dados obtidos, constatou-se que, num bairro precário como o Tabocas, composto principalmente de moradores pobres e analfabetos, em grande parte provenientes do campo, a premência de uma escola capaz de acolher a todos os necessitados era gritante. A meta de criação de escolas pela Organização Feminina também abrangia as vilas Saraiva e Operária, mas, para isso, a entidade conseguiu obter apenas o prédio para a instalação da escola, carecendo de recursos financeiros. Isso impedia o avanço dos seus esforços no processo de erradicação do analfabetismo na cidade. Para sanar esses obstáculos, a associação solicitava à Câmara a *"cooperação moral e financeira"*. Entrementes, os seus esforços pela melhoria das condições de vida dos segmentos populares pobres, nessa cidade, transfigurou-se em árduas lutas, conforme testemunhou Olívia Calábria, seja em decorrência da repressão policial, seja pela falta de vontade política dos representantes dos poderes constituídos locais em colaborar na realização dos projetos coletivos das mulheres – fossem elas comunistas ou não.

Não obstante a alcunha comunista, e o estorvo dos políticos e policiais locais, a Organização Feminina de Uberlândia intentou pressionar os poderes públicos para a resolução dos mais prementes problemas enfrentados principalmente pelos segmentos sociais pobres dessa cidade. Melhorias infra-estruturais nos bairros periféricos da cidade como água, energia elétrica, abertura e conservação de ruas, praças e pontes, transportes, ampliação das agências de correios, telefones públicos, escolas, ambulatórios médicos e odontológicos, creches, armazéns de emergência, feiras livres e tantas outras solicitações, plasmaram a pauta de reivindicações do movimento das mulheres uberlandenses, as quais, como foi visto, foram reclamadas desde 1945/1946.

Como disse Olívia Calábria, tudo isso não vem da noite para o dia. As lutas por melhorias das condições de vida e trabalho, nessa cidade, constituíram-se em ganhos históricos – *"demora mas vem"*. Basta rememorar o passado e olhar o presente. Reivindicações de associações e sindicatos, como as da *Organização Feminina de Uberlândia*, estão concretizadas

"aí, por todo lado",[702] afirmou Olívia Calábria. Seu depoimento conflui para as afirmações do historiador Eric Hobsbawm: *"a história pode ter vencedores a curto prazo, mas os ganhos históricos vêm dos vencidos"*.

2.3. Exército de Libertação Nacional e campanha pela criação do Estado do Triângulo

No Triângulo Mineiro, em que pesem o anticomunismo e a inventividade dos investigadores, foram registrados pelas polícias políticas os intentos de constituição do Exército da Libertação Nacional, nos anos 50.[703] Em abril de 1951, foi constatada pela polícia a existência de um núcleo do Exército de Libertação Nacional composto de 45 homens, sob a direção de Oswaldo Malaquias.

Segundo os boletins policiais, Roberto Margonari era o *"chefe vermelho"* que fazia as articulações/determinações políticas entre os comunistas da região. Consta dos registros que em Monte Alegre de Minas existiam duas células comunistas, a "Carlos Prestes", que arregimentava o núcleo de camponeses, e a "Louzada", que incorporava a organização das mulheres. Com isso, a polícia relacionava o interesse e o empenho do município em dedicar-se ao comércio de armas com a existência dos referidos núcleos comunistas.

Em 1952, conforme a polícia, Roberto Margonari, com a conivência das agências de correios, teria distribuído 50.000 balas de revólver às diversas células comunistas de Campo Florido, Frutal, Campina Verde, Veríssimo e outros municípios triangulinos. O boletim ressaltou ainda que tanto Monte Alegre de Minas quanto Uberlândia se empenhavam no comércio de armas, sugerindo, com isso, ligações com as tentativas de armamento dos comunistas na

---

702. Entrevista com Olívia Calábria, realizada em janeiro de 1994.

703. Aos olhos da polícia, a arregimentação dos comunistas dessa região em torno da formação do exército comunista era tão expressiva que José Tavares, do Comitê Municipal do PCB de Santos, fez uma visita a Uberlândia, a fim de estabelecer contatos com Roberto Margonari e Oswaldo Malaquias para articularem estratégias de armamento dos comunistas de Santos. Conforme os registros, os policiais obtiveram informações do próprio Tavares que informou que o esquema de remessa de armas começava em Goiás e terminava em Santos, via Bauru. As armas eram transportadas em caixas de sapatos, por meio de caminhões, e receptadas por uma firma paulista que se encarregava de as repassar para o Comitê Municipal de Santos. Outra forma de obtenção de munição e armas era através dos navios que aportavam ao referido município Cf. Boletim Reservado, nº 174. 24 de setembro de 1951. Acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

região.[704] Conforme os registros, já existiam, nesses locais, dois paióis que armazenavam armas: umas de pequeno e grande calibre e outras curtas e de *"tiro médio"*, *"tudo conseguido a peso de ouro e da vontade dos patriotas"* sob o controle dos *"chefes comunistas"*. Até mesmo a imprensa passou a alardear, pelo Brasil, que o Triângulo Mineiro estava armazenando uma enorme quantidade de armas, a fim de promover sublevações comunistas.[705]

Segundo os policiais, houve rumores de que o ex-deputado Claudino José da Silva, acompanhado de um funcionário do Correio, esteve hospedado na residência do médico Adilon Mendonça, em Monte Alegre de Minas, onde permaneceu de fins de dezembro de 1951 a 1.º de janeiro de 1952. O referido médico comunista teria aproveitado a ocasião das festividades de Ação de Graças para erguer *"brindes a Prestes e a Stalin"* e distribuir brindes e presentes. Apesar desses detalhes, os policiais declararam que não obtiveram dados a respeito da missão de Claudino José da Silva em Monte Alegre de Minas, talvez porque não tenham conseguido informantes (delatores), menos ainda informações vazadas.[706]

Segundo os informes policiais, os comunistas de Monte Carmelo também despenderam esforços para organizar o Exército de Prestes. Nesse intento, procuraram a adesão dos mais diversos segmentos sociais. Reuniram-se no referido município, comunistas de outras localidades não especificadas, os quais desempenharam a tarefa de instruir os ativistas de Monte Carmelo a buscarem adeptos, principalmente os camponeses, e convencê-los de sua missão na luta pela libertação nacional. Segundo o boletim, Rodolfo Braz de Souza teria entregado uma grande quantidade materiais de propaganda, com o objetivo de dar suporte à luta dos comunistas de Monte Carmelo.[707]

---

704. Boletim Reservado, n.º 9. 18 de janeiro de 1952. D-514, cx. 686. Acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

705. Enorme quantidade de armas adquiridas pelos comunistas. O Jornal. [s.d.]. D-514, cx. 564. Recorte de jornal. Acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

706. Boletim: Informações necessárias do dia 1º. 02 de janeiro de 1952. D-514, cx. 686. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

707. Boletim Reservado de 12 de julho de 1951. D-514, cx. 686. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro

Os policiais afirmaram que os comunistas do Triângulo Mineiro, especialmente Uberlândia, permaneciam em constante contato com Luiz Carlos Prestes e com os demais líderes comunistas de vários lugares do país. Sem citar o nome, foi registrada no boletim a presença constante de um advogado, que sempre prestava assistência jurídica aos comunistas do Triângulo Mineiro – o qual pode ter sido Orlando Bonfim, que manteve estreitas relações com o movimento comunista nessa região.

Estes fatos se confirmaram também no depoimento de Marlene Margonari.[708] Em suas declarações, Roberto Margonari hospedou, em sua residência, os *"cabeças"* do partido que vinham visitar as principais áreas de atuação do PCB no Triângulo Mineiro: Uberlândia, Monte Alegre de Minas, Canápolis, Capinópolis e outros. Prestes e várias lideranças vermelhas procedentes de diversos lugares do país, mas principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, reuniram-se algumas vezes na casa de Roberto Margonari, entre elas: Oswaldo Pacheco, Maurício Grabois, José Maria Crispin, Claudino José da Silva, Alcedo Coutinho e Jorge Amado, que eram os mais freqüentes. Alguns deles chegaram a se hospedar na casa de Roberto Margonari, inclusive Gregório Bezerra[709] e Mariguella. Conforme o testemunho de Maria Rosa Margonari, vinha muita gente de São Paulo e de toda parte do Brasil:

> *"Eles inventavam nomes que não eram os verdadeiros. Tinha um que eu não sabia o nome que eu botei o nome nele de morcego.* [Isto porque] *ele montava no cavalo e ficava com aquela capona. A capa tampava o cavalo tudo. Ficava esquisito. (...) Mariguela já esteve aqui. Ficou aqui. Faziam reuniões. Eles tinham instruções do partido, mas não me lembro direito (...). "*[710]

O processo de organização e luta dos camponeses era um dos motivos das constantes visitas das lideranças do PCB ao Triângulo Mineiro, mas, conforme os registros policiais, os *"chefes comunistas"* também vinham transmitir as novas linhas políticas e estratégias de ação do partido aos militantes, nessa região.

---

708. Entrevista com Marlene Margonari, em fevereiro de 1994.

709. Carta à Divisão de Polícia Política e Social. 30 de Abril de 1951. Consta que Luiz Carlos Prestes e Gregório Bezerra fizeram visitas ao Triângulo Mineiro, pelo menos no ano de 1951. D-514, cx. 540. Documento dos acervos das polícias políticas do Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Gregório Bezerra seria, na época, o agente escalado para conduzir o programa do partido na região.

710. Entrevista com Maria Rosa Margonari, em fevereiro de 1994.

Outro aspecto a ser observado no movimento comunistas dos primeiros cinco anos da década de 50, refere-se à campanha pela criação do Estado do Triângulo Mineiro. Conforme as polícias políticas, compareceram a Uberlândia líderes de São Paulo e de Goiás para discutirem os planos de ação e de propaganda separatista. Além desses assuntos, os referidos líderes pretendiam conhecer o trabalho de armamento dos comunistas que Roberto Margonari vinha desempenhando na região – ou seja, a aquisição e distribuição de armas às células comunistas dos municípios triangulinos.[711] Na avaliação da polícia, em janeiro de 1951, já havia um significativo envolvimento dos comunistas com a causa do separatismo na região, onde a campanha pela formação no novo Estado se alastrava rapidamente mediante técnicas e e mecanismos de propaganda comunista.

Segundo os boletins policiais, no dia 17 de janeiro, os comunistas, sob a direção de Roberto Margonari, que, por sua vez, era auxiliado pelos comunistas de São Paulo, estava articulando o recolhimento de assinaturas em defesa da criação do Estado do Triângulo.

Nas considerações das polícias políticas, o movimento separatista compunha-se de duas vertentes: uma, liderada por Ademar de Barros, pretendia provocar a discórdia no Estado mineiro e a outra, liderada pelos políticos que pretendiam, por intermédio da defesa dessa causa, angariar apoio popular. Nos dizeres dos policiais, os comunistas, quase sempre associados à baderna e à mazorca, oscilavam de um lado para outro, *"satisfeitos com a confusão"*.[712]

Em relação à campanha separatista, tempos depois, Alcides Simão Helou, que então era diretor do jornal comunista *Tribuna do Povo* e secretário da Liga de Libertação Nacional, reavaliou o movimento separatista então apoiado pelos comunistas. Conforme o boletim, o líder comunista local chegou à conclusão que a campanha era um mecanismo de desvio da *"atenção do povo para a solução justa dos seus problemas que é o da formação de um governo, de novo tipo no país, popular e democrata, que divida a terra para os camponeses, aumente geral os*

---

711. Informações do interior e local, de 07 de janeiro de 1952; Boletim Reservado, nº 9. 18 de janeiro de 1952. D-514, cx. 686; Informe ao Ministro da Justiça. Chefe de Polícia/DFSP. 28/01/1952. Documentos dos acervo das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

712. Informação - MG, de 17 de janeiro de 1952; Informação. Setor Trabalhista. 29 de janeiro de 1952. D-514, cx. 686. Documentos dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

salários e rebaixe os preços e nos livre da dominação americana com a guerra e todos os azares que ela nos traz". Desse modo, Alcides Simão Helou preconizava a necessidade de uma luta muito mais ampla, que contemplasse a solução dos problemas relativos à carestia de vida, à democratização do país – com a instauração de um governo democrático e popular – , à distribuição das terras e ao fim da guerra que assolava vários lugares do mundo, influindo com toda sua negatividade nos países não beligerantes.[713]

Mediante a luta pela criação do Estado do Triângulo e as tentativas de formação dos "exércitos de Prestes" nessa região, *O Reporter*, em 1953, chegou a noticiar, ancorando-se nas declarações do anticomunista Pena Boto, que em Minas Gerais existiam 18.000 mil guerrilheiros e grande parte deles se concentravam no Triângulo Mineiro e no Sudoeste de Goiás.[714] Segundo o jornal comunista *Imprensa Popular*, a histeria anticomunista aplacava várias localidades do Estado de Minas Gerais. Os policiais, sob pretexto de procurar armas e munições, adentravam nas residências e locais de trabalho e, além disso, passaram a abrir inquéritos contra os suspeitos para apurar melhor os fatos. Nas assertivas do periódico, intelectuais, donas de casa, operários, professores, negociantes, médicos e muitos outros foram intimados a depor na polícia.[715]

Nas afirmações do jornal *Imprensa Popular*, os *"elementos fascistas"* instalaram um novo Galeão no Triângulo Mineiro e passaram a invadir domicílios e submeter os cidadãos aos piores tipos de violência.[716] Isto porque o anticomunista almirante Pena Boto espraiou uma série de rumores e falácias sobre a gravidade da atuação comunista nessa região. Os *"gestapistas"*, conforme o jornal *Imprensa Popular*, perguntavam afoitamente onde poderia ser encontrado um perigoso comunista, Henckmar Borges, que, já falecido, não representava ameaça alguma. A leviandade anticomunista chegou ao ponto de investir esforços para capturar o falecido ex-

---

713. Boletim Reservado de 29 de junho de 1951. D-514, cx. 686. Documento dos acervos das polícias políticas. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

714. O almirante Pena Boto denuncia Uberlândia e Anápolis centros de guerrilheiros. O Reporter. Uberlândia. ano 20, n.º 1693, p. 1, c. 6-7.

715. Elementos fascistas instalam um novo Galeão no Triângulo Mineiro. Imprensa Popular. 20/01/55. Recorte de jornal alocado nos acervos das políticas políticas. Setor: Comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

716. Idem.

vereador, cujo retrato acabava de ser solenemente instalado no recinto da Câmara Municipal de Uberlândia.[717]

No caso do Triângulo Mineiro, o jornal *Imprensa Popular* noticiou, em 1955, que o Exército instaurou uma operação nessa região com a finalidade de diagnosticar o "verdadeiro" perigo da ação comunista. Para tanto, providenciaram uma tropa de 800 homens que se alojaram na Feira Permanente de Amostras de Uberlândia. Iniciando a operação, Alcides Simão Helou, João Cândido Pereira e Oswaldo Malaquias foram interrogados e, em seguida, procederam à devassa nas residências dos referidos militantes, onde apreenderam *"livros, jornais, publicações, da Liga de Emancipação Nacional e correspondência do General Edgard Buxbaum"*.[718] Segundo o referido jornal, 200 pessoas foram intimadas a prestar depoimentos e, dentre elas, Roberto Margonari era o mais visado, pois, os coronéis queriam saber de todos os interrogados sobre seus vínculos com o *"chefe vermelho"*.

Ancorando-se na divulgação dos resultados da operação obtidos pelo Exército, o jornal *Tribuna da Imprensa* informou que o movimento comunista na região não indicou nenhum *"perigo de insurreição armada"*. O referido jornal resumiu as conclusões do Exército da seguinte forma:

> *"1. São remotas as possibilidades de organização de um exército revolucionário comunista, do tipo vietnamita. Ao contrário, do que certos jornais já noticiaram não há centros de treinamento militar comunista na região.*
>
> *2. O reduto comunista no Triângulo é formado na sua grande maioria por profissionais de nível universitário: professores, médicos, advogados, etc.*
>
> *3. A influência comunista do Triângulo poderá se irradiar pelo Norte de São Paulo, pelo Sul de Goiás (onde as atividades e os comunistas são incentivados pelo oligarca Pedro Ludovico, governador do Estado e por outras regiões de Minas Gerais.*
>
> *4. Já começou, em alguns pontos do Triângulo, a "doutrinação" de trabalhadores do campo, por comunistas profissionais, trazidos de outras regiões. A propaganda comunista, em determinadas situações confunde-se com a propaganda que se pede a autonomia do Triângulo em relação a Minas Gerais. O Partido Comunista tem , na região, duas redes de comunicações. Uma, feita pelos intelectuais, é facilmente assimilável. A outra, preparada pelos profissionais, serve à máquina do partido.*

---

717. Idem.

718. República do Galeão no Triângulo Mineiro. Imprensa Popular. 06/01/55. Recorte de jornal alocado nos acervo das polícias políticas. Setor: Comunismo. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

Mediante esse quadro, o Exército propôs, entre outras, uma ação política e social, ao invés de repressão. Sugeriu providências visando uma reversão ideológica, por assim dizer, por meio de educação de base e da doutrinação cívica nas escolas e outras instâncias sociais, bem como a instauração de experiências sociais democráticas.

Numa aproximação das propostas do Exército com as campanhas anticomunistas dos anos 30, pode-se perceber pelo menos um aspecto comum: ambas preconizam a necessidade de arejamento das mentalidades, de descontaminação ideológica, por assim dizer, eliminando a paixão política comunista das mentes e corações daqueles que tiveram alguma simpatia pela doutrina vermelha, por meio da educação moral e cívica. Para cumprir essa tarefa, além da imprensa, uma das instituições que interveio, com afinco, foi a Igreja Católica, a qual tanto antes quanto depois de 1955, afigurou-se no cenário local uma das mais combativas adversárias dos comunistas. Por sua vez, as classes dirigentes procuraram espraiar a aura da democracia sobre a tessitura das relações políticas em Uberlândia, onde os representantes políticos se transfiguram todos cordatos, convivendo harmoniosamente com a diversidade de crenças políticas, religiosos etc.

Todavia, para além dos discursos e das imagens que se faziam proliferar pela cidade e por outras plagas brasileiras, continuou vigorando, em concomitância à ação comunista clandestina ou franca, a violência e o terror policial. Talvez, a atuação dos vermelhos não tivesse a força de antes, a exemplo de 1946, ou como constataram os agentes do Exército, trata-se de um movimento composto majoritariamente de intelectuais, de professores e profissionais liberais que, para além da paixão política comunista, não significava uma ameaça à ordem estabelecida.

Mas alguns testemunhos indicam outras significações das experiências comunistas em Uberlândia. Em que pesem os clamores de Joaquim Ferreira, acerca dos danos que o *Manifesto de Agosto* provocou na maneira de pensar e agir dos seus companheiros de luta, ele avaliou positivamente a atuação do partido junto aos camponeses, principalmente no que concerniu ao processo de conscientização dos seus direitos, por meio das ligas camponesas e das células, e aos

trabalhos de assistência médica, farmacêutica, educacional, jurídica etc. aos *"homens da roça"*. Entrementes, Joaquim Ferreira foi taxativo: comunismo que não faz alianças é utópico.[719] O PCB, ao contrário de ter adotado a política de classe contra classe, deveria ter encampado a política de Frente Única. Nas assertivas do militante, referindo-se principalmente ao declínio eleitoral em 1950/1954, os comunistas de Uberlândia e região acabaram por seguir a linha radical do partido, mergulhando-o, tempos depois, numa quase apatia.

Ao avaliar o movimento comunista nos primeiros anos da década de 50, pode-se chegar à conclusão que, embora na clandestinidade, os comunistas procuraram se articular politicamente na região e lutar em conformidade com as diretrizes políticas do PCB, recebendo não somente orientação, mas, como pôde ser constatado, treinamento ministrado pelos "cabeças" do partido.

As campanhas eleitorais, a presença comunista no Legislativo Municipal, no período compreendido entre 1951 e 1954 – inclusive com a participação do suplente Alcides Simão Helou, o terceiro candidato mais votado do PR, que exerceu mandato durante as licenças de Roberto Margonari –, a greve dos motoristas, a rebeldia das mulheres comunistas, as lutas pela paz, contra a carestia e a guerra, a mobilização dos jovens sob as bandeiras vermelhas constituíram-se em experiências dos comunistas. Experiências atravessadas por vitórias e derrotas, que, de certa maneira, provocaram o pânico dos que se proclamavam democratas e dos anticomunistas, os quais temiam o alastramento do comunismo pela região, como erva daninha, e a transfiguração da cidade numa *"Moscou Brasileira"*, tal como alardeou o Almirante Pena Boto, o presidente da Cruzada Anticomunista em Minas Gerais. Contra essas possibilidades, políticos conservadores e policiais mantiveram os comunistas, como puderam, sob sua vigilância.

---

719. Entrevista com Joaquim Ferreira, junho de 1991.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contraface das visões sociais e políticas dominantes que marcaram a história de Uberlândia, foi resgatado, neste trabalho, parte do percurso histórico dos comunistas que, em diversos momentos, provocaram um certo mal-estar nas classes dirigentes, ávidas pela instituição de um projeto de sociedade ordeira e progressista. Seus temores em relação às possibilidades de enraizamento do comunismo na cultura política local manifestaram-se, principalmente, nos discursos da imprensa e nas ações das polícias políticas.

Trafegando ora pelo comunismo, ora pelo anticomunismo, foi reconstituída parte das experiências dos comunistas em Uberlândia, buscando apreender seus momentos de luta; suas maneiras ver a realidade social e de intervir no mundo em que viviam, a fim de promover as mudanças possíveis, e até as consideradas impossíveis. Desse modo, foram recompostos, neste trabalho, tanto o comunismo vivido pelos seus adeptos, quanto o anticomunismo, registrado na imprensa desde a década de 1910, que, sob diferentes recursos discursivos, permaneceu ao longo da história, ainda em nossos dias. N trilha do anticomunismo propagado pela imprensa, foi possível observar como algumas idéias, a exemplo daquelas preconizadas por Padre Cura, em 1912, cristalizaram no imaginário social, no decurso do tempo.

Dessa maneira, ao estabelecer-se mediação entre as esquerdas do passado e do presente, constatam-se, na contraface delas, permanências, continuidades dos discursos (e práticas) anticomunistas, ainda que redefinidos, rearticulados, maquiados... Não poucas vezes, na história recente desse país os grupos de esquerda foram associados ao comunismo, de forma infundada, sem que os mesmos mantivessem-se orientados por tal doutrina, embora sob alguns aspectos e tendências, fosse possível estabelecer afinidades entre ambos; fincaram a pesada pecha *"vermelha"* nesses grupos esquerdistas, carregada dos significados negativos/tenebrosos que nela cristalizaram no decurso da história; assemelharam suas idéias e práticas ao mal. Em tempo recente, outubro de 2000, essas permanências puderam ser notadas na maneira como os adversários do candidato do Partido Comunista do Brasil (PC do B) ao Executivo Municipal de

Fortaleza associaram ao demônio o Partido dos Trabalhadores (PT) – um destacado integrante da frente de esquerda que naquela capital apoiava o candidato comunista.[720] Se, como sugeriu o jornal *O Estado de São Paulo*, nos anos 30, o comunismo havia roubado a cena do diabo, em nossos dias, mediante seu declínio – e os impactos da virada do milênio, muitos deles advindos de profecias escatológicas e de fanatismos religiosos –, parece ocorrer o contrário: satã recupera seus bastões. Afinal, em tempo de (suposta) derrota das *"utopias sociais"*, quais os impactos da associação dos partidos de esquerda ao comunismo mau? Por que o destaque para PT e não PC do B?

Na imprensa, diversos registros revelaram as maneiras de ver os homens e mulheres das esquerdas, não só deste país, mas do mundo. De Lenin aos *"figurões"* do PT, não poucos ativistas passaram despercebidos e foram associados a tipos bizarros e inflamados.[721] Na conjuntura mais ampla da sociedade brasileira, quase sempre há vozes que ressonam da imprensa, estigmatizando/negativando, ainda em nossos dias, a maneira de ser dos homens da esquerda como se fossem esdrúxulos circunscritos no cenário político nacional: seus *"bigodes"*, suas *"barbas"*, suas *"roupas surradas"*; seus estilos *"figurões"*, *"mauricinhos"* ou *"neohippies"*; suas barrigas amparadas pela *"camiseta branca"* e *"vistosos suspensórios vermelhos"*.[722]

---

720. O jornal *Folha de São Paulo* veiculou notícias sobre as campanhas contra o candidato do PC do B, Inácio Arruda, apoiado por um frente de esquerda composta por PT, PDT, PC do B e PSB: *"Num dos panfletos distribuídos em escolas e na periferia* [de Fortaleza], *intitulado 'A face oculta do PT', o partido de Lula é comparado ao demônio. Por meio de símbolos e da cor vermelha, os funcionários públicos seriam hipnotizados, segundo o panfleto, para servirem somente ao PT, numa conspiração satânica pelo poder. 'O vermelho representa a guerra e o derramamento de sangue, é a cor do demônio. É a cor do PT'"*. Cf. Panfletos associam PT ao demônio. Folha de São Paulo. 11/10/00, ano 80, n.° 26.124, p. A 12. c. 4-5.

721. Nos anos 60, por exemplo, um jornalista do *Correio de Uberlândia* compusera, com detalhes, o que, referindo-se a Luiz Carlos Prestes, designou chamar "retrato de ex-revolucionário": *"O ex-capitão e ex-comandante máximo de milhões de simpatizantes da doutrina vermelha, Fidel Catro tupiniquim que, mais de vinte anos antes do revolucionário de Sierra Maestra, não libertou a pátria mas usou barbas e internou-se em uma histórica 'coluna' no Brasil selvagem e bárbaro, é hoje o retrato fiel de um pequeno burguês. Tem a fisionomia um pouco triste mas é um homem saudável. Está velho e não aparenta e idade que possui (...) trajava um impecável 'risca-de-giz' de tropical brilhante. Colarinho perfeitamente engomado e gravata (poderia ser outra cor) vermelha.*
(...) Fala fluentemente e não vacila. Também não troca pronomes. (...) Enquanto fala, olha para baixo. Usa dentadura bem feita. Sapatos 'Clark' bem engraxados. Quando quer dar força a uma expressão, durante um segundo fura o olhar dos circunstantes com uma flechada de seus olhos muito negros. Luiz Carlos Prestes está com uma calvície bem iniciada. Seu cabelo foge rapidamente. Eis o Prestes (...)." Cf. Prestes: retrato de um ex-revolucionário. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 10/05/1959, ano 22, n.° 7030. p. 1, c. 6-7.

722. Lula deve permanecer na presidência. Folha de São Paulo. São Paulo, 13/06/1993; Demissão de Erundina inicia reforma. Folha de São Paulo. São Paulo, 20/03/1993, ano 73, n.° 23.423, p. 1.

Os periódicos não param por aí: exibem suas faces sisudas, suas *"carecas"*, *"caretas"* e *"carrancas"*; enfatizam seu mau humor e sua ira presumivelmente característicos dos esquerdistas; focalizam os *"bigodudos"* e *"barbaçudos"*, evidenciam os tipos bizarros, com seus *"charutos"*, supostamente milionários, e suas poses iradas, raivosas, incendiárias e inflamadas,[723] tal como propagou Padre Cura, há tempos. Ademais, prevaleceram na história recente do nosso país, as visões selváticas dos comunistas, a exemplo das que foram propaladas na década de 1960 e até mesmo nas campanhas eleitorais de 1989, como aqueles que pregavam e promoviam as greves, os conflitos sociais, a desordem, a ingovernabilidade, a divisão tudo para todos – empresas, terras, quintais, casas... até as bocas do fogão; que desrespeitavam *"eternos valores"* como família, propriedade, pátria e religião; consubstanciavam a política no vermelho-sangue de suas bandeiras (de lutas), as quais também representavam (e representam) caos, baderna, mal... Cristalizaram no tempo imagens funestas do comunismo, em geral, associado à perturbação social, ao ódio, à guerra, ao sangue, à servidão, à fome, à discórdia, à perfídia, ao demo.... É como, há tempos, sugeriu a *Rerum Novarum*: o sonho de uma sociedade igual e livre cedeu lugar à *"igualdade na nudez, na indigência, na miséria."*

Todavia, no reverso das visões anticomunistas estudadas, povoam outras faces (multifacetadas) da história dos adeptos do comunismo de vários lugares desse país, como foi visto em Uberlândia, que, à sua maneira, intentaram lutar por mudanças sociais, apesar dos seus equívocos, desacertos, tropeços...

---

723. Em 1998, a *Veja* estampou em sua capa a cara raivosa e irada de João Pedro Stedile, líder do Movimento dos Sem-Terra, em cuja face refletia o *rubro* vivo e rutilante da ação *nefasta* do *"exército descalço da bandeira vermelha"*. Ao discorrerem sobre a trajetória pessoal de Stedile, os articulistas mencionaram o tempo em que ele cursava pós-graduação na Cidade do México, onde andava de *"sandália de couro e calça cáqui, lia textos de faróis do comunismo como Lenin, Karl Marx, Mao Tsé-tung"*, e caracterizaram-no como um tipo que *"cospe fogo pelas ventas"*: agressivo e irado, um *"produto do ódio"*, no dizer do então ministro da política fundiária, Raul Jungmann. Compararam em tom pitoresco e, por vezes, ridicularizante, o aspecto ideológico do movimento que ele lidera a um *"caldeirão ideológico"* onde os indigestos se misturam: Che Guevara, Marx, Lenin, Mao Tsé-tung, Sandino, Zapata e mesmo Jesus Cristo – as referências recorrentes. Além destas, ressalta-se também uma das menções feitas ao líder dos zapatistas, no México: *"um sujeito que só aparece para as câmaras de cachimbo e máscara e se apresenta como subcomandante Marcos"*. Cf. PETRY, André e OINEGUE, Eduardo. O que eles querem. Veja..São Paulo : Abril, ano 31, n.° 22, p.42-48, 3 jun. 1998. [Manchete da capa: *"A esquerda com raiva"*]; OINEGUE, Eduardo. Sem terra e sem lei. Veja. São Paulo : Abril, ano 33, n.° 19, p. 42-49, 10 mai. 2000. [Manchete da capa: *"A tática da baderna"*].

Na contraface dos discursos anticomunistas, foi possível reconstituir a atuação comunista em Uberlândia, que não começou com a fundação do PCB em agosto de 1945, mas com as experiências de um núcleo de comunistas, nos anos 30 – composto basicamente por professores e profissionais liberais, predominando, entre estes, médicos e dentistas. Conforme as fontes pesquisadas, os motivos que os levavam a aderir ao comunismo eram o repúdio às injustiças e às desigualdades sociais, a ânsia pela paz no mundo, o desejo de construir uma sociedade livre, igualitária e justa...

Desde a década de 1930, os comunistas uberlandenses mantiveram contatos com militantes de diversos lugares do Brasil, predominantemente com os de São Paulo, dada sua proximidade com o Triângulo Mineiro e, como foi visto, em decorrência da situação geográfica de Uberlândia, que conglomera, num entroncamento, importantes vias de comunicação entre os Estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, facilitando a promoção das atividades comunistas nessa região e noutros lugares do denominado Brasil Central. A exemplo, constatou-se o caso do militante Roberto Margonari, que, em 1932, durante uma viagem de trem, manteve contatos com um militante do PCB, Joaquim Campos, estabelecendo, a partir desse momento, vínculos com as diretrizes ideológicas e políticas do partido.

Pelo menos uma parte dos componentes do núcleo comunista dos anos 30 continuou atuando no cenário local, e, junto com outros militantes que aderiram ao PCB, no pós-guerra, participaram da organização e fundação do partido em Uberlândia, onde, em 12 de agosto de 1945, foi instalado solenemente o Comitê Municipal e o Comitê de Zona (Regional) do PCB do Triângulo Mineiro. Sob o lema da União Nacional, comunistas, trabalhadores e *"progressistas"* empunharam as bandeiras de luta do partido, que, tanto em Uberlândia quanto em outros lugares do Brasil, teve suas fileiras ampliadas por tipos militantes bastante diversificados: católicos, espíritas, protestantes, maçons e outros.

Nessa época, foram fundados os comitês municipais e distritais do PCB nos principais municípios do Triângulo e do Sudoeste Goiano. No decurso de suas atividades, as lideranças comunistas demonstraram uma vital necessidade de apagar as imagens negativas e estereotipadas dos comunistas, outrora adjetivados como agentes do mal, ervas daninhas,

inimigos da pátria, da família e da propriedade. Segundo seus discursos, na *"hora histórica"* da democratização do país, em 1945, os comunistas afiguravam-se como combatentes em defesa da defesa paz, da democracia, da melhoria das condições de vida do povo pobre e trabalhador, da dignidade da pátria e da família, do progresso do país etc. Desse modo, os comunistas intentaram inverter o discurso anticomunista, apropriando-se da idéia de que, longe de promoverem a subversão da ordem, a afronta aos *"eternos valores"*, aos princípios sólidos da humanidade, lutavam ordeiramente pela resolução pacífica dos prementes problemas nacionais, em consonância com as diretrizes comunistas nacionais/internacionais. A Rússia que, nos discursos anticomunistas, era associada ao mal, à desgraça, à miséria, ao sangue e à guerra, figurava, nas falas comunistas, como a pátria do bem, da fartura, da vitória, da paz etc.

No Triângulo Mineiro, os comunistas atuaram em diversas frentes de mobilização, seja objetivando angariar votos para os *"candidatos do povo"* em tempos de eleições, seja desenvolvendo diversas campanhas em defesa da divisão de terras, da paz, da democracia e de melhores condições de trabalho e vida para todos. Organizaram comitês populares, associações e ligas camponesas para defender e lutar por diversas causas de homens e mulheres da cidade e do campo. Bandeiras de luta como a desfascitização da sociedade, a divisão das terras para os que nela viviam e trabalhavam, a luta contra o analfabetismo reinante entre os segmentos populares, a melhoria geral das condições de vida da população e o combate à carestia, entre outras, consubstanciaram as mais significativas experiências comunistas nesse período. Como testemunhou Roberto Margonari, em seu depoimento, os comunistas, excetuando-se, talvez, os chamados notáveis (professores, profissionais liberais e autodidatas), não tinham *"muita cultura"*, porque não tiveram muito tempo para estudar. Mas, segundo o referido militante, um legado os comunistas deixaram: ensinaram aos jovens que podiam estudar. Para isso, abriram escolas de alfabetização nos municípios do Triângulo Mineiro, onde os professores, comunistas ou emissários destes, alfabetizavam e politizavam os educandos. Conforme Roberto Margonari,

eram distribuídos trabalhos aos jovens camponeses, que acabavam por sensibilizá-los, levando-os a *"tomar posição maravilhosa perante"* os comunistas.[724]

Em Uberlândia, onde a principal atividade da população era a agricultura, pecuária e silvicultura, o PCB, a partir de 1945 – embora haja indício de sua atuação anterior a esse período – procurou atuar no campo, infiltrando seus emissários nas fazendas do município e em outras localidades do Triângulo Mineiro, com o propósito de promover a organização e as lutas dos camponeses tanto pela divisão das terras, quanto pela defesa da melhoria geral das condições de vida no campo, principalmente por intermédio das ligas camponesas. Além da organização de um movimento didático-conscientizador no campo, os comunistas – parte deles professores, médicos, dentistas e advogados – desempenharam de atividades assistência educacional, médica, odontológica e judiciária aos camponeses em várias áreas de atuação comunista na região do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano; intentaram defender os pontos vitais das reivindicações dos camponeses – redução das taxas de arrendamento das terras, crediário fácil para os pequenos produtores, melhoria das estradas e das condições de transportes, extinção de impostos sobre a produção agrícola, barateamento dos gêneros de primeira necessidade, especialmente dos cereais, conquista e garantia dos direitos sociais dos camponeses, melhoria da qualidade de vida no campo, liberdade de associação e reunião, paz e liberdade etc.

Durante os seus mandatos na Câmara Municipal, no período compreendido entre 1947 e 1950/1951 e 1954, os vereadores comunistas intentaram imprimir um caráter popular na administração do município e fizeram denúncias de diversos tipos de problemas que afligiam a população local, principalmente os que concerniam à carestia e à violência policial e, na contrapartida, apresentaram indicações e projetos, a fim de resolver problemáticas sociais prementes. Eles participaram de várias comissões empenhadas em estudar, diagnosticar e sugerir soluções de questões relativas à melhoria das condições de vida no município de Uberlândia. Uma considerável parte das indicações e propostas dos vereadores comunistas tendiam a atender, ainda que minimamente, as reivindicações dos grupos sociais influenciados pelo movimento

---

724. Roberto Margonari. Entrevista realizada por Luise Bundy, em abril de 1981.

comunista. As vilas Saraiva, Martins, Oswaldo, Brasil, Operária e os distritos de Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Miraporanga foram alvos dos intentos dos comunistas na articulação de projetos que visavam a melhoria das condições de vida e de trabalho dos segmentos populares.

Na década de 1950, os comunistas desfraldaram suas bandeiras contra o alto custo de vida e a ganância dos chamados exploradores do povo/tubarões e mobilizaram esforços para atenuar as dificuldades dos segmentos populares, seja denunciando as manobras altistas do mercado, seja organizando lutas francas ou veladas em defesa dos interesses populares.

Assim, no decurso de suas experiências, os comunistas, à sua maneira, intentaram lutar contra as injustiças e as arbitrariedades das políticas governamentais que afligiam não somente os uberlandenses, mas milhares de brasileiros. Entre derrotas e vitórias, comunistas e trabalhadores, não poucas vezes, contestaram a tirania política, por assim dizer, protestaram contra a penúria das condições de trabalho e vida no campo e na cidade, clamaram por melhorias na estrutura social e empunharam bandeiras de luta em defesa da aspirada sociedade justa e democrática.

Entrementes, os impactos das propostas de luta do *Manifesto de Agosto* de 1950 provocaram baixas no partido e o descontentamento dos militantes que preferiam a tática das alianças e das frentes populares na luta pela resolução dos problemas nacionais. A exemplo, o militante Joaquim Ferreira, em seu depoimento, manifestou sua discordância das diretrizes de luta decorrentes do *Manifesto de Agosto*. De um lado, existiam aqueles que queriam manter a linha política adotada pelo PCB em 1945; de outro, aqueles que se mantinham fiéis às diretivas do referido Manifesto, as quais preconizavam a tática de classe contra classe, a fim de acirrar os embates dos comunistas na conquistas de seus ideais/propósitos. Contudo, os comunistas de ambas tendências, continuaram atuando no cenário local. O chamado *"esquerdismo doentio"*/sectarismo foi associado, pelos comunistas adeptos da tática das alianças, a manifestações consideradas radicais como a das mulheres em 1951, que, conforme os discursos veiculados pela imprensa, poderia ser designada uma espécie de intentona vermelha. A invasão dos camponeses à fazenda dos ingleses em Canápolis, que eram também proprietários de

frigoríficos instalados na região, também foi caracterizada como radicalismo advindo das orientações do referido libelo.

Pode-se afirmar, pelos dados pesquisados, que, a partir de 1954, o PCB sofreu um considerável declínio em Uberlândia, o que refletiu nas eleições municipais de 1954, quando os candidatos comunistas que pleitearam os cargos de vereadores no Legislativo Municipal foram derrotados. Houve também um refluxo no processo de atuação dos comunistas no campo e na cidade, a exemplo do declínio da Organização Feminina de Uberlândia.

Em que pesem as lacunas, desde os anos 30, os comunistas deixaram marcas indeléveis na história de Uberlândia, ora lutando por algum controle dos seus interesses nos espaços da política, ora atuando, por intermédio de diversas organizações, pela conquista de mudanças sociais amplas e por reivindicações de caráter imediatista relativas à melhoria da vida da população local – destaque para os camponeses. Suas idéias e ações consubstanciaram-se na difusão da literatura comunista e dos jornais, boletins, folhetos etc.; nos pichamentos de muros, ruas e calçadas; nas preleções de professores em instituições educacionais; em conversas realizadas nas roças, nas praças, esquinas, ruas, bares, escritórios, consultórios e outros lugares da cidade; nas conferências clandestinas (ou não); nas marchas e contramarchas, embora essas manifestações, francas ou clandestinas, tenham sido combatidas/obstadas pelos seus adversários, em muitos momentos.

Os anticomunistas intentaram fulminar as idéias e as práticas comunistas, por meio do aparato policial em defesa da ordem pública e por intermédio dos seus intelectuais, parte deles também professores e profissionais liberais, e da imprensa, que, por sua vez, difundiu o anticomunismo e intentou promover o que foi designado arejamento das mentalidades. Desse modo, os anticomunistas defenderam a conservação e perpetuação da supremacia dos projetos dominantes de sociedade em Uberlândia e intentaram cercear a atuação comunista em diversas frentes de luta, mas não o suficiente para liqüidar o comunismo na cultura política dessa cidade, o qual subsistiu, mesmo palidamente, em seus momentos de ilegalidade e de declínio.

Se, como afirmou o militante Joaquim Ferreira, o PCB, a partir de meados da década de 1950, subsistiu apático, em contrapartida, foram identificados dados reveladores da

prevalência da atuação comunista franca e/ou clandestina cenário local, ainda que marcada pelo arrefecimento do ânimo de suas lutas e pela rejeição de parte dos segmentos populares e dos comunistas à tática de classe contra classe, a qual atraiu a vigilância e a repressão policial.

ANEXO I

AS ONZE MEDIDAS PROPOSTAS PELO PCB PARA SANAR OS MAIS PREMENTES PROBLEMAS NACIONAIS

"1) Equilíbrio orçamentário, rigorosa redução das despesas, suspensão de todas as obras suntuárias e não urgentes tanto pelo Governo federal, como pelos Estados e Municípios.

2) Nenhuma emissão de papel-moeda, seja para o que for, e redução ao mínimo indispensável do apelo ao crédito. Suspensão das compras de ouro pelo Tesouro.

3) Estímulo à produção de víveres, especialmente nas proximidades dos centros de maior consumo, com a entrega de terras gratuitamente a famílias camponesas que se comprometam a explorá-las imediatamente. Estímulo e apoio ao cooperativismo livre e democrático pelo crédito barato e, se possível, sem juros. Auxílio financeiro e técnico ao pequeno agricultor e, se for necessário, fixação e garantia de preço mínimo para a produção aconselhada pelo Governo.

4) Redução dos impostos de consumo e de todos os impostos sobre as trocas internas que devem ser o mais rapidamente possível desembaraçadas dos obstáculos atuais.

5) Aumento do imposto sobre a renda de maneira progressiva. Um novo imposto sobre o capital. Empréstimos forçados sobre os lucros extraordinários em escala fortemente progressiva.

6) Reduzir ao mínimo qualquer tabelamento de preços, cujo único fim deve ser o de evitar a especulação e o açambarcamento dos produtos de primeira necessidade.

7) Eliminação na medida do possível do intermediário na venda de nossos produtos ao estrangeiro como já vinha fazendo com sucesso em real benefício do pequeno produtor, com a exploração do cacau.

8) Imposto de 50% a 100% sobre a valorização de imóveis a ser cobrado em todas as transações entre vivos e sobre as heranças.

9) Melhoria lenta, mas firme da taxa de câmbio do Cruzeiro sobre as moedas estrangeiras.

10) Utilização imediata dos saldos-ouro no estrangeiro para aquisição de navios, material ferroviário, usinas e material elétrico, caminhões, tratores e maquinaria agrícola.

11) Elevação ponderável, isto é, de cento por cento pelo menos dos salários mínimos, e elevação geral de todos os salários e vencimentos interiores a mil e quinhentos cruzeiros."

Fonte: A palavra de Prestes. O Estado de Goiaz. Uberlândia. 30/05/1945, ano 13, n.° 1070, p. 1, c. 4-6; Os comunistas propõem para estudo e aplicação imediata medidas práticas contra a carestia e a inflação. O Estado de Goiaz. Uberlândia. 29/09/1945, ano 13, n.° 1105, p.4, c. 1-2.

ANEXO 2

FRAGMENTOS DO MANIFESTO DE SILO MEIRELES A LUIZ CARLOS PRESTES

Nos fragmentos do manifesto que se segue, Silo Meireles critica as diretrizes políticas do programa mínimo da União Nacional:

"(...) a derrota militar do fascismo no mundo não correspondeu de modo algum, à sua necessária derrota no plano político e ideológico. E desse jeito, põe-se de manifesto, mais do que nunca, para nós, a imperiosa necessidade daquela união, abrangendo em seu seio, realmente, todas as forças vivas e progressistas da nação.
(...) Que estranha união nacional é essa preconizada pelo PCB que afugenta ou repele do grêmio tantos valores, a começar pelos nossos amigos mais provados e combativos?
Que estranha união nacional é essa que afasta do seu seio, setores populares enormes (...)
Que estranha união nacional é essa, cujos pregoeiros não admitem, sequer a possibilidade de entendimento com certos elementos liberais e se deixam incoerentemente, tomar de escrúpulos tais erros passados. (...)
Que estranha união nacional é essa que não possui capacidade nem plasticidade bastante para poder abarcar seu seio, num vasto congraçamento de esforços democráticos (...)
Que estranha união nacional é esta que ativa para fora de sua órbita grande parte da nossa juventude, especialmente a estudantil (...)
Que estranha união nacional é essa dentro da qual, colaborando com você nas tarefas da direção do PCB não vêem tantos dos seus velhos dirigentes, a começar por um dos poucos fundadores do partido – Cristiano Cordeiro. (...)
Em face do que em sã consciência política e revolucionária poderíamos responder a cada uma delas, tenho firmemente para mim que um proletariado consciente dos seus interesses reais e permanentes da classe não haveria de permitir, jamais, tão espantosa dispersão de forças democráticas, suas aliadas naturais como a que o PCB está praticamente contribuindo para estabelecer no Brasil nesta hora decisiva de nossa história."

Fonte: MEIRELES, Silo. Fraternal apelo a Luiz Carlos Prestes no sentido de uma efetiva União Nacional. Correio de Uberlandia. 27/11/1945, ano 9, n.° 1779, p.1, c. 1-7.)

Réplica do jornal *Tribuna Popular* a Silo Meireles, publicada pelo *Correio de Uberlandia*:

"Os operários brasileiros sabem perfeitamente quais são os seus líderes e amigos e quais os que fingiam estar com os trabalhadores. (...) a candidatura Fiúza que foi uma definição de tendência e ajudou a separar o joio do trigo, está prestando em relação a esses senhores e a classe operária um grande trabalho. Está esclarecendo aos trabalhadores, educando-os politicamente. (...) Os trabalhadores e o povo quando lêem declarações como as daqueles senhores que abandonaram há muito tempo, e talvez para sempre o partido político que apoiaram ou pertenceram, enxergam razões de má fé a ver a identidade entre as duas candidaturas militares e reacionárias, pois não precisa ser comunista, basta ser honesto, como o sr. Sobral Pinto, para reconhecer as identidades."

Fonte: O sr. Carlos Prestes ainda não respondeu a carta aberta que lhe foi enviada. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 06/12/1945, ano 9, n.° 1786, p.1, c. 1-6.

ANEXO 3

APOTEÓTICA RECEPÇÃO A LUIZ CARLOS PRESTES

Nas palavras do *Correio de Uberlândia,* a cidade ofereceu a Luiz Carlos Prestes uma *"apoteótica acolhida, acima de partidarismos, demonstrando o seu patriotismo, num belo exemplo de fé no sentido de uma União Nacional".*

No Aeroporto local:
A comitiva do chefe comunista
jornalistas: Aparício Torelli, Graciliano Ramos, Rui Santos; dr. Vitorino Semola, engenheiro civil e pessoa muito relacionada nesta cidade, onde residiu vários anos. Dinarco Reis, Sra. Lia C. Dutra, Sr. Gabriel Borchier, Sr. Luiz Ferraz, Adenor Campos, René Corrêa, Adib Chueri, residente nesta cidade.
Rumando para a sede do PCB.
Visitando o Cavaleiro da Esperança.
No interior da sede do Partido Comunista local, elevado número de senhoras, senhoritas e cavalheiro cumprimentaram Prestes.
Cartazes, estandartes e bandeirolas.
Notaram-se na Praça Antônio Carlos, na grandiosa homenagem a Luiz Carlos Prestes, centenas de cartazes e estandartes dos quais colhemos os seguintes dizeres:
"Célula União Nacional, saúda Luiz Carlos Prestes"
"Célula Aristóteles Ramos, saúda Prestes"
"A Célula União Ferroviária, homenageia P"
"Ás urnas camaradas, pelos candidatos do PCB"
"Com Yeddo Fiúza, para a industrialização do Brasil"
"Célula Leocádia Prestes"
" Os engenheiros, construtores e arquitetos saúdam Prestes"
"Célula Vitória, saúda P"
"A Luiz Carlos Prestes a homenagem dos uberlandenses"
"O Movimento Unificador dos Trabalhadores saúda Prestes"
"Viva a democracia"
"Abaixo o analfabetismo"
"Luiz Carlos Prestes - amigo do povo - amado do povo"
"A Célula Joaquim Campos, ao maior filho do povo, Prestes"
"Os pintores saúdam Prestes"
"Liberdade de consciência"
"Os trabalhadores de Uberlândia aclamam um verdadeiro e leal amigo do povo brasileiro – Luiz Carlos Prestes"
"Operários em construções civis ao lado de Prestes"
"Tudo pela União Nacional"
"A conquista dos direitos dos povos, tem que ser obra do próprio povo"
"Camponeses de Canápolis saúdam Prestes"
"A União Nacional, a Célula Leocádia Prestes saúdam o cavaleiro da esperança"
"Unidade - Democracia – Progresso"
"Morra o fascismo"
"Onde não há justiça, não pode haver direitos sem deveres, nem deveres sem direitos"
Oradores: Adilon Mendonça, Nelson Cupertino, Iberê Goulart, Amélia Mineiro, Ilda Ferreira (de Araguari), H. Borges, Aparicio Torelli, Lia Corrêa Dutra, Afrânio Azevedo, LCP."

Fonte: Uberlândia recebeu ontem Luiz Carlos Prestes. Correio de Uberlandia. Uberlândia, 29/11/1945, ano 9, n° 1781, p.1 c. 1-7.

ANEXO 4A

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES REALIZADAS EM 02 DE DEZEMBRO DE 1945 PARA DEPUTADOS FEDERAIS E SENADORES

	Belo Horizonte	Uberlândia	Uberaba	Juiz de Fora	Conselheiro Lafaiete	Montes Claros	Nova Lima	Cataguazes	Poços de Caldas	Itajuba	Além Paraiba	Araguari	Barbacena	Pirapora	Almorés	Governador Valadares	Teófilo Otoni	Caratinga	Teribaté	Outras	Total Voto x Candidato
Luiz Carlos Prestes	2.411	45	19	3	99	-	1	-	251	51	2	5	7	8	69	24	81	2	30	1.518	4.626
Afrânio Francisco de Azevedo	36	-	1.678	1	-	-	-	-	21	2	-	53	10	-	-	-	-	11	457	1.326	3.595
Lindolfo Hill	215	-	-	1.397	1	-	2	-	-	-	50	-	4	-	-	4	-	3	-	1.767	3.443
Armando Ziller	581	-	-	2	-	32	3	1	2	-	-	8	4	12	1	-	20	20	-	170	856
Paulo Rosa	-	25	624	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	49	123	823
Irineu Guimarães	30	2	-	324	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23	-	441	820
Jacinto Augusto de Carvalho	142	-	-	1	97	-	423	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	67	730
José Amorim	21	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	606	630
Rodrigo Agnelo Antunes	307	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	85	394
Arquimedes Mota	61	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	308	373
José Vilela dos Santos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	357	362
Maria José de Las Casas	298	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	54	356
Nélson Cupertino	-	208	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	22	332
Otávio Martins de Souza	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	311	312
Lúcio Libânio	92	-	-	-	-	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	190	286
Augusto da Silva Gilbert	158	-	-	8	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	93	260
José da Costa	1	-	-	-	-	-	-	-	-	191	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	224
David de Almeida Lopes	162	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	163
Adelino Roque Vieira	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	48	143
Constâncio Dulco	3	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	121	130
José Batista Naves	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	108	-	-	-	-	-	-	1	118
José Alves Carvalho	10	-	-	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47	100
Luiz Nicolau Gonzaga	43	-	-	-	-	47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	92
Manuel Clemente da Silva	22	-	-	-	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47	80
Oscar Dumont	10	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	53	73
Pedro Umbelino dos Santos	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	66	-	-	0	69
Aníbal Monteiro	66	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	67
José Nunes Pinto	59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	62
José Virgílio Mineiro	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	-	4	42	59
Orlando Silva Rosa Bonfim Jr.	27	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	39
Dinarco Reis	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	10
Francisco de Sá Pires	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	8
Roberto Henrique Faller Sisson	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
Vivaldo Ramos Vasconcelos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
Legendas	5.211	2.552	2.377	1.826	216	90	1.484	1	314	257	57	681	134	64	70	72	175	60	688	8.144	24.473
Total Votos x Cidades	**10.095**	**2.833**	**4.700**	**3.611**	**430**	**179**	**1.914**	**2**	**589**	**513**	**109**	**757**	**269**	**84**	**140**	**100**	**344**	**120**	**1.328**	**15.991**	**44.108**

Fonte: Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais.

ANEXO 4B

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES REALIZADAS EM 02 DE DEZEMBRO DE 1945 PARA DEPUTADOS FEDERAIS E SENADORES

Cidade	Candidato Quantidade de Votos	
	Armando Ziller	***Luiz Carlos Prestes***
Belo Horizonte	581	2.411
Uberlândia	0	45
Uberaba	0	19
Juiz de Fora	2	3
Cons. Lafaiete	0	99
Montes Claros	32	0
Nova Lima	3	1
Cataguases	1	0
Poços de Caldas	2	251
Itajubá	0	51
Além Paraíba	0	2
Araguari	8	5
Barbacena	4	7
Pirapora	12	8
Aimorés	1	69
Gov. Valadares	0	24
Teófilo Otoni	20	81
Toribaté	0	30
Caratinga	20	2
Outros	170	1.517
TOTAL	**856**	**4625**

Fonte: Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais.

ANEXO 5

REGISTROS SOBRE A CAMPANHA PRÓ-IMPRENSA POPULAR NO TRIÂNGULO MINEIRO E SUDOESTE GOIANO

- Aparelhar os jornais do povo - Lançada a grande campanha Nacional Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/08/1946, ano 14, n.° 1191, p. 1, c.5-6.
- Todo o povo do Brasil Central terá a oportunidade de contribuir para a Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p. 4, c. 2-4.
- Foi lançada com o maior brilhantismo a Campanha "Pró-Imprensa Popular" em Uberaba. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/09/1946, ano 14, n.° 1198, p. 1, c. 1-3.
- Uma grandiosa festa - O lançamento da campanha pró-jornais populares - Agradecimentos à cooperação dos artistas e do povo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/09/1946, ano 14, n.° 1198, p. 1, c. 4-6.
- Campanha Pró-Imprensa Popular - emulação entre as Células - Distribuição de quotas - Prêmios aos vencedores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/09/1946, ano 14, n.° 1198, p. 1, c. 1-2.
- Cem mil Cruzeiros em dois meses - Intensifica-se a Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/09/1946, ano 14, n.° 1203, p. 1, c. 1-3. [outras manchetes: *Inaugurada sábado a 1ª Exposição de Artes Plásticas do Brasil Central - Trabalhei engraxando botinas para auxiliar a campanha do jornal do povo.*]
- Os camponeses na luta pró-Imprensa Popular - Festas em Canápolis e Centralina. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/09/1946, ano 14, n.° 1203, p. 1, c. 2-4.
- Acelera-se o trabalho das células na Campanha Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/09/1946, ano 14, n.° 1203, p. 1, c. 1-4.
- Cem mil cruzeiros em dois meses. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/09/1946, ano 14, n.° 1203, p. 3, c. 2-4.
- Fatos pitorescos da campanha Pró-Imprensa em Goiaz - Depois da Briga assinaram os cheques. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/09/1946, ano 14, n.° 1204, p. 2, c. 1-4.
- Campanha da imprensa popular no Triângulo Mineiro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/09/1946, ano 14, n.° 1204, p. 3, c. 4-6.
- Campanha Pró-Imprensa Popular - Atividades das Células. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/09/1946, ano 14, n.° 1204, p. 4, c. 13-5.
- Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/10/1946, ano 14, n.° 1206, p. 4, c. 1-3.
- Lançada em Canápolis a Campanha da Imprensa Popular - A campanha da Imprensa Popular - Enorme entusiasmo pela visita de Prestes - Os camponeses falam ao jornal. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/10/1946, ano 14, n.° 1205, p. 1, c. 2-4.
- Campanha Pró-Imprensa Popular - Atividades das células. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/10/1946, ano 14, n.° 1205, p. 4, c. 3-6.
- Prossegue a Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/10/1946, ano 14, n.° 1207, p. 1, c. 3-6.
- Campanha da Imprensa Popular em Goiaz. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/10/1946, ano 14, n.° 1207, p. 2, c. 5-6.
- Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/10/1946, ano 14, n.° 1207, p. 4, c. 1-3.
- Campo Florido honra as suas tradições democráticas - A campanha da imprensa recebe duas valiosas contribuições. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/10/1946, ano 14, n.° 1209, p. 3, c. 1-2
- Quadro de emulação das células. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/10/1946, ano 14, n.° 1209, p. 4, c. 4-6.

- Churrasco e show da Campanha da Imprensa. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 1, c. 5-6.
- Colocação dos municípios do Estado de Goiaz na Campanha de Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 4, c. 3-4.
- Avanço espetacular dos goianos na Campanha da Imprensa Livre - Realiza-se de 19 a 21 do corrente importante reunião plenária do CE do PCB em Goiaz - Balanço geral das atividades - Escolha dos candidatos a deputados - Um programa mínimo. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 4, c. 1-6.
- "O Estado de Goiaz três vezes por semana - Vitória de Uberlândia na Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 1, c. 2-3. [O artigo discorre sobre a decisão do órgão de editar o jornal 3 vezes por semana (terça-feira, quinta-feira e Sábado) como uma vitória uberlandense da Campanha em defesa da imprensa popular. Dada a melhoria das condições de trabalho de sua oficina, o jornal declarou-se capaz de prosseguir no propósito de defender a causa do PCB. Autoproclamou-se arauto da luta pela realização do programa da União Nacional, e preconizou a união de todos em torno da luta pela resolução dos problemas nacionais].
- Araguari empenhada na Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 3, c. 3-5.
- A campanha Pró-Imprensa Popular - Recrudescem as atividades para Uberlândia atingir os cem mil cruzeiros. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 4, c. 1-4. [*Quadro de emulação das células*].
- Um menino de 8 anos coopera na Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 4, c. 2-4.
- Goiaz supera sua cota na Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. 26/10/1946, ano 14, n.° 1213, p. 1, c. 6.
- O povo terá seus jornais. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/10/1946, ano 14, n.° 1213, p. 4, c. 1-4. [outras manchetes: *Armando Ziller estará presente na solenidade de encerramento da Campanha Pró-Imprensa Popular - Serão lançados no mesmo dia os nomes dos candidatos do PCB para a campanha eleitoral estadual - Quadro de emulação das células*].
- Campanha Pró-Imprensa Popular - Aberto cofre na Exposição de Artes Plásticas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/10/1946, ano 14, n.° 1213, p. 4, c. 3-6.
- A C.T.B. dirige-se em manifesto aos trabalhadores brasileiros - Como os operários encaram a campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/10/1946, ano 14, n.° 1212, p. 1, c. 1-4.
- Os trabalhadores na Construção Civil e a Campanha Pró-Imprensa Popular. (Por José Gerônimo dos Santos). O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/10/1946, ano 14, n.° 1212, p. 1, c. 4-6.
- Uberlândia atingirá os cem mil - Reina grande entusiasmo na Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/10/1946, ano 14, n.° 1212, p. 4, c. 1-3. [*Quadro de emulação das células*].
- A Campanha Pró-Imprensa Popular empolga todo o povo - Fortalecimento da Unidade Sindical - Liqüidação das sobrevivências feudais. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/10/1946, ano 14, n.° 1212, p. 4, c. 4-6
- A mulher uberlandense e a Campanha Pró-Imprensa Popular. (Por Matilde Pereira - Presidente da Sociedade Feminina Pró-Aquisição de Açúcar, em declarações prestadas ao jornal). O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/10/1946, ano 14, n.° 1214, p.1, c. 2-5
- Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/10/1946, ano 14, n.° 1214, p.3, c. 2-5. [outras manchetes: *"vendem-se terrenos" - anúncio de vendas de terrenos para arrecadar fundos para a campanha - 01 na Av. Estrela do Sul e outro na Vila Saraiva*].
- A Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/10/1946, ano 14, n.° 1214, p.4, c. 4-6. [outras manchetes: *Toma um ritmo acelerado a campanha em todo o país - Está correspondendo à confiança nela depositada a cidade - Quadro de emulação das células*].
- Amanhã em memorável comício serão lançados os candidatos do PCB à Assembléia Estadual. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/10/1946, ano 14, n.° 1215, p.1, c. 1-5.

- IV Pleno ampliado do CE de Goiaz - Grande Eixo da Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/10/1946, ano 14, n.° 1215, p.3, c. 3-5.
- As barraquinhas Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/10/1946, ano 14, n.° 1215, p. c. 4-6. [*Quadro de emulação das células*].
- Comércio democrático em Araguari. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/10/1946, ano 14, n.° 1208, p.1, c. 3-6. [Outras manchetes*: Estimulada a luta contra o câmbio negro; Recebe um forte incentivo a Campanha Pró-Imprensa Popular*].
- Campanha da Imprensa Popular - Atividades das células. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/10/1946, ano 14, n.° 1208, p.4, c. 1-3.
- Brilhante vitória da Campanha Pró-Imprensa Popular - Uberlândia ultrapassou a sua quota. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p.1, c. 4-6.
- Iniciada a campanha eleitoral do PCB. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p.1, c. 4-6.
- POMAR, Pedro. Uma campanha histórica. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p.1, c. 4-6.
- A campanha Pró-Imprensa Popular em Araguari - Encerrada com um belo show. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p.4, c. 4-6.
- Quadro de emulação entre as células do CM de Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1946, ano 14, n.° 1217, p.1, c.2-4.
- 7 de Novembro - aniversário da revolução soviética. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1946, ano 14, n.° 1217, p.1, c. 5-6.
- Goiaz e a Campanha da Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/11/1946, ano 14, n.° 1218, p.1, c. 3-6.; p. 4, c. 3-6.[Outras manchetes: *Grande entusiasmo de todo o povo com a mudança deste jornal para Goiânia; Falam ao O Estado de Goiaz os srs. Jesus Paulo Marques e Durval Pereira membros do PCB em Goiaz*].
- O Estado de Goiaz transfere-se para Goiânia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/11/1946, ano 14, n.° 1218, p.1, c. 3-5.
- Nossa mudança - Escrevem-nos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/11/1946, ano 14, n.° 1218, p.1, c. 2-3.
- Campanha Nacional Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/11/1946, ano 14, n.° 1218, p. 3, c. 1-4. [Desmonstrativo da arrecadação e despesa. Uberlândia - quota de 100.000]
- Vençamos a Campanha Eleitoral. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/11/1946, ano 14, n.° 1219, p.4, c. 1-4.
- Campanha Pró-Imprensa Popular - vitoriosa a Célula José Ayube. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 11/09/1946, ano 14, n.° 1199, p. 1, c. 5-6.
- Alcançou grande êxito em Araguari o lançamento da campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 11/09/1946, ano 14, n.° 1199, p. 1, c. 1-2.
- Comissão Responsável pela Campanha Pró-Imprensa Popular. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/09/1946, ano 14, n.° 1201, p. 1, c. 3-4.
- Campanha Pró-Imprensa Popular - emulação entre as Células. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/09/1946, ano 14, n.° 1201, p. 1, c. 5-6.

ANEXO 6

REGISTROS SOBRE OS PROTESTOS CONTRA A SUSPENSÃO DO TRIBUNA POPULAR

- Protesta o povo contra os atentados à liberdade de imprensa; Protestam as classes liberais contra o golpe à liberdade de imprensa; Líderes da UDN protestam contra a suspensão da "Tribuna Popular" [c. 5-6]. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 17/08/1946, ano 14, n.° 1192, p. 1, c.4-6.
- Protesta o povo de Araguari - As violências contra a "Tribuna Popular" são medidas que atentam contra a liberdade de toda a imprensa brasileira. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/08/1946, ano 14, n.° 1193, p. 1, c. 4-6.
- Contra a suspensão da "Tribuna Popular"- Mais um telegrama do povo; Transborda o ódio fascista contra a gloriosa "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/08/1946, ano 14, n.° 1193, p. 4, c. 4-6.
- O povo de Goiandira apela aos deputados e senadores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/08/1946, ano 14, n.° 1195 p. 1, c. 2-5. [O povo de Goiandira manifesta-se contra a suspensão do *Tribuna Popular*].
- A "Tribuna Popular" e a reação; Protestam as mulheres contra a suspensão da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/08/1946, ano 14, n.° 1194, p. 1, c. 1-6.
- Os Choferes defendem a democracia protestando contra a suspensão da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 28/08/1946, ano 14, n.° 1195, p. 4, c. 4-6.
- Uberlandia em competição com Belo Horizonte e Juiz de Fora. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 1, c. 1-6.[*"A cidade dará uma de suas costumeiras demonstrações de seu elevado espírito democrático - Será iniciada hoje, com um 'show' popular, campanha pró-imprensa do Povo"*].
- Para a unificação nacional - O povo de Goiandira pede que se revogue o ato de suspensão da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 2, c. 5-6.
- A suspensão do "Tribuna Popular" indignou o povo goiano. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 1, c. 2-5.
- O povo de Uberaba contra a suspensão da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 3, c. 4-6.
- Espíritas de Pires do Rio repudiam o fechamento da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 1, c. 1-2.
- De Anhaguera protestam contra o vergonhoso atentado à liberdade de imprensa. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 4, c. 3-4.
- A suspensão do "Tribuna popular" – um grande e grave atentado à imprensa livre. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 31/08/1946, ano 14, n.° 1196, p. 4, c. 1-3.
- Iniciada com grande entusiasmo a Campanha Pró-Imprensa Popular – Bela e inédita festa com a renda de dezenove mil cruzeiros. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/09/1946, ano 14, n.° 1197, p. 1, c. 1-3.
- Prestígio redobrado. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/09/1946, ano 14, n.° 1197, p. 1, c. 1-2. [Após 15 dias de suspensão, o *Tribuna Popular voltou a circular - o jornal era visto como um órgão independente, sem ligação com o capital colonizador e exclusivamente comprometido com os interesses populares, o bravo e intransigente de defensor dos sagrados interesses do povo*].
- O povo de Catalão protesta contra a suspensão da "Tribuna Popular". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/09/1946, ano 14, n.° 1197, p. 2, c. 1-6.

ANEXO 7

REGISTROS DAS MANIFESTAÇÕES E PROTESTOS DOS TRABALHADORES DE DIVERSOS SETORES INFLUENCIADOS PELOS COMUNISTAS

Seguem-se alguns registros d'*O Estado de Goiaz* que proporcionam uma visão parcial do movimento e das manifestações dos segmentos sociais uberlandenses relativas à política local e nacional.

MOVIMENTO UNIFICADOR TRABALHISTA (MUT)

- O pão continua 'microscópico' - Aplausos ás medidas de repressão ao câmbio negro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 27/03/1946, ano 14, n.° 1152, p. 2, c.5-6.

  [O MUT se manifesta contra o câmbio negro, apoia os atos do prefeito Euclides de Freitas contra os *"tubarões dos lucros extraordinários"* e solicita-lhe providências contra a diminuição do tamanho dos pães: *"esperamos uma medida enérgica, para que, os pães vendidos pelas padarias, em nossa cidade, possam ser vistos a olho nú, sem nenhum aparelho de precisão."*

- "Fora do MUT não há organização" - Falou o guarda noturno José Ribeiro Bastos ao "O Estado de Goiaz". O Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/01/1946, ano 14, n.° 1133, p. 4, c. 1-4.

- O MUT ao proletariado e à classe operária em geral de Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 15/05/1946, ano 14, n.° 1165, p. 4, c. 3-6.

- Arbitrariedade injustificável - O fechamento do MUT de Uberlândia causou péssima repercussão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 18/05/1946, ano 14, n.° 1166, p. 1, c. 4-6.

- O fechamento do MUT em Uberaba - Manifesto ao povo - Telegramas de protesto. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/05/1946, ano 14, n.° 1167, p. 1, c. 1-4.

- O MUT se dirige ao proletariado brasileiro - Os trabalhadores devem apoiar o Congresso Nacional dos Sindicatos - Do grande conclave sairá a poderaosa C.G.T.B. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 17/07/1946, ano 14, n.° 1183, p. 1, c. 1-3.

  "O MUT dirige-se mais uma vez ao proletariado nacional em veemente proclamação de apoio ao Congresso Nacional Sindical:
  Trabalhadores:
  O Movimento Unificador dos Trabalhadores, em vésperas de encerrar o seu glorioso ciclo de atividades com a fundação da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil, dirige-se ao proletariado do país conclamando-o a se manter firme em defesa das mais sagradas conquistas sociais e políticas, que o mundo novo proporcionou aos povos, com a derrota militar do fascismo.
  Vãs serão, como o foram, as violências, as prisões e torturas, os achincalhes à família proletária brasileira, que tem sabido enfrentar, com o sacrifício da própria vida de alguns dos seus mais queridos filhos, as mais descaradas provocações que se orientam no sentido de levar os trabalhadores ao desespero e à prática de soluções irremediáveis.
  Vimos que a massa operária nacional pôde quebrar, heroicamente, todos os grilhões que a impediam de agir livremente, despedaçando com atos enérgicos mas pacíficos toda a estrutura nebulosa da legislação fascista do Estado Novo, mostrando assim ao povo que as leis da opressão só são possíveis quando um povo se deixa escravizar por comodismo ou alheiamento aos legítimos direitos da coletividade. (...) O MUT, como pioneiro dessa Unidade e que também tem suportado as perseguições fascistas, como todas as outras organizações operárias livres e realmente representativas dos trabalhadores, ao avizinhar o término de sua gloriosa missão, conclama o proletariado do Brasil a prestigiar por todas as formas o próximo Congresso Nacional Sindical, que se realizará em agosto vindouro, e será uma demonstração sólida do nosso proletariado. (...) O MUT conclama

também todos os Sindicatos, todas as Uniões a prestigiarem com o vigor de suas organizações legitimamente representativas da massa trabalhadora a aderirem a esse importamente certame, e, lutarem para que os seus direitos sejam assegurados na Carta Constitucional, que ora se elabora na Assembléia Constituinte.
(...) concita ainda o proletariado nacional a lutar mais decididamente contra os entraves que a reação pretende antepor aos movimentos livres dos trabalhadores, como o que acaba de se verificar com os heróicos e vitoriosos trabalhadores da Light e do Porto de Santos (...)
Pelo Congresso Nacional Sindical!
Pela Unidade da Classe Operária!
Pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil."

- A C.G.T.B. e a Democracia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 04/09/1946, ano 14, n.° 1197, p. 2, c. 4-6.

  "(...) Só as massas populares poderão indicar aos governantes o caminho mais fácil e mais prático, para sairmos de crises orgânicas, como a que ora atravessamos. (...) Não poderá haver democracia quando a minoria sufoca a maioria, quando se nega aos analfabetos, (que são 70% do país) o direito de escolher aqueles que os devem representar. Não poderá existir democracia quando um governo não tiver uma ampla base popular, nem procurar o seu apoio através das organizações populares e democráticas.(...) O Primeiro grande passo para a unidade do proletariado e do povo será o da criação da C.G.T.B. e das federações estaduais em que ela se apoiará. (...) Somente com a unificação de todas as suas forças poderá a classe operária desempenhar a tarefa que lhe está reservada; precisamos da mobilização das mais amplas massas sindicais em torno do organismo máximo do proletariado nacional – a C.G.T.B. , pois cabe-lhe um grande papel na consolidação da democracia, na defesa dos direitos elementares dos trabalhadores: direito de greve, liberdade e unidade sindical. (...) Tudo, pois companheiros, pela C.G.T.B. e pelo Congresso Sindical Nacional, do qual ela surgirá como sólido esteio da Democracia."

- O Congresso Sindical Nacional tem grande significação para o operariado - Os trabalhadores do Brasil Central devem acompanhar com interesse as resoluções do Congresso. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 14/09/1946, ano 14, n.° 1200, p. 3, c. 1-4.

  "(...) basta dizer que ali se firmarão decisões referentes a todos os assuntos que dizem respeito à vida do operário, como sejam: horas de trabalho, higiene no trabalho, trabalho de menores, assistência ao trabalhador, salários, etc. Os assuntos básicos do Congresso entretanto serão a UNIDADE, LIBERDADE E AUTONOMIA sindicais.
  A unidade sindical é uma das mais sentidas reivindicações dos operários, pois somente ele pode fortalecer os sindicatos e tornar o movimento sindical verdadeiramente poderoso e firme. (...) A liberdade e a autonomia representam conquistas vitais porque sem elas as organizações operárias não têm significação.
  (...) O direito de greve também constitui assunto da mais relevante atualidade, pois é um direito sagrado do trabalhador que ultimamente vem sendo combatido pelos reacionários.
  (...) Daí a necessidade de todos os operários desta região manifestarem o seu apoio ao Congresso por meio de mensagens telegráficas reclamando também aos congressistas as suas reivindicações mais sentidas. Desse modo o Congresso refletirá de fato a vontade de todo o proletariado brasileiro e poderá tomar resoluções que mais interessam ao trabalhador. (...)"

- Fundada a Confederação dos Trabalhadores do Brasil - Entrevista com os srs. João Ribeiro Alvim e João José da Silva, que representaram Uberlândia no Congresso Nacional dos Trabalhadores. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 02/10/1946, ano 14, n.° 1205, p. 1-3.

  "Reunimo-nos pela primeira vez no dia 9 de setembro numa sessão preparatória da Comissão de Organização. A primeira sessão tinha a finalidade de , principalmente, aprovar o regimento interno. Mas, em virtude da ausência da bancada paulista e parte da Mineira, essa sessão foi transferida para o dia seguinte. Neste, ao aprovarmos os dois primeiros pontos do regimento interno, já começamos a perceber o desejo de lançar confusão e manobrar o Congresso que tinham os traidores da classe, os representantes ministerialistas.
  A solenidade de inauguração teve lugar no dia 11 no Teatro Municipal. Estavam presentes ao ato o sr. Negrão de Lima representando o Presidente da República, vários representantes da Assembléia Constituinte, entre eles o Senador Luiz Carlos Prestes. Causou profunda impressão a acolhida que os trabalhadores deram ao Senador do Povo (...)"
  "(...) Foram então aprovados os muitos pontos do temário e criada a Confederação dos Trabalhadores Brasileiros. Esta Confederação foi criada por 2.200 representantes do operariado brasileiro. À sua inauguração assistiram representantes do Partido Comunista do Brasil, da Esquerda Democrática e do Partido Trabalhista Brasileiro. A outra Confederação Nacional dos trabalhadores apareceu no silêncio da sala do sr. Negrão de

Lima numa sessão presidida por ele próprio, e apoiada por aquele grupelho de duzentos serviçais ministeriais, traidores da classe operária, elementos indignos que só devem merecer o repúdio de todos os trabalhadores brasileiros. (...) concitamos a todos os trabalhadores uberlandenses no sentido de que fortaleçam o movimento sindical aqui na localidade, prestigiem e forlaleçam os sindicatos e associações profissionais de Uberlândia, dêem todo o seu apoio à Confederação dos Trabalhadores do Brasil, que é de fato a nossa central sindical. Somente unidos, coesos, poderemos lutar contra o resto do fascismo que ainda existe em nossa terra, poderemos ver satisfeitas as nossas mais sentidas reivindicações, poderemos contribuir fortemente para que o Brasil ente definitivamente na senda da Democracia e do Progresso."

- Notas. Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 3. c. 1. [Discorre sobre a demissão de Negrão de Lima do Ministério do Trabalho como uma vitória operária].
- Notas - MUT. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/10/1946, ano 14, n.° 1212, p. 1, c. 1. [Avaliação do trabalho que o MUT desempenhou em 1945].
- Contra a CNT os trabalhadores goianos. Estado de Goiaz. Uberlândia, 09/11/1946, Ano 14, n° 1218, p. 2. c.1-3. [O propósito da CNT, segundo o jornal, era combater a CGT, Confederação Geral do Trabalho, criada no decorrer do Congresso dos Trabalhadores, realizado no Rio de Janeiro. Os trabalhadores goianos repudiaram a criação da CNT e resolveram encaminhar os seus protestos, através de telegramas, ao Congresso Nacional, bem como enviaram moção de apoio à Confederação Geral do Trabalhadores do Brasil].

VAREJISTAS

- Todos os empregados deverão ter sua carteira profissional. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 2, c. 2-6. [O Sindicato do Comércio Varejista de Uberlândia, segundo o jornal, reativou os serviços de identificação e fornecimento de carteiras profissionais aos trabalhadores].
- Os varejistas de Uberlândia pretendem dar um golpe no câmbio negro. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/09/1946, ano 14, n.° 1202, p. 2, c. 1-4.

  "Unidos com o povo combaterão os tubarões e sanguessugas - Não comprar no câmbio negro para não vender no câmbio negro eis o tema do Sindicato do Comércio Varejista de Uberlândia".

DENTISTAS E PROTÉTICOS

- Associação dos Dentistas e Protéticos. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/01/1946, ano 14, n.° 1135, p. 1, c. 5-6. [O artigo registra a reunião dos dentistas e protéticos, ocorrida em 13/01/1946 no salão da Associação Esportiva e Cultural, com a finalidade de fundar um *organismo de classe*. Destacaram-se, nesse intento, três comunistas que compuseram a diretoria e a Comissão de Organização do Estatuto: Roberto Margonari, Polidoro Rodrigues de Freitas e José Fonseca Palhares].

LEITEIROS

- Organizam-se os leiteiros contra o monopólio do leite. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/10/1946, ano 14, n.° 1209, p. 1, c. 5-6.
- Os leiteiros lutam contra o monopólio. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/10/1946, ano 14, n.° 1208, p.1, c. 3-6; p. 4, c. 4-6.

CARROCEIROS

- Organizam-se os carroceiros em sindicato de classe - Movimentada reunião dos interessados na sede do MUT. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 30/01/1946, ano 14, n.° 1139, p. 4, c. 5-6.
- Os carroceiros apoiam o Congresso Sindical e pleiteiam maior amparo por parte dos Institutos de Previdência. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 21/09/1946, ano 14, n.° 1202, p. 2, c. 3-6.
- Os carroceiros de Goiandira protestam contra arbitrariedades do IAPETC. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p. 4, c. 5-6.

GARÇONS E TRABALHADORES NO COMÉRCIO DA HOSPITALIDADE E DO TURISMO

- Os Garçons e cozinheiros dão os primeiros passos para a sua sindicalização. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 3. c. 2-4.].

"Os garçons, cozinheiros, ajudantes de cozinheiros, quarteiros, enfermeiras, massagistas, serão os componentes do organismo que pretendemos formar de acordo com as leis trabalhistas em vigor, com o nome de Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Hospitalidade e Turismo.

(...) as suas reivindicações são muitas pois não ganham salários à altura de suas necessidades, não têm horário de trabalho, a maioria nunca gozou férias e não têm estabilidade nos empregos. Mas agora, já que as outras categorias profissionais se movimentam para a sindicalização, e com o crescimento do custo de vida é de se esperar que nossa intenção de formar já uma Associação Profissional como Sindicato em organização, venha encontrar ambiente bem favorável."

- Convocação. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1946, ano 14, n.° 1217, p. 3. c. 1-3

A comissão encarregada de organizar a Associação dos Empregados no Comércio de Hospitalidade e Turismo convoca todos os profissionais da área – garçons, cozinheiros, ajudantes de cozinheiro e empregados em casas de diversão e saúde para participarem da reunião na qual seriam debatidos amplamente os assuntos de interesses das categoria profissionais que a Associação congrega.

ALFAIATES E TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

- Aviso aos alfaiates e trabalhadores na indústria do vestuário. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 12/10/1946, ano 14, n.° 1208, p.1, c. 3-6.
- Movimentada a reunião dos oficiais, alfaiates e trabalhadores nas indústrias do vestuário. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1946, ano 14, n.° 1217, p.2, c. 1-4.
- Associação Profissional dos Oficiais Alfaiates e Trabalhadores na Indústria do Vestuário. Estado de Goiaz. Uberlândia, 22/10/1946, ano 14, n.° 1211, p. 3. c. 3-6. [Registros sobre a reunião desses profisionais para a organização de sua entidade representativa].
- "Nova reunião dos alfaiates na sede da Associação dos Empregados do Comércio de Uberlândia". Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/10/1946, ano 14, n.° 1210, p. 3. c. 2-4. [Tal reunião objetivava organizar a Associação profissional dos alfaiates. Foram debatidos diversos assuntos e deliberadas resoluções favoráveis à organização dos trabalhadores na indústria do vestuário.]
- Movimentada reunião da Associação dos Oficiais, Alfaiates e Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário em Uberlândia. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 07/11/1946, ano 14, n.° 1217, p. 3. c. 1-3

(...) reuniram-se no dia 3 os alfaiates, costureiros e sapateiros para efetivar a sua sindicalização. Fez uso da palavra Ascendino Vasconcelos da Silva, que submeteu aos presentes os estatutos da Associação, promovendo um amplo debate sobre a matéria ali contida tendo sido aprovado por unanimidade. (...) conclamou todos os presentes a se unirem dentro do novo organismo já vitorioso e solicitou dos presentes uma contribuição para as primeiras despesas, no sentido de se transformar a Associação dos Oficiais Alfaiates e Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário em sindicato de sua categoria profissional.

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO CIVIL

- O Sindicato dos Operários em Construção Civil foi reconhecido - A luta pela aquisição da casa popular - É preciso que as autoridades acabem de uma vez com as filas, facilitem a aquisição do açúcar a Cr$ 2,70 e providenciem o aumento do peso e melhor qualidade do pão. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 24/07/1946, ano 14, n.° 1185, p. 2, c. 1-4.
- A campanha dos 1.000 sócios da Associação dos Trabalhadores nas indústrias de Construção Civil e Mobiliário. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 05/11/1946, ano 14, n.° 1216, p.3, c. 3-6.

BANCÁRIOS

- Organizam-se em classe os bancários. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 26/01/1946, ano 14, n.° 1138, p. 4, c. 3-5.

TRABALHADORES DA ADUTORA DE ÁGUA

- Os trabalhadores da adutora reclamam aumento de salário e diminuição das horas de trabalho. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 1, c. 5-6.; Querem aumento de salário. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 2, c. 2-6.

TRABALHADORES DA PREFEITURA MUNICIPAL

- Notas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 3, c. 1; Notas. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 16/03/1946, ano 14, n.° 1149, p. 4, c. 2-5. . [Registros sobre a demissão dos operários pela Prefeitura Municipal].

PEQUENOS PRODUTORES, HORTICULTORES

- A associação dos Horticultores empenhada no fomento à produção. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 19/06/1946, ano 14, n.° 1175, p. 1, c. 3-6. [Os pequenos produtores mobilizam o governo municipal e estadual em defesa de suas reivindicações].

OUTRAS MANIFESTAÇÕES DO MUT

- A violência e o terror em Uberaba - Atitudes fascistas do Delegado Haydn Brant Aleixo - Ameaça a operários - Varejamento da sede do Partido Comunista - Tentando a todo custo que não se realize o comício a José Maria Crispim. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 25/05/1946, ano 14, n.° 1168, p. 1, c. 1-3.
- Notas. O Estado de Goiaz. 18/05/1946, ano 14, n.° 1166, p. 4, c. 1. . [Protestos contra a proibição do 1.° de maio].
- Clamorosa injustiça - Proibidos de vender pipoca, garapa, carne no espeto e laranja no centro da cidade. O Estado de Goiaz. Uberlândia, 06/07/1946, ano 14, n.° 1180, p. 1, c. 1-4.
- O povo exige o afastamento dos fascistas ainda enquistados no governo. O Estado de Goiaz Uberlândia, 19/06/1946, ano 14, n.° 1175, p. 1, c. 1-3.

ANEXO 8

RESULTADO DAS ELEIÇÕES REALIZADAS EM 19 DE JANEIRO DE 1947 EM UBERLÂNDIA

Conforme os dados do jornal *O Reporter*, foi elevado o índice de abstenções no município: cerca de 64%. Cerca de 14.000 eleitores estavam inscritos, mas apenas 8.816 compareceram às urnas.

Cinqüenta e oito seções compunham as zonas eleitorais do município – 43 delas integravam a área urbana e 15 a área rural:

Cidade de Uberlândia	seções 01 a 43: 6809 votos
Maritinésia	seções 44 a 47: 542 votos
Cruzeiro	seção 48: 137 votos
Tapuirama	seções 49 a 51: 339 votos
Babilônia	seção 52: 124 votos
Aprazível	seção 53: 179 votos
Miraporanga	seção 54: 159 votos
Sobradinho	seção 55: 164 votos
Tenda	seção 56: 212 votos
Rio das Pedras	seção 57: 105 votos
Machado	seção 58: 88 votos

Fonte: O pleito do dia 19. O Reporter. Uberlândia, 22/01/1947, ano 14, n.° 949, p.1, c. 1-3.

Presidente do Estado:

Milton Campos	5.220
Bias Fortes	2.783

Senador:

Artur Bernardes Filho	5.220
Benedito Valadares	2.254

Suplentes de Senador:

José Esteves Rodrigues	5.220
Alonso Starling	2.259
Edson Alves da Silva	704
Nelson Massera	811

Deputado Federal:

Carlos Luz	3.422
Vasconcelos Costa	2.753
Pimenta da Veiga	985
Walter Alaide	258
Sales Oliveira	2
O. Faria Lobato	71

Deputado Estadual:

Rondon Pacheco	1.937
Velloso Viana	837
Euclides de Freitas	1.532
Manoel Tomás Aquino	540 (comunista de Uberlândia)
Waldemar Silva	93 (comunista de Uberlândia)
Roberto Margonari	751 (comunista de Uberlândia)
Agostinho de Oliveira	548
Armando Ziller	31
F. Paula Rosemberg	320

João Nantes Filho	35
J. Cesar Soragi	49
Omar Diniz	56
José Grossi	57
Rezende Alvim	03
Mario Mourão	01
C. Gonçalves Ulhoa	04
C. Lourenço Jorge	20
W. Rocha Viana	02
C. Afonso de Almeida	06
Henrique F. Portugal	17
Pelopidas Fonseca	28
Mario Casassanta	12
A. Melo Santos	71
Lirio Vale Brasileiro	16
Antonio Rivera	01
J. Edson de Melo	14
Adolfo Fonseca	121
Julio Carvalho	49
Noraldino Melo Castro	04
Adilon Mendonça	18 (Comunista de Toribaté)
Pedro Paulino da Costa	01
Luciano Melo Batista	10
Carlos M. Prates	13
José Nogueira Oliveira	05
Gentil Afonso Almeida	16
Joaquim Ferreira	97 (Comunista de Uberlândia)
Milton S. Barbosa	17
José F. Tavares	02
Fabricio Soares	40
J. C. Carvalho Filho	01
Washington A. Dias	02
José F. Nelson S.	09
Antônio Delorenzo	02
Augusto Couto	40
Cristiano O. Prada	02
Bolivar Freitas	01
João N. Godoi	06
J. B. Teixeira Sales	02
Antonio T. Andrade	01
Geraldo Starling	04
Aníbal M. Gontijo	02
Afonso I. Vieira	02
Geraldo F. Andrade	03
João N. M. Jr.	03
O. Nicolau Vito	04
Felipe Venitz	--
Alberto Woods Soares	04
Ari Teixeira Costa	02
Alberto Deodato	01
José Maria Catro Bento	01
Rui T. Costa	01
Ricardo A. P. Filho	01
José Chaves Ribeiro	01

Legendas Federais:

(UDN-PR-PDC-PTN)	2.480
PSD	2.599

Legendas Estaduas:

PCB	1.733
UDN	2.553

PSD	2.143
PRP	752
PTB	185
PR	189
PTN	157
PRD	06
PSP	03
PSC	24

Fonte: Concluída a apuração da eleição no município. O Reporter. Uberlândia. ano 14, n.º 952, p.3, c. 2-3.

ANEXO 9

ASSIM AGEM OS TRAIDORES

Os vereadores integralistas, Manoel Crosara e Moacyr de Carvalho, homenageando o seu asqueroso chéfe, viá em humilhante visita á cidade ds Araguary, arrastaram a maioria reacionaria da Camara Municipal de Uberlandia, votando contra os interesses e reivindicações dos funcionarios da Prefeitura.

ASSIM AGEM OS TRAIDORES DA PATRIA dignos Filhos de Plinio Tombola Salgado: que de maneira alguma deverá macular o solo de Uberlandia com a sua abjeta presença

Ao Pôvo de Uberlândia

Os diaristas da Prefeitura tiveram conhecimento de que a Camara Municipal, na discussão do orçamento do proximo ano, reduziu a verba destinada ao pessoal operario, com o objetivo de reunir recursos para a confecção de uma Planta Cadastral.

A consumação desse ato importará na diminuição dos nossos salarios — o que é desumano — ou, pior ainda, na dispensa de muitos.

Ao tomarmos conhecimento do assunto comparecemos pacificamente á reunião da Camara para levarmos aos senhores vereadores o nosso justo apelo.

E' este o movimento taxado de comunista pelos que, alheios ao sofrimento dos pobres não lhes conhecem direito algum.

Que nos julgue o Povo de Uberlandia

Uberlandia, 28 de novembro de 1949

Os diaristas da Prefeitura Municipal

AO POVO

No momento em que o Prefeito Municipal, atendendo um justo pedido de aumento de salarios, pleiteado desde o exercicio anterior pelos servidores municipais, propõe á camara um aumento de verbas que possibilitariam um aumento de salarios aos diaristas e funcionarios da Prefeitura, a Camara Municipal, por sua maioria constituida dos vereadores Moacir Lopes de Carvalho do P. R. P. Afonso de Campos Lima e Divino Borges do P. S. D., Lauro Teixeira, Edesio Carneiro, Manoel Larrilha Vieira e Jacy de Assis da U. D. N., negou esse aumento, contrariando portanto, justas pretensões dos trabalhadores municipais. Votou a favor do aumento o vereador comunista Virgilio Mineiro.

Esta negativa, da maioria dos vereadores, procurou se fundamentar na elaboração de uma planta cadastral, que neste caso, seria feita a custa da miseria e da fome dos trabalhadores. Para eles a fome dos servidores municipais pode se prolongar indefinidamente mas a planta cadastral não pode ser adiada.

Isto mostra que, quando o Prefeito propõe medidas com o objetivo de melhoria dos servidores publicos, a maioria da camara se coloca reacionariamente contra os interesses destes, negando apoio ao Prefeito.

Hoje, dia 28, deverá ser discutido o projeto de lei de autoria do vereador comunista Henckmar Borges, referente ao abono de Natal aos empregados municipais, abono este, que já constitue um direito dos trabalhadores em geral.

Para assistir á esta discussão, convocamos o povo para comparecer á sessão da camara, demonstrando com sua presença solidariedade á uma reivindicação tão justa.

Povo de Uberlandia ! Os trabalhadores e funcionarios municipais que zelam com eficiencia pelo abastecimento de agua serviços de esgoto, limpesa publica, conservação de jardins, zelador do cemiterio, conservadores de estradas, auxiliares do Matadouro Funcionarios do Mercado Municipal, pessoal do serviço burocratico e de todos os demais setores municipais, contam com a presença de todos, hoje, a reunião da camara e com seu apoio decidido ás suas justas reivindicações.

Uberlandia, 28 de novembro de 1949.

Henckmar Borges
Roberto Margonari
José Virgilio Mineiro
Enoque Caldeira Paiva

Ao Povo em Geral

A "Comissão Estudantil de Defêsa do Petróleo" vem de agradecer todo o apôio moral e financeiro emprestado pelas Autoridades locais, Associações de Classes, Partidos Politicos e ao Povo em Geral, que tanto contribuiram para a realização da conferência do jornalista GENTIL NORONHA, dia 31 p. p., cujo pleno êxito veio demonstrar mais uma vez o alto senso patriótico dos uberlandenses.

A conferência realizada é uma da série que a "Comissão Estudantil de Defêsa do Petróleo" fará realizar, prometendo trazer á esta cidade personalidades de destaque na "Campanha de Defêsa do Petróleo".

"O NOSSO PETRÓLEO É NOSSO. PETRÓLEO DO BRASIL PARA O BRASIL"

Uberlandia, 1 de Junho de 1948

assinado:- *Aloysio Machado Gomes*
Caio Manoel Fructuoso
Adair Péres de Carvalho
Dante Ragani
Wagner Mamede
Rômulo Vilela da Silva
Antônio Carlos Wutke Corrêa
João Alberto de Carvalho Luz
Wander de Sousa
Helon Comide
Roberto Vieira da Silva
Romeu Estellita
Mércio Túlio Sêmola

Tip. Pavan Ltda. - Uberlandia

Aos Motoristas e ao Povo

Comunicamos as autoridades competentes, e ao povo em geral que a A. P. C. V. R. (Associação Profissional dos Condutores de Veiculos Rodoviarios) atendendo aos reclames da classe torna publico que os motoristas transportadores decidiram paralizar o seu transporte rodoviario, reclamando das autoridades competentes imediata solução para o seguinte:

1.a — Que seja franqueada a livre condução de quaisquer pessôas em seus caminhões para qualquer destino sem contrôle algum.

2.a — Que seja imediatamente executada a Portaria do Conselho Nacional do Petroleo que tabela os preços dos combustiveis para Uberlandia; a saber:

Gazolina a granel — cr$ 2 46 o litro.
Gazolina em caixa — cr$ 124 50.
Oleo Diezel, ao preço de São Paulo, acrescido da despesa do frete, isto é, cr$ 1,20 o litro.

Uberlandia, 30 de Maio de 1948.
A DIRETORIA

Motorista! Tudo pela vitoria da nossa causa que é justa!
Coopere com o seu donativo para a CAIXA DOS GREVISTAS assinando as listas de contribuições!

ANEXO 10

APOIO aos grevistas

Os Motoristas Transportadores, assistidos pela sua associação de classe (A. P. C. V. R.), decidiram pela gréve, com o intuito de solucionarem suas justas e inadiaveis reivindicações:

1 — Livre condução de passageiros em seus caminhões, sem contrôle, para qualquer destino.

2 — Imediata execução da tabela do C. N. P. (Gasolina Cr$ 2,46 o litro e oleo crú a Cr$ 1,20 o litro).

Os signatários do presente dão seu inteiro apôio á atitude da heróica classe dos motoristas fator de prosperidade da nossa rica região triangulina, em particular de Uberlandia, assim como, apelam para os comerciantes, industriais, agricultores, pecuaristas, operarios e trabalhadores, comerciarios, bancarios, estudantes, enfim, para o povo em geral, independentemente de suas inclinações politicas e religiosas, para dar sua inteira solidariedade e assistencia material e moral ao movimento grevista, para que este se consubstancie na mais rapida, completa e irrestrita vitória.

Tubal Vilela da Silva
Nelson Silveira
Wilson Cesso Testa
Dr. Jonas Aiub
Rezende & Cia.
Calormat
A Goiana
Leopoldo Garcia
Fabio Calabria
Dr. Sergio A. Marquez
Avenir Gomes Santos
"Casa das Tintas"
Alberto S. Castanheira

AO POVO

A Associação dos Empregados no Comércio de Uberlandia, considerando a justêsa dos motivos que levaram os Transportadores a se declararem em gréve, vem á publico, para emprestar á unida classe dos choféres o seu apoio e irrestrita solidariedade.

A A. E. C. U., formula votos para que a vitoria dos grevistas seja alcançada.

Associação dos Empregados no Comércio

Ananias Paula Costa (*Presidente*)

Uberlandia, 1 de Junho de 1948.

Ao povo do "Fundinho" è do "Patrimonio da Abadia"

A Comissão de Solidariedade e Ajuda aos heroicos Transportadores e Motoristas atualmente em gréve, abaixo assinada, criada em reunião de hontem, atendendo ao apelo contido no boletim da "APCVR", e, representando os Bairros do "Fundinho" e "Patrimonio da Abadia", vem pelo presente, conclamar a todos os moradores destes bairros, no sentido de hipotecarem inteira solidariedade aos Grevistas, bem como, dar toda sua ajuda, fazendo-lhes visitas e levando-lhes contribuições para a "Caixa dos Grevistas".

Uberlandia, muito déve aos dinamicos desbravadores de nossos sertões, e, como tal, ninguem déve vacilar em seu apoio.

Uberlandia, 1 de Junho de 1948.

aa) *Antenor Gonçalves*
Pepe Lemos
Estevan Teixeira
Geraldo Silva
José Lemos
Francisco Teixeira

Apoio aos Motoristas

Os Motoristas Transportadores, assistidos pela sua associação de classe (APCVR) decidiram pela gréve, com o intuito de solucionarem suas justas e inadiaveis reivindicações.

Os signatarios do presente dão seu inteiro apoio á atitude da heroica classe dos motoristas, fator de prosperidade da nossa rica região triangulina, em particular de Uberlandia, assim como, apelam para os comerciantes, industriais agricultores, pecuaristas, operarios a trabalhadores, comerciarios, bancarios, estudantes, enfim para o povo em geral, independente de suas inclinações politicas e religiosas, para dar sua inteira solidariedade e assistencia material e moral ao movimento grevista para que este se consubstancie na mais rapida, completa e irrestrita vitoria.

aa) *Cel. Manoel Alves Pereira*
Cel. Marcos de Freitas Costa
Cel. Thomaz Ferreira de Resende
Tubal Vilela da Silva
Hortencio Ferreira Diniz
Antonio Tomaz de Resende
Dr. Afonso de Campos Lima
Divino Borges Ferreira
José Camilo de Souza
Ly Alves Pereira

FONTES

- Acervo Joaquim Ferreira:
  coletânea do jornal *O Estado de Goiaz* de 1946, exemplares avulsos e recortes de jornais, panfletos, *Boletim dos Vereadores*, *Voz do Povo*, *Jornal dos Motoristas* (1962), *Carta de Alforria do Camponês* (de Francisco Julião).

- Acervo Roberto Margonari:
  cartas, livros, processos, panfletos, fotografias, recortes de jornais.

- Acervo Olívia Calábria:
  cartas, livros, panfletos, fotografias e outros documentos (recentes) do PCB.

- Entrevistas realizadas por Idalice Ribeiro Silva:
  - Joaquim Ferreira
  - Olívia Calábria
  - Maria Rosa Margonari e Marlene Margonari
  - Domingas Camim
  - Virgílio Galassi

- Entrevistas realizadas por Luise Bundy, as quais foram cedidas para utilização neste trabalho:
  - Roberto Margonari
  - Virgílio Mineiro
  - Milton Porto
  - Renato de Freitas
  - Ataliba Macedo
  - Manoel Teixeira

- Associação Comercial e Industrial de Uberlândia:
  revistas, atas, jornais etc.

- Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. Prefeitura Municipal de Uberlândia:
  Uberlândia do Futuro - The Uberlândia of Tomorrow. Guia Turístico - Uberlândia: portal do cerrado. Uberlândia : Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, 1995.

- Arquivo Público Municipal

  1. Hemeroteca
     A Nova Era (1907), *O Progresso* (1907,1908, 1911, 1912, 1914), *Paranayba* (1914), *A Noticia* (1918), *A Tribuna* (1919-1942), *O Reporter* (1933-1963), *O Estado de Goiaz* (1935-1945), *Jornal de Uberlandia* (1935-1936), *Correio de Uberlandia* (1939-1979).

  2. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia

Atas, processos (exemplares e recortes de jornais anexos aos processos), correspondências expedidas e recebidas, requerimentos, indicações, moções, pastas individuais de vereadores, pedido de licença de vereadores, etc.
Período pesquisado: 1947 a 1964.

3. Acervo Jerônimo Arantes
   Pastas temáticas, revistas, panfletos, livros, clichês.
   Jornais: O Commercio (1915), O Binóculo (1916), Diário de Uberabinha (1917), O Corisco (1920), O Alarme (1924),), O Diário da Revolução (1930), A.E.S.U. (1934), O Povo (935),O Momento (1936), Crítico-Político (1937), Democracia (1937), Brasil Central (1940), Jornal dos Professores Municipais (1950), O Terceiro Milênio (1952), outros.

4. Projeto Depoimentos

   - Olívia Calábria
   - Haidée Vasconcelos
   - Oswaldo Vieira Gonçalves
   - Dinorah Del Fávero
   - Domingos Pimentel Ulhôa
   - Domingas Camim
   - José Resende Ribeiro
   - Sebastião Messias Oliveira

- Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. Prefeitura Municipal de Uberlândia,
  - Uberlândia do Futuro - The Uberlândia of Tomorrow. Guia Turístico - Uberlândia: portal do cerrado. Uberlândia : Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, 1995.

- Arquivo Edgard Leuenroth
  - Projeto *Brasil Nunca Mais*, jornais e revistas.

- Arquivo do Estado de São Paulo
  - Arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) do Estado de São Paulo.

- Arquivo do Estado do Rio de Janeiro
  - Arquivos das Polícias Políticas.

- Arquivo do Estado do Rio de Janeiro
  - Arquivos das polícias políticas

- Arquivo Mineiro de Belo Horizonte
  - jornais, revistas e outras documentos relativos ao município de Uberlândia.

- Revistas e jornais atuais (circulação nacional).
  - Veja e Folha de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. História & perspectiva. Uberlândia : Departamento de História/Editora da Universidade Federal, n.° 4, p. 79-102, jan./jun. 1991.

ARENDT, Hannah. A dignidade da política. Org. Antônio Abranches; trad. Helena Martins e outros. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1993.

ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. "Uberlândia operária?" – uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950 a 1964. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP : UNICAMP, 1992.

ALVARENGA, Nízia M. As associações de moradores em Uberlândia; um estudo das práticas sociais e das alterações sociais nas formas de sociabilidade. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais. São Paulo : PUC/SP, 1988.

ARANTES, Jerônimo. Corografia do Municipio de Uberlandia. Uberlândia : Ed. Pavan, 1938.

_____. Memórias históricas de Uberlândia. 2. Ed. Uberlândia : Zardo Gráfica, 1982.

_____. Anuario de Uberlandia; indicações e estatisticas. Uberlândia : Typografia Almeida, 1936.

AUED, Bernadete Wrublevski. A vitória dos vencidos : Partido Comunista Brasileiro – PCB – e as Ligas camponesas, 1955-64. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1986.

BALHANA, Altiva Pilatti. Eleições em Santa Felicidade, 1945-1965. Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte : Faculdade de Direito da UFMG, n.° 27, p. 203-260, jul. 1969.

BANDEIRA, Moniz e outros. O ano vermelho; a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1980.

BARATA, Agildo. Vida de um revolucionário; memórias. São Paulo : Alfa-Omega, 1978.

BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República; de 1889 a 1930. 4 ed. São Paulo : Editora Alfa-Omega, 1976. v. 2.

_____. Uma vida em seis tempos (memórias); uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos. São Paulo : Alfa-Omega, 1976.

BASTOS, Tocary Assis. Análise das eleições em 1962 em Minas Gerais. Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte : Faculdade de Direito da UFMG, n.° 16, p. 307-391, jan. 1964.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. v. 1.

BEZERRA, Gregório. Memórias; 1ª parte – 1900-1945. 2 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.

_____. Memórias; 2ª parte – 1946-1969. 2 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.

BUNDY, Luise. Movimento político de 1930 em Uberlândia. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1985.

BURKE, Peter (org.). A escrita da história; novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CADERNOS AEL 2; Comunistas e comunismo. Campinas-SP : Arquivo Edgard Leuenroth-Centro de Documentação Social/IFCH/UNICAMP, 1995. (Memória do PCB).

CADERNOS DE HISTÓRIA; Especial. Uberlândia: uma história em construção. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia/DEHIS/LEAH, v. 4, n.° 4, jan. 1993.

CAETANO, Coraly Gará e DIB, Míriam Michel Cury. A UFU no imaginário social. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1988.

CAMPOS, Ronaldo da Cunha. As eleições em Uberaba em novembro de 1966. Revista Brasileira de Estudo Políticos. Belo Horizonte : Faculdade de Direito da UFMG, n.° 23/24, p.317-359, jul. 1967/jan. 1968.

CAPELATO, Maria Helena. Os arautos do liberalismo; imprensa paulista – 1920-1945. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989.

CAPRI, Roberto. Municipio de Uberabinha; physico, economico, administrativo, e suas riquezas naturais agricolas. São Paulo: Capri & C. Ed., 1916.

CARDOSO, Maria Helena Pacheco. Conciliação, reforma e resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História/FLCH. São Paulo : USP, 1998.

CARONE, Edgard. O PCB (1922-1943). São Paulo, DIFEL, 1982. v-1.

_____. O PCB (1943-1964). São Paulo, DIFEL, 1982. v-2.

_____. O PCB (1964-1982). São Paulo, DIFEL, 1982. v-3.

CARVALHO, Luís Maklouf e outros. Pedro Pomar. São Paulo : Ed. Brasil Debates, 1980.

CAVALCANTI, Paulo. O caso eu conto como foi o caso; da Coluna Prestes à queda de Arraes – memórias. Recife : Ed. Guararapes, 1980.

_____. O caso eu conto como foi o caso; memórias políticas. Recife : Ed. Guararapes, 1980. v. 2.

_____. O caso eu conto como foi o caso; memórias políticas. Recife : Ed. Guararapes, 1982. v. 3.

_____. O caso eu conto como foi o caso; a luta clandestina. Recife : Ed. Guararapes, 1985.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. 4. ed. rev. e amp. São Paulo : Cortez, 1989.

_____. O que é ideologia. São Paulo : Abril Cultura/Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

CHILCOTE, Ronald. Partido Comunista Brasileiro; conflito e integração – 1922-1972. Trad. Celso Mauro Paciornik, Rio de Janeiro : Graal, 1982.

CLAUDÍN, Fernando. A crise do movimento comunista. Trad. José Paulo Neto. São Paulo : Global, 1985. v. 1. (Coleção Luta de Classes).

DE DECCA, Edgar. 1930: o silêncio dos vencidos. 4 ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.

DEL ROIO, José Luiz. 1° maio; cem anos de luta – 1886-1986. Org. Centro de Memória Sindical. São Paulo, Global Editora, 1986.

DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente – 1300-1800. Trad. Maria Lúcia Machado, tradução das notas, Heloísa Jahn. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Everardo. História das lutas sociais no Brasil. 2 ed. São Paulo : Editora Alfa-Omega, 1977.

DULLES, John W. F. Dulles. Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935. Trad. Cesar Parreiras Horta. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1977.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O ardil totalitário: imaginário político dos anos 30. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, Belo Horizonte : Editora UFMG, 1997.

_____. Caminhos operários nas Minas Gerais. São Paulo : Hucitec/Editora UFMG, 1988.

FOOT, Francisco. Nem pátria, nem patrão; vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2. Ed. São Paulo : Brasiliense, 1985.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. 3. ed. São Paulo : Kairós, 1983.

FREITAS, Eliane Martins. Memórias de uma "odisséia": Tito Lívio (Teixeira e a construção da memória história sobre a "Revolução de Trinta" em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP : UNICAMP, 1999.

FREITAS, P. S. R. e SAMPAIO, R. C. (Coord.). Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (1940-1980). Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Economia, 1985.

GARCIA, Marco Aurélio. Contribuições para uma história da esquerda brasileira. In: MORAES, Reginaldo, ANTUNES, Ricado, FERRANTE, Vera B. (org.). Inteligência Brasileira. São Paulo : Brasiliense, 1986. p. 193-223.

_____. Leninismo e social-democracia na história. In: Caderno Especial de Teoria & Debate; O PT e o marxismo. São Paulo, Publicação do Partido dos Trabalhadores, 1991. p. 79-91.

_____. Reforma e revolução/reforma ou revolução (discussão de um paradigma). Revista Brasileira de História. São Paulo : ANPUH/Marco Zero, vol. 10, n.° 20, p. 9-38, mar.1991/ago.1991.

GIOVANETTI NETTO, Evaristo. O PCB na Assembléia Constituinte de 1946. São Paulo: Novos Rumos, 1986.

GROSSI, Yonne de Souza. Mina de Morro Velho: a extração do homem; uma história de experiência operária. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.

GUERRA, Maria Eliza A. As "praças modernas" de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia. São Carlos : USP, 1998.

HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário?. Revista Brasileira de História. São Paulo : v. 5, n.° 10, p. 208-231 mar./ago. 1985.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos; o breve século XX – 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

_____.Mundos do trabalho; novos estudos sobre sobre história operátia. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

_____.Pessoas extraordinárias; resistência, rebelião e jazz. Trad. Irene Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo : Paz e Terra, 1998.

_____.Sobre história. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

KRANTZ, Frederick (org.). A outra história; ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988.

LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas-SP : Papirus/Editora da Unicamp, 1986.

LENINE, V. I. Obras escolhidas. 3. ed. São Paulo : Alfa-Omega, 1986. v. 1.

LIMA, Heitor Ferreira. Caminhos percorridos; memórias de militância. São Paulo : Brasiliense, 1982.

LIMA, Joaquim Celso de. Navegar é preciso; memórias de um operário comunista. São Paulo, Diniz, 1984.

LIMA, Vilma Marcelino. 1930: história e memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro. Revista História & Perspectivas. Uberlândia : Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, n.° 7, p. 65-86, jul./Dez. 1992.

LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social; elementos para uma análise marxista. 8. ed. São Paulo : Cortez, 1992.

MACHADO, Maria clara T. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês; assistência social institucionalizada - Uberlândia – 1965-1980. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo, USP, 1990.

MACHADO, Paulo de Barros. Uberlândia: um sucesso de bilheteria. Cadernos de História. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia [Departamento de História, Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História], ano 4, n.° 4, p. 99-102, jan. 1993.

MARTINS, Leôncio Rodrigues. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). O Brasil Republicano; sociedade e política (1930-1964). 5. ed. Rio de Janeiro : Editora Bertrand do Brasil, 1991. v. 3. p. 361-443. [História Geral da Civilização Brasileira].

MORAES, Dênis de e VIANA, Francisco. Prestes: lutas e autocríticas. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1982.

MUNHOZ, Sidney J. Cidade ao avesso: desordem e progresso em São Paulo, no limiar do século XX. Tese (Doutoramento em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1997.

NUNES, Leandro José. Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC/SP, 1993.

OLIVEIRA, Selmane Felipe. Crescimento urbano e ideologia burguesa; estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia – 1950/1985. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói : UFF, 1992.

PACHECO, Eliézer. Partido Comunista Brasileiro. São Paulo : Alfa-Omega, 1984.

PCB: PROCESSO DE CASSAÇÃO DEO REGISTRO, 1947. Belo Horizonte : Aldeia Global, 1980.

PERALVA, Osvaldo. O retrato; impressionante depoimento sobre o comunismo Brasil. São Paulo, Ed. Globo, s/d.

PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB; (Partido Comunista Brasileiro) – 1922-1928. Lisboa : Prelo Editora, S.A.R L., 1976.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história; operários, mulheres prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PEZZUTI, Pedro et al. Municipio de Uberabinha; historia, administração, finanças, economia. Uberabinha, Officinas typographicas da Livraria Kosmos, 1922.

PINHEIRO, Paulo Sérgio de M. S. Política e Trabalho no Brasil; dos anos vinte a 1930. 2 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

_____. Estratégias da ilusão; a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

PROST, Antoine e VINCENT, Gerard (orgs.). História da vida privada 5; da Primeira Guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

RAGO, Luzia Margareth. Uma experiência de pesquisa em história: o quebra-quebra de 1959. Cadernos CEDES. São Paulo : Cortez, n.° 10, 1986.

RODRIGUES, Jane de Fátima S. Perfis femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense: 1920-1958. Tese (Doutoramento em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1995.

_____. Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924-1964. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo : USP, 1989.

SAMPAIO, Roberto Cury. Migrações internas no Triângulo Mineiro; análise demográfica e econômica - 1960-1970. Belo Horizonte : CEDEPLAR/UFMG, 1985.

SANTOS, João Batista Ferreira dos. Os Chifres do Diabo. São Paulo, Livraria Sal, 1964.

SANTOS, Regma Maria. Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963). Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC/SP, 1993.

SEGATTO, José Antônio. Breve história do PCB. São Paulo : Ciências Humanas, 1981.

SILVA, Idalice Ribeiro. Dizeres da imprensa sobre a instituição da sociedade uberlandense. Uberlândia : Faculdade de Educação, UFU, 2000.

_____. Natureza e História: sentidos da liberdade e da igualdade. Educação e Filosofia. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, Departamentos de Filosofia, Fundamentos da Educação, e Princípios e Métodos e Organização da Prática Pedagógica, n.° 16, p. 35-76, jul./dez.1994.

_____. O mar de carências inunda o mundo dos ricos: imagens da *"Revolução do Saque"*. Mimeo.

_____. Exaltação, resistência e indiferença às comemorações do 1° de maio em Uberlândia. Mimeo.

SIMONINI, Gizelda C. S. Telefonia: relação empresa e cidade – 1954-1964. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. São Paulo : PUC-SP, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. Contribuição à história do PCB. São Paulo : Global, 1984.

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central; história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia : Uberlândia Gráfica Ltda., 1970. v.1 e v. 2.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa; a árvore da liberdade. Trad. Denise Bottmann. 2 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987. v.1.

THOMPSON, E.P. Costumes em Comum; sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

TRONCA, Ítalo. Revolução de 1930; a dominação oculta. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986. (Col. Tudo é História).

VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. Dias de violência - o quebra de janeiro de 59 em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas à Educação, Faculdade de Educação. Campinas-SP : UNICAMP, 1993.

VESENTINI, C. e DE DECCA, Edgar. A revolução do vencedor. Revista Ciência e Cultura. [s.l.] : n.° 29, jan.1977.

VIANNA, Luiz Werneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989.

VINHAS, Moisés. O partidão; a luta por um partido de massas – 1922-1974. São Paulo : Hucitec, 1982.

WELCH, Cliff e GERALDO, Sebastião. Lutas camponesas no interior paulista; memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WILSON, Rumo à Estação Finlândia; escritores e atores da história. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo : Companhia das Letras, 1986.

ERRATA			
Página	**Linha**	**Onde se lê**	**Leia-se**
21	4 e 5	a presença dos comunistas no cenário local desde a década de 1910.	a presença das idéias comunistas no cenário local desde a década de 1910 (as quais, nesse período, poderiam referir-se a preconizações advindas do *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx, mas não se associavam ao bolchevismo, que ganhou força política com os impactos da Revolução Russa de 1917 no mundo).
23	4	excluir: velhos	-
25	3	excluir: lacunar	-
45	nota 56, 21ª linha	Maria Helena Pacheco	Heloísa Helena Pacheco
da página 48 à página 415		Onde quer que se tenha mencionado a palavra **gestão** para designar a legislatura dos vereadores ou parlamentares municipais, a administração de prefeitos e governos de Estado,	leia-se **mandato**
página 49, nota n.º 61, 9ª linha		no norte de Minas.	no norte de Minas. Como vingança, inventaram que ele era comunista, apesar
84	2	Inserir nota: discursos antisocialistas. [128a]	[128a] Ressalta-se que há distinções entre socialismo e comunismo (o qual, nesse período, não está associado ao bolchevismo) e que, nas duas primeiras décadas deste século, a imprensa local se manifesto contra ambos os ideários.
87	12	Inserir nota: Confederação Operária Brasileira. [141a]	[141a] Esclarece-se que a Liga Operária de 1911/1914 e a Confederação Operária Brasileira não eram organizações socialistas, mas compunham-se de adeptos e simpatizantes do socialismo, entre outros ideários, como o anarquismo, que procuravam influenciar nas decisões e condução do movimento operário. Isto, em parte, explica a associação, pela imprensa, dessas organizações às *"doutrinas rubras"*.
112	26	do como comunistas atuaram	do modo como os comunistas atuaram
p. 121, nota n.º 200, 2ª linha		entre fins do passado e 1919	entre fins do século passado e 1919
205	15	tangiam ao péssimo à de infra-estrutrura	tangiam à infra-estrutura
375	Inserção de dados na tabela: Partido: PTB Candidato: Adib Chueiri Votos Obtidos: 113		
375	Última linha	Inserir nota de referência sobre o sentido em que, até meados da década de 1950, Moisés Vinhas emprega a expressão: política de "classe contra classe". [662a]	[662a] Cf. VINHAS, Moisés. Op. cit. p. 139.
384	11	foram constatados no das polícias	foram constatados nos relatórios das polícias
440	21	Maria Helena Pacheco	Heloísa Helena Pacheco